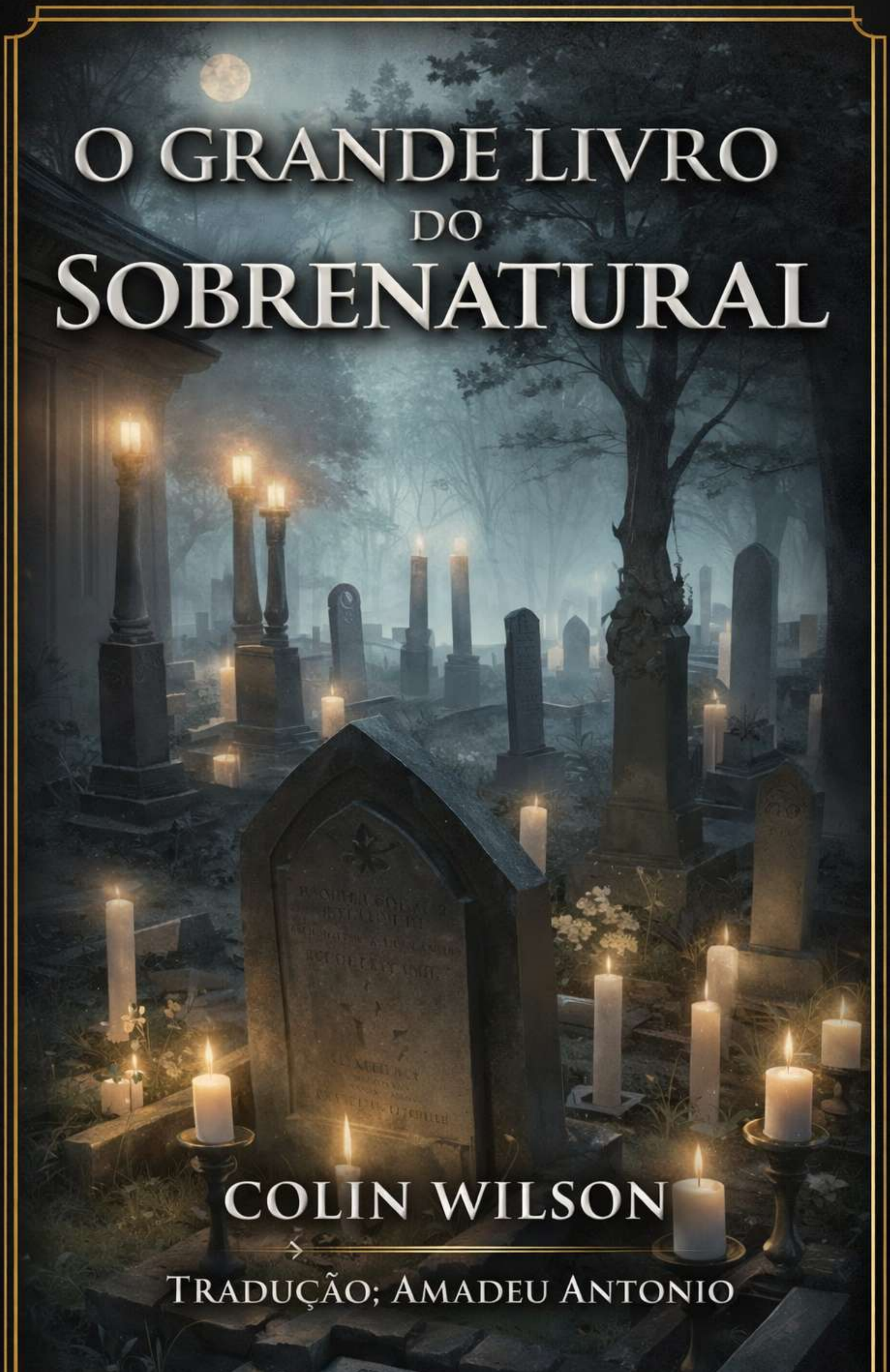
O GRANDE LIVRO DO SOBRENATURAL



COLIN WILSON

Tradução; Amadeu Antonio

O GRANDE LIVRO DO SOBRENATURAL

Colin Wilson

Editado e com Prefácio por Damon Wilson por Robinson Publishing
1991 Copyright © Colin e Damon Wilson 1991

Prefácio

por Damon Wilson

No inverno de 1969, quando eu tinha 4 anos, a nossa família passou a maior parte do inverno em Deià, em Maiorca. As minhas memórias do lugar não são muito claras: recordo sobretudo o menino chamado Pedro, que vivia ao lado e desenhava figuras na poeira do pátio com um pau, e um homem alto com uma capa e um chapéu de forma estranha que entrou em casa um dia e mostrou à minha mãe como partir uma banana em três com a unha do polegar. Pelo facto de me ter oferecido um dos seus livros — uma história infantil chamada *The Poor Boy Who Followed His Star* —, percebi que era escritor como o meu pai. Anos mais tarde, quando me tornei um fã ávido da série *Eu, Cláudio* na televisão, fiquei impressionado ao perceber que conhecia o seu autor.

O que eu não sabia era que o meu pai pedira conselho a Robert Graves sobre escrever um livro acerca do «oculto», e que o conselho fora «não faças». Foi bom ele ter ignorado, pois o livro e as suas consequências tornaram-se uma parte importante das nossas vidas durante os anos seguintes. Levou — para começar — a uma série de televisão da BBC chamada *A Leap in the Dark*, na qual o meu pai era o apresentador. Comprámos a nossa primeira máquina de vídeo para gravar os episódios — do tipo antigo cujas cassetes duravam no máximo uma hora — e assim os vídeos passaram a fazer parte das nossas vidas muito antes de se tornarem tão comuns como os televisores. Um dos resultados foi que pude ver a série *A Leap in the Dark* tantas vezes quanto quisesse. O episódio mais «assustador» era o caso de Edgar Vandy, em que um homem morto «regressou» para descrever o seu afogamento acidental pela boca de um médium. O objetivo do programa era tentar mostrar que apenas o morto poderia ter fornecido aquela informação, e que a telepatia do médium não conseguia explicar os dados complexos que ela era capaz de fornecer.

Mas o que mais recordo era o caso de uma rapariga chamada Christine Beauchamp, que sofria de «personalidade múltipla» — periodicamente transformava-se numa criança desmiolada e travessa chamada Sally, que a envergonhava fazendo coisas maliciosas que a metiam em todo o tipo de sarilhos. Depois havia o relato do poltergeist que destruiu o escritório de um advogado alemão em Rosenheim, e que só acalmou quando uma rapariga tímida e nervosa chamada Anne-Marie foi despedida. Fiquei intrigado ao saber que aquilo não era um «fantasma» real, mas uma espécie de manifestação das frustrações inconscientes de Anne-Marie.

Tudo isto significava que, aos 10 anos, eu já tinha um conhecimento razoavelmente bom do paranormal, que aceitava da mesma forma prática com que aceitava todos os livros e revistas sobre casos reais de assassinato que andavam pela casa. Como qualquer criança normal de 10 anos, não queria de modo nenhum encontrar um fantasma; mas ficava intrigado ao saber que podiam ser explicados por uma ciência chamada «parapsicologia».

Um dia descobri que não era assim tão simples. Um homem chamado Mike Delaney veio ficar connosco, e soube que era dono de um pub que fora expulso do seu estabelecimento por um poltergeist que partia fileiras de garrafas e copos, e fazia as caixas registadoras eletrónicas enlouquecerem — Mike ainda sofria de tensão nervosa. O meu pai estava a escrever um livro sobre poltergeists — e fora a Croydon investigar o caso. Aparentemente não havia «adolescentes perturbados» associados ao pub, e o próprio Mike não tinha dúvidas de que o culpado era um espírito. Falei com Mike durante horas, e notei que preferia não falar do assombro — era óbvio que ainda estava profundamente perturbado por isso. Na verdade, foi consultar o nosso médico, que lhe aconselhou internar-se no nosso lar de saúde mental local em Bodmin. (Isso provou-lhe rapidamente que não tinha nada, e ele deu-se alta e partiu para África para se tornar mercenário.)

O meu pai também foi a Yorkshire investigar o caso de um «espírito» que destruíra todos os objetos quebráveis da casa (ver Apêndice). Quando regressou, ficou finalmente convencido de que os poltergeists são espíritos reais, e não apenas as energias inconscientes de adolescentes frustrados. Obviamente, era possível ser demasiado «científico».

Mas outra experiência da época também demonstrou que era possível ser demasiado crédulo. Quando a minha mãe ia a Bodmin um dia, o meu

pai pediu-lhe que fosse ver a Igreja de São Marcos, e tentasse descobrir alguma coisa sobre um assombro poltergeist ali. Um jornalista chamado John Macklin, bem conhecido pelas suas histórias do tipo «acredite se quiser», descrevera como um caixão se erguera das suas cavaletes e flutuara pela nave abaixo.

O homem no caixão, um construtor de Liskeard chamado Pencarrow, objetava ser enterrado perto da sua esposa afastada, e o seu espírito causara perturbações poltergeist até o filho decidir enterrá-lo noutro lugar. Havia mesmo uma zona nua no relvado do cemitério, onde o caixão de Pencarrow descansara antes de ser levado — nunca mais crescera erva ali. Pediram à minha mãe que tentasse tirar uma fotografia dessa zona nua.

Na verdade, ela descobriu que não existia nenhuma Igreja de São Marcos em Bodmin, nem sequer na Cornualha. O vigário, o Rev. Basil Bradley, nunca vivera em Bodmin. E nenhum construtor chamado James Pencarrow vivera em Liskeard.

Outra história de John Macklin — sobre um «campo amaldiçoado» no norte da Cornualha — provou ser igualmente infundada. Quando o meu pai escreveu a Macklin a pedir uma explicação, recebeu uma carta furiosa em resposta, protestando que ninguém alguma vez questionara a sua exatidão, mas sem oferecer outra explicação. Tudo isto parecia demonstrar que a ciência da parapsicologia tinha de trilhar um caminho extremamente cauteloso entre o ceticismo e a credulidade.

Na verdade, o que tende a acontecer é que as posições se polarizam: os céticos atacam os crentes como idiotas crédulos; os crentes atacam os céticos como materialistas dogmáticos. Ambos parecem incapazes de moderação ou objetividade. A carreira do estatístico francês Michel Gauquelin ilustra ambas as posições. Aos 7 anos era um convertido total à astrologia, e conseguia recitar de cor os tipos de caráter associados a cada signo do zodíaco; os amigos chamavam-lhe Nostradamus.

Enquanto estudava na Sorbonne, soube das investigações anteriores do «astrólogo de Hitler» Karl Ernst Krafft, que tentara «provar» a astrologia por meios estatísticos. Krafft estudara os horóscopos de milhares de profissionais, sobretudo músicos, e anunciara que provara que os indivíduos são moldados pelo seu «signo solar» (isto é, os de Áries são pioneiros, os de Gémeos mutáveis, os de Caranguejo caseiros, etc.).

Gauquelin, que estudava estatística e psicologia, decidiu submeter os resultados de Krafft a um computador. Isso convenceu-o — como já suspeitava — de que Krafft se enganava a si próprio. A sua reação foi tornar-se um opositor determinado da astrologia, que não perdia oportunidade de a denunciar como disparate. Chegou mesmo a ignorar os ocasionais factos que apoiavam a astrologia. Mas como era estatístico, continuou a sua investigação. E quando examinou a questão dos «signos ascendentes» (o «planeta» que está a nascer no horizonte no momento do nascimento), ficou surpreendido ao perceber que a evidência já não era negativa.

Num grupo de 576 médicos, descobriu que uma proporção significativa nascera sob Saturno — como a astrologia prevê. Pesquisas semelhantes sobre atores mostraram que Júpiter era o seu signo ascendente, enquanto os desportistas tendiam a nascer sob Marte. Também investigou a noção de que as pessoas nascidas sob os signos «pares» (Touro, Caranguejo, Virgem etc.) são introvertidas enquanto as nascidas sob os signos «ímpares» são extrovertidas; novamente ficou surpreendido ao ver que as suas estatísticas apoiavam esta visão.

Anunciou as suas descobertas em 1955, em *The Influence of the Stars — A Critical and Experimental Study*. Esperava ser atacado pelos cientistas; na verdade, ignoraram-no. Foram os astrólogos que assumiram que estavam sob ataque, e responderam com críticas mordazes.

Mas outro cético, o professor Hans Eysenck, que verificou os resultados de Gauquelin, teve coragem suficiente para enfrentar o escárnio dos seus colegas psicólogos quando escreveu: «Os resultados eram extremamente claros e estatisticamente tão significativos que não há qualquer dúvida de que os efeitos não foram produzidos por acaso.»

Em 1976, as descobertas de Gauquelin tornavam-se cada vez mais influentes, e a parapsicologia ganhara uma nova respeitabilidade graças às investigações do Dr. Andrija Puharich e do Stanford Research Institute sobre os poderes do dobrador de metais israelita Uri Geller. Também adquirira uma popularidade generalizada, de modo que livros como *Chariots of the Gods* de von Däniken e *Teachings of Don Juan* de Castaneda se tornaram best-sellers. Os cientistas ortodoxos sentiram que era altura de agir. Formaram um Comité para a Investigação Científica das Alegações do Paranormal (CSICOP), aparentemente sem saberem que a

Society for Psychical Research (fundada em 1882) fora criada exatamente para esse fim.

Infelizmente, o CSICOP diferenciava-se da SPR por partir de uma posição de ceticismo intransigente — na verdade, de franca hostilidade à própria noção do paranormal. A sua posição básica parecia ser que qualquer pessoa que relatasse eventos paranormais devia ser ou um tolo ou um mentiroso. Numa reunião da American Association for the Advancement of Science em 1979, o eminente físico John Wheeler foi aplaudido pelo seu grito de guerra: «Expulsem os pseudos da oficina da ciência.» Curiosamente, foi o mesmo John Wheeler que criou a sua própria versão do «princípio antrópico» (a noção de que o homem tem, nalguns aspetos, uma «posição privilegiada» no universo), na qual afirmou que o homem pode estar a criar o universo ao observá-lo.

Fiquei surpreendido ao saber que um dos fundadores do CSICOP, o jornalista científico Martin Gardner, fora amigo do meu pai. É autor de um livro chamado *Fads and Fallacies in the Name of Science*, um ataque divertido a várias «teorias excêntricas», como a visão de que a Terra é plana, e ele e o meu pai trocaram correspondência durante alguns anos até finalmente se encontrarem (na casa de Gardner) e se acharem simpáticos — uma das histórias de ficção científica do meu pai tem um retrato afetuoso dele como um monge medieval chamado Martin the Gardener. Mas quando veio escrever uma biografia de Wilhelm Reich no final dos anos 70, o meu pai releu o capítulo de *Fads and Fallacies* sobre Reich e concluiu que era tendencioso e impreciso. Em *The Quest for Wilhelm Reich*, comentou sobre o livro de Gardner: «Ele escreve sobre vários tipos de excêntricos com a superioridade consciente do cientista, e na maioria dos casos pode-se partilhar o seu sentido de vitória da razão. Mas depois de meia dúzia de capítulos, esta superioridade constante começa a irritar; começa-se a questionar os padrões que o tornam tão certo de que está sempre certo.»

Gardner tomou isto como uma declaração de guerra, e lançou ataques à «credulidade» do meu pai nos seus livros *Science: Good, Bad and Bogus* e *The New Age*. Também escreveu uma carta ao *New York Review of Books* protestando que artigos do meu pai (sobre astrologia e fenómenos paranormais) tinham sido incluídos no *The Oxford Companion to the Mind*. O seu tom geral deixa claro que considera qualquer pessoa que defenda o paranormal um maníaco perigoso.

Em 1981, o CSICOP foi abalado por rumores de escândalo. Um dos seus membros, o Dr. Dennis Rawlins, descobriu que uma refutação do «efeito Marte» de Gauquelin se baseava em investigação imprecisa; entre outras coisas, baseava-se em 303 campeões desportivos em vez dos 2088 de Gauquelin. Quando os erros foram corrigidos, o relatório tendia a confirmar Gauquelin. Quando apontou isto aos seus colegas do conselho executivo, encontrou-os pouco receptivos — pareciam achar que ele estava a ser pormenorista — e não lhe permitiram publicar uma carta sobre o assunto na revista do CSICOP *The Zetetic Inquirer*, mesmo sendo ele editor associado. Na verdade, Rawlins fez o seu próprio estudo de acompanhamento do efeito Marte que concluiu que Gauquelin estava errado afinal. Isto foi-lhe permitido publicar na revista com a condição de que a secção que revelava a verdade sobre o primeiro relatório de desmascaramento fosse editada. Insistiu que fosse impressa uma nota a indicar que parte do artigo fora censurada, e isso foi aceite; mas quando o artigo saiu, a nota fora removida.

Rawlins insistiu agora que a disputa fosse julgada por uma equipa de árbitros imparciais. O conselho concordou, mas insistiu que fossem eles a escolher os árbitros. Quando, de facto, os árbitros concordaram com Rawlins que o primeiro relatório se baseara em dados errados, o conselho recusou-se a publicar o relatório dos árbitros. Em 1979, Rawlins tentou falar numa conferência de imprensa do CSICOP; o conselho interrompeu a conferência antes que ele pudesse terminar, e depois reuniu-se em sessão fechada e votou a sua expulsão do executivo.

Quando o *Zetetic Inquirer* continuou a recusar publicar a correção (apesar de Rawlins permanecer editor associado), ele acabou por se demitir e contou toda a história num panfleto chamado *STARBABY*. A capa afirma: «Chamavam-se a si próprios o Comité para a Investigação das Alegações do Paranormal. Na verdade, são um grupo de aspirantes a desmascaradores que estragaram a sua principal investigação, falsificaram os resultados, encobriram os erros e expulsaram um colega que ameaçava contar a verdade.» Em 1980, Marcello Truzzi, fundador e editor do *Zetetic Inquirer* (e velho amigo do meu pai), demitiu-se quando o conselho se recusou a concordar que, se se publicar um ataque a alguém, é justo publicar também a sua resposta.

O CSICOP ficou embaraçado mas não se arrependeu; obviamente sentiam que, apesar das suas falhas, estavam certos em adotar uma posição intransigente contra a «maré negra do ocultismo» (frase de Freud). Desde então, o CSICOP expandiu-se e tem agora filiais em todo o mundo.

A minha própria atitude face à disputa é obviamente influenciada pelo facto de eu ser parte interessada. Mas quando li recentemente grandes partes de *The New Age: Notes of a Fringe Watcher* de Gardner, penso que a minha reação teve pouco a ver com as suas alfinetadas ao meu pai. Foi uma sensação de tristeza por uma mente tão brilhante como a de Gardner (e ainda releio *Fads and Fallacies* com prazer) permanecer tão implacavelmente negativa. Há uma passagem em *Homem e Super-Homem* de Shaw em que o presidente dos bandidos insiste em ler em voz alta versos de poesia sentimental sobre uma rapariga que o deixou. O herói dá-lhe uma palmada no ombro e diz: «Atira-os para o fogo, presidente. Estás a sacrificar a tua carreira a uma monomania.» O presidente responde tristemente: «Eu sei.» O Sr. Gardner não sabe. É como um homem que quer contar-vos as suas queixas em pormenor, sem perceber que não as achais tão fascinantes como ele.

O que parece tão estranho é que um comité para a investigação das alegações do paranormal faça tão pouca investigação real. Parece preferir apelos à «razão» que são na verdade reformulações do seu preconceito básico — que os fenómenos paranormais não existem e não podem existir. Parece que ninguém nesta organização de cientistas consegue reconhecer a objeção puramente lógica ao método de «desmascaramento», a objeção que William James expressou numa única frase: «Se queres refutar a lei de que todos os corvos são pretos, não basta mostrar que nenhum corvo é; basta provar que um único corvo é branco.» Por outras palavras, não faria a mínima diferença se 99% das alegações paranormais fossem desmascaradas, se apenas 1% resistisse à investigação mais rigorosa.

Este livro está cheio de bandos de corvos brancos. Mas como o meu pai omitiu-o, talvez eu possa oferecer o meu exemplo favorito — a estranha história de Frederick Bligh Bond e as escavações na Abadia de Glastonbury.

Em 1907, a Igreja de Inglaterra comprou a Abadia de Glastonbury — destruída por Henrique VIII — por 36 000 libras, e escolheu Bond, que era

arquiteto, para escavar as ruínas. O que a Igreja não sabia era que Bond estava profundamente interessado em Espiritualismo e telepatia.

Havia um pequeno problema — não havia dinheiro para organizar uma escavação em grande escala. Assim, Bond decidiu tentar um atalho. Pediu a um amigo psíquico, John Allen Bartlett, que tentasse «escrita automática».

Na tarde de 7 de novembro de 1907, Bartlett e Bond sentaram-se frente a frente, Bartlett segurando um lápis e Bond pousando suavemente a mão sobre ele. Bond perguntou: «Podes dizer-nos alguma coisa sobre Glastonbury?», e o lápis escreveu: «Todo o conhecimento é eterno e aberto à simpatia mental. Eu não estava em simpatia com os monges — ainda não encontro um monge.» Parecia ser o «guia» de Bartlett. Bond sugeriu que conhecia alguns monges vivos que poderiam formar uma ligação simpática.

Pouco depois, o lápis traçou um contorno que reconheceram como a abadia, mas com um longo retângulo — que não reconheciam — colado na extremidade oriental. O esboço foi assinado «Gulielmus Monachus» — Guilherme o Monge. E quando Bond pediu mais detalhes, ele ofereceu um esboço mais preciso do retângulo — obviamente uma capela — e acrescentou dois retângulos menores — provavelmente torres — a norte. Outro monge que se chamou Johannes Bryant the Lapidator (o pedreiro) acrescentou mais detalhes. Outros monges, incluindo o Abade Bere, Ambrosius o Celeireiro e Peter Lightfoot o Relojoeiro, forneceram mais informação em latim e inglês antigo.

Quando o dinheiro finalmente ficou disponível para começar as escavações — em 1908 —, Bond já acumulara informação notavelmente detalhada sobre a abadia dos seus informantes fantasmas. Em maio de 1909, os trabalhadores começaram a cavar trincheiras ao longo das linhas indicadas por Guilherme o Monge. O rival de Bond, Caroe, veio observar e deve ter ficado intrigado com o arranjo aparentemente aleatório. Poucos dias depois, Bond provou que sabia exatamente o que estava a fazer quando a escavação revelou uma imensa parede inesperada a correr norte-sul por 9,5 metros — a capela oriental. Escavando na outra extremidade, revelaram-se duas torres. A partir daí, descoberta após descoberta.

Os monges disseram a Bond de uma porta na parede oriental que dava para a rua; isso parecia improvável, porque portas orientais são raras —

mas provou estar exatamente onde disseram. Bond ficou ligeiramente cético quando lhe disseram que a capela tinha 27 metros de comprimento — parecia demasiado grande; mas provou ter 26,5 metros, e a parede e o plinto acrescentaram os 90 centímetros extra. Até lhe disseram que encontraria restos de janelas azul-celeste, embora a maior parte do vitral dessa época fosse branco e dourado; mas o vidro azul foi devidamente encontrado.

Quando foi descoberto um esqueleto, com o crânio danificado entre as pernas, os monges explicaram que era Radulphus Cancellarius, Radulphus o Tesoureiro, que matara em combate justo um conde chamado Eawulf de Edgarley. Ninguém ouvira falar de um condado em Edgarley (uma aldeia próxima), mas registos antigos desenterraram um nobre chamado Eanwulf de Somerton, muito perto de Edgarley...

Após nove anos de sucessos ininterruptos, Bond decidiu que agora seria seguro contar a verdadeira história da «Companhia de Avalon» (como os monges se chamavam). Em 1918, fê-lo num livro chamado *The Gate of Remembrance*. O efeito foi imediato e desastroso. Os orçamentos foram cortados; Bond foi obstruído pela burocracia e, em 1922, foi demitido. Viveu mais um quarto de século, um homem solitário e amargurado. Enquanto a abadia se tornava uma atração turística que trazia à Igreja um retorno satisfatório do investimento, o livro de Bond nem sequer era vendido na livraria da abadia.

Curiosamente, o próprio Bond não acreditava que a sua informação viesse de monges mortos; pensava que provavelmente provinha do «inconsciente racial». Isso não fez diferença; a Igreja de Inglaterra não se opunha apenas ao Espiritualismo, mas a tudo o que soasse «sobrenatural». Catorze anos após a demissão de Bond, o Arcebispo Cosmo Lang reconheceu o absurdo desta posição e nomeou um comité para investigar as alegações do Espiritualismo.

O comité sentou-se durante três anos e concluiu finalmente que as alegações do Espiritualismo eram provavelmente verdadeiras, e que, em qualquer caso, não há nada na ideia de comunicação com os mortos que contradiga a doutrina cristã. Embaraçada com este relatório, a Igreja decidiu guardá-lo numa gaveta, onde permaneceu durante mais quarenta anos, até à sua publicação em 1979.

O problema permanece: por que razão tanto o CSICOP como a Igreja de Inglaterra podem adotar uma posição intransigente sobre o paranormal? Num nível, a resposta é óbvia. Lidar com este mundo material complexo exige uma atitude prática, e os que mais têm sucesso serão os materialistas práticos. Todos queremos ser bem-sucedidos a lidar com a vida, portanto todos tendemos a ser impacientes com quem parece viver num mundo de ideais e abstrações. Todos concordamos que ideais e abstrações são importantes para o progresso da humanidade; mas gostaríamos de os manter à distância até provarem o seu valor. Andrew Undershaft, de Shaw, observa: «É isso que está errado no mundo atualmente. Desfaz-se das suas velhas máquinas a vapor e dínamos obsoletos, mas não se desfaz dos seus velhos preconceitos, das suas velhas moralidades, das suas velhas religiões e das suas velhas constituições políticas. Qual é o resultado? Na maquinaria, vai muito bem; mas em moral, religião e política, trabalha com prejuízo que a aproxima da falência todos os anos.»

Em 1962, o livro de Thomas S. Kuhn *The Structure of Scientific Revolutions* procurou investigar esta relutância em desfazer-se de velhos preconceitos. Ele aponta que, quando os cientistas aceitam uma teoria como satisfatória, ficam profundamente relutantes em admitir que possa haver algo errado com ela. Ignoram pequenas contradições, mas enfurecem-se se os factos contraditórios crescem. Não se apercebem de que há algo errado nesta reação; sentem que é a atitude natural de um homem razoável perante absurdos que desperdiçam tempo. Novos «paradigmas» são sempre vistos como absurdos que desperdiçam tempo.

Tudo isto é tão natural como o instinto de autopreservação; na verdade, faz parte dele. William James fez o mesmo ponto num ensaio chamado «On a Certain Blindness in Human Beings». Os cavalos de carroça usavam antolhos para não se assustarem no trânsito; os seres humanos precisam de antolhos para se manterem relaxados e sãos. Kuhn conta uma história de um experimento com cartas de jogar, em que algumas cartas eram deliberadamente «anormais» — corações pretos e espadas vermelhas. Os sujeitos eram convidados a dizer o naipe à medida que as cartas eram mostradas. Quando a carta «anormal» era mostrada apenas por um momento, ninguém notava nada de errado. Mas se a exposição fosse ligeiramente mais longa, ficavam perplexos e perturbados; sabiam que havia algo errado, mas não sabiam o quê. Alguns sofriam «angústia pessoal aguda». Quando percebiam o que estava errado, a

angústia era substituída por alívio. Mas alguns falhavam em detetar o erro deliberado e sentiam uma acumulação crescente de ansiedade. Segundo Kuhn, a exigência de introduzir novos fatores nos nossos sistemas de crenças causa a mesma angústia e ansiedade — e encontra a mesma resistência.

Do que estamos a falar, claro, são preconceitos. O que é um preconceito? É uma espécie de mapa mental que nos permite orientarmo-nos, e nos poupa imenso trabalho e ansiedade — e nenhuma ansiedade é pior do que a ansiedade de não sabermos onde estamos nem para onde vamos. Uma vez que tenhamos dado ao trabalho de adquirir um mapa, estamos naturalmente ansiosos por não ter de o alterar. Pequenas mudanças não são demasiado difíceis de aceitar. Mas grandes mudanças produzem uma sensação como se o chão tremesse debaixo dos nossos pés.

O psicólogo Abraham Maslow descreveu um experimento que leva este argumento mais longe. Os sujeitos desta vez eram leitõezinhos. Os mais tímidos queriam ficar perto da mãe na pocilga. Os mais empreendedores exploravam a pocilga e, se a porta ficasse aberta, saíam para fora. Se a porta fosse então fechada, guinchavam pateticamente até serem deixados entrar. Da próxima vez que a porta ficasse aberta, hesitavam antes de se aventurarem. Depois a curiosidade vencia-os, e decidiam arriscar. Estes «exploradores» eram, na verdade, os mais dominantes e saudáveis entre os leitõezinhos.

Não vou levar a comparação demasiado longe, pois os membros do CSICOP podem ofender-se por serem comparados a leitõezinhos não dominantes. Além disso, alguns dos conservadores mais obstrutivos da história da ciência foram altamente dominantes. Quero apenas defender o meu ponto de que o CSICOP não está a promover o progresso da ciência ao gritar insultos a cientistas que se dedicam à investigação paranormal e exigir que sejam expulsos da oficina da ciência (o que significa suspender as suas bolsas).

Ao tentar reprimir a investigação sobre o paranormal, estão a atacar a própria essência da ciência. E ao dizerem ao resto de nós para deixar de pensar nas fronteiras da ciência e deixá-las para os profissionais (isto é, eles próprios), estão a ignorar o facto de que qualquer pessoa que aplique a sua inteligência à solução de um problema é, por definição, um cientista. E isso inclui todos os leitores deste livro.

Não estou a tentar argumentar que devemos abandonar todos os padrões e dar consideração séria a toda a teoria excêntrica. Mas quando olho para o número de corvos brancos razoavelmente bem autenticados no campo da investigação paranormal — radiestesia, psicometria, precognição —, a atitude do CSICOP parece-me semelhante à de Nelson levando o telescópio ao olho cego e declarando que não via nada.

Num capítulo de *The New Age* intitulado «PK (Psycho-Krap)», Martin Gardner observa que «a maioria dos parapsicólogos profissionais ficará embaraçada com... os rabiscos de jornalistas irresponsáveis do oculto como Colin Wilson, Lyall Watson e D. Scott Rogo». Se o trabalho do meu pai sobre o «paranormal» equivale a rabiscos embaraçosos, deixo ao leitor decidir; provavelmente és menos tendencioso do que eu.

O Renascimento da Magia

Em Paris, no ano de 1960, apareceu nas bancas um volume com o título eufónico *Le Matin des Magiciens* (*O Amanhecer dos Mágicos*). Os autores eram uma dupla estranhamente assortida — um jornalista extravagante chamado Louis Pauwels, e Jacques Bergier, um físico atómico que também era alquimista praticante.

É um livro curioso, uma mistura caótica, como os próprios autores reconheceram, pois escreveram no primeiro capítulo: «Salta capítulos se quiseres; começa onde quiseres e lê em qualquer direção; este livro é uma ferramenta de múltiplos usos, como as facas que os campistas usam...» Para surpresa de todos, tornou-se um best-seller, passando por edição após edição em França. Críticos sérios ficaram irritados e perplexos com o seu sucesso; apontavam que o livro era apenas uma série de especulações selvagens sobre magia, alquimia, telepatia, profecia, cultos estranhos, a Grande Pirâmide, os astrólogos de Hitler, a Cabala, discos voadores e mil outros temas. Esta massa de excentricidade era mantida unida por um tema simples: que o mundo é um lugar mais estranho e mais rico do que a ciência está disposta a reconhecer.

Era uma mensagem que aparentemente tinha grande apelo em França, especialmente entre os jovens. Estavam menos interessados no argumento do livro sobre a estreiteza da ciência do que no apelo imaginativo das suas maravilhas mágicas. Outros escritores viram que havia dinheiro a ganhar com o oculto, e à medida que livros sobre astrologia, reencarnação e

visitantes do espaço exterior saíam das prensas, não havia sinal de perda de interesse. A febre espalhou-se para os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Espanha, Itália, Alemanha, França e América do Sul. Em 1968, um livro alemão chamado *Memories of the Future* fez fortuna e reputação ao seu autor Erich von Däniken, e vendeu mais exemplares do que qualquer outro livro exceto a Bíblia. A tese de Däniken era que a Terra fora visitada há milhares de anos por astronautas, que deixaram sinais da sua presença como as estátuas da Ilha de Páscoa e as pirâmides. O filme *2001: Uma Odisseia no Espaço* de Stanley Kubrick baseava-se na mesma ideia. Tornou-se uma espécie de culto, e os seus admiradores iam vê-lo repetidamente, tal como poderiam assistir a uma cerimónia religiosa.

O grande boom oculto chegara.

Eu comprara *The Morning of the Magicians* quando apareceu em Inglaterra em 1963 (com o título *The Dawn of Magic*), mas embora o tivesse gostado, não o levara demasiado a sério; parecera-me um pouco demasiado selvagem e indisciplinado. Além disso, estava cheio de erros. Falava, por exemplo, dos mapas notáveis que, afirmava, haviam sido apresentados à Biblioteca do Congresso em meados do século XIX por um oficial naval turco chamado Piri Reis, o mais antigo dos quais datava do século I d.C., mas que mostrava a Antártida, que só foi descoberta em 1818 — e que, além disso, parecia mostrar a sua forma tal como era antes de ficar coberta de gelo.

Outro mapa mostrava uma ponte terrestre através do Estreito de Bering, entre a Sibéria e o Alasca, que não existia há pelo menos 12 000 anos. Tudo isto parecia argumentar que a civilização é muito mais antiga do que pensamos — ou possivelmente que o mundo fora visitado no passado remoto por alienígenas de outros planetas.

Os autores tinham razão sobre os mapas, mas estragaram um argumento interessante e excitante ao estarem errados sobre Piri Reis, que era na verdade um pirata grego decapitado em 1554. E embora eu não estivesse consciente deste erro particular quando li o livro pela primeira vez, sentia uma atmosfera geral de descuido que me irritava. Foi por isso que não senti tentação de me juntar ao «Renascimento Oculto» que parecia estar a acontecer à minha volta.

Não que eu fosse indiferente ao tema do «sobrenatural» — caso contrário não teria comprado o livro em primeiro lugar. Quando tinha cerca de 10 anos, fiquei profundamente impressionado por uma série de artigos num jornal de domingo que pretendiam ser as experiências pós-morte de um aviador que morrera na Batalha de Inglaterra, recebidas através de um «médium espírita». Ele descrevia o que era morrer em grande detalhe, e como o «outro mundo» era um lugar maravilhoso com erva verde-esmeralda e árvores em perpétua floração — recordo-me particularmente da sua descrição de nadar em água que era como algodão quente, e que não entrava pelo nariz.

Corri para a biblioteca local e localizei vários livros sobre Espiritualismo, incluindo *Most Haunted House in England* de Harry Price, um relato do assombro da Reitoria de Borley (ver pp. 233ss). Isto impressionou-me tanto que li todos os livros que tinham sobre fantasmas, poltergeists e vida após a morte. Durante o mês seguinte mantive os meus colegas de escola num estado de espanto com histórias estranhas do oculto.

O meu entusiasmo arrefeceu depressa quando um tio me ofereceu um livro chamado *The Marvels and Mysteries of Science*, e a minha mãe me comprou um conjunto de química para o Natal. A ciência enchia-me de uma excitação extática que era tão mágica como qualquer conto de fadas, e a fascinação pelo «oculto» pareceu desaparecer como um sonho ao cantar do galo. No entanto, reviveu em lampejos ao longo dos anos: por exemplo, quando, aos 20 anos, vivia em Londres e encontrei uma obra estranha chamada *I Ching* na biblioteca local — recém-traduzida pelo amigo de Jung, Richard Wilhelm. Como toda a gente que alguma vez adquiriu o *I Ching*, consultei imediatamente o oráculo sobre o meu futuro, e fiquei satisfeito quando o resultado foi o primeiro hexagrama do livro: Ch'ien, O Criativo, com o julgamento:

«O Criativo opera o supremo sucesso, Favorecendo através da perseverança.»

Isto levou-me ao estudo da magia ritual e da bruxaria, bem como ao trabalho de Gurdjieff e Ouspensky. Fiquei particularmente impressionado por uma passagem na introdução ao *New Model of the Universe* de Ouspensky:

«É o ano de 1906 ou 1907. O escritório editorial do jornal diário de Moscovo *The Morning*. Acabo de receber os jornais estrangeiros e tenho de escrever um artigo sobre a próxima Conferência da Haia. Jornais franceses, alemães, ingleses, italianos. Frases, frases, simpáticas, críticas, irónicas, estridentes, pomposas, mentirosas e, pior de tudo, frases completamente automáticas que foram usadas mil vezes e serão usadas novamente em ocasiões totalmente diferentes, talvez contraditórias.

Tenho de fazer um levantamento de todas estas palavras e opiniões, fingindo levá-las a sério, e depois, com igual seriedade, escrever algo por minha conta. Mas o que posso dizer? É tudo tão tedioso. Diplomatas e todo o tipo de estadistas vão reunir-se e falar, os jornais vão aprovar ou desaprovar, simpatizar ou não simpatizar. Depois tudo continuará como estava, ou pior.

«Ainda é cedo, digo a mim próprio; talvez algo me venha à cabeça mais tarde.

«Empurrando os jornais para o lado, abro uma gaveta da minha secretária. Toda a secretária está cheia de livros com títulos estranhos, *The Occult World*, *Life After Death*, *Atlantis and Lemuria*, *Dogme et Rituel de la Haute Magie*, *Le Temple de Satan*, *The Sincere Narrations of a Pilgrim*, e semelhantes. Estes livros e eu temos sido inseparáveis durante um mês inteiro, e o mundo da Conferência da Haia e dos artigos de fundo torna-se cada vez mais vago e irreal para mim.

«Abro um dos livros ao acaso, sentindo que o meu artigo não será escrito hoje. Bem, que vá para o diabo. A humanidade não perderá nada se houver um artigo a menos sobre a Conferência da Haia.»

Tudo isto era um reflexo fiel do meu próprio estado de espírito na época. Aos 20 anos já era pai, e vivia no sul de Wimbledon, na casa de uma velha inválida que contratara a minha mulher como enfermeira. Desde o meu casamento que ganhava a vida trabalhando numa série de fábricas de plásticos. Era difícil encontrar senhorias que aceitassem bebés, e tínhamos mudado quatro vezes num ano. Em poucos meses o nosso atual senhorio morreria, e a minha mulher arranjaria um emprego como enfermeira de uma virago meio louca que vivia em Earls Court; provaria ser o nosso pior suplício até então, e esgotou-nos tanto que, quando nos separamos — para

tentar encontrar ainda outra casa —, concluímos que estávamos fartos do casamento, e afastámo-nos.

Durante os três anos seguintes trabalhei numa série de empregos temporários — em escritórios, fábricas, cafés — e tentei escrever um romance sobre um «outsider» que sente como Ouspensky sentia em relação à civilização moderna. Sempre me fascinaram os rebeldes e os «outsiders», os inadaptados sociais que detestam o que o filósofo Heidegger chamou «a trivialidade do quotidiano». E foi enquanto trabalhava como lavador de pratos num café em Londres a meio dos anos 1950 que decidi pôr de lado o romance e tentar expressar as minhas frustrações de forma mais direta escrevendo um livro sobre «outsiders».

Provou ser uma boa decisão. *The Outsider* foi aceite pelo primeiro editor a quem enviei uma dúzia de páginas, e, quando apareceu em 1956, tornou-se imediatamente um best-seller. Isso deveu-se em parte ao facto de ser um livro que tinha algo novo a dizer — não sou suficientemente estúpido nem modesto para considerar o seu sucesso uma sorte. Mas também porque a cena literária inglesa estivera singularmente desprovida de novo talento desde o fim da guerra. E os jornalistas que escreveram sobre mim fizeram muito do facto de o meu editor admitir que eu tinha apenas 24 anos, e que o escrevera na Sala de Leitura do Museu Britânico, enquanto dormia à noite em Hampstead Heath para poupar renda.

O resultado, em qualquer caso, foi uma explosão de notoriedade internacional e mais dinheiro do que alguma vez sonhara. Mas a fama, descobri depressa, também tem o seu lado negativo. Os britânicos não são — para ser brando — uma nação de intelectuais. Ao contrário dos franceses, dos alemães — até dos americanos —, não têm interesse no mundo das ideias. Ficaram impressionados com *The Outsider* porque fora escrito por um jovem de 24 anos que não frequentara universidade. Mas não estavam realmente interessados em rebeldes românticos com nomes estrangeiros como Novalis, Nietzsche, Dostoevsky e Ouspensky.

Além disso, tornou-se claro que a imprensa popular ressentia a publicidade por que ela própria era responsável, e que ajudara a tornar o livro um sucesso. No ano seguinte, 1957, aproveitaram a primeira oportunidade para anunciar a sua completa perda de interesse no fenómeno do «Outsider». Isso aconteceu após a publicação do meu segundo livro, *Religion and the Rebel*, que foi massacrado. Os americanos, sempre

encantados por ver uma bolha de sucesso rebentar, seguiram o exemplo. (*Time* publicou a manchete «Scrambled Egghead».)

Achei-o uma experiência traumática. Mas pelo menos estava infinitamente melhor do que quando trabalhava por 5 libras por semana numa fábrica de plásticos ou num café. Desde pequeno que sonhava viver numa tina, como Diógenes, ou numa pequena sala debaixo da terra, semelhante a uma toca de hobbit — um refúgio quente e confortável cheio de comida e livros.

Não me importava muito ser «famoso» e ir a festas literárias; misturar-me demasiado com pessoas confundia-me e dava-me uma sensação que chamava «envenenamento por pessoas». Queria que me deixassem passar os dias a ler e a pensar. Assim, juntamente com a minha namorada Joy — que conhecera pouco depois de o meu casamento se desfazer —, mudei-me para uma zona remota da Cornualha, para uma velha casa que era uma imitação bastante boa de uma toca de hobbit, e regressei com alívio à leitura, à escrita e ao pensamento sobre as ideias que tanto me interessavam.

Quais eram essas ideias? Bem, para começar, tinha uma profunda convicção de que o homem está à beira de uma rutura evolutiva para um estágio superior. Estes estranhos êxtases que enchiam os românticos com um estranho sentido de poder e certeza não eram ilusões: eram, na verdade, vislumbres dos poderes desconhecidos da mente humana. H. G. Wells observou uma vez que o mundo mudou mais nos últimos sessenta anos do que nos sessenta séculos anteriores.

Referia-se, claro, à tecnologia. No entanto, parecia-me que o próprio homem também mudou mais nos últimos dois séculos do que em toda a sua evolução anterior, e que agora está próximo do estágio em que uma nova criatura emergirá como uma borboleta de um casulo.

O Amanhecer dos Mágicos também falara de um «novo tipo de homem» e da possibilidade de os seres humanos estarem prestes a alcançar um «estado desperto». Os autores tinham mesmo feito o comentário importante de que o que agora é necessário é um Einstein da psicologia que consiga compreender os poderes ocultos da mente. No entanto, era difícil ver como estas ideias importantes se conectavam com as suas conversas

sobre a Terra Oca, civilizações desaparecidas e alienígenas do espaço exterior.

Foi por isso que continuei a sentir que o «renascimento oculto» era algo que podia ignorar com segurança. No entanto, nas digressões de palestras pela América — que fazia de tempos a tempos para manter o meu gerente do banco satisfeito —, comprava frequentemente livros de bolso com títulos como *Famous American Hauntings* ou *Exorcism — Fact not Fiction* para ler no avião. E, tal como Ouspensky, continuava a encontrar algo estranhamente fascinante neste mundo estranho, embora por vezes lunático, de especulação.

Foi em 1969 que o meu agente literário americano me escreveu a perguntar se eu estaria interessado em escrever um livro sobre «o oculto». Aceitei porque precisava do dinheiro; além disso, sentia que provavelmente sabia tanto sobre o assunto como qualquer outra pessoa. Mas era difícil levar a encomenda a sério — bastava reler aquela passagem de Ouspensky sobre Atlântida e Lemúria e *O Templo de Satanás* para sentir que teria de escrever com a língua bem firme na bochecha. Nesse inverno — 1969 — levei a família para uma pequena aldeia em Maiorca, onde supostamente seria «professor visitante» no departamento extramuros de um colégio americano.

Foi ali que conheci o escritor Robert Graves, cujo livro *The White Goddess* me dera fortes dores de cabeça muitos anos antes, e pedi-lhe conselho sobre escrever um livro sobre o oculto. Ele deu-mo numa palavra: «Não faças.» E tenho de admitir que, se não tivesse já recebido metade do adiantamento, provavelmente teria seguido o seu conselho.

É difícil dizer em que momento comecei a mudar de ideias. Penso que foi no dia em que Joy me leu em voz alta uma passagem da autobiografia de Osbert Sitwell *Left Hand, Right Hand*, na qual ele conta como, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, ele e um grupo de oficiais irmãos foram ver um famoso quiromante «por brincadeira». O que aconteceu desconcertou-o. O quiromante olhava mão após mão e dizia: «Não compreendo. Não vejo nada...» A explicação veio meses depois, quando a guerra rebentou e os homens cujas palmas tinham sido «em branco» foram mortos.

Agora parece claro, pelos outros trabalhos de Sitwell, que ele não era um «crente» no sobrenatural — nesse aspeto parece partilhar a atitude do seu pai, Sir George Sitwell, que uma vez agarrou um «espírito» que andava a passear numa sessão espírita e revelou ser a médium de roupa interior. E quanto mais estudei este tema do paranormal, mais descobri que algumas das testemunhas mais convincentes não eram espíritas nem ocultistas, mas descrentes que tinham tido apenas uma experiência estranha.

Charles Dickens é outro exemplo. Numa carta de 30 de maio de 1863, descreve como, na quinta-feira anterior, tivera um sonho em que viu uma senhora vestida de vermelho, de costas para ele. Pensou reconhecê-la como alguém que conhecia, mas quando ela se virou, viu que era, na verdade, uma desconhecida. A senhora disse: «Sou a Menina Napier.» E enquanto se vestia nessa manhã, pensou: «Que coisa absurda ter um sonho tão nítido sobre nada. E porque a Menina Napier?»

Nessa mesma noite, Dickens deu uma das suas famosas leituras públicas, e alguns amigos entraram no seu camarim com a senhora de vermelho, que lhe foi apresentada como Menina Napier...

Esta história levanta talvez a questão mais difícil de todas sobre o «sobrenatural». Deveria ser totalmente impossível saber de um evento antes de ele acontecer, exceto como uma espécie de palpite vago. O tempo é uma rua de sentido único, e o futuro ainda não aconteceu. Podemos escolher acreditar em todo o tipo de coisas estranhas: combustão espontânea, telepatia, experiências fora do corpo, casas assombradas, auto-stopistas fantasmas... Mas cada uma destas pode bem ter uma explicação mais ou menos racional. No caso de prever um evento que ainda não aconteceu, não há explicação «racional»: parece desafiar as leis da razão. No entanto, como em breve descobriria, há centenas de casos bem autenticados de pessoas que previram o futuro.

O que me fascinava era que isto não era assim tão distante do meu interesse pelos «outsiders». Porque o que estes casos pareciam provar sem qualquer dúvida era que os seres humanos possuem estranhos poderes dos quais normalmente não têm consciência. E é precisamente esta intuição que tanto excitou muitos dos grandes poetas e músicos do século XIX. Em *The Prelude*, por exemplo, Wordsworth descreve como, numa noite de luar, pediu emprestado um pequeno barco que encontrou amarrado à beira do Lago Windermere, e como, ao remar para o meio do lago, um enorme pico

negro pareceu erguer-se acima dele como uma criatura viva. Durante dias depois, diz ele:

«... o meu cérebro Trabalhou com um sentido vago e indeterminado De modos desconhecidos de ser»,

e os seus sonhos foram perturbados por «formas enormes e poderosas que não vivem».

Será isso mera «imaginação poética»? Ou terá ele visto realmente algo que o resto de nós não vê porque os nossos sentidos são demasiado estreitos e práticos, da mesma forma que algumas pessoas conseguem ver fantasmas?

Aqui está um exemplo que torna o ponto ainda mais claro. Richard Church foi um poeta nascido em Londres em 1893, filho de um funcionário dos correios. A vida era dura; a sua mãe, a quem adorava, destruiu a saúde trabalhando como professora para ajudar a sustentar a família. O próprio Church sofreu de saúde tão frágil que, em certo momento, foi enviado para passar alguns meses numa casa de convalescença. Sentia-se miserável e doente de saudades da mãe. E então veio uma experiência estranha que, de certa forma, transformou o resto da sua vida. Ele descreve como:

«... Numa manhã pesada, quando o mundo exterior estava preso pelo gelo, eu estava de pé junto a uma longa janela francesa na sala de brincar, à espera de descer para o pequeno-almoço. O sol acabara de nascer para lá do terreno e erguia-se acima dos relvados, o seu grande disco vermelho recortado pelos ramos nus dos arbustos. Debaixo destes arbustos, um jardineiro estava a cortar uma árvore morta. Eu observava-o. O machado reluzia vermelho e caía. Voltava a subir. O movimento, constante e seguro, fascinava-me. De repente, apercebi-me de que o som dos golpes não se sincronizava com o que via. O baque chegava quando o machado estava numa subida, pronto para o próximo golpe.

«Desconfiei da evidência dos meus olhos. Depois pensei que os meus óculos (esses milagreiros) deviam ter-me traído; ou que a minha doença começara a afetar a minha visão. Olhei intensamente, franzindo os músculos dos olhos contra qualquer intrusão possível de luz ou imagem irrelevante. Mas a imagem que via e o som que ouvia permaneciam díspares.

«Então, enquanto olhava, o conhecimento veio até mim; o conhecimento que segue o reconhecimento de um facto, de uma experiência concreta, trazendo consigo um alargamento tanto do universo como da compreensão do indivíduo sobre ele. Estes momentos são raros, e são inteiramente vitais. Por um instante, o reconhecedor é um deus, que pode dizer "Eu sou", como Jeová disse no Antigo Testamento.

«Naquela manhã de inverno gelada, entre levantar-me e descer para o pequeno-almoço, numa instituição antisséptica e envernizada onde os internos e o pessoal eram tão desumanizados que eram pouco mais do que partes do mecanismo do lugar, deixando-me numa solidão murmurante, dia após dia atordoado e solitário, exaltado pela própria desolação das coisas, ali estava eu transfigurado...

«Descobrira que o tempo e o espaço não são absolutos. O seu poder não era lei. Nem sequer eram unânimes; discutiam entre si; e através da sua cisão a imaginação humana, a esperança, a fé, podiam deslizar, para uma exploração mais profunda onde a intuição anteriormente apenas insinuara, mas onde a lógica e o fatal senso comum tinham negado.

«Senti tanto poder como exultação a inundar-me as veias. O sangue aquecia dentro de mim, subindo ao cérebro e pulsando ali, como uma multidão a aclamar algo racial. Descobrira a fraude do tempo e do espaço; e se assim era, então outras leis aparentemente estáveis da natureza poderiam ser questionadas, em benefício deste espírito acorrentado e enganado, deste eu oculto e oprimido, trancado na masmorra do meu corpo.

«Olhei novamente, e ainda a evidência escrevia-se no ar gelado, contra o disco do sol que agora se erguera uma ou duas polegadas mais alto, como o ponteiro dos minutos de um relógio gigante, movendo-se para cima em direção à hora, invisivelmente visível no seu movimento. A beleza desta sincopação entre visão e som libertou-me de tanta coisa, do peso da vida quotidiana, do fardo da carne e da sua estrita localidade, do arrasto da terra.

«Esse último era o meu inimigo mais odiado. O arrasto da terra, o peso que me puxaria dia e noite, tornando cada movimento, mesmo os gestos suaves que fazemos no sono, um trabalho demasiado pesado para suportar; o vestir da roupa, a passagem de cadeira para cadeira, a viagem interminável de um quarto para outro, e aquela tortura final, a esteira do

tandem, durante aquelas cavalgadas de domingo atrás do meu irmão, enquanto tentava fazer a minha parte do pedalar, sob o aguilhão da sua língua, chicoteando-me para isso.

«Mas agora estava livre. Como o tempo e o espaço eram enganadores, contradizendo-se abertamente, e na melhor das hipóteses oferecendo um compromisso em vez de uma lei, estava em liberdade para duvidar ainda mais, para continuar a minha exploração dos horizontes da liberdade. Ainda consciente do sangue quente a sussurrar nas minhas veias, olhei para o meu pulso e vi a carne transparente, os ossos de pássaro, os canais azuis por baixo da pele. Tudo isto era substância tão frágil como uma planta. Não podia possivelmente pesar mais do que a terra sólida debaixo dos meus pés, onde eu e o resto da humanidade enganada caminhávamos com tanta docilidade.

«O sol brilhara até um fogo líquido que ofuscava a minha visão, reduzindo o lenhador e o seu breve momento de revelação a uma figura penumbral sob a sombra dos arbustos no cinzento morto do gelo. Olhei para a luz, e a substância da vida dentro do meu corpo começou a aumentar a sua velocidade de fluxo. Senti, com uma benevolência mais profunda e mais segura do que a razão, que os meus membros e tronco eram mais leves do que pareciam, e que bastava reduzi-los por um ato de vontade, talvez por uma mera mudança da mecânica física, para os comandar para fora do chão, fora da tirania da gravitação.

«Exerci essa vontade, visualizando as minhas mãos e pés a pressionar para baixo sobre o centro da Terra. Não me surpreendeu que deixasse o chão e deslizasse pela sala (que estava vazia) a cerca de trinta a quarenta e cinco centímetros acima do chão de parquet. Ao princípio tive medo de colapsar, de cair e magoar-me. Mas bastou inspirar profundamente, e comandar o ar através das partes pesadas da minha anatomia, observando-o fluir e diluir o osso e a carne sólidos através da química útil do sangue, este sangue novo, libertado e conhecedor, e subi mais alto, a meio caminho do teto. Isto assustou-me completamente, e permiti-me descer, pousando no chão com uma suavidade que era em si mesma um deleite sensual.

«Não podia deixar o assunto por ali. Tinha de pôr a minha descoberta à prova novamente, e assim inspirei profundamente e estava prestes a visualizar essa pressão descendente da vontade sobre o corpo, quando a porta se abriu, e uma enfermeira entrou.

«“Ora, menininho?”, disse ela. “Não ouviste o sino do pequeno-almoço?”

«Depois olhou-me uma segunda vez, inclinou-se e espreitou-me o rosto. “Passa-se alguma coisa? Estás a sentir-te mal esta manhã?”

«Fiquei quase indignado, e neguei a sugestão de que pudesse ter febre, pois isso significaria ir para a cama no grande dormitório onde um balde estava conspicuamente no meio, sobre um lençol de mackintosh; uma improvisação que me enojava.»

‘Apressado, afastei-me sem responder, deixando a enfermeira a olhar para mim com um certo ar de interrogação. O corredor e a escadaria estavam vazios, pois todos se encontravam a tomar o pequeno-almoço na vasta sala de jantar, no andar de baixo. Eis outra oportunidade! Recuperei o fôlego, desprezei os mentirosos do tempo e do espaço, acolhi a presença de Cristo nos meus ossos ocos e leves como penas, e flutuei escada abaixo sem tocar nos degraus nem no corrimão. Pousando à porta da sala de jantar, entrei e ocupei o meu lugar, contente agora por viver incógnito entre estes mortais sem asas.’

Esta é seguramente uma das passagens mais notáveis alguma vez escritas por um poeta. As suas outras referências à experiência — na sua autobiografia *Over the Bridge* — deixam claro que ele está a falar de algo que realmente aconteceu; isto não é uma fantasia infantil ou um devaneio. Teria ele realmente flutuado pelo ar num sentido físico, como parece afirmar? Ou estaria a ter o que é conhecido como uma ‘experiência fora do corpo’? O seu relato parece tornar bastante claro que foi o seu corpo físico que flutuou acima do solo. E o seu caso está longe de ser único. Dezenas de crianças ficaram convencidas de que flutuaram escadas abaixo sem tocar nos degraus. No seu livro *The Decline and Fall of Science*, a investigadora Celia Green cita uma carta de uma mulher que afirma ter tido a experiência quando era uma estudante de 17 anos:

‘Cada rapariga deitava-se, por sua vez, sobre uma longa mesa de madeira... com as outras reunidas em volta dela, de modo a não haver frestas... Enquanto se estava ali deitada, as raparigas entoavam uma rima — cujas palavras exatas esqueci, mas que se referia à pessoa sobre a mesa como parecendo pálida, doente e depois morta. Era proferida muito

lentamente e em uníssono, de modo que o seu tom monocórdico tinha uma grande profundidade e era muito penetrante.

'Várias raparigas participaram antes de mim sem grande sucesso... Algumas... admitiram sentir uma sensação estranha... e foi isso, somado à declaração de uma amiga, que me encorajou a tentar.

'Não tenho absolutamente nenhuma explicação para o motivo pelo qual fui capaz de subir aproximadamente três pés acima da superfície da mesa. Estava perfeitamente consciente de que estava a subir e poderei até ter soltado uma exclamação de surpresa... A rapidez da ascensão e, de facto, o próprio facto de eu ter subido, fez-me sacudir o corpo da posição deitada e, com muita comoção, as raparigas amorteceram a minha queda.'

Eu, por outro lado, tenho uma espécie de explicação para o que aconteceu. É evidente que um cético afirmaria que foi tudo autossugestão: o entoar baixo, a sugestão de que a pessoa se estava a tornar pálida, depois morta, induziria um certo estado semelhante à hipnose. E, afirmaria o cético, isto produziu então a ilusão de flutuar no ar.

A minha própria explicação é que o 'estado de espírito' simplesmente despoletou algum poder desconhecido que todos possuímos, tal como o estado de exultação de Richard Church de algum modo lhe mostrou como flutuar acima do solo. E se isto parece absurdo, então considere o caso bem documentado de José de Copertino, o 'monge voador', cujas proezas de levitação foram testemunhadas por dezenas de homens de saber famosos, incluindo o filósofo Leibniz.

Nascido na Apúlia, Itália, em 1603, Giuseppe Desa era — tal como Richard Church — um rapaz doentio; e, tal como Church, estava sujeito a súbitos estados de êxtase. Era uma daquelas pessoas que se sentem insatisfeitas com o próprio peso da carne que têm de carregar consigo, e mortificava-a com jejuns e flagelação. Tornou-se padre aos 25 anos. E um dia, quando celebrava missa na sua própria igreja de S. Gregório da Arménia, soltou um grito e, em posição vertical, voou com as mãos estendidas para a cruz acima do altar.

As freiras que estavam presentes pensaram que ele se iria queimar nas velas, mas momentos depois ele voou de volta para o chão da igreja e começou a dançar e a cantar enquanto entoava o nome da Virgem. Mais tarde, ao visitar o Papa, foi novamente tomado pelo êxtase e elevou-se no

ar. E continuou a fazê-lo pelo resto da vida — viveu até aos 60 anos — perante centenas de pessoas. Parece ter sido uma alma simples e feliz, que não se ressentia da inveja com que era olhado pelos seus companheiros franciscanos, e que subia no ar como um balão sempre que era dominado por uma alegria súbita.

Mas se quisermos compreender melhor estes 'poderes ocultos', vale a pena olhar mais de perto para a experiência de Richard Church. E a primeira coisa que é importante notar é que, até aos 7 anos, ele era terrivelmente míope. Quando isto foi finalmente notado pelo médico da escola, levaram-no a um oculista que lhe examinou os olhos. Ele ficou maravilhado quando o oculista colocou lentes numa armação sobre o seu nariz e as pequenas letras num cartão iluminado subitamente se tornaram nítidas.

Mas isto não foi nada comparado com o seu espanto quando usou os óculos pela primeira vez e percebeu que conseguia subitamente ver tudo com uma nitidez e clareza incríveis. Pela primeira vez conseguiu ver as pupilas dos olhos da sua mãe, os pelos no bigode do seu pai. Quando saiu para o passeio, este 'veio ao meu encontro e atingiu-me', pelo que teve de se agarrar ao pai:

'A luz dos candeeiros! Olhei maravilhado para os cristais decrescentes da chama de gás enfileirados pela colina abaixo. Clapham estava adornada com colares de luz, e os cavalos que puxavam as carruagens cintilantes batiam na estrada de granito com cascos de ferro e ébano. Eu conseguia ver os esqueletos dentro da carne e do sangue dos compradores de sábado à noite. As vestes que usavam eram feitas de fios separados. Neste novo mundo, tanto o som como a visão tinham mudado. Adquiriram dureza e definição, impondo-se à minha audição, de tal modo que eu era sitiado simultaneamente através do olho e através do ouvido.

'Com que vontade me rendi! Saí ao encontro desta invasão resplandecente e retumbante. Tremi de excitação e tive de me agarrar ao braço da minha mãe para evitar ser levado pela torrente, enquanto os passeios se precipitavam contra mim e as pessoas surgiam com dentes como presas, lábios sumarentos, olhos a saltar-lhes das cabeças, avançando sobre mim enquanto lançavam lanças de conversação que passavam zunindo alto pelos meus ouvidos e confundiam o meu juízo.

‘“É muito diferente?”, perguntou o Jack...

‘“Torna as coisas mais claras”, respondi, sabendo que não tinha esperança de lhe contar o que me estava a acontecer.’

Se consegue ler esta passagem com indiferença, então está a perder o essencial. Trata-se de muito mais do que o primeiro par de óculos de um rapaz. Para compreender o seu verdadeiro significado, faça a si próprio a seguinte pergunta: seria a sua nova visão do mundo mais ou menos verdadeira do que a antiga de há uns minutos? A resposta tem de ser: mais verdadeira, pois a visão turva é obviamente menos precisa do que a visão nítida. E as implicações desta resposta são tremendas. Pois significa que o resto de nós é normalmente cego para a realidade que nos rodeia.

Como pode ser isto? Afinal, poucos de nós somos tão míopes como Church era e, nestes dias de Segurança Social, ninguém precisa de estar sem óculos. No entanto, somos, na prática, tão míopes como o jovem Church, pois tomamos o mundo como garantido. Temos uma espécie de robô dentro de nós, que faz as coisas por nós. Aprende-se a ler lenta e dolorosamente, depois o robô fá-lo tão depressa que nem sequer se tem consciência de estar a ‘ler’ estas palavras: elas parecem estar a falar consigo a partir da página.

O robô está a dactilografar este livro. Ele conduz o meu carro e, por vezes, até dá conferências por mim. Mas ele também assume todo o tipo de outras coisas que eu preferiria fazer eu próprio. Levo os meus cães a passear nas falésias, mas eles desfrutam muito mais do que eu porque o robô deles é menos eficiente. O meu faz-me tomar demasiadas coisas ‘como garantidas’. Ele olha para algo, diz ‘Ah sim, já sabemos tudo sobre isso...’, e impede-me de o ver realmente. É exatamente como se eu passasse a minha vida a usar um par de óculos de sol escuros.

Mas será que isto importa realmente? De certa forma, não. Faço tanto exercício quer caminhe ‘roboticamente’ quer não, e uma refeição fornece-me tanta energia quer eu coma mecanicamente quer não. O verdadeiro problema surge se eu começar a sentir-me deprimido ou desanimado. Estes óculos de sol tornam o mundo muito mais escuro. Mas a minha vitalidade — e, portanto, a minha saúde — depende do entusiasmo. Depende de uma certa ânsia. Depende de notar as diferenças.

Ouspensky conta uma história que ilustra o mesmo ponto. Descreve como ele e um amigo atravessavam o rio Neva em São Petersburgo. 'Tínhamos estado a conversar, mas ambos ficámos em silêncio ao aproximarmo-nos da fortaleza [de Pedro e Paulo], olhando para as suas muralhas e fazendo provavelmente a mesma reflexão. "Ali dentro também há chaminés de fábricas", disse o A. Por trás das muralhas da fortaleza apareciam, de facto, algumas chaminés de tijolo enegrecidas pelo fumo.

'Ao dizer ele isto, também eu senti a diferença entre as chaminés e as muralhas da prisão com uma clareza invulgar e como um choque elétrico. Percebi a diferença entre os próprios tijolos...

'Mais tarde, em conversa com o A., recordei este episódio, e ele disse-me que não apenas naquela altura, mas sempre, sentia estas diferenças e estava profundamente convencido da sua realidade.'

E Ouspensky continua, dizendo que a madeira de uma forca, de um crucifixo ou do mastro de um navio é, na verdade, um material completamente diferente em cada caso. A análise química não conseguiria detetá-lo; mas, por outro lado, a análise química não consegue detetar a diferença entre dois gémeos, que são, no entanto, personalidades completamente diferentes. Ouspensky inicia este importante capítulo com um parágrafo que deveria ser escrito em letras com 20 pés de altura:

'Parece-nos que vemos algo e compreendemos algo. Mas, na realidade, tudo o que se processa à nossa volta, sentimo-lo apenas muito confusamente, tal como um caracol sente confusamente a luz do sol, a escuridão e a chuva.'[1]

Uma experiência semelhante foi relatada pelo psicólogo americano Abraham Maslow, que a tinha ouvido de um fuzileiro que estivera colocado no Pacífico durante vários anos e não via uma mulher. Quando regressou à base, viu uma enfermeira e teve imediatamente uma 'experiência de pico' — uma experiência de deleite súbito e avassalador — ao ser subitamente atingido por uma espécie de choque pelo facto de as mulheres serem diferentes dos homens. Dizemos 'Claro, as mulheres são diferentes dos homens', no entanto, estas palavras disfarçam o facto de que permitimos que o robô obliterasse a diferença real.

Não a vemos com aquele sentido de choque e espanto sentido pelo fuzileiro — embora seja verdade que um homem possa experimentar algo

semelhante se passar por uma porta aberta e vislumbrar uma mulher a despir-se. E este exemplo torna-nos conscientes de que simplesmente permitimos que os nossos sentidos colapsassem. Poderíamos compará-los a uma tenda que foi achatada pelo vento, deixando de ter muita utilidade como abrigo. Devido a este colapso dos nossos sentidos, eles não conseguem cumprir a sua função adequada, que é mostrar-nos as diferenças entre as coisas.

Em suma, estou a sugerir que é o 'robô' que destrói os nossos poderes 'mágicos' e nos impede a todos de sermos capazes de flutuar pelo ar como Richard Church ou José de Copertino. Olhemos mais de perto para este problema fascinante.

Poderá sentir que a ideia de flutuar pelo ar é um pouco difícil de engolir. No entanto, existe outra faculdade estranha que parece estar intimamente relacionada com ela, e que milhares de pessoas relataram: refiro-me à estranha capacidade de estar em dois locais ao mesmo tempo. Quando a *Society for Psychical Research* foi formada em Londres em 1882, recebeu centenas de relatos de pessoas que tinham 'visto' outras pessoas que não estavam realmente na sala. Em muitos destes casos, a pessoa que aparecia estava prestes a morrer, ou tinha acabado de morrer, e a pessoa que a via era um familiar próximo. Assim, tais 'aparições' poderiam ser explicadas ou como fantasmas ou — se não se acreditasse em fantasmas — como algum tipo de telepatia. Num caso típico, um homem sentado no seu quarto em Dublin acordou durante a noite e viu o seu pai — que estava no seu leito de morte no País de Gales — sentado numa cadeira com o rosto coberto pelas mãos; um momento depois, ele desapareceu. O homem ficou tão impressionado que correu para o País de Gales e descobriu que o seu pai estivera delirante durante dois dias. E quando entrou no quarto, o seu pai comentou que ele o tinha ido ver no dia anterior...[1]

Mas a Sociedade também recebeu centenas de relatos de pessoas que não estavam doentes nem em perigo e que foram vistas noutros locais. A estas chamaram 'fantasmas de vivos', e o caso acima citado provém de uma das suas primeiras e mais impressionantes compilações. O seguinte caso típico é relatado pelo poeta W.B. Yeats:

'Uma tarde... eu estava a pensar muito intensamente num colega estudante para quem tinha uma mensagem, a qual hesitava em escrever.

Passados uns dias, recebi uma carta de um local a algumas centenas de milhas de distância, onde o estudante se encontrava. Na tarde em que eu estivera a pensar tão intensamente, eu tinha aparecido subitamente ali, no meio de uma multidão de pessoas num hotel, parecendo tão sólido como se estivesse em carne e osso. O meu colega tinha-me visto, mas mais ninguém, e tinha-me pedido para voltar quando as pessoas se tivessem ido embora. Eu tinha desaparecido, mas tinha voltado a meio da noite e dado a mensagem. Eu próprio não tinha conhecimento de qualquer uma das aparições.'[1]

O que parece ter acontecido aqui é que a ansiedade de Yeats em entregar a mensagem o fez, de algum modo, 'projetar' a sua imagem a várias centenas de milhas, onde ela aparentemente se comportou como uma pessoa normal. E no caso do homem que estava a morrer no País de Gales, podemos novamente supor que a ansiedade do pai (na verdade, ele queria dizer ao filho onde se encontrava um sobretudo) o fez novamente 'projetar-se' para Dublin. E é uma hipótese plausível que, quando as pessoas estão prestes a morrer, sejam capazes de aceder a algum poder inconsciente que lhes permite 'mostrarem-se' a algum familiar próximo por quem estejam ansiosas. (Da mesma forma, existem fortes evidências de que pessoas que se estão a afogar, ou em algum grande perigo físico, veem realmente as suas vidas passadas passar diante dos seus olhos num segundo ou dois.)

Mas existem outros casos em que as pessoas parecem ter usado este poder de forma mais ou menos deliberada. Uma noite, no final da década de 1920, o romancista John Cowper Powys passara o serão a jantar com o grande escritor americano Theodore Dreiser. Powys olhou subitamente para o relógio: 'Tenho de me despachar.' Mas ao sair do apartamento de Dreiser em Nova Iorque, comentou: 'Aparecerei diante de ti mais tarde esta noite.' Depois saiu apressado para apanhar o comboio para o norte do estado de Nova Iorque. Dreiser assumiu que o comentário era uma piada. Mas duas horas depois, enquanto lia sentado, olhou para cima e encontrou Powys de pé junto à porta. Levantou-se, dizendo: 'John, entra e conta-me como o fizeste.' Nesse momento, Powys desapareceu. Dreiser correu para o telefone e ligou para a casa de Powys. Powys atendeu e, quando Dreiser lhe contou o que tinha acontecido, respondeu: 'Eu disse-te que estaria aí.'

Dreiser acrescenta que Powys recusou mais tarde discutir como o tinha feito. Mas isso pode não ser por Powys querer ser reservado. Pode

ser, muito simplesmente, que ele não soubesse. Provavelmente 'sentiu que estava para acontecer' durante o serão, um estado de espírito estranho que ele reconheceu como a capacidade de se 'projetar'. E é quase certo que ele não soube que o tinha feito até Dreiser lhe telefonar.

Talvez o caso mais estranho de que há registo seja o de uma atraente professora francesa chamada Emilie Sagée, que perdeu 18 empregos em dezasseis anos devido ao seu hábito peculiar de estar em dois locais ao mesmo tempo. A forma como perdeu o seu décimo oitavo emprego é típica. Em 1845, era professora numa escola para jovens senhoras em Neuwelcke, perto de Wolmar, nas margens do Báltico. Um dia, enquanto escrevia no quadro, apareceu uma segunda Emilie de pé ao seu lado. Quando ela se virou para ver o que as alunas murmuravam, o seu 'duplo' desapareceu. Noutra ocasião, ela estava de joelhos ao lado de uma rapariga chamada Antoinette von Wrangel, a prender-lhe o vestido com alfinetes e, quando a rapariga olhou para o espelho do armário, viu duas Emilies e desmaiou.

A gota de água foi quando outra professora deixou as alunas sozinhas por cinco minutos. Subitamente, ficaram atónitas ao ver Emilie sentada na cadeira da professora. Mais estranho ainda, havia outra Emilie lá fora no jardim. Duas das alunas mais audazes tentaram tocar na aparição e disseram que parecia musselina. Uma delas chegou a atravessá-la a caminhar. Depois a aparição desapareceu, embora a outra Emilie ainda pudesse ser vista no jardim. Mais tarde, uma aluna amiga perguntou a Emilie o que tinha acontecido. Ela explicou que tinha olhado para a sala de aula através da janela do jardim, visto que a professora estava ausente e sentido preocupação por as raparigas se poderem portar mal. Parece que, de alguma forma estranha, a sua preocupação tinha projetado o seu 'duplo' para dentro da sala.

Quando os pais ouviram estas histórias, começaram a retirar os filhos da escola e Emilie foi despedida. Foi então viver com a sua cunhada e todos na família se habituaram a ver o seu duplo a vaguear pela casa. Mas a pressão parece ter sido excessiva para ela; um dia saiu de casa e desapareceu, para nunca mais ser vista. A explicação mais provável é que se tenha afogado.

Um dos casos mais famosos registados pela *Society for Psychical Research* diz respeito a um jovem estudante chamado S.H. Beard, que

estava noivo de uma rapariga chamada Miss Verity. Em novembro de 1881, Beard estava sentado no seu quarto em Londres a ler um livro sobre o poder da vontade. Subitamente, passou-lhe pela cabeça que gostaria de 'aparecer' a Miss Verity, que vivia no número 22 de Hogarth Road, Kensington.

Concentrou a sua mente e tentou visualizar a casa e o quarto no segundo andar onde a sua noiva dormia. Subitamente, deu-se conta de que não conseguia mexer os membros; sentia-se 'gelado'. E nesse momento, em Hogarth Road, Miss Verity acordou e encontrou-o de pé junto à sua cama. Ela gritou e isso acordou a sua irmã de 11 anos. Enquanto as duas raparigas olhavam fixamente para a aparição, esta desapareceu. O próprio Beard não soube que tinha tido sucesso até Miss Verity lhe contar o sucedido na próxima vez que se viram.

Um mês depois, decidiu tentar novamente. Por esta altura, Miss Verity e a irmã tinham-se mudado para Kew. Mais uma vez ele fez a tentativa, escrevendo mais tarde: 'Também envidei um esforço que não encontro palavras para descrever. Estava consciente de uma influência misteriosa de algum tipo a permear o meu corpo, e tive a nítida impressão de que estava a exercer alguma força com a qual não estava familiarizado até então, mas que agora posso, em certas ocasiões, colocar em movimento à vontade.' Meia hora depois, ele 'voltou a si' e percebeu que tinha estado a dormir — ou em transe. No dia seguinte descobriu, mais uma vez, que tinha sido bem-sucedido. Mas não foi Miss Verity quem o viu desta vez, mas sim a sua irmã casada. Ela vira-o a caminhar de uma sala para outra e, mais tarde, ele entrara no seu quarto, tocara-lhe no cabelo, segurara a sua mão na dele e olhara intensamente para a palma da mão antes de desaparecer. A irmã acordou Miss Verity, que estava na mesma cama, para lhe contar o que tinha acontecido.

Todas estas histórias parecem ilustrar o mesmo ponto defendido por Richard Church. Tomamos como garantido que vivemos num mundo 'sólido' de espaço e tempo, avançando de momento a momento de acordo com leis imutáveis, e que estamos presos no lugar onde por acaso nos encontramos no momento. Estamos, num certo sentido, 'aprisionados'. Sentimos isto com particular intensidade quando estamos aborrecidos ou miseráveis — que estamos desamparados à mercê deste mundo físico no qual por acaso nascemos. No entanto, estas experiências estranhas parecem

todas mostrar que isto não é verdade. O ‘verdadeiro eu’ não está preso no espaço e no tempo. Com um certo tipo de esforço de vontade, ele pode elevar-se acima do espaço e do tempo, e estar ‘noutro lugar’.

Mais adiante neste livro, discutiremos o facto estranho de os seres humanos possuírem dois cérebros, e de todos termos dois ‘eus’ diferentes que vivem um em cada um deles (ver página 60 e seguintes). Os fisiologistas do cérebro não fazem ideia de por que razão precisamos de dois cérebros mais ou menos idênticos nas nossas cabeças — uma sugestão irónica é que um deles é um ‘sobressalente’ para o caso de o outro se danificar. A minha própria crença é que temos dois cérebros para podermos estar em dois locais ao mesmo tempo. Os seres humanos supostamente são capazes de estar em dois locais ao mesmo tempo. No entanto, ainda não descobrimos bem o ‘truque’. Quando o fizermos, seremos um tipo de criatura completamente diferente — já não o mesmo tipo de ser humano que vive a sua vida tão incompetentemente neste planeta sofredor, mas algo muito mais poderoso e determinado. É isto que quero dizer quando afirmo acreditar que o homem está prestes a dar um salto evolutivo.

Mas, como já expliquei, eu tinha chegado a esta convicção muito antes de começar a interessar-me pelo ‘oculto’. Já era a base do meu primeiro livro *The Outsider*, escrito quase vinte anos antes. O que me convenceu foi a curiosa mudança na consciência humana que começou a ocorrer por volta do ano 1750. O que aconteceu, muito simplesmente, foi que o homem subitamente aprendeu a devanear. Começou a usar a sua imaginação de uma forma completamente nova. De facto, poder-se-ia quase dizer que os seres humanos que existiam antes de 1750 tinham muito pouca imaginação.

Provavelmente acredita que, se pudesse apanhar uma máquina do tempo de volta à era de Shakespeare, acharia a vida muito mais fascinante do que hoje. Na verdade, achá-la-ia incrivelmente aborrecida e deprimente. As ruas tresandariam a estrume, urina, ratos mortos e vegetação em decomposição — um esgoto a céu aberto corria pelo meio da maioria delas, e as pessoas ricas usavam plataformas altas nos sapatos para evitar sujar os pés na lama espessa. Mas o que realmente o deixaria deprimido seriam as próprias pessoas.

Pensamos no nova-iorquino ou londrino moderno como um produto bastante pouco atraente da nossa civilização tecnológica. Mas ele é uma

alma nobre e sensível comparado com o elisabetano médio. Tal como refletido na literatura do período, o elisabetano era egocêntrico, estúpido — a maioria deles era analfabeta — e totalmente materialista. Era também terrivelmente cruel; uma mãe a morrer de fome com um filho ao peito nada significava para ele, e o seu entretenimento favorito era assistir a uma execução pública, na qual um homem era frequentemente marcado com ferros em brasa, depois meio enforcado, depois retirado ainda vivo e esventrado para que os seus intestinos se espalhassem. Os elisabetanos também adoravam frequentar o teatro, e as suas peças favoritas estavam cheias de sangue e violência — como o *Tamburlaine the Great* de Marlowe ou a *Spanish Tragedy* de Kyd — que terminavam com o palco empilhado de cadáveres.

Seria inútil culpá-los por isso — quando a vida é uma luta sem fim, as pessoas tornam-se duras e implacáveis. Mas é importante reconhecer que estas pessoas eram muito diferentes de nós num aspeto básico — faltava-lhes o que chamaríamos de imaginação. A maioria de nós aprendeu o truque de 'nos colocarmos no lugar dos outros', de imaginar como seria ser outra pessoa. Assim, os jornais podem sempre garantir grandes vendas se tiverem alguma história 'humana' sobre uma criança que perdeu o seu cão, um bebé a precisar de um transplante de coração, uma disputa de custódia entre pais divorciados. Os elisabetanos teriam achado isto desconcertante; para prender a sua atenção, uma história tinha de ser ou farsa ou cruel. *Dom Quixote*, um dos romances mais populares do século seguinte, mantinha os seus leitores num estado de deleite ao mostrar o seu herói a ser espancado até ficar inconsciente capítulo sim, capítulo não.

[1] *Tertium Organum*, Capítulo 14. [1] Citado no meu livro *The Occult*, p. 187, e em *Phantasms of the Living*, de Gurney, Myers e Podmore, Volume 2, p. 461. [1] Yeats: *Essays and Introductions*, p. 37.

A 'grande mudança' começou em meados do século XVIII — ou, para ser mais exato, no ano de 1740. Um ano antes, um impressor de 50 anos chamado Samuel Richardson fora incumbido por um editor de escrever uma espécie de guia de autoajuda sobre a arte da escrita de cartas. Sendo um pregador nato, Richardson decidiu escrever cartas que ensinassem aos seus leitores religião e moralidade, bem como a divisão em parágrafos e a pontuação, pelo que intercalou cartas comerciais e referências de caráter com cartas cheias de censura, bons conselhos e observações morais. E,

enquanto escrevia, recordou uma história que ouvira vinte anos antes, sobre uma bela 'dama de companhia' chamada Pamela, que fora levada ao limite do suicídio pelos esforços determinados do filho do seu patrão para a seduzir, mas que acabou por casar com ele. Inicialmente, os parentes do jovem tinham-na encarado com extrema desaprovação, mas a sua 'dignidade, doçura e humildade' acabaram por conquistar os seus corações.

A história de Pamela destinava-se, inicialmente, a fazer parte das *Familiar Letters*, mas a esposa de Richardson e uma jovem convidada acharam-na tão fascinante que ele depressa decidiu transformá-la num livro separado. *Pamela, ou a Virtude Recompensada*, apareceu — anonimamente — nas bancas de Londres a 6 de novembro de 1740, e tornou-se rapidamente a sensação literária da estação. A razão é simples: embora Richardson a tivesse idealizado como uma espécie de sermão sobre a importância da castidade, os seus leitores estavam mais interessados nas tentativas do jovem mestre de privar Pamela da sua virgindade — como, por exemplo, quando ele se esconde num armário enquanto ela se despoja da roupa, saltando depois sobre ela e atirando-a para a cama. (Ela é salva pela intervenção da governanta.)

Ou, mais tarde, quando ele tenta violá-la enquanto a madama de um bordel lhe segura as mãos, mas é impedido quando ela sofre uma espécie de ataque. Este tipo de coisas manteve-os a ler ofegantes ao longo de cerca de 800 páginas.

Efetivamente, *Pamela* foi uma espécie de tapete mágico que transportou o leitor para a vida das suas personagens. Na nossa era das telenovelas, isto tornou-se um lugar-comum; na década de 1740, parecia espantosamente original. Tinha havido imensos romances sobre lugares distantes com nomes de sonoridade estranha, dos quais *Robinson Crusoe* é ainda, de longe, o melhor. Mas ninguém se lembrara de escrever sobre o tipo de pessoas que poderiam viver na porta ao lado. Além disso, ao contrário da maioria dos romances do período, *Pamela* era um livro longo; o leitor podia perder-se nele durante dias a fio. Era, na prática, uma espécie de férias de ser si próprio.

A loucura por *Pamela* varreu a Europa. Produziu um apetite imenso por romances, e surgiram bibliotecas itinerantes em todas as cidades, da mesma forma que os cinemas surgiram na primeira década do século XX. A Europa tornou-se uma nação de leitores. E os jovens sensíveis fizeram a

descoberta interessante de que, se achassem o mundo real aborrecido e dececionante, nada os impedia de lhe virarem as costas e passarem os dias a viver a vida de outras pessoas.

E foi neste ponto que o jovem Wordsworth remou até ao meio do lago e foi dominado por uma sensação de 'formas enormes e poderosas que não vivem'. Se ele tivesse nascido meio século antes — por volta da altura em que Richardson escrevia *Pamela* — essa experiência teria sido impossível: ele teria contemplado as colinas do Lake District com o mesmo olhar prático dos trabalhadores agrícolas locais. Mas meio século de leitura de romances tinha ensinado as pessoas a usar a imaginação, e foi porque possuía uma imaginação vívida que Wordsworth pôde experienciar estes estranhos estados de liberdade total e de 'modos de ser desconhecidos'.

Havia, naturalmente, um problema básico nestas excursões mágicas a 'outros mundos' — elas faziam com que o mundo real parecesse terrivelmente monótono. Todos os jovens já experimentaram esta sensação após uma hora ou mais absorvidos num livro favorito — ou numa cassete de vídeo. É como sair para um vento frio depois de um banho quente. A reação de muitos destes 'românticos' — como se autodenominavam — foi passar ainda mais tempo no mundo mágico dos livros. E isto inevitavelmente fê-los odiar ainda mais o mundo real. Muitos suicidaram-se; muitos mais morreram tragicamente de doenças como a tuberculose, provocadas pela miséria e privação.

E muitos limitaram-se a seguir caminho tristemente, aceitando que a vida é uma longa desilusão, mas sonhando com coisas melhores. Um dos episódios mais comoventes em *Over the Bridge*, de Richard Church, descreve como um jovem de cabelo comprido e unhas sujas foi a sua casa afinar o piano. Ele fumava continuamente enquanto trabalhava. Quando terminou, o irmão de Richard, Jack, perguntou-lhe se ele lhe poderia dar umas dicas sobre como tocar uma sonata para piano de Beethoven — Jack andava a lutar sem sucesso com ela há semanas. 'O resultado foi como a abertura de uma represa.'

O músico franzino atirou o cabelo para trás, estalou os dedos e começou a tocar. E os dois rapazes ouviram em silêncio absorto enquanto a música magnífica fluía pela sala. Quando terminou, o músico limpou o rosto com um lenço sujo. Estava a suar e exalava um odor a ratos ou

morcegos. E Jack, demasiado comovido até para lhe agradecer, saiu apressado da sala para perguntar ao pai se podia ter lições de piano.

Esta imagem do músico, com as suas mãos por lavar e o lenço sujo, parece-me captar a essência da tragédia do *Outsider*. Dentro de si, ele carrega o mundo magnífico de Beethoven, até mesmo um toque do génio de Beethoven. Como se terá ele sentido ao sentar-se num autocarro apinhado, apertado entre operários e donas de casa, perguntando-se se teria dinheiro suficiente para outro maço de tabaco? Deve ter-lhe parecido que era uma espécie de criança trocada, condenada a uma vida de servidão por algum encantador malicioso. E isto, senti eu, era um dos maiores problemas do nosso mundo: que existem milhares de pessoas suficientemente inteligentes para dar algum contributo real à vida moderna, mas que estão condenadas a permanecer permanentemente desconhecidas.

Foi porque me sentia fascinado por este problema do 'Outsider', o desajustado inteligente, que escrevi o meu primeiro livro. O que parecia tão paradoxal era que estas pessoas não estavam a morrer por odiarem a vida. Pelo contrário, queriam mais vida. Poder-se-ia dizer que estavam em greve por um modo de vida mais interessante. O problema foi resumido pelo grande escritor romântico Hoffmann no seu romance *Murr, o Gato*, no qual o músico louco Kreisler diz à Princesa: 'Vossa alteza parece não estar muito interessada em sonhos, e no entanto é realmente nos sonhos que criamos asas de borboleta para podermos escapar desta prisão estreita e apertada, e voar, como mariposas cintilantes, até ao céu, até ao mais alto firmamento.' E acrescenta, com o seu humor típico: 'Todo o homem tem realmente uma inclinação inata para voar, e conheci pessoas sérias e respeitáveis que, ao fim da tarde, se enchem de champanhe, como um gás útil para ascender às alturas, sendo balão e passageiro ao mesmo tempo.'

'Sendo balão e passageiro ao mesmo tempo.' Esse era o grande sonho romântico. Mas ele acrescenta noutro passo do livro: 'Não é eternamente verdade que o nosso voo é impedido por pesos de chumbo que não conseguimos identificar — nem sabemos de onde vêm, nem quem nos os prendeu?' O próprio Hoffmann fez tentativas heroicas para voar, tanto ao escrever os seus famosos *Contos*, como ao beber vastas quantidades de vinho alemão, o que acabou por arruinar a sua saúde, levando-o a morrer na maior miséria.

Tudo isto explica por que razão cheguei a acreditar que o homem está prestes a dar um salto evolutivo para um estágio superior. Ele obviamente quer voar — não no sentido físico, mas nas asas da mente. E, como Bernard Shaw observou uma vez: 'O cérebro não falhará quando a vontade for firme.'

Assim, muito antes de escrever *The Occult*, eu estava convencido de que todos possuímos poderes desconhecidos de que apenas temos uma vaga consciência. Mas como nos tornamos conscientes deles? Como aprendemos a fazer uso deles? Uma coisa era óbvia para mim: que o primeiro passo é aprender a mergulhar dentro de nós mesmos. Imagine que alguém lhe ofereceu um vinho raro para provar, um vinho que foi feito enquanto Napoleão ainda era vivo.

A primeira coisa que faz é levá-lo aos lábios e, depois, mergulhar dentro de si mesmo, até não estar consciente de nada senão do cheiro e do sabor do vinho. A maioria de nós consegue lembrar-se de fazer algo do género em criança, ouvindo a chuva a tamborilar nas janelas e, talvez, encolhendo-se como uma bola na cama quente, totalmente feliz e relaxado. (Conheci uma rapariga que me contou que, sempre que fazia isto em criança, costumava murmurar para si mesma: 'Não é bom ser eu?')

É significativo que John Cowper Powys, com quem já nos cruzámos, atribuísse grande importância a este 'truque' de mergulhar dentro de si mesmo. Descreveu-o pela primeira vez num romance chamado *Wolf Solent*, publicado em 1929 — isto é, na mesma altura do incidente em que ele 'apareceu' a Theodore Dreiser. E esta coincidência é, por si só, suficiente para nos fazer perguntar se não haverá alguma ligação entre as duas coisas. Olhemos um pouco mais de perto para *Wolf Solent*.

O romance abre com um longo capítulo típico de Powys — a descrição de uma viagem de comboio. O parágrafo de abertura dá o tom:

'Da estação de Waterloo até à pequena cidade rural de Ramsgard, em Dorset, é uma viagem de não mais de três ou quatro horas, mas tendo, por boa sorte, encontrado um compartimento só para si, Wolf Solent pôde entregar-se a tal orgia de pensamento concentrado, que estas três ou quatro horas se alongaram em algo para além de toda a medida humana...'

A primeira coisa que se sente é que Powys não tem pressa. Quase se consegue senti-lo a rir para si mesmo enquanto se acomoda —

imaginativamente — naquele compartimento de comboio e se prepara para se entregar à sua ‘orgia’ de pensamento. Portanto, tentemos seguir o seu exemplo — isto é, relaxar profundamente e esquecer toda a impaciência. A menos que consiga colocar-se nesse estado de espírito de abandono pacífico, de não se importar com o tempo que isto demora, perderá o essencial do que Powys está a dizer.

‘Uma mosca varejeira zumbia para cima e para baixo acima da sua cabeça, pousando de vez em quando num dos cartazes coloridos de estâncias balneares — Weymouth, Swanage, Lulworth e Poole — limpando as patas dianteiras nos mastros de navios pintados ou nas areias de águas impossivelmente cerúleas.

‘Através da janela aberta perto da qual estava sentado, de frente para a locomotiva, os ares suaves de uma manhã de março invulgarmente relaxada visitavam-lhe as narinas, transportando fragrâncias de rebentos verdes jovens, de valas lamacentas e húmidas, de matas de aveleiras cheias de musgo húmido e de prímulas em taludes de sebes relvados e quentes.’

Tudo isto se destina a hipnotizar o leitor: o zumbido da varejeira, os ‘ares suaves de uma manhã de março invulgarmente relaxada’, a fragrância dos rebentos verdes. Depois de nos apresentar o seu herói e explicar que ele está a caminho de Dorset para aceitar um emprego como consultor literário de um fidalgo, Powys conta-nos o quanto Wolf odeia Londres, com a sua correria incessante, e o quanto detesta todo o mecanicismo bárbaro da civilização moderna. Numa imagem que teria muito mais apelo agora do que teve em 1929, diz-nos que Wolf vê a terra inteira como um sapo indefeso, vivisseccionado, ‘escavado, goivado e gradeado’.

‘E então’, diz Powys, ‘esticando ainda mais as pernas e recostando-se nas almofadas poeirentas, dispôs-se a medir os recursos do seu espírito contra estes mecanismos malditos. Fê-lo com toda a gravidade, sem qualquer mal-estar cómico perante a arrogância de tal procedimento. Por que não haveria ele de opor a sua força magnética individual contra a maquinaria tirânica inventada por outros homens?

‘De facto, o arrepio de exultação maliciosa que lhe percorreu os nervos ao pensar nestas coisas tinha uma semelhança curiosa com o estranho êxtase que costumava retirar de certas lendas mitológicas divinas. Ele nunca confessaria a nenhuma pessoa viva a intoxicação divina de

personalidade que lhe advinha de se imaginar uma espécie de força demiúrgica, retirando o seu poder do próprio coração da Natureza.'

E, enquanto ali está sentado, a ver os postes de telégrafo passar num relance, Wolf imagina-se um gigante pré-histórico 'que, com uma facilidade sem esforço, corria ao lado do comboio, saltando sebes, valas, caminhos e charcos, e rivalizava facilmente, em velocidade silenciosa inata, com o mecanismo ruidoso de todos aqueles pistões e rodas dentadas.'

Duas páginas depois — Powys é mestre na lentidão — ele tenta analisar este 'dispositivo mental' que lhe dá tanta força peculiar.

'Tratava-se de um certo truque que ele tinha de fazer o que chamava "mergulhar na sua alma". Este truque fora um costume furtivo seu desde tempos muito recuados. Na sua infância, a mãe brincava frequentemente com ele sobre o assunto, à sua maneira despreocupada, e aplicava a estes transes, ou a estes acessos de distração, um nome de infância divertido mas um tanto indecente. O seu pai, por outro lado, encorajava-o nestes estados de espírito, tratando-os com muita gravidade e portando-se com ele, quando estava sob o seu feitiço, como se ele fosse uma espécie de mago infantil.'

Wolf chama a este hábito peculiar 'mitologia' ou 'mitologizar', um nome estranhamente dececionante para um conceito de importância tão transcendental. E admite que isso o faz sentir 'como se tivesse sido uma criança trocada de um planeta diferente, um planeta onde as questões da vida — a grande luta dualista entre a vida e a morte — nunca saíam do círculo encantado da consciência privada do indivíduo.'

Por outras palavras, o problema com o nosso planeta é que nos mantém emaranhados na trivialidade, por isso nunca temos oportunidade de confrontar estas grandes questões.

O que é tão interessante em toda esta passagem é aquela estranha sensação de poder que expressa. Wolf sabe que, quando mergulha profundamente dentro de si mesmo, tem a força e a capacidade de 'medir os recursos do seu espírito contra estes mecanismos malditos'. Ele torna-se uma espécie de mago. Podemos, naturalmente, descartar isto como puro pensamento ilusório — até nos lembrarmos de como ele foi capaz de se 'projetar' de volta ao apartamento de Dreiser em Nova Iorque.

Num romance posterior, *Porius*, Powys inventa um nome ainda mais pesado para este hábito de se retirar para o seu íntimo; o seu jovem herói batizou-o de ‘cavoseniargizar’ — o que sugere a retirada para uma caverna (*cave*). O que ele quer dizer é que existem certos momentos em que o abismo entre o seu corpo e a sua alma é, de algum modo, transposto, ‘de tal modo que a sua alma se via capaz de seguir cada curva e ondulação das suas sensações corporais e, no entanto, permanecer suspensa acima delas’.

Normalmente temos a sensação de que o corpo é um servo pouco disposto que nos obedece apenas com relutância; contudo, em estados de espírito como os que Porius descreve, a sensação de falta de vontade desaparece e parece que o corpo é simplesmente a parte visível da alma. Pilotos de corridas a 200 milhas por hora descreveram ocasionalmente a mesma sensação estranha de estarem suspensos acima de si próprios, embora mantendo o controlo total. É a sensação que convenceu os Românticos de que o homem é, na verdade, um deus.

Neste ponto, regressemos por um momento às observações feitas pelo músico louco de Hoffmann, Kreisler: que ‘é nos sonhos que criamos asas de borboleta pelas quais podemos escapar da nossa prisão e ascender aos mais altos céus’, e que ‘todo o homem tem uma inclinação inata para voar’. A primeira observação adquire um novo significado quando pensamos na senhora de vermelho de Dickens, Miss Napier, e a segunda quando recordamos a descrição de Church sobre a manhã em que subitamente percebeu que podia voar. ‘Senti tanto o poder como a exultação a inundarem-me as veias. O sangue ardia quente dentro de mim, subindo ao meu cérebro e latejando ali... Eu descobrira o embuste do tempo e do espaço...’ Em suma, Church estava inconscientemente a fazer o que Wolf Solent faz no comboio: estava a ‘cavoseniargizar’. E, momentos depois, estava literalmente a voar. ‘Cavoseniargizar’ parece ser a chave para poderes ‘mágicos’ — a chave, por exemplo, para aquelas coincidências absurdas que Jung chamou de ‘sincronicidades’ e que ele acreditava serem, de algum modo, causadas pela mente inconsciente.

Por outras palavras, Powys está realmente a sugerir que controlamos este curioso poder sobre o espaço e o tempo e que, se soubéssemos o truque, poderíamos exercê-lo quando quiséssemos. Pense novamente na experiência de provar um vinho muito raro: a forma como tenta induzir o

que Shaw chamou de ‘o sétimo grau de concentração’ e desce dentro de si mesmo.

Reconheço que palavras como ‘cavoseniargizar’, ou mesmo ‘mitologizar’, dificilmente alcançarão grande popularidade: ambas são demasiado desajeitadas. Mas não tenho a certeza de que o meu substituto seja melhor. Sempre chamei a esta ‘autoabsorção’ deliberada subjetivizar, tendo em conta a observação de Kierkegaard: ‘A verdade é a subjetividade.’ Ele referia-se obviamente a esta descida para o nosso interior, como se estivéssemos a entrar num elevador e a carregar no botão com a etiqueta ‘Cave — 7.º nível’.

Os românticos viram a resposta, mas abordaram-na da forma errada. O seu problema, muito simplesmente, era a imaturidade. Se pedisse a uma criança de 5 anos para imaginar o que a tornaria mais feliz, ela provavelmente descreveria uma festa de Natal sem fim com fatias de bolo glacé e doces. Se pedisse a um adolescente o que o faria mais feliz, ele provavelmente descreveria uma rapariga encantadora que olhasse para ele com olhos de adoração. Os românticos ainda pensavam em termos de bolos glacé e raparigas bonitas.

No início do século XIX, o romancista romântico mais famoso era um alemão chamado Richter, conhecido como Jean Paul, cujos romances estão cheios do seu equivalente a bolos de Natal e raparigas bonitas. Um olhar sobre o seu romance mais famoso, *Titan*, dar-nos-á a essência do romantismo em poucas palavras. No capítulo de abertura, o seu jovem herói, o Conde Albano, regressa a Isola Bella (Ilha Bela), a ilha onde nasceu e da qual saiu ainda bebé. A sua mãe morreu e ele nunca viu o próprio pai; agora regressa para conhecer o pai — um cavaleiro austríaco — pela primeira vez. Dois amigos transportam-no num barco para a ilha durante a noite, e depois levam-no, de olhos vendados, até ao topo dos dez terraços do jardim. Quando os primeiros raios de sol brilham no horizonte, o seu amigo Dian — um pintor grego — retira-lhe a venda:

‘“Oh Deus!”, gritou Albano com um grito de êxtase, enquanto todas as portas do novo céu se escancaravam, e o Olimpo da natureza, com os seus mil deuses repousantes, surgia em redor dele.

‘Que mundo! Ali estavam os Alpes, como gigantes irmãos do Velho Mundo, unidos entre si, longe no passado, erguendo bem alto contra o sol

os escudos brilhantes dos glaciares. Os gigantes usavam cinturas azuis de floresta e, a seus pés, estendiam-se colinas e vinhas e, através das alamedas e arcos de cachos de uvas, os ventos da manhã brincavam com as cascatas como com fitas de seda moiré, e o espelho líquido e transbordante do lago pendia como que suspenso das montanhas pelas fitas, e elas esvoaçavam para dentro do espelho, e um trabalho esculpido de bosques de castanheiros formava a sua moldura.

'Albano rodou lentamente sobre si mesmo, olhou para as alturas, para as profundezas, para o sol, para as flores; e em todos os cumes ardiam os fogos de alarme da poderosa Natureza, e em todas as profundezas jaziam os seus reflexos. Um terramoto criativo batia como um coração sob a terra e fazia brotar montanhas e mares.

'Oh, então, quando viu no seio da mãe infinita as criancinhas a fervilhar, enquanto passavam velozes sob cada vaga e cada nuvem — e quando a brisa matinal conduzia navios distantes por entre os Alpes — e quando a Isola Madre se erguia à sua frente, com os seus sete jardins, e o tentava a apoiar-se no ar e a ser levado num voo plano do seu cume até ao dela — e quando viu os faisões a lançarem-se da Madre para as ondas — então pareceu ele estar como uma ave de tempestade de plumagem eriçada no seu ninho florido, os seus braços foram erguidos como asas pelo vento da manhã, e ele ansiou por se atirar do terraço atrás dos faisões e arrefecer o coração na maré da Natureza.'

Temos aqui uma espécie de equivalente verbal da pintura de Van Gogh, *A Noite Estrelada*, com as suas árvores em forma de labaredas e o seu céu que ferve como um redemoinho de pura vitalidade. De facto, Jean Paul nem sempre escreve neste nível extático; muitas das suas obras são sobre humildes mestres-escola que vivem tranquilamente numa pequena aldeia rural, casam com uma rapariga local e passam a vida pacificamente a ensinar às crianças as primeiras letras e a escrever poesia que nunca tentam publicar.

Mas, quer esteja a escrever sobre paisagens magníficas ou aldeias idílicas, percebemos por que razão milhares de jovens leram Jean Paul com lágrimas nos olhos e o consideraram o maior escritor desde Shakespeare. Parece absurdamente irónico que ele esteja agora totalmente esquecido.

Mas o que é tão interessante aqui é o quanto as coisas mudaram nos sessenta anos que mediam desde *Pamela*. Richardson era um realista; as pessoas liam-no porque ele escrevia sobre o tipo de pessoas que elas conheciam. Mas se vai ser levado por um escritor, tal como Simbad, o Marinheiro, era levado pelo ar pelo pássaro roca, mais vale optar por histórias sobre jovens condes com pais misteriosos, que se passam no meio de cenários magníficos. Se, como a maioria dos leitores de Jean Paul, nunca tinha saído da sua cidade ou aldeia natal, então por que não usufruir também dos benefícios de um documentário de viagens em tecnicolor?

Mas ao ler a esplêndida descrição de Jean Paul sobre Isola Bella, notará que o estado de espírito que ela tenta induzir é de abandono. Tal como Albano, é suposto gritar 'Oh Deus!' e sentir vontade de se atirar do terraço e planar como um pássaro sobre o mar. Jean Paul está a tentar convencê-lo a entregar-se a esta paisagem maravilhosa, como uma rapariga se entrega a um amante. E aqui encontramos o maior problema dos românticos. Eles podem ter intuições de poderes ocultos, da capacidade de voar ou de flutuar no ar como um balão. Mas é tudo, basicamente, bolo de Natal e raparigas bonitas. Fica-se sentado passivamente à espera que lhe seja entregue numa bandeja. Church, por outro lado, é impelido pela sua intuição a fazer um esforço súbito: 'Exerci essa vontade, visualizando as minhas mãos e pressionando para baixo sobre o centro da terra. Não foi surpresa para mim que tenha deixado o chão...'

E o estudante Beard, recordamos, estivera a ler um livro sobre o poder da vontade quando decidiu tentar 'aparecer' à sua noiva, Miss Verity.

Estes 'poderes ocultos' de que falamos exigem um certo esforço, uma atitude não passiva — algo como o 'arrepio de exultação maliciosa' de Powys, o sentimento de que ele é uma 'força demiúrgica', não uma criatura passiva à espera de ser arrebatada.

No capítulo seguinte, quero olhar mais de perto para alguns destes 'poderes ocultos' e para os métodos pelos quais podemos contactá-los. Mas é importante, acima de tudo, lembrar que o método para contactar estes poderes consiste em 'subjetivizar', retirando-se para dentro de si mesmo. Este é o segredo básico da 'magia'.

Os Poderes do Eu Oculto

SEIS ANOS ANTES da publicação de *Pamela*, a mulher de um guarda-caça nas margens do Lago Constança, na Áustria, deu à luz um filho cuja influência seria tão tremenda e profunda como a de Samuel Richardson. Infelizmente para Franz Anton Mesmer, ele não era romancista, mas sim cientista e filósofo — digo infelizmente porque todos adoram uma boa história, mas poucas pessoas gostam que lhes peçam para pensar. Mesmo as pessoas inteligentes têm tendência a reagir a ideias originais com indiferença ou hostilidade. Por isso, a contribuição espantosa de Mesmer trouxe-lhe pouco mais do que problemas e, quando morreu em 1815, estava praticamente esquecido. No entanto, as suas ideias, como veremos, são virtualmente o pilar intelectual da psicologia moderna.

Mesmer cresceu no meio de paisagens montanhosas pacíficas, e isso marcou-o para toda a vida. O seu temperamento naturalmente religioso inclinava-o para o sacerdócio, mas depois de frequentar uma universidade jesuíta em Dillingen, percebeu que a sua imensa curiosidade apontava para uma carreira na ciência e na filosofia. Assim, estudou filosofia, depois direito e acabou aos 32 anos também com um diploma de medicina. Curiosamente, a sua tese de doutoramento intitulava-se ‘A Influência dos Planetas sobre o Corpo Humano’.

Mas a sua tese era menos absurda do que parece. Mesmer acreditava que a natureza é percorrida por energias invisíveis — a força da gravidade é um exemplo — e que, quando estamos em sintonia com estas energias, somos saudáveis. Quando as energias são bloqueadas, quer por problemas físicos quer por atitudes mentais negativas, tornamo-nos doentes. Se as energias puderem ser desbloqueadas, tornamo-nos saudáveis novamente.

Esta atitude otimista trouxe-lhe sucesso e, em dois anos, casou-se com uma das suas pacientes ricas, a viúva von Posch, mudando-se para uma magnífica casa em Viena, onde contava os Mozart entre os seus muitos amigos. Parecia que nada se poderia atravessar no caminho de uma vida inteira de boa fortuna e respeitabilidade.

Mas como podem as "energias vitais" ser desbloqueadas? Uma forma óbvia é induzir uma crise — reconhecemos isto quando tomamos aspirina para nos livrarmos de uma constipação, fazendo-nos transpirar. No tempo de Mesmer, a maioria dos médicos tentava induzir uma crise através da sangria do paciente, o que, por incrível que pareça, parecia muitas vezes funcionar. Mas haveria certamente formas mais fáceis. Em 1773, ele

pensou ter tropeçado na solução. O seu amigo Padre Maximilian Hell, Professor de Astronomia na Universidade de Viena, tinha andado a fazer experiências com ímanes e estava inclinado a acreditar que estes poderiam desbloquear os fluidos vitais — chegou mesmo a conceber ímanes com formas especiais que se ajustavam a várias partes do corpo.

Mesmer testou a ideia num paciente em 1773, levando consigo o seu amigo Leopold Mozart. Franziska Oesterlein, de 29 anos, jazia na cama sofrendo de debilidade geral. Mesmer tentou aplicar alguns dos poderosos ímanes de Hell, movendo-os do estômago dela até aos pés. Após cerca de uma hora, a Frau Oesterlein relatou correntes estranhas a moverem-se pelo seu corpo. Estas intensificaram-se até uma crise e ela acabou por se sentir muito melhor. Doses repetidas do tratamento magnético curaram-na rapidamente.

O Padre Hell estava naturalmente inclinado a reivindicar o mérito e, ao início, Mesmer estava inclinado a concedê-lo generosamente. Depois, notou algo bastante peculiar. Um dia, ao sangrar um paciente, percebeu que o fluxo de sangue aumentava quando ele se aproximava e diminuía quando ele se afastava. Parecia que o seu próprio corpo estava a produzir o mesmo efeito que os ímanes. Em vez de usar ímanes, começou a passar as mãos levemente sobre o paciente. Isto parecia funcionar tão bem como o resto. E, à medida que testava o método em mais pacientes, Mesmer decidiu que tinha descoberto o princípio básico da cura: não o magnetismo "magnético" comum, mas o magnetismo animal.

Em 1779, publicou um panfleto sobre a sua descoberta. Para seu espanto, esta despertou uma hostilidade geral em vez do aclamar que esperava dos seus colegas da profissão médica. Estes insistiam que Mesmer era um charlatão que curava os seus pacientes por mera sugestão — uma noção na qual havia, obviamente, uma certa dose de verdade. Sugeriram também que os motivos de Mesmer ao passar as mãos pelos corpos das pacientes do sexo feminino não seriam tão puros como deveriam.

À medida que os pacientes ricos falavam de curas espetaculares, a hostilidade crescia. Mesmer passou uma semana na propriedade do Barão Haresky de Horka, que sofria de "espasmos" e ataques inexplicáveis, e persistiu ao longo de uma semana dececionante em que parecia que o barão não estava a responder ao tratamento. Foram precisos seis dias até o barão começar a estremecer com paroxismos asmáticos. Quando Mesmer

segurava o pé do barão, estes paravam; quando segurava a sua mão, começavam de novo. Claramente, Mesmer estava a controlar os fluidos vitais do barão e a fazê-los fluir à vontade. Com o seguimento deste processo, raciocinou ele, todos os bloqueios seriam removidos, como amontoados de gravetos e folhas num riacho, e as energias fluiriam sem impedimentos. E assim foi; quando Mesmer regressou a Viena, o barão estava curado.

Sem se deixar abater pela hostilidade crescente, Mesmer pensou em novas formas de distribuir o fluido magnético: ele "magnetizava" jarros de água, ligava os jarros com bandas metálicas e colocava o aparelho numa grande tina de madeira meio cheia com limalha de ferro e água. Os pacientes sentavam-se com os pés na água, ou sentavam-se com as costas encostadas a árvores magnetizadas. Os resultados eram notáveis — mas os seus colegas apontavam que deixar homens e mulheres com pouca roupa em contacto próximo uns com os outros provavelmente estimularia os seus fluidos vitais de qualquer maneira.

O anjo da guarda de Mesmer estava de folga no dia em que ele aceitou tratar uma jovem pianista cega chamada Maria Theresa Paradies, uma protegida da Imperatriz. Ele não sabia que a cegueira dela se devia a um descolamento da retina. Curiosamente, após algumas semanas de tratamento na casa de Mesmer, a rapariga ficou convencida de que conseguia ver vagamente. Um Professor Barth foi enviado para a examinar e admitiu em privado a Mesmer que ela parecia ter melhorado. Mas o seu relatório afirmava que ela continuava cega — o que era, sem dúvida, verdade. A rapariga teve de ser retirada da casa de Mesmer à força. E Mesmer, cansado de insultos e ameaças, decidiu mudar-se para Paris em 1778.

Aqui encontrou a mesma mistura de aclamação e vilipêndio. O Dr. Charles D'Eslon, médico pessoal do irmão do rei, tornou-se um admirador fervoroso e deu palestras sobre as ideias de Mesmer na Sociedade de Medicina em 18 de setembro de 1790. As curas em grupo misto de Mesmer continuaram a atrair dezenas de pacientes ricos, que se sentavam com os pés na tina de madeira ou *baquet*, e formavam uma corrente pressionando os seus corpos uns contra os outros para facilitar o fluxo do fluido vital. Um paciente, o Major Charles du Hussay, foi curado das sequelas do tifo, que o tinham transformado num farrapo humano trémulo, através de uma

"crise" que lhe fez bater os dentes durante um mês, mas que o deixou perfeitamente restabelecido.

Casos como este impressionaram tanto o rei que ele ofereceu a Mesmer uma pensão vitalícia para permanecer em França; Mesmer exigiu meio milhão de francos para investigação. Quando o rei recusou, ele deixou a França — no mesmo dia em que D'Eslon dava uma palestra na faculdade de medicina — e regressou apenas quando os seus pacientes contribuíram com 350.000 luíses de ouro, muito mais do que o que tinha pedido. Mas Mesmer tinha feito um inimigo do rei, que nomeou uma "comissão" de cientistas para investigar as ideias de Mesmer.

Esta incluía o grande americano Benjamin Franklin, o químico Lavoisier (que viria a perder a cabeça na Revolução) e o inventor de uma nova máquina de decapitação, um certo Dr. Guillotin. É um episódio que desabona Franklin, que estava muito preconceituoso contra Mesmer. Franklin estava também doente, pelo que não assistiu efetivamente a nenhuma das "experiências". Mas assinou o relatório que descartava o "magnetismo animal" como mera imaginação. Mesmer estava ausente de França na altura (1794) e nem sequer foi consultado. Regressou, mas nada conseguiu restaurar a sua fortuna. Um médico hostil apresentou-se como paciente, deixou que Mesmer o "curasse" e depois escreveu um relatório denunciando-o como um charlatão. Este tipo de coisas não tinha resposta possível. Após a Revolução (durante a qual perdeu todo o seu dinheiro), Mesmer fugiu. A polícia austríaca impediu-o de regressar a Viena. Passou o seu último quarto de século a viver calmamente em Constança, não muito longe do seu local de nascimento.

Ora, pode parecer a muitos leitores de mente aberta que os críticos de Mesmer não estavam de todo incorretos: que as suas teorias eram absurdas e que as suas curas se deviam, de facto, à "sugestão". No entanto, isto é realmente perder o foco essencial. Devemos lembrar, para começar, que a medicina no tempo de Mesmer era completamente "materialista", no sentido em que se acreditava firmemente que todos os problemas médicos tinham origem física (ao que acrescentavam como corolário: "e podem ser curados com sangrias").

Mesmo que adotemos a visão menos simpática de Mesmer, temos de reconhecer que ele tinha tropeçado num reconhecimento de tremenda importância: que a mente desempenha um papel tão importante na doença

como o corpo. Se os seus colegas céticos tivessem tido a mente aberta o suficiente para estudar as suas curas, em vez de as atacarem como charlatanice, ter-se-iam visto a fazer perguntas que teriam criado uma ciência da psicologia um século antes de Freud.

Em segundo lugar, a nossa convicção de que as ideias de Mesmer sobre o magnetismo e o "magnetismo animal" se baseiam em pura ignorância pode bem estar incorreta. Até ao final do século XIX, muitos médicos ainda realizavam experiências sérias com ímanes e produziam alguns resultados extremamente interessantes — por exemplo, fazendo com que uma paralisia se movesse de um lado do corpo para o outro. Esquecemo-nos de tudo isto, e os nossos descendentes poderão muito bem abanar a cabeça perante a nossa complacência.

Além disso, no século XX, outro rebelde notável, Wilhelm Reich, chegou independentemente à conclusão de que a saúde é governada por "marés" de fluido vital; ele chamou a isto "energia orgone". Reich era, em muitos aspetos, um excêntrico; era mais freudiano do que Freud e acreditava que toda a doença pode ser explicada em termos de neurose sexual. No entanto, a sua indiferença aos dogmas científicos correntes levou-o a algumas descobertas interessantes que podem muito bem ser um dia consideradas como um contributo importante para a ciência moderna.

Pode também ser mencionado de passagem que foi agora cientificamente estabelecido que o corpo humano possui uma "aura" ou "campo vital", que parece ser de natureza elétrica. Um jovem biólogo chamado Hans Driesch dividiu um ovo de ouriço-do-mar em dois e matou uma das metades; a outra metade não se transformou em meio embrião de ouriço-do-mar; para sua surpresa, transformou-se num embrião perfeito, mas mais pequeno. Quando ele pressionava dois embriões um contra o outro, eles transformavam-se num embrião de tamanho duplo. Driesch percebeu que deve haver uma espécie de plano invisível, como um campo magnético, que "molda" os seres vivos, tal como um íman pode moldar limalhas de ferro numa folha de papel.

Um experimentador posterior, Harold Saxton Burr, descobriu que podia medir este "campo vital" com um voltímetro e diagnosticar doenças a partir das suas flutuações. Efetivamente, ele colocou o que os ocultistas chamam de "a aura humana" numa base científica. É quase certo que era isto que Mesmer estava a afetar com os seus campos magnéticos.

Mas Mesmer é o pai da psicologia moderna num sentido muito mais importante.

Um dos seus discípulos mais ricos em Paris era um marquês chamado Armand Marie-Jacques de Chastenet, apelidado de Puységur, e ele e os seus dois irmãos mais novos tinham pago a Mesmer a vasta soma de 400 luíses pela formação nas suas técnicas. Ele procedeu então à aplicação das mesmas com entusiasmo aos criados e rendeiros da sua propriedade em Buzancy, perto de Soissons, sendo o seu primeiro passo "magnetizar" uma tília no parque.

Um dos criados era um pastor de 20 anos chamado Victor Race, e Puységur procedeu a atá-lo à tília e a fazer gestos "magnéticos" à frente do seu rosto. Após alguns "passes", Victor fechou os olhos e adormeceu. O marquês ordenou-lhe que acordasse e se desatasse. Para sua surpresa, Victor desatou-se sem abrir os olhos. Depois, saiu a vaguear pelo parque. Puységur ficou perplexo; sabia que tinha induzido algum tipo de transe, mas não tinha ideia da sua natureza. Mais de dois séculos depois, a ciência ainda se encontra sensivelmente na mesma posição.

O que Puységur tinha feito, claro, foi tropeçar na hipnose — uma técnica que mais tarde veio a ser chamada (incorretamente) de "mesmerismo". (O próprio Mesmer preferia chamar-lhe sonambulismo — a palavra hipnotismo foi inventada em 1843 por James Braid.) E, à medida que continuava a praticar com Victor, Puységur fez algumas descobertas desconcertantes — por exemplo, que podia dar ordens mentais a Victor e o pastor respondia exatamente como se tivessem sido proferidas em voz alta. Além disso, Puységur podia manter conversas com Victor nas quais a sua própria parte não era falada, e Victor respondia exatamente como se ele tivesse falado em voz alta. Victor podia até ser levado a parar de falar a meio de uma palavra. Puységur descreve nas suas *Mémoires pour servir à l'histoire et à l'établissement du magnétisme animal* (1809) como conseguiu inclusivamente que Victor repetisse as palavras de uma canção que ele — o marquês — estava a cantar mentalmente. O que era igualmente interessante era que Victor era normalmente um jovem um pouco estúpido, mas que, quando hipnotizado, se tornava muito mais inteligente e percetivo.

Que isto não foi um acaso foi provado em experiências com outra pessoa chamada Madeleine. Perante uma audiência, Puységur colocava-a

em transe, dava-lhe várias ordens mentais — que ela executava — e depois convidava membros da audiência a transmitir-lhe as suas próprias ordens mentais — por exemplo, pedindo-lhe que pegasse num determinado objeto. Vezes sem conta, sem hesitação, Madeleine ia direta ao objeto e pegava nele. Para demonstrar que Madeleine não estava simplesmente bem acordada e a espreitar (apesar de ter os olhos fechados), ele vendava-a com um pedaço de pano grosso; tal não fazia diferença na sua resposta imediata às sugestões mentais.

Um cético — um barão — suspeitou que Puységur tinha algum código através do qual comunicava com Madeleine e pediu que a experiência fosse realizada na casa de um amigo comum, o M. Mitonard. Puységur concordou e, na casa de Mitonard, não perdeu tempo a hipnotizar Madeleine e a colocá-la "em relação" com Mitonard. Mitonard deu-lhe então várias ordens mentais e observou-a a executá-las. Subitamente, Mitonard ficou parado como se estivesse perdido em pensamentos. Após um momento, Madeleine meteu a mão no bolso dele e tirou três pequenos parafusos que lá encontrou; Mitonard admitiu que os tinha colocado lá para esse propósito e que agora estava totalmente convencido. O mesmo aconteceu com outro cético chamado Fournel, que afirmara que nove décimos destes estranhos fenómenos "magnéticos" se deviam a fraude; mas quando o próprio Fournel foi capaz de ordenar "mentalmente" a uma pessoa hipnotizada — com os olhos vendados — que fosse a uma mesa, selecionasse um chapéu entre vários outros objetos e o colocasse na cabeça, teve de admitir que a fraude tinha de ser descartada.

Fosse qual fosse a explicação, Puységur tinha virtualmente demonstrado a "magia" em público. Tinha também minado totalmente o tipo de materialismo que se estava a tornar tão popular na época e que afirmava que o homem é uma máquina e que a mente é um mero produto do corpo, tal como o calor e a luz são produtos da queima do carvão. Puységur provara que a mente é, de alguma forma, independente do corpo e superior a este.

As suas demonstrações deveriam ter causado a maior sensação desde a invenção da roda. Por que não o fizeram? Devido ao infeliz acidente de estarem associadas ao nome altamente suspeito de Mesmer. Mesmer era uma fraude. O "magnetismo" devia-se realmente à sugestão. Portanto, o hipnotismo também era uma fraude, e todas as demonstrações do mundo

falharam em provar o contrário. A hostilidade era tão tremenda que o "mesmerismo" foi tornado ilegal em França (e algo semelhante aconteceu na Áustria), e um médico que sequer expressasse o seu apoio às ideias de Mesmer — quanto mais as praticasse — podia perder a sua licença.

A profissão médica estava num estado de quase-histeria, determinada a erradicá-lo, se necessário, a ferro e fogo. O mesmerismo permaneceu — cientificamente falando — um pária durante a maior parte do século XIX, e qualquer médico que se interessasse por ele fazia bem em manter o silêncio.

A tempestade ainda não se tinha dissipado por volta de 1809, quando Puységur publicou o seu primeiro livro sobre hipnotismo. Tudo o que tivesse que ver com Mesmer era ainda encarado com a mais profunda hostilidade. Mas muitos médicos levaram a sério o comentário de Jussieu de que os fenómenos mereciam investigação adicional e conduziram as suas próprias experiências. D'Eslon — o defensor original de Mesmer em França — registou o caso de um homem que conseguia jogar cartas com os olhos fechados. Um experimentador holandês descreveu o caso de um rapaz hipnotizado que conseguia ler com as pontas dos dedos e de uma rapariga que conseguia ler a sua mente e descrever pessoas e lugares que ele conhecia (mas ela não). Um experimentador alemão descreveu um rapaz epilético que conseguia distinguir cores com as solas dos pés, mesmo quando tinha meias calçadas.

Em Baden, uma rapariga hipnotizada leu corretamente uma mensagem num envelope selado — embora o próprio hipnotizador não soubesse o que lá estava escrito. Na Suécia, um professor descreveu uma rapariga que era capaz de ler um livro quando este era colocado aberto sobre o seu estômago, enquanto os seus olhos estavam vendados. Este fenómeno particular foi observado vezes sem conta com "sensitivos". Em Inglaterra, um jovem professor primário chamado Alfred Russel Wallace — que viria mais tarde a partilhar com Darwin a honra de "descobrir" a evolução — descobriu que um dos seus alunos, sob hipnose, conseguia partilhar o seu próprio sentido de paladar e olfato; quando Wallace provava sal, ele fazia uma careta; quando Wallace provava açúcar, ele fazia movimentos de sucção encantados.

Quando Wallace esppetava um alfinete em si próprio, o rapaz dava um salto e esfregava a parte correspondente do seu próprio corpo.

O que tudo isto claramente demonstrava era que os seres humanos têm "poderes desconhecidos" que não são geralmente reconhecidos. Mas como são tão fáceis de demonstrar em laboratório, obviamente deveriam ser reconhecidos. Então por que eram ignorados? Não sejamos demasiado severos com os médicos e cientistas que denunciaram Mesmer. Não foi pura estupidez e maldade. A ciência simplesmente não estava pronta para estas descobertas. Estava a caminhar ao seu próprio ritmo lento, descobrindo a eletricidade, os átomos, os meteoritos.

(Em 1768, o grande químico Lavoisier — que relatou desfavoravelmente sobre Mesmer — foi incumbido pela Academia Francesa de Ciências de ir investigar uma grande "pedra" que tinha caído do céu num lugar chamado Luce. O seu relatório afirmava que todas as testemunhas deviam estar enganadas, pois "pedras" não caíam nem podiam cair do céu; não foi senão no século seguinte que a existência de meteoritos foi reconhecida pela ciência.) Se a ciência tivesse avançado muito mais depressa, poderia ter sido levada a todo o tipo de suposições falsas — como Mesmer foi.

Por outro lado, não restam dúvidas de que Mesmer e Puységur teriam abanado as cabeças em espanto se lhes dissessem que, dois séculos após as suas descobertas, a ciência ainda se recusa a reconhecê-las. Isso é levar o conservadorismo ao ponto da pura teimosia.

Claro que agora aceitamos a hipnose como uma realidade. Isso aconteceu nas últimas décadas do século XIX, principalmente através das investigações do grande médico francês Jean-Martin Charcot, que dirigia o Hospital da Salpêtrière (principalmente para pacientes muito pobres) em Paris. Charcot estava intrigado com o fenómeno da histeria — como uma mulher podia acreditar que estava grávida e o seu estômago inchar, ou um homem acreditar que o seu braço estava paralisado e ser incapaz de o mover. Ele depressa descobriu que podia induzir exatamente os mesmos efeitos por hipnose, e deu demonstrações espantosas em que as pessoas se punham de gatas e ladravam como cães, ou batiam os braços quando lhes diziam que eram pássaros, ou até comiam um pedaço de carvão com deleite quando lhes diziam que era chocolate. Como Charcot praticava com pobres e desvalidos, os seus colegas médicos ricos não se sentiram ameaçados como os colegas de Mesmer se tinham sentido. E ficaram completamente convencidos quando Charcot anunciou a sua conclusão de que a hipnose

era apenas outra forma de histeria. Isso tornou-a perfeitamente aceitável. Claro que Charcot estava enganado.

Conseguimos ver perfeitamente que, de facto, a histeria é uma forma de hipnose; a mulher histericamente grávida hipnotizou-se, efetivamente, a si própria — convenceu a sua mente inconsciente de que está grávida, o que faz com que o seu estômago inche. No entanto, o erro de Charcot teve um efeito excelente, na medida em que tornou o hipnotismo mais ou menos respeitável novamente. E um jovem médico chamado Freud, que viera de Viena para estudar com Charcot, ficou profundamente impressionado com os fenómenos da hipnose e raciocinou que estes deveriam ser causados por alguma parte da mente que é muito mais poderosa do que a nossa consciência quotidiana.

Assim, a descoberta de Mesmer tinha levado, por um caminho indireto, à fundação da psicologia moderna. Mas a interpretação de Freud da hipnose — de que esta apenas demonstra os enormes poderes ocultos do inconsciente — apenas confirmou a visão que era originalmente defendida pelos colegas de Mesmer: que era tudo uma questão de "sugestão". Se disser a um homem hipnotizado que está prestes a tocar-lhe no braço com um ferro em brasa e, na verdade, lhe tocar com um pedaço de gelo, ele gritará de dor e desenvolverá uma bolha. Isto é meramente uma demonstração dos imensos poderes da mente inconsciente. Mas não é um caso de "mente sobre a matéria", pois o inconsciente é realmente uma espécie de máquina gigantesca — muito maior e mais poderosa do que os mecanismos insignificantes da mente consciente. Freud convenceu os cientistas tão facilmente porque a sua visão era determinantemente realista.

Mas e se alguém tivesse perguntado a Freud — ou a Charcot, já agora — como uma rapariga hipnotizada podia ler um livro colocado aberto sobre o seu estômago ou obedecer a ordens que lhe fossem dadas mentalmente? Como poderia isto ser explicado em termos de "sugestão inconsciente"? A resposta, claro, é que não pode. O que significa que, no que diz respeito à ciência moderna, algumas das descobertas mais importantes de Mesmer, Puységur, D'Eslon, Alfred Russel Wallace e dos restantes, continuam a ser ignoradas. A hipnose é "sugestão", e ponto final.

Segue-se, claro, que ninguém pode ser induzido a fazer algo sob hipnose que ele — ou ela — não faria quando normalmente acordado. E, no entanto, como veremos, esta é uma afirmação altamente questionável.

Considere, por exemplo, "A História do Mago Malvado Thimotheus", tal como descrita pelo Professor Heinz E. Hammerschlag no seu livro *Hypnose und Verbrechen* (Hipnotismo e Crime):

'Numa noite de março do ano de 1865, bateram à porta de um trabalhador honesto na aldeia de Solliès-Farlède (Var). Ele vivia na casa juntamente com os seus dois filhos, um rapaz de quinze anos e uma rapariga chamada Josephine, de vinte e seis anos. Josephine abriu a porta e ficou profundamente assustada, sem saber o que havia no homem ali parado que pudesse despertar tal sentimento de terror. Certamente ele era feio, desalinhado e tinha um pé boto; e deu-lhe a entender por um sinal que era surdo-mudo. Além disso, havia algo neste homem terrivelmente negligenciado que a enchia de medo, de modo que ela de bom grado o teria mandado embora. Mas o seu pai teve compaixão do estado lastimável do pedinte; e permitiu que ele entrasse na sala de estar e se juntasse a eles na ceia que estava pronta na mesa.

Durante a refeição, Josephine teve oportunidade de observar mais de perto este homem, cujo longo cabelo preto e barba descuidada a enchiam de repulsa. Um calafrio percorreu-lhe a espinha quando viu os seus hábitos estranhos enquanto comia. Quando servia algum vinho para si próprio, ele não enchia o seu copo, por exemplo, de uma só vez, mas costumava pousá-lo três vezes antes de estar cheio, e nunca bebia um gole do copo sem primeiro fazer o sinal da cruz sobre ele.

'Mais tarde, ao serão, alguns vizinhos que tinham ouvido falar do estranho peculiar passaram pela casa. A conversa desenrolou-se penosamente com papel e lápis. Emergiu que o estranho surdo-mudo era um corticeiro chamado Thimotheus Castellan que tivera de abandonar a sua ocupação devido a uma lesão na mão e que agora viajava pelo país como curandeiro, magnetizador e radiestesista. Os seus sinais e os seus gestos misteriosos Josephine, por medo, manteve-se em silêncio.

Quando o estranho foi levado mais tarde para o palheiro para passar a noite, ela permaneceu na cama no seu quarto totalmente vestida e por muitas horas não conseguiu adormecer. No entanto, a noite passou sem que nada de invulgar acontecesse. Na manhã seguinte, o seu irmão foi o primeiro a sair de casa para ir trabalhar. Foi seguido depois pelo seu pai e pelo estranho.

‘Antes de passarem alguns minutos, o pedinte regressou sozinho à casa onde encontrou Josephine ocupada com o seu trabalho. Ela não se atreveu a mandá-lo embora, embora o mesmo sentimento de ansiedade a dominasse como no dia anterior. Ele sentou-se em silêncio perto da lareira e observou a rapariga no seu trabalho. O silêncio deles foi repetidamente interrompido por visitas de vizinhos que evidentemente consideravam o estranho como alguém dotado de poderes invulgares. Observavam-no com espanto e até lhe traziam artigos de comida como presentes. No momento em que um dos vizinhos, sem ser notado, entrava na cozinha, viu o estranho a fazer sinais misteriosos com a mão atrás das costas da rapariga.’

A própria Josephine parecia inquieta e excitada, e ficava obviamente muito grata ao ver qualquer visitante que interrompesse o seu isolamento com o pedinte, a causa de tanta ansiedade. Mas, por volta do meio-dia, ela já não conseguiu evitar ficar sozinha com ele. Pois sentaram-se juntos à refeição do meio-dia, que ela lhe forneceu para não o deixar ir embora com fome.

‘E agora aconteceu o incompreensível: Josephine tinha acabado de começar a comer, quando o homem estendeu a mão e fez um movimento com dois dedos como se fosse colocar algo na colher que ela levava à boca. No mesmo instante, ela sentiu que estava a ficar inconsciente. Voltou a si quando o homem estava parado à sua frente a salpicá-la com água fria. Depois, segundo ela relatou mais tarde, ele tomou-a nos braços, carregou-a para o seu quarto e ali violou-a.

Enquanto isto acontecia, ela estava totalmente consciente, mas, apesar de todos os seus esforços, não conseguia repelir o demónio, nem conseguia, batendo na parede, atrair a atenção dos vizinhos; não conseguiu sequer responder a um familiar que bateu à porta e chamou por ela.

‘Ao início da noite, os vizinhos, para seu espanto, viram Josephine sair de casa na companhia do pedinte coxo. Ela dava a impressão de estar muito perturbada e gritava para os seus conhecidos de forma ininteligível e incoerente. Ninguém compreendia como a rapariga, cuja reputação era imaculada, podia seguir o homem pela estrada; no entanto, ninguém tentou impedi-la ou perguntar-lhe qual era a causa do seu comportamento.

‘Durante dois dias, o par invulgar deambulou pela zona circundante. À noite, encontraram refúgio com um lavrador que teve piedade da rapariga

sem, contudo, conseguir convencê-la a regressar a casa. No terceiro dia, chegaram à aldeia de La Cappelude e ficaram numa quinta. Aqui, uma cena muito invulgar foi logo encenada. Josephine passava de um extremo ao outro: num momento, cobria o seu companheiro de ternura, no seguinte, afastava-o com medo e nojo. Também aqui, os vizinhos acorreram assim que souberam do visitante invulgar.

'À noite, Josephine pediu a uma rapariga de uma casa vizinha que a deixasse ficar ali a passar a noite. Mas o seu companheiro proibiu-a de o deixar e, como ela queria ir apesar disso, ele fez alguns sinais misteriosos sobre o seu corpo. Perante isto, Josephine caiu nos braços dele e permaneceu como que paralisada por quase uma hora. O pedinte perguntou então a uma vizinha: "Queres que a faça rir?", e ela imediatamente prorrompeu numa gargalhada louca e gritante.

'"Agora trá-la-ei de volta a si", disse ele, e deu-lhe três bofetadas violentas na cara. Logo Josephine pareceu acordar de um sono profundo sem ter sentido qualquer maus-tratos; riu e disse que se sentia muito bem. Deram-lhes um quarto na casa para passar a noite. Quando todos na casa dormiam, ouviu-se um ruído terrível vindo do quarto deles. O lavrador armou-se com um pau, com a intenção de expulsar o pedinte da casa o mais depressa que pudesse, mas Josephine recusou seguir o conselho do lavrador para não ir com o pedinte, pelo que lhes foi permitido permanecer na casa. Na manhã seguinte, na presença dos membros da casa e de vizinhos, o homem fez Josephine rastejar pelo quarto como um animal. Isto enfureceu os espectadores e eles expulsaram-no da casa.

Ele mal tinha saído da sala quando a rapariga entrou num estado terrível; subitamente, não conseguia falar nem mover os braços; uma expressão rígida e confusa tomou conta do seu rosto. Os presentes não conseguiram pensar em outra forma de a ajudar senão chamando o pedinte de volta. Mal ele entrou na sala, o olhar fixo da rapariga desapareceu. Murmurando algumas palavras ininteligíveis, ele tirou-a do seu estado temeroso usando os seus métodos estranhos, dando-lhe simultaneamente mais três bofetadas na cara. Depois, ambos saíram da casa.

'No dia seguinte, encontraram alguns caçadores que falaram com eles. Enquanto o pedinte, que tinha subitamente recuperado a fala, conversava com eles, a rapariga conseguiu escapar sem ser notada. Escondendo-se sob uma colina, ela iludiu a perseguição e, após uma longa busca, encontrou o

caminho para a aldeia que tinha deixado de manhã. Ali encontrou alguns homens bondosos que a levaram para casa. No caminho de volta, foi repetidamente acometida por estados de excitação que por vezes pareciam ataques de fúria.

Um médico foi chamado e Josephine foi submetida a um exame médico minucioso. O médico descobriu que a rapariga sofria de febre e tensão nervosa; segundo a sua opinião, não havia perturbação mental. Após cerca de seis semanas de repouso, ela ficou boa novamente; de qualquer modo, a excitação e os ataques de ansiedade pararam.

'Entretanto, Thimotheus Castellan foi preso por vadiagem e mendicidade. Durante o inquérito, o tribunal considerou a questão de saber se a força de vontade da jovem fora de tal modo enfraquecida pelas "influências magnéticas" exercidas pelo acusado que as relações íntimas entre eles constituíram violação.

'Dois médicos foram encarregados de expressar a sua opinião pericial sobre esta questão. No seu relatório, afirmaram:

'Nós, os abaixo assinados, declaramos...: (1) Que, pelo chamado efeito magnético sobre a vontade de qualquer pessoa que a ele esteja disposta por temperamento nervoso, pode ser exercida uma influência tal que a liberdade moral da pessoa seja completamente pervertida ou mais ou menos destruída. (2) Que, se se puser uma jovem em sono magnético, podem ter-se relações íntimas com ela das quais, quando ela acorda, não tem conhecimento. (3) Que é possível, pelo efeito do magnetismo, entorpecer os sentimentos e enfraquecer a vontade de uma jovem a tal ponto que, sem estar completamente adormecida, ela já não tenha a liberdade moral necessária para resistir à intimidade, ou para dar o seu consentimento a ela com pleno entendimento.'

'Com base neste relatório e na confirmação do seu resultado por três outros médicos, Castellan foi condenado pelo tribunal a doze anos de trabalhos forçados.'

Aqui parece claro que os médicos estavam corretos e que Josephine "já não tinha a liberdade moral necessária" para impedir a sua violação ou rapto. Talvez a parte mais interessante da narrativa seja a descrição do vizinho ao ver Castellan fazer "sinais misteriosos com a mão" atrás das costas dela, e o depoimento subsequente de Josephine de que ele estendeu a

mão e fez um movimento com dois dedos, o que teve o efeito de a fazer ficar inconsciente. Parece que Castellan hipnotizou Josephine sem nenhum dos preliminares normais de indução hipnótica — na verdade, simplesmente por um exercício de força de vontade.

Isto também parece ser verdade noutro célebre caso criminal relatado por Hammerschlag, que ele descreve como "um caso de exploração criminosa de hipnose único na história da criminologia e do hipnotismo".

No final do verão de 1934, um funcionário de Heidelberg (Hammerschlag chama-lhe H.E.) comunicou à polícia local que a sua esposa tinha sido burlada em 3.000 marcos. O burlão, pensava ele, era um homem que se fazia passar por médico, e ele acreditava até que este vinha a abusar sexualmente da Sra. E. A própria senhora lembrava-se de que o "médico" a tinha frequentemente mandado dormir colocando a mão sobre a sua cabeça, mas a todas as outras perguntas respondia: "Não me consigo lembrar". A Sra. E. não tinha historial de doença mental — na verdade, descendia de uma linhagem de lavradores saudáveis.

A polícia entregou o caso ao Dr. Ludwig Mayer, que descobriu ser capaz de colocar a Sra. E. sob hipnose. Mas ela parecia incapaz de responder a quaisquer perguntas sobre a sua "doença". Eventualmente, ela conseguiu fazer uma declaração preliminar:

‘Antes de me casar, estava uma vez a viajar de casa para Heidelberg desejando ir a um médico porque tinha dores de estômago. No caminho, um homem entrou no meu compartimento e sentou-se à minha frente. Ele manteve uma conversa comigo, começámos a falar sobre a minha doença e ele disse que conseguia ver imediatamente que eu estava doente. Disse que era um curandeiro natural e homeopata, apresentando-se como Dr. Bergen de Karlsruhe-Daxlanden, e explicou que era precisamente o tipo de doença que eu tinha que ele podia tratar muito bem. Quando o comboio parou em Graben, ele convidou-me para tomar uma chávena de café com ele. Eu não queria, porque me sentia muito insegura. Mas ele foi muito prestável quando saí do comboio e carregou a minha mala. Subitamente, ele segurou a minha mão e pareceu-me que eu já não tinha vontade própria. Senti-me tão estranha e tonta. Mais tarde, ordenou-me verbalmente e por carta que fosse a Karlsruhe ou mesmo a Heidelberg, à estação, onde ele se encontrava sempre comigo. Já não conheço o lugar em que ele me tratava.

‘Estive muitas vezes num quarto em Heidelberg, mas já não sei onde. Ele encontrava-se comigo em Tiefburg, segurava a minha mão e dizia que estava muito escuro à minha volta. Depois de uma longa caminhada, subíamos dois degraus, ele abria a porta e então tornava a ficar claro. O quarto era pequeno e simples, com um sofá e uma mesa... ele colocava a mão na minha testa e dizia: “Estás a ficar cada vez mais calma!”. Não sei o que ele me fez. Não me consigo lembrar de mais nada...’

Pouco depois disto, um burlão chamado Franz Walter foi preso por outros crimes; a sua descrição soava tanto à do "Dr. Bergen" que foi pedido à Sra. E. que o identificasse. Ela pensou que era o mesmo homem, mas ele negou. No entanto, o Dr. Mayer estava convencido de que ele mentia. Começou o longo e penoso processo de "desbloquear" a memória da Sra. E. Pouco a pouco, surgiu uma história espantosa. Depois de fazer a Sra. E. cair num transe naquele primeiro dia, Walter tinha-a levado para o seu quarto, mandado que se deitasse num sofá, colocado os seus braços atrás dela e dito que ela não se podia mexer. Depois disso, tinha-a violado. Tinha-lhe então ordenado que perdesse toda a memória deste evento.

Mais tarde, Walter ordenou-lhe que se tornasse prostituta. Aos homens a quem a vendia era ensinada uma "palavra mágica", "Combarus", que a faria fazer o que quer que eles pedissem. Walter ficava com todo o dinheiro que ela ganhava.

Mas, após o seu casamento, o marido ficou desconfiado sobre a quantidade de dinheiro que ela estava a gastar. Ela disse a Walter que o marido estava a pensar ir à polícia. Ele disse-lhe então que a melhor coisa que ela podia fazer seria "livrar-se dele". Ela recebeu ordens para comprar veneno e colocá-lo na comida dele. Este plano falhou quando o marido lhe ordenou que não saísse naquela noite. A seguir, foi-lhe dito para tirar uma pistola da gaveta, dar-lhe um tiro na cabeça e depois colocá-la nas mãos dele como se ele se tivesse suicidado.

Ela chegou a apontar a arma à cabeça do marido quando este dormia e puxou o gatilho; mas ele tinha tomado a precaução de remover todas as balas. Walter ordenou-lhe a seguir que colhesse cogumelos venenosos e que os desse de comer ao marido com outros comestíveis normais; ele não gostou do sabor e afastou-os após uma bofetada. Mesmo assim, foi acometido de diarreia e vómitos. Ela deu-lhe um pó branco que Walter lhe

tinha ordenado para meter no café; mas ela tinha entornado a maior parte no bolso e a pequena quantidade que usou apenas lhe deu dor de estômago.

O esquema seguinte de Walter — e felizmente o último — foi matar o marido alterando os travões da sua mota. Na primeira ocasião, ele esteve perto de chocar com um comboio em movimento numa passagem de nível; na segunda, feriu um braço e um joelho.

Tendo falhado nas suas tentativas de matar o marido dela, Walter ordenou-lhe agora que se matasse a si própria. A sua primeira instrução foi para tomar uma dose excessiva de comprimidos para dormir de estômago vazio; mas o médico dela recusou receitar os comprimidos. Depois disto, Walter ordenou-lhe que saltasse de um comboio em movimento; mas ela entabulou conversa com uma senhora idosa reconfortante que lhe afastou todos os pensamentos de suicídio da cabeça. Walter assegurou-lhe agora que o marido estava apaixonado por outra mulher e pretendia deixá-la; ordenou-lhe que se afogasse no Reno. Felizmente, a sua governanta notou a sua angústia e seguiu-a, impedindo-a de saltar.

E assim, finalmente, o marido foi à polícia, Franz Walter foi preso por outra acusação, e Ludwig Mayer resolveu o caso "desbloqueando" as sugestões hipnóticas pelas quais Walter tinha tentado impedi-la de recordar o que tinha acontecido. Franz Walter foi considerado culpado e recebeu dez anos de prisão.

O que há de mais óbvio e impressionante nesta história é que Walter não a hipnotizou dizendo "Olha nos meus olhos" e fazendo passes mesméricos com os dedos. Ele simplesmente segurou a sua mão. Como pôde isso acontecer? Os defensores do "sugestionismo" argumentariam que ele já tinha feito sugestões que a colocavam sob o seu poder e que segurar a sua mão — com a sua "invasão do seu espaço pessoal" — apenas o confirmou. Mas não há nada no seu relato que sugira que assim seja. Aqui, tal como no caso do mago malvado Thimotheus, parece que a hipnose foi induzida pela influência direta de uma mente sobre outra.

A mesma conclusão parece emergir de um caso mais recente, descrito pelo jornalista científico Robert Temple no seu livro monumental *Open to Suggestion* (1989).

Em janeiro de 1985, Maria Malheiras, uma mulher portuguesa a viver em Londres, foi abordada por um homem português que parecia estar em

algum sofrimento e que lhe perguntou se ela conhecia uma clínica na zona de Notting Hill, em Londres. Apresentou-se como Manuel e explicou que o seu pai tinha outrora trabalhado na clínica e tinha encontrado um envelope contendo £3.000 debaixo de uma almofada. Agora o velho estava no seu leito de morte e não podia descansar em paz a menos que o dinheiro fosse devolvido... Ele agitou um envelope gordo sob o nariz de Maria.

Maria disse que não conhecia tal clínica, embora estivesse familiarizada com Notting Hill há muitos anos. Enquanto ali estavam a falar, Manuel parou outro transeunte e perguntou-lhe se conhecia a clínica. Este transeunte — um homem mais jovem — que também calhou ser português (e também se chamava Manuel) disse que não podia ajudar, mas juntou-se à conversa. E ao apresentar-se e segurar a mão dela, Maria sentiu uma estranha sensação de frio e sentiu-se desorientada. E enquanto estava ali a falar, começou a experienciar uma sensação onírica de irrealidade, uma espécie de amnésia.

O recém-chegado disse-lhe então para ir a casa, recolher as suas joias e a sua caderneta de poupança da *building society*, e ir levantar todas as suas poupanças. Ela fez o que lhe foi dito e regressou a Notting Hill Gate, onde os dois homens esperavam. (Tinha, entretanto, falado com o marido ao telefone e sido invulgarmente rude, desligando-lhe na cara.) Pediram-lhe agora que fosse aos correios comprar um selo e disseram-lhe que segurariam a sua mala de mão. Eles tinham, naturalmente, ido embora quando ela regressou. Perdera um total de £1.141.

Os burlões foram apanhados por acaso. Uma cabeleireira portuguesa ouviu por acaso uma das suas clientes a telefonar a alguém e a aceitar descontar um cheque e entregar £8.000. A cabeleireira tinha ouvido falar dos dois burlões e convenceu a mulher a contar-lhe porque ia dar uma soma de dinheiro tão grande. A sua história provou ser quase idêntica à de Maria. A polícia foi notificada e prendeu os dois Manueis enquanto o dinheiro estava a ser entregue. Emergiu subsequentemente que outra vítima lhes tinha dado £1.500, enquanto outra ainda tinha entregado as poupanças de uma vida de £6.000. Os burlões foram condenados cada um a dezoito meses de prisão e deportados de volta para Portugal.

Aqui parece claro que o mais novo dos dois burlões — o seu nome provou ser Manuel de Matos Amaro — era o hipnotizador; o papel do mais velho era apenas o de a embalar num estado de confiança. (O envelope

gordo provou mais tarde estar recheado com um maço de jornal.) Mas parece claro que aqui, mais uma vez, o hipnotizador induziu um "transe" apenas tocando-lhe na mão.

Temple prossegue demolindo a noção de que (a) as pessoas não podem ser hipnotizadas contra a sua vontade e (b) que as pessoas sob hipnose não cometem atos que não cometeriam no seu estado normal — ele cita muitos casos de pessoas que estiveram preparadas para cometer crimes ou atos de violência sob hipnose. E um capítulo sobre violação discute mais uma vez a questão levantada pelo caso de Heidelberg: se uma mulher que é violada sob hipnose está realmente a submeter-se porque secretamente o deseja. Num caso citado por Magnus Hirschfeld, isto é obviamente assim:

'Há muitos anos fui consultado num caso em que um médico tinha abusado de uma paciente enquanto esta se encontrava em estado hipnótico — muitos desses episódios estão registados na literatura científica. A paciente era uma mulher casada que sofria de nervos fracos, irritabilidade e "espasmos" histéricos. Como acontece com muitas mulheres histéricas, ela tinha confiança ilimitada no seu médico, que tinha iniciado um curso de hipnotismo para várias queixas nevrálgicas, azia e insónia. A paciente era um excelente sujeito para hipnose. Bastava o médico baixar a mão levantada para a mulher fechar imediatamente os olhos. Na audiência em tribunal da ação, movida contra o médico pelo marido, o médico fez uma confissão completa e descreveu as sugestões que fez e às quais a mulher cedeu automaticamente, como se segue: Ordenou-lhe que levantasse a saia, se deitasse, abrisse as pernas, tirasse o seu pénis, o introduzisse na vagina dela, depois, durante o ato, executasse movimentos paralelos até ocorrer o orgasmo mútuo, que no caso dela ocorreu da mesma forma que no estado de vigília.

A mulher ficou grávida. O marido impotente, que há muito suspeitava do médico, contratou um detetive que conseguiu provar as suas suspeitas. O médico alegou que tinha usado a mulher por razões terapêuticas. Ela tinha, disse ele, uma vida infeliz com o marido, e a sua depressão tinha-se tornado finalmente tão intensa que ela decidira matar-se; as relações sexuais com ele tinham-na curado tanto física como mentalmente. Ele foi recompensado pela sua "conscienciosidade terapêutica" com um ano de prisão.'

Neste caso, é claro que a própria mulher foi uma participante mais ou menos disposta e que a indução do transe hipnótico pretendia permitir-lhe sentir-se totalmente sem culpa.

Por outro lado, um caso citado por Erik Hoencamp envolve claramente mais do que um jogo de faz-de-conta:

'Ele disse que eu não devia ter medo dele e continuou a falar comigo. Enquanto dizia isso, começou a acariciar a parte inferior do meu corpo na zona dos meus genitais. Eu limitei-me a deixar que isso acontecesse, não tinha vontade nem força para dizer não. Ele perguntou-me se eu gostava. Embora não gostasse, disse que sim. Apenas não tinha o medo que normalmente estaria lá.

'Depois começou a esfregar os meus seios. Disse-me para não me assustar e continuou e levantou o meu soutien e acariciou os meus seios nus. No final da sessão, marcámos uma nova consulta. Quando a hora da consulta se aproximou, eu ainda confiava nele, esperando que ele não me tocasse daquela forma...

'Ele começou como de costume outra vez, mas falou diretamente para mim. Senti-me pesada, como da outra vez. Disse-me que eu gostaria de desabotoar a minha blusa e as calças. Eu não o fiz, mas depois ele disse que eu gostaria de provar e mostrar que as primeiras sessões de tratamento tinham realmente ajudado. Acariciou o meu seio novamente e, passados uns momentos, baixou-me as calças e as cuecas e chegou a meter a mão na minha vagina. Ouvi-o dizer: "Vais ir cada vez mais fundo e ficar mais excitada".

Eu limitava-me a dizer que sim a tudo, ele continuava e queria que eu pegasse nos genitais dele com as mãos. Eu disse que não, que preferia não o fazer, que tinha medo. Estava com muito medo. Passados uns momentos segurei o pénis dele, ele acariciou-me e esfregou a parte inferior do seu corpo contra a parte interna das minhas pernas. Disse que eu tinha de continuar. Eu gostaria de o ter empurrado para longe, mas de uma forma ou de outra não conseguia fazê-lo. Sentia-me como se estivesse paralisada e estava com muito medo. Ele continuava a dizer-me: vais ir cada vez mais fundo. Começou a aproximar-se com os genitais, eu comecei a entrar em pânico e chorei.'

Parece aqui muito claro que a rapariga não tinha nenhum desejo básico de se submeter. Noutro caso citado por Temple, uma rapariga conheceu um homem num comboio e este tocou-lhe na testa e soprou-lhe nos ouvidos. Quando se encontraram por acaso noutro comboio duas semanas mais tarde, ele repetiu este comportamento, foi depois para o quarto da rapariga e fez amor com ela. Ela queria resistir, mas sentia-se impotente. No dia seguinte, sentiu que tinha sido forçada contra a sua vontade e foi à polícia denunciar o facto.

Mas se a rapariga estava bem acordada, podia realmente ser obrigada a fazer algo contra a sua vontade? Temple descreve uma das suas próprias experiências que ajuda a explicar como isso é possível.

'Mover-se enquanto se está num transe é uma experiência estranha, e eu próprio já o fiz uma vez. Tendo sido hipnotizado várias vezes pelo meu médico, houve uma ocasião em que saí do seu consultório enquanto ainda estava hipnotizado. Ele hipnotiza pacientes após o horário de expediente e, nessa ocasião, tínhamos demorado bastante tempo e eu percebi que ele estava a ficar muito ansioso por ir para casa ver a mulher sobre um assunto que tinha surgido. Preocupei-me por o estar a deter e, por isso, quando ele fez a contagem para eu sair do transe e eu não acordei, abri mesmo assim os olhos e simulei estar acordado para o enganar.

Isto é uma reviravolta irónica, pois geralmente acontece o contrário na hipnose: as pessoas simulam estar hipnotizadas quando ainda estão acordadas. No meu caso, os papéis inverteram-se. Ele perscrutou-me e eu convenci-o de que estava fora do transe. Despedimo-nos e juntei-me à minha mulher, que esperava sempre por mim porque eu não confiava em mim próprio para conduzir após a hipnose. Quando entrámos no carro, confessei-lhe que não tinha realmente acordado do transe e disse-lhe para me soprar na cara.

Esta é geralmente uma forma infalível de acordar alguém. Mas não funcionou, em parte porque a minha mulher achou que era uma coisa ridícula de se fazer e não conseguia parar de rir. Quanto mais severamente eu insistia para que ela me soprasse na cara, mais incontrolável se tornava o seu riso. Ela achava impossível acreditar que eu ainda estava hipnotizado. Começámos a conduzir para casa e, passados uns tempos, ordenei-lhe que parasse. Tinha visto uma árvore antiga e bela e, sendo muito apreciador de árvores antigas, e estando muito emocional enquanto no transe, saí do carro

e corri através de um campo para ver a árvore. Abraçei o tronco e solucei, dizendo à árvore como era bela, e chorando de uma forma geral perante a beleza de tudo no mundo, da forma como um bêbedo choramingas poderia fazer.

Cambaleei depois para trás e caí de costas na erva. Lembro-me de olhar oniricamente para o céu noturno e admirar a sua beleza e proferir observações piegas sobre a grandeza do cosmos. Por esta altura, a minha mulher tinha-me alcançado e ajudou-me a levantar-me, arrastando-me de volta para o carro. Eu continuava a insistir: “Sopra-me na cara! Sopra-me na cara!”. Desta vez ela fê-lo a sério, mas não funcionou. Murmurei-lhe então que, em circunstâncias extremas como esta, havia apenas um método infalível para me acordar, que era levar-me para casa e dar-me um pouco de gin puro. (Devo acrescentar que detesto gin puro e que isto não era um estratagema!). Foi precisamente o que aconteceu: momentos depois de beber o gin puro, acordei completamente do transe.’

Este exemplo fascinante fornece uma perspetiva importante sobre a hipnose. É claro que, num certo sentido, Temple estava "embriagado". Estava bem acordado e, no entanto, consciente de que não tinha atingido o nível normal de atenção focada que caracteriza o estado de vigília. Era como se um certo nível do seu ser permanecesse adormecido. Torna-se possível ver como uma rapariga podia estar bem acordada e, no entanto, sentir-se impotente para resistir às ordens do hipnotizador.

Ora, de acordo com a teoria da sugestão, a hipnose é meramente uma questão de induzir um certo tipo de "autoconsciência" — o tipo que faz os adolescentes corarem. Temple conta a história de uma rapariga a quem foi dito que se esqueceria da combinação do cofre enquanto estivesse efetivamente a rodar o botão. Ela foi incapaz de a recordar até que a sugestão fosse interrompida. O que aconteceu é claro. Perante a sugestão de que poderia não ser capaz de se lembrar, ela começou a duvidar de si própria e entrou num estado de confusão que a impediu de recordar a combinação.

Esta é certamente uma teoria plausível de como o hipnotismo funciona — contudo, falha obviamente em explicar como a hipnose poderia ser induzida meramente por um aperto de mão.

A visão alternativa — sugerida pelas experiências de Puységur — é a de que a hipnose envolve algum tipo de contacto telepático ou "pressão de pensamento". O escritor J. B. Priestley tem uma história que parece apoiar isto. Em *Outcries and Asides*, sob o título "True Strange Story" (História Estranha e Verdadeira), ele conta como assistiu a um banquete da Sociedade de Poesia em Nova Iorque. Priestley comentou com o seu vizinho de mesa — e ele admite que não faz ideia de por que o fez —: "Proponho-me a fazer com que um daqueles poetas me dê uma piscadela, e vou tentar a quinta a contar da esquerda, aquela mulher morena, de constituição forte e sombria, obviamente nada dada a piscadelas."

Após concentrar-se nela por um minuto ou dois, pareceu-lhe que ela lhe piscou o olho, e ele exclamou triunfante: "Ela fê-lo...". Mas o seu vizinho não acreditou nele, e ele próprio não tinha a certeza. No entanto, após os discursos e a entrega dos prémios, a poetisa morena e sombria aproximou-se dele: "O senhor é o Sr. Priestley, não é? Bem, devo pedir-lhe desculpa por lhe ter piscado o olho. Nunca fiz tal coisa antes e não consigo imaginar o que me deu para o fazer naquela altura. Apenas um impulso súbito e parvo...".

De igual modo, de acordo com *Psi: Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain*, de Lynn Schroeder e Sheila Ostrander, o "leitor de mentes" polaco Wolf Messing tinha habilidades ainda maiores nesta direção. Forçado a fugir para a Rússia no início da Segunda Guerra Mundial por ter previsto a morte de Hitler se o ditador "se virasse para o Leste", Messing captou o interesse de Joseph Estaline, que ordenou uma série de experiências. Na primeira destas, Messing entrou num banco, apresentou ao caixa uma "nota" (na verdade, uma folha de papel em branco) e pediu 10.000 rublos. O caixa entregou-os, e Messing guardou-os na sua pasta e saiu. Depois, com os dois observadores que testemunharam a experiência, reentrou no banco e devolveu o dinheiro. O caixa colapsou com um ataque cardíaco quando percebeu o que tinha feito.

O teste supremo definido por Estaline foi entrar na sua casa de campo — eriçada de guardas — sem passe. E um dia, enquanto Estaline estava sentado a trabalhar no seu gabinete, Messing entrou calmamente na propriedade e na casa. Os guardas e criados afastaram-se respeitosamente. Estaline olhou para cima com espanto quando Messing entrou na sua sala. O leitor de mentes explicou que tinha simplesmente enviado uma sugestão

mental de que era Lavrenti Beria, o temido chefe da polícia secreta, e os guardas tinham-no visto, de facto, como Beria.

Mas muito antes de Messing nascer, o papel desempenhado pela telepatia na hipnose fora demonstrado para além de qualquer dúvida em 1885 por um médico francês, J. H. A. Gibert, que convidou o eminente psicólogo Pierre Janet a Le Havre para testemunhar algumas das suas experiências. Janet tinha uma paciente chamada Leonie, uma camponesa que era um exemplo da condição conhecida como personalidade múltipla (que estudaremos num capítulo posterior). Leonie era normalmente um pouco lerda e estólida, mas durante os seus ataques de "somnambulismo" (aos quais estava sujeita desde a infância) tornava-se uma pessoa completamente diferente, viva, alegre e sarcástica. Esta personalidade secundária negava que fosse Leonie, a quem olhava com algum desprezo. Finalmente, emergiu uma terceira personalidade, que era mais madura e equilibrada do que qualquer uma das outras.

Leonie era fácil de hipnotizar — Gibert conseguia fazê-lo simplesmente tocando-lhe na mão. O que interessava a Janet era que, se Gibert tentasse fazê-lo sem se concentrar, não funcionava. Eventualmente, Gibert foi capaz de hipnotizar Leonie unicamente concentrando a sua mente — conseguia fazê-lo mesmo quando ela estava do outro lado de Le Havre. Vários cientistas foram a Le Havre para observar estas experiências, incluindo Frederic Myers, um dos fundadores da *Society for Psychical Research*. Numa ocasião, testemunharam Gibert parado do lado de fora da casa onde Leonie estava hospedada, ordenando-lhe mentalmente que aparecesse. Três minutos depois, ela saiu e caminhou pela cidade até à casa de Gibert.

Na mesma noite, Gibert enviou uma sugestão para que Leonie descesse à sala de estar da casa onde estava hospedada, às onze horas da manhã seguinte, e abrisse um álbum de fotografias. Os médicos observavam no jardim às onze horas quando Leonie entrou na sala de estar. Parecia confusa e tocou em vários objetos. Depois abriu o álbum de fotografias e estava a folheá-lo quando os médicos entraram na sala.

O artigo de Janet descrevendo tudo isto causou sensação no ano seguinte, mas foi rapidamente esquecido; falhou em ajustar-se às teorias "científicas" da época, que eram dominadas pela teoria da "histeria" de Charcot sobre a hipnose. Mas na América, por esta altura, outro

investigador perseguia o mistério da hipnose com total indiferença pelo que os cientistas pensavam. O seu nome era Thomson Jay Hudson, e era editor de um jornal de Detroit e funcionário do Instituto de Patentes (*Patent Office*).

O interesse de Hudson começou em resultado de uma conferência a que assistiu em Washington D.C.; foi dada pelo eminente fisiologista William B. Carpenter. A audiência de "senhoras e cavalheiros altamente cultivados" incluía um jovem graduado universitário a quem Hudson se refere como C.

C. foi colocado sob hipnose e, em seguida, Carpenter perguntou-lhe se gostaria de conhecer Sócrates. Ele respondeu que consideraria um grande privilégio se Sócrates ainda estivesse vivo. Carpenter explicou que tinha o poder de invocar o espírito de Sócrates e, apontando para um canto da sala, exclamou: "Ali está ele". C. olhou para o local indicado e o seu rosto adquiriu uma expressão de temor e reverência. Carpenter fez as apresentações e C. parecia mudo de embaraço, embora ainda mantivesse o juízo suficiente para oferecer uma cadeira a Sócrates.

Carpenter explicou então que Sócrates estava disposto a responder a quaisquer perguntas, e C. procedeu, com alguma hesitação, a abrir uma conversa. Uma vez que Carpenter tinha explicado que era incapaz de ouvir as respostas do filósofo, C. agiu como intermediário e repetiu tudo o que Sócrates dizia. Durante duas horas esta espantosa "conversa" continuou, e as respostas foram tão brilhantes e plausíveis que alguns membros da audiência começaram a perguntar-se se haveria realmente um espírito invisível na sala.

Mais tarde, Carpenter ofereceu-se para apresentar C. aos espíritos de filósofos mais modernos e, com a maioria destes, ele sentiu-se muito mais à vontade do que com Sócrates. O que emergiu destas conversas foi um "maravilhoso sistema de filosofia espiritual... tão claro, tão plausível, tão perfeitamente consistente consigo mesmo e com as leis conhecidas da Natureza que a assistência ficou enfeitiçada". Com cada novo filósofo, a maneira de C. mudava, exatamente como se estivesse a falar com uma série de pessoas reais, e a linguagem e o estilo dos filósofos invisíveis também mudavam: era tudo tão estranhamente real que a audiência sentia como se estivesse a assistir a uma peça de teatro.

Hudson assistiu às demonstrações com um espanto confuso. Hudson sabia que C. era um cético total na questão dos "espíritos" — tal como o próprio Hudson. Sob hipnose, ele aceitava a existência dos espíritos dos grandes filósofos porque conseguia obviamente vê-los. O que parecia mais surpreendente era que a "filosofia espiritual" expressa não era a do próprio C. — ele frequentemente expressava o seu espanto perante algumas das afirmações dos filósofos mortos. No entanto, toda a filosofia era um sistema tão coerente que, segundo Hudson, poderia ter sido impressa num livro palavra por palavra e teria "formado um dos mais grandiosos e coerentes sistemas de filosofia espiritual alguma vez concebidos pelo cérebro do homem".

Calhou estarem presentes na audiência vários espiritualistas, e muitos deles estavam inclinados para a hipótese de que espíritos reais estavam presentes, até que Carpenter os desiludiu ao convocar o espírito de um porco filosófico que discursou doutamente sobre o tema da doutrina hindu da reencarnação.

Hudson explicou estes poderes extraordinários sugerindo que os seres humanos possuem duas mentes, às quais ele chama mente subjetiva e mente objetiva. A "mente objetiva" é a parte de nós que lida com a vida quotidiana e enfrenta assuntos práticos; a mente subjetiva preocupa-se com os nossos poderes e energias interiores. É como se a mente tivesse duas faces: uma voltada para o mundo exterior, a outra voltada para os mundos interiores da memória e da intuição. Para fins práticos, são um pouco como um marido e uma mulher; o marido — a mente objetiva — assertivo e agressivo, a mulher tímida e taciturna, inclinada a duvidar do seu próprio julgamento face à força superior do marido. Sob hipnose, o marido é posto a dormir e a mulher, já não muda pela dúvida sobre si própria, pode exercer os seus poderes de intuição sem medo de críticas.

Como resultado, ela pode realizar feitos muito mais consideráveis do que quando o seu parceiro dominador está acordado. Ela parece ter poderes notáveis sobre o corpo, de tal modo que um homem sob hipnose pode não só ter um dente extraído sem dor, como até obedecerá a uma ordem para não sangrar. Torna-se capaz de feitos de força que seriam impossíveis se estivesse acordado — um clássico dos hipnotizadores de palco é dizer a um homem que ele está prestes a tornar-se tão rígido como uma tábua e depois

fazê-lo deitar-se entre duas cadeiras enquanto alguém salta em cima do seu estômago.

Hudson sente-se fascinado por estes poderes da mente subjetiva. Cita o caso de uma rapariga analfabeta que, num estado febril, começou a falar grego, latim e hebraico. Um jovem médico ficou tão intrigado com isto que investigou a vida passada da rapariga e descobriu que, aos 9 anos, ela tinha vivido com um pastor protestante que costumava andar pela casa a ler em voz alta nestas línguas. Conscientemente, a rapariga não tinha assimilado uma única palavra; mas alguma fita oculta gravada no cérebro tinha preservado tudo.

Hudson discute o mistério dos prodígios de cálculo — geralmente rapazes sem talento ou inteligência particular que conseguem realizar feitos espantosos de cálculo em segundos — como Zerah Colburn, de 5 anos, que uma vez disparou a resposta para a raiz quadrada de 106.929 antes de quem perguntava ter acabado de falar. Discute também o curioso poder da "imagem eidética" e descreve um amigo artista que conseguia conjurar uma cena à vontade e depois vê-la projetada em detalhe numa tela em branco.

O génio, diz Hudson, é simplesmente um equilíbrio perfeito entre as mentes objetiva e subjetiva — como se marido e mulher estivessem em tão profunda sintonia que a mulher perdeu toda a sua timidez e verte as suas intuições na certeza de que serão compreendidas. Quando isto acontece, a mente subjetiva pode realmente assumir o comando, e o resultado é conhecido como inspiração, um jorro espontâneo de percepções. Hudson cita o exemplo do grande orador político Henry Clay, que foi uma vez chamado a responder a um oponente no Senado quando se sentia doente e exausto.

Clay pediu ao homem sentado ao seu lado para puxar as abas da sua casaca quando estivesse a falar há dez minutos. Duas horas depois, após um discurso magnífico, Clay deixou-se cair exausto e perguntou ao seu amigo com reproche por que razão ele não o tinha interrompido. Na verdade, o amigo não só tinha puxado as abas da casaca, como lhe tinha dado encontrões e beliscões, e até lhe tinha espetado um alfinete profundamente na perna. Este aspeto da "mente subjetiva" parece ser o que os espanhóis chamam o *duende*, o "demónio" que por vezes se apossa de grandes cantores ou bailarinos de tal modo que parecem estar possuídos por uma força maior do que eles mesmos. Eles são, de facto, "maiores do que

eles mesmos", pois o ego — como vimos — é uma entidade do cérebro esquerdo.

Contudo, as limitações da mente subjetiva são tão estranhas como os seus talentos. Hudson observou que ela pode raciocinar dedutivamente — do geral para o particular — mas não vice-versa. A indução é a capacidade de saltar de uma coleção de factos para as leis que lhes subjazem. À mente subjetiva pode ser mostrado qualquer número de árvores sem que ela perceba que somam um bosque. Ela deixa o "saltar para conclusões" para o seu parceiro mais empreendedor e agressivo. Na verdade, a mente subjetiva é estranhamente míope e passiva. Isto explica também por que tende a ser má na argumentação, que envolve selecionar e raciocinar — fazer escolhas.

As pessoas do cérebro direito — os "mentes-subjetivas" — geralmente ficam mudas quando alguém lhes diz algo com voz autoritária, mesmo quando conseguem ver que é um disparate; acham difícil colocar as suas percepções em palavras. Isto explica também, diz Hudson, por que razão os poderes psíquicos muitas vezes se evaporam quando confrontados com o ceticismo. A mente subjetiva é intensamente sugestionável, pelo que um mero indício de que se trata de uma fraude a transforma num farrapo nervoso. Hudson cita o caso de um clarividente chamado Bishop, que demonstrou repetidamente o seu poder de ler as mentes das pessoas e decifrar o conteúdo de envelopes selados.

Mas quando o conhecido jornalista Henry Labouchere o denunciou como uma farsa e o desafiou a ler o número de uma nota de banco selada num envelope, ele falhou miseravelmente. Tinha feito a mesma coisa com sucesso mil vezes; mas a autoconfiança agressiva de um "cérebro-esquerdo" foi suficiente para estilhaçar a sua autoconfiança e paralisar os poderes da mente subjetiva.

Isto traz-nos ao que Hudson considerava a coisa mais importante sobre a mente subjetiva: que ela é responsável por todos os chamados fenómenos psíquicos — incluindo fantasmas e *poltergeists*. Esta sugestão enfureceu naturalmente os espiritualistas; mas Hudson defendeu o seu caso com uma habilidade e convicção impressionantes. Salienta que um hipnotizador pode induzir uma bolha num bom sujeito hipnótico sugerindo que ele foi queimado por um ferro quente, e argumenta convincentemente que os estigmas dos santos — feridas e buracos de pregos a sangrar — podem ser explicados da mesma forma.

Discute algumas das curas notáveis que foram operadas pela hipnose e conclui que a mente subjetiva tem imensos poderes curativos. Na verdade, ficou convencido de que os milagres do Novo Testamento eram uma manifestação destes poderes. Como forma de testar esta hipótese, decidiu tentar curar um familiar que sofria de reumatismo e convulsões nervosas. O método, aparentemente, consistia em convencer a sua própria mente subjetiva de que tal poderia ser feito, embora o familiar vivesse a mil milhas de distância. Informou dois amigos de que pretendia iniciar o tratamento — para que pudessem servir de testemunhas se funcionasse — e começou a 15 de maio de 1890. Decidiu tentar comunicar as sugestões de cura através de um esforço de vontade exatamente no momento em que estava prestes a adormecer.

Alguns meses depois, uma das duas "testemunhas" encontrou o familiar, cuja saúde tinha melhorado notavelmente; a melhoria tinha começado, disse ele, em meados de maio. Hudson afirmou que ele e associados próximos tinham realizado mais de cem experiências semelhantes, e que nem uma única tinha sido um fracasso.

Hudson explicou estas teorias num livro chamado *The Law of Psychic Phenomena*, que apareceu em 1893 e se tornou um *bestseller* imediato — em 1925 já tinha passado por quarenta e sete impressões. Foi puro azar de Hudson que, nos dez anos seguintes à sua publicação, a teoria da mente inconsciente de Sigmund Freud se tivesse tornado ainda mais célebre. Justamente antes do início da Primeira Guerra Mundial, o dramaturgo belga Maurice Maeterlinck fez outra tentativa altamente meritória de explicar a natureza e a origem dos "poderes ocultos" do homem; o título do seu livro, *The Unknown Guest* (O Hóspede Desconhecido), é um resumo da sua resposta em três palavras.

Dentro de cada um de nós, diz Maeterlinck, existe uma entidade desconhecida que vive "numa espécie de palácio invisível e talvez eterno, como um hóspede casual, vindo de outro planeta, cujos interesses, hábitos, ideias, paixões, nada têm em comum com os nossos". Na verdade, o "hóspede desconhecido" é uma espécie de "segundo eu" — como a mente subjetiva de Hudson. Maeterlinck reconheceu que o "hóspede desconhecido" não é apenas responsável pela telepatia e premonições de perigo, mas por poderes tão inexplicáveis como a precognição do futuro.

Cita o caso da esposa do general russo Toutschkoff, que acordou uma noite a sonhar que estava numa estalagem numa cidade desconhecida e que o seu pai entrava no quarto para lhe dizer: "O teu marido foi morto em Borodino". Quando o sonho se repetiu pela terceira vez, ela acordou o marido para perguntar: "Onde fica Borodino?". Ele não fazia ideia, e tiveram de procurar num mapa. Mas, mais tarde naquele ano, Napoleão invadiu a Rússia e o seu marido foi morto em Borodino. O seu pai entrou no quarto, tal como no sonho, para lhe dar a notícia.

Ora, na verdade, a investigação científica moderna colocou esta noção do "hóspede desconhecido" numa base científica.

Por alguma razão que nenhum fisiologista ainda compreende, os seres humanos têm dois cérebros. Ou melhor, o cérebro que possuem é "duplo" — quase como se um espelho tivesse sido colocado ao meio, de modo que uma metade reflete a outra. Parecemos ter dois centros auditivos, dois centros visuais, dois centros de controlo muscular, até duas memórias. Por que razão assim é, é um mistério — um palpite sendo que um dos cérebros é um "sobressalente" para o caso de o outro se danificar.

O que parece ainda mais estranho é que a metade esquerda do cérebro controla o lado direito do corpo, e vice-versa. Do nosso ponto de vista, a parte mais interessante do cérebro é a porção no topo — o córtex cerebral. Esta é a parte especificamente humana; desenvolveu-se a uma velocidade incrível ao longo do último milhão de anos — tão depressa (em tempo geológico) que alguns cientistas gostam de falar da "explosão do cérebro".

Se se pudesse levantar o topo do crânio e olhar para baixo para o córtex cerebral, ver-se-ia algo semelhante a uma noz, com duas metades enrugadas. A ponte entre elas é uma massa de fibras nervosas chamada corpo caloso ou comissura. Esta massa de milhões de fibras nervosas é obviamente importante. Razão pela qual os especialistas do cérebro ficavam intrigados quando encontravam anomalias que não possuíam comissura e pareciam funcionar perfeitamente bem sem ela.

Na década de 1930, os neurocirurgiões perguntaram-se se poderiam prevenir ataques epiléticos seccionando o corpo caloso, e assim impedindo a propagação da "tempestade elétrica" de um hemisfério para o outro. Tentaram seccionar a comissura em macacos e tal pareceu não fazer mal. Assim, tentaram-no em pacientes epiléticos, e pareceu funcionar. Os

ataques foram grandemente reduzidos — e o paciente parecia muito igual ao que era antes. Um cientista observou ironicamente que o único propósito da comissura parecia ser o de transmitir ataques epiléticos. Outro sugeriu que poderia ser para evitar que o cérebro ficasse descaído no meio.

Em 1950, Roger W. Sperry, da Universidade de Chicago (e mais tarde do Cal Tech), começou a investigar o problema. Descobriu que seccionar a comissura parecia não ter efeito percetível em gatos e macacos. Mas impedia que uma metade do cérebro aprendesse o que a outra metade sabia. Assim, se um gato fosse ensinado a fazer um truque com um olho tapado, e depois lhe fosse pedido para o fazer com o outro olho tapado, ele ficava confuso. Podia até ser ensinado a dar duas soluções diferentes para o mesmo problema (por exemplo, carregar numa alavanca para obter comida) com cada lado do cérebro. Não podia haver dúvidas; temos literalmente dois cérebros.

Sperry e o seu associado Michael Gazzaniga estudaram então um paciente humano cujo cérebro tinha sido dividido para prevenir ataques epiléticos. Ele parecia ser perfeitamente normal, exceto por uma estranheza — a qual eles já esperavam. Conseguia ler com o olho direito, mas não com o esquerdo. Sabia-se desde o século XIX que, nos seres humanos, as duas metades do cérebro parecem ter funções diferentes: "direito para o reconhecimento, esquerdo para a linguagem".

Pessoas que tinham danos no hemisfério cerebral direito eram incapazes de reconhecer padrões simples ou de apreciar música, mas ainda conseguiam falar normalmente. Pessoas com danos no cérebro esquerdo eram capazes de reconhecer padrões, mas a sua fala estava prejudicada. Obviamente, então, o esquerdo lida com a linguagem, e seria de esperar que um paciente de cérebro dividido fosse incapaz de ler com o seu olho esquerdo (ligado, lembrem-se, ao lado oposto do cérebro). O paciente de Sperry era também incapaz de escrever qualquer coisa com sentido (ou seja, complicada) com a sua mão esquerda.

Notaram outra estranheza. Se o paciente esbarrasse em algo com o seu lado esquerdo, não notava. E as implicações aqui eram muito estranhas, de facto. A operação de cérebro dividido não só dava ao paciente duas mentes separadas; parecia também restringir a sua identidade, ou ego, ao lado esquerdo. Quando colocavam um objeto na sua mão esquerda e lhe perguntavam o que estava a segurar, ele não fazia ideia. Experiências

posteriores sublinharam o ponto. Se a um paciente de cérebro dividido forem mostrados dois símbolos diferentes — digamos, um círculo e um quadrado — com cada olho, e lhe for pedido para dizer o que acabou de ver, ele responde "Um quadrado".

Pedido para desenhar com a sua mão esquerda o que viu, e ele desenha um círculo. Perguntado o que acabou de desenhar, ele responde: "Um quadrado". E quando a uma paciente de cérebro dividido foi mostrada uma fotografia de um homem nu com o cérebro direito, ela corou; perguntada por que estava a corar, respondeu verdadeiramente: "Não sei".

Um paciente de "cérebro dividido" tentou bater na mulher com uma mão enquanto a outra a defendia. Outro tentou abrir a braguilha com uma mão enquanto a outra tentava fechá-la. A um paciente a quem foram dados cubos de madeira para organizar num padrão, tentou fazê-lo com a mão direita e a mão esquerda tentava continuamente interrompê-lo; finalmente, teve de se sentar em cima da mão esquerda para a fazer comportar-se.

As implicações são claramente assombrosas. A pessoa a quem chama "eu" vive no hemisfério cerebral esquerdo. Esta é a metade do cérebro que lida com a linguagem e a lógica. Poderia ser considerada um cientista. A metade direita parece trabalhar em termos de padrões e intuições; é basicamente um artista. E parece ser um "segundo eu". Era natural que o paciente tentasse resolver o padrão de cubos de madeira com a mão direita (ligada ao cérebro esquerdo), porque o médico lhe tinha pedido para fazer o puzzle, e o eu consciente e quotidiano vive no cérebro esquerdo. Se ele não fosse um paciente de cérebro dividido, o cérebro direito teria ajudado silenciosamente a resolver o puzzle "colocando ideias na sua cabeça", e ele nem sequer teria tido consciência disso.

Então, como é ser um paciente de cérebro dividido? A resposta inesperada é que a maioria deles nem sequer nota. E se refletirmos por um momento, vemos que isto faz sentido. Se eu tentar resolver algum puzzle — digamos, um cubo de Rubik — depois de alguns copos de álcool, a minha "intuição" recusa-se a funcionar. Isto porque o álcool parece interferir com a ligação entre o direito e o esquerdo. Deu-me, de facto, uma espécie de operação de cérebro dividido instantânea. Contudo, mal noto isto. O meu eu consciente está tão habituado a lidar com a realidade que mal nota quando o "outro eu" retira a sua ajuda.

Mas se eu tentasse escrever este livro após vários copos de álcool — ou quando estivesse tão cansado que os "dois eus" tivessem perdido o contacto — perceberia instantaneamente que algo estava errado. Pois escrever é um ato de estreita cooperação entre os dois eus. O direito assume uma "visão panorâmica", examinando todas as possibilidades; o esquerdo escolhe entre elas e decide qual delas transformar em palavras. Se o direito falha em fazer a sua metade do trabalho, o esquerdo olha fixamente para a folha de papel e pergunta-se o que dizer.

Será o hemisfério cerebral direito o "hóspede desconhecido"? Isso talvez fosse ir longe demais. Ainda sabemos tão pouco sobre o cérebro e o seu funcionamento que seria melhor manter a mente aberta. Mas podemos dizer com segurança que o hemisfério direito é a entrada para o "palácio invisível" do hóspede desconhecido.

Há outro ponto de importância vital a ser feito. Toda a doença mental é causada pelo conflito entre "os dois eus". O ego esquerdo é o mestre da consciência, o direito é o mestre do inconsciente. E a relação entre os dois não é diferente da relação entre Laurel e Hardy (o Bucha e o Estica) nos filmes antigos. Ollie (o Bucha) é o cérebro esquerdo, o chefe. Stan (o Estica) segue as deixas de Ollie. Quando Ollie está de bom humor, Stan fica encantado. Quando Ollie está deprimido, Stan mergulha nas profundezas do desânimo. Stan tem tendência a reagir excessivamente. Quando Ollie acorda numa segunda-feira chuvosa, pensa: "Bolas, está a chover, e tenho um dia particularmente monótono pela frente...". Stan ouve isto e afunda-se na depressão.

E Ollie — uma vez que controla o fornecimento de energia — fica com aquela "sensação de vazio" e sente-se drenado de forças. Isto fá-lo sentir-se pior do que nunca. Ao sair pelo portão, esbarra num homem que lhe diz para olhar por onde anda, depois tropeça numa racha no passeio, a seguir perde um autocarro mal chega à paragem e pensa: "Este vai ser um daqueles dias...". E, mais uma vez, Stan ouve e sente-se pior do que nunca. E, de novo, Ollie sente aquela sensação de vazio. No final do dia, poderá estar a sentir-se suicida — não porque as coisas tenham sido realmente más, mas devido a um contínuo "feedback negativo" de melancolia entre o direito e o esquerdo.

Considere, por outro lado, o que acontece a uma criança no dia de Natal. Ela acorda cheia de antecipação prazerosa; Stan envia

instantaneamente uma inundação de energia. Quando ela desce as escadas, tudo reforça o sentimento de deleite — cânticos de Natal na rádio, a árvore de Natal com as suas luzes, o cheiro de rabanadas no forno. Cada novo estímulo causa um novo jorro de alegria; cada novo jorro de alegria aprofunda o sentimento de que "está tudo bem" e de que o mundo é, afinal, um lugar maravilhoso e excitante.

O que é, então, a hipnose? A primeira coisa que temos de reconhecer é que todas as criaturas são, em grande medida, máquinas. O corpo é uma máquina elaborada; o cérebro também o é. Mas uma máquina pode ser operada por qualquer pessoa que tenha acesso a ela e saiba como funciona. Parece bastante óbvio que o hipnotizador, de algum modo, põe o cérebro esquerdo — Ollie — a dormir e ganha acesso direto a Stan. E Stan pode fazer a máquina realizar algumas coisas notáveis. Se o hipnotizador lhe disser que ele ficará rígido como uma tábua, e que se deitará sobre duas cadeiras, com a cabeça numa e os calcanhares na outra, enquanto um homem pesado salta em cima do seu estômago, ele fá-lo-á sem hesitação.

O que levanta uma questão interessante: se Stan possui estes poderes, por que não os exerce quando Ollie lhe diz para o fazer? A resposta é que ele conhece Ollie demasiado bem e não confia nele como confia no hipnotizador. No entanto, também deveria ser óbvio que, se pudéssemos de algum modo convencer Stan a confiar em Ollie, ganharíamos acesso a todos os "poderes ocultos" que Stan controla. E o homem tornar-se-ia subitamente uma espécie de super-homem. É por isto que é tão importante para nós compreendermos os mecanismos básicos da hipnose...

A história de Robert Temple sobre como quis abraçar uma árvore recorda-nos que a maioria de nós passa uma grande parte do tempo numa condição semi-hipnotizada. A nossa "consciência quotidiana" está apenas meio acordada. Só fica totalmente acordada quando estamos cheios de excitação ou sentido de propósito. (O Doutor Johnson disse: "Quando um homem sabe que vai ser enforcado dentro de quinze dias, isso concentra-lhe a mente maravilhosamente".) Assim que a nossa atenção começa a fraquejar, mergulhamos numa espécie de hipnose ligeira. E quando as nossas mentes "ficam em branco", estamos virtualmente num transe.

Tudo isto era conhecido muito antes de Mesmer. Em 1636, um matemático chamado Daniel Schwenter observou que, se um pequeno pedaço de madeira curvado for preso no bico de uma galinha, a galinha fixa

os olhos nele e entra em transe. Semelhantemente, se o bico da galinha for segurado contra o chão e uma linha de giz for traçada a partir da ponta do seu bico, ela fica imobilizada. Dez anos depois, um padre jesuíta, o P. Athanasius Kircher, descreveu experiências semelhantes com galinhas.

Tudo o que é necessário é enfiar a cabeça da galinha debaixo da sua asa e depois dar-lhe alguns balanços suaves pelo ar; ela ficará então imóvel. (Os camponeses franceses ainda usam este método quando compram galinhas vivas no mercado.) Um médico chamado Golsch descobriu que as rãs podem ser hipnotizadas virando-as de costas e batendo levemente no estômago com o dedo. Estalar os dedos acima da rã é igualmente eficaz. Os caranguejos podem ser hipnotizados acariciando suavemente a carapaça da cabeça à cauda, e desipnotizados invertendo o movimento. Em *Hypnosis of Men and Animals* (publicado em 1963), Ferenc András Völgyesi descreve como os africanos hipnotizam elefantes selvagens.

O elefante é acorrentado a uma árvore, onde se debate selvaticamente. Os nativos agitam então ramos frondosos para a frente e para trás diante dele e entoam cânticos monótonos; eventualmente, os seus olhos pestanejam, fecham-se e o elefante torna-se dócil. Pode então ser emparelhado com um elefante treinado e posto a realizar várias tarefas. Se se tornar ingovernável, o tratamento é repetido e geralmente funciona quase imediatamente.

Nada nisto contradiz a teoria da "sugestão" freudiana da hipnose. Mas Völgyesi também discute a forma como as serpentes "fascinam" as suas vítimas. Longe de ser um conto de carochinha, isto tem sido observado por muitos cientistas. Sapos, rãs, coelhos e outras criaturas podem ficar "transfixados" pelo olhar da serpente — que envolve a expansão das suas pupilas — e pelo seu silvo. Mas Völgyesi observou — e fotografou — um grande sapo a vencer uma "batalha de hipnose" com uma serpente. Völgyesi observou dois lagartos confrontando-se durante cerca de dez minutos, ambos totalmente rígidos; depois, um comeu lenta e deliberadamente o outro, começando pela cabeça.

Tratou-se novamente, ao que parece, de uma batalha de hipnose. O que parece acontecer em tais casos é que uma criatura subjuga a vontade da outra. Völgyesi observou que a hipnose também pode ser efetuada por um choque súbito — agarrando um pássaro violentamente ou fazendo um ruído alto. Ele observa penetrantemente que a hipnose parece ter algo em comum

com o pânico de palco — isto é, tanta adrenalina é libertada na corrente sanguínea que, em vez de estimular a criatura, virtualmente a paralisa. (Todos já tivemos a experiência de nos sentirmos enfraquecidos pelo medo.)

Tudo isto apoia as observações feitas por Puységur, Gibert, Messing e Hammerschlag: que a hipnose envolve frequentemente um "feixe de vontade" dirigido de uma pessoa para outra.

E agora, finalmente, podemos ver o obstáculo básico que nos separa dos nossos "poderes ocultos". Não temos consciência de que possuímos este "feixe de vontade". Estamos sempre a permitir que ele se "desligue", pelo que caímos numa condição passiva, como um ecrã de televisão em branco. Poderia comparar-nos a uma pessoa com amnésia, que sai às compras com uma carteira cheia de dinheiro, depois subitamente "fica em branco" e regressa a casa sem as compras nem a carteira. Se tivesse uma pessoa assim na sua família, obviamente não permitiria que ela fosse às compras sozinha.

No entanto, a maioria de nós está sujeita a este tipo de amnésia. Quando estamos cheios de energia, cumprimos as nossas tarefas diárias com um sentido de determinação e propósito. Mas assim que nos cansamos, a energia desliga-se e a vida parece estranhamente aborrecida e sem sentido. Se surge um problema súbito, gememos de tédio e sentimos que "não vale a pena fazer". Caímos, de facto, numa condição hipnótica, exatamente como a galinha de Schwenter com a madeira no bico. A "vontade oculta" desliga-se; o "hóspede desconhecido" adormece; tornamo-nos, na prática, robôs.

A isto poderíamos chamar o erro de Hudson e Maeterlinck. É verdade que o hóspede desconhecido vive num palácio invisível. Mas ele é, apesar disso, real. E se desejamos aprender a fazer uso dos seus poderes, devemos treinar-nos para...

3. Visões do Passado

TALVEZ O MAIS NOTÁVEL de todos os agora esquecidos exploradores do "palácio invisível" de Maeterlinck tenha sido outro americano, Joseph Rodes Buchanan, cujas descobertas foram, à sua maneira, ainda mais assombrosas do que as de Mesmer. Buchanan chegou a acreditar que cada objeto no universo tem toda a sua história "gravada"

nele — tal como uma gravação em vídeo — e que a mente humana tem o poder de "reproduzir" essa gravação.

Mas antes de prosseguirmos, consideremos um exemplo prático.

No inverno de 1921, várias pessoas reuniram-se numa sala do Instituto Metapsíquico — a versão francesa da *Society for Psychical Research* — em Paris, para testar uma clarividente, Madame De B-. O Dr. Gustav Geley, um destacado investigador francês e diretor do Instituto, pediu a alguém que lhe passasse uma carta. Um pintor e romancista chamado Pascal Forthuny agarrou-a. "Não pode ser difícil inventar algo que se aplique a qualquer pessoa!" Começou a improvisar por brincadeira. "Ah sim, vejo um crime... um assassinato..." Quando terminou, o Dr. Geley disse: "Essa carta era de Henri Landru." Landru estava na altura a ser julgado pelo assassinato de onze mulheres — crimes pelos quais foi guilhotinado no ano seguinte.

Ninguém ficou muito impressionado com a prestação de Forthuny; afinal, o julgamento de Landru era a principal notícia do dia, pelo que o assassinato era um tópico óbvio para surgir na mente de Forthuny. A esposa de Geley pegou num leque que estava sobre a mesa. "Vejamos se isso foi apenas sorte. Tente este."

Ainda num tom ligeiro, Forthuny correu os dedos pelo leque de forma profissional e olhou solenemente para o vazio. "Tenho a impressão de estar a ser sufocado. E ouço um nome a ser chamado: Elisa!"

A Madame Geley olhou para ele estupefacta. O leque tinha pertencido a uma senhora idosa que morrera sete anos antes de uma congestão pulmonar; a companheira dos seus últimos dias chamava-se Elisa.

Agora era a vez de Forthuny suspeitar de uma brincadeira. Mas a Madame Geley insistiu noutra experiência. Entregou-lhe uma bengala de oficial. Desta vez Forthuny parecia sério enquanto deixava os dedos vaguear sobre ela. Começou a descrever manobras militares, algures no Oriente. Falou do jovem oficial francês que fora dono da bengala, do seu regresso a França por mar e de como o navio fora torpedeado. Prosseguiu dizendo que o oficial fora resgatado, mas desenvolvera uma doença e morrera dois anos depois. A Madame Geley verificou que ele estava certo em cada detalhe.

Esta curiosa faculdade — que tanto espantou Forthuny — fora descoberta pela primeira vez mais de sessenta anos antes por Joseph Rodes Buchanan. Ele tinha-lhe dado o nome de "psicometria".

Buchanan nasceu em Frankfort, Kentucky, a 11 de dezembro de 1814, três meses antes da morte de Mesmer (que morreu a 5 de março de 1815, aos 81 anos). O seu pai era médico e autor, e Buchanan foi algo como um prodígio infantil, estudando geometria e astronomia aos 6 anos e iniciando-se no Direito aos 12. Quando o seu pai morreu no ano seguinte, Buchanan sustentou-se como tipógrafo e depois como professor primário.

E algures durante a sua adolescência, deparou-se com as teorias de Mesmer e ficou fascinado pela noção de que o universo é permeado por algum "fluido magnético" e que as estrelas e os planetas causam "marés" neste fluido. Como vimos, Mesmer acreditava que estas "marés" causam doença e saúde nos seres humanos, pois nós também estamos cheios de uma espécie de fluido magnético gerado pelos nervos. Quando este fluido fica bloqueado ou estagnado, adoecemos. Quando é desbloqueado — por ímanes ou pelo "magnetismo animal" do médico — ficamos bons novamente.

Tudo isto entusiasmou o jovem Buchanan, que estava convencido de que o mundo se encontrava no limiar de algumas descobertas médicas tremendas. Ele reconheceu, claro, que o segredo da "aura nervosa" reside no cérebro, não no sistema nervoso, pois o cérebro é a sua caixa central de controlo. Mas, na década de 1830, quase nada se sabia sobre a anatomia do cérebro. O que se sabia era que diferentes partes do cérebro parecem governar os nossos instintos — capacidade de proteção, ternura, agressividade, egoísmo, e assim por diante.

O grande fisiologista Joseph Gall descobriu as estruturas básicas do cérebro no final do século XVIII, e o seu pupilo J. K. Spurzheim prosseguiu tentando localizar várias áreas do cérebro que estivessem ligadas às emoções humanas — destrutividade, amor, aquisitividade, alegria, egotismo e mais de vinte outras. Spurzheim estava convencido de que, quando qualquer uma destas áreas se torna altamente desenvolvida, causa uma protuberância no crânio, que pode ser sentida com as pontas dos dedos. A ciência destas "protuberâncias" chamava-se frenologia e depressa se tornou o campo de exploração de todo o tipo de charlatães.

Quando Buchanan foi estudar Medicina para a Universidade de Louisville, em 1835, ficou desapontado ao descobrir que ninguém parecia ter ouvido falar de Gall ou Spurzheim. No entanto, não permitiu que isso diminuísse o seu entusiasmo e lançou-se no estudo do cérebro, concebendo experiências para testar as teorias deles. Hoje em dia, um homem que defendesse as suas crenças seria evitado pelos colegas como um excêntrico; mas naquela era menos sofisticada — e menos estreita de vistas — ele era simplesmente considerado um jovem experimentador brilhante. Ficou excitado ao descobrir que, quando um paciente era hipnotizado, respondia com a emoção apropriada se várias "protuberâncias" fossem tocadas suavemente — raiva, amor, alegria, pesar e assim por diante. Esta noção ficou conhecida como "freno-mesmerismo" e Buchanan afirmou ser o seu descobridor — com alguma oposição de outros seguidores de Mesmer e Spurzheim. Tinha apenas 24 anos quando localizou o que acreditava ser a "região da sensibilidade" no cérebro. E foi nesta região que mais tarde decidiu que residia o poder da psicometria.

Três anos depois, Buchanan teve um encontro fatídico que viria a determinar o curso de toda a sua vida. Foi com um recém-consagrado bispo da Igreja Episcopal chamado Leonidas Polk, que abandonara o exército em favor da igreja e cuja diocese incluía praticamente todo o sul americano. (Mais tarde tornou-se general da Guerra Civil e foi morto em Marietta em 1864.) O bispo mencionou casualmente que conseguia detetar instantaneamente latão quando lhe tocava — mesmo no escuro — porque isso lhe produzia um sabor metálico ofensivo na boca.

Polk permitiu que Buchanan sentisse as suas "protuberâncias" e Buchanan ficou encantado ao descobrir que a sua região da sensibilidade — que governa os sentidos físicos — estava anormalmente desenvolvida. (É importante notar que a frenologia — habitualmente descartada como uma pseudociência — podia ser assustadoramente precisa e que a ciência moderna verificou algumas das suas afirmações.)

[Imagem do córtex cerebral com os seus dois hemisférios]

O bispo era tão transparentemente honesto que nunca ocorreu a Buchanan duvidar da sua palavra — mas também ele não pediu, aparentemente, que Polk se submetesse a testes científicos. Em vez disso, decidiu testar outros e ver se eles poderiam também ter as mesmas sensibilidades altamente desenvolvidas. Qualquer um dos seus estudantes

cuja cabeça mostrasse uma protuberância invulgar de sensibilidade era recrutado, e Buchanan ficou satisfeito ao descobrir que esta faculdade de "sentir" latão através dos dedos era relativamente comum. Na verdade, os seus sujeitos conseguiam distinguir vários metais e substâncias como açúcar, sal, pimenta e vinagre.

Não havia nada de muito estranho nisto, no que dizia respeito a Buchanan. Afinal, a língua tem precisamente este poder — por que não as pontas dos dedos, que são igualmente importantes para sentir objetos? Além disso, como vimos no capítulo anterior, os cientistas do século XIX estavam cientes de um poder que a ciência moderna esqueceu — o de "ver" com outras partes do corpo além dos olhos. Isto soa absurdo, mas descrições precisas de experiências científicas não deixam dúvidas de que aconteceu e que ainda poderia acontecer.

O Dr. Justinus Kerner, cujo livro *A Vidente de Prevorst* foi um *bestseller* do século XIX, descreveu como a "vidente", Friederike Hauffe, conseguia ler com o estômago; ele fê-la deitar-se de olhos fechados, colocou documentos sobre o seu ventre nu e ouviu-a ler fluentemente a partir deles. Mais tarde no século, o Professor Cesare Lombroso, o fundador da criminologia científica, testou cuidadosamente uma rapariga que era capaz de ver através da ponta do nariz e da orelha esquerda, e que conseguia cheirar através do queixo e — mais tarde — através do calcanhar.[1] A investigação paranormal moderna identificou pessoas que conseguem "ver" cores através das pontas dos dedos, mas a ciência moderna ainda considera o caso como não provado. No tempo de Buchanan, era considerado uma possibilidade perfeitamente normal.

Buchanan também observou que as pessoas em climas quentes conseguiam "sentir" metais e outras substâncias melhor do que as de climas frios. Isso também era lógico pois, em climas quentes, suamos mais, e a pele humedecida pelo suor é mais sensível — por exemplo, ao vento — do que uma pele seca. Isto, diz Buchanan, é "um facto que considero agora tão bem estabelecido e familiar como qualquer outro na ciência médica". E quando transmitia este facto aos seus alunos, tinha o cuidado de desarmar o ceticismo através de uma demonstração imediata. Vários produtos químicos eram cuidadosamente embrulhados em papel e dados aos alunos para segurarem. Algumas das substâncias eram estimulantes fortes ou narcóticos, alguns eméticos, alguns até catárticos. De uma turma de 86,

metade dos alunos experienciou efeitos nítidos das substâncias que segurava — alguns dos que seguravam o emético tiveram de o pousar apressadamente para evitar o vómito. (Ele não menciona o que aconteceu aos que seguravam laxantes.) Buchanan conseguiu que os 43 que sentiram estes efeitos assinassem um testemunho, que ele inclui no seu livro.

O seu pensamento seguinte foi que, se uma mera substância podia afetar um "sensitivo" de forma tão forte, as pessoas vivas produziriam um efeito ainda maior. Selecionou os seus melhores sensitivos e pediu-lhes que tentassem colocar a mão na cabeça ou no corpo de outra pessoa, concentrando-se depois no efeito. Novamente, os seus sensitivos mostraram pela sua reação que estavam de algum modo a captar os sentimentos da outra pessoa. Quando a mão era colocada no estômago de uma pessoa que sofria de uma doença naquela região, era produzida uma "impressão mórbida". Buchanan afirma que ele próprio se tornou tão bom a sentir as doenças dos pacientes desta forma que se sentia mal após alguns minutos e tinha de quebrar o contacto.

Um dos melhores sensitivos de Buchanan era um homem chamado Charles Inman. Ele conseguia experienciar os estados mentais dos pacientes passando levemente os dedos pelas suas "protuberâncias". Mas poderia ter sido telepatia? Ou até mera autossugestão? Buchanan decidiu tentar uma experiência simples. Selecionou dos seus ficheiros de correspondência quatro cartas escritas por pessoas com carateres fortes e perguntou a Inman se ele conseguia descobrir algo sobre o caráter e as emoções dos escritores apenas segurando as suas cartas. O resultado, diz ele, superou todas as suas expectativas; Inman começou a falar sobre os autores das cartas com tanta intuição como se os tivesse conhecido pessoalmente.

Duas das cartas eram de um cirurgião chamado J. B. Flint e de um médico, Charles Caldwell, que fundara a faculdade em Louisville. Estes homens tinham sido amigos em tempos, mas tinham-se tornado inimigos figadais. Inman sentiu imediatamente a detestação mútua, e as emoções negativas deles afetaram-no tão poderosamente que teve de pousar as cartas. Buchanan perguntou-lhe qual dos dois ele achava que venceria num conflito; Inman ergueu a carta de Caldwell e disse: "Este esmagaria o outro." Era, de facto, verdade — os esforços de Caldwell tinham resultado na remoção de Flint da sua cátedra de cirurgia. Uma das outras cartas era

de um político eminente, e Inman foi capaz de dizer que ele era um homem de considerável poder mental e físico.

O que poderia acontecer, perguntou Buchanan, se o Dr. Caldwell e o político se encontrassem numa colisão frontal? Inman abanou a cabeça. Isso seria altamente improvável, disse ele, porque ambos eram demasiado corteses e dignos. Buchanan insistiu — suponha que o impensável acontecia e eles chocavam? Relutantemente, Inman deu a sua opinião. Os dois homens nunca chegariam ao estágio de hostilidade aberta mas, se surgisse algum desacordo, o político provavelmente lidaria com a situação através de alguma repreensão tática que deteria imediatamente o médico. Como Buchanan tinha visto esse preciso evento ocorrer, ficou profundamente impressionado.

Mas o que significava tudo isto? Para um "sensitivo" identificar um metal ou um químico — ou mesmo a doença de alguém — era uma coisa; mas certamente captar o caráter de alguém a partir de uma carta era outra completamente diferente? Buchanan não pensava assim. A fotografia era uma invenção bastante recente — as fotografias do período eram conhecidas como daguerreótipos, em nome do inventor Daguerre. Um daguerreótipo, raciocinou Buchanan, não é nada mais nada menos do que uma "pintura de luz", uma pintura feita sobre químicos sensíveis pela luz refletida pelo seu sujeito. Bem, os seres humanos parecem emanar uma "aura nervosa", e esta parece variar de acordo com a sua força de caráter. Então, por que não seria um sensitivo capaz de captar a aura nervosa a partir de cartas?

Se este raciocínio nos parece especioso, é principalmente porque Buchanan saltou um passo no argumento. Um cão de fila consegue distinguir entre dois seres humanos pelo cheiro nas suas roupas. Buchanan considerava sensitivos como Charles Inman como cães de fila humanos que conseguem captar o "cheiro" da aura nervosa. E se as suas leituras precisas de caráter soam improváveis, temos de refletir que processos como a gravação de som e a transmissão de televisão parecem igualmente improváveis. Um disco de gramofone é uma série de protuberâncias num disco de plástico ou cera; quando uma agulha percorre estas protuberâncias, reproduz os sons que originalmente as criaram.

Mas qualquer criança inteligente levantará imediatamente a questão: como podem algumas protuberâncias gravar todos os instrumentos da

orquestra? No mínimo não deveria haver uma fila separada de protuberâncias para cada instrumento? A gravação de som é um milagre absurdo que, em qualquer universo bem ordenado, não deveria ser permitido acontecer. E qualquer cientista em 1842 — o ano em que Buchanan realizou estas experiências com Inman — teria afirmado com certeza que tal não poderia acontecer. Os daguerreótipos de aura nervosa de Buchanan não são mais nem menos absurdos do que um disco de longa duração ou um disco compacto.

Podemos, claro, sentir que Buchanan se estava a enganar a si próprio com o seu próprio entusiasmo e excitação. Mas lendo os seus relatos cuidadosos e precisos das suas experiências, é difícil não sentir que qualquer pessoa razoável as teria achado tão excitantes e tão convincentes quanto ele. Descreve, por exemplo, como visitou um clérigo em Boston, o Rev. Kent, a quem descreve como tendo uma mente ativa mas uma constituição débil. (Muitos experimentadores posteriores descobriram que as pessoas doentes faziam os melhores "sensitivos".) Kent achava toda a ideia absurda, mas aceitou cooperar. Buchanan tentou entregar-lhe uma carta que lhe fora escrita "por um cavalheiro de caráter forte e emoções ardentes, imediatamente após a morte da sua esposa". O Rev. Kent descreveu as suas sensações num relato da experiência. Após colocar a mão direita sobre a carta dobrada:

"Não senti nada na minha estrutura no momento, mas muito em breve senti um calor invulgar e crescente na palma da minha mão; seguiu-se uma sensação de formigueiro, começando nas pontas dos meus dedos e passando gradualmente pelo topo da minha mão e subindo pela parte exterior do meu braço. Não senti durante quase um minuto qualquer mudança na minha condição mental, e declarei-o.

O Dr. Buchanan não dera qualquer pista sobre a natureza ou autor de qualquer carta que trouxesse consigo — e eu não tinha qualquer tendência ou assunto na mente da experiência do dia para me influenciar. Uma vaga de tristeza, solenidade e angústia apoderou-se subitamente de mim; os meus pensamentos tornaram-se confusos embora rápidos — e mencionei: há aqui problemas e dor...".

Buchanan entregou em seguida ao Sr. Kent uma carta do General "Stonewall" Jackson, escrita ao sogro de Buchanan durante uma campanha eleitoral "num estilo vivo":

"As minhas primeiras sensações foram mais agudas e fortes do que antes, subindo da mesma maneira a partir das pontas dos meus dedos. Em menos de um minuto todo o meu braço ficou violentamente agitado, e cedi a um impulso irresistível de dar expressão aos meus pensamentos e sentimentos. Um sentimento determinado, autoconfiante, ousado e triunfante sugeriu a linguagem que usei, e pareceu-me que poderia ter avançado triunfalmente para a realização de qualquer propósito, por mais subtil ou forte que fosse a oposição a ser superada. Toda a minha estrutura foi abalada, a minha força elevada à tensão máxima, o meu rosto e braço ardiam, e... quando toquei novamente na carta, após repetidas remoções da minha mão pelo Dr. B., em consequência da minha grande excitação, foi como tocar em fogo, que correu até aos meus próprios dedos dos pés."

Percebemos por que razão Buchanan, observando a mudança de humor do clérigo do ceticismo para uma excitação intensa, terá ficado totalmente convencido. Experiências posteriores — realizou literalmente centenas naqueles primeiros dois anos — aprofundaram a sua certeza de que fizera uma das maiores descobertas científicas da época. No seu "Original Sketch" de psicometria, escrito em 1848, escreveu exultante: "Se, então, o homem, em cada ato, deixa a impressão ou daguerreótipo do seu ser mental sobre as cenas da sua vida e sujeitos da sua ação, somos por esta lei dotados de uma nova pista para a história da nossa raça; e considero altamente provável que, pela aplicação deste princípio, os abismos da história possam ser preenchidos e se possa obter um vislumbre de eras e nações não registadas cuja história remota se perdeu na obscuridade. Os manuscritos antigos, pinturas e outras obras de arte... estão sem dúvida ainda imbuídos do espírito que os produziu, e são capazes de revelar à exploração psicométrica as realidades vivas com as quais estiveram outrora ligados. Presentemente, estas relíquias são estéreis de significado. O seu significado oculto aguarda o futuro explorador, tal como os hieróglifos do Egito aguardavam a chegada de Champollion...".

[1] Para um relato mais longo de ambos os casos ver capítulos 4 e 7.

'O Passado está sepultado no Presente! O mundo é o seu próprio monumento duradouro; e aquilo que é verdadeiro da sua existência física, é igualmente verdadeiro da sua trajectória mental. As descobertas da psicometria permitir-nos-ão explorar a história do homem, tal como as da geologia nos permitem explorar a história da Terra. Há fósseis mentais para

o psicólogo, tal como há fósseis minerais para o geólogo... Sim, o telescópio mental foi agora descoberto, e pode penetrar nas profundezas do passado, trazendo-nos à plena vista todas as grandes e trágicas passagens da História...'

É fácil simpatizar com o seu entusiasmo. Não era um fanático enlouquecido nem um excêntrico religioso, mas um respeitável homem de ciência. Se estivesse correto — e não tinha a mínima dúvida de que estava — então o seu nome figuraria entre os maiores descobridores e exploradores da história humana. Parecia impossível que as suas descobertas não viessem a despertar amplo interesse...

E despertaram precisamente isso, como nos diz a *National Cyclopedia of American Biography*:

«As suas conferências e experiências atraíram grande atenção nos Estados Unidos e na Europa, e recebeu muitos pareceres encorajadores de médicos. Contudo, apercebeu-se de que a profissão médica era então extremamente conservadora, e abandonou os esforços de propaganda, unindo-se a outros médicos para estabelecer, em 1845-46, em Cincinnati, Ohio, o Eclectic Medical Institute, uma instituição fundamentalmente dedicada ao pensamento independente e ao progresso. Foi professor de fisiologia no colégio entre 1846 e 1856, e diretor da faculdade entre 1851 e 1856. Reformou-se do colégio em 1856.»

Buchanan teve a sorte de estabelecer um refúgio para si próprio. Isso protegê-lo-ia da tempestade vindoura — a tempestade provocada pelo surgimento do movimento chamado Espiritualismo, que transformou todos os médicos e cientistas respeitáveis dos Estados Unidos em inimigos declarados de tudo o que soasse a «ocultismo». Mas essa é uma história que terá de ser contada no capítulo seguinte.

Entretanto, antes de prosseguirmos com a história da psicometria, é importante considerar um interessante desenvolvimento paralelo do outro lado do Atlântico; uma ideia que, naquele revolucionário ano de 1848, já tornara célebre o seu descobridor. Chamava-se a força ódica.

Karl Reichenbach era um daqueles dínamos humanos que parecem nascer para a riqueza e o sucesso. Nascido em 1788, lançou-se com entusiasmo no espírito ousado e aventureiro da época, construindo a sua primeira siderurgia aos vinte e seis anos. Seguiu-se uma fábrica de açúcar

de beterraba; depois altos-fornos na Morávia e uma fábrica de aço em Ternitz, na Áustria. Comprou vastas propriedades, incluindo um castelo. Voltando-se para o estudo dos derivados do alcatrão, descobriu a parafina, o creosoto e um corante azul de anilina.

Aproximava-se dos cinquenta anos quando o seu sócio, o Conde Hugo zu Salm, morreu, e Reichenbach viu-se envolvido em enfadonhas batalhas legais com os filhos do conde. Venceu; mas o litígio encheu-o de vontade de virar costas ao mundo dos seres humanos litigiosos. Quando, em 1839, foi elevado à categoria de barão (*Freiherr*), decidiu retirar-se para o seu castelo em Reisenberg, perto de Viena, e mergulhar na tranquilidade da investigação científica. Contudo, já não se interessava pela química orgânica. Sentia-se agora livre para perseguir um velho sonho, relacionado com os mistérios da mente humana.

Quando tinha pouco mais de vinte anos, Reichenbach ficara entusiasmado com as investigações do poeta Goethe acerca da natureza da luz. Goethe decidira que Newton estava errado ao acreditar que a luz branca é composta pelas sete cores do espectro — conclusão a que chegara observando uma parede branca através de um prisma e verificando que as cores do arco-íris apenas apareciam nas margens. Se a luz branca fosse realmente multicolorida, porque não se transformava toda a parede num arco-íris?

Goethe concluiu que as cores são criadas pelo mecanismo do olho, salientando que, se esfregarmos vigorosamente os olhos no escuro, vemos intensos clarões coloridos. Os resultados de Goethe tinham sido rejeitados pelos cientistas como confusos; mas Reichenbach suspeitava de que talvez ele tivesse razão. Se assim fosse, seria mais uma prova de que a mente humana é mais complexa do que pensamos. E era essa possibilidade que fascinava Reichenbach.

Como a maioria dos outros cientistas europeus em 1839, interessava-se pelo mesmerismo e pelo hipnotismo (geralmente conhecido como «sonambulismo»). É também certo que tinha conhecimento de um mistério que continuava a suscitar especulações por toda a Europa: o do jovem Caspar Hauser, assassinado por um agressor desconhecido apenas sete anos antes. Hauser aparecera pela primeira vez na cidade de Nuremberga na Segunda-Feira de Pentecostes de 1828, aparentemente incapaz de pronunciar uma palavra. Os seus pés sangravam, e eram tão brancos e

delicados que era óbvio que nunca tinham caminhado. Uma carta que trazia consigo, dirigida a um capitão do exército, declarava que era um enjeitado que desejava servir o seu rei e a sua pátria. Escreveu o seu nome numa folha de papel com letras toscas e infantis: Caspar Hauser. E rapidamente se tornou claro que o infeliz jovem — que parecia ter cerca de dezasseis anos — passara toda a vida na escuridão, acorrentado a uma cama numa qualquer masmorra desconhecida. Não tinha memória de quem era; a sua mente era totalmente informe. Contudo, revelou-se inteligente e, sob a orientação de um professor local, aprendeu rapidamente a falar.

Por ter sido criado em condições tão anormais, Caspar revelou possuir uma sensibilidade extraordinária. A sua visão e audição eram anormalmente aguçadas; conseguia ver no escuro, e demonstrou essa capacidade lendo em voz alta a Bíblia numa sala completamente às escuras. O seu olfato era tão apurado que começava a vomitar se café, cerveja ou qualquer outra bebida forte estivesse na mesma divisão. O simples cheiro do vinho deixava-o literalmente embriagado. A eletricidade estática no ar durante uma trovoada causava-lhe intenso sofrimento.

O seu professor, Dr. Daumer, descobriu rapidamente que Hauser conseguia detetar instantaneamente cobre ou latão assim que entrava numa sala, mesmo quando os metais estavam cuidadosamente escondidos. Além disso, conseguia distinguir vários metais — exatamente como os sujeitos de Buchanan — simplesmente passando as mãos sobre o pano que os ocultava.

Hauser era também uma espécie de íman humano — outro fenómeno que nunca foi explicado pela ciência. Algumas pessoas conseguem acumular uma carga elétrica tão poderosa que qualquer pessoa que lhes toque recebe um choque violento. Hauser não era propriamente «elétrico», mas atraía metal e, quando montava a cavalo, os estribos aderiam-lhe aos pés. Reagia intensamente aos ímanes; o pólo norte provocava-lhe uma sensação diferente da do pólo sul, e parecia perceber cores distintas em cada extremidade.

Em 1829, um homem desconhecido entrou na casa de Daumer quando Hauser estava sozinho e esfaqueou-o. Recuperou; mas em 1832 o mesmo homem voltou a esfaqueá-lo nos jardins públicos, e dessa vez o golpe revelou-se fatal. O criminologista Anselm von Feuerbach publicou um estudo no qual argumentava de forma convincente que Hauser era um

príncipe da casa de Baden, irmão da rainha da Suécia, que, por motivos de intriga política, fora mantido vivo por aqueles que tinham recebido ordens para o assassinar. (Segundo Feuerbach, os seus irmãos foram assassinados pouco depois do nascimento.) Feuerbach foi violentamente atacado pelas suas opiniões — pois, naqueles tempos de pequenos principados, a realeza era considerada acima de qualquer crítica — e morreu pouco depois do assassinato de Caspar Hauser. O mistério permanece sem solução.

Quer devido ao caso Hauser, quer por um interesse mais geral na sensibilidade anormal, Reichenbach começou a repetir algumas das experiências de Mesmer com ímanes — que, segundo Mesmer, podiam provocar pequenas marés no éter universal e deslocá-lo em torno do corpo. Depois, em 1844, ouviu falar de uma rapariga chamada Mary Novotny, filha de um coletor de impostos em Viena, que sofria de debilidade geral e ataques catalépticos — como a famosa paciente de Justinus Kerner, Friederike Hauffe, «a Vidente de Prevorst». Pediram ao Sr. Novotny que levasse um grande íman — sem dúvida fornecido por Reichenbach — ao quarto da filha a meio da noite, para ver se ela reagia. Os resultados foram muito mais impressionantes do que esperava. Em torno dos pólos do íman, a rapariga via um brilho ardente, uma espécie de aurora boreal, avermelhada e amarela no pólo sul e azul-esverdeada no pólo norte. Poderia tratar-se de auto-sugestão?

Reichenbach pediu ao seu assistente que fosse para a divisão ao lado e apontasse o íman para ela através da parede; ela detetou imediatamente a sua presença. Vendada, conseguia perceber quando a armadura era deslocada da extremidade do íman. E, tal como Caspar Hauser, Miss Novotny revelou-se uma espécie de íman humano — pelo menos, a sua mão aderiu ao íman como se a pele fosse feita de ferro.

Dois meses mais tarde, Reichenbach ouviu falar de outra jovem doente, Angelica Sturmann. Entretanto, vinha experimentando cristais «magnetizados», e descobrira que estes também afetavam pessoas sensíveis. Mas, para a sua primeira experiência com Miss Sturmann, levou um grande cristal de rocha vulgar. Escondeu-o numa sala escura e pediu que trouxessem a rapariga. Em poucos instantes ela apontou o cristal; disse que estava a brilhar e a emitir faíscas, e que uma luz azul emanava da sua ponta. Quando Reichenbach o virou ao contrário, ela viu uma espécie de fumo vermelho e amarelo à volta da base.

Os seus testes com sensitivos revelaram que estes gostavam de colocar os dedos na luz azul, que consideravam fresca e agradável, enquanto a luz avermelhada e amarela produzia uma sensação quente e ligeiramente nauseante. Metais como o latão e o cobre provocavam a mesma sensação desagradável; o mesmo acontecia com o mercúrio, o que parecia explicar porque muitos dos seus «sensitivos doentes» não suportavam espelhos. Quando projetava um espectro numa parede através de um prisma e colocava copos de água na luz azul e na luz amarela, os sensitivos conseguiam distinguir a diferença; a água «azul» tinha um sabor vagamente a limão, a «amarela» era amarga e nauseabunda — um dos sensitivos chegou mesmo a vomitar depois de a provar.

Os seus sensitivos conseguiam também ver plantas e flores no escuro — pareciam rodeadas por uma ténue luminosidade. Na verdade, o mesmo acontecia com animais e seres humanos. E, quando um sino tocava, as suas vibrações produziam uma cor que se ia dissipando gradualmente. A luz emitida pelos seres humanos era ténue e esfumaçada, exceto à volta das mãos.

Delas emanavam cores nítidas pelas pontas dos dedos — azul da mão direita, vermelho-amarelado da esquerda. Uma sensitiva vendada conseguia distinguir qual das mãos lhe tocava consoante a sensação fosse fria ou quente. «Vê», observa Reichenbach, «que o homem é polarizado da direita para a esquerda... exatamente da mesma forma que um cristal» — antecipando uma das descobertas mais interessantes da moderna fisiologia cerebral.

Tudo isto parecia apoiar as conclusões de Mesmer acerca do magnetismo animal; mas, curiosamente, Reichenbach discordava. Não se trataria de algum fluido «etéreo» que permeava todo o espaço, mas de uma misteriosa energia comum a ímanes, cristais e seres vivos. Reichenbach chamou a esta energia «Od» ou «Odyle», e ela ficou geralmente conhecida como «força ódica».

É aqui que se torna possível perceber o erro do raciocínio de Reichenbach. Os nossos sentidos estão todos sintonizados com diferentes formas de energia; os ouvidos vibram ao som, os olhos à cor, a pele ao calor. O alcance dos nossos sentidos é limitado, aparentemente por necessidades de sobrevivência; não nos seria particularmente útil conseguir

ver os raios ultravioleta do Sol ou a radiação infravermelha de um fogão quente.

Parece muito provável que os anos passados na escuridão tenham desenvolvido os sentidos de Caspar Hauser ao ponto de ele conseguir perceber muito para além do alcance normal, tal como alguns dos sensitivos doentes de Reichenbach conseguiam ver a vibração de um sino ou de um violino. Eles não percebiam «Od», mas energia comum. A força que anima os seres vivos parece ter pouco em comum com o calor e a luz, embora saibamos hoje que todos os seres vivos geram um fraco campo elétrico — ao qual o seu descobridor, Harold Burr, chamou «campo-L». Seja qual for a natureza desta força vital, certamente não é o «Od» de Reichenbach. Reichenbach, tal como Goethe, deixou-se desviar pelo entusiasmo e pelo desejo de encontrar um princípio simples e unificador por detrás de todos os fenómenos. Teria feito melhor em contentar-se com a multiplicidade.

Apesar disso, em 1848 Reichenbach alcançara celebridade europeia. A sua teoria do «Od» era considerada o mais recente avanço científico, e a maioria dos cientistas estava disposta a manter uma atitude aberta relativamente a ela — as descrições de Reichenbach acerca das precauções que tomava contra a autossugestão eram impressionantes. Outros começavam a adoptar as suas ideias e a repetir as suas experiências. Parece razoável supor que, mesmo que Buchanan nunca tivesse descoberto a psicometria, algum dos seguidores de Reichenbach acabaria por fazê-lo.

Na verdade, foi um seguidor de Buchanan quem abriu novos e excitantes horizontes no estudo da psicometria.

Chamava-se William Denton, e era inglês. Nascera em Darlington em 1823 e tornara-se um popular conferencista sobre temperança após a sua conversão ao metodismo aos dezasseis anos. Sete anos mais tarde mudou-se para os Estados Unidos e foi para Cincinnati, onde, curiosamente, parece não ter chegado a contactar Joseph Rodes Buchanan, professor do recém-fundado Eclectic Institute. Ainda assim, casou com uma rapariga de Cincinnati, mudou-se para Dayton, Ohio, como diretor escolar, e interessou-se pelas mais recentes ideias da geologia. Na verdade, adotou a então violentamente controversa ideia de que a Terra não fora criada há apenas alguns milhares de anos, mas há muitos milhões. Regista-se que isto causou tanta ofensa aos cristãos ortodoxos que, numa das suas viagens de

conferências, foi ameaçado com violência popular. Mas foi depois de se tornar Professor de Geologia na Universidade de Boston — em 1853 — que tomou contacto com a ideia de Buchanan, publicada no *Journal of Man*. O segundo número continha a notável passagem acerca do passado sepultado no presente. Para um geólogo, nenhuma ideia poderia ser mais excitante:

«E porque não haveria o mundo de estar cheio de monumentos e registos não escritos da sua história passada?... O geólogo encontra, nos diferentes estratos da Terra, na sua curiosamente misturada e irregular estrutura, e nos restos fósseis que ela oculta no seu seio, a história das suas várias alterações de superfície e das raças antediluvianas de animais há muito extintas. Os enormes monstros saurianos, que ele reconstrói a partir dos seus restos fósseis, erguem-se diante dos olhos como quimeras inacreditáveis. E sobre esta região fértil, agora ocupada por Estados prósperos, ele revive, pelo poder mágico da ciência, os mares antediluvianos e os seus estranhos habitantes...»

Denton ficou arrebatado pela teoria daguerreotípica de Buchanan. Gostou igualmente de uma experiência realizada por G. H. Lewes, marido da romancista George Eliot. Lewes colocou uma hóstia sobre uma superfície de metal polido e soprou sobre ela. Depois deixou o hálito evaporar-se, retirou a hóstia e voltou a soprar sobre a placa. A imagem da hóstia apareceu na superfície. Continuava lá meses depois. Permanecia mesmo depois de ele escovar cuidadosamente a superfície metálica com um pincel de pêlo de camelo. Não seria concebível, raciocinou Denton, que a Natureza estivesse cheia de tais daguerreótipos de acontecimentos passados?

A sua irmã, Anne Cridge, parecia um sujeito adequado para experiências, pois era «altamente impressionável». Denton começou por tentar as experiências de Buchanan com cartas. Mrs. Cridge revelou-se uma excelente psicómetra:

«Ela via e descrevia os escritos das cartas que examinava, bem como o ambiente em redor, chegando por vezes a indicar corretamente a cor do cabelo e dos olhos.»

O passo seguinte foi experimentá-la com um espécime geológico.

Denton escolheu um pedaço de calcário que recolhera perto de Quindaro, Kansas, junto ao rio Missouri; estava cheio de pequenas conchas fósseis. Nada disse à irmã acerca do espécime, e embrulhou-o em papel para que ela não pudesse perceber o que era. A resposta dela foi:

«Parece-me que há aqui um buraco profundo. Oh, que conchas! Pequenas conchas; tantas. Vejo água; parece um rio a correr ali ao lado. Que colina alta — quase perpendicular; parece que a água a cortou ao meio; do outro lado não é tão alta. A colina está coberta de areia e cascalho.»

Foi um excelente começo. Denton admitiu que, tanto quanto a sua memória permitia, era uma descrição muito exata.

«Este pedaço de rocha tinha absorvido as imagens do turvo Missouri que passava diante dele, da colina que se erguia sobre ele e da paisagem circundante em geral e, aos olhos do psicómetro, essas imagens tornavam-se aparentemente tão visíveis como para um espectador presente no local.»

A esposa de Denton, Elizabeth Denton, revelou-se também uma boa psicómetra. Quando ele lhe entregou um pedaço de quartzo proveniente do Panamá, ela recebeu a impressão de um inseto gigantesco, com antenas de quase trinta centímetros, apoiando a cabeça numa rocha de quartzo, e conseguia ver uma serpente enrolada na erva rígida. Observou que o país parecia muito mais quente do que a América do Norte, com vegetação tropical.

Estas experiências eram encorajadoras. Mas o resultado da seguinte foi espectacular. Entregou à irmã um fragmento de lava vulcânica proveniente do Kilauea, no Havai, embrulhado em papel. Mrs. Cridge teve a impressão de um oceano, com navios a navegar nele, e conseguiu perceber que se tratava de uma ilha. Depois viu «um oceano de fogo a derramar-se por um precipício e a ferver enquanto caía. Vejo-o correr para o oceano, e a água ferve intensamente». A visão foi tão real que lhe abalou os nervos, e a sensação de medo permaneceu durante a hora seguinte.

Denton sabia que aquele pedaço de lava fora, de facto, expelido durante a erupção de 1840, pelo que a visão dos navios era provavelmente exata.

Neste ponto, Denton tomou uma precaução que revela que era um verdadeiro cientista, determinado a excluir qualquer possibilidade de autossugestão. Tentou embrulhar vários espécimes em folhas de papel separadas e depois misturá-los, de modo que ele próprio já não sabia qual era qual. Depois entregou um deles à esposa. Ela teve uma visão de um vulcão, com lava derretida a escorrer pelas encostas.

«O espécime deve ser lava», disse Mrs. Denton — e tinha razão.

A precaução de Denton parece-nos mero bom senso. Mas devemos lembrar-nos de que, em 1853, a telepatia era praticamente desconhecida. A própria palavra só foi inventada em 1882 (por F. W. H. Myers, um dos fundadores da Society for Psychical Research). Antes disso, a maioria das faculdades psíquicas era vagamente agrupada sob a designação geral de «clarividência», que incluía a capacidade de ver fantasmas, perceber o que acontecia noutros lugares e prever o futuro.

Quando a Society for Psychical Research começou a investigar a telepatia, tornou-se claro que esta é provavelmente a mais comum das faculdades psíquicas. (A maior parte dos casais, por exemplo, já viveu a experiência de começar a dizer exatamente a mesma coisa ao mesmo tempo.) O Professor Gilbert Murray, racionalista convicto, era tão dotado para isso que tratava a telepatia como um jogo de salão, saindo da sala enquanto os convidados escolhiam um tema da vida ou da literatura, regressando depois para lhes dizer o que tinham decidido. («Jane Eyre na escola, em cima de um banco, a ser chamada mentirosa por Mr. Brocklehurst...»)

Em 1949, a telepatia era já tão amplamente aceite, mesmo entre cientistas, que Sir Alister Hardy pôde afirmar, no seu discurso presidencial à secção zoológica da British Association:

«Creio que ninguém que examine as provas com espírito imparcial poderá rejeitá-la»,

afirmação que teria provocado assobios e troça meio século antes.

Quando consideramos muitas das experiências de Buchanan, sentimos frequentemente que os resultados poderiam ser explicados pela telepatia — particularmente quando a psicómetra era a sua própria esposa. Com Denton, essa possibilidade fica excluída desde as primeiras experiências,

pois ele tomava geralmente a precaução de garantir que nem ele próprio sabia o que estava embrulhado no papel.

Denton ficou compreensivelmente exultante.

«Desde a primeira alvorada de luz sobre este globo infantil, quando em redor do seu berço pendiam cortinas de vapor, até este momento, a Natureza ocupou-se incessantemente a fotografar cada instante.»

Era — e continua a ser — uma hipótese perfeitamente razoável. Hoje sabemos que matéria e energia são a mesma coisa; a matéria é energia congelada. A energia proveniente do espaço — luz, calor, raios cósmicos — cai sobre nós num contínuo granizo cósmico, arrancando eletrões da superfície de tudo aquilo em que incide. A luz que incide sobre uma folha de metal «evapora» eletrões tal como a luz solar evapora uma película de água, produzindo o «efeito fotoelétrico», uma corrente elétrica.

Não há, pois, dúvida de que tudo o que acontece à luz do dia é «fotografado» pelos objetos circundantes. Mas o «filme» fica dupla, tripla e múltipla vezes exposto, de tal modo que, mesmo que pudesse ser revelado, seria inútil. Num romance de ficção científica, *Before the Dawn* (1934), o matemático E. T. Bell imaginou um «descodificador de luz» capaz de separar as diversas exposições e depois «reproduzir» o registo resultante das eras como um projetor cinematográfico; desde então, a invenção do computador tornou essa ideia mais plausível, pois separar as exposições seria em grande medida uma questão de análise computacional. Mas o cérebro humano é milhares de vezes mais complexo do que qualquer computador; por isso, a suposição de Buchanan e Denton — a de que a mente possui o seu próprio descodificador integrado — é hoje mais fácil de aceitar do que era em 1860.

Denton fez grandes esforços para excluir o auto-engano. Por exemplo, experimentava o mesmo espécime mais do que uma vez no mesmo psicómetro, com semanas de intervalo, para verificar se produzia as mesmas impressões.

A partir de um fragmento de osso retirado de um pedaço de calcário, a primeira impressão de Elizabeth Denton foi:

«...uma praia longa e lisa... Nessa praia há quadrúpedes de algum tipo. Um deles é grande, pesado, de pele grossa, cor escura e pescoço espesso; a

carne não é fibrosa, mas macia. A cabeça é larga, e chifres erguem-se do nariz. Vejo outro com um pescoço comprido e uma cabeça quase do tamanho da de uma ovelha, mas parecida com a de uma serpente, embora seja um quadrúpede.»

Isto parece descrever um plesiossauro, espécie à qual se supõe pertencer o lendário monstro do Loch Ness. Ela ficou impressionada com rochas cobertas de musgo verde brilhante.

Denton voltou a experimentar o mesmo espécime um mês mais tarde, certificando-se de que ela não fazia ideia do que era (embora desta vez não tenha tomado qualquer precaução contra a telepatia). Novamente viu água, com ervas aquáticas semelhantes a musgo; mas desta vez viu criaturas semelhantes a aves com asas membranosas na água pouco profunda. Sabemos que os pterodáctilos se alimentavam de peixe, pelo que parece concebível que passassem parte do tempo na água, como as gaivotas.

Noutras ocasiões, o próprio Denton não sabia o que a psicómetra estava a examinar; cobria a mesa com vários minerais e fósseis, e a psicómetra pegava num deles de olhos fechados. Quando ela descreveu em detalhe uma cena submarina, o espécime revelou ser um pedaço de coral silúrico. Um minúsculo fragmento de dente de mastodonte, tão pequeno que não podia ser reconhecido, produziu imediatamente a impressão de «um verdadeiro monstro com pernas pesadas, cabeça desajeitada e corpo enorme». Vários fragmentos de calcário produziram magníficas e detalhadas descrições de paisagens pré-históricas.

Um pequeno fragmento de chifre de camurça produziu uma bela descrição dos Alpes. Um fóssil proveniente de Cuba originou a descrição de uma ilha tropical com alguns detalhes geográficos exatos. Um pedaço de cerâmica indígena evocou imediatamente a imagem de índios americanos. Fragmentos de meteoritos — experimentados com vários psicómetras — provocavam sempre visões do espaço vazio, por vezes da Terra observada de grande altitude. Um seixo proveniente de um glaciar produziu uma imediata impressão de estar congelado numa enorme massa de gelo.

Um fragmento de rocha de Table Rock, nas Cataratas do Niágara, trouxe a impressão de olhar do alto de uma montanha para um «buraco profundo», com algo a ferver lá em baixo — a psicómetra pensou tratar-se de uma nascente termal com vapor, embora pudesse ouvir o ruído de uma

torrente e ver o rio Niágara. Mais tarde, durante a experiência, reconheceu que «é a água que faz aquele fumo; parece uma nuvem de chuva ou névoa». Um fragmento de estalactite trouxe a imagem de «pedaços de rocha pendurados; parecem pingentes de gelo».

Quando Denton experimentou a esposa com um pedaço de sílex proveniente do Monte das Oliveiras, o resultado foi uma descrição de uma terra árida com baixas colinas rochosas, «tão pobre... que não conseguiam produzir alimento suficiente», e cavalos, ovelhas e cabras. Depois passou a descrever uma grande igreja e uma cidade muralhada com portões de ferro. Finalmente, por inferência, concluiu que estava a observar Jerusalém.

Noutra ocasião, Denton retirou o mesmo fragmento de uma caixa de espécimes misturados sem saber o que era. Mais uma vez surgiu a descrição de uma cidade muralhada e de uma paisagem árida, acompanhada do comentário:

«Penso que a Bíblia poderá ter sido escrita aqui.»

Só depois de ela terminar é que Denton examinou mais atentamente a rocha e identificou-a como o sílex já utilizado anteriormente.

À medida que os sensitivos se tornavam mais habilidosos, começaram a conseguir distinguir diferentes períodos da história dos espécimes. Um destes casos encontra-se entre os mais impressionantes registados por Denton.

Entregou à irmã um fragmento de pavimento em mosaico que fora desenterrado em 1760 e levado para Inglaterra. Provinha da villa do orador romano Cícero. Denton esperava obter uma descrição de Cícero — ou pelo menos de alguns romanos antigos. Em vez disso, Mrs. Cridge começou por descrever uma floresta pré-histórica com um animal semelhante a um mastodonte. Denton pediu-lhe que avançasse para tempos mais modernos. Então ela viu uma casa senhorial rodeada pelos seus jardins e um velho vestido com calções até ao joelho e casaca de caudas. Isto parece corresponder à casa para onde o fragmento foi levado em 1760.

Denton decidiu experimentar o fragmento com a esposa. Ela percebeu imediatamente que a cunhada já o tinha psicometrizado. Depois descreveu um jardim com uma cascata que lhe parecia artificialmente planeada («há

influência humana nisto»). Prosseguiu descrevendo uma cena num quarto de doente da casa. Tudo isto foi algo decepcionante.

Alguns dias depois, Denton resolveu voltar a experimentá-la. Desta vez, ela viu imediatamente uma cena nitidamente romana, com um grande edifício dotado de colunas e escadarias. Numa sala com mobiliário desconfortável («se é que se pode chamar mobiliário») as paredes estavam cobertas de veludo carmesim. Viu filas de soldados de elmo, e depois «um homem corpulento, de rosto largo e olhos azuis». Vestia uma «roupa semelhante a uma toga».

«É majestoso, mas também possui bastante cordialidade. Considera-se superior e afasta-se dos outros... Parece-me que tem alguma relação com aquelas tropas...»

Cícero fora um comandante militar bem-sucedido numa fase da sua carreira; mas era alto e magro. Denton concluiu que o homem poderia ser Cícero e terminou as notas sobre a experiência com a observação:

«Em qualquer caso, temos uma descrição em harmonia com a época e as pessoas dos dias de Cícero.»

Quando voltou a publicar o livro — acrescido de mais dois volumes — em 1888, fizera entretanto uma descoberta importante. O proprietário anterior da casa de Cícero fora o ditador Sula, e a descrição da esposa aproximava-se muito mais do que sabemos acerca de Sula (que morreu em 78 a.C.). Foi um dos poucos ditadores romanos que conseguiram morrer na própria cama. Embora algumas das suas medidas fossem brutais e impopulares, era conhecido como um homem convivial, muito afeiçoado aos amigos. Os soldados chamavam-lhe «Sula, o afortunado». Mrs. Denton parecia ter-se concentrado em Sula e não em Cícero — indicação (tal como o jardim do século XVIII visto por Mrs. Cridge) de que as expectativas de Denton tinham pouca ou nenhuma influência sobre os psicómetros. (Na verdade, a maioria dos modernos paragnostas diria que, se desejam receber impressões telepáticas, têm de se concentrar na pessoa cuja mente querem ler; se querem impressões psicométricas, concentram-se no objeto.)

Quando Denton entregou à esposa um fragmento da Torre de Porcelana, perto de Pequim, nada sabia acerca dela, exceto que provinha de um lugar chamado Torre de Porcelana, na China. A esposa descreveu um local semelhante a um templo, com paredes maciças e grandes urnas; viu

um telhado em forma de sino e uma torre. Depois de anotar a descrição, Denton consultou a *Iconographic Encyclopedia* para descobrir a função da Torre de Porcelana (pois, até então, tanto podia tratar-se de um templo como de um monumento semelhante à Torre de Pisa). Descobriu que era efetivamente um templo, com paredes de mais de três metros de espessura.

Se aceitarmos a hipótese de que o conhecimento de Denton acerca dos objectos não exercia qualquer influência telepática sobre o psicómetra, então as experiências descritas no primeiro volume de *The Soul of Things* são absolutamente impressionantes. Repetidamente, os psicómetros conseguiam identificar o lugar de origem do objeto. Um fragmento de laje calcária de Nínive produziu a impressão de um vasto templo; uma moeda grega (mantida invisível) originou uma detalhada descrição da casa da moeda; um pedaço de cortina da Câmara dos Representantes evocou uma grande sala de assembleia e a impressão de alguns deputados a falar de forma superficial e leviana; um pedaço de arenito da Abadia de Melrose, na Escócia, produziu a descrição de uma abadia com portais arqueados, janelas góticas e uma nave.

Três meses mais tarde, Mrs. Denton recebeu novamente o fragmento — sem saber que já o tinha manuseado antes. Voltou a ver arcos e um «local de culto», mas desta vez acompanhado por algum tipo de conferência ou reunião.

«Estas pessoas são ignorantes e fanáticas.»

Uma consulta à enciclopédia revelou que a Abadia de Melrose estivera «habitualmente envolvida nos rancorosos acontecimentos de disputas fronteiriças e guerras internacionais». («Ignorantes e fanáticas» é uma descrição admirável do temperamento religioso escocês dos séculos passados.)

Um fragmento de mosaico de umas termas romanas trouxe uma detalhada descrição de um balneário romano, impregnado de uma atmosfera de «alegria e voluptuosidade».

Um fragmento de mosaico de Pompeia trouxe uma interessante descrição de uma antiga cidade de ruas estreitas e de uma população dominada pela febre da guerra; Denton esperava alguma referência à destruição de Pompeia. Contudo, um fragmento de rocha vulcânica proveniente de Pompeia trouxe resultados muito mais satisfatórios. Tinha o

tamanho de um pequeno feijão, e a psicómetra não pôde vê-lo. (Denton não explica exatamente como procedeu, mas presume-se que estivesse embrulhado em papel ou pano.) Mrs. Denton viu figuras coloridas numa parede — frescos — e observou que o edifício dominava o mar. Da janela podia olhar para o topo da montanha e ver fumo e cinzas a elevarem-se numa coluna. A nuvem negra de poeira espalhava-se pelo campo. A partir de um ponto mais alto da montanha, conseguiu observar a erupção.

«Sinto uma influência de terror humano que não consigo descrever.»

A terra abaixo acabou por se transformar num deserto de cinzas. Observando multidões a fugir de Pompeia (na realidade, grande parte da população escapou antes da catástrofe final), surpreende-se por a cidade se parecer mais com uma povoação moderna do que esperava.

Uma observação interessante foi a de que o vulcão também expelira água. Na verdade, Pompeia foi soterrada por uma espécie de lama, e não por lava derretida. Os corpos encontrados encerrados no material endurecido não apresentavam queimaduras. Uma descrição da erupção feita por Plínio, o Jovem, fala de uma coluna de fumo em forma de árvore elevando-se do vulcão e depois espalhando-se como ramos — ou como uma nuvem em cogumelo — antes de descer e cobrir a cidade. A descrição de Elizabeth Denton era espantosamente próxima.

Quase uma década mais tarde, Denton voltou ao tema de Pompeia. O filho Sherman tinha então cerca de quinze anos; praticava psicometria desde criança e era, em certos aspetos, mais sensível do que a mãe. Os testes conduzidos por Denton ocupam mais de cinquenta páginas do segundo volume e oferecem uma imagem extraordinariamente rica e complexa da vida em Pompeia.

A primeira sessão de Sherman — utilizando um pedaço de reboco da «Casa de Salústio» — produziu imediatamente um notável acerto. Sobre uma porta, Sherman «viu» uma pintura de duas crianças aladas puxando um carro onde seguia outra criança alada. Mais tarde, Denton descobriu uma gravura da pintura num livro sobre Pompeia (que, insiste ele, nem ele nem Sherman tinham visto antes do teste), reproduzindo-a no texto.

Quando Sherman falou de ruas largas, Denton mostrou-se cético; a maioria das ruas de Pompeia mal tinha dois metros de largura. Mais tarde,

porém, descobriu que a Casa de Salústio não se situava na zona residencial, mas junto de uma praça, numa área de ruas largas.

Sherman descreveu um barco pompeiano com a proa semelhante ao pescoço e cabeça de um cisne. Denton encontrou gravuras provenientes da vizinha Herculano (também soterrada pela erupção) representando o *cheniscus*, uma cabeça e pescoço de ave colocados na proa das embarcações romanas.

Sherman comentou ainda:

«As pessoas trabalhadoras parecem odiar os ricos. Quando estão reunidas em grupo, os ricos passam rapidamente por elas e parecem olhá-las como um homem olharia para uma serpente.»

Denton não fez qualquer tentativa de verificar esta afirmação. Contudo, num livro moderno, *Pompeii and Herculaneum* (1960), de Marcel Brion, descobrimos que os muros de Pompeia continham grafitos como:

«Esta cidade é demasiado rica» e

«Proponho uma distribuição da riqueza pública entre os habitantes.»

A atitude dos ricos devia aumentar esse sentimento de injustiça social; no átrio da Casa de Vedius Siricus havia uma inscrição:

Salve Lucrum — «Salve, Lucro!»

Brion comenta que também significava «Bem-vindo, dinheiro», dirigido como saudação a outros homens ricos que visitavam a casa. Torna-se claro que os pompeianos levavam muito a sério o enriquecimento. Na sua anterior observação de um fragmento proveniente de Pompeia, Mrs. Denton comentara a diferença que sentia entre os pompeianos e os antigos egípcios: para os egípcios, a religião fazia parte intrínseca do modo de vida; para os pompeianos, era sobretudo uma questão de formalidades e observâncias. Mas os ricos mantinham estátuas de Mercúrio em casa para trazer sorte aos negócios e afastar maus espíritos que os pudessem prejudicar.

«Salve, Lucro!»

Outro comentário de Sherman foi que as mulheres pareciam desempenhar um papel proeminente na vida de Pompeia; Brion observa

que, em Pompeia, as mulheres participavam nos negócios; até mulheres ricas anunciavam lojas para arrendar.

A descrição de Sherman de uma representação teatral faz lembrar mais um circo com palhaços e acrobatas do que aquilo que um leitor moderno esperaria — comédias de Plauto, Estácio e Terêncio, tragédias gregas, etc. Denton observa que a descrição do filho de acrobatas e cómicos parece extremamente moderna. Contudo, Marcel Brion comenta que a forma favorita de entretenimento dramático naquela época eram as *atellanae*, farsas populares que recebiam o nome da cidade de origem, Atella; inicialmente concebidas para relaxar o público após as tragédias, tornaram-se tão populares que passaram a ser representadas autonomamente.

Brion descreve essas representações da seguinte forma:

«Poderiam comparar-se a números de music-hall de nível bastante baixo, entremeados de dança, palhaçadas, obscenidades, demonstrações de habilidade e exibições atléticas, terminando tudo numa procissão de raparigas nuas.»

À exceção das raparigas nuas (que Denton sem dúvida teria censurado), esta é uma síntese bastante exata da longa descrição de Sherman Denton de uma representação teatral em Pompeia.

As descrições de Pompeia constituem certamente o ponto alto do segundo volume de Denton; mas há outros aspetos igualmente impressionantes.

Por essa altura, Denton já tomara consciência da possibilidade de leitura mental, embora tendesse a descartá-la simplesmente porque observara que as próprias expectativas não influenciavam as «visões» do psicómetra. Concebeu, porém, uma interessante experiência para demonstrar que as visões podiam ser igualmente exatas mesmo quando toda a possibilidade de leitura mental fosse excluída.

Descobrira algo curioso: o psicómetra podia olhar para um mapa, fechar os olhos e experimentar uma sensação de voar pelo ar até chegar ao local observado. Esta faculdade é conhecida como «clarividência viajante» e tem sido objeto de numerosas investigações modernas (por exemplo, na Universidade de Stanford, em meados da década de 1970, onde, em

condições laboratoriais, o sensitivo Ingo Swann demonstrou ser capaz de viajar mentalmente para outros lugares e descrever com exatidão o que ali acontecia).

Escolheram aleatoriamente a ilha de Socotorá, no Golfo de Áden, e pediram primeiro a Mrs. Denton que a descrevesse. Ela afirmou tratar-se de uma ilha rochosa, «quase uma rocha no mar», com uma costa alta e montanhosa e a outra — a costa habitada — baixa. Pareciam existir dois tipos de habitantes. Os do interior, os nativos, eram pobres, e «parecem ter um espírito errante». Junto à costa, as pessoas eram «amareladas» e dedicavam-se mais ao comércio.

Tudo isto se revelou extraordinariamente exato segundo um artigo enciclopédico sobre Socotorá. A descrição geográfica era precisa.

A população consistia em dois tipos: os habitantes originais, beduínos que viviam no interior e levavam uma vida nómada, e comerciantes e agricultores árabes que viviam junto à costa.

Em comparação, a descrição de Sherman Denton parece vaga e inexata; descreveu a ilha como verde e sem montanhas (quando, na realidade, as montanhas têm cerca de cinco mil pés de altitude) e prosseguiu com descrições de indígenas que viviam numa existência de mera subsistência. Mas o facto de Denton incluir este relativo fracasso é testemunho da sua honestidade.

Os dois primeiros volumes de *The Soul of Things* são simultaneamente impressionantes e entusiasmantes; com as suas longas descrições de épocas passadas, lêem-se quase como um romance. Denton estava tão convencido como Buchanan de que a psicometria era uma faculdade humana normal, um «telescópio para o passado» que poderia ser desenvolvido por qualquer pessoa disposta a dedicar-lhe esforço. Dá a impressão de ser um cientista bastante melhor do que Buchanan, mais preocupado em excluir possíveis erros e em explicar a psicometria em termos de teoria científica.

Por exemplo, dedica um capítulo à curiosidade psicológica atualmente conhecida como «imagética eidética» ou memória fotográfica — a capacidade que algumas pessoas (sobretudo crianças) possuem de olhar para um objeto e depois projetar uma imagem exata dele sobre uma folha de papel em branco.

Newton descobriu que, durante as suas experiências óticas, a imagem do Sol (vista através de um vidro escurecido) continuava a regressar como uma alucinação. Desaparecia quando deixava de pensar nela; mas bastava evocá-la mentalmente para que reaparecesse diante dos seus olhos. Denton encontrou muitas outras descrições do mesmo fenómeno: não apenas de imagens simples como o Sol, mas de cenas completas. Cita o Professor Stevelly que, após observar enxames de abelhas saindo das colmeias, continuou a ter durante dias alucinações visuais de enxames de abelhas. Um médico chamado Ferriar descreveu como, ao anoitecer, conseguia evocar em detalhe alguma cena observada durante o dia — uma velha ruína, uma bela casa, uma parada militar; bastava-lhe entrar numa sala escura para a ver como se fosse uma fotografia a cores. O geólogo Hugh Miller possuía uma capacidade semelhante. Escreveu:

«Suspeito que existam províncias na filosofia da mente nas quais os metafísicos ainda não penetraram. Desse armazém acessível, onde as memórias dos acontecimentos passados jazem arrumadas e catalogadas, parecem conhecer bastante; mas de um misterioso gabinete de imagens daguerreotípicas, cujas portas, embora normalmente firmemente fechadas, a doença por vezes entreabre, parecem nada saber.»

Mais de um século depois, o Dr. Wilder Penfield demonstrou a veracidade desta observação quando, durante uma operação cerebral, tocou o córtex temporal do paciente com uma sonda elétrica e o paciente subitamente «reproduziu» memórias precisas e extensas da infância, todas tão minuciosamente detalhadas como se estivessem a ocorrer no presente.

À primeira vista, é difícil perceber que ligação via Denton entre estas alucinações visuais e a psicometria — afinal, parecem ter muito pouco em comum. Mas torna-se lentamente claro que a esposa e a irmã — e mais tarde o filho — viam efetivamente essas visões do passado; se o cinema já existisse na época, talvez ele as tivesse comparado a uma projeção cinematográfica mental. Estas experiências alucinatórias pareciam oferecer uma pista para essa estranha faculdade da visão psicométrica.

Particularmente interessante é a observação de Newton de que conseguia fazer reaparecer diante dos olhos a imagem do Sol apenas imaginando-a. O que isto sugere é que a imagem ficara tão vividamente impressa no cérebro que podia ser «projetada» como um filme simplesmente pelo ato da vontade. Isto também parece explicar as visões

de Stevelly dos enxames de abelhas e as de Ferriar de velhas ruínas e belas casas.

O filósofo Berdiaev possui uma passagem em que descreve a sua própria visão alucinatória de uma mulher chamada Mintslova — discípula de Rudolf Steiner — que considerava uma influência perniciosa:

«Estava deitado na cama do meu quarto, meio adormecido; conseguia ver claramente o quarto e o canto oposto onde estava pendurado um ícone com uma pequena lamparina acesa diante dele. Vi o contorno do rosto de Mintslova: a sua expressão era absolutamente horrível — um rosto aparentemente possuído por todo o poder das trevas. Fitei-a intensamente durante alguns segundos e depois, mediante um intenso esforço espiritual, forcei a horrível visão a desaparecer.»[1]

É significativo que Berdiaev estivesse meio adormecido, de modo que aquilo que poderia ter sido apenas uma imagem onírica foi projetado como alucinação.

O terceiro volume de *The Soul of Things* torna-nos conscientes dos inconvenientes desta capacidade. A gravura inicial é um «Mapa de Júpiter», acompanhado de uma legenda com indicações como «Casas e cidade, vistas em 19 de Março de 1870», «Colinas em forma de cone de açúcar, vistas em 23 de Março de 1870». E a secção mais extensa do livro é um capítulo intitulado «Exames Astronómicos», começando com «A visita de um rapaz a Vénus», «Visita a um cometa», e incluindo relatos sobre Marte e Júpiter.

As observações de Sherman Denton sobre Vénus começam de forma promissora com o comentário de que as suas montanhas são mais altas do que as da Terra — o que é verdade. Mas depois prossegue descrevendo árvores gigantes em forma de cogumelo cheias de geleia doce e um animal meio peixe, meio rato-almiscarado. A sonda espacial *Mariner*, em 1962, revelou que a temperatura à superfície de Vénus ronda os 900°F, suficientemente elevada para derreter solda e, portanto, demasiado alta para sustentar vida.

A visita de Sherman a um cometa é igualmente dececionante; afirma que se trata de um planeta transformado numa espécie de bola de fogo. Ainda hoje não sabemos exatamente a origem dos cometas; mas sabemos que possuem baixa densidade e são quase certamente extremamente frios.

A visita de Sherman ao Sol revelou-lhe que este era constituído por lava derretida que, em certos pontos, endurecia formando crosta. A astronomia moderna demonstrou que o Sol é uma esfera gasosa.

Uma visita a Marte revelou um planeta muito semelhante à Terra, mas habitado por homens com quatro dedos, bocas largas, cabelo louro e olhos azuis.

«Parece quente, como clima de Verão.»

(Na realidade, Marte é extremamente frio, pois encontra-se mais de 50 milhões de milhas mais distante do Sol do que a Terra.)

Mrs. Cridge e Mrs. Denton também «visitaram» Marte e descreveram a sua religião, a sua arte e as suas invenções científicas.

Sherman e Mrs. Cridge descreveram igualmente Júpiter, também habitado por louros de olhos azuis capazes de flutuar no ar e cujas mulheres usam tranças até à cintura. As modernas sondas espaciais revelaram que Júpiter é basicamente uma esfera de gás gelado com um núcleo líquido quente.

O terceiro volume de *The Soul of Things* é, sem dúvida, um anticlímax, e ninguém pode ser censurado por se sentir tentado a rejeitar toda a obra como um absurdo caso de auto-engano. Mas, antes de deitarmos fora o bebé juntamente com a água do banho, convém recordar o caso paralelo de Emanuel Swedenborg.

Esse notável místico dedicou os primeiros cinquenta e seis anos da sua vida à ciência e à engenharia; depois começou a ter sonhos estranhos, alucinações e estados de transe. Nesses estados visionários acreditava ter visitado o Céu e o Inferno, e os seus livros contêm descrições detalhadas do além, aceites literalmente pelos seus discípulos — que em breve se contavam aos milhares.

Um século antes do aparecimento do espiritualismo, Swedenborg afirmava conseguir conversar com espíritos dos mortos. Quando a rainha da Suécia lhe pediu que transmitisse saudações ao seu irmão falecido, o príncipe herdeiro da Dinamarca, Swedenborg respondeu que o faria. Pouco depois, informou-a de que o irmão lhe enviava saudações e pedia desculpa por não ter respondido à sua última carta. Fá-lo-ia agora através de Swedenborg...

À medida que Swedenborg transmitia a mensagem detalhada, a rainha empalideceu e disse:

«Ninguém senão Deus conhece este segredo.»

Noutra ocasião, em 1761, a viúva do embaixador holandês contou a Swedenborg que tinha problemas com um ourives que exigia pagamento por um serviço de chá em prata; poucos dias depois, Swedenborg informou-a de que falara com o marido falecido e que este já pagara o serviço; o recibo encontrava-se num compartimento secreto da secretária. Swedenborg mencionou ainda correspondência secreta no mesmo compartimento. Tanto o recibo como a correspondência foram encontrados exatamente onde Swedenborg indicara.

Em Julho de 1759, Swedenborg conseguiu informar convidados numa festa em Gotemburgo de que um grande incêndio deflagrara em Estocolmo, a 300 milhas de distância. Duas horas mais tarde disse a um dos presentes que o fogo fora extinto apenas três portas antes da sua própria casa. Dois dias depois chegou um mensageiro confirmando todos os detalhes.

Assim, compreensivelmente, os discípulos de Swedenborg acreditaram nele quando descreveu os «reinos espirituais» e as suas visitas a outros planetas.

Mercúrio, dizia, tinha uma temperatura moderada e os seus habitantes eram mais espirituais do que os seres humanos; o planeta possuía também gado que era um cruzamento entre vacas e veados. Vénus tinha duas raças vivendo em lados opostos do planeta, uma mansa e humana, outra selvagem e violenta — esta última composta por gigantes. Os marcianos tinham rostos meio negros e meio brancos e comunicavam por uma espécie de telepatia; eram também vegetarianos. Os habitantes de Júpiter — que Swedenborg afirmava conhecer mais intimamente do que os de qualquer outro planeta — pareciam humanos, mas eram muito mais gentis e humanos, naturalmente morais e virtuosos. Os das regiões quentes andavam nus — exceto por uma cobertura sobre os rins — e ficavam espantados ao saber que os seres humanos podiam sentir excitação sexual perante a nudez alheia. Os habitantes da Lua possuíam vozes trovejantes produzidas por uma espécie de arroto...

Como resolver estas contradições?

Uma resposta é sugerida pelo Dr. Wilson Van Dusen no livro *Presence of Other Worlds*. Van Dusen argumenta que existem fortes indícios de que as visões de Swedenborg eram observadas em «estados hipnagógicos», os estados intermédios entre o sono e a vigília. O próprio Swedenborg parece confirmá-lo quando escreve:

«Certa vez, quando acordei ao amanhecer, vi... aparições de formas variadas flutuando diante dos meus olhos...»

As descrições de Swedenborg acerca de vários tipos de espíritos — particularmente os «condenados» — fazem supor que escrevia deliberadamente em parábolas; mas as descrições são tão precisas e detalhadas como as de um romancista.

A explicação mais provável é que Swedenborg desenvolvera uma faculdade muito semelhante à discutida por Denton no capítulo sobre Newton, Hugh Miller e outros indivíduos que experimentavam alucinações visuais. A severa crise mental que o transformou, já depois dos cinquenta anos, de cientista em visionário permitiu que o inconsciente irrompesse na consciência; podia, por assim dizer, sonhar de olhos abertos.

Mas se as visões dos planetas — e provavelmente do Céu e do Inferno — eram auto-engano, então como explicar a exatidão da visão do incêndio de Estocolmo, bem como a informação acerca da gaveta secreta e da carta da rainha?

A resposta é que, infelizmente, possuir genuína faculdade clarividente ou mediúnica não garante a veracidade de outros tipos de visão. Na verdade, os melhores clarividentes e psicómetras sempre estiveram dispostos a admitir que podem ser confundidos por impressões telepáticas provenientes de outras pessoas.

Assim, devemos considerar o terceiro volume de *The Soul of Things* um fracasso — mas um fracasso extraordinário que pouco diminui a realização dos dois primeiros volumes. É pena que Mrs. Denton e Mrs. Cridge não tenham conseguido distinguir entre verdadeira «clarividência» e os produtos da própria imaginação. Mas, para sermos justos, devemos admitir que não tinham motivos para o conseguir.

Thomson Jay Hudson dedica algum espaço a Denton e às suas experiências geológicas em *The Law of Psychic Phenomena*. (Denton já

tinha morrido nessa altura — falecera na Nova Guiné em 1883, durante uma tournée mundial de conferências.)

Recordando o que Hudson afirmara acerca dos poderes ocultos da «mente subjetiva», seria de esperar que elogiasse Denton como outro explorador do «palácio invisível». Contudo, de forma curiosa, rejeita o «telescópio para o passado» de Denton como auto-engano.

Segundo Hudson, tudo aquilo que Mrs. Denton descobriu podia ser explicado pelos poderes telepáticos da mente subjetiva. Ela limitava-se a ler a mente do marido.

Mas Denton não se dera ao enorme trabalho de garantir que nem ele próprio sabia o que continham os vários embrulhos de papel castanho?

Hudson descarta isso. A mente subjetiva possui imensos poderes de observação e memória, e seria uma brincadeira de crianças para ela ultrapassar as precauções elementares tomadas por Denton...

Isto soa plausível, até examinarmos mais atentamente as experiências de Denton. Se as visões se originavam na própria mente dele, então porque produziam a esposa, a irmã e mais tarde o filho imagens diferentes relativas a períodos distintos da história do espécime — como no caso do mosaico da villa de Cícero? Porque descreveu Mrs. Denton um homem que parece corresponder a Sula quando Denton esperava que descrevesse Cícero? E se foi efetivamente Sula quem ela descreveu, e Denton desconhecia que Sula vivera na villa, então a telepatia seria impossível.

Hudson poderia, evidentemente, ter contraposto estas objeções. Se a esposa e a irmã de Denton selecionavam diferentes partes da história do espécime para descrever, então estariam apenas a selecionar a partir do conhecimento existente na mente de Denton. Quanto ao facto de Denton não saber que se tratava da villa do ditador, talvez soubesse, mas tivesse esquecido que o lera...

Mas a verdadeira objeção aos argumentos de Hudson é que ele está disposto a atribuir à mente subjetiva poderes tão extraordinários quanto a própria psicometria — por exemplo, curar um parente a mil milhas de distância.

Se a mente subjetiva consegue captar vibrações de outra mente, então porque não poderia captar vibrações de uma carta ou de um pedaço de mosaico?

Hudson chega mesmo a atribuir à mente subjetiva o poder de prever o futuro; afirma que os seus poderes dedutivos são tão tremendos que consegue calcular todas as possibilidades — como um gigantesco computador — e selecionar a mais provável.

Dedica amplo espaço ao «daimon» de Sócrates — a voz interior que dava bons conselhos ao filósofo e o avisava do perigo iminente; segundo Hudson, isso não passa da mente subjetiva a fazer-se ouvir como uma espécie de voz interior na cabeça. (Um moderno defensor da teoria dos hemisférios cerebrais separados, Julian Jaynes, acreditava que os antigos ouviam «vozes» provenientes do hemisfério cerebral direito.)

Se a mente subjetiva possui poderes tão extraordinários, parece contraditório negar-lhe o poder da psicometria.

A explicação da atitude «de espírito duro» de Hudson é provavelmente o facto de ele não querer expor a sua teoria recém-nascida ao ridículo, parecendo demasiado crédulo. Na verdade, olhando retrospetivamente, percebemos que muitos dos seus erros nasceram precisamente de um excesso de ceticismo.

O capítulo sobre crime e hipnose fornece dois exemplos.

Hudson argumenta que ninguém poderia ser levado a cometer um crime sob hipnose, porque os poderes proféticos da mente subjetiva a fariam perceber que isso poderia conduzir ao desastre.

Na realidade, muitos crimes foram cometidos sob hipnose — um dos exemplos mais conhecidos sendo o caso de Copenhaga de 1951, em que um homem chamado Palle Hardrup assaltou um banco e assassinou o caixa sob sugestão hipnótica.

Hudson afirma também que cometer suicídio sob hipnose é tão improvável quanto cometer um crime sob hipnose; contudo, foi precisamente isso que aconteceu no caso Sala de 1929, quando o hipnotizador Sigwart Thurneman levou um membro do seu grupo criminoso a suicidar-se por sugestão hipnótica.[1]

Mas estas críticas não conseguem obscurecer a natureza notável da realização de Hudson. *The Law of Psychic Phenomena* é uma das mais importantes contribuições para o pensamento do século XIX e merece ser tão conhecido quanto *The Origin of Species* ou *Das Kapital*. Contudo, poucos anos após a publicação do livro, a teoria do inconsciente de Sigmund Freud tornou-se ainda mais célebre. Freud também acreditava que o inconsciente é muito mais poderoso do que a mente consciente; mas o inconsciente de Freud é inteiramente negativo, uma espécie de gigantesco caixote do lixo cheio de culpa, miséria e repressões. Freud parecia ainda mais cético e duro do que Hudson, e o resultado foi que as suas teorias mais controversas triunfaram, enquanto as de Hudson foram esquecidas.

Na realidade, as modernas investigações sobre a divisão funcional dos hemisférios cerebrais mostraram que as ideias de Hudson possuem uma base mais sólida do que as de Freud. É hoje um facto científico que temos dois «eus» dentro da cabeça, um intuitivo e outro intelectual, e que o génio, como Hudson afirmava, resulta de uma estreita cooperação entre ambos. Por isso, é importante reconsiderar a contribuição de Hudson e refletir cuidadosamente sobre algumas das suas intuições.

O seu reconhecimento mais importante foi o de que os seres humanos possuem poderes mentais dos quais não têm consciência. Tinha razão ao sublinhar o mistério dos prodígios do cálculo; as suas capacidades parecem desafiar aquilo que consideramos as leis normais da mente. Muitas vezes surgem do nada em crianças perfeitamente normais e desaparecem mais tarde com igual brusquidão.

O Arcebispo Whately afirmou que os seus próprios poderes surgiram aos seis anos, quando nada sabia sobre números para além da simples adição; subitamente, conseguia efetuar enormes cálculos de cabeça. Quando entrou para a escola três anos depois, «a paixão desapareceu», e tornou-se um incapaz em matemática.

Os poderes desses prodígios parecem inacreditáveis. Um rapaz de seis anos, Benjamin Blyth, passeava com o pai quando perguntou a que horas nascera. O pai respondeu: às quatro da manhã. Poucos minutos depois, a criança indicou o número de segundos que tinha vivido. Quando regressaram a casa, o pai fez as contas no papel e informou Ben de que errara por 172.800 segundos.

«Não», respondeu o rapaz, «esqueceste-te de dois anos bissextos.»

A maior parte dos prodígios do cálculo perde os poderes na adolescência, quando a vida se torna mais complexa e difícil e as alterações sexuais do corpo perturbam as emoções. Mas a conclusão parece ser que os nossos cérebros possuem uma extraordinária capacidade que poucos de nós chegam a desenvolver.

No que respeita à psicometria, o poder da «visão eidética» é ainda mais importante, como Denton reconheceu. Investigações modernas revelaram que entre 8 e 20 por cento de todas as crianças podem possuir visão eidética — o poder de evocar uma imagem com tal intensidade que parece uma projeção cinematográfica.

Um dos testes envolve o uso de «estereogramas aleatórios de pontos». Duas folhas de papel contêm padrões aparentemente aleatórios de dez mil pontos, mas quando sobrepostas surge uma imagem. Muitas crianças conseguem olhar para um padrão, desviar os olhos para a outra folha e ver os dois padrões combinarem-se numa figura. Trata-se evidentemente de uma função do hemisfério direito — é o hemisfério direito que reconhece padrões e formas — e, mais uma vez, a conclusão parece ser que perdemos gradualmente esta capacidade à medida que o hemisfério esquerdo se torna dominante para «lidar» com a realidade.

Mas, se isto estiver correto, então todos os seres humanos possuem um poder latente para «fotografar» aquilo que observam e projetar posteriormente essa fotografia em todos os seus detalhes. Como vimos nos casos citados por Denton, essa «projeção» é um ato deliberado de vontade e imaginação. Contudo, o amigo artista de Hudson era capaz de projetar cenas puramente imaginárias sobre a tela. E isto, mais uma vez, seria perfeitamente natural. Se possuímos o poder latente de «reter» fotografias mentais e guardá-las em algum arquivo da memória, então não há razão para que a imaginação não possa combiná-las — ou simplesmente inventar as suas próprias fotografias mentais.

O psicólogo C. G. Jung também reconheceu esse poder, a que chamou «imaginação ativa», acreditando que qualquer pessoa o poderia desenvolver com suficiente esforço.

Jung descobriu-o acidentalmente. Em 1913, após a rutura com Freud, atravessava graves problemas mentais que o faziam recear a loucura. Sentado um dia à secretária, escreveu:

«Deixei-me cair. De súbito foi como se o chão cedesse literalmente sob os meus pés, e mergulhei em profundezas sombrias.»

Seguiu-se um sonho acordado no qual Jung se encontrou numa caverna subterrânea guardada por um anão mumificado e viu o corpo de um jovem louro, com uma ferida na cabeça, flutuar numa corrente de água.

Na autobiografia *Memories, Dreams, Reflections*, Jung descreve depois o desenvolvimento deliberado de técnicas para penetrar nesse reino dos «sonhos acordados»:

«Para apreender as fantasias, imaginava frequentemente uma descida íngreme. Fiz mesmo várias tentativas para atingir o fundo. Da primeira vez cheguei, por assim dizer, a uma profundidade de cerca de mil pés; da vez seguinte encontrei-me à beira de um abismo cósmico. Era como uma viagem à Lua ou uma descida pelo espaço vazio. Primeiro surgiu a imagem de uma cratera, e tive a sensação de estar na terra dos mortos. A atmosfera era a do outro mundo. Junto à escarpa de uma rocha vislumbrei duas figuras: um velho de barba branca e uma bela jovem. Reuni coragem e aproximei-me deles como se fossem pessoas reais, ouvindo atentamente o que me diziam...»

Aqui vemos claramente que Jung penetrara num reino hipnagógico no qual permanecia plenamente desperto enquanto simultaneamente encontrava as estranhas criações desse «outro eu» existente dentro de nós. É verdade que a maioria das pessoas acha difícil aceitar a ideia de semelhante capacidade; mas devemos lembrar-nos de que um cão acharia igualmente impossível conceber o estado mental de uma criança que lê um livro, com metade da consciência no «mundo real» e a outra metade num mundo de fantasia. A «imaginação ativa» de Jung representa apenas um passo além dessa capacidade que qualquer pessoa instruída possui.

E agora estamos finalmente em posição de compreender aquelas detalhadas descrições de «outros mundos» encontradas em Swedenborg e Denton. Um bom psicómetra possui a capacidade de «ler» objetos da mesma forma que um cão de caça reconhece odores. Quando essa leitura se

torna natural, é acompanhada de imagens — imagens que por vezes são tão detalhadas e reais que equivalem a visões eidéticas.

Quando Mrs. Denton descreveu a villa de Cícero, ou quando Sherman Denton descreveu o teatro da antiga Pompeia, estavam a utilizar a imaginação ativa como instrumento para ampliar as suas leituras. Mas quando tentavam «psicometrizar» Marte ou Júpiter, não existiam impressões psicométricas para ampliar, e a mente subjetiva — que, segundo Van Dusen, é uma actriz incorrigível incapaz de admitir derrota — produzia elaborados sonhos acordados.

Esta tendência do inconsciente para tecer as suas próprias fantasias complica certamente a questão da psicometria. Mas, ao contrário de Swedenborg e Denton, estamos pelo menos conscientes do problema; e isso já constitui um importante passo em direção à sua resolução.

E quanto aos pioneiros do paranormal, Joseph Rodes Buchanan e William Denton?

Infelizmente, deve registar-se que nenhum deles alcançou o lugar na história intelectual que sem dúvida merecia. Denton, o mais jovem dos dois, morreu em 1883, aos sessenta anos, sendo depois praticamente esquecido.

Buchanan teve um destino ligeiramente melhor. O seu *Manual of Psychometry* foi publicado em 1885 e conquistou novos leitores e seguidores. Mas nessa altura a sua teoria original da «aura nervosa» da psicometria expandira-se até um ponto que a maioria dos investigadores sérios considerava totalmente inaceitável.

A experiência que o colocou para além dos limites da ciência foi sugerida pelo seu interesse na nova arte da fotografia (pois estamos agora a regressar à década de 1850). Tentou entregar fotografias — devidamente tapadas — ao psicómetra, para verificar que impressões produziam. E, com bons psicómetros como a própria esposa, obteve descrições convincentes e exatas da pessoa retratada.

Mas esta experiência não deveria ter funcionado, uma vez que a fotografia é produzida mecanicamente e, portanto — a menos que o retratado a tivesse segurado nas mãos — não deveria transportar quaisquer «vibrações» pessoais. No entanto, funcionou.

Buchanan concluiu que:

«não havia, nesses casos, qualquer emanação proveniente da pessoa descrita, e a imagem era apenas a apresentação de uma ideia a ser apreendida pela perceção intuitiva, independente da visão.»
(itálico do autor)

É evidente que esta afirmação aparentemente inocente ou esconde uma completa rutura lógica, ou representa uma revolucionária nova teoria acerca da natureza da psicometria.

Segundo Buchanan, tratava-se de uma nova teoria.

«Daí», declara ele, «tornar-se evidente que o objeto da psicometria era nesses casos apenas um índice [quer dizer, uma indicação] conduzindo a mente ao objeto representado, não precisando ser uma imagem, uma relíquia ou qualquer coisa associada de algum modo à pessoa ou objeto a explorar.»

Se esta «perceção intuitiva independente da visão» podia funcionar com uma fotografia, então deveria funcionar igualmente bem com um simples nome.

Buchanan experimentou:

«Escrevi o nome de um amigo e coloquei-o nas mãos de uma boa psicómetra que, apesar das suas dúvidas perante tão novo procedimento... conseguiu fornecer uma descrição tão boa do Dr. N. como se a tivesse obtido a partir de um autógrafo.»

Buchanan deixou-se arrastar por um entusiasmo desenfreado.

«A psicometria», declarou, «é a IRRADIAÇÃO TERRESTRE DA OMNISCIÊNCIA e será conhecida no futuro como penetrando todas as coisas.»

E passou a pedir aos seus sensitivos que psicometrizassem nomes de toda a espécie de figuras célebres: Homero, Shakespeare, Bacon, Jesus, Sócrates, Confúcio, Buda e São Paulo. Um volume posterior intitulado *Primitive Christianity* contém mesmo uma versão revista do Evangelho de São João.

E se um psicómetra podia recolher informações do passado, porque não do futuro?

Em 1884, o mundo inteiro falava da revolta muçulmana no Sudão, liderada por um fanático religioso chamado o Mahdi. O General Gordon fora enviado para o subjugar.

Buchanan escreveu o nome «Mahdi» numa folha de papel e pediu a vários estudantes que testassem as suas capacidades. Produziram impressões de um país tropical, uma guerra sangrenta, homens vestidos à árabe e um líder de profundas convicções religiosas — tudo isso poderia ser esperado caso estivessem inconscientemente a ler a mente de Buchanan.

O mais surpreendente é que muitas das previsões acerca do futuro se revelaram exatas.

Buchanan admirava o Mahdi e detestava os britânicos, pelo que quaisquer previsões baseadas nos seus desejos subconscientes implicariam vitória do Mahdi e derrota britânica. Contudo, a maioria dos seus estudantes previu que o Mahdi acabaria por fracassar.

Quando Buchanan perguntou:

«Está prestes a conquistar uma cidade?»
(referindo-se a Cartum)

a resposta foi:

«Está a preparar um ataque, mas será repelido.»

De facto, o Mahdi atacou Cartum e foi repelido.

Mais tarde, Buchanan voltou a perguntar à esposa sobre a guerra, e ela previu outro ataque com terrível derramamento de sangue; no prazo de dois dias, o Mahdi tomara Cartum de assalto e assassinara todos os defensores, incluindo Gordon.

Prosseguiu profetizando que a guerra não continuaria durante o Verão e que os britânicos retirariam as tropas; ambas as previsões se concretizaram.

Também se cumpriu a previsão de que «a guerra será desastrosa» para o Mahdi; o sucesso tornou-o gordo e preguiçoso; após a queda de Cartum recolheu-se ao harém numa prolongada orgia e morreu poucos meses depois.

Nada disto surpreendeu Buchanan; afinal, se a psicometria era a «irradiação da omnisciência», o futuro não deveria apresentar mais dificuldades do que o passado.

Buchanan assinalava, com razão, que existiam muitos casos bem documentados de precognição — dedica um apêndice inteiro do *Manual* à notável história do escritor francês Jacques Cazotte que, num jantar pouco antes da Revolução Francesa, predisse com exatidão o destino de quase todos os presentes à mesa: Chamfort abriria as próprias veias com uma navalha, Condorcet tomaria veneno para evitar a guilhotina e um ateu notório chamado La Harpe tornar-se-ia cristão.

La Harpe troçou tanto da previsão que regressou a casa e anotou tudo por escrito. No devido tempo, porém, tudo aconteceu exatamente como Cazotte dissera — inclusive La Harpe tornar-se monge. O autor promete discutir o episódio mais detalhadamente no Capítulo 13.

Para a ciência contemporânea, tudo isto bastou para colocar Buchanan para além dos limites aceitáveis. Até a American Society for Psychical Research — fundada no mesmo ano em que o *Manual* foi publicado — nada encontrou de interessante nas suas teorias mais recentes.

Ainda assim, vale a pena observar, de passagem, que algumas das próprias profecias de Buchanan foram surpreendentemente exatas.

Em 1859 publicou no *Louisville Journal* uma previsão de que a América atravessaria seis anos de calamidade; a Guerra Civil decorreu entre 1861 e 1865.

Em 1885 previu um «período de calamidade dentro de trinta anos» — vinte e nove anos antes da Grande Guerra.

Acrescentou ainda que provavelmente ocorreria uma «convulsão elemental» na costa do Pacífico da América e que:

«preferiria não residir em São Francisco nessa altura.»

Quando Buchanan escrevia, o único terramoto californiano com vítimas mortais (40 mortos) ocorrera em 1868 e afetara seis grandes cidades. Buchanan já estava morto havia seis anos quando o terramoto de São Francisco de 1906 destruiu 28.000 casas e matou 700 pessoas.

Possuía também uma profecia acerca de si próprio: que no século seguinte seria recordado como o «arauto da iluminação vindoura» e que lhe seria erguida uma estátua.

Essa profecia ainda não se cumpriu; mas ainda há tempo.

4. O Advento dos Espíritos

O eclipse de Buchanan, Denton e Hudson não pode ser atribuído apenas a Sigmund Freud. Igualmente decisiva foi a ascensão do movimento chamado Espiritualismo, que varreu a Europa e a América na década de 1850, chegando até aos mais remotos postos avançados do império russo.

O movimento teve origem numa série de acontecimentos extraordinários ocorridos na casa da família Fox, em Hydesville, Nova Iorque, que examinaremos daqui a pouco.

Mas muito antes de alguém fora de Nova Iorque ter ouvido falar da família Fox, um livro sobre «espíritos» provocava sensação do outro lado do Atlântico. Chamava-se *The Night Side of Nature*, e a sua autora era uma dona de casa de Edimburgo chamada Catherine Crowe, que já alcançara algum êxito com romances como *Susan Hopley* e *Lily Dawson*.

The Night Side of Nature — subtitulado «Ghosts and Ghost Seers» — transformou-a numa celebridade e tornou-se um dos livros mais influentes do século XIX.

Infelizmente, Mrs. Crowe não desfrutou do sucesso por muito tempo. Em 1859 publicou um tratado intitulado *Spiritualism and the Age We Live In* que, segundo o *Dictionary of National Biography*, revelava «uma tendência mórbida e deprimida do espírito»; pouco depois enlouqueceu — destino que os contemporâneos certamente consideraram consequência do interesse por temas tão macabros.

Recuperou, mas escreveu pouco até à morte em 1876. *The Night Side of Nature* manteve-se tão popular como sempre e ainda era vendido nas bancas das estações ferroviárias (ao preço de dois xelins) na viragem do século.

O autor do artigo no *Dictionary of National Biography* claramente não acreditava em fantasmas e visionários; pois, embora admita que o livro é «uma das melhores coleções de histórias sobrenaturais na nossa língua», ataca de seguida a Sra. Crowe por ser «extremamente crédula e acrítica». A

censura é injusta; o livro não se teria tornado tão influente se tivesse sido apenas uma coleção de histórias de fantasmas. O que os vitorianos gostavam nele era o seu ar de robusto bom senso e as suas tentativas de tratar os fenómenos com distanciamento. Passariam mais de trinta anos antes que os investigadores científicos abordassem o sobrenatural num espírito de investigação sistemática. Mas a Sra. Crowe fez o seu melhor, citando cartas e documentos e oferecendo nomes de testemunhas e datas.

O livro que inspirou *The Night Side of Nature* foi outro *bestseller* do século dezanove chamado *The Seeress of Prevorst*. Foi escrito pelo Dr. Justinus A. C. Kerner, um médico rico e excêntrico que era também um conhecido poeta e compositor de canções. Em 1826, Kerner, com 40 anos, exercia medicina em Weinsberg, perto de Heilbronn, quando foi consultado pelos familiares de uma mulher chamada Friederike Hauffe, que estava a morrer de uma doença consumptiva. Ela tinha perdido todos os dentes e parecia um esqueleto vivo.

Parecia que o casamento era o responsável pelo seu triste estado. Desde a infância que caía em transe, via visões e conversava com espíritos invisíveis. Também conseguia prever o futuro com precisão. Quando tinha dezanove anos, casara-se com um primo e entrara em depressão; aos vinte, nasceu o seu primeiro filho e ela começou a desenvolver sintomas histéricos. Todas as noites, caía num transe no qual via espíritos dos mortos.

Kerner inclinou-se ao início para o ceticismo em relação às visões e espíritos dela — atribuía-os à histeria. No entanto, achou Friederike Hauffe um caso de estudo fascinante. Ela afirmava ser capaz de ver o interior do corpo humano e tinha certamente um conhecimento notavelmente preciso do sistema nervoso. Conseguia ler com o estômago — Kerner testou-a fazendo-a deitar-se com os olhos fechados e colocou documentos sobre o seu abdómen nu; ela lia-os perfeitamente. Conseguia fazer desenhos geométricos a grande velocidade, mesmo às escuras, e conseguia desenhar círculos perfeitos que pareciam ter sido desenhados por compassos. Afirmava que o seu espírito frequentemente deixava o seu corpo e pairava acima dele.

Kerner experimentou nela medicamentos comuns, mas estes não faziam efeito. Friederike disse-lhe que se a colocasse num «transe magnético» os espíritos instruí-lo-iam sobre como tratá-la, mas ele estava

relutante em aceitar este conselho. Eventualmente, decidiu que valia bem a pena experimentar os efeitos do mesmerismo. Friederike reagiu bem ao «magnetismo», passando facilmente para o transe. Mas Kerner permaneceu cético em relação às coisas que ela dizia nesta condição. Então, um dia, uma experiência notável mudou a sua opinião. Friederike declarou que estava a ser assombrada por um homem desagradável e vesgo. Pela descrição dela, Kerner reconheceu-o como um homem que tinha morrido uns anos antes.

Parecia, de acordo com Friederike, que o homem sofria de uma consciência culpada. Tinha estado envolvido num desfalque e, após a sua morte, outro homem fora culpado. Agora ele queria limpar o nome do homem, por amor à sua viúva. Isto poderia ser feito por meio de um determinado documento, que seria encontrado num baú. O espírito «mostrou» a Friederike a sala onde o documento se encontrava e um homem que ali estava a trabalhar. A descrição dela foi tão boa que Kerner conseguiu identificá-lo como um certo Juiz Heyd. Na sua «visão», Friederike vira o Juiz Heyd sentado num determinado lugar nessa sala, e o baú que continha o documento em cima da mesa. O documento aparentemente não estava na sua devida ordem numérica, razão pela qual não tinha sido encontrado.

Quando Kerner lhe falou sobre a visão da sua paciente, o Juiz Heyd ficou estupefacto; ele estivera sentado na posição descrita naquele dia específico (o Dia de Natal) e o baú, contrariamente aos regulamentos, fora deixado aberto em cima da mesa. Quando procuraram, o documento apareceu onde Friederike dissera que estaria. A viúva do homem que fora injustamente acusado conseguiu obter reparação.

A partir de então, Kerner acreditou nos poderes sobrenaturais de Friederike e levou a sério tudo o que ela dizia. Ela disse-lhe que estamos rodeados por espíritos o tempo todo e que era capaz de os ver. Estes espíritos tentam frequentemente atrair a nossa atenção de várias maneiras: pancadas, movimento de objetos, arremesso de areia. E, a título de o convencer, Friederike persuadiu um dos espíritos a fazer ruídos de pancadas, a fazer cair cascalho e cinza do ar, e a fazer um banco flutuar no ar. Kerner assistiu com espanto enquanto o banco subia suavemente e depois flutuava de novo para baixo.

Friederike forneceu-lhe mais uma prova da precisão das suas visões quando conseguiu pôr fim a uma assombração. Kerner ouviu falar de uma casa onde o fantasma de um velho estava a assustar os habitantes. Trouxe um deles, uma mulher, para ver Friederike; a visionária entrou em transe e explicou que o fantasma era o de um homem chamado Bellon, que era um «espírito preso à terra» em consequência de ter fraudado dois órfãos. Kerner fez indagações, mas ninguém alguma vez ouvira falar de um homem chamado Bellon.

Mas como o fantasma afirmava ter sido *Burgomeister*, parecia provável que existisse algum registo. Ele afirmava ter sido *Burgomeister* no ano de 1700 e ter morrido com a idade de 79 anos. Armado com esta informação, Kerner pediu ao atual presidente do município para verificar os documentos legais; depressa descobriram que, no ano de 1700, um homem chamado Bellon fora *Burgomeister* e diretor do orfanato local. Tinha morrido em 1740 com a idade de 79 anos. Depois de «confessar», o espírito partiu.

Enquanto Friederike esteve na casa de Kerner, houve constantes fenómenos de *poltergeist*: pancadas e batidas, ruídos como o tilintar de correntes, cascalho atirado pela janela e uma agulha de tricô que voou pelo ar e aterrou num copo de água. Quando Friederike foi visitada por um espírito uma noite, a sua irmã ouviu-a dizer: «Abre-o tu mesma», e depois viu um livro sobre a mesa abrir-se sozinho. Um *poltergeist* arrancou-lhe as botas dos pés enquanto ela estava deitada na cama e atirou um abajur de um lado para o outro do quarto. No quarto dos Kerner, uma mesa foi projetada do outro lado da sala. O *poltergeist* atirou um banco a uma criada que entrou no quarto de Friederike enquanto esta dormia. Apagou uma luz de presença e fez uma vela brilhar.

Friederike também produziu o que mais tarde seria chamado de «ensinamentos dos espíritos», um sistema de filosofia incrivelmente complexo no qual o homem é descrito como consistindo em corpo, alma e espírito, e como estando rodeado por uma aura nervosa que realiza os processos vitais. Ela falou sobre vários ciclos na existência humana — ciclos (ou círculos) de vida e ciclos solares, correspondentes a várias condições espirituais. Também descreveu uma notável língua universal dos tempos antigos, que dizia ser «a língua da vida interior». (Uma seita mística foi fundada para expor estas doutrinas após a sua morte.)

Todas estas atividades mediúnicas tornaram Friederike cada vez mais débil, e ela morreu em 1829 com a idade de 28 anos. O livro de Kerner, *The Seeress of Prevorst* (o nome da aldeia da Suábia onde ela nasceu), causou sensação.

Na segunda metade do século XIX, à medida que a reação científica contra o espiritualismo aumentava, *The Seeress of Prevorst* deixou de ser levado a sério por aqueles que se dedicavam à investigação psíquica e, no século XX, fora virtualmente esquecido. Escrevendo sobre o assunto no seu *Modern Spiritualism* (1902), o cético Frank Podmore — que acreditava que todos os *poltergeists* se devem a crianças traquinas — descarta a maior parte das provas como sendo em segunda mão, enquanto outro eminente investigador, E. J. Dingwall (escrevendo em *Abnormal Hypnotic Phenomena*), parece achar que Kerner foi estúpido por levar as afirmações dela a sério, e que se tivesse permanecido cético e a tivesse tratado simplesmente como um caso de histeria, ela teria vivido mais tempo. Mas, ao ler o próprio relato de Kerner, é difícil ver como ele poderia ter permanecido cético sem ser francamente desonesto ou cego; numa ocasião, viu uma figura nublada a pairar à frente dela e, embora esta tivesse desaparecido quando ele voltou com um candeeiro, Friederike continuou a olhar fixamente para o local como se estivesse a ouvi-la.

De facto, podemos ver que o caso da visionária de Prevorst é um caso perfeitamente típico de fenómenos de *poltergeist* causados por um médium. Detalhe após detalhe, soa como qualquer outro número de casos de «assombração». Se alguém matou Friederike Hauffe, foram os próprios espíritos, que devem ter usado a energia dela para se manifestarem. Sem dúvida que os fenómenos de *poltergeist* foram pouco espetaculares porque Friederike estava fraca desde o momento em que Kerner lhe pôs os olhos em cima. (Num caso citado pelo romancista William de Morgan, uma criada que era capaz de causar ruídos de pancadas perdeu gradualmente os seus poderes à medida que enfraquecia devido à tuberculose.)

Noutro dos seus livros, Kerner descreve outro caso notável com algumas das características de assombração por *poltergeist*. Foi-lhe pedido que tratasse uma rapariga camponesa «possessa» em Orlach, perto de Estugarda. Por alguma razão que não é clara, ela foi perseguida por «espíritos» a partir dos vinte anos de idade, e houve os habituais estrondos e colisões, movimentos de mobília e até fogos espontâneos. Depois, após

cinco meses disto, viu dois fantasmas, um de uma freira vestida de branco, o outro de um monge vestido de preto.

A freira afirmou que tinha sido introduzida clandestinamente no mosteiro disfarçada de cozinheira, e que tivera dois filhos do monge negro, tendo este matado ambos à nascença. Ele também assassinara três monges durante o período de quatro anos em que ela estivera com ele; e, quando suspeitou que ela estava prestes a traí-lo, matou-a também. O monge negro também falou com a rapariga possessa, dizendo que era filho de um nobre da vizinha Geislingen e que, como Superior no mosteiro de Orlach, seduzira várias freiras e matara os filhos que elas deram à luz. Também confessou ter matado monges. Os corpos, disse ele, atirou-os para um buraco numa parede.

A freira branca disse à rapariga que os seus sofrimentos só cessariam se os seus pais concordassem com a demolição do seu casebre. Por esta altura, eles estavam tão desesperados que concordaram. A 5 de março de 1833, a casa foi finalmente demolida. A maior parte das paredes era feita de lama, mas um canto estava construído em calcário, obviamente parte de um edifício muito mais antigo. Quando este foi derrubado, encontraram por baixo dele um poço vazio que continha uma quantidade de ossos humanos, incluindo os de crianças. A possessão da rapariga cessou a partir do momento em que a parede desabou.

A história soa a uma invenção típica de um romancista romântico alemão; mas Kerner dedica-lhe um livro inteiro, descrevendo-a com o mesmo detalhe que a sua investigação sobre Friederike Hauffe. Apesar disso, os investigadores modernos inclinam-se a não a levar a sério. No entanto, os leitores que fiquem impressionados com a clareza e o detalhe do relato de Kerner poderão sentir que este caso da rapariga possessa de Orlach é um dos argumentos mais convincentes a favor da estreita ligação entre *poltergeists* e espíritos dos mortos.

Dez anos após a publicação de *The Seeress of Prevorst*, outro doutor — desta vez de filosofia — produziu um relato igualmente notável de um caso de possessão, desta vez benevolente. Em *Die Schutzgeister* (*O Espírito Protetor*, 1839), Heinrich Werner identifica o seu sujeito de 18 anos apenas como «R.O.». Tal como Friederike, ela estivera sujeita a todo o tipo de doenças e, a dada altura, viu-se assombrada por espíritos. Um dia,

a rapariga caiu em transe; e, a partir daí, foi capaz de o fazer à vontade e de fornecer a Werner todo o tipo de informações obtidas «clarividentemente».

Tinha um espírito protetor chamado Albert, que parece ter agido de forma bastante semelhante ao «guia espiritual» de médiuns posteriores. E o espírito que lhe causava tantos problemas era — novamente — um monge malvado. Um dia, quando a rapariga afirmou que o monge malvado estava presente na sala, Werner ficou intrigado ao ouvir um som estranho vindo de uma mesa pequena — como uma chávena a chocalhar num pires. Isto ocorreu uma série de vezes, tornando-se progressivamente mais forte (uma característica típica dos ruídos de *poltergeist*); R.O. disse que o monge estava a produzir o ruído e ficou encantada com o espanto de Werner — o que também soa a típico de um *poltergeist*.

Um dia, Werner sobressaltou-se ao ouvir um grande estrondo vindo de uma sala vazia; correu para lá para encontrar dois grandes vasos de flores, que estavam no parapeito da janela, arremessados contra o chão com tanta violência que havia terra por toda a sala. A persiana estava fechada e não havia brisa. Uma das cortinas também fora enrolada em torno de uma gaiola de pássaros. Mais tarde nesse dia, Werner foi visitar R.O., que entrou em transe e disse depois a Werner que o monge negro fora o responsável por esmagar os vasos de flores (Werner não lhe tinha mencionado isto). Albert, aparentemente, tinha-o expulsado da casa.

Werner ficou muito impressionado com os poderes de clarividência da sua paciente. Ela demonstrou-os um dia quando acordou de um transe e lhe disse que se tinha visto a conduzir uma carruagem lacada a verde. Ora, Werner tinha, na altura, feito algumas indagações sobre uma carruagem que estava à venda numa cidade a cerca de quinze horas de distância, e esperava obter uma resposta no prazo de uma semana. R.O. disse-lhe que ele saberia muito mais cedo do que isso — de facto, na tarde seguinte; passou também a descrever a carruagem com algum detalhe. Na tarde seguinte, Werner recebeu uma mensagem sobre la carruagem e descobriu que a rapariga estava certa em todos os detalhes.

O seu caso mais dramático de clarividência envolveu a sua irmã mais nova. Um dia, num transe, ela gritou: «Albert, ajuda-me! A Emilie está a cair para a rua.» Depois, após um curto período, disse: «Graças a Deus, a ajuda já chegou!»

Perguntada sobre o que tinha acontecido, explicou que a sua irmãzinha estivera inclinada para fora de uma janela do último andar, tentando agarrar uma corda suspensa de um guincho acima da janela; estivera prestes a cair quando o pai entrou na sala e a puxou para trás.

Werner contactou o pai para perguntar se algo de notável acontecera naquele dia específico e recebeu uma resposta que Werner imprimiu no seu livro; dizia que o pai estava sentado no seu escritório quando se sentira inquieto. Foi para casa e subiu as escadas, a tempo de encontrar a sua filha que se tinha inclinado demasiado para fora da janela para apanhar a corda e não conseguia voltar para dentro da sala; agarrou-a pelo vestido e puxou-a de volta para dentro. R.O. disse que fora Albert, o espírito protetor, quem fizera o pai sentir-se inquieto.

Os casos descritos por Justinus Kerner e Heinrich Werner despertaram um amplo interesse na Europa e levaram a muita discussão séria. Catherine Crowe leu-os e ficou profundamente impressionada. Quando a sua tradução apareceu em 1845, despertou tanto interesse quanto na Alemanha. E convenceu a Sra. Crowe da realidade do sobrenatural. Até então, ela fora discípula de um famoso médico de Edimburgo, George Combe, o mais famoso expoente britânico da frenologia — a doutrina de que o caráter de um homem pode ser lido através das saliências no seu crânio — e Combe era um cético determinado em relação a fantasmas e assuntos semelhantes. Kerner — e Friederike — converteram-na.

Surgiu-lhe então como uma revelação que o «espírito científico» tinha ido longe demais. «Porque, no século XVII, a credulidade ultrapassou a razão e a discrição, o século XVIII, por uma reação natural, atirou-se para o extremo oposto.» E o século XIX levara esta atitude ao ponto do absurdo; de facto, tornara-se um novo tipo de superstição, recusando-se a encarar factos que contradiziam os seus dogmas.

A Sra. Crowe não era particularmente crédula. Dedicou-se a desenterrar os seus próprios factos e descobriu que estes pareciam encaixar-se num padrão lógico. Quase tudo o que escreveu viria mais tarde a ser estudado de forma mais sistemática por parapsicólogos e cuidadosamente documentado em arquivos científicos: sonhar com o futuro, visões no leito de morte, premonições de catástrofes, «fantasmas» de vivos e de mortos, *poltergeists*, psicocinese espontânea, até possessão. Ela censura os cientistas contemporâneos por insistirem que o sobrenatural

pode ser explicado em termos de histeria ou distúrbio nervoso e salienta, com toda a justiça, que eles «moldam os factos à sua teoria, não a sua teoria aos factos».

O que é agora necessário, diz ela, é investigação. «E por investigação não me refiro à atenção precipitada, capciosa e zangada dada a um facto indesejado... mas ao exame lento, modesto e zeloso que se contenta em esperar pela natureza e seguir humildemente as suas revelações, por mais opostas que sejam a teorias preconcebidas ou mortificantes para o orgulho humano.» Nisto ela parece estar a ecoar uma famosa observação de Thomas Henry Huxley sobre o dever do cientista:

«Sente-se diante do facto como uma criança pequena, esteja preparado para abdicar de qualquer noção preconcebida, siga humildemente para onde quer que e a que abismos a natureza conduzir, ou não aprenderá nada.» É interessante descobrir que Huxley escreveu esta frase em 1860, mais de uma década após *The Night Side of Nature*, que foi publicado em 1846; Huxley pode, de facto, estar a ecoar a Sra. Crowe.

O seu objetivo, admite ela prontamente, é ver se as provas provam que alguma parte do homem consegue sobreviver à sua morte. O primeiro passo nesta direção — e foi mais tarde seguido pela maior parte dos seus eminentes sucessores, tais como Myers e Tyrrell — foi tentar mostrar que o homem possui poderes que não podem ser explicados pela ciência. Dedica vários capítulos a sonhos e pressentimentos do futuro e inclui uma série de experiências recolhidas junto de amigos:

«Um outro amigo sonhou recentemente, numa noite de quinta-feira, que via um seu conhecido ser atirado do cavalo e que este estava caído no chão com o sangue a escorrer-lhe do rosto e muito cortado. Mencionou o seu sonho pela manhã e, sendo um descrente absoluto em tais fenómenos, foi incapaz de justificar a impressão que este deixou na sua mente. Esta foi tão forte que, no sábado, não conseguiu deixar de passar pela casa do amigo, sobre quem lhe disseram que estava na cama, tendo sido atirado do cavalo no dia anterior e ficado muito ferido no rosto.»

Se a Sra. Crowe tivesse vivido para se tornar membro da *Society for Psychical Research*, ter-se-ia dado ao trabalho de obter declarações assinadas do seu amigo, do homem que sofrera o acidente e da pessoa a quem ele falara sobre o sonho na manhã seguinte. Como pioneira na

matéria, sentiu obviamente que isso era desnecessário. Caso contrário, é difícil criticar o seu método.

Como todos os autores que escrevem sobre o paranormal, ela é particularmente fascinada por experiências fora do corpo, pois considera-as, com razão, como uma prova potencial de que existe algo no homem que pode existir fora do corpo. Mais uma vez, faz o seu melhor para apresentar factos que pudessem ser verificados:

«O falecido Sr. John Holloway, do Banco de Inglaterra, irmão do gravador com o mesmo nome, relatou sobre si mesmo que, estando uma noite na cama com a sua esposa e sem conseguir dormir, fixara os seus olhos e pensamentos com invulgar intensidade numa bela estrela que brilhava pela janela, quando subitamente deu por si com o seu espírito libertado do corpo e a planar em direção àquela esfera brilhante. Mas, imediatamente assaltado pela ansiedade face à angústia da sua esposa, caso ela descobrisse o seu corpo aparentemente morto ao lado dela, regressou e reentrou nele com dificuldade... Ele descreveu esse regresso como um regressar às trevas; e que, enquanto o espírito estava livre, ele se encontrava alternadamente na luz ou nas trevas, consoante os seus pensamentos estavam com a sua esposa ou com a estrela. Disse que evitava sempre tudo o que pudesse produzir uma repetição deste acidente, sendo as consequências do mesmo muito penosas.»

O principal problema da Sra. Crowe era que, trabalhando baseando-se principalmente em boatos, não dispunha de uma forma simples de distinguir o autêntico do inautêntico. Um exemplo típico é um caso que ela cita de Heinrich Jung-Stilling. Ora, Jung-Stilling era um investigador sério do paranormal, professor de Economia e seguidor das doutrinas de Mesmer. Deveria ter sido uma autoridade fiável. E a história que conta é, em muitos aspetos, um bom caso daquilo a que mais tarde se chamaria um «fantasma de vivos».

Em Filadélfia, por volta do ano de 1740, diz Jung-Stilling, um clarividente foi abordado pela esposa de um capitão de navio, que estava ansiosa por não ter notícias do marido há muito tempo. O clarividente pediu-lhe que o desculpasse e foi para outra sala. Passado um pouco, a mulher ficou impaciente e foi espreitar por uma fresta da porta; o clarividente estava deitado num sofá, aparentemente a dormir. Quando ele voltou, disse-lhe que o seu marido estava vivo e de boa saúde, mas que não

tinha podido escrever-lhe por várias razões, que ele explicou. Nesse momento, disse ele, o capitão encontrava-se numa casa de café em Londres e estaria em breve de regresso a casa.

No devido tempo, o capitão regressou e confirmou as razões que o clarividente dera para não ter escrito. E quando foi apresentado ao clarividente, o marido reconheceu-o como um homem que vira numa casa de café de Londres na véspera da sua partida para a América. De acordo com o capitão, o homem falara com ele, perguntara-lhe por que razão não escrevera à esposa e depois desaparecera na multidão...

O poder do clarividente de se «projetar» através do Atlântico traz à mente histórias semelhantes de Swedenborg a trazer mensagens dos mortos. A sua aparição numa casa de café em Londres tem dezenas de paralelos em *Phantasms of the Living*, compilado na década de 1880 por membros da *Society for Psychical Research*. O que soa totalmente falso aqui é a informação de que o capitão falou com ele e explicou por que razão não escrevera à esposa. Existem centenas de casos registados de «projeção», mas em muito poucos (consigo lembrar-me de apenas um! [^1]) o «fantasma» fala realmente com alguém.

Quando tomamos conhecimento de que estes acontecimentos teriam supostamente ocorrido em 1740 — o ano em que Jung-Stilling nasceu —, torna-se claro que, mesmo que fundamentalmente verdadeira, a história fora provavelmente «melhorada» ao ser contada. A Sra. Crowe não tinha forma de saber que a história não se conformava ao padrão geral dos «fantasmas de vivos» porque, na sua época, não houvera investigação suficiente para que o padrão emergisse.

Em vista desta dificuldade, a Sra. Crowe saiu-se notavelmente bem, e o seu livro mereceu a sua elevada reputação. A maior parte das suas conjeturas faria honra a um investigador moderno e, em muitos aspetos, a sua «credibilidade» estava frequentemente muito à frente do seu tempo. Ela cita uma história de um outro investigador primitivo, Joseph Ennemoser:

«Consta que Van Helmont, tendo afirmado ser possível a um homem extinguir a vida de um animal apenas com o olhar (*oculis intentis*), Rousseau, o naturalista, repetiu a experiência quando estava no Oriente e, desta forma, matou vários sapos; mas numa ocasião posterior, ao tentar a mesma experiência em Lião, o animal, ao ver que não conseguia escapar,

fixou os seus olhos imóvel nele, de tal modo que ele caiu num desmaio e pensou-se que estava morto...»

Este é o tipo de conto que nos faz sorrir sarcasticamente; sabemos que estas histórias sobre o poder hipnótico das cobras e de outras criaturas são contos de carochinha. No entanto, já registámos as investigações recentes do Dr. Ferenc Andras Völgyesi, que dedicou muitos anos a estudar a hipnose em homens e animais, e chegou a algumas conclusões interessantes. Ele observou — e fotografou — dezenas de casos em que cobras «fascinavam» coelhos ou ratos e depois os comiam.

Também observou muitos casos de «batalhas de vontades» entre a cobra e as suas potenciais vítimas — o seu livro contém fotografias de uma sucuri gigante a «fascinar» um rato e de uma píton a imobilizar uma lebre. Outra mostra uma batalha de vontades entre uma ave, o *cucullus senegalensis*, e uma cobra-cascavel. Ele afirma: «A batalha, que começa com a fixação mútua do olhar, termina habitualmente com a vitória da ave.» Outra fotografia mostra um sapo a vencer uma batalha de vontades com uma naja.

E não esqueçamos a sua descrição da batalha entre dois lagartos; confrontaram-se durante cerca de dez minutos, olhando fixamente um para o outro (como diz a Sra. Crowe, *oculis intentis*), e depois um comeu lentamente o outro, que permaneceu imóvel. O conto de Van Helmont sobre matar animais com o olhar pode ser um exagero, mas baseia-se numa realidade observada.

Como vimos, há muito na literatura da hipnose que apoia a perspetiva da Sra. Crowe de que esta envolve o uso deliberado de alguma força mental. Podemos recordar que, em 1885, o psicólogo francês Pierre Janet observou as experiências de um médico chamado Gibert, que conseguia induzir a hipnose numa paciente chamada Leonie apenas pensando nela, e chamá-la do outro lado de Le Havre pelos mesmos meios.

Na década de 1890, o Dr. Paul Joire fez com que pacientes de olhos vendados e hipnotizados obedecessem aos seus comandos mentais, e o mesmo tipo de experiências foi repetido na década de 1920 pelo cientista russo L. L. Vasiliev, que as descreveu num livro chamado *Experiments in Distant Influence*; não deixa qualquer margem para dúvidas de que algum tipo de força mental pode ser exercido à distância.

O que fascinava a Sra. Crowe era a clara implicação de que os poderes humanos são muito maiores do que imaginamos. Se as pessoas podem deixar os seus corpos e testemunhar coisas que estão a acontecer noutro lugar, se um sujeito hipnotizado pode descrever coisas que estão a acontecer na rua, se uma rapariga se pode transformar num íman humano, se um homem pode sonhar com precisão sobre o futuro — então a ciência materialista deve estar, de alguma forma, fundamentalmente errada quanto às nossas limitações humanas.

A Sra. Crowe tinha traduzido *The Seeress of Prevorst*, e era-lhe perfeitamente claro que, a menos que Kerner fosse um mentiroso descarado, algo de muito estranho se estava a passar. Isto não era o relato em segunda mão de espetros e aparições, como na *Pneumatologia* de Jung-Stilling; isto era um relato em primeira mão por um homem que não tinha razões para mentir ou enganar-se a si próprio. Kerner descreveu — e a Sra. Crowe cita em *The Night Side of Nature* — como Friederike acordara uma noite a gritar «Oh, Deus!», e como um médico que estava sentado perto do cadáver do pai dela, a muitas milhas de distância, ouvira claramente a exclamação e correra para o quarto para ver se o cadáver tinha voltado à vida. Isto não era uma questão de espíritos; era algum poder curioso possuído pela própria Friederike.

E embora tais poderes pareçam estar além do controlo do indivíduo que os exerce, a Sra. Crowe conseguia ver que não há nenhuma razão terrena para que assim seja sempre. É por isso que os práticos vitorianos achavam o seu livro tão emocionante. Os seus exploradores estavam a penetrar em novos continentes, os seus caminhos de ferro estendiam-se até aos confins da terra, as suas indústrias criavam nova riqueza, a sua ciência desvendava os segredos do universo. E se a Sra. Crowe estivesse correta, uma nova ciência do «sobrenatural» demonstraria que o próprio homem era uma criatura muito mais extraordinária do que alguma vez suspeitara. O seu livro não era uma coleção mórbida de contos para fazer estremecer a carne, mas uma obra de vibrante otimismo sobre as potencialidades humanas.

Infelizmente, uma senhora romancista vitoriana dificilmente seria a pessoa indicada para convencer os cientistas de que estavam a ignorar um assunto importante. Os vitorianos tinham lutado duramente pela sua liberdade intelectual. Ainda se executavam bruxas na década de 1690; data

tardia como a década de 1750, a Igreja forçou o grande naturalista Buffon a retirar a sua afirmação de que a Terra era um fragmento do Sol e de que os fósseis eram os restos de antepassados primitivos das criaturas atuais. Por volta de 1800, os intelectuais estavam absolutamente fartos da autoridade que a Igreja exercera durante séculos. Anseavam ver a queda desses tiranos eclesiásticos. Por isso, de cada vez que alguém ousava desafiar a autoridade intelectual da Igreja, ecoavam aplausos por toda a Europa. Em 1830, dois anos após a publicação de *The Night Side of Nature*, o teólogo alemão Ludwig Feuerbach produziu um livro, *Thoughts on Death and Immortality*, no qual descartava a ideia de um Deus pessoal e escarnecia do desejo de imortalidade como uma estupidez egoísta. Feuerbach foi perseguido pela polícia e forçado a abandonar o seu posto na universidade.

Dez anos mais tarde, Feuerbach publicou um livro muito mais radical, *The Essence of Christianity*, que caiu como uma bomba e assustou até os livre-pensadores; declarou que Deus e a imortalidade eram ilusões perigosas e que o homem tem de aprender a viver no presente em vez de perder o seu tempo a sonhar com um céu inexistente. (O livro teve uma profunda influência em Karl Marx, que expressou a sua mensagem básica na frase «A religião é o ópio do povo».) No seu romance *Green Heinrich*, o poeta suíço Gottfried Keller descreve Feuerbach como «um mago em forma de ave que cantou Deus para fora dos corações de milhares». E o mesmo livro tem o retrato de um professor primário que perdeu o emprego por ser ateu, mas que viaja pela Alemanha exclamando: «Não é uma alegria estar vivo?», e «sempre maravilhado com a glória de estar livre do estorvo» de Deus.

É por isso que os cientistas e filósofos não estavam dispostos a prestar atenção às provas do «sobrenatural». Estavam demasiado encantados por ver a Igreja a levar um murro e não tinham qualquer intenção de deixar a religião entrar de fininho novamente pela porta das traseiras. Assim, quando Catherine Crowe começou o seu livro admitindo que queria provar a realidade da alma imortal do homem, a maioria deles não leu mais nada. Quer a Sra. Crowe o pretendesse ou não, estava a dar ajuda e conforto ao inimigo.

De facto, no ano em que *The Night Side of Nature* foi publicado, este inimigo em particular preparava-se para montar um assalto frontal completo...

Com a sabedoria da retrospetiva, podemos ver que as páginas mais interessantes e significativas de *The Night Side of Nature* são aquelas que dizem respeito à assombração de uma casa pertencente a um industrial chamado Joshua Proctor. Aqui a Sra. Crowe apresenta o tipo de relato cuidadosamente documentado que seria o objetivo dos investigadores posteriores da *Society for Psychical Research*. Isto é a verdadeira matéria da investigação psíquica. Ela prefacia o relato com uma carta de Joshua Proctor para si própria, atestando a exatidão dos detalhes do relatório que se segue.

A casa assombrada era a casa de um moinho; fora construída apenas quarenta anos antes, em 1800. A recém-construída linha de caminho de ferro de Newcastle e Shields passava por cima, num viaduto. Em junho de 1840, chegou ao mundo exterior a notícia de que a família Proctor — que eram quacres — fora perturbada por ruídos de pancadas e vira algumas coisas desagradáveis. Um cirurgião chamado Edward Drury, que exercia em Sunderland, ouviu falar da assombração através de um agricultor local.

O Dr. Drury era cético em relação a tais assuntos. No entanto, ficara fascinado pelo relato de uma famosa assombração por *poltergeist* em Epworth, na reitoria do Rev. Samuel Wesley, avô do fundador do Metodismo (ver Capítulo 6). Este espetro, conhecido como *Old Jeffrey*, batera e gemera pela reitoria durante dois meses em 1716. Ouviam-se sons de respiração pesada, vidro a partir-se, passos e vários ruídos não identificáveis. O Rev. Samuel notou que as perturbações pareciam de alguma forma ligadas à sua filha Hetty, de 19 anos, que tremia durante o sono antes de os sons começarem. O cientista Joseph Priestley investigara o caso e decidira que era uma farsa. O Dr. Drury inclinava-se a concordar com ele; por isso, quando ouviu falar da «assombração» de Willington Mill, escreveu ao seu proprietário, Joshua Proctor, oferecendo-se para «desvendar o mistério» (isto é, expor o autor da farsa). O Sr. Proctor respondeu educadamente, dizendo que ele e a sua família iam viajar na data que o Sr. Drury sugerira; um dos seus empregados ia servir de caseiro enquanto estivessem fora. No entanto, se Drury quisesse vir e pernoitar, seria bem-vindo.

O Dr. Drury decidiu levar um amigo para apoio moral. Levou também um par de pistolas, tencionando deixar cair uma delas no chão, como que por acidente, para dissuadir qualquer brincalhão. Mas quando chegou,

descobriu que Joshua Proctor regressara — sozinho — das suas férias, e o Sr. Proctor era tão obviamente um homem honesto que Drury decidiu que o «acidente» era desnecessário.

O que aconteceu a Edward Drury nessa noite convenceu-o completamente da realidade do sobrenatural. Também lhe pregou um susto tal que ele ficou parcialmente surdo de um ouvido e sofreu um esgotamento temporário de saúde. Parece ter ficado demasiado abalado para descrever o que vira imediatamente a seguir, mas prometeu escrever ao Sr. Proctor uma carta com um relato completo. Esta carta foi escrita a 13 de julho de 1840, dez dias após a sua noite na casa assombrada do moinho.

Chegou com o seu amigo, T. Hudson, e foi bem recebido pelo Sr. Proctor, que lhe mostrou a casa. Às onze horas, o Dr. Drury e o Sr. Hudson acomodaram-se no patamar do terceiro andar, do lado de fora do «quarto assombrado». (Embora ele diga que «esperava explicar quaisquer ruídos que pudesse ouvir de uma maneira filosófica», presumivelmente decidiu que a prudência é a melhor parte do valor.) Cerca de uma hora mais tarde, ouviram ruídos de passos rápidos, «como se uma quantidade de pessoas estivesse a sapatear com os pés descalços».

Depois, houve um som de pancada vindo das tábuas do chão aos seus pés, como se alguém estivesse a bater com os nós dos dedos. A seguir a isto, ouviram uma «tosse cavernosa» vinda do quarto assombrado, mas parecem ter decidido não investigar. Depois, ouviram um ruído sussurrante, como se alguém estivesse a subir as escadas.

A um quarto para a uma, sentindo frio, o Dr. Drury disse que pensava reformar-se para a cama; o Sr. Hudson disse que tencionava ficar acordado até ao amanhecer. Drury olhou para o seu relógio e anotou a hora. Ao erguer os olhos, viu a porta de um armário abrir-se e «a figura de uma mulher, vestida com trajes acinzentados, com a cabeça inclinada para baixo e uma das mãos pressionada contra o peito, como se estivesse com dores», a caminhar em direção a ele. O Sr. Hudson estava profundamente adormecido, mas foi acordado pelo «grito pavoroso» de Drury. Drury arremessou-se contra a figura, «mas em vez de a agarrar, caí em cima do meu amigo e não me recordei de nada distintamente durante quase três horas depois. Soube desde então que fui levado para baixo numas agonias de medo e terror.»

A Sra. Crowe não só publica a correspondência completa entre o Dr. Drury e Joshua Proctor, como também um relato de um historiador local, outro do proprietário de um jornal local e descrições de quatro outras pessoas que tinham visto o fantasma. De facto, parecia haver mais do que um; havia também um homem de sobrepeliz que deslizava através de uma sala do segundo andar a uma distância de escassos pés do chão. O historiador local acrescenta ao seu relato a informação de que o Sr. Proctor descobriu recentemente um livro antigo que afirma que assombrações semelhantes tinham ocorrido numa casa mais antiga que fora construída no mesmo local duzentos anos antes.

A Sra. Crowe termina o seu relato mencionando que o Sr. Proctor decidiu agora deixar a casa e transformá-la em «pequenas habitações» para os seus trabalhadores.

O que torna este relatório tão interessante é que o caso se assemelha em tantos aspetos à «assombração» que ocorreria oito anos mais tarde em Hydesville, Nova Iorque, e que lançaria o movimento do Espiritualismo do século XIX. Em Willington, tal como em Hydesville, houve uma mistura de fenómenos de *poltergeist* e o tipo mais convencional de assombração. Se o Dr. Drury tivesse demonstrado o mesmo tipo de coragem e curiosidade demonstrado mais tarde pela Sra. Margaret Fox em Hydesville, parece altamente provável que o movimento Espiritualista tivesse sido lançado dez anos antes em Inglaterra.

[^1]: Em *Autobiography of a Yogi* por Parahansa Yogananda, o autor descreve como um Ioga visitante lhe dissera que um amigo estava a caminho. Quando o amigo chegou, contou como o Ioga se aproximara dele na rua e mencionara que Parahansa estava à espera dele no seu quarto. Na altura em que isto aconteceu, o Ioga estivera com Parahansa. Do ponto de vista de um investigador psíquico, o caso é duvidoso porque temos apenas a palavra do autor.

O caso de Hydesville começou a 31 de março de 1848, numa casa de estrutura de madeira habitada por um agricultor metodista chamado James D. Fox, a sua esposa Margaret e as suas duas filhas, Margaretta, de 14 anos, e Kate, de 12 anos. Hydesville é uma pequena povoação não muito longe de Rochester, Nova Iorque. James Fox tinha-se mudado para a casa no anterior mês de dezembro. Um inquilino anterior, Michael Weekman, fora

perturbado por várias pancadas fortes, para as quais não conseguira encontrar causa.

A família Fox também foi mantida acordada por vários ruídos de batidas nos últimos dias de março de 1848; mas, como era um mês ventoso, não ficaram excessivamente perturbados. Na sexta-feira, 31 de março, a família decidiu recolher cedo para compensar o sono perdido. O Sr. Fox deu a volta à casa a verificar as portadas e as caixilharias. As crianças observaram que, quando ele abanava as caixilharias para ver quão soltas estavam, ruídos de batidas pareciam responder como um eco.

Toda a família dormia em duas camas no mesmo quarto. Pouco antes de os pais se deitarem, os ruídos de pancadas começaram de novo. Kate disse atrevidamente: «Sr. *Splitfoot* [Pé-Fendido], faça como eu», e começou a estalar os dedos. Para espanto das raparigas, as pancadas imitaram-na. Margaret interrompeu: «Faça como eu», e começou a bater palmas. Novamente, os sons imitaram-na. Lembrando-se de que o dia seguinte seria o primeiro de abril, as crianças decidiram que alguém estava a pregar uma partida. No seu relato do que aconteceu, a Sra. Fox escreveu:

«Pensei então que poderia colocar um teste a que ninguém no local conseguiria responder. Pedi ao ruído que batesse as idades dos meus diferentes filhos, sucessivamente. Instantaneamente, a idade de cada um dos meus filhos foi dada corretamente, fazendo uma pausa entre elas suficientemente longa para as individualizar até ao sétimo [filho], no qual foi feita uma pausa mais longa, e depois foram dadas mais três pequenas pancadas mais enfáticas, correspondentes à idade do mais pequenino que morreu...»

Agora bastante assustada — isto não era evidentemente uma partida —, a Sra. Fox perguntou se era um ser humano que estava a fazer as pancadas; não houve resposta. «É um espírito? Se for, dê duas pancadas.» Seguiram-se dois estrondos troantes, tão fortes que a casa estremeceu. Ela perguntou se era um «espírito injustiçado» e, novamente, os estrondos abalaram la casa. Posteriores perguntas revelaram que quem batia era um homem que morrera com a idade de 31 anos, que fora assassinado na casa e que tinha esposa e cinco filhos. A Sra. Fox perguntou se o espírito tinha alguma objeção a que ela chamasse os vizinhos; as pancadas responderam: «Não.»

Os Fox chamaram cerca de catorze vizinhos. Um destes era um homem chamado William Duesler, que assegurara à sua própria esposa que toda aquela história era ridícula e que não podia haver nada de misterioso nos ruídos. Quando lá chegou, alguns dos vizinhos estavam demasiado nervosos para entrar no quarto, mas Duesler não estava preocupado. Foi sentar-se na cama e ficou estupefacto quando as perguntas da Sra. Fox foram respondidas com um ruído de pancadas que fazia a cama vibrar. (Escritores posteriores insistiriam em que as duas crianças faziam todos os ruídos estalando as suas articulações; mas é difícil ver como o estalar de articulações poderia fazer a casa estremecer e fazer uma cama vibrar.)

Duesler assumiu o interrogatório do «espírito». Através de um código de pancadas, estabeleceu que a entidade era um homem que fora assassinado na casa, um vendedor ambulante chamado Charles B. Rosma, que fora atacado pelos 500 dólares que trazia consigo. O homicídio ocorrera cinco anos antes e fora cometido pelo homem que era então o inquilino da casa, um Sr. Bell. Uma criada chamada Lucretia Pulver confirmou mais tarde que um vendedor ambulante passara a noite na casa e que ela fora mandada para casa; quando regressou no dia seguinte, o vendedor ambulante tinha partido.

À medida que as notícias destes acontecimentos incríveis se espalhavam por toda a comunidade, centenas de pessoas vinham à casa. No domingo, 2 de abril, Duesler soube pelo homem assassinado que o seu corpo fora enterrado na cave. Isto parecia oferecer um método de verificação, e James Fox e os seus vizinhos levaram pás para a cave — que tinha chão de terra — e procederam à escavação. À profundidade de três pés encontraram água e abandonaram a tentativa. Mas em julho, quando a água baixou, escavaram novamente e, à profundidade de cinco pés, encontraram uma prancha; por baixo desta, em cal viva, havia algum cabelo humano e alguns ossos.

O Sr. Bell, ao saber que fora acusado de homicídio por um fantasma, negou-o indignado e apresentou um testemunho do seu bom caráter emitido pelos seus novos vizinhos em Lyon, Nova Iorque. O espírito já profetizara que o assassino nunca seria levado à justiça.

No seu relato do caso em *Modern Spiritualism*, o cético Frank Podmore comenta: «Nenhuma prova corroborativa do suposto homicídio, ou sequer da existência do homem que se supunha ter sido assassinado, foi

alguma vez obtida.» Isto foi escrito em 1902. Dois anos mais tarde, em novembro de 1904, uma parede na cave da casa dos Fox desabou, revelando outra parede por trás dela. A escavação entre as duas paredes pôs a descoberto um esqueleto e uma caixa de lata de vendedor ambulante. Parecia que alguém tinha desenterrado o corpo da sua sepultura original e o tinha sepultado junto à parede, construindo depois outra parede para baralhar os investigadores.

Nesses dias imediatamente a seguir às primeiras manifestações, foi criada uma comissão para recolher as declarações das testemunhas. Nem todos os investigadores estavam convencidos de que os sons tivessem uma origem sobrenatural; mas ninguém sugeriu que a família Fox pudesse ser responsável. Com a família toda reunida no mesmo quarto, era obviamente impossível que os pais ou as crianças estivessem a causar os estrondos.

O que todos cedo notaram foi que nada acontecia a menos que as crianças estivessem na casa — particularmente Kate. Uma comissão de cidadãos céticos de Rochester veio à casa para investigar; concordaram que Margaret não era certamente responsável. Uma segunda e uma terceira investigações produziram o mesmo resultado. As crianças foram despidas e revistadas para ver se tinham algum dispositivo mecânico para produzir os sons; não havia nada. Foram obrigadas a permanecer de pé sobre almofadas com os tornozelos amarrados; mesmo assim, as pancadas ocorriam.

As crianças foram separadas; Kate foi enviada para ficar com a sua irmã mais velha, Leah, em Rochester, e Margaretta com o seu irmão David, em Auburn. Os «espíritos» seguiram-nas a ambas. Ouviam-se ruídos de pancadas e as pessoas sentiam-se tocadas por mãos invisíveis. Na casa de Leah, um hóspede chamado Calvin Brown adotou uma atitude levemente satírica em relação ao espírito, e este começou a persegui-lo, atirando-lhe coisas.

A touca da Sra. Fox foi-lhe arrancada e o pente puxado do seu cabelo. Quando os membros da família se ajoelhavam para rezar, eram-lhes espetados alfinetes. Na pensão do irmão David aconteciam coisas semelhantes. Estava claro que o vendedor ambulante assassinado não era responsável por tudo isto — ele estava de volta à casa de Hydesville, a fazer ruídos aterrorizantes de gorgolejos e sons como um corpo a ser arrastado pelo chão. O cabelo da Sra. Fox ficou branco. Um espírito que comunicava com Kate afirmava ser um parente falecido chamado Jacob

Smith. A irmã Leah Fish descobriu que também conseguia comunicar com os espíritos e começou a produzir mensagens. Uma rapariga de 16 anos chamada Harriet Bebee, que visitou la casa em Auburn e testemunhou os ruídos de pancadas, regressou à sua casa a milhas de distância e descobriu que os ruídos a tinham seguido.

A família Fox mudou-se para Rochester, mas as manifestações continuaram. Por vezes, os estrondos eram tão fortes que podiam ser ouvidos a milhas de distância. Os *poltergeists* tinham aparentemente assumido o lugar do «espírito injustiçado» original. Um dia, um visitante chamado Isaac Post começou a fazer perguntas ao espírito e foi respondido por uma barragem troante de pancadas. Depois, por meio de um código alfabético, o «espírito» soletrou uma mensagem: «Queridos amigos, deveis proclamar esta verdade ao mundo. Este é o alvorecer de uma nova era; não deveis tentar ocultá-la por mais tempo.

Deus proteger-vos-á e os bons espíritos zelarão por vós.» E começou agora uma série de manifestações que se tornariam típicas do «Espiritualismo» [^1]. Mesas moviam-se e batiam com as pernas; instrumentos musicais eram tocados por dedos invisíveis, objetos moviam-se pela sala. Os «espíritos» deram a entender que preferiam manifestar-se no escuro — o que confirmou os céticos na sua opinião. Mas outros crentes decidiram que era altura de pôr em prática a ordem do «espírito» e «proclamar esta verdade ao mundo». A 14 de novembro de 1849, teve lugar a primeira reunião espiritualista no Corinthian Hall, em Rochester.

No seu relato sobre a assombração de Willington Mill, o historiador local, M. A. Richardson, observara:

«Se fôssemos extrair uma inferência do número de casos de relatos de aparições do mundo invisível que foram tornados públicos ultimamente, poderíamos ser levados a imaginar que os dias da intervenção sobrenatural estavam prestes a recomeçar, e que os fantasmas e os duendes estavam prestes a retomar o seu domínio sobre os medos da humanidade.»

Para 1840, essa era uma observação notavelmente percetiva. Quer se devesse meramente à melhoria das comunicações e ao aumento do número de jornais, parece de facto claro que houve um aparente aumento de manifestações fantasmagóricas por volta deste período. Em retrospetiva, parece estranhamente que os «espíritos» tivessem decidido que chegara o

momento de se fazerem notar. Claro que houvera tais manifestações durante séculos — o astrólogo elisabetano Dr. John Dee dedicou um grande livro a um relato das suas comunicações com espíritos através da intermediação de um *scryer* [vidente de bola de cristal] (ou, como mais tarde passaram a ser chamados, médium) chamado Edward Kelley. Casos como o *poltergeist* de Epworth, o *poltergeist* de Stockwell (descrito pela Sra. Crowe), o fantasma de Cock Lane e o tamborilheiro fantasma de Tedworth tinham despertado um entusiasmo generalizado e sido tema de panfletos contemporâneos.

Em 1847, um jovem sapateiro americano chamado Andrew Jackson Davis foi colocado sob hipnose e escreveu uma obra extraordinária e erudita chamada *The Principles of Nature*, que subsequentemente se tornou uma sensação literária. Neste livro notável, Davis profetiza que «a verdade sobre os espíritos apresentar-se-á dentro de não muito tempo sob a forma de uma demonstração viva, e o mundo saudará com deleite o inaugurar dessa era em que o interior dos homens se abrirá». No espaço de quatro anos após a sua publicação, o Espiritualismo tinha-se espalhado pela América e varria a Europa.

Fosse qual fosse a razão, as irmãs Fox iniciaram uma explosão espiritualista. As pessoas descobriram que tudo o que tinham de fazer era sentar-se numa sala escurecida, de preferência com um «médium» presente — alguém que já tivesse estabelecido uma comunicação com os espíritos —, e as manifestações seguiam-se habitualmente de imediato. Nenhum aparelho era necessário, exceto possivelmente alguns instrumentos musicais. Na área de Rochester, surgiram mais de cem «médiums» no ano de 1850. Em Buffalo, Nova Iorque, dois irmãos e uma irmã chamados Davenport assistiram a uma sessão na qual as irmãs Fox produziram as suas manifestações, e decidiram experimentá-lo eles próprios — de facto, pancadas e estrondos inexplicáveis tinham soado na sua casa no ano de 1846, dois anos antes das manifestações de Hydesville.

Quando Ira, William e Elizabeth Davenport se sentavam numa sala escurecida, com as mãos sobre o tampo de uma mesa, a mesa começava a mover-se, ouviam-se pancadas por toda a sala e, quando Ira pegava num lápis, a sua mão começava a escrever automaticamente. Algumas noites mais tarde, com testemunhas presentes, todas as três crianças foram vistas a

levitar no ar. Na sua quinta «sessão», Ira recebeu instruções — por meio de pancadas — para disparar uma pistola num canto da sala.

Quando esta detonou, foi-lhe tirada da mão e, pela luz do clarão, viu-se a figura de um homem a segurá-la. Desapareceu um momento depois e a pistola caiu ao chão. O homem apresentou-se — através do código de pancadas — como John King; foi um dos primeiros exemplos de um *control* [espírito de controlo] (ou mestre de cerimónias), que agia como intermediário entre o médium e os «espíritos». «John King» passou cedo a assumir o controlo dos irmãos diretamente e a falar pelas suas bocas. Os irmãos Davenport viriam a tornar-se ainda mais famosos do que as irmãs Fox.

Em Dover, Ohio, un fazendeiro abastado chamado Jonathan Koons descobriu os seus próprios talentos como médium ao sentar-se numa sala escura e entrar em transe. Os «espíritos» que falavam através dele disseram-lhe que todos os seus oito filhos eram médiuns dotados. Instruíram-no a construir uma casa especial feita de troncos, com dezasseis pés por doze, para ser utilizada exclusivamente para atividades espiritualistas. Havia uma grande quantidade de instrumentos musicais — tambores, triângulos, pandeiretas, um banjo, um acordeão, uma harpa, uma guitarra, e assim por diante.

A sala era iluminada difusamente por folhas de papel húmido untadas com fósforo. Quando os médiuns — habitualmente Koons e o seu filho Nahum, de 18 anos — estavam sentados a uma pequena mesa — com o público em bancos —, Koons tocava violino e os espíritos juntavam-se logo, produzindo o efeito de uma orquestra completa. As testemunhas também falam de um coro celestial que se juntava. O barulho era impressionante e podia ser ouvido a uma milha de distância. Uma voz proferia então uma homilia, utilizando um altifalante de corneta, que flutuava no ar. Uma mão espiritual flutuava pela sala, tocando nas pessoas e apertando-lhes as mãos.

Vinham pessoas de todo o condado para testemunhar estas maravilhas, e os espíritos impressionavam toda a gente ao apresentarem informações sobre estranhos que ninguém na assistência poderia saber. Isto era, de facto, uma das coisas mais convincentes sobre os «espíritos»; pareciam ter acesso a todo o tipo de informação.

Em Boston, a esposa de um editor de jornal, a Sra. W. R. Hayden, sobressaltou a esposa do matemático inglês Augustus de Morgan ao dar-lhe mensagens detalhadas de amigos mortos sobre os quais ela não poderia possivelmente saber. O resultado foi que a Sra. de Morgan a convidou para ir a Inglaterra, onde ela realizou sessões sob «condições de teste» na casa dos de Morgan. Foi ruidosamente ridicularizada pelos jornais ingleses, que estavam convencidos de que esta última mania americana devia basear-se em fraude e engano (que os britânicos eram demasiado sensatos para engolir), mas convenceu a maioria daqueles que realmente a viram.

E membros respeitáveis da classe média britânica que experimentavam o «rodar de mesas» para passar as longas noites ficavam maravilhados ao descobrir que aquilo realmente funcionava. Um jornalista escreveu alguns anos mais tarde: «Nesses dias éramos convidados para "Chá e Movimento de Mesas" como uma nova emoção, e postos a girar com a família como loucos em redor de peças de mobiliário.» Até a Rainha Vitória e o Príncipe Alberto experimentaram em Osborne, e a mesa moveu-se de forma tão convincente que a rainha não teve a menor dúvida de que não havia qualquer racha envolvida — decidiu que a resposta devia residir em alguma forma de eletricidade ou magnetismo.

Os franceses estavam mais do que preparados para adotar esta nova forma de entretenimento, pois meio século de controvérsia sobre Mesmer — que ensinara que a cura, a clarividência e outros mistérios desse género se deviam a uma força misteriosa chamada «Magnetismo Animal» — tinha-os habituado a fenómenos estranhos; por volta de 1851, o rodar de mesas tinha-se tornado a última mania. E os espíritos depressa fizeram um convertido altamente influente. Tratava-se de um pedagogo de 50 anos chamado Denizard-Hyppolyte-Léon Rivail, que viria a tornar-se famoso sob o nome de Allan Kardec. Rivail fora aluno do célebre educador Pestalozzi e abrira a sua própria escola aos 24 anos. Escrevera livros populares sobre aritmética, gramática, ortografia, como calcular de cabeça e reforma educativa, e dera cursos de imenso sucesso de palestras gratuitas sobre astronomia, química, física e anatomia. Era também um estudante entusiasta da frenologia e do Magnetismo Animal.

Foi em maio de 1855 que Rivail assistiu a uma sessão hipnótica com uma certa Madame Roger, que era colocada em transe pelo seu «magnetizador», o Sr. Fortier, e conseguia ler mentes e realizar outras

proezas intrigantes. Ali, Rivail conheceu uma certa Madame Plainemaison, que lhe disse que fenómenos ainda mais estranhos estavam a ocorrer regularmente na sua casa na Rue Grange-Batelière. Rivail acedeu a ir e ficou maravilhado com o que viu. As mesas faziam mais do que meramente «rodar»; também davam saltos e corriam pela sala.

O discípulo de Mesmer sentiu que estes fenómenos desafiavam os poderes da razão a que dedicara a sua vida, e determinou-se a tentar ir ao fundo da questão. Em casa de Madame Plainemaison, conheceu um homem chamado Baudin, que lhe disse que as suas duas filhas praticavam a escrita automática. As jovens senhoras parecem ter descoberto os seus poderes acidentalmente, no decorrer do entretenimento dos seus amigos com o rodar de mesas; eram, diz um comentador, «de uma disposição mundana e frívola».

Isto não dissuadiu o sério Rivail, que passou a fazer à mesa grandes perguntas filosóficas. Perguntada se a humanidade alguma vez compreenderia os primeiros princípios do universo, esta respondeu: «Não. Há coisas que não podem ser compreendidas pelo homem neste mundo.» Quando Rivail perguntou se a matéria sempre existira, a mesa respondeu (talvez um tudo-nada enfadada): «Só Deus sabe.»

Era óbvio para Rivail que as entidades que comunicavam eram espíritos genuínos, não as mentes inconscientes das jovens senhoras. (Mesmo nesses dias, o conceito do inconsciente era aceite.) De facto, os comunicadores identificavam-se como «espíritos de génios» e diziam que alguns deles (mas não todos) tinham sido os espíritos daqueles que tinham estado vivos na Terra.

Com entusiasmo, Rivail percebeu que este material tinha uma coerência interna impressionante e que o padrão total revelava um esquema filosófico que abraçava todo o universo. Outros amigos que andavam a recolher «textos automáticos» — incluindo o dramaturgo Sardou — entregaram o seu próprio material a Rivail — mais de cinquenta cadernos. E foi dito a Rivail que reunisse todo este material num livro, que deveria chamar-se *O Livro dos Espíritos*. Os espíritos deram inclusivamente a Rivail o pseudónimo sob o qual deveria publicar a obra: Allan Kardec; ambos estes nomes — de acordo com os espíritos — eram nomes que ele usara em encarnações anteriores.

A mensagem de *O Livro dos Espíritos* sintetiza-se facilmente. O homem é um ser quádruplo, composto por corpo, «princípio vital» (aura), alma inteligente e alma espiritual — as divisões com que já deparámos na Visionária de Prevorst. Os espíritos são seres inteligentes, que constituem a «população do universo». O homem é um espírito encerrado num corpo físico. O destino de todos os espíritos é evoluir em direção à perfeição. Existem três categorias básicas de espíritos: os «espíritos inferiores», que estão presos à materialidade, os «espíritos de segundo grau», cuja natureza moral evoluiu ao ponto de sentirem apenas um desejo de bem, e os «espíritos perfeitos», que atingiram o pico da sua evolução. Os «espíritos inferiores» variam desde espíritos malignos que são movidos pela maldade até meros «espíritos turbulentos» que gostam de fazer travessuras.

[^1]: Quando falo de Espiritualismo com «E» maiúsculo, refiro-me à «religião» com esse nome; espiritualismo com «e» minúsculo denota simplesmente a crença em espíritos ou na vida após a morte.

Estes últimos são também conhecidos como *poltergeists*. Após a morte, um espírito passa algum tempo no mundo espiritual e é depois reincarnado na Terra ou noutro mundo qualquer. O propósito da vida terrena é permitir que o espírito evolua. Até certo ponto, o espírito é capaz de escolher as provações pelas quais irá passar na sua próxima vida. (Isto significa que não vale a pena lamentar a nossa sorte, visto que fomos nós próprios que a escolhemos.)

O Livro dos Espíritos apareceu em 1856 e causou sensação. Kardec tornou-se a figura fundadora do movimento espiritualista francês, e as suas obras alcançaram uma imensa influência. Mas ele morreu de um ataque cardíaco apenas treze anos após o livro ter sido publicado, com a idade de 65 anos, e a sua influência começou cedo a ser amplamente posta em causa pelo movimento. Rivail estava totalmente comprometido com a doutrina da reincarnação, a lenta perfeição do espírito através de uma série de renascimentos, a qual pode ser rasteada até à antiga Índia. Mas a maior parte dos «espíritos» que falavam através de médiuns em sessões nada tinham a dizer sobre a reincarnação.

Assim, Rivail inclinava-se para ser crítico em relação aos médiuns de transe, enquanto os médiuns de transe e os seus seguidores denunciavam Rivail como um velho dogmático. Após a morte de Rivail, a sua influência esmaeceu e, no espaço de poucos anos, ele ficou meio esquecido.

Ora, em Paris, em 1860, houve um *poltergeist* particularmente violento na Rue des Noyers; partiu todas as janelas do lugar, arremessou todo o tipo de objetos pela casa (incluindo muitos que os ocupantes nunca tinham visto antes) e acabou por expulsar as desventuradas pessoas de casa. Rivail decidiu tentar descobrir o que acontecera exatamente. O «espírito de controlo» do seu médium (o espírito que age como mestre de cerimónias) explicou que as perturbações eram obra de um espírito brincalhão.

E, a pedido do controlo (um espírito chamado São Luís), o *poltergeist* da Rue des Noyers foi invocado. Ele parecia estar de mau humor e perguntou irritado: «Porque me chamam? Querem que vos atire algumas pedras?» Rivail perguntou então ao espírito: «Havia alguém na Rue des Noyers que o ajudasse a pregar partidas aos moradores?» Certamente, respondeu o espírito, tinha tido um excelente «instrumento». E acrescentou: «Pois eu sou alegre e gosto de me divertir às vezes.» Quem era?, perguntou Rivail. «Uma criada.»

«Ela não tinha consciência de que o senhor se estava a servir dela?»

«Oh sim, pobre rapariga — era a que tinha mais medo de todos eles.»

Rivail perguntou como é que o espírito conseguia atirar vários objetos pelo lugar e recebeu a interessante resposta: «Ajudei-me através da natureza elétrica da rapariga, unida à minha... assim fomos capazes de transportar os objetos entre os dois.»

Rivail perguntou ao espírito quem ele era. Este respondeu que estava morto há cerca de cinquenta anos e que fora trapaceiro. As pessoas costumavam troçar dele porque bebia demais, e fora por isso que decidira pregar partidas aos habitantes da Rue des Noyers. Negou indignado que tivesse feito estas coisas por maldade; era meramente a sua forma de se divertir.

Este espírito parecia pertencer a uma classe descrita em *O Livro dos Espíritos*: «São ignorantes, maliciosos, irracionais e dados à zombaria. Metem-se em tudo e respondem a todas as perguntas sem prestar atenção à verdade.»

Assim, de acordo com Kardec, os *poltergeists* são espíritos brincalhões que extraem a sua energia de certos seres humanos «vulneráveis». Em todos os aspetos, exceto num, o «ensinamento dos

espíritos» de Kardec concordava basicamente com os da maioria dos outros espiritualistas desde Swedenborg; mas esse único aspeto, a reincarnação, viria a provar-se uma fonte de severa discórdia dentro do movimento espiritualista francês. *O Livro dos Espíritos* já tinha sido antecipado por uma obra chamada *Arcanes de la vie future dévoilée — Segredos da Vida Futura Revelados*, de Alphonse Cahagnet, publicada em 1848 (e um segundo e terceiro volumes mais tarde).

Cahagnet era um marceneiro que se tinha tornado fascinado pelo «somnambulismo» (hipnotismo) em meados dos seus 30 anos; colocava vários sujeitos em transe hipnótico — sendo o mais impressionante uma mulher chamada Adéle Maginot — e registava o que eles lhe diziam sobre a vida após a morte. Adéle era tão notável porque as suas mensagens dos mortos — e por vezes de pessoas vivas que tinham desaparecido — eram tão cheias de provas convincentes. Cahagnet começou um jornal chamado *The Spiritualist Magnetiser*, e este foi mais tarde transformado na *The Spiritualist Revue*, editada por Z. Piérart. Mas Cahagnet, que era um seguidor de Swedenborg, não acreditava na reincarnação. E o movimento espiritualista francês cindiu-se cedo devido a uma acesa guerra de palavras entre os seguidores de Cahagnet e os seguidores de Kardec. Kardec era crítico dos médiuns de transe — como Adéle — porque estes nada tinham a dizer sobre a reincarnação, e Cahagnet e os seus seguidores olhavam para a escrita automática com suspeita e desdém. Mas Kardec, que tinha problemas cardíacos, morreu em 1869, apenas treze anos após *O Livro dos Espíritos* ter sido publicado, ao passo que Cahagnet viveu e prosperou até 1885, publicando muitos mais livros influentes.

Assim, foi a versão de espiritualismo de Kardec que gradualmente se desvaneceu à medida que o movimento se tornava cada vez mais poderoso. Foi apenas no Brasil — um país cujos feiticeiros invocavam frequentemente os espíritos para obter ajuda mágica — que a versão de espiritualismo de Kardec ganhou raízes, e onde ainda hoje floresce como uma das principais religiões do país. Examinaremos isto detalhadamente no Capítulo 9.

Poderá ser bom, neste ponto, fazer uma pausa e colocar a questão: o que significa tudo isto? Há algo no «espiritualismo» que é peculiarmente irritante. Uma coisa é aceitar que algumas pessoas possuem estranhos poderes de clarividência, e outra completamente diferente é engolir

«ensinamentos dos espíritos» que soam aos divagações de um professor de escola dominical sem inspiração. Não é que as doutrinas de Swedenborg ou de Kardec sejam em si mesmas inaceitáveis.

A noção de que o homem possui um «corpo vital», um corpo astral e um corpo-ego parece bastante razoável; alguns podem até aprender, através da auto-observação, a distinguir entre as exortações do «eu inferior» e as observações distanciadas de alguma parte mais elevada de nós que olha ironicamente para os nossos sofrimentos e humilhações. Mas quando Kardec nos diz que Deus criou os espíritos e depois lhes atribuiu a tarefa de evoluir em direção à perfeição, soa a enfadonhamente abstrato. Porque se deu Deus ao trabalho de criar espíritos em primeiro lugar? Porque não os criou perfeitos logo à partida? E com certeza que os espíritos deveriam ter algo melhor para fazer do que comunicar com os seus familiares vivos através de «médiuns» e entregar mensagens anticlimáticas sobre as alegrias da vida do além e os problemas triviais dos vivos? Se compararmos as revelações do espiritualismo com as da ciência ou da filosofia, ou com as visões dos grandes místicos, elas parecem estranhamente banais...

Isto explica por que razão o espiritualismo despertou uma hostilidade tão instantânea entre cientistas e filósofos. O espiritualismo foi como uma explosão vulcânica de crença; os cientistas responderam com uma lufada de ceticismo que foi como água fria. E a combinação de lava a ferver e água fria produziu uma enorme nuvem de vapor que obscureceu tudo. Não era que a maioria dos cientistas não acreditasse nas provas: recusavam-se sequer a olhar para elas.

T. H. Huxley expressou o sentimento geral quando observou: «Pode ser tudo verdade, por tudo o que sei em contrário, mas realmente não consigo interessar-me pelo assunto.» Uma tal atitude dificilmente pode ser defendida como científica. Para quem tenha uma hora livre, as provas revelam-se avassaladoras. Existem centenas — milhares — de descrições de experiências fora do corpo, de *poltergeists*, de «aparições de mortos», de vislumbres precisos do futuro. Qualquer pessoa razoável deveria estar preparada para se confrontar com isto, e não para o descartar com o comentário: «Realmente não consigo interessar-me de todo pelo assunto.»

Poderemos confrontar-nos com eles sem assumir qualquer compromisso com a vida após a morte ou com a existência de «espíritos»? Mais ou menos. Considere-se, por exemplo, a assombração de Willington

Mill. Um ponto interessante que emergiu foi que a aparição masculina caminhava através da sala vários pés acima do chão, ao nível do parapeito da janela. Isto sugere que caminhava num piso que fora entretanto demolido. E sabemos que a casa do moinho fora construída no local de uma casa mais antiga. Parece que a teoria da «gravação em fita» (ver p. 211) pode explicar este fantasma em particular. Também notamos que a casa ficava no fundo de um vale, junto a um ribeiro, e portanto quase certamente húmida. T. C. Lethbridge sugeriu que os fantasmas são «gravações» no campo elétrico da água e encontram-se mais frequentemente em locais húmidos.

Podemos também notar o comentário do historiador local de que, embora o moinho tivesse sido construído por volta de 1800, nenhuma assombração fora registada desde essa altura até às perturbações vividas pela família do Sr. Proctor — uma família com crianças pequenas. Mais tarde, no século XIX, os investigadores de fenómenos de *poltergeist* observaram que as crianças estão habitualmente presentes e que uma delas parece frequentemente ser o «foco» da perturbação — de facto, podemos recordar que o Rev. Samuel Wesley notou que a sua filha Hetty tremia durante o sono antes de o *Old Jeffrey* começar a fazer barulho. A fisiologia do cérebro dividido ensinou-nos que temos duas pessoas dentro das nossas cabeças. Talvez o *Old Jeffrey* fosse algum tipo de manifestação da mente inconsciente ou do hemisfério direito de Hetty Wesley?

Thomson Jay Hudson tem algumas coisas surpreendentes a dizer sobre o Espiritualismo em *The Law of Psychic Phenomena*. Ele admite que as coisas que acontecem na sala de sessões são inegáveis, mas afirma que não são produzidas pelos espíritos dos mortos. O que produz os fenómenos é «essencialmente uma inteligência humana, e não se eleva acima nem se afunda abaixo da inteligência comum da humanidade». E é por isso que o espiritualismo é tão estranhamente enfadonho e dececionante — porque é, como diria Nietzsche, «humano, demasiado humano». «... Já vimos que poderes extraordinários a mente subjetiva possui em certas linhas de atividade intelectual, e com que limitações ela está cercada; e descobrimos que os feitos intelectuais dos médiuns possuem todas as características pertencentes à inteligência subjetiva — os mesmos poderes maravilhosos e as mesmas limitações.»

É uma teoria convincente e surpreendentemente «moderna»; em todos os anos decorridos desde que *The Law of Psychic Phenomena* apareceu, nada mais plausível ou «científico» foi avançado. Mas cobrirá realmente todos os factos? A solução de Hudson para o problema dos espíritos é que «a mente subjetiva do médium, sendo controlada por sugestão, acredita ser o espírito de qualquer pessoa falecida cujo nome seja sugerido». Mas isto falha em explicar casos — como o caso de Swedenborg da «gaveta secreta» mencionado no Capítulo 3 — em que o médium foi capaz de apresentar informações que só eram conhecidas da pessoa morta. Parece, no geral, mais direto aceitar a possibilidade de vida após a morte — ou a independência do espírito em relação ao corpo — como uma hipótese de trabalho.

A outra grande objeção ao espiritualismo — a de que ele de alguma forma «reduz» o espiritual ao material — foi expressa pelo Reitor Inge quando escreveu: «No momento em que nos pedem para aceitar provas científicas para a verdade espiritual, a alegada verdade espiritual deixa de ser espiritual e verdadeira. É degradada num acontecimento no mundo dos fenómenos.» [^1] E, curiosamente, Rudolf Steiner concordou com ele, observando: «Os espiritualistas são os maiores materialistas de todos.» Isto soa a intrigante, tendo em conta o facto de Steiner não só aceitar a realidade da vida após a morte, mas também a da reincarnação.

A explicação é importante e justifica o sentimento geral de hostilidade que é tão frequentemente despertado pelo Espiritualismo. Uma das doutrinas básicas de Steiner era a de que «o mundo suprassensível aparece-nos de tal forma que se assemelha às nossas perceções do mundo dos sentidos» [^2]. Pelo que diz de Swedenborg:

«Ele era um homem que, na época do alvorecer da ciência natural, se habituara apenas a reconhecer o sensível, o visível... Dado que insistia em reconhecer como verdadeiro apenas o que podia calcular e perceber com os seus sentidos... ele arrastou o mundo suprassensível para uma esfera inferior sob a influência dos seus hábitos da ciência natural.» [^3]

O que Steiner está a dizer aqui é algo que depressa se torna evidente para a maioria dos leitores de relatos de experiências de quase-morte. Alguns dão por si a caminhar em direção a uma cidade celestial, alguns encontram-se em prados floridos, alguns veem-se atraídos para um portal celestial ou para um turbilhão de luz. Parece que toda a gente está a

interpretar a experiência em termos dos seus próprios conceitos familiares. Steiner está a sugerir que visionários como Swedenborg, que vislumbraram o «mundo suprassensível», estão destinados a interpretá-lo de acordo com os seus hábitos mentais arreigados, e que isto explica por que razão as revelações do espiritualismo parecem frequentemente um pouco ridículas.

Curiosamente, Steiner aprovava inteiramente Kardec, que obtinha o material para os seus livros a partir da escrita automática. Isto sugere claramente que aquilo de que Steiner tanto gostava de criticar no Espiritualismo era o seu literalismo — as trombetas e os acordeões a flutuar no ar, as mesas a dançar pela sala, os espíritos feitos de ectoplasma. A sua atitude poderia ser comparada à de um místico cristão que deseja explicar que o céu não está cheio de anjos sentados em nuvens e a tocar harpa.

Ao mesmo tempo, há necessariamente um elemento de injustiça numa tal atitude. Muitos médiuns que começaram por produzir escrita automática tornaram-se mais tarde «médiuns de voz» e alguns até «médiuns de materialização». É impossível traçar uma linha nítida entre eles. Steiner não está realmente a criticar o Espiritualismo; está a criticar os espiritualistas. Uma vez compreendido isto, um dos grandes problemas desaparece — ou, pelo menos, revela-se como um mal-entendido.

Foi um mal-entendido que causou uma grande quantidade de problemas e amargura nos primórdios do Espiritualismo. Era inútil que investigadores como Catherine Crowe e Allan Kardec exigissem uma audição justa para o «sobrenatural»; os cientistas e intelectuais sentiam que lhes estava a ser pedido que engolissem um chorrilho de disparates infantis. Apontavam zangados para as igrejas espiritualistas que estavam a surgir por toda a América e perguntavam como podia alguém levar a sério uma religião começada por duas raparigas tlas.

O seu ceticismo pareceu ser justificado em abril de 1851, quando uma parente da família Fox, uma certa Sra. Norman Culver, anunciou no *New York Herald* que Kate e Margaretta Fox lhe tinham mostrado como faziam os ruídos de pancadas com os joelhos e os dedos dos pés. Isto pode ou não ter sido verdade. As raparigas — e a sua mãe — tinham-se tornado celebridades e passavam uma grande quantidade de tempo a viajar pela costa leste a dar demonstrações. O destino tinha-as promovido do tédio da vida de uma pequena cidade no norte do Estado de Nova Iorque para o

equivalente ao estrelato. Se os espíritos eram ocasionalmente pouco cooperantes, teria sido surpreendente se elas não se tivessem sentido tentadas a fazer uma pequena batota. O que parece perfeitamente claro é que os fenómenos originais — estrondos que eram suficientemente fortes para fazer a casa vibrar — não poderiam ter sido causados pelo estalar das articulações dos joelhos. Nem Kate e Margaretta poderiam ter respondido a todas as perguntas sobre as pessoas na sala. As acusações de fraude foram apenas mais uma desculpa para recusar olhar desapaixonadamente para as provas.

A verdadeira tragédia em tudo isto foi que a nuvem de vapor polémico obscureceu uma grande quantidade de investigação séria sobre o paranormal, incluindo o trabalho de Reichenbach, Buchanan, Denton e do próprio Hudson. Podemos ver, em retrospetiva, que os céticos e os cientistas não se comportaram demasiado mal; eram frequentemente de mente estreita e impacientes, mas fizeram o seu melhor para ser justos. Foram os próprios espiritualistas os grandes culpados por toda a hostilidade. Eram demasiado ingénuos, demasiado propensos a aceitar qualquer tolice banal como uma mensagem do «outro lado». Centenas de falsos médiuns aproveitaram-se da sua credulidade para praticar imposturas descaradas e, sempre que um deles era apanhado em flagrante, os cientistas abanavam a cabeça enfadados e faziam comparações com o fenómeno medieval da feitiçaria. A maioria deles tinha-se tornado demasiado blasé até para dizer «eu bem te disse».

Médiuns genuínos como os irmãos Davenport não colheram quaisquer benefícios ao aparecerem em teatros e realizarem proezas de escapismo de erguer os cabelos que fariam honra a Houdini. Permitiam que os amarrassem tão firmemente que as cordas lhes cortavam a carne e causavam pisaduras; mas, após um breve período num armário, saíam com as cordas em redor dos pés. O Professor Benjamin Pierce, membro de uma comissão de investigação, sentou-se entre eles no armário. Assim que a porta foi fechada, uma mão correu o ferrolho — ambos os irmãos estavam amarrados como múmias — e tocou brevemente o rosto do professor antes de passar a desatar os irmãos. O Professor Loomis, do *Georgetown Medical College*, admitiu que as manifestações eram produzidas por uma força com a qual não estava familiarizado. Mas este tipo de testemunho nada significava comparado com o facto de os irmãos aparecerem no mesmo cartaz com ilusionistas e acrobatas.

Tudo isto explica por que razão tão pouco foi alcançado pelo mais notável médium do século XIX — talvez de todos os tempos —, Daniel Dunglas Home. Home manteve os seus poderes durante mais de um quarto de século, com exceção de um período de um ano quando, como veremos, os «espíritos» decidiram castigá-lo. Realizava os seus feitos surpreendentes à luz do dia. Fazia com que pesadas peças de mobiliário flutuassem até ao teto; ele próprio flutuava para fora de uma janela e entrava por outra; lavava o rosto em brasas ardentes; conseguia tornar-se vários centímetros mais alto à vontade. Foi testado dezenas de vezes por comissões de céticos e nunca uma única vez foi apanhado em algo que se parecesse com fraude. No entanto, a posteridade recorda-o principalmente como o homem a quem Dickens chamou «aquele canalha do Home» e sobre quem Robert Browning escreveu um poema difamatório chamado «*Mr Sludge the Medium*».

Uma sessão típica de Home é descrita de forma divertida pela sua biógrafa Jean Burton. Teve lugar numa noite de janeiro de 1863, na residência elegante de Madame Jauvin d'Attainville, e entre os convidados contavam-se a Princesa Metternich e o seu marido, o embaixador austríaco. Os convidados — quinze ao todo — sentaram-se à mesa na magnífica sala de estar do Segundo Império, enquanto Home se sentou numa poltrona a três ou quatro jardas de distância. Quando todos estavam prontos, ele recostou-se na cadeira, ficou mais pálido e entrou num transe leve. Perguntou: «Bryan, estás aí?» (sendo Bryan o seu guia espiritual). Pancadas nítidas vieram da mesa, os candelabros começaram a baloiçar e uma cadeira moveu-se por sua própria iniciativa através da sala e parou em frente dos convidados. No mesmo momento, a Princesa Metternich gritou, ao sentir uma mão poderosa mas invisível agarrar a sua. Outros também sentiram mãos a tocá-los levemente. (Tudo isto numa sala «a resplandecer de luz».) A toalha de mesa de tapeçaria ergueu-se agora no ar e, por baixo dela, algo parecia mover-se, como uma mão ou um pequeno animal, em direção a eles. Isto foi demais para os homens, a maioria dos quais eram céticos; o Príncipe Metternich mergulhou sob a toalha e tentou agarrar a «criatura», não havia nada.

Um dos homens puxou a toalha para fora, enquanto outros mergulharam sob a mesa para encontrar a fonte das pancadas; novamente, ficaram dececionados. Enquanto gatinhavam para fora de novo, uma saraivada de pancadas soou, como que em escárnio. O zangado Príncipe

Metternich estava agora convencido de que elas vinham de debaixo da mesa e gatinhou lá para baixo outra vez. Pancadas soaram e Metternich gritou indignado: «Sem partidas, por favor!»

[^1]: Outspoken Essays, Vol. 1, p. 269, citado por David Lorimer em Survival?, p. 160.

[^2]: «The History of Spiritism», palestra proferida em Berlim, 30 de maio de 1904.

[^3]: Ibid.

A empresa garantiu-lhe que não era responsável.

Aparentemente em transe, Home apontou para um ramilhete de violetas sobre o piano e pediu que este lhes fosse trazido. As violetas deslizaram pelo piano, flutuaram de forma instável pela sala e caíram no colo da princesa. O Príncipe Metternich saltou para a frente e agarrou-as, passando de seguida a procurar o fio que estava convencido de que teria de estar fixado; não encontrou nada. Numa voz fraca, Home exigiu agora um acordeão, um instrumento popular da época. Quando este chegou, pediu-se à princesa que ficasse de pé, sozinha, no meio da sala, com o instrumento erguido bem acima da sua cabeça. Enquanto ela ali permanecia, com o braço no ar, uma expressão de espanto cruzou o seu rosto.

Houve um puxão no acordeão e este começou a tocar, movendo-se para dentro e para fora. O que impressionou toda a gente foi o facto de ter sido uma excelente atuação, o tocar tão suave e melodioso que trouxe lágrimas aos olhos de alguns dos presentes. Depois disso, qualquer coisa teria sido um anticlímax, pelo que a sessão terminou. Mas, tipicamente, os homens começaram a especular sobre como aquilo fora feito; ninguém parecia duvidar de que se tratara de alguma forma de truque de ilusionismo; outros falavam de eletrobiologia e hipnose em massa. A princesa teve de admitir que não tivera qualquer sensação de estar a ser hipnotizada...

Daniel Dunglas Home (ele pronunciava *Hume*) nasceu perto de Edimburgo em março de 1833 — a sua mãe era das Terras Altas e tinha reputação de «vidente». Ele era provavelmente ilegítimo — gostava de afirmar que o seu pai era Lord Home. Com a idade de nove anos, mudou-se para a América com uma tia, Mary Cook, e o marido desta. A sua mãe e o

seu «pai», bem como sete irmãos e irmãs, já lá se encontravam. Daniel sofria de tuberculose e estava sujeito a desmaios — um típico «sensitivo doente». O seu amigo mais próximo era um rapaz chamado Edwin, e faziam longas caminhadas pelos bosques do Connecticut. Fizeram um pacto de rapazes — o que morresse primeiro mostrar-se-ia ao outro. Em 1846, quando Daniel tinha treze anos, disse à sua tia e ao seu tio que acabara de ver Edwin de pé ao fundo da sua cama e que a figura fizera três círculos no ar com a mão — o que Daniel interpretou como significando que ele morrera havia três dias. Provou-se ser verdade.

Não houve mais experiências sobrenaturais durante outros quatro anos; depois, Home teve uma visão da sua mãe e soube que ela estava morta. Pouco tempo após isso, estava a escovar o cabelo quando viu, no espelho, uma cadeira a mover-se pela sala em direção a ele. Ficou aterrorizado e correu para fora de casa. Na cama, foi acordado por três pancadas fortes na cabeceira. Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, quando a sua tia o espicaçava de leve por se cansar a frequentar demasiadas reuniões de oração (Home era um jovem religioso), soaram pancadas de todos os lados da mesa, e a sua tia alarmada gritou: «Então trouxeste o diabo para a minha casa, não foi?», e atirou-lhe com uma cadeira. O pastor batista foi chamado para afastar o diabo por meio de oração, mas teve dificuldade em fazer-se ouvir acima da saraivada de pancadas. Desconhecendo que os fenómenos de *poltergeist* são habitualmente inofensivos, a sua tia pediu-lhe que saísse da sua casa. Assim, com a idade de dezassete anos, Home teve de se orientar sozinho.

Mas Home tinha tanto charme e alegria que havia dezenas de conhecidos que ficavam encantados por lhe oferecer hospitalidade. E os espíritos deram-lhe o seu total apoio. Ele entrava facilmente em transe e, nesse estado, falava fluentemente em francês e italiano — línguas em que não se tinha tornado proficiente. Não poderia ter escolhido melhor altura para se lançar no mundo, com toda a gente nos Estados Unidos a falar de espíritos. Um evangelista chamado Dr. George Bush — professor de línguas orientais — convenceu-o de que ele deveria tornar-se swedenborgiano e usar o seu considerável talento de pregação no púlpito; Home concordou, mas voltou dois dias mais tarde para dizer que a sua falecida mãe o proibira expressamente, dizendo-lhe que ele tinha uma missão «mais ampla». Cuidado pelos «espíritos» e por conhecidos amáveis, Home deambulou pela Nova Inglaterra, sendo sempre um hóspede bem-

vindo nas casas das classes médias abastadas; a sua boa aparência pálida despertava o instinto protetor em senhoras de meia-idade. Em Springfield, Massachusetts, ficou na casa de um cidadão rico chamado Rufus Elmers e concordou em ser investigado por uma delegação de Harvard, que incluía o poeta William Cullen Bryant. Eles, tal como muitas outras «delegações» depois deles, não tiveram dúvidas quanto à genuinidade dos fenómenos.

A mesa não só «batia» e flutuava acima do chão, como se apoiava em duas pernas como um cavalo de circo enquanto três membros da comissão se sentavam nela e tentavam forçá-la a descer novamente. O chão vibrava com choques que eram tão poderosos como tiros de canhão. Tudo isto aconteceu à luz do dia, e os membros da comissão seguravam as mãos e os pés de Home enquanto a maior parte dos fenómenos ocorria. O seu relatório, intitulado «*The Modern Wonder*» [O Prodígio Moderno], concluía: «Sabemos que não fomos ludibriados nem enganados.» Rufus Elmers ficou tão impressionado que se ofereceu para adotar Home e torná-lo seu herdeiro; Home recusou com agradecimentos.

Em agosto de 1852, estando sentado num círculo, Home flutuou até ao teto — uma proeza que se tornou virtualmente a sua marca registada. E os seus outros fenómenos continuaram a ser quase tão surpreendentes. Pianos de cauda flutuavam pela sala, sinos tocavam, pratos batiam e ouviam-se sons de canto de aves e ruídos variados de animais. Um dia, uma mesa com uma vela em cima inclinou-se num ângulo, e a chama da vela continuou a arder no mesmo ângulo, como se estivesse ainda apoiada numa superfície horizontal. Noutra ocasião, na casa do Rev. S. B. Brittan, ele entrou em transe e uma voz anunciou: «Hannah Brittan aqui.» Home começou a torcer as mãos e, durante a meia hora seguinte, falou de uma forma selvagem e transtornada sobre os tormentos do inferno. O Rev. Brittan ficou estupefacto, pois tinha a certeza de que ninguém sabia que a senhora — uma familiar — fora presa de mania religiosa e morrera louca, obcecada por visões de castigo eterno. (Numa aparição subsequente, Hannah Brittan disse-lhes que a sua vida atual era calma, pacífica e bela e que os tormentos do inferno tinham sido uma ilusão do seu cérebro transtornado.)

A maioria das mulheres adorava Home, que era atencioso e pensativo — adorava enviar flores em aniversários. Os homens ou gostavam dele ou o detestavam. Tinha maneiras efeminadas e muitos suspeitavam que era homossexual. (Por alguma razão estranha, um número surpreendente de

médiuns é-o.) Ele era, sem dúvida, um tanto vaidoso em relação à sua boa aparência pálida e ao seu cabelo sedoso, de cor castanho-avermelhada. Adorava roupas caras. Era um esnobe tremendo, que tinha prazer em ser inacessível. (Só se dignava a conhecer pessoas se fosse apresentado por um conhecido mútuo.)

Ficava mortalmente ofendido se alguém lhe oferecesse dinheiro e ressentia-se de ser tratado como um «artista»; no que lhe dizia respeito, era o igual social de qualquer pessoa que conhecesse, incluindo reis. No entanto, era visivelmente modesto quanto ao seu feito, insistindo em que ele próprio nada tinha a ver com os fenómenos. Tudo o que tinha de fazer era relaxar e colocar-se no estado de espírito certo (e «certo» é aqui provavelmente a palavra-chave) e as coisas simplesmente aconteciam.

Por volta de 1855, a tosse tísica de Home tinha-se tornado tão má que os seus admiradores decidiram que ele deveria mudar-se para um clima mais saudável. Por alguma razão inexplicável, escolheu a Inglaterra. Os admiradores pagaram-lhe a passagem e, com uma multidão a acenar freneticamente, ele zarpou de Boston em março; tinha apenas vinte e dois anos.

Como de costume, os espíritos zelavam por Home. Em Londres, instalou-se no Cox's Hotel, na Jermyn Street; o proprietário, William Cox, era um espiritualista e recebeu Home «como um pai receberia um filho». Assim, Home obteve alojamento gratuito e uma introdução às pessoas da sociedade londrina que utilizavam regularmente o hotel. Num abrir e fechar de olhos, andava a visitar marquesas e baronesas. Foi visitar o romancista Lord Lytton, que fez uso literário de muitos dos fenómenos das sessões de Home — uma forma luminosa que se dissolvia num globo, uma mão desincorporada, pancadas fortes, faíscas de fogo — na sua famosa história «*The Haunted and the Haunters*» [Os Assombrados e os Assombradores].

Mas Lytton recusou-se a acreditar que os espíritos fossem responsáveis: pensava que os fenómenos se deviam à mente inconsciente de Home. Tornou-se amigo do socialista Robert Owen, que era um convertido ao espiritualismo e que o apresentou ao seu velho amigo Lord Henry Brougham, um cético voltairiano. Brougham e Sir David Brewster tiveram uma sessão privada com Home na qual a mesa se ergueu no ar e um sino flutuou pela sala. Brewster descreveu estas coisas no seu diário e contou-as a amigos, mas mais tarde insistiu que a mesa apenas «parecera»

erguer-se e que Home movera provavelmente o sino com algum aparelho oculto. A controvérsia resultante trouxe a Home muita publicidade e forneceu aos espiritualistas uma excelente munição para usar contra o dogmatismo científico, visto que os próprios diários de Brewster justificam Home.

Elizabeth Barrett Browning visitou Home, juntamente com o seu marido Robert. Mãos fantasmagóricas materializaram-se, música soou do ar, a mesa bateu fortemente e espíritos invisíveis acariciaram-nos. A Sra. Browning ficou totalmente convencida; o seu marido — vigoroso, robusto, com pouco mais de cinco pés de altura — permaneceu ali de cenho franzido e recusou-se resolutamente a aceitar a prova dos seus olhos. Home tornou-se um assunto imencionável no lar dos Browning e, após a morte da sua esposa, Browning escreveu o flagrantemente injusto «*Mr Sludge the Medium*». Ele poderá ter ficado preconceituoso devido a um episódio que teve lugar noutra sessão de Home, quando uma mão desincorporada pegou numa grinalda de flores e a colocou na fronte da poetisa; Browning tinha ciúmes da sua esposa. Home piorou as coisas ao dizer às pessoas que Browning tentara colocar-se na trajetória da grinalda para que esta pousasse na sua própria fronte.

A pedido geral da comunidade inglesa, Home seguiu para Florença. Ali as manifestações foram mais fortes do que nunca. Um piano de cauda flutuou no ar e permaneceu ali enquanto uma condessa tocava nele; um espírito conversou com uma princesa polaca na sua própria língua; num convento assombrado, Home conversou com o espírito de um monge — também ele um assassino — e fez materializar as suas mãos magras e amarelas. Quando o romancista Nathaniel Hawthorne foi para Florença três anos mais tarde, as pessoas ainda falavam de Home, e Hawthorne recolheu dezenas de relatos bem atestados dos fenómenos. Hawthorne fez a interessante e significativa observação:

«Estas incredibilidades sobriamente atestadas são tão numerosas que me esqueço de nove décimos delas... elas estão absolutamente provadas como factos sóbrios por provas que nos satisfariam relativamente a quaisquer outras alegadas realidades; e, no entanto, não consigo forçar a minha mente a interessar-se por elas.»

Este é talvez um dos comentários mais importantes alguma vez feitos sobre Home ou sobre o espiritualismo em geral.

Infelizmente, o sucesso de Home começou a subir-lhe à cabeça. Ele não era uma personagem particularmente forte, e ser tratado como um mensageiro dos deuses teria sido suficiente para desequilibrar uma natureza muito mais independente. Quando foi ficar na vivenda de uma inglesa aristocrata que estava separada do marido, os antigos admiradores ficaram escandalizados — o autocontrolo inglês produz um fascínio mórbido pelo escândalo sexual — e ele começou a pressentir uma nova atmosfera de hostilidade. Foi atacado no caminho de regresso ao seu hotel e ligeiramente ferido — um sinal de que os espíritos estavam a tornar-se ineficientes ou preguiçosos — e, a 10 de fevereiro de 1856, os espíritos disseram-lhe que a sua conduta recente não era digna de um representante do outro mundo e que os seus poderes estavam prestes a deixá-lo por um ano.

Um conde polaco tinha-o convidado para ir a Nápoles e a Roma; Home sentiu-se na obrigação de lhe admitir que os seus poderes o tinham abandonado. Mas a sua sorte manteve-se; o conde insistiu que isso não fazia qualquer diferença e Home acompanhou-o a Nápoles. E, apesar da perda dos seus poderes, continuou a ser uma celebridade social. Eles regressaram, como os espíritos tinham profetizado, exatamente um ano depois, no dia fixado, ao bater da meia-noite.

Por esta altura Home estava em Paris e tomara a precaução de se segurar contra a desaprovação da Igreja ao tornar-se católico. O seu pai confessor — recomendado pelo próprio Papa — estava longe de estar entusiasmado com o regresso dos espíritos, que ele presumia serem demónios —, mas havia pouco que pudesse fazer quanto a isso. Nem Home o desejaria, pois era por esta altura um favorito do Imperador Napoleão III e da Imperatriz Eugénia. A sua sorte despertou inveja e hostilidade generalizadas, mas, após o ano de abandono por parte dos espíritos, ele já não permitiu que isso lhe subisse à cabeça.

Após um circuito pelo norte da Europa, regressou a Roma, onde conheceu e cortejou uma bela condessa russa de 17 anos chamada Sacha; foram para São Petersburgo (juntamente com o romancista Dumas) e os familiares dela organizaram um casamento espetacular. Home foi recebido pela família real russa tão cordialmente quanto por Napoleão III. Infelizmente, Sacha contraiu a sua tuberculose e morreu não muito tempo após o nascimento de um filho. Pelo menos a sua morte não foi uma separação; Home conseguia manter-se em contacto constante com ela.

Em 1862 a sua sorte pareceu abandoná-lo novamente. A polícia ordenou-lhe que deixasse Roma, declarando que ele era um feiticeiro (os espíritos pioraram as coisas ao darem pancadas na secretária do chefe de polícia). Durante os quatro anos seguintes tornou-se de novo um errante. Em 1866, conheceu uma senhora idosa efusiva e vulgar com sotaque de classe trabalhadora, a Sra. Jane Lyon, que lhe disse que queria adotá-lo como seu filho e o presenteou com numerosos cheques de valor elevado.

Home mudou o seu nome para Home-Lyon. Mas os dois estavam longe de ser almas gémeas e a relação começou cedo a deteriorar-se seriamente — ele achava-a enfadonhamente afetuosa e ela achava-o frio. Ele teve um esgotamento e fugiu para várias estâncias termais para fazer uma cura. Quando regressou a Londres, descobriu que a Sra. Lyon tinha transferido a sua devoção para uma médium feminina e andava a matutar em como recuperar o seu dinheiro. Queria de volta cerca de 30 000 libras — apenas cerca de metade do que lhe tinha dado.

Acusou-o de extorsão e Home foi preso. No julgamento, em abril de 1868, ela alegou que lhe dera o dinheiro porque ele lhe trouxera instruções nesse sentido da parte do seu falecido marido; o argumento de Home era que ela tentara arduamente seduzi-lo depois de ele se ter tornado seu «filho». A Sra. Lyon era indubitavelmente — como Home declarou — vingativa e mentirosa, e muitas das suas mentiras foram expostas no tribunal.

Mas um «médium espiritual» não tinha qualquer probabilidade de obter um julgamento isento de preconceitos; o juiz observou que se a todos os que dessem dinheiro a uma instituição de caridade religiosa fosse permitido pedi-lo de volta, o resultado seria o caos; no entanto, dado que o espiritualismo era uma fraude e um embuste, abriria uma exceção no presente caso. Home foi condenado a devolver o dinheiro. O julgamento causou a Home um prejuízo imenso, reforçando a impressão já criada pelo «*Mr Sludge*» de Browning, de que ele era um vigarista. Mas a notoriedade teve uma vantagem: uma digressão de leituras em Inglaterra atraiu multidões enormes e ajudou a compensar a sua perda.

Durante a sua «cura de águas» em Malvern, Home conhecera um jovem aristocrata, Lord Adare, e durante o ano ou dois seguintes passou muito tempo com ele. Em 1870, Adare publicou *Experiences in Spiritualism with Mr D. D. Home*, talvez um dos livros mais

extraordinários e impressionantes sobre um médium alguma vez escritos. Adare era um jovem inglês comum, mais interessado em caça e pesca do que em fantasmas. Foi Adare quem viu Home flutuar para fora de uma janela de um andar superior e entrar por outra. Também viu a materialização de vários espíritos — incluindo Sacha e a atriz americana Ada Mencken — e todos os outros fenómenos que Home andava a produzir nos últimos vinte anos. Viu Home atiçar o lume até as brasas ficarem resplandecentes, depois pegá-las às mãos cheias e esfregar o rosto nelas — nem o seu rosto nem o seu cabelo ficaram queimados. Testemunhou também Home de pé contra uma parede, onde a sua altura foi cuidadosamente medida (cinco pés e dez polegadas), após o que Home se alongou até seis pés e quatro polegadas.

Em 1871, Home concordou em ser investigado pelo jovem cientista William (mais tarde Sir William) Crookes. Os antiespiritualistas sorriram com satisfação; não tinham a menor dúvida de que Crookes iria finalmente demolir a reputação do ilusionista. No desfecho, Crookes ficou totalmente convencido e publicou um relatório nesse sentido — para desgosto dos seus colegas cientistas, que decidiram que ele fora enganado. Na controvérsia que se seguiu, Crookes explodiu indignado: «Não disse que era possível — disse que era verdade.»

No ano seguinte, 1872, Home decidiu que era altura de se retirar. Um processo judicial sobre os bens da sua esposa foi decidido a seu favor, pelo que ele era um proprietário de terras russo. Viveu por mais catorze anos, até à idade de 53 anos, passando o seu tempo entre a Rússia e a Riviera Francesa. Estava a definhar devido à tuberculose; mas com uma bela segunda esposa, um rendimento confortável e uma multidão de amigos admiradores, os seus anos finais estiveram longe de ser infelizes.

O artigo sobre Home na *Encyclopedia Britannica* chama a Home um «enigma não resolvido». Isto é verdade, mas não exatamente no sentido que o autor pretendia. No que dizia respeito a Home, não havia enigma. Tinha simplesmente herdado poderes psíquicos invulgares do lado materno da família (e transmitiu-os ao seu filho Grisha). Assim, os espíritos eram capazes de operar através dele.

Como vimos, esta resposta falhou em satisfazer muitas pessoas que testemunharam os seus feitos e aceitaram a sua genuinidade. Lord Lytton pensava que Home de alguma forma causava os fenómenos por si próprio.

A maioria dos investigadores modernos concordaria provavelmente com ele, visto que a maioria deles não está disposta a aceitar a hipótese dos espíritos. Contudo, uma coisa que se torna muito clara para quem leia os relatos dos fenómenos de Home — conforme registados por Lord Adare ou Sir William Crookes — é que os espíritos são não só a explicação mais simples, mas, em muitos casos, la única explicação.

Uma grande percentagem dos fenómenos só pode ser explicada se assumirmos a existência de inteligências desincorporadas. E, neste ponto, é necessário reconhecer que, mais cedo ou mais tarde, a maioria dos investigadores do paranormal é finalmente levada à conclusão de que os espíritos quase de certeza existem. Fazem-no com a máxima relutância. Seria muito mais conveniente, e muito mais satisfatório do ponto de vista lógico, se pudéssemos explicar todos os fenómenos em termos dos poderes não reconhecidos da mente humana. A honestidade total força a admissão de que isto é impossível. E isto em lado nenhum é mais óbvio do que no caso de Daniel Dunglas Home.

5. Entram os detetives de fantasmas

Lançando um olhar sobre a história do espiritualismo, parece certamente que os «espíritos» fizeram um esforço tremendo e concertado para convencer os vitorianos da sua realidade. Se for esse o caso, parece igualmente claro que cometeram um erro de cálculo. Os líderes da opinião pública vitoriana — políticos, intelectuais, eclesiásticos — permaneceram indiferentes. E a maioria dos cientistas foi intensamente hostil. Na década posterior às «pancadas de Hydesville», fizeram uma tentativa determinada de destruir o espiritualismo através do ridículo.

Dificilmente seriam culpados. Se tivessem comportado de qualquer outra forma, não teriam sido vitorianos. Foram as suas próprias melhores qualidades — o seu sentimento de entusiasmo em relação ao futuro, em relação aos tremendos avanços científicos e técnicos, e às possibilidades de reformas sociais humanitárias — que os fizeram voltar as costas ao «sobrenatural». T. H. Huxley expressou este espírito numa explosão de magnífica exasperação quando alguém tentou convencê-lo a assistir a uma sessão: «Se alguém me pudesse dotar da faculdade de escutar a tagarelice de velhas e de curas na cidade catedralícia mais próxima, eu recusaria o privilégio, por ter melhores coisas para fazer.»

Mas quando os investigadores menos ranzinzas podiam ser convencidos a escutar a «tagarelice de velhas e de curas», achavam-na frequentemente inesperadamente interessante. Já deparámos com o professor Alfred Russel Wallace, que era um cético absoluto e um discípulo de Voltaire; quando foi ouvir uma palestra sobre mesmerismo, ficou suficientemente intrigado para o experimentar nos seus alunos. Um rapaz provou ser um sujeito invulgarmente bom, parecendo, quando colocado em transe, «sintonizar-se» com a mente de Wallace.

Quinze anos mais tarde, Wallace tornou-se famoso como o homem que tinha, juntamente com Charles Darwin, descoberto a evolução por seleção natural — e que, além disso, permitira que Darwin ficasse com a prioridade. Em 1865, Wallace assistiu a uma sessão na casa de um amigo cético e testemunhou uma mesa pesada a mover-se e a vibrar — em plena luz do dia — enquanto pancadas ecoavam por toda a sala. Isso convenceu-o. Um ano depois, conheceu uma jovem enorme chamada Agnes Nichols e assistiu com incredulidade enquanto a rapariga elefantina flutuava no ar. Agnes também conseguia produzir «*apports*» [aportes] — objetos que caíam do ar — e, quando Wallace perguntou se os espíritos poderiam produzir um girassol, um girassol de seis pés com um torrão de terra em redor das suas raízes caiu em cima da mesa. Os espíritos de Agnes nunca faziam as coisas pela metade; noutra ocasião, quando alguém pediu flores, o que parecia ser todo o conteúdo de uma florista desabou do ar.

Mas o seu feito mais espetacular ocorreu em Highbury, a 3 de janeiro de 1871, quando a própria Agnes (agora casada com um homem chamado Guppy) se tornou o «*apport*». Ela estava sentada à mesa da sala de jantar a fazer as suas contas quando desapareceu como se o chão a tivesse engolido. A quatro milhas de distância, na Lamb's Conduit Street, alguns ardentes espiritualistas estavam sentados em redor de uma mesa de olhos fechados, implorando aos espíritos que concedessem alguma pequena manifestação. Houve um estrondo tremendo que provocou gritos e, quando alguém riscou um fósforo, a montanhosa Sra. Guppy foi encontrada deitada em cima da mesa, ainda a agarrar o seu livro de contas. Mas, uma vez mais, os espíritos tinham-se enganado nos cálculos. A história da Sra. Guppy a flutuar ao longo de quatro milhas causou certamente uma hilaridade geral, mas não levou milhares de pessoas a afluir às igrejas espiritualistas.

Wallace não tinha dúvidas de que a Sra. Guppy conseguiria convencer os céticos, pelo que convidou três dos mais hostis — o Professor W. B. Carpenter, o Professor John Tyndall e G. H. Lewes, o marido da romancista George Eliot. Carpenter veio, sentou-se em silêncio durante um canhoneio de pancadas e depois retirou-se sem tecer comentários; nunca mais voltou. Nem Tyndall, cujo único comentário foi «Mostre-nos outra coisa». Lewes simplesmente recusou-se a vir, tal como T. H. Huxley — esta foi a ocasião em que Huxley observou que simplesmente não conseguia «interessar-se pelo assunto».

Contudo, apesar da recusa dos cientistas em acreditar nos seus próprios olhos e ouvidos, os fenómenos psíquicos continuaram a ser uma espinha na carne dos intelectuais vitorianos. Afinal de contas, era função da ciência explicar mistérios, não ignorá-los. Alguns cientistas — tais como William Crookes, descobridor do elemento tálio — desenvolveram uma má consciência em relação a isso e decidiram conduzir as suas próprias investigações. Quando Crookes viu uma concertina numa gaiola a tocar música por sua própria iniciativa, enquanto Daniel Dunglas Home a segurava por uma pega, soube que estava a lidar com forças desconhecidas. A sua «credulidade» causou muito abanar de cabeça entre os seus colegas. E, mais tarde, quando decidiu que uma jovem chamada Florence Cook — cujo guia, Katie King, se materializava e caminhava pela sala — era genuína, alguns deles sussurraram que Florence se tornara amante de Crookes como preço pela sua cooperação.

O matemático Charles Dodgson — que escreveu *Alice no País das Maravilhas* — foi outro que sentiu que os fenómenos deviam ser explicados, não descartados. Escreveu a um amigo em 1882:

«Que a trapaça não servirá como uma explicação completa para todos os fenómenos... estou mais do que convencido. Ao mesmo tempo, não vejo ainda necessidade de acreditar que os espíritos desincorporados tenham algo a ver com isso... Tudo parece apontar para a existência de uma força natural, aliada à eletricidade e à força nervosa, através da qual o cérebro pode agir sobre o cérebro. Penso que estamos perto do dia em que esta será classificada entre as forças naturais conhecidas...»

Esse era o objetivo ideal: rastear esta força desconhecida e colar-lhe uma etiqueta. Esta era a forma verdadeiramente vitoriana de banir este renascimento da feitiçaria. O único problema era que os espíritos

convertiam frequentemente os céticos que tentavam refutar a sua existência. Houve, por exemplo, o caso embaraçoso do congressista americano Robert Dale Owen, filho do grande reformador social Robert Owen. Este último fora um livre-pensador durante toda a vida — até deparar com a médium americana Sra. Hayden. E então, com a idade de 83 anos, declarou-se Espiritualista. O seu filho, outro livre-pensador e reformador social, ficou furioso e decidiu que o velho estava senil.

Ele era, na altura, encarregado de negócios americano em Nápoles. In 1856, o embaixador brasileiro convenceu-o a assistir a uma sessão no seu apartamento, e ali Owen viu a mesa a mover-se sem intervenção humana. Tratava-se, decidiu ele, de um mero «fenómeno eletropsicológico». Mas queria saber como funcionava. Assim, passou os dois anos seguintes a ler livros sobre mesmerismo e «magnetismo animal», e a frequentar sessões. Conheceu Home, que tinha perdido os seus poderes na altura; mas as histórias sobre os poderes de Home fizeram-no sentir que deveria pelo menos considerar a possibilidade de os espíritos serem responsáveis pelos fenómenos. Como resultado, ficou convencido e escreveu um livro chamado *Footfalls on the Boundary of Another World* que alcançou a mesma popularidade que *Night Side of Nature* da Sra. Crowe.

Footfalls mereceu a sua popularidade; era um livro exaustivo, cuidadosamente argumentado, cheio das últimas descobertas da ciência moderna e de alguns casos altamente convincentes de clarividência, precognições, *poltergeists* e «fantasmas de vivos». Mas é duvidoso que tenha convencido um único cientista.

O que finalmente inverteu a marcha a favor do espiritualismo não foram as provas científicas, mas o profundo anseio vitoriano por certezas religiosas. Hoje em dia, a principal aflição dos intelectuais é a *angst*, uma espécie de ansiedade flutuante. Na época vitoriana, era a Dúvida com «D» maiúsculo. Um dos grandes *bestsellers* vitorianos foi um romance chamado *Robert Elsmere* da Sra. Humphry Ward, sobre um clérigo que experiencia Dúvidas e se sente na obrigação de renunciar ao seu benefício eclesiástico. Achamos a ideia ligeiramente cómica — Evelyn Waugh ridicularizou-a em *Decline and Fall* —, mas isso é porque tomamos a dúvida como garantida.

Dificilmente podemos imaginar o que era nascer na ditosa certeza de um lar vitoriano respeitável — certeza sobre a salvação, sobre a inspiração da Bíblia, sobre a verdade dos Trinta e Nove Artigos. As crianças

vitorianas eram educadas para acreditar que Adão fora criado precisamente em 4004 a.C. e que qualquer tipo de dúvida em matéria religiosa era tão vergonhoso como ser um ébrio ou uma prostituta. Por isso, quando a obra *Principles of Geology* (1830) de Sir Charles Lyell argumentou que a Terra tinha milhões de anos, os vitorianos sentiram-se tão chocados como se um vulcão ativo tivesse surgido na Trafalgar Square. Foi a partir desse ponto que começaram a ser minados pelas Dúvidas.

Um destes infelizes questionadores era o Professor Henry Sidgwick, do *Trinity College*, em Cambridge. A dúvida atormentou-o como uma dor de dentes persistente durante toda a sua vida. Em 1869, com a idade de 31 anos, sentiu-se inclusive na obrigação de renunciar à sua dotação no *Trinity* porque já não conseguia subscrever os Trinta e Nove Artigos da Igreja de Inglaterra. Os seus colegas professores solidarizaram-se e, no momento em que as provas religiosas foram abolidas, readmitiram-no. Ele passou a escrever um célebre livro sobre ética que terminava com a afirmação de que todas as tentativas do homem para encontrar uma base racional para o comportamento humano estão condenadas ao fracasso.

Os alunos de Sidgwick consideravam-no uma espécie de Sócrates. Havia muitos jovens brilhantes entre eles, incluindo Arthur Balfour, um futuro Primeiro-Ministro, Edmund Gurney, herdeiro de uma fortuna quacre, e Frederic Myers, filho de um clérigo. Myers, outro membro do *Trinity*, também se sentiu na obrigação de renunciar devido às Dúvidas.

Numa noite de dezembro de 1869, Myers fez uma visita ao seu velho mestre e foram dar um passeio sob as estrelas. Era o ano em que Sidgwick renunciara à sua dotação e, inevitavelmente, o tema da religião surgiu. Embora nenhum deles se pudesse continuar a designar como cristão, nenhum deles conseguia aceitar que o universo seja uma grande máquina e que os seres humanos tenham sido criados por puro acaso.

Foi Myers quem perguntou, com um certo desespero, se, visto que a filosofia falhara em resolver o enigma do universo, não haveria apenas uma oportunidade de a resposta residir nas provas sobre fantasmas e espíritos. Nenhum deles sentia grande otimismo, mas Sidgwick continuou a matutar na ideia — particularmente quando, no ano seguinte, Crookes anunciou que pretendia investigar Daniel Dunglas Home. Os ataques a Crookes ultrajaram o seu sentido de solidariedade e, em 1873, formaram uma associação informal para a investigação do espiritualismo e do paranormal.

Myers tornou-se inspetor escolar, o que lhe deixava tempo para frequentar sessões. Mas, de início, achou que era um trabalho desalentador; começou a perguntar-se se haveria algo nele que fizesse com que os espíritos se mantivessem afastados. Depois teve uma experiência que o convenceu. Assistiu a uma sessão com um médium chamado Charles Williams — numa de cujas sessões a Sra. Guppy tinha aterrado em cima da mesa — e uma mão materializou-se no ar. Myers segurou-a na sua e sentiu-a tornar-se cada vez mais pequena até se desvanecer, não deixando nada atrás de si. Aquilo não podia ser trapaça. Myers começou agora a procurar ativamente mais provas. Juntamente com Edmund Gurney, Arthur Balfour, Sidgwick e Lord Rayleigh — o cientista que descobriu o elemento árgon —, Myers tornou-se um dedicado «investigador psíquico». A eles juntou-se um clérigo notável, Stainton Moses, que era também um médium de escrita automática. A sua óbvia genuinidade reforçou a convicção de Myers.

Um novo ímpeto veio de um professor de física irlandês, William Barrett, que ensinava no *Royal College of Science* em Dublim. Tal como Alfred Russel Wallace, Barrett tinha-se interessado por «mesmerismo» e, quando estava hospedado na casa de um amigo no Condado de Westmeath, convenceu algumas das crianças da aldeia a sujeitarem-se à hipnose. Duas provaram ser excelentes sujeitos e, com uma destas, Barrett observou o que Wallace experienciara com o seu estudante duas décadas antes, a «comunidade de sensação». Quando o seu amigo colocou a sua própria mão sobre um candeeiro aceso, a rapariga retirou a dela rapidamente como se tivesse medo de se queimar.

Quando ele provou açúcar, ela sorriu; quando provou sal, ela franziu o cenho. Ela também provou ser capaz de ler a mente de Barrett. O cético Professor Carpenter explicara tais fenómenos dizendo que as pessoas sob hipnose se tornam anormalmente sensíveis, pelo que conseguem reconhecer sons ou cheiros quase indetetáveis. Mas isso não explicaria como esta rapariga conseguia segurar contra a cabeça um livro que continha uma carta de jogar e descrever a carta exatamente.

Barrett escreveu um artigo sobre o caso e enviou-o para a *British Association* em Londres. Teria sido provavelmente ignorado, mas aconteceu que Wallace era o presidente da comissão que decidia quais os artigos a publicar. Ele usou a sua influência a favor de Barrett e, embora a

comissão tenha acabado por decidir contra ele, Wallace certificou-se de que Myers via o artigo.

Por esta altura, Barrett encontrara outro caso que o entusiasmou — a família de um clérigo chamado Creery, que vivia em Buxton, no Derbyshire. As filhas de Creery eram invulgarmente boas a praticar um jogo de salão favorito chamado o «jogo da vontade», no qual uma pessoa saía da sala enquanto os outros decidiam o que ela deveria fazer; quando regressava, todos tinham de tentar usar a «vontade» para que ela o fizesse. Na presença de Barrett, as quatro filhas de Creery demonstraram o «jogo da vontade» repetidas vezes, quase sem uma única falha.

Barrett reuniu-se com Myers e os seus colegas «investigadores psíquicos» em Londres e sugeriu que deveriam formar uma sociedade para investigar estes mistérios. Myers e Gurney estavam na dúvida; sentiam que já estavam a fazer o seu melhor. Mas o entusiasmo de Barrett prevaleceu e o resultado foi a formação da *Society for Psychical Research* (SPR), que reuniu pela primeira vez em fevereiro de 1882. Os seus membros originais eram o «grupo de Cambridge» — Myers, Gurney, Sidgwick (e a sua esposa Eleanor), Balfour, Barrett, Rayleigh e Wallace. Cedo se juntaram a eles vitorianos distintos como Tennyson, Gladstone, J. J. Thomson (descobridor do eletrão), Mark Twain, William James, Lewis Carroll (Charles Dodgson), John Ruskin, Sir Oliver Lodge e os pintores Frederic Leighton e G. F. Watts.

A Sociedade não tinha qualquer objeção em relação aos céticos, pois o seu objetivo era aplicar os métodos da ciência ao «mundo psíquico» e tentar prová-lo ou refutá-lo de uma vez por todas. Um dos resultados foi que Myers e Gurney aceitaram com agrado os serviços de um funcionário dos correios cético chamado Frank Podmore, cuja fé original no espiritualismo fora seriamente abalada em 1876 pelo julgamento e subsequente fuga de um médium de «escrita em ardósia» chamado Henry Slade. (O antiespiritualista Sir Ray Lankester conseguira agarrar a ardósia antes de os «espíritos» terem tido oportunidade de se pôr a trabalhar e encontrou uma mensagem já escrita nela. Apesar de fortes provas a seu favor, Slade foi considerado culpado com base no curioso argumento de que a escrita por espíritos era uma violação das leis da natureza, pelo que ele tinha de ser uma fraude.)

A colaboração a três vozes produziu o clássico *Phantasms of the Living* (1886), que levou quatro anos a compilar. A Sociedade produziu também um vasto *Census of Hallucinations* [Censo de Alucinações], que mostrou que uma em cada dez pessoas tinha experienciado algum tipo de alucinação.

Agora, finalmente, deveria ter sido possível aos «espíritos» conquistar a grande maioria do público britânico. Vimos que médiuns como Home, a Sra. Hayden e a Sra. Guppy não tiveram problemas em convencer os cientistas assim que lhes foi dada uma oportunidade justa. De facto, a Sociedade realizou um trabalho muito impressionante, estabelecendo a realidade das aparições, da telepatia, da clarividência e das experiências fora do corpo para além de toda a dúvida razoável. Este trabalho inicial culminou na obra-prima de Myers, *Human Personality and Its Survival of Bodily Death*.

Mas, surpreendentemente, tudo isto fez pouco ou nada para influenciar a opinião pública. O vasto público que comprara *The Night Side of Nature* e *Footfalls on the Boundary of Another World* não se dava ao trabalho de ler obras monumentais cheias de declarações assinadas e exames detalhados das provas. E céticos como T. H. Huxley e Sir Ray Lankester achavam que de nada serviria lê-las de qualquer forma, visto que qualquer pessoa que pudesse acreditar em tais disparates tinha de ser um idiota ingénuo.

Lamentavelmente, houve outro fator que impediu o público de levar a SPR a sério. Nas suas primeiras duas décadas, toda uma série de «desmascaramentos» forneceu aos céticos toda a munição que podiam desejar; o resultado foi que, por volta de 1902, a Sociedade se tinha tornado uma espécie de piada, um pouco como a *Flat Earth Society* [Sociedade da Terra Plana].

Um dos «desmascaramentos» mais prejudiciais tivera lugar em 1880, dois anos antes de a Sociedade ser formada. A médium Florence Cook, com quem William Crookes trabalhara, foi apanhada a fazer batota por Sir George Sitwell — pai de Edith, Osbert e Sacheverell. Florence era uma «médium de materialização». Sentava-se num armário com as cortinas corridas numa sala mal iluminada e, passados alguns minutos, uma figura de branco emergia do armário e falava com as pessoas na assistência. O «espírito» autodenominava-se Marie e afirmava que se «materializava»

com substâncias retiradas do corpo da médium. Ao passar pela cadeira de Sitwell, este agarrou-a e segurou-a firmemente até que alguém acendeu uma luz. Descobriu-se então que «Marie» era Florence Cook em espartilho e saia de baixo; as outras roupas de Florence foram encontradas no armário.

Aquilo pareceu conclusivo, embora os espiritualistas tenham aceitado a explicação de Florence — a de que estava em transe na altura e não tinha conhecimento do que acontecera. Sir William Crookes saiu imediatamente em sua defesa. Salientou que, em 1873, um homem chamado Volckman agarrara subitamente o «espírito» enquanto este caminhava pela sala — nesses dias, uma mulher que se autodenominava Katie King. Uma pessoa presente afirmou que «as pernas e os pés de Katie se tinham dissolvido e que ela escapara do aperto de Volckman com um movimento ascendente como o de uma foca». A assistência correu para o armário e encontrou Florence ainda lá, vestida de preto, com os seus nós e selos intactos.

Nenhum vestígio do vestido branco com que «Katie» estava vestida foi encontrado no armário. Crookes descreveu também como uma vez lhe fora permitido segurar «Katie» nos seus braços numa sessão e descobrira que ela era bastante sólida, como uma mulher normal. Naturalmente suspeitoso, perguntou-lhe se podia ver Florence no seu armário. «Katie» concordou e Crookes entrou no armário e encontrou Florence em transe. No que dizia respeito a Crookes, aquilo era conclusivo. No que dizia respeito aos céticos, provava uma de duas coisas: ou que Florence tinha um cúmplice — talvez a sua irmã Katie, também médium — ou que Crookes era um mentiroso.

Após o desmascaramento de Sitwell, uma autora chamada Florence Marryat sentou-se com Florence no armário, amarrada a ela com uma corda; «Marie» apareceu como habitualmente e caminhou por entre a assistência. Mas a reputação de Florence sofrera seriamente e ela entrou em breve numa reforma parcial.

Crookes foi indubitavelmente enganado pela atraente filha de um general chamada Rosina Showers. Não tinha razões para suspeitar dela, pois ela recusava qualquer pagamento pelas suas sessões, nas quais aparecia uma figura vestida de branco. Crookes concebera um teste simples para impedir Florence Cook de fazer batota; fizera-a mergulhar as mãos num corante colorido antes da sessão e depois examinou as mãos de «Katie

King». «Katie» passou no teste sem dificuldade. Mas a «aparição» de Rosina tinha as mãos tingidas.

Crookes permitiu-se ignorar isto — afinal de contas, o «espírito» retirava a sua substância da médium e poderia ter pedido emprestado o corante também. Mas Rosina foi incapaz de guardar o segredo para si própria e contou à médium americana Annie Fay que tinha feito batota. A Sra. Fay transmitiu isto imediatamente a Crookes, que exigiu uma entrevista privada com Rosina. Ela confessou o seu engano e prometeu nunca mais o fazer. Crookes, por sua vez, prometeu não a expor.

Esta promessa viria a causar-lhe algum embaraço. A mãe de Rosina descobriu o encontro secreto e deu-lhe a pior interpretação possível. Tendo prometido a Rosina manter silêncio, Crookes teve de suportar estoicamente enquanto a Sra. Showers espalhava o escândalo entre os seus amigos e o acusava de ser um Casanova que seduzia habitualmente as suas médiuns. Já era boato geral que ele tinha dormido com Florence Cook quando a estava a «investigar» na sua própria casa. Crookes decidiu finalmente que a investigação psíquica dava mais trabalho do que aquilo que valia e abandonou-a.

Em 1888, houve um duplo escândalo. As quatro raparigas Creery, cujo «jogo da vontade» tanto impressionara Barrett — e o levara a fundar a SPR —, foram apanhadas a fazer batota. Tinham sido constantemente testadas desde que Barrett as descobrira e tinham ficado completamente entediadas com tudo aquilo. Admitiram que tinham concebido vários sinais simples para ajudar nos seus jogos de «adivinhação de cartas» — um olhar para cima para copas, para baixo para ouros, e assim por diante. Insistiram que apenas tinham decidido fazer batota bastante recentemente, e Myers e Gurney acreditaram nelas, tendo-se certificado muito bem de que as raparigas não podiam fazer batota nos seus próprios testes anteriores. Mas mais ninguém acreditou nelas.

Depois, o pior de tudo, as duas raparigas Fox, cujas manifestações tinham lançado o movimento Espiritualista, confessaram publicamente que eram fraudes. Em 1888, ambas estavam na casa dos cinquenta anos, ambas eram viúvas e ambas bebiam demais. As pessoas já não estavam interessadas em pancadas de espíritos. A irmã Leah, por outro lado, ainda se saía bastante bem; ela e as irmãs mal se falavam. Fora Leah, de facto, quem lançara a moda das «materializações» quando, numa sessão com

Robert Dale Owen em 1860, uma figura branca velada caminhara pela sala. Com um apoiante como Owen, ela dificilmente poderia falhar.

As suas irmãs, por outro lado, tinham sido maltratadas pela vida. Os filhos de Kate tinham-lhe sido retirados pela *Society for the Prevention of Cruelty to Children* [Sociedade de Prevenção da Crueldade contra as Crianças] em resultado do seu alcoolismo. Margaretta conseguira levá-los clandestinamente para Inglaterra, para um tutor, mas fora gravemente tentada a suicidar-se saltando borda fora na viagem de regresso. O seu desejo mais forte era vingar-se da sua irmã mais velha, Leah. Por isso, quando chegou de volta à América, aproveitou a oportunidade de uma entrevista com um repórter para declarar que todas as pancadas tinham sido um embuste. A 21 de outubro de 1888, ela e Kate apareceram numa plataforma na *New York Academy of Music*, e Margaretta confessou que fizera as pancadas por meio de uma dupla articulação no seu dedo grande do pé. Passou a demonstrar com uma série de pancadas abafadas. Não eram minimamente parecidas com as batidas troantes que tinham abalado o quarto da casa de Hydesville, mas o público estava disposto a ser convencido, e Margaretta e Kate conseguiram partilhar 1500 dólares entre as duas. O repórter Reuben Davenport, que organizara a confissão, passou a escrever um livro chamado *The Death Blow to Spiritualism* [O Golpe de Misericórdia no Espiritualismo]. Grande parte dos 1500 dólares foi gasta em álcool. No devido tempo, Margaretta escreveu uma retratação da confissão, que entregou a um espiritualista rico, o qual lhe permitiu viver num apartamento de sua propriedade. O seu alcoolismo tornou-a uma inquilina impossível e ele teve de a despejar. Ela morreu em 1895 e foi enterrada numa vala comum, seguida pouco tempo depois por Kate.

Em retrospetiva, o aspeto mais significativo sobre a sua confissão é que Kate se sentou em silêncio ao lado dela no palco. Não confirmou a confissão nem se ofereceu para demonstrar como andara a enganar o público com pancadas nos últimos trinta anos. A inferência parece ser a de que ela concordou em partilhar a plataforma por amor aos 750 dólares, mas recusou-se a ir mais longe do que isso.

Outro embaraço para a investigação psíquica organizada foi a notável médium italiana Eusapia Palladino. Era uma camponesa analfabeta, de grandes proporções (como tantas médiuns), que fora descoberta em Nápoles em 1872, quando tinha 18 anos. Era a médium mais poderosa

desde Daniel Dunglas Home. Cadeiras recuavam ou moviam-se em direção a ela quando ela franzia o cenho ou lhes fazia sinal, e ficavam suspensas no ar. Ela própria conseguia flutuar no ar e permanecer ali deitada como se estivesse num sofá. Fora investigada pelo criminologista Cesare Lombroso, que não tinha dúvidas quanto à sua genuinidade. Mas ela era uma personagem altamente instável, violenta, impulsiva e astuta. Ao sair dos transes, fazia abertamente investidas sexuais aos homens que a atraíam. E, o que era pior, fazia batota. O que era absurdo era que a sua batota era canhestra, e o investigador menos competente não tinha dificuldade em apanhá-la em flagrante. A própria Eusapia afirmava que esta batota era feita por espíritos hostis, o que pode ou não ser verdade (visto que estava frequentemente bem acordada quando a fazia). Contudo, os seus outros fenómenos eram tão impressionantes que não podia haver hipótese de batota.

O astrónomo francês Camille Flammarion encontrou uma explicação melhor para a sua batota quando a observou ao longo de um período. Após sessões em que tinham ocorrido fenómenos obviamente genuínos — tais como instrumentos musicais a flutuar pela sala quando Eusapia estava amarrada à sua cadeira —, ele observou que ela ficava gravemente doente, por vezes até dois dias, vomitando qualquer comida que tentasse ingerir. Se os fenómenos genuínos produziam este efeito, não era de admirar que ela tentasse safar-se com a batota... Quando Eusapia veio a Inglaterra em 1895, foi testada pela SPR em Cambridge, com a presença do ilusionista Maskelyne.

Os seus anfitriões ingleses foram muito menos indulgentes em relação à sua batota ultrajante do que Lombroso fora, e emitiram um relatório totalmente desfavorável. Isto deveria ter convencido os céticos de que a Sociedade não tinha interesse em proteger impostores. Apenas espalhou a impressão de que a maioria dos médiuns eram tais fraudes que nenhuma pessoa sã perderia tempo com eles.

Em 1888, a Sociedade sofreu outro rude golpe — a morte de um dos seus mais brilhantes investigadores, Edmund Gurney. Em junho, ele partiu para Brighton numa missão misteriosa e foi encontrado morto na cama do seu hotel na manhã seguinte com um frasco de clorofórmio ao seu lado e um saco de esponja sobre o rosto. Um inquérito determinou que ele morrera acidentalmente ao tomar clorofórmio para uma dor de dentes, mas

houve boatos na SPR de que fora suicídio. Gurney andara a testar vários jovens de Brighton para a telepatia e ficara impressionado.

Um dos seus «telepatas» teve de partir pressas para a África do Sul em resultado de um escândalo de divórcio e, vinte anos mais tarde, publicou uma confissão, declarando que fizera batota consistentemente. Foi sugerido que Gurney descobrira que fora ludibriado durante anos e que, se fosse honesto sobre isto, causaria ainda mais prejuízo à investigação psíquica [^1]. Fosse qual fosse a verdade, a sua morte foi uma perda grave para a Sociedade.

Não era a primeira vez que Gurney fora ludibriado. Justamente quando estava a dar os retoques finais no segundo volume de *Phantasms of the Living*, em 1886, recebeu uma carta de um cadete naval de Portsmouth chamado Sparks, que descrevia como andara a hipnotizar um colega cadete chamado Cleave. Um dia, quando Cleave se perguntava o que a sua namorada estaria a fazer em Wandsworth, Sparks hipnotizou-o e sugeriu-lhe que fosse visitá-la. Quando saiu do transe, de acordo com Sparks, Cleave disse que tinha entrado na sala onde a rapariga estava sentada com o seu irmãozinho, ela olhara fixamente para ele e ficara pálida como se estivesse prestes a desmaiar... Dois dias mais tarde, Cleave recebeu uma carta da rapariga a perguntar se lhe acontecera alguma coisa, porque o vira na sala.

Este caso era demasiado bom para ser perdido, pelo que Gurney se deu ao trabalho de obter cartas de confirmação de Cleave (que tinha 18 anos) e da namorada, bem como de outros dois cadetes que afirmam ter estado presentes. Imprimiu um relato completo em *Phantasms of the Living*. Dez anos após a sua morte, Myers e Podmore tiveram de publicar uma nota nas atas da SPR admitindo que Cleave confessara agora ter pregado uma partida a Gurney. Foi uma lição para não prestar demasiada atenção a declarações «atestadas por testemunhas». Contudo, num outro sentido, o caso justificava os autores de *Phantasms*. Os autores da farsa eram todos adolescentes. A maioria das pessoas citadas em *Phantasms* são cidadãos respeitáveis de meia-idade, muitos deles clérigos, e a maior parte deles não pode ter tido qualquer motivo concebível para pregar partidas à SPR.

Em 1898, o próprio Myers viu-se envolvido num pequeno escândalo que trouxe descrédito para a SPR. No final da década de 1880, Myers

conhecera uma rapariga atraente chamada Ada Goodrich-Freer, que afirmava provir de uma família da alta sociedade das Terras Altas e ser clarividente. Myers tinha um olho clínico para uma rapariga bonita, e ele e a jovem ficaram em breve convencidos de que eram almas gémeas. Existem algumas provas de que tiveram um caso amoroso.

Myers convenceu-a a experimentar a vidência em cristal e achou os resultados impressionantes — ela afirmou ter localizado uma chave perdida e uma receita médica, e obtido do cristal um endereço que tinha acidentalmente destruído. Myers escreveu um artigo sobre o assunto que saiu no jornal da Sociedade (chamando-lhe simplesmente «Miss X»). A Sociedade não tinha razões para duvidar de uma jovem tão bem-nascida e refinada — afinal de contas, porque haveria ela de mentir? O que Myers não sabia era que a aristocrática Miss Goodrich-Freer era na realidade filha de um veterinário de Uppingham, e o seu nome era simplesmente Freer. Tinha 30 anos quando Myers a conheceu, e não era uma adolescente, como afirmava. E era uma mentirosa patológica. A sua motivação nunca foi clarificada, mas tratava-se provavelmente de um mero desejo de atenção.

A Sociedade enviou Miss Goodrich-Freer às Terras Altas para investigar todo o tema da segunda vista; emergiu mais tarde que ela simplesmente pedira emprestado um manuscrito a um padre que colecionava folclore e imprimira o material dele como sendo seu. Enviada para investigar uma assombração no Surrey, disse aos proprietários da casa que não vira nada, mas disse à SPR que vira o fantasma de uma mulher com capuz enquanto se vestia para o jantar. Isso deveria tê-los tornado suspeitos, mas a atraente e bem-educada Miss Goodrich-Freer parecia acima de qualquer suspeita.

In 1897, ela ouviu rumores de que a Ballechin House, na Escócia, estava assombrada e convenceu um membro da SPR a alugá-la para ela, para «caça e pesca». Uma vez lá, afirmou ter testemunhado todo o tipo de fenómenos sobrenaturais — baques, pancadas, gritos fantasmagóricos, passos fantasma e presenças esquivas. Havia um *poltergeist* que arrancava as roupas da cama e uma freira fantasmagórica, que foi avistada por Miss Goodrich-Freer num vale próximo. Curiosamente, os hóspedes que iam ficar com Miss Goodrich-Freer nunca deparavam com os fenómenos mais aterrorizantes, mas ouviam pancadas e passos sinistros.

De regresso a Londres, ela passou a escrever o seu *Alleged Haunting of Ballechin House* [A Alegada Assombração de Ballechin House], mas ficou indignada quando um dos seus hóspedes, um certo J. Callendar Ross, a ultrapassou na corrida com um artigo no *The Times* intitulado «*On the Trail of a Ghost*» [Na Pista de um Fantasma]; o seu tom era cético, para não dizer satírico. Seguiu-se uma correspondência furiosa nas colunas do *The Times*, no decurso da qual se tornou claro que Miss Goodrich-Freer e a SPR tinham alugado a casa sob falsos pretextos. O seu proprietário ficou naturalmente desagradado com o prejuízo nas suas perspetivas de aluguer decorrente de toda esta publicidade sensacionalista. Myers, que fora visitante na Ballechin House, sentiu-se naturalmente na obrigação de apoiar Miss Goodrich-Freer. Mas quando a esposa do proprietário denunciou a SPR no *The Times*, ele apressou-se a declarar que decidira há muito tempo não publicar as suas próprias observações.

Outro hóspede que estivera em Ballechin com ele contradisse-o imediatamente, dizendo que Myers expressara definitivamente a sua intenção de escrever sobre a assombração. A própria Miss Goodrich-Freer ficou enfurecida com o que sentiu ser o abandono pouco cavalheiresco por parte de Myers. E o Sr. Callendar Ross expressou o sentimento geral quando se referiu à «suspeita e repulsa que o contacto próximo com a SPR tende a suscitar». Quando Miss Goodrich-Freer publicou o seu livro sobre Ballechin, houve ainda mais mal-estar.

O escândalo bem poderá ter provocado a doença que viria a matar Myers em 1901. A própria Miss Goodrich-Freer experienciou uma súbita frieza por parte de outros membros da SPR e, na sua recensão do livro dela sobre Ballechin, Frank Podmore esteve muito perto de lhe chamar mentirosa. Existem provas [^2] de que ela foi apanhada a fazer batota numa sessão de pancadas em mesas em 1901 e decidiu deixar a Inglaterra rumo a Jerusalém, onde casou com um homem dezasseis anos mais novo do que ela — convencendo-o de que era dois anos mais nova do que ele... Morreu em 1931 com a idade de 74 anos, mas continuou a mentir até ao fim — a sua certidão de óbito indica a sua idade como 56 anos.

Estes escândalos ridículos — médiuns em roupa interior e fantasmas com dedos grandes do pé com dupla articulação — tiveram o efeito infeliz de sugerir que a SPR era uma coleção de excêntricos trapalhões. De facto, olhando para trás após mais de um século, podemos ver que o seu feito

durante essas primeiras duas décadas foi monumentalmente impressionante. Tinha-se proposto responder à pergunta: pode o paranormal ser levado a sério ou é uma coleção de contos de carochinha e de delírios? O que sem dúvida surpreendeu esses pioneiros foi a enorme quantidade de provas a favor do paranormal.

Deve ter parecido incrível que uma pessoa em cada dez tivesse experienciado uma alucinação e que tantas pessoas tivessem visto aparições de familiares moribundos ou tido experiências fora do corpo. Os escândalos dos jornais sobre falsos médiuns podem ter impressionado o público, mas o que impressionou a SPR foi que tantos médiuns eram obviamente genuínos e que tanta prova a favor da vida após a morte resistia ao exame mais rigoroso.

Quando Callendar Ross falou sobre a «suspeita e repulsa» suscitadas pela SPR, estava a expressar o sentimento da maioria das pessoas mentalmente saudáveis em relação a um assunto «mórbido» como a investigação psíquica. Mas, mórbido ou não, este recusava-se a desaparecer. E a Sociedade tornou-o mais difícil de ignorar ao acumular uma autêntica montanha de provas. *Phantasms of the Living* pode ser um dos livros mais enfadonhos alguma vez escritos, mas as suas 2000 páginas de casos acabam por massacrar a mente até ao reconhecimento de que isto é algo que tem de ser encarado.

Dado que dedicámos tanto espaço a escândalos e desmascaramentos, é apenas justo olhar mais de perto para uma amostra do género de provas que finalmente convenceu esses pioneiros de que estavam a lidar com a realidade.

A 21 de outubro de 1893, o Príncipe Victor Duleep Singh, um filho de um marajá, foi para a cama num hotel de Berlim, onde estava hospedado juntamente com Lord Carnarvon. Antes de apagar a luz, olhou através do quarto para um quadro emoldurado que estava pendurado na parede oposta. Para sua surpresa, viu o rosto do seu pai, a olhar para ele com uma expressão intensa.

Pensando que o quadro se poderia assemelhar ao seu pai, levantou-se da cama para ver; de facto, mostrava uma rapariga a segurar uma rosa e a apoiar-se numa varanda. O Príncipe Victor descreveu a experiência a Lord Carnarvon na manhã seguinte. Mais tarde no mesmo dia, recebeu um

telegrama a anunciar que o seu pai morrera de um acidente vascular cerebral no dia anterior. O príncipe vira o rosto do seu pai na altura em que o marajá estava caído inconsciente após o acidente vascular cerebral, algumas horas antes de morrer.

Na noite de 16 de outubro de 1902, a esposa de um guarda-freio de caminho de ferro acordou por volta das 3h00 para beber um copo de água. Estava sozinha na cama, porque o seu marido estava de serviço noturno, e a sala estava iluminada difusamente por uma camisa de gás. Ao olhar para a água, viu uma imagem nítida de vagões de mercadorias a embaterem uns nos outros e observou qual deles ficara mais danificado. Ficou preocupada com o seu marido, para o caso de ele ter tido um acidente. Às nove da manhã seguinte ele regressou a casa e ela contou-lhe o que vira. Ele disse-lhe que houvera um acidente na linha nessa noite e que este acontecera exatamente como ela vira.

O aspeto estranho sobre este caso é que o seu marido passara pelo local do acidente duas vezes: uma na altura em que a sua esposa vira a sua «visão» no copo de água, e outra quatro horas mais tarde, quando o seu comboio estava no caminho de regresso. Mas quando passou lá pela primeira vez, estava escuro e ele não conseguia ver o que estava a acontecer. Às 7h00 já era dia e ele pudera então ver o local claramente — tal como a sua esposa o vira na água. Claro que o seu marido pode ter visto muito mais subconscientemente do que tinha consciência de ver. Mas se isto foi telepatia, então ele conseguira transmitir à sua esposa muito mais do que tinha consciência de ver.

O caso seguinte é talvez um dos mais famosos alguma vez registados pela SPR. A 9 de julho de 1904, o romancista Rider Haggard sofreu um pesadelo tão mau que a sua esposa o acordou a abaná-lo. No seu sonho, vira o cão *retriever* preto da sua filha, Bob, deitado de lado por entre a vegetação rasteira junto a uma massa de água. A sua cabeça estava num ângulo não natural e ele parecia estar a tentar dizer-lhe que estava a morrer. Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, Haggard contou à sua filha Angela o seu sonho.

Ela ficou perfeitamente descansada porque vira Bob na noite anterior e ele estava são e salvo. Foi apenas mais tarde nesse dia que souberam que Bob estava desaparecido. Quatro dias mais tarde, o corpo do cão foi encontrado a flutuar no rio próximo. Fora colhido por um comboio na noite

em que Haggard sonhara com ele. Ele conseguiu determinar a hora precisa em que o acidente ocorrera — algumas horas antes de ter acordado do seu pesadelo.

A 19 de março de 1917, a Sra. Dorothy Spearman estava no seu quarto num hotel em Calcutá, a amamentar o seu filho bebé. A sua filhinha também estava na sala. Sentiu que havia alguém atrás de si e olhou em redor para ver o seu meio-irmão, Eldred Bowyer-Bower, ali de pé; ele era oficial no *Royal Flying Corps*. Parecia perfeitamente normal e a Sra. Spearman assumiu que ele fora colocado na Índia e viera visitá-la. Disse-lhe que ia deitar o bebé e que depois poderiam ter uma longa conversa. Mas quando terminou de aconchegar o bebé, o seu meio-irmão tinha desaparecido. A sua filha não parecia ter visto ninguém. Soube mais tarde que o seu meio-irmão fora abatido sobre as linhas alemãs por volta da hora em que ela o vira.

A 7 de dezembro de 1918, o Tenente J. J. Larkin, um oficial da RAF, estava a escrever cartas no alojamento quando ouviu alguém a caminhar no corredor exterior. Depois a porta abriu-se e o seu amigo, o Tenente David McConnel, gritou: «Olá, rapaz!» Larkin voltou-se e viu McConnel ali de pé, a segurar o puxador da porta na mão. Disse: «Olá, já de volta?», e McConnel respondeu: «Sim, tive uma boa viagem». Ele estivera a transportar um avião para um aeródromo próximo. Depois McConnel fechou a porta com um estrondo e afastou-se com passos ruidosos.

Quando Larkin soube, várias horas mais tarde, que McConnel se despenhara nessa tarde, assumiu que isso devia ter sido depois de o ter visto. De facto, McConnel fora morto sensivelmente à mesma hora em que Larkin o vira à porta.

O caso seguinte tornou-se também famoso e é considerado uma das provas mais fortes da sobrevivência após a morte. Em junho de 1925, James Chaffin, do Condado de Davie, Carolina do Norte, sonhou que o seu pai estava ao lado da sua cama, a usar um sobretudo preto velho, e lhe dizia: «Encontrarás o testamento no bolso do meu sobretudo.» Dias mais tarde, mostrou um grupo de oficiais do lado de fora de um alojamento. Raymond, sentado na primeira fila, tem uma bengala apoiada na perna e o oficial sentado atrás dele está a usar o ombro de Raymond como descanso para o armário. O livro de Lodge dá muitos mais exemplos de provas da «sobrevivência» de Raymond; mas, como ele salienta, este é

particularmente convincente porque envolve dois médiuns, ambos os quais falaram da fotografia antes de Lodge saber da sua existência — eliminando assim qualquer possibilidade de telepatia.

Para concluir este capítulo, aqui está um exemplo final de um tipo de fenómeno tão querido da Sra. Crowe e de outros autores primitivos sobre o «sobrenatural»: a assombração em grande escala.

Em fevereiro de 1932, os netos de um limpa-chaminés chamado Samuel Bull recusavam-se a ir dormir, insistindo que estava alguém do lado de fora da porta do casebre. (Estavam a dormir numa sala no andar de baixo, a recuperar de uma gripe.) A mãe deles, Mary Edwards, olhou para fora da porta, mas não estava lá ninguém. Pouco tempo depois, ela e as crianças viram a figura de Samuel Bull — que estava morto desde o anterior mês de junho — caminhar através da sala, subir as escadas e passar pela porta do quarto em que tinha morrido. (Esta estava fechada). Todos gritaram. Esta foi a primeira de muitas aparições do homem morto no seu casebre na Oxford Street, Ramsbury, Wiltshire. O «fantasma» estava aparentemente consciente da presença da sua família, pois colocou por duas vezes a mão na fronte da sua esposa inválida, Jane, e uma vez pronunciou o seu nome.

[^1]: Trevor H. Hall, *The Strange Case of Edmund Gurney*, 1964.
[^2]: John L. Campbell e Trevor Hall, *Strange Things*, 1968, p. 211.

Samuel Bull — que tinha morrido de cancro — parecia bastante sólido, e podia ser visto tão claramente que as crianças notaram a brancura dos seus nós dos dedos, que pareciam estar a projetar-se através da pele. Também notaram que a expressão no seu rosto era triste. Após a primeira aparição, a família já não se sentiu alarmada — as crianças pareciam mais "repletas de pavor reverente" do que assustadas. Assumiram que o fantasma parecia triste por causa das condições miseráveis em que viviam — a cabana era húmida e alguns quartos estavam inabitáveis. Nas últimas duas ocasiões em que apareceu, Samuel Bull já não parecia triste, e a Sra. Edwards assumiu que isso se devia ao facto de a família estar prestes a ser reinstalada numa habitação social. A família já estava de mudança quando os dois investigadores da SPR chegaram, mas o vigário local já tinha entrevistado a família e registado os seus relatos do que acontecera. Os investigadores ficaram compreensivelmente descontentes por não terem sido informados sobre o caso mais cedo, mas as suas conversas com as

testemunhas, e a evidência do vigário, não lhes deixaram dúvidas de que a assombração era genuína.

Esta manta de retalhos de visões e aparições variadas sublinha a enorme variedade de casos investigados pela SPR no primeiro século da sua existência. Nenhum deles é, em si mesmo, mais impressionante do que os casos citados por Jung-Stilling, Catherine Crowe ou Robert Dale Owen. Mas são mais convincentes porque investigadores honestos fizeram obviamente o seu melhor para confirmar que eram genuínos. E qualquer pessoa que esteja disposta a passar algumas horas a folhear volumes dos *Proceedings* da SPR (ou da sua homóloga americana) acabará inevitavelmente com a sensação de que continuar cético é uma perda de tempo. Mesmo que metade dos casos provasse ser fraudulenta ou mal relatada, a outra metade continuaria a ser avassaladora devido ao mero volume. É fácil compreender a irritação do Professor James Hyslop quando escreveu em *Life After Death*:

"Considero a existência de espíritos desencarnados como cientificamente provada e já não me refiro ao cético como tendo qualquer direito a falar sobre o assunto. Qualquer homem que não aceite a existência de espíritos desencarnados e a prova disso é ignorante ou um cobarde moral. Não tenho paciência para ele, e não me proponho a argumentar com ele sob a suposição de que ele não sabe nada sobre o assunto."

No que diz respeito aos céticos, ele tem certamente razão. Sir John Bland Sutton, um cirurgião bem conhecido, observou: "A morte é o fim de tudo: a minha experiência é que todos aqueles que estudaram o assunto cientificamente e profundamente chegaram à mesma conclusão." Tal afirmação carece simplesmente de eco de verdade. Houve muitos investigadores fundamentalmente céticos — o próprio Hyslop era notoriamente "inflexível" e muito pouco querido pelos seus colegas membros da SPR porque parecia um incorrigível "Tomé de São Tomé" —, mas em cada caso individual onde um cético persistiu em estudar os factos, acabou mais ou menos convencido da realidade da vida após a morte.

Digo "mais ou menos" porque alguns investigadores, tais como o Dr. Gardner Murphy e a Sra. Louisa Rhine, sentem que a maioria dos "factos" também pode ser explicada pelo que se poderia chamar de "super-PES" — clarividência de leitura mental, e assim por diante. O próprio Hyslop

acabou por abandonar a hipótese da "super-PES" através de uma experiência que ficou conhecida como o "caso do pijama vermelho".

Recebeu uma comunicação de um médium na Irlanda informando que um "espírito" que se auto-intitulava William James lhe tinha pedido para transmitir uma mensagem perguntando-lhe se ele se lembrava de um pijama vermelho. Ora, William James, que tinha morrido in 1910, tinha acordado com Hyslop que o que morresse primeiro deveria tentar comunicar com o outro. Mas a mensagem sobre o pijama vermelho não significava nada para Hyslop. Então, de repente, ele lembrou-se. Quando ele e James eram jovens, foram a Paris juntos e descobriram que a sua bagagem ainda não tinha chegado. Hyslop saiu para comprar um pijama, mas só conseguiu encontrar um par vermelho vivo. Durante dias, James provocou Hyslop sobre o seu mau gosto em pijamas. Mas Hyslop há muito que esquecera o incidente. Tanto quanto conseguia ver, não havia forma de explicar a mensagem do pijama vermelho exceto sob a hipótese de ter sido realmente William James quem a transmitira.

Vinte e seis anos após a morte de Hyslop, ele foi citado pelo psicólogo Carl Jung numa carta. Jung estava a discutir a questão da identidade dos "espíritos" que comunicam através de médiuns:

"Uma vez discuti longamente a prova de identidade com um amigo de William James, o Professor Hyslop, in Nova Iorque. Ele admitiu que, tudo considerado, todos estes fenómenos metapsíquicos podiam ser melhor explicados pela hipótese dos espíritos do que pelas qualidades e peculiaridades do inconsciente. E aqui, com base na minha própria experiência, sou obrigado a conceder que ele tem razão. Em cada caso individual devo, por necessidade, ser cético, mas a longo prazo tenho de admitir que a hipótese dos espíritos produz melhores resultados na prática do que qualquer outra."

Contudo, é significativo que Jung nunca tenha feito esta admissão em nenhuma das suas obras publicadas, onde continuou a insistir que os factos sobre o paranormal podiam ser explicados em termos dos poderes da mente inconsciente.[1]

No que diz respeito à presente investigação, procederemos com base na suposição de Jung de que a "hipótese dos espíritos" se ajusta melhor aos

factos do que qualquer outra. A questão de saber se ela é fundamentalmente verdadeira deve, por enquanto, ser deixada em aberto.

6. No Rasto do Poltergeist

Um dia, em março de 1661, um magistrado chamado John Mompesson, que vivia em Tedworth, em Wiltshire, estava a visitar a pequena cidade de Ludgershall quando foi sobressaltado por fortes ruídos de tambor vindos da rua. Foi-lhe dito que o barulho estava a ser feito por um vagabundo chamado William Drury, que estava na cidade há alguns dias. Drury andava a tentar convencer os polícias locais a dar-lhe assistência pública, com base numa "autorização" assinada por dois magistrados eminentes. O polícia suspeitava que a autorização era falsa.

Mompesson ordenou que o tamborileiro fosse trazido à sua presença e examinou os seus papéis; tal como o oficial de justiça suspeitara, eram falsos. Mompesson parece ter sido um tipo de homem autoritário que gostava de exercer o seu poder; ordenou que o tamborileiro — um homem de meia-idade — ficasse detido até à sessão seguinte do tribunal local e, entretanto, confiscou-lhe o tambor. O homem parece ter tentado arduamente convencer Mompesson a devolver-lhe o tambor, mas sem sucesso. Assim que Mompesson virou as costas, o polícia parece ter permitido a fuga de Drury. Mas o tambor ficou para trás.

Algumas semanas mais tarde, o oficial de justiça de Ludgershall enviou o tambor para a casa de Mompesson em Tedworth. Mompesson estava precisamente a caminho de Londres. Quando regressou, encontrou a casa em alvoroço. Durante três noites, tinha havido pancadas violentas e estalos por toda a casa — tanto por dentro como por fora. Nessa noite, quando o barulho começou, Mompesson saltou da cama com uma pistola e correu para o quarto de onde o som vinha. Este moveu-se para outro quarto. Ele tentou localizá-lo, mas agora parecia vir de fora. Quando voltou para a cama, conseguiu distinguir batidas de tambor entre os ruídos de pancadas.

Durante os dois meses seguintes, foi impossível conciliar o sono até ao meio da noite; o barulho continuava durante pelo menos duas horas todas as noites. Parou brevemente quando a Sra. Mompesson estava em trabalho de parto, e ficou em silêncio por três semanas — uma indicação de que o espírito era travesso e não malévolo. Depois, as perturbações recomeçaram, desta vez centrando-se em torno dos filhos de Mompesson.

As batidas de tambor soavam em redor das suas camas, e las camas eram frequentemente erguidas no ar. Quando as crianças foram mudadas para um sótão, o tamborileiro seguiu-as. Os criados começaram inclusive a habituar-se a isso; um criado viu uma tábua mover-se e pediu-lhe que lha entregasse; a tábua flutuou até à sua mão, e seguiu-se um jogo de tração divertido por cerca de vinte minutos, até que o patrão lhes ordenou que parassem. Quando o ministro veio rezar junto das crianças, o espírito mostrou a sua falta de respeito sendo mais barulhento do que o habitual e deixando atrás de si um cheiro sulfúrico repugnante — presumivelmente para dar a entender que vinha do Inferno. Ruídos de arranhões soavam como ratos enormes.

As coisas pioraram. Durante os dois anos seguintes viram-se luzes, portas bateram, saias invisíveis sussurraram e uma Bíblia foi queimada. A criatura rronronava como um gato, arquejava como um cão e fazia com que as moedas no bolso de um homem ficassem pretas. Um dia, Mompesson foi ao estábulo e encontrou o seu cavalo deitado de costas com o casco traseiro encravado na boca; teve de ser solto com uma alavanca. O "espírito" atacou o ferreiro local com uma torquês, arrebatou uma espada a um convidado e agarrou num bastão de uma criada que tentava barrar-lhe o caminho. O Reverendo Joseph Glanvil — que escreveu sobre o caso — veio investigar e ouviu os ruídos estranhos em redor das camas das crianças. Quando desceu para o seu cavalo, encontrou-o a suar de terror, e o cavalo morreu pouco tempo depois.

... pai, James L. Chaffin, tinha morrido quatro anos antes, deixando a sua quinta ao seu terceiro filho, Marshall, e nada à sua esposa ou aos outros três filhos. O testamento não tinha sido contestado, uma vez que parecia não haver razão para o fazer.

Na manhã seguinte, James Chaffin correu para junto da sua mãe e perguntou-lhe pelo velho sobretudo preto do pai; ela disse-lhe que este tinha sido dado ao seu irmão John. Ele encontrou o casaco na casa de John e examinou-o cuidadosamente. Cozido no forro do bolso interior — que o seu pai tinha indicado no sonho — encontrou um rolo de papel que dizia: "Leiam o capítulo 27 do Génesis na velha Bíblia do meu papá."

Levando um vizinho como testemunha, James Chaffin voltou a casa da sua mãe e desenterrou a velha Bíblia. No capítulo 27 do Génesis estava um outro testamento — feito mais tarde do que aquele que deixava tudo a

Marshall — dividindo a propriedade entre a esposa e os quatro filhos. A primeira reação de Marshall Chaffin foi contestar o testamento, assumindo que se tratava de uma falsificação. Mas, assim que o examinou, teve de admitir que era obviamente genuíno. Dez testemunhas depuseram que estava na caligrafia do velho Chaffin. Assim, a propriedade foi dividida de acordo com os desejos do segundo testamento.

Tal como Marshall Chaffin, a primeira reação do leitor é suspeitar de trapaça. Mas o membro canadiano da SPR que ouviu falar do caso contratou um advogado para o investigar, e a genuinidade do testamento foi estabelecida acima de qualquer dúvida. O significado do capítulo vinte e sete do Génesis é que contém a história de como Jacob enganou o seu pai cego, Isaac, para lhe conceder a herança do seu irmão Esaú. Este pensamento tinha aparentemente surgido ao velho Chaffin não muito antes da sua morte, e ele fez o novo testamento. Mas em vez de o ter devidamente testemunhado, inseriu-o na Bíblia, esperando sem dúvida que fosse encontrado após a sua morte — juntamente com a sua crítica implícita ao seu filho Marshall. Infelizmente, a Bíblia estava decrépita, e pode ter acontecido que a família Chaffin simplesmente não fosse religiosamente inclinada; por isso, após quatro anos, parece que o velho agricultor teve de chamar a atenção para a sua mudança de opinião...

O *Night Side of Nature* da Sra. Crowe tem um capítulo inteiro dedicado a casos semelhantes, nos quais mensagens importantes são transmitidas por sonhos ou aparições. Ela conta, por exemplo, a história de um talhante que sonhou que ia ser atacado e assassinado a caminho do mercado por dois homens vestidos de azul. Ele decidiu ir ao mercado com um vizinho e, quando chegou ao local onde o ataque tinha ocorrido no seu sonho, viu os dois homens de azul ali à espera...

Mas tudo o que ela nos conta a título de detalhe é que o nome do talhante era Bone e que ele vivia em Holytown. Isto dificilmente pode ser considerado um "detalhe confirmatório". Os registos da SPR contêm muitos casos igualmente melodramáticos. Mas eles deram-se ao trabalho de obter declarações assinadas de todos os envolvidos, e o resultado é muito mais convincente. Num caso típico de 1869, um casal, identificado como "Sr. e Sra. P", estava deitado na cama num quarto mal iluminado quando a "Sra. P" viu um homem vestido como um oficial naval de pé ao fundo da cama.

O marido estava a cochilar, e ela tocou-lhe no ombro e disse: "Willie, quem é este?" O marido rugiu indignado: "O que diabo está a fazer aqui, senhor?" O oficial naval disse em tom de censura: "Willie!", e enquanto o "Sr. P" saltava da cama, caminhou pelo quarto e desapareceu na parede. A "Sra. P" disse que ele parecia um ser humano sólido e que, ao passar por uma lâmpada no seu trajeto pelo quarto, projetou uma sombra. Percebendo que tinham visto um "fantasma", a "Sra. P" começou a perguntar-se se isso pressagiava algum desastre para o seu irmão, que estava na marinha. Quando mencionou isto ao marido, ele disse: "Não, era o meu pai." O pai de "P" já tinha morrido há alguns anos.

Após esta visitação, o "Sr. P" ficou gravemente doente durante várias semanas. Quando recuperou, disse à esposa que estava com problemas financeiros há algum tempo e que, antes de ver a aparição, tinha decidido seguir o conselho de um determinado indivíduo que, agora percebia, o teria arruinado e provavelmente o teria levado para a prisão. Estava convencido de que o "fantasma" tinha vindo avisá-lo para não o fazer.

Intrinsecamente, este caso não é mais convincente do que o do Sr. Bone de Holytown. Mas a SPR obteve depoimentos assinados do "Sr. e da Sra. P", e de dois amigos a quem a "Sra. P" tinha contado a história imediatamente após o sucedido. Ainda é possível descartá-lo como um sonho ou uma "alucinação coletiva", ou simplesmente como uma mentira descarada. Mas as declarações assinadas fazem com que isso pareça, pelo menos, improvável.

Um ponto interessante sobre a experiência é o comentário da "Sra. P" de que a figura parecia bastante sólida e normal — a maioria dos "fantasmas" parece — e que projetava uma sombra. Isto sugere obviamente que era feita de algum tipo de substância sólida, como as "materializações" que apareciam na sala de sessões espíritas.

Um "aviso" de um tipo diferente parece ter estado envolvido num caso que ficou conhecido como o caso do "arranhão vermelho". Envolveu um caixeiro-viajante (identificado como "FG") que estava no seu quarto de hotel em St. Joseph, Missouri, em 1876, quando se apercebeu de alguém sentado à mesa. Era a sua irmã Annie, que tinha morrido de cólera nove anos antes. Ela parecia exatamente como quando estava viva, exceto por ter um arranhão vermelho vivo na bochecha direita. Quando "FG" se levantou de um salto, a irmã desapareceu.

Ficou tão abalado que apanhou um comboio diretamente de volta para a casa dos pais em St. Louis. Quando lhes contou sobre o arranhão, a mãe desmaiou. Quando recuperou, contou-lhes que tinha feito acidentalmente o arranhão no rosto do cadáver. Tinha-o coberto com pó e nunca o mencionara a ninguém.

Poucas semanas depois, a mãe morreu, "feliz na crença de que se reuniria com a sua filha favorita". O filho assumiu obviamente a perspetiva de que o propósito da aparição era preparar a mãe para a sua própria morte. Este é outro tema que corre de forma bastante constante através dos relatos de aparições e "visões no leito de morte" recolhidos pela SPR. Sir William Barrett dedicaria mais tarde um livro a eles, e o seu caso de abertura é típico do tipo de rigor que a SPR trazia para as suas investigações.

A esposa de Barrett era cirurgiã obstétrica no Hospital de Maternidade de Clapton, no norte de Londres. Uma mulher a quem ela chama Sra. B estava em trabalho de parto e a sofrer de insuficiência cardíaca. Enquanto a Lady Barrett lhe segurava as mãos, ela disse: "Está a ficar escuro." Mandou-se chamar a mãe e o marido. Então, a "Sra. B" olhou para outra parte do quarto e disse: "Oh, lindo." "O que é lindo?" "Uma luminosidade linda — coisas maravilhosas." Depois exclamou: "Olha, é o pai!" O seu bebé foi trazido para que ela o visse, e ela perguntou: "Acham que eu devia ficar por causa do bebé?" Olhou na direção do "pai" e disse: "Não posso ficar." Quando o marido chegou, ela olhou para o outro lado do quarto e disse: "Olha, ali está a Vida!" Vida era a sua irmã mais nova, que tinha morrido duas semanas antes. Mas a sua morte tinha sido ocultada da "Sra. B", para não a perturbar. Morreu pouco depois. Lady Barrett, a matrona, o marido e a mãe afiançaram todos que ela parecia permanecer consciente dos familiares mortos até ao momento da sua morte. Com o seu rigor habitual, Barrett obteve da mãe uma carta a verificar tudo isto. É o primeiro de uma série de casos citados por Barrett nos quais pessoas à beira da morte "viram" familiares que não sabiam que tinham morrido. Barrett assinala que não existe nenhum caso conhecido de uma pessoa moribunda que tenha "visto" alguém que ainda esteja vivo.

Sir Oliver Lodge, que foi duas vezes presidente da SPR, viria ele próprio a fornecer um dos casos mais convincentes de "comunicação com os mortos"; está registado no seu livro *Raymond*.

A 8 de agosto de 1915, Sir Oliver Lodge recebeu uma mensagem de uma médium de Boston, Leonore Piper, contendo uma referência obscura a um poema do poeta romano Horácio, sobre uma árvore a ser atingida por um raio. Lodge interpretou isto como um aviso de algum desastre. A mensagem pretendia vir de Frederic Myers, que estava morto há catorze anos. Uma semana depois, Lodge soube que o seu filho mais novo, Raymond, tinha sido morto na campanha de Ypres.

Depois disto, vários médiuns retransmitiram mensagens que pretendiam vir de Raymond, mas Lodge permaneceu pouco convencido — a maioria delas era do tipo "estou a passar um tempo maravilhoso". Mas no mês seguinte, a esposa de Lodge foi levada por um amigo a uma sessão com uma médium notável, a Sra. Osborne Leonard. Nem a médium nem Lady Lodge se conheciam de vista, e não foram apresentadas. No entanto, a Sra. Leonard anunciou que tinha uma mensagem de "Raymond", que afirmava ter encontrado muitos dos amigos do pai desde a sua morte; questionado para nomear um deles, Raymond respondeu "Myers".

Uma outra "mensagem" de Raymond foi retransmitida a Lady Lodge através de um médium masculino chamado Vout Peters; nela, "Raymond" falava sobre uma fotografia que o mostrava num grupo de pessoas e referia-se a uma bengala. Os Lodge não sabiam nada sobre tal fotografia. Dois meses mais tarde, a mãe de um dos companheiros de farda de Raymond escreveu a dizer que tinha uma fotografia de grupo que incluía Raymond, oferecendo-se para enviar uma cópia.

Antes de esta chegar, o próprio Lodge visitou a Sra. Leonard e, quando o seu "controlo" "Feda" anunciou a presença de Raymond, ele aproveitou a oportunidade para perguntar sobre a fotografia. Raymond explicou que tinha sido tirada ao ar livre e mencionou que alguém se tinha querido apoiar nele. Quando a fotografia chegou, poucas...

1. *Collected Letters*, Vol. 1, p. 431.

O tamborileiro fantasma parece ter desenvolvido uma voz; uma manhã, houve uma luz brilhante no quarto das crianças e uma voz continuou a gritar: "Uma bruxa, uma bruxa!" — pelo menos cem vezes, de acordo com Glanvil. Mompesson acordou uma noite e deparou-se a olhar para uma forma vaga com dois grandes olhos esbugalhados, que

desapareceu lentamente. O fenómeno também desenvolveu hábitos tão desagradáveis como despejar cinzas e penicos nas camas das crianças.

Em 1663, William Drury foi preso em Gloucester pelo roubo de um porco. Enquanto estava na prisão de Gloucester, um homem de Wiltshire veio vê-lo, e Drury perguntou o que estava a acontecer em Wiltshire. Quando o homem disse "Nada", Drury afirmou: "Como, não ouviu falar do tamborilar na casa em Tedworth?" O homem admitiu que sim, pelo que Drury declarou: "Eu atormentei-o, e ele nunca mais terá sossego até que me tenha dado uma compensação por me ter tirado o meu tambor." Isto, segundo Glanvil, levou a que ele fosse julgado por bruxaria em Salisbury e condenado a deportação.

Assim que Drury saiu do país, a paz desceu sobre a casa dos Mompesson. Mas o tamborileiro conseguiu de alguma forma escapar e regressar a Inglaterra — após o que as perturbações recomeçaram tudo de novo. O Sr. Mompesson parece ter-lhe perguntado — por meio de pancadas — se Drury era o responsável, e este respondeu afirmativamente.

Como terminaram as perturbações não é claro — presumivelmente foram-se desvanecendo, como a maioria dos *poltergeists*. Certamente já tinham cessado na altura em que Glanvil publicou o seu relato, vinte anos mais tarde.

O "fantasma" que causou estas perturbações na casa dos Mompesson pertence à classe de fenómenos conhecida como o "*poltergeist*". A palavra é alemã e significa "fantasma barulhento". É o tipo de espírito mais comum de que há registo e, a menos que se encontre no meio de um oceano ou de um deserto, está provavelmente a decorrer uma assombração por um *poltergeist* num raio de dez milhas do local onde está agora a ler este livro...

O que é um *poltergeist*? É um "espírito" que parece especializar-se em partidas travessas, tais como fazer ruídos de arranhões ou de pancadas, e fazer com que objetos voem pelo ar. Não seria totalmente exato dizer que eles "atiram" coisas, pois os objetos têm frequentemente o estranho hábito de mudar abruptamente de direção a meio do ar, como se estivessem a ser carregados em vez de projetados. Além disso, sabe-se que estes objetos passam através de paredes e saem do outro lado. É como se o *poltergeist*

conseguisse desmaterializar as coisas e depois materializá-las novamente — ou isso, ou o mundo do *poltergeist* possui uma dimensão extra além das nossas três dimensões normais de comprimento, largura e altura, pelo que consegue de alguma forma "passar por cima" de obstáculos como paredes.

Glanvil escreveu o seu livro sobre ocorrências estranhas — *Saducismus Triumphatus* — precisamente antes do alvorecer do século XVIII, a idade da razão. Mesmo na década de 1660, o magistrado Mompesson foi amplamente suspeito de, de alguma forma, inventar a história do tamborileiro fantasma, e "ele sofreu com isso no seu nome, nos seus bens, em todos os seus assuntos..." Um quarto de século após a sua publicação, o livro de Glanvil era considerado como uma relíquia absurda de uma era de credulidade.

A razão principal era que o mundo civilizado estava finalmente — após quatro séculos — a libertar-se da crença na bruxaria. Em Inglaterra, não havia julgamentos em massa de bruxas desde a morte de Matthew Hopkins, o "caçador de bruxas geral", em 1646; na América, a histeria das bruxas chegou ao fim após os julgamentos de Salem em 1692. A era da ciência tinha alvorecido; não havia lugar para livros como o *Saducismus Triumphatus* na era de Newton e Leibniz.

Um dos casos mais notáveis do início do século XVIII foi investigado pelo eminente cientista Joseph Priestley que, como seria de prever, decidiu que os fenómenos eram causados por um brincalhão. Começou na reitoria de Epworth, em Lincolnshire, habitada pela família do Reverendo Samuel Wesley, avô do fundador do Metodismo. A 1 de dezembro de 1716, a criada dos Wesley estava na sala de jantar quando ouviu gemidos terríveis, como de alguém a morrer. A família fez disso uma piada. Mas algumas noites mais tarde, foram acordados por fortes sons de pancadas, que normalmente pareciam vir do sótão ou do quarto das crianças. A única pessoa que não os ouvia era o próprio Reverendo Wesley, e a família decidiu não lhe contar para o caso de ele pensar que era um presságio da sua morte. Quando finalmente lhe contaram, ele recusou-se a acreditar neles; nessa noite, como que para o convencer, houve nove pancadas fortes junto à sua cabeceira.

A partir daí, a casa esteve num constante estado de perturbação, com passos em divisões vazias e a subir e a descer as escadas — frequentemente mais do que um conjunto de passos ao mesmo tempo —, ruídos semelhantes a garrafas a partir-se e um som curioso que foi comparado ao "dar corda a um espeto" ou a alguém a aplainar madeira. Quando a Sra. Wesley ouviu ruídos de pancadas vindos do quarto das crianças, tentou repeti-los, e o *poltergeist* fez então as mesmas pancadas ecoar nas tábuas do chão sob os seus pés. Quando ela olhou para debaixo da cama, um animal parecido com um texugo correu para fora. Um criado que viu o animal sentado junto ao lume da sala de jantar disse que parecia um coelho branco.

A família teve, ao início, medo de que isso pressagiasse a morte de alguém, fosse a do Reverendo Samuel Wesley ou a do seu filho mais velho (com o mesmo nome). Quando nada do género ocorreu, decidiram que estavam a lidar com bruxaria — contra a qual o Reverendo Samuel tinha pregado. No entanto, também notaram que as perturbações pareciam ligadas a Hetty Wesley, de 19 anos: ela tremia frequentemente durante o sono antes de os sons começarem.

Após dois meses, o *poltergeist* desapareceu, embora se diga que fez reaparecimentos breves e ocasionais em anos posteriores. A família passou a referir-se a ele como "Velho Jeffrey". E a Sra. Wesley permaneceu convencida de que o Velho Jeffrey era o espírito do seu irmão, que trabalhava para a Companhia das Índias Orientais e que desaparecera sem deixar rasto. Ela poderia perfeitamente ter razão. Em certos aspetos, o *poltergeist* comportava-se como um fantasma. As suas atividades pareciam começar sempre a um quarto para as dez todas as noites (poucos *poltergeists* cumprem um horário exato) — e os primeiríssimos sons ouvidos foram gemidos e uma respiração pesada, e não as pancadas habituais.

As perturbações por *poltergeist* ocorrem habitualmente — quase invariavelmente — numa determinada sequência. A fase mais precoce é normalmente algum tipo de ruído de arranhões como ratos; depois pancadas e estrondos, a seguir pedras voadoras ou outros pequenos objetos, depois objetos maiores, seguidos de outras formas de travessura física — móveis a moverem-se, cobertores arrancados das camas. Se ocorrerem

vozes, surgem habitualmente após esta fase — como veremos no caso da Bruxa dos Bell. É quase desconhecido que os fenómenos ocorram numa ordem diferente.

Portanto, a esse respeito, o caso dos Wesley é invulgar, começando com o que é normalmente um dos desenvolvimentos mais tardios. A principal objeção à teoria da Sra. Wesley é que, se o espírito do seu falecido irmão estava por detrás das perturbações, então por que razão não tentou ele comunicar — por exemplo, quando o Reverendo Samuel tentou fazer com que ele respondesse a perguntas por meio de pancadas?

Uma das características mais óbvias do caso de Epworth é que não houve nenhum dos fenómenos físicos habituais — pedras a cair, móveis a dançar. A explicação, presumivelmente, é que não havia energia suficiente disponível para o *poltergeist* fazer algo mais espetacular do que produzir ruídos. Isto também se aplica ao mais notório *poltergeist* do século XVIII, o "fantasma de Cock Lane". Este começou com ruídos de pancadas na casa de Richard Parsons, sacristão da igreja de St. Sepulchre em Smithfield, Londres, em novembro de 1759. Uma noite, uma mulher chamada Fanny Lynes, que estava alojada na casa, pediu a Elizabeth Parsons, de 10 anos, a filha mais velha, que dormisse com ela enquanto o seu marido em união de facto estava fora em negócios. Tudo correu bem durante algumas noites; depois, as duas foram mantidas acordadas uma noite por ruídos de arranhões e pancadas vindos de trás do lambril. Quando contaram a Richard Parsons, ele disse que era provavelmente o sapateiro do lado.

Pouco tempo depois, Fanny adoeceu com varíola; estava grávida de seis meses e o seu "marido" estava compreensivelmente ansioso. Ele e Fanny não eram casados apenas porque ela era irmã da sua falecida esposa. William Kent tinha casado com Elizabeth Lynes dois anos antes, mas ela tinha morrido no parto; agora parecia um pouco como se a história se estivesse a repetir. Ele mudou Fanny para uma casa próxima onde, a 2 de fevereiro de 1760, ela morreu de varíola.

Entretanto, as pancadas na casa de Richard Parsons continuavam; Parsons chegou a chamar um carpinteiro para retirar o lambril, mas nada foi encontrado. Entretanto, as pancadas tornaram-se mais fortes, e a história da "casa assombrada" espalhou-se por toda a vizinhança. Pareciam estar

associadas a Elizabeth; vinham de trás da sua cama e, quando estavam prestes a começar, ela começava a tremer e a tiritar — como Hetty Wesley no caso de Epworth. Mais tarde nesse ano, Elizabeth começou a sofrer de convulsões.

Como tantas outras vítimas de fenómenos de *poltergeist*, Richard Parsons decidiu recorrer a um amigo, o Reverendo John Moore, pregador assistente em St. Sepulchre. E o Reverendo Moore procedeu à comunicação com o "espírito", pedindo-lhe que respondesse às suas perguntas da maneira habitual — uma pancada para sim, duas para não. (Adicionaram um ruído de arranhão para indicar que estava desagradado.)

Por este meio, o espírito contou a sua história perturbadora. Era, declarou, o fantasma de Fanny Lynes, regressado dos mortos para denunciar o seu falecido "marido", William Kent, por matá-la por envenenamento. Ele tinha-lhe, segundo parecia, administrado arsénio vermelho na sua "*purl*", uma mistura de ervas e cerveja.

Richard Parsons não ficou totalmente desagradado ao ouvir esta história, pois nutria um rancor contra o seu antigo inquilino. William Kent era um homem razoavelmente rico, tendo sido um estalajadeiro de sucesso em Norfolk, e tinha emprestado 20 libras a Parsons, sob o entendimento de que Parsons as deveria pagar à razão de uma libra por mês. Parsons, que parece ter sido um ébrio, não tinha pago nada, possivelmente porque descobrira que Kent e Fanny não eram casados, e esperava chantagear Kent para que este esquecesse o empréstimo. Kent tinha colocado o assunto nas mãos do seu advogado.

Se Parsons estivesse menos ansioso por acreditar no pior do seu ex-inquilino, poderia ter suspeitado da falta de veracidade do fantasma. Para começar, as pancadas tinham começado enquanto Fanny Lynes ainda estava viva. E um taberneiro chamado Franzen jurou que tinha visto um espírito de branco uma noite, em dezembro de 1759, quando Fanny se tinha acabado de mudar da casa de Cock Lane. Parsons aparentemente achou mais fácil acreditar que as pancadas anteriores tinham sido causadas pela primeira esposa de Kent, Elizabeth — que estaria presumivelmente também a tentar denunciá-lo por homicídio.

Ao longo de 1761, a casa em Cock Lane adquiriu uma reputação crescente pelos seus fantasmas, e a história sobre os supostos homicídios de Kent ganhou ampla circulação na zona. O próprio Kent não ouviu nada sobre o assunto até janeiro de 1762, quando viu um artigo no *Public Ledger* sobre um homem que tinha trazido uma jovem senhora de Norfolk e a tinha envenenado em Londres. Poucos dias depois, um outro artigo sobre o fantasma de Cock Lane e as suas revelações levou Kent a ir ver o Reverendo John Moore. Moore, um homem respeitável e bem-quisto, apenas pôde aconselhar Kent a assistir a uma sessão no quarto de Elizabeth e a ver por si mesmo. Kent fez isso, levando consigo o médico e o boticário que tinham assistido Fanny na sua última doença.

O pequeno quarto estava superlotado, e Elizabeth e a sua irmã mais nova jaziam lado a lado na cama. Ao início, o "fantasma" recusou-se a manifestar-se; mas quando a sala foi esvaziada, Moore conseguiu convencê-lo, e todos voltaram a entrar em grupo. Agora Kent escutava com algo parecido com pânico enquanto ouvia Moore perguntar ao espírito se era a esposa de Kent — uma pancada —, se tinha sido assassinada por ele — uma pancada — e se mais alguém estava envolvido na conspiração de homicídio — duas pancadas. Kent gritou indignado: "Tu és um espírito mentiroso!"

Agora, de repente, o fantasma estava famoso por toda a Londres, e Cock Lane ficou cheia de carruagens. Em fevereiro, um clérigo chamado Aldrich convenceu Parsons a permitir que a sua filha fosse para a sua reitoria em Clerkenwell para ser testada. Uma comissão de investigação, incluindo o famoso Dr. Johnson, esteve presente.

Inevitavelmente, o fantasma recusou-se a manifestar-se. Nem o fantasma bateu no caixão de Fanny Lynes na cripta da igreja. O Dr. Johnson concluiu que se tratava de uma fraude. E esta foi a opinião da maior parte de Londres.

No dia seguinte a este fiasco, Elizabeth estava hospedada na casa de um fabricante de pentes em Cow Lane quando o sino da Prisão de Newgate começou a dobrar — um sinal de que alguém ia ser enforcado. O fabricante de pentes perguntou ao fantasma se alguém estava prestes a ser enforcado e se era um homem ou uma mulher; o fantasma respondeu a ambas as

perguntas corretamente. Mais tarde nesse dia, uma cortina solta começou a girar no seu varão — a única manifestação física no caso.

No dia seguinte, enquanto Elizabeth dormia, o seu pai ouviu ruídos de sussurros; ele levou uma vela até à cama dela, mas ela parecia estar a dormir. O sussurro continuou, embora os lábios da criança estivessem claramente fechados. De facto, o *poltergeist* parecia estar a aumentar de força. Duas noites mais tarde, os ruídos eram tão violentos que o anfitrião lhes pediu que saíssem. (Presumivelmente, ela estava a dormir fora de casa para evitar as multidões.) Elizabeth e o seu pai mudaram-se para a casa de um Sr. Missiter, perto de Covent Garden, e as manifestações continuaram, mesmo quando uma criada se deitou na cama ao lado de Elizabeth e lhe segurou as mãos e os pés.

Por esta altura, o infeliz Kent estava determinado a provar a sua inocência através da lei; pelo que o ónus da prova recaía agora sobre Parsons e a sua filha. Foi dito a Elizabeth que, a menos que o fantasma se fizesse ouvir naquela noite, o seu pai e a sua mãe seriam lançados na prisão. Naturalmente, ela certificou-se de que algo acontecesse. Os criados espreitaram através de uma fresta na porta e viram-na pegar num pedaço de tábua e escondê-lo na cama. Mais tarde, quando havia pessoas no quarto, os ruídos de pancadas soaram a partir da cama. De facto, os ouvintes notaram que as pancadas vinham da cama e não, como era habitual, de redor do quarto. A cama foi revistada e a tábua encontrada. E no dia seguinte, os jornais publicaram a história da "fraude".

A 25 de fevereiro de 1762, apareceu um panfleto intitulado: *The Mystery Revealed; Containing a Series of Transactions and Authentic Testimonials respecting the supposed Cock Lane Ghost, which have been concealed from the Public* — o autor era provavelmente o amigo de Johnson, Oliver Goldsmith. Uma peça satírica chamada *The Drummer or the Haunted House* foi apresentada em Covent Garden. E William Kent iniciou procedimentos legais contra Richard Parsons. Em julho de 1762, o Sr. e a Sra. Parsons, e uma mulher chamada Mary Frazer — que tinha frequentemente atuado como "interrogadora" do fantasma — compareceram perante os magistrados no Guildhall.

Parsons foi acusado de tentar tirar a vida a William Kent ao acusá-lo de homicídio. Os juízes não se deixaram convencer pelo testemunho de vizinhos que tinham ouvido pancadas a ecoar por todo o quarto e que tinham a certeza de que Elizabeth não as poderia ter feito. E, finalmente, Parsons foi condenado a dois anos de prisão e a ficar três vezes no pelourinho; a sua esposa foi condenada a um ano, e Mary Frazer a seis meses. O Reverendo Moore e um dos seus associados tiveram de pagar 588 libras em indemnizações a Kent. Houve simpatia universal por Parsons e, quando ele esteve no pelourinho, a multidão fez uma coleta para ele — um gesto invulgar para um período em que os malfeitores eram frequentemente gravemente feridos no pelourinho. (Mais tarde nesse ano, um homem condenado por sodomia foi apedrejado até à morte no mesmo pelourinho.)

Durante mais de dois séculos, o fantasma de Cock Lane tornou-se um sinónimo de embuste. Quando Andrew Lang escreveu sobre o assunto em 1894, começou o seu capítulo: "Se um fantasma está mais desacreditado do que outro, é o fantasma de Cock Lane." Contudo, para quem estude o caso hoje em dia, esta visão parece absurda. Nada poderia ser mais óbvio do que o facto de o fantasma de Cock Lane ter sido um *poltergeist* como as centenas de outros que foram registados ao longo dos tempos.

Infelizmente, é agora demasiado tarde para descobrirmos certos factos essenciais que poderiam ajudar a explicá-lo. Por exemplo, que tipo de rapariga era Elizabeth Parsons? Ela era consideravelmente mais jovem do que a maioria das crianças ligadas a fenómenos de *poltergeist,* mas pode muito bem ter tido uma maturidade sexual precoce para a sua idade. Se o seu pai era algo dado à bebida e um esbanjador — como os registos indicam —, então parece bastante certo que o lar dos Parsons não era feliz.

O pai de Christine Beauchamp — o famoso caso de personalidade múltipla de Morton Prince — era um tipo de pessoa semelhante, e a sua filha teve graves problemas psicológicos como consequência. Sabemos que Christine Beauchamp ficou fixada no amigo mais próximo do seu pai, William Jones, e transferiu para ele toda a sua adoração. É concebível que Elizabeth Parsons tenha sentido o mesmo em relação a William Kent. Nesse caso, dormir na cama dele enquanto ele estava fora deve ter despertado emoções mórbidas — especialmente se ela estivesse ciente de que Kent e Fanny estavam a "viver em pecado". As convulsões que começaram um ano após as perturbações sugerem certamente que ela

estava a passar por um período de convulsão emocional. Mas, como sabemos tão pouco sobre Elizabeth, todas estas coisas devem permanecer no plano da especulação.

Apenas uma coisa parece razoavelmente certa: que o espírito em si não era o de Elizabeth Kent nem o de Fanny Lynes; era o habitual *poltergeist* travesso, empenhado em criar o máximo de caos e confusão possível. Isto parece confirmar a observação de Chesterton de que a única coisa definitiva que se pode dizer sobre tais espíritos é que eles contam mentiras.

O *poltergeist* de Epworth e o fantasma de Cock Lane limitaram-se a pancadas (embora o fantasma de Cock Lane parecesse estar a tentar fenómenos mais ambiciosos por volta do fim). Um *poltergeist* que assombrou uma quinta em Stockwell, Londres, em 1772, mostrou de todo menos contenção. Começou por atirar fileiras de pratos das prateleiras da cozinha e despedaçá-los. Quando a proprietária da casa, a Sra. Golding, desmaiou, o médico sangrou-a; o sangue mal se tinha coagulado quando saltou para fora da bacia, e a bacia partiu-se em pedaços. Quando a Sra. Golding ofereceu a alguns dos convidados reunidos um gole de vinho ou de rum, estas garrafas também se despedaçaram. Peças de presunto saltaram dos seus ganchos no teto e caíram no chão.

O estrondo era tão tremendo que eles tiveram medo de que a casa caísse, e as crianças foram enviadas para o celeiro. A criada, Ann Robinson, foi com elas e, assim que ela saiu de casa, as perturbações pararam. No momento em que regressou, começaram de novo. O balde do carvão virou-se, castiçais voaram pelo ar, um barril de cerveja de nove galões foi virado de cabeça para baixo e um balde de água fria "ferveu como uma panela" — como no caso de Amherst, um século mais tarde. A Sra. Golding decidiu despedir a criada, e o alvoroço cessou prontamente.

Este caso atraiu pouca atenção na altura — se o Dr. Johnson ouviu falar dele, sem dúvida que o descartou como mais uma fraude. Catherine Crowe desenterrou-o um século mais tarde para o seu livro *The Night Side of Nature*. E no seu capítulo sobre o *poltergeist*, ela faz algumas sugestões sensatas e pertinentes. Discute o caso de uma rapariga francesa chamada Angélique Cottin, que estava a tecer luvas de seda a 15 de janeiro de 1846, quando o tear começou a sacudir-se violentamente. As outras raparigas ficaram aterrorizadas e recuaram para a extremidade mais distante da sala;

depois, uma a uma, voltaram para examinar o tear, que tinha uma pesada estrutura de carvalho. Assim que Angélique se aproximou, este começou a dançar novamente.

A partir dessa altura, Angélique desenvolveu o poder de dar às pessoas violentos choques elétricos — ela era, na verdade, uma "aquela-enguia-elétrica humana". Objetos colocados no seu avental voavam violentamente, e o poder era suficientemente forte para erguer uma pesada tina com um homem sentado nela. Curiosamente, os metais não eram afetados, indicando que esta forma de "eletricidade" não era do tipo habitual. Quando Angélique estava cansada, a corrente diminuía.

Também diminuía quando ela estava sobre um tapete, mas era mais poderosa quando estava sobre terra batida — outra indicação de que a força parece vir da terra, e está provavelmente ligada à força que convulsiona alguns radiestesistas. Ela tinha de dormir sobre uma pedra coberta com um tapete de cortiça. Os fenómenos continuaram durante quatro meses e foram amplamente estudados por homens de ciência; depois, cessaram.

A Sra. Crowe faz a sugestão plausível de que os fenómenos de *poltergeist* podem ser de natureza elétrica, e cita uma série de outros casos, incluindo o de uma Mlle. Emmerich, irmã do professor de teologia em Estrasburgo, que se tornou uma bateria elétrica humana depois de apanhar um grande susto, cuja natureza não é especificada. (Já notámos que muitos médiuns parecem desenvolver os seus poderes após acidentes.) O aspeto interessante sobre Mlle. Emmerich era que ela podia dar choques às pessoas mesmo quando estas não lhe tocavam. Deu um choque ao seu irmão quando este se encontrava a várias divisões de distância; quando ele correu para o quarto dela, ela riu-se e disse: "Ah, sentiste-o, não sentiste?"

A Sra. Crowe acrescenta a observação interessante: "Muitas pessoas sonâmbulas [ela quer dizer pessoas sob hipnose] são capazes de dar um choque elétrico; e conheci uma pessoa, não sonâmbula, que me informou que foi frequentemente capaz de o fazer por um esforço de vontade."

Claramente, se alguém fosse capaz de produzir correntes elétricas à vontade, ele ou ela poderia estar em posição de causar fenómenos de *poltergeist* — talvez até à distância, como Mlle. Emmerich; nesse caso, poderíamos ter algum tipo de explicação para os poderes mágicos do tamborileiro de Tedworth. Mas, embora a teoria seja atraente, apenas

poderia explicar as capacidades menos espetaculares do *poltergeist* — como causar pancadas e despedaçar pratos. Como, por exemplo, poderia ela explicar o caso extraordinário que ficou conhecido como a Bruxa dos Bell, no qual um *poltergeist* maltratou a sua vítima até esta morrer?

Este caso, como apontou o investigador paranormal Nandor Fodor, ocorreu numa altura interessante em que os americanos tinham deixado de acreditar em bruxaria e ainda não tinham descoberto o Espiritismo. Como resultado, não houve uma investigação adequada. É uma sorte que os registos que sobreviveram sejam tão detalhados.

Em 1817, um agricultor chamado John Bell vivia com a sua família em Robertson County, Tennessee, com a sua esposa Lucy e nove filhos. Uma delas, Betsy, era uma rapariga de doze anos.

Ao início, as perturbações eram tão ligeiras que ninguém prestou muita atenção. Havia ruídos de pancadas e arranhões, e sons como os de ratos a roer dentro das paredes. Como era habitual, nada pôde ser encontrado que justificasse estes sons. Pareciam ser, na sua maioria, o tipo de ruídos que poderiam ser feitos por animais, pelo que não causaram grande agitação. Um cão invisível parecia estar a arranhar o chão, uma ave invisível esvoaçava contra o teto, e depois dois cães acorrentados soavam como se estivessem a lutar.

Quando se acendiam as lâmpadas e as pessoas se levantavam da cama para revistar, os ruídos paravam — os *poltergeists* parecem ter uma estranha aversão a ser observados. Depois, a entidade começou a puxar as roupas das camas e a fazer vários ruídos "humanos" — sons de asfixia e de deglutição seguidos de um ruído sufocado, como se alguém estivesse a ser estrangulado. A seguir, pedras foram atiradas e cadeiras viradas de cabeça para baixo. Lentamente, o *poltergeist* começou a ganhar balanço. A rapariga Betsy — Elizabeth — parecia ser o foco; as coisas só aconteciam quando ela estava por perto.

Quando as perturbações já duravam há sensivelmente um ano, o lar estava em permanente caos. Raramente conseguiam uma boa noite de sono; a casa tremia frequentemente com os barulhos. A coisa parecia ser capaz de estar em vários locais ao mesmo tempo — uma noite, Richard Williams Bell foi acordado por algo a puxar-lhe o cabelo com tanta força que ele pensou que o topo da sua cabeça ia arrancar-se; enquanto ele berrava de

dor, Betsy, no andar de cima, também começou a gritar quando algo lhe puxou o cabelo.

Tal como a família Fox trinta anos mais tarde, os Bell decidiram pedir o conselho de vizinhos. Um amigo chamado James Johnson veio à casa. Quando o "fantasma" fez um som como o de sugar ar entre os dentes, ele disse-lhe para se calar, e este obedeceu-lhe. Mas os *poltergeists* não gostam que lhes deem ordens (parecem reagir melhor a uma abordagem amigável), e este redobrou a sua perseguição a Betsy; ouvia-se um som nítido de bofetada e a bochecha dela ficava vermelha devido a um golpe, ou o seu cabelo era agarrado por uma mão invisível e puxado.

Pelo menos, Johnson descobrira que a entidade compreendia inglês; por isso, aconselhou Bell a convidar mais vizinhos. Nesta fase, ele parece ter ainda alimentado a ideia obviamente absurda de que as crianças poderiam ser as responsáveis. Tentaram enviar Elizabeth para ficar em casa de um vizinho; as perturbações no lar dos Bell pararam, mas Elizabeth continuou a ser perseguida com golpes e arranhões.

Os fenómenos de *poltergeist* progridem sempre de pequenos efeitos para efeitos maiores — de arranhões ou pancadas para pedras voadoras e mobiliário; nunca acontece ao contrário. A "Bruxa dos Bell" parecia ter prazer em desenvolver novas formas de perturbar toda a gente. Luzes estranhas esvoaçam pelo quintal após o anoitecer. À medida que as crianças regressavam a casa vindas da escola, pedras e pedaços de madeira eram atirados contra elas.

Estes eram normalmente atirados de um matagal específico e (como é habitual em tais casos) nunca magoavam ninguém; se as crianças os atirassem de volta, eram prontamente atirados outra vez. Mas os visitantes da casa recebiam bofetadas dolorosas — tal como as crianças se tentassem resistir quando os cobertores eram arrastados das suas camas.

A fase seguinte foi um som de assobio, que gradualmente se transformou numa voz. As vozes de *poltergeist* não soam de todo como vozes humanas comuns; pelo menos, não ao início. Parece que a entidade tem de dominar um meio estranho para conseguir moldar os sons em palavras. (Mesmo os ruídos de pancadas são provavelmente sons "fabricados", e não pancadas genuínas feitas por objetos duros.) A maioria dos fantasmas e *poltergeists* falantes começa com uma voz gutural que soa

como se fosse composta por grunhidos ou gemidos; a bruxa dos Bell fazia ruídos sufocados e sussurrados mais parecidos com uma tosse asmática. Gradualmente, a voz desenvolveu-se até se tornar um sussurro baixo mas audível.

Fazia observações como "Não suporto o cheiro de um preto". E Betsy fornecia indubitavelmente a energia para estas demonstrações; ficava fatigada e miserável, com falta de ar e sujeita a desmaios. Sempre que ela estava inconsciente, a voz cessava, o que levou alguns vizinhos a suspeitar que ela era ventríloqua. Mas, como Nandor Fodor apontou, parece muito mais que ela caía num transe mediúnico. Ao mesmo tempo, o próprio John Bell começou a sofrer.

A sua língua inchou e a sua mandíbula parecia rígida como se alguém tivesse empurrado um pau para dentro da sua boca, forçando ambos os lados da mandíbula. Gradualmente piorou, até que ele ficava frequentemente incapaz de comer durante um dia inteiro de cada vez. A "bruxa" também parecia direcionar cada vez mais a sua malícia para o "velho Jack Bell", declarando que ele seria atormentado pelo resto da sua vida.

Entretanto, a voz tinha passado de um sussurro para uma voz normal; costumava repetir trechos dos sermões de vários párocos locais. Depois começou a usar linguagem obscena — novamente, uma característica comum de "fantasmas falantes". Na verdade, "ela" falava em várias vozes. Uma das suas primeiras declarações numa voz normal foi: "Sou um espírito que outrora foi muito feliz, mas fui perturbado e agora sou infeliz." E declarou que iria atormentar John Bell e matá-lo no fim. Identificou-se como um índio cujos ossos tinham sido espalhados, e depois como uma bruxa chamada Velha Kate Batts.

A seguir, mais quatro vozes fizeram a sua aparição — a "família" da bruxa; identificaram-se como Blackdog, Mathematics, Cypocryphy e Jerusalem. Blackdog tinha uma voz áspera e masculina, Jerusalem a voz de um rapaz, enquanto as outras duas soavam "delicadas e femininas". Aparentemente, entregavam-se a deboches, falando de forma ébria e enchendo a casa com o cheiro a uísque.

Por muito que a bruxa detestasse John Bell, parecia ter sentimentos mais ternos pelo resto da família, especialmente pela esposa de John Bell,

Lucy. Quando esta adoeceu, a bruxa lamentava-se "Luce, pobre Luce" e fazia chover avelãs sobre ela. Na festa de aniversário de Betsy, gritou "Tenho uma surpresa para ti" e materializou uma cesta de fruta, incluindo laranjas e bananas, que alegava ter trazido das Índias Ocidentais. Um "curandeiro" local ofereceu-se para curar Betsy com um medicamento revoltante que a faria vomitar; quando ela devidamente teve ânsias, descobriu-se que o seu vómito estava cheio de alfinetes e agulhas de latão.

Entretanto, a bruxa soltava gargalhadas e dizia que, se conseguissem fazer Betsy vomitar outra vez, ela teria alfinetes e agulhas suficientes para abrir uma loja. Um dia, no inverno, enquanto as crianças estavam sentadas num trenó, a bruxa gritou "Agarrem-se bem" e arrastou o trenó a grande velocidade em redor da casa três vezes. Também era capaz de cuspir; tinha uma aversão particular por uma rapariga escrava negra chamada Anky e, um dia, cobriu-lhe a cabeça com uma espuma semelhante a saliva branca.

Também mostrava uma tendência para interferir na vida pessoal da família. A seu tempo, Betsy ficou noiva de um jovem chamado Joshua Gardner. Assim que a bruxa descobriu, começou a sussurrar: "Por favor, Betsy Bell, não fiques com o Joshua Gardner." Betsy acabou por ceder e devolveu o anel a Joshua.

Entretanto, a perseguição a John Bell tornou-se paulatinamente pior. Os seus sofrimentos assemelham-se aos tormentos das freiras e padres possuídos de Loudun; mas eram de uma natureza mais física. Quando ele estava doente na cama, a bruxa praguejava e vociferava, usando linguagem obscena. Quando ele saía à rua, ela seguia-o e arrancava-lhe os sapatos. Depois, foi atingido no rosto com tanta força que ficou atordoado e teve de se sentar num tronco.

O seu rosto começou a contrair-se e a contorcer-se — outro dos métodos favoritos da bruxa para o atormentar —, e depois o seu corpo entrou em convulsão. Os seus sapatos continuavam a voar para fora dos pés e, de cada vez que o seu filho Richard lhos calçava, voavam outra vez. A bruxa soltava gargalhadas e cantava canções de escárnio (muitos *poltergeists* têm-se mostrado musicais, embora o seu gosto raramente se eleve acima de canções populares). Finalmente, os ataques cessaram, e o infeliz homem ficou ali sentado, atordoado, com as lágrimas a correr-lhe pelas bochechas.

A bruxa andava a atormentá-lo há mais de três anos. Quando o conseguiram levar de volta para dentro de casa, ele recolheu-se à cama. A 19 de dezembro de 1820, foi encontrado num torpor profundo. No armário dos medicamentos, o seu filho John encontrou um frasco escuro, cheio até um terço com um líquido de aspeto fumarento. A bruxa começou a exultar: "É inútil tentarem socorrer o velho Jack — apanhei-o desta vez." Questionada sobre o medicamento, a bruxa respondeu: "Fui eu que o pus lá e dei uma dose ao velho Jack ontem à noite enquanto ele dormia, o que tratou dele." Quando o médico chegou, testaram o "medicamento" mergulhando uma palha nele e deixando cair uma gota na língua do gato; o gato saltou e girou em círculos, e depois morreu. O próprio John Bell morreu no dia seguinte, enquanto a bruxa enchia a casa com gritos de triunfo e cantava "Tragam-me um pouco de brandy, oh".

Como Fodor aponta, há algo de muito estranho nesta morte. A bruxa tinha revelado frequentemente força suficiente para estrangular Bell, ou para o matar atingindo-o com algum objeto; contudo, nunca fez tal tentativa — apenas, por assim dizer, o conduziu ao desespero, administrando-lhe depois alguma droga poderosa quando ele provavelmente já estaria a morrer de qualquer forma. Na maioria dos casos de *poltergeist*, podemos sentir que a entidade não é particularmente maliciosa, e que isso explica a falta de ferimentos — crianças agressoras ameaçam frequentemente as suas vítimas com danos físicos, e podem até parecer prestes a cumprir a sua ameaça; mas há um abismo de diferença entre a ameaça — ou, talvez, desferir um golpe com um bastão e falhar por um cabelo — e causar efetivamente dano corporal.

No entanto, a Bruxa dos Bell parece ter sido mais maliciosa do que a maioria. Isso leva à especulação de que estas entidades podem não estar "autorizadas" a fazer danos reais; estão autorizadas a atormentar, mas não a danificar. Isto, admita-se, não explica nada; mas é certamente uma observação que saltou à vista de todos os que estudaram o *poltergeist*.

Após a morte de John Bell, a bruxa pareceu perder o interesse. Aparentemente, recusou-se a ajudar John Jr. a falar com o seu falecido pai, declarando que os mortos não podiam ser trazidos de volta; mas, numa ocasião, disse a John para ir à janela, num dia de neve, e fez aparecer pegadas na neve, as quais alegava serem idênticas às deixadas pelas botas do seu pai — John não se deu ao trabalho de testar esta alegação.

Em 1821, quatro anos após as perturbações terem começado (um período invulgarmente longo), a família estava sentada a jantar uma noite quando houve um ruído tremendo na chaminé — como se uma bala de canhão tivesse rolado por ela abaixo e entrado pela sala afora. Rebentou numa bola de fumo. A voz da bruxa chamou: "Vou-me embora e ficarei fora por sete anos — adeus a todos." E as perturbações cessaram.

Sete anos mais tarde, apenas Lucy Bell e dois dos seus filhos permaneciam na propriedade; os restantes, incluindo Betsy, tinham casado ou partido. Mais uma vez, as manifestações começaram do início, com ruídos de arranhões, seguidos pelos cobertores a serem arrancados da cama. Mas a família ignorou tudo isto e, após duas semanas, as manifestações cessaram. John Jr. afirmou que a bruxa lhe fez duas visitas na sua nova casa e prometeu regressar a um dos seus descendentes em cento e sete anos; mas 1935 passou sem que nenhum descendente direto da família Bell fosse "assombrado".

O caso da Bruxa de Bell foi plenamente documentado num livro escrito em 1846 por Richard Bell, que tinha sete anos quando a “bruxa” apareceu pela primeira vez, e foi mais tarde objecto de um livro completo por M. V. Ingram (1894). Nandor Fodor, que escreveu extensivamente sobre o poltergeist, discute-o em profundidade no seu livro *The Poltergeist Down the Centuries*. Além de estudante do paranormal, Fodor era também psiquiatra freudiano, e defendia a ideia de que o poltergeist tem origem sexual. Sem dúvida, está parcialmente correcto — o poltergeist parece actuar no seu auge quando consegue alimentar-se das energias de uma rapariga (ou, menos frequentemente, de um rapaz) que acabou de atingir a puberdade. Mas Fodor vai mais longe e sugere que a explicação da Bruxa de Bell reside numa agressão incestuosa cometida pelo pai de Betsy.

Isto teria levado Betsy a odiar o pai, e esse ódio reprimido teria encontrado expressão sob a forma de “psicocinese espontânea recorrente”. Ele acredita igualmente que John Bell sentia uma culpa profunda pelo alegado ataque, e cita uma ocasião em que Bell foi jantar com vizinhos chamados Dearden, permanecendo em silêncio toda a noite, parecendo deprimido e confuso; no dia seguinte voltou especialmente para explicar, dizendo que a língua lhe fora afetada como se a boca tivesse ficado cheia de fungos. Isto, afirma Fodor, representa provavelmente “agressão contra ela própria”.

Mas esta teoria dificilmente resiste a um exame atento. Como vimos, os poltergeists deleitam-se frequentemente em embaraçar as pessoas, revelando em público os seus segredos mais íntimos — no caso da Bruxa de Bell, acelerou a ruptura entre Betsy e Joshua ao expô-los com revelações pessoais. Assim, é difícil perceber porque não teria declarado publicamente que John Bell cometera — ou tentara cometer — incesto com Betsy.

Mesmo que o tivesse afirmado, estaríamos justificados em tratar a acusação com cautela: os poltergeists não são conhecidos pela sua veracidade. O facto de não o ter dito pesa fortemente contra a teoria do incesto. Quanto à ideia de que as agressões inconscientes de Betsy provocaram as perturbações, isso não explica porque a própria Betsy foi — inicialmente — tão maltratada. Também não explica como a bruxa conseguiu regressar quando Betsy já tinha saído de casa e casado.

Mais interessantes são as especulações de Fodor acerca da natureza do poltergeist. Ele pensa que a sua negação de qualquer comunicação com os mortos prova que não era o espírito de uma pessoa falecida. Inclina-se para a ideia de que a bruxa era "um fragmento de uma personalidade viva que se libertou de algum modo misterioso das limitações tridimensionais da mente da personalidade principal". Por outras palavras, os poltergeists seriam explicáveis como fragmentos de uma "personalidade dividida". Mas isto deixa-nos exatamente onde estávamos antes — na ignorância total acerca de como a personalidade dividida realiza os seus feitos paranormais.

A verdade é que esta explicação — baseada no inconsciente — parecia muito mais convincente nos anos 1930 do que hoje, quando Freud já não é considerado infalível. Além disso, simplesmente não corresponde aos factos do "assombramento". Por outro lado, as ideias de Kardec ajustam-se-lhes perfeitamente. Segundo *O Livro dos Espíritos*, apenas uma pequena proporção dos espíritos envolvidos em casos de poltergeist pertence a pessoas mortas — existem muitos outros tipos.

Além disso, parece claro que, no caso da Bruxa de Bell, não havia apenas um espírito, mas vários. Assim, a explicação de Kardec seria a de que os fenómenos na casa dos Bell foram obra de um grupo de espíritos turbulentos e travessos, ou "elementais", sem inteligência particular — o equivalente sobrenatural a uma jaula cheia de macacos. Uma casa com nove crianças, muitas delas adolescentes, forneceria abundante energia necessária aos poltergeists para realizarem as suas diabruras. Devemos

supor que a família Bell não era particularmente feliz — esta dedução resulta do facto de não haver registo de um assombramento poltergeist numa família feliz. Sem dúvida, John Bell era um típico "patriarca" do século XIX, ditatorial e mal-humorado; e numa quinta isolada numa região rural remota, haveria certamente abundantes razões para tensão e frustração familiares.

Quanto ao motivo pelo qual a bruxa detestava tanto John Bell, a razão poderá residir num acontecimento ocorrido muito cedo no caso. Antes de se ouvirem os primeiros ruídos de arranhões, John Bell viu um dia uma estranha criatura semelhante a um cão sentada entre duas fileiras de milho, e disparou sobre ela. A "bruxa" declarou em várias ocasiões que podia assumir a forma de um animal.

Os poltergeists não gostam de agressões dirigidas contra eles próprios, e se o estranho animal era a bruxa, então tinha motivos para ressentimento em relação a John Bell. Além disso, ele era o chefe da casa, o "tirano". Se a bruxa era capaz de demonstrar generosidade e afeto para com vários membros da família — Lucy, Betsy, o jovem John — então ela (ou eles?) também detestaria o *paterfamilias* autoritário. Isto é, indiscutivelmente, especulação; mas ajusta-se melhor do que as conjecturas freudianas de Fodor.

Trinta anos depois da Bruxa de Bell, ocorreu em Stratford, Connecticut, um caso que parece demonstrar para além de qualquer dúvida as insuficiências das teorias freudianas de Fodor.

O ministro protestante de Stratford, o reverendo Eliakim Phelps, casara com uma viúva com quatro filhos. Interessava-se por clarividência e tentava tratar doenças através do mesmerismo. Ficou compreensivelmente entusiasmado com as notícias dos estranhos acontecimentos na casa da família Fox em 1849. E em Março de 1850, quando recebeu um visitante de Nova Iorque, ambos organizaram uma espécie de sessão espírita amadora, que não foi particularmente bem-sucedida, embora tenham conseguido obter algumas pancadas.

Poucos dias depois, no domingo, 10 de Março, a família regressou da igreja para encontrar a porta da frente escancarada e a casa em desordem. A primeira suposição foi a de que tinham sido roubados; mas a inspeção mostrou que nada tinha sido levado, e um relógio de ouro deixado sobre

uma mesa permanecia intacto. Nessa tarde, a família voltou à igreja, mas desta vez o reverendo Phelps ficou em casa para vigiar. Talvez tivesse adormecido; em todo o caso, nada o perturbou. Mas quando a família regressou da igreja, a casa mostrava novamente sinais de intrusão.

A mobília estava espalhada e, no quarto principal, uma camisa de dormir e uma combinação tinham sido colocadas sobre a cama, com os braços cruzados sobre o peito, e um par de meias disposto de modo a parecer um cadáver preparado para enterro. Noutra divisão, roupas e almofadas tinham sido usadas para formar diversos manequins, arranjados num quadro cénico, "em atitudes de extrema devoção, alguns com as testas quase a tocar no chão", com Bíblias abertas diante deles. Claramente, o poltergeist possuía um sentido de humor irónico.

A partir daí, o poltergeist passou a exibir o seu talento como criador de tableaux. O espantoso era a rapidez com que tudo era feito. Um observador, o doutor Webster, comentou que seriam precisas meia dúzia de mulheres durante várias horas para construir os "manequins" que o poltergeist realizava em poucos minutos. Uma figura era tão realista que o rapaz de três anos, ao entrar na sala, pensou que a mãe estava ajoelhada em oração e que lhe sussurrara: "Fica quieto..."

Que se tratava de um poltergeist tornou-se claro no dia seguinte, quando objetos começaram a voar pelo ar. Um balde voou escada abaixo, um guarda-chuva saltou pelo espaço, e colheres, pedaços de lata e chaves eram atirados de um lado para o outro. Um castiçal saltou da lareira e começou a bater violentamente no chão até se partir. Ouviam-se fortes pancadas como se alguém tentasse demolir a casa com um machado, acompanhadas de gritos estridentes.

O poltergeist provavelmente retirava a sua força do facto de haver dois "focos" na casa — Harry, de 12 anos, e Anna, de 16. Harry era perseguido pelo "espírito". Quando saiu de carruagem com o padrasto, vinte pedras foram lançadas para dentro do veículo. Numa ocasião foi arrebatado para o ar, de tal modo que a cabeça quase tocou no teto; foi atirado para um reservatório de água e amarrado e suspenso numa árvore. Diante de um clérigo visitante, as pernas das suas calças foram violentamente rasgadas desde a bainha até acima do joelho.

Depois disto, o poltergeist começou a partir vidro; destruiu setenta e um vidros de janelas e vários objetos de vidro. Outro dos seus truques favoritos consistia em escrever em folhas de papel; quando o reverendo Phelps virava costas à secretária, ouvia o raspar da pena, e encontrava escrito no papel: "Papel muito bonito e tinta muito bonita para o diabo." (Tipicamente, os poltergeists parecem não gostar de ser observados enquanto fazem coisas destas; esperam até ninguém estar a olhar.)

Phelps tentou comunicar com o "espírito" através de pancadas e descobriu que este respondia às suas perguntas. Parecia haver mais do que um espírito presente; mas o autor da maior parte das diabruras parecia ser um escriturário francês, que tratara de um acordo financeiro para a senhora Phelps e entretanto morrera; afirmava agora estar no inferno por a ter enganado. O marido investigou esta alegação e descobriu que existira uma pequena fraude; mas dificilmente fora tão grave quanto o "espírito" parecia acreditar. Noutra ocasião, as pancadas disseram a Phelps para colocar a mão debaixo da mesa; quando o fez, a sua mão foi agarrada por outra mão, quente e humana.

O conhecido médium Andrew Jackson Davis visitou a casa dos Phelps e apresentou uma teoria muito semelhante à da senhora Crowe. Disse que os fenómenos eram causados por "magnetismo" e "eletricidade": o magnetismo atraía os objetos para junto do rapaz e da rapariga, enquanto a eletricidade os fazia voar na direção oposta. Mas Davis — autor do célebre trabalho de "ditado espiritual" *The Principles of Nature* — concordava também que havia espíritos presentes; afirmava ter visto cinco deles.

O poltergeist — ou os poltergeists — tornou-se cada vez mais destrutivo. Pedaços de papel incendiavam-se espontaneamente, embora sempre em locais visíveis; por vezes, encontravam-se cinzas de papéis queimados dentro de gavetas. Todo o tipo de objetos era destruído — Phelps estimou que o poltergeist causara cerca de duzentos dólares em prejuízos. E o poltergeist também atacava a filha mais velha, Anna. Um repórter encontrava-se sentado com a mãe e a filha quando a rapariga gritou que alguém a beliscara; arregaçaram-lhe a manga e encontraram uma marca recente e severa no braço. Noutra ocasião ouviu-se um forte som de estalada e apareceu uma marca vermelha no rosto dela.

Em Outubro de 1851, mais de um ano depois do início das perturbações, a mãe e os filhos partiram para a Pensilvânia e permaneceram

lá até à primavera seguinte. O poltergeist não os seguiu e, quando regressaram a Stratford, nada mais aconteceu.

O que parece muito claro é que o assombramento poltergeist nunca teria ocorrido se o reverendo Phelps não tivesse cometido o erro de se envolver numa sessão espírita amadora. Presumivelmente, isto atraiu a atenção de alguns delinquentes juvenis do mundo espiritual, que descobriram haver dois excelentes médiuns na casa e passaram a aproveitar as suas energias. Quando a senhora Phelps levou as crianças consigo, o poltergeist ficou privado de energia e desapareceu. Aqui parece evidente que a explicação "freudiana" é simultaneamente desnecessária e irrelevante.

O caso Phelps foi descrito como "um dos mais espantosos dramas poltergeist de que há registo".[1] Na verdade, a maioria dos estudiosos do paranormal concordaria que essa distinção deveria caber ao caso que ficou conhecido como "o mistério de Amherst", ocorrido na Nova Escócia em 1878.

Um sapateiro chamado Daniel Teed vivia numa casa de dois andares com a esposa e os dois filhos, as duas irmãs solteiras da esposa, Jane e Esther Cox, com 22 e 18 anos respetivamente, o irmão da esposa, William, e o próprio irmão, John. (A casa devia estar terrivelmente sobrelotada.) Todos eram metodistas. Jane, a irmã mais velha, era bonita; Esther era baixa e algo corpulenta. Apesar disso, Esther tinha um namorado, um operário fabril local chamado Bob MacNeal.

No final de Agosto, Daniel Teed queixou-se de que alguém andava a ordenhar a vaca; Esther era suspeita, pois gostava invulgarmente de leite. Esther sofria de tensões nervosas e certa noite subiu da cave aos gritos, afirmando que um rato lhe passara sobre a perna.

Os seus problemas eram provavelmente de origem sexual, como parece revelar um sonho que teve nessa altura: centenas de touros negros com olhos azul-vivo e sangue a escorrer da boca tentavam entrar na casa, enquanto Esther trancava freneticamente as portas...

Na noite seguinte, Esther e Bob MacNeal saíram de carruagem. Bob, que tinha má reputação local, tentou persuadi-la a acompanhá-lo para o bosque, mas ela recusou. Ele puxou de uma arma e ordenou-lhe que descesse da charrete; parecia prestes a disparar quando o som de um

veículo em aproximação o distraiu. Saltou então para a charrete, regressou a grande velocidade, deixou Esther em casa e abandonou Amherst para sempre.

Esther chorou até adormecer e, durante os dias seguintes, manteve os olhos vermelhos.

No dia 4 de Setembro, numa noite húmida e enevoada, Jane ouviu Esther soluçar na cama. Depois Esther gritou que havia um rato na cama com ela. Procuraram-no, mas não encontraram nenhum rato. Na noite seguinte, ambas ouviram um ruído de farfalhar e começaram a procurar. Parecia vir de uma caixa de cartão contendo trabalhos de patchwork, pelo que Jane a colocou no meio do quarto, esperando que um rato saísse dali. Em vez disso, a caixa saltou no ar e caiu. Jane voltou a colocá-la de pé, e ela saltou novamente.

Daniel Teed entrou para ver o que se passava, empurrou a caixa para debaixo da cama e mandou-as dormir.

Na noite seguinte, Esther deitou-se cedo. Pouco depois de apagarem a luz, saltou da cama gritando: "Jane, estou a morrer." Jane acendeu o candeeiro e viu que o rosto de Esther estava vermelho-vivo e o cabelo eriçado. Daniel Teed entrou, acompanhado dos outros dois homens. Esther voltou para a cama, mas começou a gritar. O corpo parecia inchar como um balão. De repente, ouviu-se um estrondo semelhante a um trovão. Os homens correram pela casa à procura da causa, mas não encontraram nada. Quando regressaram, Esther voltara ao normal e dormia profundamente.

Dois dias depois, enquanto Esther se preparava para se deitar, começou novamente a sentir-se mal. Toda a roupa da cama voou para fora do leito, aterrando no canto oposto do quarto. Jane desmaiou. Esther começou outra vez a inchar. Os homens correram para o quarto e alguém recolocou os cobertores; estes voaram imediatamente de novo, e uma almofada atingiu John Teed na cabeça; ele abandonou a casa para nunca mais regressar. Novamente ouviram-se fortes explosões. Esther deixou de inchar e adormeceu.

No dia seguinte, um médico foi examinar Esther. Enquanto ela permanecia deitada, a almofada sob a sua cabeça inflou-se, como se estivesse a ser enchida de ar, depois esvaziou-se e tornou a encher-se. Ouviram-se pancadas por todo o quarto. As roupas da cama voaram.

Ouviu-se um ruído de arranhar sobre a cama de Esther e, enquanto todos observavam, viram palavras aparecer na parede. Diziam: “Esther, és minha para matar.”

Um pedaço de estuque desprendeu-se de outra parte da parede e voou pelo quarto até aos pés do médico. Depois, pancadas e estrondos continuaram durante as duas horas seguintes, enquanto Esther permanecia aterrorizada sobre a cama.

[1] Herbert Thurston, S.J., Ghosts and Poltergeists (1953).

No dia seguinte, Esther queixou-se de uma sensação “eléctrica” a percorrer-lhe o corpo. O médico deu-lhe morfina; instantaneamente ouviu-se uma série de estrondos e pancadas que pareciam subir até ao telhado.

Estas perturbações continuaram durante mais três semanas. Depois, certa noite, Esther caiu em transe, ficou rígida e contou o que acontecera com Bob MacNeal. Quando recuperou a consciência, admitiu que era verdade. Quando Jane afirmou que Bob devia ser responsável pelos problemas de Esther, fortes pancadas pareceram indicar que o “espírito” concordava inteiramente. Jane comentou que parecia compreender o que ela dizia, ao que se seguiram três pancadas distintas. O médico tentou fazer perguntas simples ao “espírito”, usando uma pancada para não, duas para “sem resposta” e três para sim. Mas as tentativas do médico para obter uma explicação revelaram-se um fracasso total.

Esther tornou-se objeto de controvérsia; a casa estava permanentemente cheia de visitantes. Quando um ministro protestante foi visitá-la, um balde de água fria sobre a mesa da cozinha começou a borbulhar como se estivesse a ferver.

Em Dezembro, Esther desenvolveu uma forte inflamação da garganta que evoluiu para difteria. Enquanto esteve doente, as manifestações cessaram. Depois partiu para convalescer. Quando regressou, as manifestações recomeçaram imediatamente. Esther disse ouvir uma voz que lhe dizia que a casa iria arder. Enquanto contava isto aos outros, um fósforo aceso caiu do ar sobre a cama, e os lençóis incendiaram-se.

Jane apagou rapidamente o fogo.

Mais fósforos acesos caíram pelo quarto, a maioria apagando-se logo. Os ruídos de pancadas recomeçaram mais tarde e, quando a família

perguntou ao "espírito" se a casa seria incendiada, este respondeu que não. Nesse exato momento começou a sair fumo debaixo da cama de Esther; descobriram então que um vestido se tinha de algum modo deslocado da porta do quarto e fora incendiado.

Três dias depois, a senhora Teed sentiu cheiro a fumo vindo da cave. Encontraram um barril de aparas de madeira a arder vigorosamente e tiveram dificuldade em extingui-lo.

Os habitantes da aldeia ficaram alarmados; se a casa dos Teed incendiasse, provavelmente metade da povoação arderia também. Sugeriram que Esther deveria ser enviada para outro lugar. Um vizinho chamado John White ofereceu-se para a acolher, desde que ela ajudasse nos trabalhos domésticos. Durante duas semanas tudo correu bem; depois, uma escova de esfregar saltou das mãos de Esther, voou até ao teto e caiu atingindo-a na cabeça.

White possuía um restaurante, e Esther começou a trabalhar lá. A porta do forno recusava-se a permanecer fechada e soltava-se das dobradiças. Objetos metálicos começaram a voar na direção de Esther como se ela fosse um íman, e um canivete de um rapaz fez-lhe sangrar as costas. Quando pregos de ferro eram colocados sobre o colo dela, aqueciam rapidamente até se tornarem impossíveis de tocar.

Tudo isto parecia reforçar a suspeita de que Esther estava de algum modo "eletrificada". Tentaram fazê-la usar um par especial de sapatos com solas de vidro; mas estes provocavam-lhe dores de cabeça e hemorragias nasais.

Quando a mobília começou a deslocar-se sozinha pelo restaurante, John White decidiu que estava na altura de Esther regressar a casa. Mais uma vez, ela deixou Amherst durante alguns meses; primeiro para ficar com um homem e a sua esposa em New Brunswick, depois para uma quinta a cerca de cinco quilómetros de Amherst. Contou a vários visitantes acerca das "vozes" que lhe falavam — vozes que afirmavam ser os espíritos responsáveis pelas travessuras. Um desses espíritos, "Bob Nickle", ameaçava-a com fogo e facadas.

Em Junho de 1879, um mágico de palco chamado Walter Hubbell mudou-se para a casa dos Teed como hóspede pagante; ouvira falar do "assombramento" e pensou que poderia servir de tema para um livro.

Poucos minutos após a chegada, deixou de ter qualquer dúvida de que aquilo não era fraude. O seu guarda-chuva atravessou o ar a voar; depois uma faca de trinchar aterrou aos seus pés; em seguida a sua mala foi "atirada", e uma cadeira disparou através da sala e embateu na sua com tanta força que quase o fez cair ao chão.

A partir daí, as cadeiras de todas as salas em que entrava executavam uma espécie de dança. Esther disse-lhe que ele não era popular junto dos espíritos. Sem se deixar intimidar, Hubbell tentou interrogá-los através de pancadas, e os espíritos conseguiram dizer-lhe o número gravado no seu relógio e as datas das moedas que trazia nos bolsos.

Mais tarde, Hubbell deitou-se num canapé e fechou os olhos; Esther entrou na sala e Hubbell espreitou-a cautelosamente, talvez esperando apanhá-la em fraude. Em vez disso, viu um grande pesa-papéis de vidro elevar-se no ar, atravessar a sala e ressaltar no braço do canapé.

Durante os dias seguintes, o poltergeist apresentou um espetáculo especial para Hubbell. Objetos flutuavam, ouviam-se ruídos estranhos — como madeira a ser serrada e pancadas num tanque de lavar roupa — e Esther foi atacada por "seis espíritos", que lhe espetaram nada menos do que trinta alfinetes. Pequenos incêndios deflagravam — num único dia houve quarenta e cinco — e o som de uma trombeta ecoava pela casa; mais tarde encontraram uma pequena trombeta de prata que ninguém jamais vira antes. Quando Esther foi visitar o ministro protestante local para rezar, "Bob Nickle" atacou-a violentamente no regresso, abrindo-lhe a cabeça com um osso e espetando-lhe um garfo no rosto.

Hubbell pensou ter descoberto uma forma de ganhar dinheiro. Alugou um salão e persuadiu Esther a apresentar um "espetáculo" para os habitantes de Amherst. Inevitavelmente, os espíritos recusaram-se a atuar e o público exigiu o dinheiro de volta.

Cansado das perturbações incessantes, Daniel Teed enviou Esther para casa de amigos prestáveis; Hubbell, que já possuía material suficiente para o seu livro, partiu para Saint John a fim de o escrever. O livro apareceu em devido tempo e teve várias edições.

Durante a estadia de Esther com os amigos, os espíritos deixaram-na em paz. Depois conseguiu trabalho numa quinta pertencente a pessoas chamadas Davidson. Os amigos dela descobriram que vários objetos

tinham desaparecido, sendo encontrados no celeiro dos Davidson. Esther foi suspeita de roubo, mas antes que o caso pudesse ser investigado o celeiro incendiou-se e ardeu até ao chão. Esther foi acusada de fogo posto e condenada a quatro meses de prisão. Depois disto, as manifestações cessaram subitamente.

Este fim abrupto do "assombramento" parece favorecer a ideia de que o próprio inconsciente de Esther era responsável. Na verdade, esta era a opinião que eu próprio defendia quando descrevi brevemente o caso num livro chamado *Mysteries*. Esther estava sexualmente frustrada e, se Bob MacNeal tivesse adotado uma forma mais cavalheiresca de a seduzir, não teria existido o "Grande Mistério de Amherst" (título do livro de Hubbell). Esther era um caso clássico de "eu dividido": uma parte dela desejava entregar-se ao amante, enquanto as inibições resultantes da sua educação e formação moral tornavam isso impossível. Assim, quando rejeitou os avanços dele e ele desapareceu na noite, o seu inconsciente disse-lhe, por assim dizer: "Agora vê o que fizeste, estúpida!", e começou a puni-la.

Quanto aos próprios efeitos, muitos encaixam na hipótese que sugeri: a de que a "energia" provém da terra. Quando Esther usava sapatos com solas de vidro, as manifestações cessavam, mas ela sofria de dores de cabeça e hemorragias nasais. A sensação de correntes elétricas é também altamente sugestiva. Houve dezenas de casos bem documentados de "baterias elétricas humanas". Mais uma vez, quase todos envolvem raparigas ou rapazes na puberdade.

Caroline Clare, de Bondon, Ontário, começou a perder peso aos dezassete anos (em 1877), desenvolvendo depois correntes elétricas tão poderosas que quem lhe tocava recebia choques violentos; peças metálicas aderiam-lhe ao corpo como se fosse um íman. Jennie Morgan, de Sedalia, Missouri, tornou-se uma bateria elétrica aos catorze anos; quando tocava em objetos metálicos, saltavam faíscas. Frank McKinistry, também do Missouri, acumulava carga elétrica durante a noite e perdia-a lentamente ao longo do dia.

Quando muito carregado, os pés pareciam colar-se ao chão, dificultando-lhe o andar — o que sugere novamente que a eletricidade provém da terra. (Bons radiestesistas sentem uma espécie de formigueiro quando tocam em menires.) O ministro protestante de Amherst, o reverendo Edwin Clay, estava convencido de que o segredo das

manifestações de Esther era a eletricidade, tendo inclusivamente proferido uma conferência sobre o assunto.

Mas como sabia o inconsciente de Esther o número do relógio de Hubbell e as datas das moedas no seu bolso — detalhes que provavelmente nem o próprio conhecia? Como conseguiu a mente dela escrever na parede, acima da sua cabeça: "Esther, és minha para matar"? Como conseguiu fazer soar uma trombeta por toda a casa? A verdade é que a teoria do inconsciente precisa de ser tão forçada que perde a principal virtude de uma boa teoria — a simplicidade.

Mas talvez o argumento mais forte contra a teoria do inconsciente seja simplesmente o facto de o tormento de Esther ter durado tanto tempo. Ler o caso em detalhe leva-nos a sentir que ninguém poderia zangar-se tanto consigo próprio ao ponto de continuar incessantemente durante mais de um ano. Podemos dizer: "Apetece-me dar pontapés em mim próprio" quando fazemos algo estúpido; mas ninguém alguma vez o fez literalmente.

A hipótese de fraude também não resiste a um exame atento. Se o livro de Hubbell fosse a única prova, poderíamos desconfiar, visto que ele foi a Amherst com a esperança de o escrever e acabou por ganhar muito dinheiro com nada menos do que dez edições. Mas existem relatos no *Amherst Gazette* que confirmam tudo o que Hubbell afirma. Além disso, em 1907, mais de um quarto de século após os acontecimentos, o investigador Hereward Carrington deslocou-se a Amherst e recolheu diversos depoimentos de pessoas que tinham testemunhado as manifestações.

Nessa altura, Esther encontrava-se infeliz no casamento e transformara-se numa mulher de meia-idade taciturna, que apenas aceitou falar com Carrington mediante o pagamento de 100 dólares; Carrington considerou que tal testemunho seria destituído de valor. Mas não podia haver dúvidas de que a maioria das pessoas envolvidas acreditava genuinamente na autenticidade das manifestações, incluindo o agricultor Davidson, cujo celeiro fora destruído — afirmava ter observado frequentemente Esther a descer as escadas e reparado que ela parecia voar ou flutuar.

(Na Idade Média, a levitação era um dos critérios usados para identificar possessão demoníaca.)

Mas esta questão da possessão demoníaca terá de ficar para um capítulo posterior.

O Cientista Investiga

O passo seguinte mais importante na história da investigação dos poltergeists foi dado por uma figura improvável: o professor Cesare Lombroso. Era um investigador improvável porque era conhecido em toda a Europa como cético radical e materialista. E isso devia-se ao facto de ter nascido — em 1835 — em Verona, então parte do Império Austro-Húngaro, profundamente católico romano. Como Lombroso era um judeu italiano, odiava naturalmente os austríacos e a sua religião.

A aversão intensificou-se após vários anos sob mestres jesuítas — sentia que tentavam empurrá-lo de volta para a Idade Média. Quando descobriu a ciência, entregou-se a ela com entusiasmo absoluto. A comparação pode parecer banal, mas neste caso transmite corretamente a intensidade da sua paixão. Quando Lombroso chegou aos 30 anos, Garibaldi libertara Itália do domínio sufocante da Áustria — e do catolicismo romano — permitindo-lhe proclamar o seu materialismo sem receio de acabar na prisão. O próprio Lombroso desempenhara um pequeno papel na libertação da Itália, servindo no exército como cirurgião.

Quando se tornou professor de Psiquiatria em Pavia e diretor de um asilo psiquiátrico em Pesaro, lançou-se na tentativa de provar que a insanidade era uma doença puramente física — tinha inevitavelmente de acreditar nisso, pois, como bom materialista, não acreditava sequer na existência da mente. Passou anos a estudar cérebros de loucos e a tingir cuidadosamente fibras nervosas, tentando descobrir o "germe" da insanidade — sem sucesso. Depois soube que o fisiologista alemão Verchow descobrira certas características "atavísticas" nos crânios dos criminosos — isto é, que conservavam algo do homem das cavernas. Era a pista que procurava. Procedeu então a um estudo cuidadoso dos reclusos da prisão local e, aos 41 anos, anunciou ao mundo a sua descoberta de que o criminoso é um retrocesso aos nossos ancestrais pré-históricos, uma espécie de símio humano. Em outras palavras, um homem nascido com tais tendências não pode evitar cometer crimes, tal como um aleijado de nascença não pode evitar coxear.

O livro *Criminal Man* (*L'Uomo Delinquente*) tornou-o famoso em toda a Europa. Naturalmente, ofendeu profundamente a Igreja Católica, que sempre sustentara que a maldade é uma questão de escolha; mas também perturbou psicólogos, que gostavam de acreditar que o homem possui pelo menos um átomo de livre-arbítrio.

Contudo, apesar da reputação de materialista agressivo, Lombroso era demasiado bom cientista para recusar estudar novos factos. E em 1882 encontrou um caso que o deixou perplexo.

Uma rapariga adolescente desenvolvera aparentemente poderes muito peculiares — embora a história parecesse demasiado absurda para ser levada a sério. Segundo os pais, conseguia ver através da orelha e cheirar através do queixo. Quando Lombroso a foi examinar, esperava encontrar uma fraude ridícula.

Era uma rapariga alta e magra de 14 anos, e os problemas tinham começado quando começou a menstruar. Tornara-se sonâmbula e desenvolvera cegueira histérica. Contudo, conseguia ainda ver através da ponta do nariz e da orelha esquerda. Lombroso tentou vendar-lhe os olhos e depois retirou uma carta do bolso, segurando-a a poucos centímetros do nariz dela; a rapariga leu-a como se não estivesse vendada. Para garantir que ela não espreitava por baixo da venda, Lombroso aproximou outra folha da sua orelha esquerda; novamente ela leu-a em voz alta sem dificuldade. E mesmo sem a venda não teria conseguido ler uma carta colocada ao lado da cabeça.

Em seguida, tentou aproximar do nariz dela um frasco contendo sais aromáticos muito fortes; não produziu o menor efeito. Mas quando o aproximou do queixo, ela estremeceu e arquejou. Tentou então substâncias com apenas um ligeiro vestígio de odor — substâncias que ele próprio não conseguia cheirar se as mantivesse a cinco centímetros do nariz. Quando colocadas sob o queixo da rapariga, ela identificava todas sem falhar.

Se ainda restavam dúvidas, desapareceram nas semanas seguintes, quando o olfato dela pareceu transferir-se para a parte de trás do pé. Se odores desagradáveis eram aproximados do calcanhar, contorcia-se em agonia; odores agradáveis levavam-na a suspirar de prazer.

Mas isto não era tudo. A rapariga desenvolveu também o poder da previsão. Conseguia prever com semanas de antecedência exatamente

quando sofreria crises e de que modo poderiam ser curadas. Lombroso, naturalmente, não aceitou isto como verdadeira previsão, uma vez que ela poderia estar a provocar as crises — consciente ou inconscientemente — para fazer coincidir os acontecimentos com as previsões. Mas depois começou a prever coisas que aconteceriam a outros membros da família; e tudo sucedia precisamente como ela anunciara.

Nos jornais médicos, Lombroso encontrou muitos casos semelhantes. Uma rapariga que desenvolvera sintomas histéricos na puberdade conseguia distinguir cores com as mãos. Outra, de onze anos, que sofrera uma ferida nas costas, conseguia ouvir através do cotovelo. Outra adolescente podia ler um livro com o estômago quando tinha os olhos vendados. Outra mulher histérica desenvolveu "olhos de raio X" e afirmava conseguir ver vermes nos intestinos — contou-os, dizendo que eram trinta e três; mais tarde expeliu exatamente esse número de vermes. Um jovem sofrendo de histeria conseguia ler pensamentos e reproduzir desenhos e palavras escritos numa folha de papel quando tinha os olhos firmemente vendados.

Lombroso podia ser um materialista convicto; mas estava disposto a estudar os factos. E os factos conduziram-no a regiões de especulação cada vez mais estranhas. Para começar, desenvolveu uma teoria simples e engenhosa das faculdades humanas, observando que a visão, a audição, o olfato e o tato atuam todos através dos nervos e que, se uma dessas faculdades ficar paralisada, não existe razão científica para que outra não possa assumir a sua função.

Quando assistiu a uma sessão espírita com a célebre médium Eusapia Palladino e viu uma mesa elevar-se no ar, limitou-se a ampliar a teoria, argumentando que não havia motivo para que uma "força psicológica" não pudesse transformar-se em "força motora". Mas quando começou a estudar outros casos de previsão e "segunda visão", teve de admitir que se tornava cada vez mais difícil manter as explicações dentro dos limites da ciência materialista.

Havia o caso de uma mulher que se recusou a permanecer num teatro porque subitamente teve a convicção de que o pai estava a morrer; regressou a casa e encontrou um telegrama confirmando-o. Um médico que sofria de sintomas histéricos previu o grande incêndio da Exposição de Como, em 1894, e persuadiu a família a vender as ações que possuíam

numa companhia de seguros contra incêndios que teria de pagar as indemnizações; quando o incêndio ocorreu, a família congratulou-se por ter seguido o conselho. Outra mulher, cuja filha brincava junto de uma linha férrea, ouviu uma voz avisando-a de que a criança corria perigo; chamou-a para dentro de casa meia hora antes de um comboio descarrilar e atravessar o exato local onde a menina estivera a brincar.

Lentamente, e com dolorosa relutância, o cientista cético converteu-se à ideia de que o mundo era muito mais complexo do que as suas teorias permitiam. Os colegas ficaram indignados. O seu biógrafo e tradutor, Hans Kurella, concluiu que tudo aquilo era uma lamentável aberração causada pela decadência das suas faculdades — argumento difícil de sustentar, já que Lombroso tinha apenas quarenta e sete anos quando começou a interessar-se por estes assuntos, vivendo ainda mais de vinte e cinco anos.

Kurella só consegue referir as "Pesquisas Espiritualistas de Lombroso" num breve posfácio à sua biografia, e os comentários são mordazes. Falando de Eusapia Palladino, cujas sessões frequentara, concordava que ela era de facto um "milagre" — "um milagre de destreza, falsa bonomia, franqueza simulada, ingenuidade e domínio artístico de todos os sintomas da histero-epilepsia". O que pode muito bem ser verdade, mas continua sem explicar como conseguia fazer uma mesa elevar-se no ar enquanto Lombroso e outros cientistas lhe seguravam as mãos e os pés.

Lombroso lutou corajosamente para permanecer dentro dos limites da ciência; concebeu toda a espécie de engenhosos instrumentos destinados a testar médiuns durante sessões espíritas. Mas, pouco a pouco, viu-se sugado para esse mundo ambíguo e crepuscular do "paranormal".

Depois de estudar médiuns na sociedade civilizada, voltou a atenção para feiticeiros tribais e xamãs, descobrindo que produziam os mesmos fenómenos. Mas insistiam sempre em afirmar que o faziam com a ajuda do "mundo dos espíritos" — o mundo dos mortos. E quanto mais investigava, mais convincente isso lhe parecia.

Finalmente, voltou a atenção para o tema que todo o bom cientista costuma rejeitar como superstição de velhas: as casas assombradas. Também aqui a experiência pessoal rapidamente o convenceu da sua realidade.

O caso mais célebre dizia respeito a uma taberna de vinhos na Via Bava, em Turim. Em Novembro de 1900, ouviu rumores interessantes sobre um fantasma destrutivo que tornava a vida muito difícil à família do proprietário, um senhor Fumero. Garrafas partiam-se, mesas e cadeiras dançavam, utensílios de cozinha voavam pela sala. Lombroso dirigiu-se então à taberna e perguntou ao proprietário se havia alguma verdade nessas histórias. De facto havia, respondeu Fumero, mas as perturbações tinham entretanto cessado. O professor Lombroso visitara a casa, e o fantasma desaparecera. "O senhor interessa-me imenso", respondeu Lombroso. "Permita-me apresentar-me." E entregou-lhe o cartão de visita.

Fumero ficou profundamente embaraçado e admitiu que a história sobre Lombroso era uma invenção destinada a afastar curiosos. A polícia italiana fora chamada e testemunhara as estranhas perturbações, avisando o senhor Fumero de que, caso aquilo não cessasse imediatamente, poderia vir a ter sérios problemas. Assim, inventara a história de que o famoso professor Lombroso visitara a casa e o fantasma partira.

Na realidade, admitiu o proprietário, o fantasma permanecia tão activo como antes; e, se o professor desejasse ver com os próprios olhos, bastava descer à cave.

Debaixo da casa havia uma profunda adega, acessível através de uma escada e de um longo corredor. O proprietário conduziu-o. A adega encontrava-se mergulhada na escuridão; mas, assim que entraram, ouviu-se o som de vidro a partir-se e algumas garrafas atingiram o pé de Lombroso. À luz de uma vela surgiram fileiras de prateleiras carregadas de garrafas de vinho. E, enquanto Lombroso observava, três garrafas vazias começaram a girar pelo chão, acabando por se despedaçar contra a perna de uma mesa colocada ao centro da adega. No chão, sob as prateleiras, encontravam-se restos de garrafas partidas e vinho derramado.

Lombroso aproximou a vela das prateleiras e examinou-as atentamente para verificar se poderiam existir fios invisíveis responsáveis pelo movimento. Não havia nenhum; mas, enquanto observava, meia dúzia de garrafas ergueram-se suavemente das prateleiras, como se mãos invisíveis as levantassem, e explodiram no chão. Finalmente, ao saírem da adega e fecharem a porta atrás de si, ouviram outra garrafa partir-se.

A adega não era o único local da casa onde tais fenómenos ocorriam. Cadeiras e pratos voavam pela cozinha. No quarto dos criados, uma máquina de moer em latão atravessou a divisão com tal violência que ficou achatada; Lombroso examinou-a com espanto. A força necessária para deformá-la teria sido considerável; se tivesse atingido alguém na cabeça, tê-lo-ia certamente matado. O estranho era que o fantasma parecia não querer ferir ninguém. Numa ocasião, enquanto o proprietário se inclinava na adega, uma grande garrafa de vinho explodiu ao lado da sua cabeça; se o tivesse atingido, tê-lo-ia ferido gravemente. Além disso, a "entidade" parecia possuir o poder de fazer explodir garrafas sem as deixar cair. Ouvia-se um som seco e estaladiço; depois a garrafa desfazia-se em estilhaços.

Lombroso sabia já o suficiente acerca de assombrações para compreender que aquele não era um fantasma comum. O fantasma vulgar permanece numa casa durante muitos anos, talvez séculos, manifestando-se a muitas pessoas. Mas este fantasma destruidor de garrafas pertencia ao tipo a que os alemães chamam *poltergeist* — ou espírito ruidoso. Tais "assombrações" duram normalmente pouco tempo — raramente mais de seis meses — e parecem frequentemente associadas a um "médium", isto é, a uma pessoa específica que as "provoca", exatamente do mesmo modo que Eusapia Palladino fazia elevar mesas no ar.

Neste caso, Lombroso suspeitou da esposa do senhor Fumero, uma mulher magra de cinquenta anos que lhe pareceu claramente neurótica. Ela admitiu que desde a infância sofria de nevralgias, tremores nervosos e alucinações; fora também submetida a uma operação para remoção dos ovários. Desde o caso da rapariga que via através da orelha, Lombroso observara que estas pessoas com poderes peculiares pareciam possuir grande instabilidade nervosa. Aconselhou então o senhor Fumero a enviar a esposa de férias.

Ela regressou à sua terra natal durante três dias e, nesse período, a taberna desfrutou de uma paz absoluta — embora a senhora Fumero sofresse de alucinações durante a ausência, acreditando ver pessoas invisíveis para todos os outros.

Parecia que Lombroso encontrara a solução correta.

Mas não era assim tão simples. Quando a senhora Fumero regressou, todas as perturbações recomeçaram; para ter a certeza absoluta, Lombroso sugeriu novamente que ela partisse por alguns dias. A pobre mulher ficou compreensivelmente irritada por ser afastada da própria casa por causa dos espíritos; e antes de partir lançou-lhes vigorosas maldições. Isso pareceu irritá-los, porque desta vez as perturbações continuaram mesmo na sua ausência.

No dia em que partiu, um par dos seus sapatos saiu flutuando do quarto, desceu as escadas e aterrou aos pés de alguns clientes que bebiam no bar. No dia seguinte, os sapatos desapareceram completamente, reaparecendo uma semana depois debaixo da cama. Pior ainda, pratos e garrafas na cozinha explodiam ou caíam ao chão. Mas o senhor Fumero reparou num facto interessante: apenas se partiam os pratos e garrafas tocados pela esposa. Se outra mulher pusesse a mesa — preferencialmente noutro local — nada acontecia. Era quase como se os objetos tocados por ela absorvessem algum tipo de energia...

Assim, a esposa regressou da terra natal, e as perturbações continuaram como antes. Uma garrafa de água gaseificada elevou-se suavemente no bar, atravessou a sala como se alguém a transportasse e despedaçou-se no chão.

Parecia então que a senhora Fumero não era culpada; pelo menos, não inteiramente. Então quem seria? Havia apenas três outros suspeitos.

O senhor Fumero podia ser excluído — era um "velho soldado corajoso", nada dado a histerias. Havia um chefe de mesa, aparentemente um italiano comum e típico. Mas existia também um jovem empregado — um rapaz de treze anos, invulgarmente alto...

Lombroso poderá ter recordado que a rapariga que via através da orelha também era invulgarmente alta, tendo crescido cerca de quinze centímetros num ano imediatamente antes do início dos problemas. Este rapaz também acabara de atingir a puberdade.

Consequentemente, foi despedido.

E o "assombramento" do número 6 da Via Bava cessou imediatamente.

Como cientista, o problema de Lombroso consistia em encontrar uma explicação que abrangesse os factos. Numa fase relativamente precoce, convenceu-se de que eram efetivamente factos, e não delírios. Em 1891 escreveu a um amigo:

"Sinto vergonha e tristeza por ter contestado com tanta obstinação a possibilidade dos chamados factos espiritualistas. Digo factos, porque me inclino a rejeitar a teoria espiritualista; mas os factos existem e, no que respeita aos factos, orgulho-me de afirmar que sou seu escravo."

Por "teoria espiritualista" referia-se à crença na vida após a morte. Nessa fase, inclinava-se para a ideia de estar perante algum tipo de força puramente mental.

Os estudos de hipnotismo convenceram-no da realidade da transmissão de pensamento (ou telepatia), levando-o a sugerir algo surpreendente: que o próprio pensamento poderia fazer objetos voar pelo ar.

"Nada vejo de inadmissível na suposição de que, em pessoas histéricas e hipnotizadas, a estimulação de certos centros, que se tornam poderosos devido à paralisia de todos os outros, e que assim dão origem a uma transposição e transmissão de forças psíquicas, possa igualmente resultar numa transformação em força luminosa ou motora."

Comparava isso à ação de um íman desviando a agulha de uma bússola.

Mas dez anos depois reconheceu que a teoria não abrangia "os factos". Poderia talvez adaptar-se ao caso do poltergeist da taberna de vinhos, se o jovem empregado fosse um médium "inconsciente" utilizando os seus "poderes magnéticos" sem o saber. Porém, nessa altura, Lombroso já estudara muitos casos de casas assombradas. E concluiu que existem essencialmente dois tipos: aqueles como o da Via Bava, em que existe um "médium" (e que normalmente duram apenas semanas ou meses), e a assombração tradicional, capaz de persistir durante séculos.

Lombroso aparentemente nunca teve oportunidade de estudar diretamente este segundo tipo, mas dedicou-se a recolher testemunhos de pessoas que considerava fiáveis. Quando ouviu falar de Glenlee, uma casa assombrada na Escócia, pediu a um amigo chamado professor Scott Elliott

que investigasse. Elliott foi falar com uma jovem que vivera na casa e enviou a Lombroso a seguinte história:

Glenlee pertencia à família Maxwell e dizia-se ser assombrada pelo fantasma de uma senhora que envenenara o marido. Uma visitante chamada senhora Stamford Raffles estava deitada na cama ao lado do marido quando viu — à luz da lareira — uma nuvem de névoa que gradualmente assumiu a forma de uma velha mulher. O quarto tornou-se gelidamente frio.

A velha parecia estar a olhar para o relógio sobre a lareira. Outra visitante, a senhora Robert Gladstone, teve a mesma experiência — mas durante o dia, com o sol a brilhar: a mesma nuvem de névoa, a mesma velha mulher olhando para o relógio.

Como as histórias citadas por Lombroso são indiretas e carecem do tipo de detalhe preciso encontrado no caso da taberna de vinhos, permitam-me apresentar aqui um caso de assombração que oferece melhor comparação. Pode ser encontrado no *Ghost Book* de Lord Halifax.

Na década de 1890, o reverendo Sabine Baring-Gould publicou na *Cornhill Magazine* uma "história verdadeira de fantasmas" sobre uma casa em Lille. Uma senhora Pennyman, que estivera envolvida no caso, escreveu uma longa carta corrigindo as imprecisões do relato de Baring-Gould. A sua versão é a seguinte:

Em 1865, quando ainda era rapariga, a família da senhora Pennyman deslocou-se a França para que as crianças aprendessem francês, alugando uma casa em Lille, onde tinham várias apresentações sociais. A renda da casa — situada na Place du Lion d'Or — pareceu-lhes extraordinariamente baixa. Quando foram ao banco descontar uma carta de crédito, descobriram a razão. A casa tinha reputação de possuir um *revenant* — um fantasma.

Na verdade, a jovem e a mãe já tinham sido despertadas por passos vindos do andar de cima, mas presumiram tratar-se de um criado a circular pela casa. Depois da visita ao banco perguntaram quem dormia acima delas, sendo informadas de que se tratava de um sótão vazio.

A criada depressa ouviu a história do *revenant* através dos empregados franceses. Um jovem herdeiro da casa desaparecera em circunstâncias misteriosas. Segundo a narrativa, o tio mantivera-o prisioneiro numa gaiola de ferro no sótão e acabara por matá-lo. O tio

vendera depois a casa, mas esta nunca permanecera ocupada durante muito tempo por causa do fantasma.

A família foi inspecionar o sótão e descobriu efetivamente uma gaiola. Tinha cerca de dois metros e meio de altura e pouco mais de um metro de largura, estando presa à parede. No interior havia uma coleira de ferro ligada a uma corrente enferrujada.

Dez dias mais tarde, a criada perguntou se podia mudar de quarto. Ela e outra criada dormiam numa divisão situada entre a escada principal e a escada traseira, possuindo portanto duas portas. Tinham visto um homem alto e magro atravessar o quarto e esconderam-se debaixo dos cobertores. A mãe ordenou então que as criadas se instalassem noutra divisão.

Pouco depois, a jovem e o irmão subiram para ir buscar algo ao quarto da mãe e viram "uma figura magra, vestida com uma bata de toucador e com o cabelo caído pelas costas", subindo as escadas diante deles. Pensaram tratar-se de uma criada chamada Hannah e gritaram-lhe: "Não nos assustas." Mas quando regressaram junto da mãe, esta informou-os de que Hannah se deitara com dores de cabeça; verificaram e encontraram-na profundamente adormecida. Quando descreveram a figura, as criadas disseram que era exatamente aquela que tinham visto.

Outro irmão regressou da universidade para passar alguns dias em casa. Foi acordado por um ruído e, ao abrir a porta, viu um homem nas escadas. Supôs que a mãe enviara um criado para verificar se apagara a vela e irritou-se com isso. A mãe garantiu-lhe que não enviara ninguém.

Nessa altura, a família já encontrara outra casa. Uns amigos ingleses chamados Atkyns visitaram-nos poucos dias antes da mudança e mostraram-se interessados em ouvir falar do fantasma. A senhora Atkyns ofereceu-se para dormir no quarto acompanhada pelo cão. Na manhã seguinte parecia cansada e perturbada. Também ela vira o homem vagueando pelo quarto. O cão parece ter-se recusado a atacá-lo.

Pouco antes de abandonarem definitivamente a casa, a própria jovem viu o fantasma. Nessa altura estavam tão habituados aos passos que já os ignoravam; contudo mantinham uma vela acesa no quarto. Ela acordou e viu uma figura alta e magra, usando uma longa veste, com o braço apoiado sobre uma cómoda. Conseguiu ver claramente o rosto, o de um jovem com

expressão melancólica. Quando olhou novamente, ele desaparecera. A porta do quarto estava trancada.

Esta foi a história narrada pela senhora Pennyman. Lord Halifax enviou-a ao reverendo Baring-Gould, que mais tarde lhe remeteu uma carta recebida de uma leitora do relato publicado na *Cornhill Magazine*. Segundo essa carta, a casa assombrada fora transformada em hotel na década de 1880. A leitora — uma senhora — descrevia como ela e duas amigas se hospedaram no Hôtel du Lion d'Or em Maio de 1887, sendo evidente que um dos quartos que lhes atribuíram era o mesmo em que as duas criadas tinham visto o fantasma.

A senhora dormia no quarto contíguo e instalou-se depois do jantar a escrever cartas. O hotel estava muito silencioso — aparentemente eram as únicas hóspedes — mas perto da meia-noite ouviu passos no patamar diante da porta. Depois, uma das amigas do quarto ao lado — ligado ao seu por uma porta interior — bateu à porta perguntando se estava tudo bem; tinha sido acordada por passos que iam e vinham no corredor. As duas destrancaram a porta e espreitaram para o patamar; não havia ninguém nem qualquer ruído. Voltaram então para a cama. Enquanto adormecia, a senhora continuou a ouvir os passos lentos e arrastados que pareciam vir do lado de fora da porta.

Partiram de Lille na manhã seguinte e ela não voltou a pensar no episódio até ler o relato de Baring-Gould na *Cornhill* e perceber que provavelmente ouvira o fantasma da Place du Lion d'Or.

Histórias deste tipo despertam inevitavelmente suspeitas na mente do investigador científico; parecem ligeiramente dramáticas em excesso para serem verdadeiras — o jovem encerrado numa gaiola de ferro, e assim por diante. Contudo, desde a fundação da *Society for Psychical Research* em 1882, milhares de casos bem documentados foram registados. *Apparitions and Haunted Houses*, de sir Ernest Bennett, por exemplo, contém mais de uma centena de casos cuidadosamente documentados, muitos deles com esse mesmo tom dramaticamente suspeito que sugere imaginação excessiva.

O caso número cinco serve de ilustração: um general Barter, do condado de Cork, descreve ter visto o fantasma de um certo tenente B na Índia — montado num pónei à luz da lua, acompanhado por dois criados

hindus. Quando o general exclamou: "Olá, que diabo queres?", o fantasma parou e olhou para ele; o general reparou então que agora usava barba e tinha o rosto mais gordo do que quando o conhecera anos antes. Outro oficial que conhecera o tenente B imediatamente antes da morte confirmou posteriormente que ele deixara crescer a barba e engordara, e que o pónei que montava fora comprado em Peshawar (onde morrera de doença) e morto devido a cavalgadas imprudentes.

Sem dúvida parece uma história altamente improvável. Contudo, é confirmada por escrito por um oficial a quem o general relatou imediatamente o sucedido, pela esposa do general e por um major. A esposa acrescenta ainda que ouviam frequentemente um cavalo a galopar desenfreadamente em torno da casa durante a noite, observando que a casa fora construída pelo tenente B. Finalmente, o próprio Bennett confirmou junto do Ministério da Guerra que o tenente B morrera efetivamente em Peshawar em Janeiro de 1854. Assim, embora apenas o general Barter tenha visto o fantasma, as provas da veracidade do relato parecem sólidas.

Outros fantasmas mencionados por Bennett foram testemunhados por várias pessoas — por exemplo, o fantasma de um limpa-chaminés que morrera de cancro e regressava todas as noites à cabana durante dois meses, até que toda a família (incluindo cinco crianças) passou a encará-lo como algo perfeitamente normal.

Vale a pena notar que quase todos os fantasmas mencionados nos registos da *Society for Psychical Research* se apresentam como seres humanos sólidos e vulgares; por isso parece provável que muitas pessoas tenham visto fantasmas em algum momento sem se aperceberem disso. O falecido T. C. Lethbridge descreveu no livro *Ghost and Ghoul* como, quando estava prestes a sair do quarto de um amigo em Cambridge, em 1922, viu entrar um homem de cartola — presumiu tratar-se de um contínuo universitário trazendo alguma mensagem. No dia seguinte perguntou ao amigo o que o contínuo queria, e este negou categoricamente que alguém tivesse entrado no quarto quando Lethbridge saíra. Só então Lethbridge percebeu que o homem vestia traje de caça. Se não tivesse mencionado o assunto ao amigo, jamais saberia que vira um fantasma.

Lombroso, que morreu em 1909, abandonou gradualmente o ceticismo e passou a aceitar a "hipótese espiritualista" — isto é, que os fantasmas são simplesmente espíritos dos mortos e que o mesmo provavelmente se aplica

aos poltergeists, embora estes apenas consigam manifestar-se na presença de um "médium".

O título do livro sobre as suas investigações — publicado postumamente — era *After Death — What?* ("Depois da Morte — O Quê?"), uma pergunta que vinte anos antes lhe teria parecido lamentavelmente sensacionalista.

Por outras palavras, Lombroso não estabelecia distinção clara entre poltergeists e "aparições". Mas mesmo em 1909 essa suposição teria sido amplamente contestada. Uma das conclusões mais evidentes que emergiram dos milhares de casos registados pela *Society for Psychical Research* era que a maioria dos fantasmas não parece notar a presença dos observadores. (Neste aspeto, o caso do general Barter constituía uma exceção.) Na realidade, comportam-se exatamente como uma espécie de projeção cinematográfica. Atravessam uma sala com expressão ansiosa — como o fantasma do Lion d'Or — como se estivessem a reviver algum acontecimento do passado.

Isto levou vários investigadores eminentes — entre eles sir Oliver Lodge — a sugerirem que alguns fantasmas poderão não passar de uma espécie de "gravação". Em *Man and the Universe*, Lodge escreve:

"Por vezes, uma pessoa parece capaz de responder a estímulos incorporados [...] em ambientes psicofísicos de um modo atualmente mal compreendido e quase inacreditável: como se emoções fortes pudessem ser inconscientemente registadas na matéria [itálico do autor], de forma a que esse depósito venha posteriormente a afetar um organismo suficientemente sensível e provoque emoções semelhantes no seu subconsciente, de modo análogo à interpretação consciente habitual de registos fotográficos ou fonográficos — e, na verdade, de quadros, música e manifestações artísticas em geral."

"Tomemos, por exemplo, uma casa assombrada [...] em que determinado quarto é palco de uma representação fantasmagórica de uma tragédia ocorrida há muito. Segundo uma hipótese psicométrica, a tragédia original foi literalmente fotografada no ambiente material circundante — e até no próprio éter — devido à intensidade emocional sentida pelos participantes; daí em diante, certas pessoas experimentam um efeito alucinatório correspondente a essa impressão. É esta teoria que procura

explicar a sensação que por vezes sentimos ao entrar em certos quartos, como se uma presença estranha ali existisse, embora invisível e inaudível aos sentidos mortais..."

Mas porque razão esse "efeito alucinatório" se produz apenas em certas pessoas? Porque não em toda a gente? A resposta encontra-se na expressão "hipótese psicométrica". Lodge refere-se à teoria de Buchanan e Denton examinada no Capítulo 3. E, naturalmente, apenas certas pessoas conseguem segurar um objeto nas mãos e "ver" a sua história. Da mesma forma, segundo Lodge, apenas certas pessoas conseguem ver a "gravação magnética" conhecida como fantasma.

Meio século depois de Lodge, T. C. Lethbridge — conservador de antiguidades anglo-saxónicas em Cambridge — chegou à teoria "psicométrica" através das próprias observações. Quando viu o "fantasma" do homem em traje de caça, inclinou-se inicialmente para a hipótese de se tratar de uma imagem puramente mental, talvez "captada" da mente de outra pessoa. Talvez o caçador tivesse sido antigo ocupante daqueles aposentos e estivesse sentado em casa, numa poltrona, a beber whisky enquanto recordava nostalgicamente os tempos passados em Cambridge; e talvez, de algum modo, a imagem se tivesse transferido para a mente de Lethbridge...

Também o intrigou uma experiência posterior. Uma mulher que vivia perto da sua casa em Devon — reputada feiticeira — morrera em circunstâncias misteriosas sugerindo homicídio. Lethbridge e a esposa tinham ambos sentido uma atmosfera estranhamente "maligna" em torno da cabana dela logo após a morte. Além disso, conseguia entrar e sair dessa sensação como se terminasse abruptamente. Seria aquilo algum tipo de campo, análogo a um campo magnético?

Lethbridge era um excelente radiestesista — um descobridor de água subterrânea — e essa experiência levou-o a especular que certos lugares podem "registar" emoções intensas, e que pessoas capazes de praticar radiestesia têm maior probabilidade de "captar" esses registos do que as restantes. Em outras palavras, um radiestesista teria maior probabilidade de ver fantasmas do que a maioria das pessoas.

Lethbridge desenvolveu a teoria dos fantasmas em diversos livros escritos durante os últimos dez anos da vida (morreu em 1972).[1] Trata-se

de uma extensão natural e lógica da "psicometria" de Buchanan e da teoria das "gravações" de Lodge. Mas Lethbridge procurou igualmente dar-lhe uma base mais científica, sugerindo que o responsável pela "gravação" é uma espécie de campo magnético associado à água.

O princípio lembra muito o de um gravador magnético, em que um campo magnético imprime sons numa fita de óxido de ferro. Segundo a teoria de Lethbridge, o campo magnético da água regista emoções e imprime-as no ambiente — no caso da "velha feiticeira", nas paredes húmidas da cabana.

Tudo isto ajuda a compreender porque a teoria de Lombroso acerca das casas assombradas parecia "não científica" a muitos investigadores contemporâneos. A "hipótese psicométrica" parece explicar a maioria das assombrações. Por exemplo, o fantasma do jovem da Place du Lion d'Or não demonstrava qualquer consciência da presença das pessoas que o viam, exatamente o que esperaríamos se um fantasma fosse algum tipo de "filme" ou registo de um acontecimento distante no passado.

[1] Referência a várias obras tardias de T. C. Lethbridge sobre fantasmas e fenómenos paranormais.

Playfair perguntou a Janet se ela conseguia entortar uma colher como Uri Geller.
Ele desviou o olhar por um momento, enquanto a Sr.ª Harper lhe dirigia a palavra,
quando olhou de novo, a colher estava entortada a meio — estava no centro da mesa. Janet disse que sentira uma súbita dor de cabeça enquanto a colher se entortava.

Em dezembro de 1977, o poltergeist começou a fazer barulhos — assobios e sons de latidos. Maurice Grosse decidiu tentar pedir-lhe que falasse.
«Diz o meu nome, Maurice Grosse.» Saiu da sala, e uma voz estranha disse: «Maurice... O… Grosse pediu-lhe que dissesse o seu próprio nome. «Joe Watson.» Quando Guy Playfair perguntou: «Sabes que estás morto?» a voz disse com raiva: «Cala-
te!» E a pedidos posteriores para que se fosse embora, respondeu: «Fode-te.» Joe parecia ser incapaz de uma conversa educada. Quando outra

investigadora, Anita Gregory, lhe fez perguntas, foi informada para se pôr a andar.

Os investigadores perguntaram-se se Janet poderia estar a simular esta voz, embora isso parecesse improvável; era um rosnado masculino, e tinha uma qualidade estranha, como se fosse produzida eletronicamente. (Tenho uma das gravações em cassete de Guy Playfair com a voz, e lembra-me vivamente de um disco que tenho de um cérebro eletrónico a cantar "Daisy, Daisy".) A voz não falava se os investigadores estivessem na sala. Mas as suas tentativas foram recompensadas com frases longas.

A voz identificou-se agora como Bill, e disse que tinha um cão chamado Gober o 'Fantasma. Perguntada porque não parava de abanar a cama de Janet, respondeu: "Eu estava a dormir aqui." "Então porque não paras de a abanar?" "Tirar a Janet dali." Rose perguntou: "Porque usas linguagem obscena?" "Vai-te foder tu", respondeu Bill. E quando Janet perguntou porque brincava com eles, respondeu: "Gosto de chatear-vos." "Donde vens?" "Do cemitério." Chegou mesmo a nomear o cemitério — Durant's Park, que fica na zona.

Por sugestão de Guy Playfair, Rose perguntou porque não ia embora. "Não acredito nisso." "Porquê? O que é que há de tão diferente em estar lá em cima?" perguntou Rose, e recebeu a resposta melancólica: "Não sou homem do céu." Continuou, de forma entrecortada: "J sou Bill Haylock e venho do Durant's Park e tenho 72 anos e vim aqui para ver a minha família mas eles já não estão aqui." Na cassete, as palavras saem uma a uma, como se o falante estivesse tão ofegante que só consegue dizer uma de cada vez. (A voz é tão obviamente a de um homem velho que a ideia de Janet a produzir por ventriloquismo é absurda.) A pergunta seguinte de Rose é interrompida por um acesso de fúria: "Sua puta velha do caralho, cala-te. Quero música jazz. Agora vai buscar-me alguma, senão fico doido."

O filho de Maurice Grosse, Richard, visitou a casa e conseguiu manter uma longa conversa com a voz. Quando lhe perguntou o que tinha feito com trinta pences que tinham desaparecido, disse que tinha escondido o dinheiro no rádio — que foi onde foi encontrado. Perguntado como tinha morrido, "Bill" respondeu que ficou cego e teve uma hemorragia — adormeceu e morreu numa cadeira, no rés-do-chão.

Richard Grosse descobriu que, se olhasse para o rosto de Janet enquanto a voz falava, esta parava. Se pensasse em olhar, a voz também parava, como se lesse os seus pensamentos.

Outro investigador chamado David Robertson não teve dificuldade em fazer a voz falar, embora a principal coisa que ela queria discutir fosse os períodos das raparigas. Depois, pediu-se ao fantasma que levitasse Janet, e que depois desenhasse uma linha à volta da luz no teto.

Robertson saiu para fora, e ouviu Janet a ser saltitada na cama. De repente, houve um suspiro e silêncio. Tentou abrir a porta e descobriu que estava encravada. Quando se abriu novamente, Janet estava na cama e havia uma linha vermelha à volta da luz. Janet afirmou que tinha flutuado através da parede, para o quarto da casa ao lado — pertencente a Peggy Nottingham (que estava com David Robertson na altura). Descreveu-o como "todo branco" — uma descrição bastante exata do papel de parede claro. Peggy pediu-lhe que tentasse fazer outra vez, e foi para a casa ao lado ver o que acontecia. Janet não estava lá. Mas no chão estava o livro *Fun and Games for Children*, que estivera na prateleira da lareira no quarto de Janet minutos antes.

Robertson entregou uma almofada de plástico vermelha a Janet e disse: "Vê o que consegues fazer com isto." "Está bem, David boy", disse a entidade invisível — que parecia gostar de Robertson — "T' farei desaparecer." Robertson saiu do quarto, e houve um grito de Janet. Quando voltou, a almofada tinha desaparecido; a janela estava bem fechada. Mas uma vizinha que passava pela casa naquele momento viu subitamente uma almofada vermelha aparecer no telhado. Outra vizinha testemunhou mais tarde que também vira a almofada quando passou. E, olhando para a janela do quarto de Janet, vira livros e almofadas a bater no vidro, e Janet a elevar-se no ar — na horizontal — e a descer novamente, como se estivesse a saltar num trampolim. "Ela estava definitivamente deitada na horizontal, a subir e descer." Guy Playfair tentou saltitar na cama de Janet e descobriu que, por mais que saltasse, era impossível elevar-se no ar.

Playfair ficou impressionado com o comentário de Janet de que, quando flutuara através da parede para o quarto de Peggy, estava "todo branco" e não havia cores. Chegou à conclusão de que o que acontecera era que Janet tivera uma experiência "fora do corpo" — outros viajantes astrais

observaram a falta de cor durante as "EFCs". Mas isto não explica como é que o livro também atravessou a parede.

Haveria, perguntou-se Playfair neste momento, algo mais que o poltergeist pudesse fazer para demonstrar a sua versatilidade? Na verdade, ele passou a produzir toda uma variedade de novos fenómenos. Tornou-se bastante mais violento com Janet, tentando sufocá-la com as cortinas, e fazendo com que uma faca a seguisse pelo ar. (A voz afirmou que isto era obra de outra entidade chamada Tommy.) Produziu uma bolacha do nada e meteu-a na boca de Janet.

Espalhou manteiga e queijo numa fatia de pão. (Quando Guy Playfair tentou tocar-lhe, a voz rouca disse: "Deixa isso.") Espalhou excrementos pelo local. Começou a provocar incêndios em gavetas fechadas — incêndios que, felizmente, se extinguiam sozinhos. Produziu alguns cheiros horríveis, como de couves podres. Após uma visita do médium Matthew Manning, começou a escrever mensagens obscenas nas paredes da cozinha. Quando os dois peixes vermelhos de estimação morreram, a "voz" afirmou que os tinha eletrocutado acidentalmente (o que, se for verdade, parece confirmar que os poltergeists usam alguma forma de energia elétrica).

Um médium chamado Gerry Sherrick disse aos Harper que todos tinham estado juntos numa existência anterior, e que as raparigas se tinham envolvido em bruxaria. Também lhes disse que sentia que uma velha desagradável estava ligada ao "assombramento", e que ela vivera perto do mercado de Spitalfields. Houvera algum cheiro como legumes podres? Depois disto, entrou em transe, e a voz de uma velha anunciou: "Eu venho aqui quando me apetece... não estou é fodidamente morta, e não vou embora." Sherrick realizou "cura psíquica" na família — para curar as "fugas" que estavam a causar o problema. Após a sua visita, a casa de Enfield ficou calma durante várias semanas, tal como acontecera após as duas visitas anteriores de médiuns.

O caso começava a transformar-se em algo mais parecido com um assombramento normal. A Sr.ª Harper viu a aparição de um par de pernas com calças azuis a subir as escadas, e também viu uma criança. As crianças continuaram a ver homens velhos. Uma vizinha que tomou conta da casa quando os Harper foram à praia viu um homem de mangas de camisa sentado à mesa. Outra vizinha bateu à porta da frente, e através da janela viu Maurice Grosse no hall, e depois viu-o subir as escadas. Quando

finalmente a deixaram entrar, descobriu que Maurice Grosse estivera na parte superior da casa durante a meia hora anterior. O poltergeist estava a imitá-lo.

Em meados de 1978, Janet foi internada no Hospital Maudsley para observação e testes. Playfair esperava que os distúrbios em Enfield cessassem enquanto ela estivesse fora; na verdade, continuaram, embora em menor escala. E Janet afirmou que vários pequenos incidentes de poltergeist lhe aconteceram enquanto esteve no hospital. Mas o período de Janet no Maudsley — que a tornou mais saudável e mais forte — foi o princípio do fim do caso de Enfield.

O assombramento parece ter sido trazido a termo por uma clarividente holandesa chamada Dono Gmelig-Meyling, que foi levada à casa por um jornalista holandês que queria estudar o caso.
O dia antes da sua primeira visita fora atribulado — mobília tombada, batidas, passos, sons de respiração e excrementos espalhados no chão. Dono passou algum tempo na casa, e depois regressou ao seu hotel. Lá, contou mais tarde a Playfair, fez uma "viagem astral", e encontrou uma rapariga de 24 anos que estava de alguma forma envolvida com o caso. Este foi um novo e interessante desenvolvimento. Mais tarde, Dono encontrou Maurice Grosse, e teve novamente a forte sensação de que ele estava de alguma forma ligado ao assombramento — e não apenas como investigador.

Quando Grosse mencionou que a sua própria filha morrera num acidente de mota dois anos antes — teria 24 anos se ainda estivesse viva — Dono disse: "Então é isso. É a sua filha..." Não havia qualquer sugestão de que ela fosse responsável por qualquer atividade do poltergeist, apenas que estava de alguma forma ligada. No capítulo final do seu relato do caso de Enfield, *This House is Haunted*, Playfair tenta reunir as suas especulações sobre os distúrbios. A sua sugestão é que a filha de Maurice Grosse — cujo nome também era Janet — estava envolvida indiretamente. Foi ela quem chamara a atenção do seu pai para o caso. Janet morrera após um acidente de mota em 1976, e Grosse ficara impressionado com uma série de acontecimentos estranhos e coincidências.

Um cartão de aniversário que ela enviara ao irmão pouco antes do acidente mostrava alguém com a cabeça enfaixada, e uma inscrição sobre "cair em cima dela". Janet morrera de ferimentos na cabeça. Grosse

perguntou-se se Janet estaria de alguma forma ainda viva, e pensou que um sinal adequado seria alguma chuva — havia uma seca há meses. Na manhã seguinte, o telhado da cozinha por baixo da janela do quarto de Janet estava molhado, embora tudo o resto estivesse seco. Foi devido à morte de Janet que Grosse pensara em dedicar-se ativamente à pesquisa psíquica, e o seu primeiro caso fora o assombramento de Enfield.

Playfair especula que foi Janet quem de alguma forma colocara na cabeça da vizinha a ideia de ligar para o *Daily Mirror*, e quem colocara na cabeça do jornalista a ideia de ligar para a SPR. Assim, o seu pai envolveu-se na investigação de um caso que girava em torno de outra Janet. (Kardec afirma que os espíritos muitas vezes influenciam os nossos pensamentos.) Quanto a como surgiu o assombramento por poltergeist em primeiro lugar, a especulação de Playfair é a seguinte:

"Quando o Sr. e a Sr.ª Harper se divorciaram, criou-se uma atmosfera de tensão entre as crianças e a sua mãe, justamente na altura em que as duas raparigas se aproximavam da maturidade física. Eram um par muito enérgico desde o início, ambas campeãs escolares de desporto, mas nem elas conseguiam gastar a tremenda energia que estavam a gerar. Então, várias entidades entraram e aproveitaram-se dela."

Quanto à identidade das "entidades": "Parece que tivemos metade do cemitério local numa altura ou noutra." Estas incluíam Joe Watson, marido da mulher que morrera de cancro na garganta, e Bill Haylock, mais tarde identificado como um antigo residente local. Poderiam ter sido uma dúzia de entidades no total, e foram capazes de retirar energia de praticamente todos na casa. (A Sr.ª Harper sentia dores de cabeça premonitórias antes de as coisas acontecerem, e enquanto Janet estava no hospital, o filho mais novo, Jimmy, começou a ter transes.)

A clarividente holandesa Dono Gmelig-Meyling afirmou com segurança que seria capaz de pôr fim ao assombramento (através de algum tipo de intervenção "no plano astral"), e é um facto que as suas visitas marcaram o fim do caso de Enfield.

E porque razão invadiram tantas entidades a residência dos Harper? A resposta, acredita Playfair, pode ser fornecida por Kardec, que afirma que muitos mortos não têm consciência de que estão mortos. Em *The Flying Cow* cita o interessante caso Ruytemberg Rocha em apoio desta visão. Em

novembro de 1961, um grupo espírita em S4o Paulo encontrou-se a ouvir uma voz — através do médium — que se identificou como Ruytemberg Rocha, um aluno do segundo ano da Escola de Oficiais da Polícia do Estado de SAo Paulo. A voz deu pormenores sobre a sua família e data de nascimento, e acrescentou que estava ferido por estilhaços na revolução em 1932. Quando o Dr. Carvalho — responsável pela sessão — disse que estávamos em 1961, o espírito ficou espantado, e disse que isso era impossível. Carvalho assegurou-lhe que ele estava morto, e que — fariam tudo o que pudessem para o ajudar.

Foi um caso excelente para verificação, uma vez que o espírito dera tantos pormenores sobre si e a sua família. Uma pequena pesquisa revelou que tudo correspondia — a família, a escola de oficiais, a batalha em que morrera. Uma pequena discrepância foi que Rocha fora morto por uma bala na cabeça, enquanto o espírito falava apenas de um ferimento de estilhaço no peito. Mas uma bala no cérebro poderia ter estimulado a região do peito, dando-lhe a impressão de que fora ali que fora ferido. Segundo Kardec, o estado de confusão ocorre sobretudo em casos de morte súbita, e pode durar desde horas a anos. No caso de Enfield, vimos como a "entidade" ficou furiosa quando Playfair declarou que ela estava morta, e como a velha rabugenta afirmou: "Não estou é fodidamente morta."

No entanto, como é habitual nos casos de poltergeist, é praticamente impossível chegar à verdade. Os próprios espíritos raramente parecem ter qualquer interesse pela verdade. No presente caso, existem sugestões intrigantes sobre um homem chamado Gozer ou Gober que praticava magia negra, e sobre o envolvimento de Janet e Rose em bruxaria numa existência anterior. Houve um antigo residente da casa chamado Joe Watson, que de facto morreu na casa tal como descrito
pela voz grave de Janet, e cuja esposa morreu de cancro na garganta, e houve um antigo vizinho chamado Bill Haylock. Tudo o que acrescenta pelo menos uma aparência de lógica e razão a um dos casos de poltergeist mais bem autenticados de que há registo.

Talvez a última palavra deva caber a um médium — e comissário de polícia — chamado Dr. Rafael Ranieri, citado por Playfair em *The Flying Cow*:

"Um médium é uma porta aberta para o mundo invisível. O que passa por essa porta depende em grande medida da personalidade do médium, e é totalmente errado supor que o mundo espiritual consiste inteiramente em seres angelicais dedicados ao nosso bem-estar. Existem muitos espíritos maus por aí, e também outros que parecem não ter nada melhor para fazer do que brincar e divertir-se à nossa custa com truques de salão tão elementares como levantar mesas e atirar objetos pela sala. Este parece ser o nível de espírito que se encontra mais frequentemente em algumas das sessões amplamente divulgadas, e aqueles que acham as comunicações espirituais triviais, como muitas o são, devem culpar os médiuns, não os espíritos."

Se Janet e outros membros da família Harper são médiuns inconscientes, talvez não seja surpreendente que as entidades que utilizam as suas energias pertençam a um nível bastante baixo da hierarquia espiritual.

10.
O Poder da Bruxa

O MAIS INESPERADO bestseller de 1926 foi um livro chamado *The History of Witchcraft and Demonology* pelo Rev. Montague Summers. Publicado por Routledge and Kegan Paul como parte da sua História da Civilização, era uma obra obviamente séria, cheia de citações em latim, longas notas de rodapé e uma bibliografia abrangente. O que surpreendeu os críticos foi que o autor acreditava claramente em cada palavra que escrevia sobre a "enorme maldade" das bruxas, feiticeiros e adoradores do diabo. H. G. Wells ficou tão indignado com o livro que lançou um ataque vituperativo contra ele no *Sunday Express*. O *Times*, igualmente desaprovador, contentou-se com o comentário de que "quanto mais o Sr. Summers dá provas de capacidade geral, de erudição e de vasta leitura, mais se aprofunda a suspeita de que está em curso uma mistificação e de que ele se está a divertir à nossa custa".

Foi uma partida? Ou uma tentativa cínica de alcançar um *succés de scandale*? Aparentemente, nenhuma das duas. O Rev. Montague Summers era um respeitável estudioso católico, editor de vários dramaturgos da Restauração, e fundador de uma sociedade teatral chamada Phoenix, que reviveu peças da Restauração no palco londrino. É verdade que o seu nome não se encontrava nas listas de clero quer da Igreja Católica Romana quer da Igreja de Inglaterra; mas isto não era — como dizia o boato — porque ele era um padre destituído; na verdade, fora ordenado Diácono da Igreja de Inglaterra em 1908, um ano antes de se converter ao catolicismo romano. Também é verdade que ele permitia que as pessoas presumissem que ele era um sacerdote católico romano, e costumava dizer Missa no seu próprio oratório privado, apesar de ter sido rejeitado como candidato ao sacerdócio pelos seus superiores. O entusiasmo com que relata pormenores sexuais dos ritos satânicos — embora a maioria deles esteja decentemente envolta em latim — pode sugerir porque razão os seus superiores o tinham achado inadequado. Apesar destas fraquezas, Summers era um genuíno estudioso. E as opiniões que expressava eram as opiniões defendidas pela Igreja Católica Romana no seu tempo — como ainda são.

Qual é a verdade sobre a bruxaria?

Entre 1275 e 1692, milhares de homens e mulheres foram torturados e queimados vivos na Europa, acusados de adorar o Diabo e de ter relações com espíritos e demónios.
A primeira vítima conhecida foi uma mulher de 60 anos chamada Angéle de la Barthe, que foi acusada de ter tido relações sexuais com um demónio e de ter dado à luz um monstro. Esta criatura tinha de ser alimentada com a carne de bebés mortos, por isso — segundo a acusação — Angéle assassinou crianças ou desenterrou os seus cadáveres de cemitérios. Julgada perante o Inquisidor Hugues de Baniols em Toulouse, foi condenada a ser queimada viva.

É natural sentirmos indignação perante tamanha desumanidade chocante, e concluir que as provas contra Angéle equivaliam à mais grosseira superstição. No entanto, o último capítulo sugere outra possibilidade. Se os mágicos da umbanda no Brasil são capazes de 'usar' espíritos para causar travessuras — até para destruir casas — como podemos ter a certeza de que pelo menos algumas das bruxas da Idade Média não eram culpadas das acusações?

Antes de tentarmos responder a essa pergunta, olhemos brevemente para a história da "mania da bruxaria".

A primeira coisa que temos de compreender é que as bruxas são tão antigas como a história, e que não eram velhas sinistras que se entregavam à magia negra, mas sim sacerdotisas cuja função era ajudar os caçadores da tribo na sua procura de caça e, mais tarde, garantir uma boa colheita. (Chamamos xamãs às bruxas do sexo masculino.) Eram servas da deusa lua, conhecida no Egito como Ísis, na Grécia como Selene, e em Roma como Diana. As primeiras bruxas eram belas — encantadoras, como a Circe de Homero, que transformava homens em porcos, ou a Samaetha de Teócrito, que realiza uma cerimónia mágica para
trazer de volta o seu amante infiel. Foi apenas em anos posteriores que a imagem da bruxa mudou para a horrível velha que desenterra cadáveres ou levanta os espíritos dos mortos — como a Bruxa de Endor na Bíblia. No geral, as bruxas eram consideradas membros úteis — embora bastante assustadores — da sociedade.

Então porque diz a Bíblia: "Não deixarás viver uma bruxa"? Porque, à medida que a antiga religião da Natureza desaparecia, para ser substituída por religiões como o Judaísmo e o Cristianismo, a bruxa era vista com crescente desagrado e suspeita. Ela era um resquício do passado sombrio da humanidade, e todos queriam esquecê-la.

Foi outra invenção cristã, o Diabo, que tornou a bruxa um objeto de terror supersticioso. O Satanás do Antigo Testamento — como no Livro de Jó — era um *satanás*, palavra hebraica que significa um adversário ou obstruidor — por outras palavras, uma espécie de demónio, mas não o Príncipe das Trevas. O Diabo cristão pode ser rastreado até São Paulo, que inventou a ideia de que Jesus morrera para salvar o homem do pecado de Adão (uma afirmação que o próprio Jesus nunca fez), e que Adão caiu porque Eva foi tentada pelo Diabo sob a forma de uma serpente. (Não há qualquer sugestão no Antigo Testamento de que a serpente fosse outra coisa senão uma cobra comum.) Nas mãos dos primeiros Padres da Igreja, o Cristianismo tornou-se uma religião sombria, obcecada pelo pecado e pelo mal — e, claro, pelo Diabo. Quando o Imperador Constantino tornou o Cristianismo a religião oficial do Império Romano em 313 d.C., os cristãos começaram imediatamente a torturar e queimar uns aos outros — com o objetivo de erradicar a "heresia". Mas à medida que a Igreja se tornava cada

vez mais bem-sucedida, tornava-se também — inevitavelmente — cada vez mais corrupta.

Os reformadores que sentiam que a Igreja estava a ficar demasiado gorda e autoindulgente tornaram-se agora o Inimigo, servos do Diabo. Os Cátaros, por exemplo (o nome significa "puros"), queriam respiritualizar o Cristianismo. A Igreja de Roma declarou-lhes uma cruzada em 1208, e milhares de Cátaros foram massacrados em França, particularmente na área de Toulouse (onde 20 000 foram queimados ou mortos à espada). Os poucos sobreviventes retiraram-se para aldeias montanhosas remotas, onde continuaram a praticar a sua religião. Eram conhecidos por vários nomes (Albigenses, Valdenses, Bogomilos), mas, tanto quanto a Igreja estava preocupada, eram todos adoradores do Diabo. Passaram a ser conhecidos como "bruxas". E Angéle de la Barthe, que já conhecemos, foi acusada de ser uma delas. Foi julgada — e queimada — por heresia, não por bruxaria.

Um século após o massacre dos Cátaros, a bruxaria — ou melhor, a magia negra — foi novamente usada como desculpa para cometer assassínio em larga escala. As vítimas desta vez foram uma ordem de cavaleiros chamada Cavaleiros Templários. Foram fundados na Terra Santa após a Primeira Cruzada — em 1118 — para proteger os peregrinos cristãos que tentavam chegar a Jerusalém, e tornaram-se imensamente ricos. Em 1303, tinham sido expulsos da Terra Santa e refugiaram-se em Chipre, mas grandes números viviam em França. O Rei Filipe IV de França — conhecido como o Belo — pedia-lhes dinheiro emprestado com frequência e sonhava em lançar as mãos sobre a sua riqueza. A desculpa que escolheu foi acusá-los de adoração do Diabo e homossexualidade. Ao amanhecer de 13 de outubro de 1307, as autoridades investiram contra os Templários em toda a França e prenderam-nos. No seu julgamento, foi dito aos juízes que, para se tornar Templário, um homem tinha de se tornar sodomita e beijar a boca, o umbigo e o ânus do seu padrinho; tinham também de jurar lealdade ao demónio Baphomet. Sob torturas horríveis, muitos confessaram. Em 1310, 54 foram queimados vivos — todos recusando confessar.

Jacques de Molay, o Grão-Mestre da ordem, foi um dos que confessou e foi condenado a prisão perpétua, mas quando exposto em público para repetir a sua confissão perante a população, declarou que fora forçado a confessar sob tortura e que a ordem era inocente. Foi queimado vivo numa

fogueira lenta. As suas últimas palavras foram para convocar o rei e o papa a encontrar-se com ele perante o trono de Deus dentro de um ano; na verdade, ambos morreram dentro desse período.

A perseguição das bruxas começou lentamente. Passou mais de um século após a morte de Angéle de la Barthe até que uma mulher foi julgada pela primeira vez como bruxa — isto é, por magia negra em vez de heresia. O seu nome era Jehanne de Brigue, e o interessante neste caso é que ela provavelmente era uma bruxa. Em 1390, foi acusada em Paris por um homem chamado Jehane de Ruilly, que se convencera de que tinha sido "enfeitiçado" pela sua ex-amante Gilete, que lhe tinha dado dois filhos.

Os seus feitiços tinham-no levado perto da morte, mas Jehanne de Brigue salvara-o fazendo uma figura de cera de Gilete e amamentando dois sapos (isto é, colocando as suas bocas abertas sobre os seus mamilos). Não é claro por que razão Ruilly decidiu acusá-la de bruxaria quando ela lhe salvara a vida. Jehanne negou inicialmente ser bruxa, mas, após três meses na prisão, admitiu que aprendera bruxaria com a sua tia e que realizava as suas feitiçarias com a ajuda de um demónio chamado Haussibut.

Foi condenada à morte, mas recebeu um adiamento temporário porque estava grávida. Decidiu recorrer ao Parlamento de Paris, mas isso revelou-se um erro, pois o Parlamento sugeriu que deveria ser submetida a tortura. Perante isto, Jehanne confessou que todo o assunto fora inspirado pela mulher de Ruilly, Macette, para se vingar dele por a ter espancado; Jehanne preparara um "filtro" para o envenenar, e também fizera uma imagem de cera.

Macette foi presa e torturada até confessar; depois ambas as mulheres foram queimadas vivas.

A nossa inclinação natural é acreditar que foram vítimas da superstição medieval. E, de facto, não há provas reais contra Macette. Mas Jeanne já estivera presa em Meaux como bruxa antes da sua prisão em Paris. Parece haver pouca dúvida de que ela acreditava que era uma bruxa e acreditava que realizava a sua magia com a ajuda de um demónio.

A primeira "epidemia" de bruxaria ocorreu setenta anos depois em Arras, no norte de França, e rapidamente chegou ao fim porque o senso comum prevaleceu — uma mulher débil mental chamada Deniselle Grenoieres foi queimada viva, juntamente com quatro cúmplices que

nomeara sob tortura; mas o Arcebispo de Reims declarou que tudo aquilo era uma ilusão, e o Parlamento de Paris ordenou a libertação de mais suspeitos em 1460. Mas esta tendência para considerar a bruxaria uma ilusão preocupou o Papa Inocêncio, e em 1484 ele emitiu uma bula papal denunciando a bruxaria.

Mas as perseguições por bruxaria que causaram tanta miséria durante os dois séculos seguintes foram na verdade causadas por uma invenção que mais tarde causaria à Igreja inúmeros problemas: a imprensa (inventada por Gutenberg por volta de 1449). Pois em 1486 surgiu uma obra diretamente inspirada pelo papa obcecado por bruxas, o *Malleus Maleficarum*, ou *Martelo das Bruxas*, de Jacob Sprenger e Heinrich Kramer. A sua descrição das peripécias sexuais das bruxas explica, sem dúvida, a sua grande popularidade — descrevia como as bruxas têm relações com demónios (ou *incubi*), e como os bruxos do sexo masculino desfrutam de demónios femininos, ou *succubi* — mas foi a invenção da imprensa que o transformou num bestseller em muitas línguas. Para a Igreja, a imprensa foi uma bênção duvidosa, uma vez que permitiu que as pessoas lessem a Bíblia por si mesmas — e assim minou a autoridade dos padres — e permitiu que as denúncias de Martinho Lutero contra Roma (afixadas na porta da igreja em Wittenberg em 1517) fossem lidas por toda a Europa...

Mesmo assim, as perseguições começaram lentamente. Em Toulouse (o antigo centro da heresia cátara), 40 bruxas foram queimadas em 1557. Seis anos depois, a Inglaterra aprovou uma lei contra a bruxaria sob a Rainha Isabel. E em 1566, e novamente em 1582 e 1587, houve julgamentos de bruxaria em Chelmsford, em Essex, resultando os dois primeiros em duas execuções por enforcamento, e o terceiro em quatro.

Mas nessa altura, na Alemanha, a grande mania da bruxaria estava já bem encaminhada. Em Tréveris, cinco mulheres foram queimadas como bruxas em 1572, mas isto foi apenas um prelúdio para os julgamentos que começaram em 1582. Nessa altura, a colheita fora fraca durante vários anos, e as bruxas foram culpadas. (Tais problemas parecem muitas vezes causar perseguições de bruxas: cem anos depois, Massachusetts estava a ter todo o tipo de problemas políticos quando o "pânico das bruxas" de Salem ajudou a libertar o sentimento de opressão e desamparo.) Entre 1587 e 1594, 306 pessoas foram acusadas de ser bruxas, e envolveram outras 6 000 pessoas nas suas confissões como cúmplices. Na sua *História de*

Tréveris, Johan Linden, cónego da catedral, observa: "Dificilmente algum dos que foram acusados escapou ao castigo". Dietrich Flade, Vice-Governador de Tréveris e Reitor da universidade, opôs-se, argumentando que muitos dos julgamentos eram ilegais, e foi ele próprio acusado como bruxo e queimado.

Franz Buirmann foi um equivalente alemão do "caçador de bruxas" inglês Matthew Hopkins; mas houve muitos como ele, e a sua carreira só sobreviveu porque Hermann Loher, um oficial judicial humanitário que foi forçado a fugir para a Holanda, escreveu sobre o seu conhecimento pessoal de Buirmann num livro publicado muitos anos depois. Loher vivia em Rheinbach, perto de Bona, uma aldeia tranquila que tinha pouco crime. Buirmann, descrito como um "homem astuto de baixo nascimento", fora nomeado juiz itinerante e caçador de bruxas pelo Arcebispo de Colónia; podia reclamar a propriedade daqueles que condenava como bruxas e, como consequência, tornou-se abastado. Em 1631 e 1636, fez duas visitas a Rheinbach e a duas aldeias vizinhas, e queimou 150 pessoas num total de 300 agregados familiares. Em perseguições posteriores em Siegburg, mais tarde no mesmo ano, Buirmann chegou a mandar queimar o próprio carrasco como bruxo.

As perseguições alemãs de bruxas ocorreram principalmente em cidades que permaneceram católicas (como Tréveris). Outras dessas áreas foram Estrasburgo, Breslávia, Fulda, Würzburg e Bamberga. Würzburg e Bamberga eram governadas por primos, um dos quais queimou 900 pessoas, o outro 600. Em Bamberga, a queima de bruxas começou por volta de 1609, sob o Bispo von Aschhausen, que em treze anos queimou 300 bruxas. Noutra série de julgamentos entre 1626 e 1630, 400 pessoas foram queimadas. Quando o Vice-Chanceler tentou parar os julgamentos, foi acusado como bruxo e executado com a sua mulher e filha. (O Príncipe-Arcebispo ignorou uma ordem do Imperador ordenando a sua libertação.) Mas os julgamentos de Bamberga foram interrompidos tão abruptamente como tinham começado, em 1630, em parte devido à invasão de Leipzig pelo Rei Gustavo da Suécia, que deu aos instigadores dos julgamentos outras coisas em que pensar, em parte devido à oposição contínua do Imperador.

Em Würzburg, em 1629, o Chanceler descreveu numa carta como vira muitas crianças executadas por relações com o diabo — com idades entre

os três e os quinze anos. Acrescenta que está "para além de qualquer dúvida que num lugar chamado Fraw Rengberg o Diabo em pessoa, com 8 000 dos seus seguidores, realizou uma assembleia e celebrou uma missa negra". Em 1629, houve 29 execuções num total de 157 pessoas, muitas delas crianças. O Príncipe-Bispo chegou a mandar decapitar como bruxo o seu único herdeiro, um jovem. Após esta execução, o Príncipe-Bispo parece ter mudado de atitude e instituiu serviços comemorativos para as vítimas. Aqui, como em Bamberga, os Inquisidores e caçadores de bruxas eram jesuítas. O Príncipe-Bispo Filipe Adolfo, o homem responsável por todas estas mortes, é descrito por um historiador como "de resto nobre e piedoso".

No entanto, houve vagas de repulsa e resistência a toda a tortura e assassínio. Em 1663, um magistrado e "caçador de bruxas" — chamado Geiss, que estivera a torturar e queimar os cidadãos de Lindheim durante dois anos, voltou a sua atenção para um rico moleiro chamado Johann Schiller. (Aqui, como em tantos outros casos, o motivo básico era indubitavelmente financeiro.) A mulher de Schiller dera à luz uma criança natimorta no ano anterior, e Geiss forçou a parteira a "confessar" que tinham assassinado a criança e usado o corpo para bruxaria. O corpo da criança foi exumado e encontrado intacto (a parteira alegara que fora desmembrado), e a parteira e seis pessoas que ela implicara foram queimadas. Pouco depois, Geiss persuadiu outra suspeita de bruxaria — através de tortura — a implicar a Sr.ª Schiller, que foi presa: uma velha cicatriz foi declarada como "marca do diabo". Schiller apressou-se a Würzburg para tentar persuadir o Reitor da Catedral a ajudar, mas na sua ausência, a Sr.ª Schiller foi torturada até confessar.

Ao regressar, Schiller foi lançado na "torre das bruxas" e depois torturado até confessar. No entanto, assim que a tortura parava, ele retratava-se. Foi torturado novamente; novamente confessou e se retratou. Geiss preparava-se para o torturar pela terceira vez quando cidadãos enfurecidos se amotinaram, e Schiller e outros suspeitos de bruxaria conseguiram escapar. Conseguiram chegar a Speyer, a sede do Supremo Tribunal, onde o aspeto dos seus corpos torturados e marcados — particularmente o das mulheres — despertou indignação.

Mas na ausência de Schiller, e apesar da fúria popular, Geiss queimou a Sr.ª Schiller viva. Os cidadãos levantaram-se em força, e Geiss e os seus

homens tiveram de fugir. O Reitor de Würzburg sugeriu ao Barão Oynhausen — responsável pela nomeação de Geiss — que ele deveria aplacar a fúria popular censurando Geiss, e Oynhausen despediu-o, para indignação de Geiss — ele insistiu que apenas fizera o seu dever.

Os estados protestantes executaram menos bruxas e cessaram as perseguições por bruxaria mais cedo do que os estados católicos; na Prússia, o Rei Frederico Guilherme pôs fim aos julgamentos de bruxas em 1714. A última execução por bruxaria na Alemanha ocorreu em 1775.

Porque foram os julgamentos de bruxas tão difundidos na Alemanha — mais do que em qualquer outro país? Rossell Hope Robbins, o autor altamente cético de *An Encyclopedia of Witchcraft and Demonology*, comenta: "A Alemanha era a terra da tortura..." e cita um caso em Tettwang, perto de Constança, em 1608, quando um pai morreu na prisão devido à tortura, a sua mulher foi içada no *strappado* 11 vezes (um dispositivo para deslocar os ombros), e a sua filha de 29 anos também foi içada 11 vezes com um peso de 50 libras amarrado às suas pernas. O torturador permitiu-lhe que recuperasse durante dez semanas antes de a submeter a mais tortura — não por piedade, mas porque temia que ela morresse sob tortura.

O caso de Buirmann e Geiss torna óbvio que muitos dos "caçadores de bruxas" eram sádicos sexuais, para quem as perseguições eram uma oportunidade de dar livre curso aos seus impulsos. (Criminologistas notaram que a Alemanha tem uma percentagem mais elevada de assassinos em massa e assassínios sádicos do que qualquer outro país — embora nas últimas décadas a América esteja a começar a recuperar o atraso.) O surgimento do Protestantismo na Alemanha também parece explicar muita coisa (embora algumas cidades que perseguiram bruxas — como Leipzig — fossem protestantes), à medida que a Igreja Católica lutava para recuperar a sua autoridade através de um regime de terror.

Mais uma vez, o nosso horror perante a terrível crueldade tende a cegar-nos para a importante questão de saber se alguma das milhares de bruxas que foram queimadas eram genuínas praticantes de magia — no sentido dos mágicos da umbanda descritos no capítulo anterior. Mas um caso que ocorreu em North Berwick, na Escócia, na década de 1590, levanta essa questão novamente.

Foi o seguinte.
Uma jovem criada chamada Gilly Duncan conseguia curar várias doenças através de alguma forma de cura pela fé. Em 1590, o seu mestre David Seaton, suboficial de justiça de Tranent, perto de Edimburgo, torturou-a com uma corda à volta do pescoço para a fazer "confessar" relações com o diabo, o que ela acabou por fazer. Foi entregue às autoridades, e em breve confessou que os seus cúmplices — cerca de 70 no total — incluíam muitos cidadãos altamente respeitáveis de Edimburgo, entre eles uma certa Agnes Sampson, uma idosa senhora de boa educação. Sob tortura prolongada, Agnes Sampson acabou por confessar — embora apenas depois de os seus inquisidores terem encontrado nela uma "marca do diabo" na área da sua vagina.

John Fian, um professor de Saltpans, e outras duas mulheres, Eufêmia Maclean e Bárbara Napier, "consideradas mulheres tão civilizadas e honestas como quaisquer outras que habitavam dentro da cidade de Edimburgo", também foram acusadas. Agnes Sampson deu agora um relato completo das suas tentativas de enfeitiçar o rei — Jaime VI da Escócia (mais tarde Jaime I de Inglaterra) — que, compreensivelmente, se interessou ativamente pelos procedimentos. Fian confessou sob tortura, mas mais tarde conseguiu escapar; quando recapturado, retratou a sua confissão, e as mais horríveis torturas não conseguiram fazê-lo mudar de ideias. Foi estrangulado e queimado.

Eufêmia Maclean foi queimada sem ser primeiro estrangulada — provavelmente porque era católica — mas Bárbara Napier conseguiu que a sua sentença fosse adiada com o argumento de que estava grávida, e acabou por escapar.

Certamente, isto soa a um caso de injustiça horripilante.
Jaime Primeiro, que escreveu uma famosa *Demonologie*, decidiu mais tarde que a maioria da bruxaria era superstição, e a perseguição de bruxas quase cessou no final do seu reinado.

Um exame mais aprofundado do caso levanta dúvidas sobre a sua inocência. John Fian fora secretário do Conde de Bothwell, um homem com reputação de se envolver em magia negra, e que tinha todas as razões para querer matar o rei, uma vez que ele próprio era herdeiro do trono. Jaime estava cético em relação à confissão de Agnes Sampson até que — segundo a crónica *Newes from Scotland* — ela o levou de lado e sussurrou

ao seu ouvido certas palavras que tinham passado entre ele e a sua noiva, Ana da Dinamarca, na noite de núpcias.

Ninguém além do rei e da sua noiva sabia quais eram. Naturalmente, Jaime ficou convencido. Agnes Sampson também confessou que ela e as outras tinham levantado uma tempestade para tentar afogar o rei no seu regresso da Dinamarca — e, de facto, o rei quase se afogara numa tremenda tempestade. Descreveu como amarrara um sapo pelas patas traseiras, recolhera o veneno que dele pingava numa concha de ostra, e o guardara até alguma ocasião em que pudesse obter alguma roupa suja do rei, o que lhe permitiria enfeitiçá-lo até à morte, fazendo-o sentir-se "como se estivesse deitado sobre espinhos afiados e pontas de agulhas..." O método é reminiscente do ainda usado por feiticeiros africanos.

O próprio Fian parece ter declarado que o diabo lhe apareceu na sua cela na noite seguinte à sua confissão inicial. Uma vez que já confessara, não estava sob ameaça de tortura, o que novamente leva à suspeita de que ele possa não ter sido tão inocente como Robbins assume.

Montague Summers está, naturalmente, convencido de que as bruxas eram culpadas das acusações. Ele escreve: "A ocasião mais célebre em que bruxas levantaram uma tempestade foi a que desempenhou um papel tão importante no julgamento do Dr. Fian e do seu *coven*, em 1590-91, quando as bruxas, para afogar o Rei Jaime e a Rainha Ana na sua viagem da Dinamarca, 'pegaram num gato e batizaram-no', e depois de terem amarrado um cadáver desmembrado ao animal 'na noite seguinte o dito gato foi transportado para o meio do mar por todas estas bruxas, navegando nas suas peneiras... feito isto, levantou-se então tal tempestade no mar, como uma maior nunca foi vista'."

Tudo soa suficientemente absurdo, particularmente "navegar em peneiras"; mas se os feiticeiros africanos podem provocar chuva — ou (ver p. 304) — então Summers pode muito bem estar basicamente correto. Há pelo menos uma possibilidade de cinquenta por cento de que Fian estivesse envolvido numa verdadeira trama de bruxaria para matar o rei; e se a bruxaria às vezes funciona, então não podemos excluir a possibilidade de que Agnes Sampson e os seus associados realmente tenham causado a tempestade que quase destruiu o navio do rei.

E o que dizer desta declaração de Fian de que o Diabo lhe apareceu? Isto pareceria rotular a confissão como uma invenção arrancada a ele pelo medo de mais tortura. No entanto, mais uma vez, não devemos assumir que esta é a única explicação possível. Como vimos, no seu livro sobre magia e bruxaria no Brasil *The Flying Cow*, Guy Playfair avança a teoria de que ele próprio chegou "a aceitar, através do estudo de muitos casos, que a 'magia negra' envolve a invocação de entidades ou espíritos de 'baixo nível'".

E isto é, naturalmente, consistente com a visão da magia defendida por feiticeiros e xamãs. Se estivermos dispostos a admitir, como possibilidade, que a magia envolve entidades não-humanas, então Fian pode ter acreditado que viu — ou ouviu — o Diabo na noite seguinte à sua confissão. Podemos rejeitar a visão de Summers de que o Diabo existe realmente como o adversário de Deus — afinal, a maior parte daquilo a que chamamos mal pode ser considerada estupidez ou resultado da frustração — mas há uma certa quantidade de evidências na pesquisa psíquica de entidades "travessas" (que, em muitos casos, parecem ser débeis mentais). Espíritos "maus" podem estar a exibir o mesmo tipo de estupidez e malevolência que os seres humanos maus.

As mesmas questões perturbadoras são levantadas pelo extraordinário caso de Isobel Gowdie e das bruxas de Auldearne, que ocorreu na Escócia em 1662.

Isobel Gowdie era uma atraente rapariga de cabelo ruivo que casou com um agricultor de Lochloy, perto de Auldearne em Morayshire. Era estéril e diz-se que o seu marido era um homem estúpido e grosseiro. Em abril de 1662, chocou e horrorizou os anciãos da igreja local quando anunciou que fora bruxa praticante durante os últimos quinze anos, assistira a Sabbats, tivera relações sexuais com o Diabo e até matara pessoas por bruxaria. Foi julgada em Auldearne, perto de Inverness, no verão de 1662, juntamente com outras que mencionara na sua confissão. Surpreendentemente, algumas destas confirmaram o que ela disse em pormenor.

Segundo Isobel — que fez quatro confissões entre abril e o seu julgamento — ela encontrou o Diabo, um homem vestido de cinzento, quando viajava entre duas quintas, e parece ter-se prometido a ele e concordado em encontrar-se com ele na igreja de Auldearne. Assim fez, e o Diabo estava no púlpito com um livro preto na mão, e fê-la renegar Jesus.

Uma mulher chamada Margarida Brodie segurou-a enquanto o Diabo chupava sangue do seu ombro, fazendo uma marca do Diabo, e batizou-a. Ela descreveu o Diabo como um homem grande, preto e peludo, que veio ter com ela uns dias depois e copulou com ela. Ele copularia livremente com todas as bruxas, que gostavam imenso. (Outra das acusadas, Janet Breadhead, descreveu como as mulheres se sentavam de ambos os lados do Diabo numa reunião, e a seguir, como o Diabo copulou com todas elas — o que, a menos que ele fosse fenomenalmente potente, parece pôr de lado a crença de Margarida Murray de que ele era um homem vestido com uma pele de cabra.) Por vezes, o Diabo transformava-se num animal — como um veado ou touro — antes de copular. Foi Isobel quem usou primeiro a palavra "*coven*" para um grupo de bruxas, e declarou que o número era 13. Disse que cada membro tinha um espírito para o servir (ou para a servir — parecia haver membros do sexo masculino). Tinham uma Grande Reunião quatro vezes por ano.

As confissões tornam-se mais selvagens e estranhas. Ela voava para os Sabbats num pequeno cavalo. As bruxas podiam transformar-se em qualquer forma que desejassem, como um gato, uma lebre, um corvo. Destruíam as colheitas das pessoas e matavam os seus filhos — Janet Breadhead diz que faziam imagens de barro das crianças, que eram continuamente regadas e cozidas até a criança morrer; desta forma, diz ela, mataram dois filhos do senhorio local, que mais tarde foi ele próprio enfeitiçado até à morte. Isobel Gowdie diz que matou várias pessoas usando flechas que o Diabo lhe dera.

Descreveu também uma visita à terra das fadas; quando a Colina Downie se abriu, e todos foram generosamente alimentados pela Rainha das Fadas, que estava vestida de linho branco. Depois foram caçar com o Diabo; Isobel atingiu uma mulher, e as outras abateram um lavrador.

É uma pena que não tenham sido encontrados registos do julgamento, por isso não fazemos ideia de se as bruxas foram todas condenadas a ser queimadas — a maioria dos comentadores sente-se razoavelmente certa de que o foram, e dados os veredictos em julgamentos semelhantes da época, isto parece altamente provável.

O mistério permanece. Não poderia ter sido tudo fantasia de Isobel, senão as outras não teriam confirmado o que ela disse (nenhuma menção à tortura é feita). E assim parece que nos restam apenas duas possibilidades:

ou Isobel e as suas companheiras bruxas eram loucas, ou os vários "demónios" eram tão genuínos quanto os "espíritos" invocados pelos modernos mágicos da umbanda.

Na segunda metade do século XVII, a mania da bruxaria estava a chegar ao fim. Na Alemanha, isto deveu-se em grande parte à influência do Protestantismo e à sua reação contra o tipo de histeria "papista" que alimentara as grandes perseguições do século anterior. Na Inglaterra e na América, o senso comum comum finalmente prevaleceu.

A carreira de Matthew Hopkins teve o efeito de praticamente terminar com a perseguição das bruxas em Inglaterra. Até o Rev. Montague Summers admite que a sua insinceridade "fez o seu nome feder nas narinas dos homens", e descreveu-o como "o mais imundo dos imundos parasitas, uma obscena ave de rapina..." A carreira de Hopkins ganhou ímpeto a partir da sua primeira denúncia de uma bruxa em 1644.

Hopkins era um advogado sem particular sucesso, filho de um clérigo, que se mudou para a pequena aldeia de Manningtree em Essex porque não conseguia ganhar a vida em Ipswich. Foi durante a Guerra Civil, a Ânglia Oriental estava do lado de Cromwell, mas as tensões eram consideráveis. Em março de 1644, Hopkins convenceu-se de que havia bruxas que viviam em Manningtree, e que realizavam reuniões perto da sua casa. Ele pode possivelmente ter estado correto — as áreas rurais estão cheias de bruxas. Hopkins decidiu que uma velha chamada Elizabeth Clarke estava envolvida, e denunciou-a. Foi presa e despida para ser revistada em busca de marcas do diabo. Descobriram, aparentemente, algo como um mamilo supranumerário. Depois de ser privada de sono durante dias, ela confessou que amamentava os seus familiares com ele — um spaniel, um coelho, um galgo e um tourão.

A febre da bruxaria espalhou-se pela aldeia, e outras cinco mulheres foram presas. Quatro destas confessaram prontamente possuir familiares. Trinta e duas mulheres foram mesmo atiradas para a cadeia, onde quatro delas morreram. Vinte e oito foram julgadas num tribunal especial em Chelmsford. Hopkins tinha agora quatro assistentes para o ajudar a erradicar bruxas, e sem dúvida este gosto pelo poder o convenceu de que descobrira o caminho para a fama e o sucesso.

Mas parece bastante certo que ele estava disposto a perjurar livremente desde o início — ele afirmou em tribunal que vira os familiares de Elizabeth Clarke, e os seus assistentes apoiaram-no. Dezanove mulheres foram enforcadas, sob acusações que iam desde entreter espíritos malignos até enfeitiçar pessoas até à morte. Cinco destas foram perdoadas, e as restantes oito foram devolvidas à prisão para mais investigações.

Antes de o julgamento de Chelmsford terminar, Hopkins viu-se muito procurado. Em tempos de guerra e infortúnio público, as distrações são bem-vindas. Hopkins percorreu Essex, encontrando mais bruxas e aceitando pagamento pelo seu trabalho; em Aldeburgh recebeu £6 por encontrar uma bruxa, e em Stowmarket as autoridades locais pagaram-lhe £23. Nos dias em que um salário operário era seis pences por dia, estas eram quantias avultadas. Durante o seu ano como caçador de bruxas, Hopkins e os seus assistentes ganharam cerca de £1000, segundo Summers. Em Bury St Edmunds, desempenhou o seu papel na prisão de 200 pessoas; 68 das quais foram enforcadas. Percorreu Suffolk e Norfolk, encontrando bruxas em todos os lugares que o convidavam, e em alguns que ele próprio selecionava.

Em abril de 1646, um clérigo de Huntingdon chamado Gaule atacou Hopkins do púlpito e publicou um panfleto sobre os seus métodos de "tortura". A tortura de bruxas ainda era proibida por lei em Inglaterra, mas Hopkins usava outros métodos — "picar" em busca de marcas do Diabo (supunha-se que as áreas que o Diabo tocava eram insensíveis à dor), "nadar" — o que significava que a vítima amarrada era atirada a um lago, e se flutuasse, era inocente — e privar de sono durante dias a fio, um método ainda usado em "lavagem ao cérebro".

O panfleto foi amplamente lido, e inverteu a maré contra Hopkins. Um historiador da bruxaria relata que Hopkins foi capturado por uma multidão enfurecida e obrigado a suportar a prova da água. Ele estava, de qualquer forma, doente. Retirou-se para Manningtree, e morreu lá mais tarde naquele ano de tuberculose.

Robbins estima que Hopkins foi responsável por várias centenas de enforcamentos (as bruxas em Inglaterra nunca foram queimadas, embora as bruxas de North Berwick, na Escócia, tenham sido queimadas por terem conspirado contra a pessoa do rei). E com a sua queda, os julgamentos de bruxas em massa cessaram em Inglaterra. Na América, o mais famoso

estava ainda por vir. A explosão de superstição e violência que ocorreu em Salem, Massachusetts, em 1692, é ainda um dos episódios mais intrigantes da história americana. Para a maioria dos escritores sobre o caso — incluindo Arthur Miller, que o dramatizou em *The Crucible* — não há mistério: algumas crianças aborrecidas e malcriadas ficaram obcecadas com as histórias de vodu de uma criada negra, e decidiram fingir que estavam enfeitiçadas. Incitadas pelo ministro local, um homem de tendências paranoides, acusaram várias pessoas de bruxaria. Tudo ganhou ímpeto até que mais de 200 pessoas foram acusadas, 22 das quais foram executadas ou morreram na prisão. Depois, tão subitamente como começou, a histeria desapareceu. E os julgamentos de bruxaria de Salem praticamente terminaram a "mania da bruxaria" na América, tal como a queda de Matthew Hopkins a terminou em Inglaterra.

O caso pode não ser tão simples quanto parece. Até Rossell Hope Robbins admite que "os motivos são muito elusivos". Claramente, estas crianças não estavam realmente "enfeitiçadas". Mas comportaram-se de algumas formas como as freiras "possuídas" de Loudun ou Aix-en-Provence, ou como alguns adolescentes que são o "foco" de ocorrências de poltergeist.

O Rev. Samuel Parris não era um homem popular, pois parece ter sido um personagem desagradável, mesquinho e mal-humorado. Trouxera consigo de Barbados vários criados negros, incluindo uma mulher chamada Tituba, e o seu marido, "John Indian". Durante as longas noites de inverno, Tituba falava às crianças sobre bruxas e espíritos. A sua filha Elizabeth, de 9 anos, a sua prima Abigail Williams, de 11, e uma amiga chamada Ann Putnam, de 12, começaram pouco depois a comportar-se de forma muito estranha, tendo convulsões, gritando e falando desconexamente sem nexo.

Um médico chamado para "curar" Elizabeth disse que pensava que ela estava enfeitiçada. Outros ministros foram consultados e decidiram que o Diabo estava envolvido. Questionada — e espancada — por Parris, Tituba concordou que o Diabo a inspirara a "fazer travessuras" contra as crianças, e nomeou uma mendiga fumadora de cachimbo chamada Sarah Good como cúmplice. As crianças também mencionaram Sarah Good, bem como uma velha acamada, Sarah Osborne. Quando um magistrado chamado Hathorne perguntou às raparigas sobre as suas convulsões, elas começaram a gemer de dor e declararam que o "espírito" (ou espectro) de Sarah Good as estava

a morder e beliscar. Sarah Good e Sarah Osborne negaram ambas em tribunal saber fosse o que fosse sobre bruxaria, mas Tituba admitiu tudo com um certo deleite; continuou a expandir as suas confissões durante três dias.

Tituba declarou que Sarah Good e Sarah Osborne tinham estado presentes num Sabbat de bruxas, e acrescentou que havia mais duas mulheres locais que ela não conhecia. Isto causou grande gossip e especulação. Ann Putnam, de 12 anos, pôs fim a isto declarando que uma das bruxas era uma mulher chamada Martha Cory — que rira incrédula quando as raparigas tinham as suas convulsões — e que a outra era uma idosa santificada chamada Rebecca Nurse. Um agricultor chamado Proctor — outro cético — também foi acusado.

Toda a área estava agora sob o domínio de um pânico de bruxaria; as pessoas tinham medo de sair depois de escurecer porque se supunha que as bruxas podiam transformar-se em animais ou aves noturnas — um resquício das lendas de lobisomens e vampiros. Mais oito crianças locais ficaram "afligidas" e gritaram os nomes das "bruxas" que as atormentavam. Uma mulher chamada Bridget Bishop — que tinha reputação de ser "leviana" — foi julgada e executada em junho de 1692. Sarah Osborne morreu na prisão, mas Sarah Good foi julgada e executada, juntamente com outras quatro, em julho. Um ministro chamado George Burroughs foi denunciado, e também foi julgado e executado.

Quanto mais a histeria aumentava, mais as raparigas — agora onze delas — pareciam atormentadas por demónios. Em setembro, o número de mortos aumentara para 20, e um homem infeliz — Giles Corey — foi literalmente esmagado até à morte sob pesos enormes numa tentativa de o forçar a confessar. Ele recusou (embora isso lhe tivesse salvo a vida) porque os seus bens teriam sido confiscados pelo estado, e ele não tinha intenção de morrer como um indigente. A sua mulher foi enforcada como bruxa.

As várias raparigas foram chamadas a cidades vizinhas para identificar bruxas, e parecia que os julgamentos e execuções se espalhariam a Andover e Boston. O magistrado de Andover recusou assinar mais de 40 mandados e teve de fugir com a sua mulher para escapar a ser julgado como bruxo. Então as raparigas começaram a exagerar. Nomearam a mulher do governador, Sir William Phips, como bruxa, e o presidente do

Harvard College; os magistrados disseram-lhes severamente que estavam enganadas, e este foi o princípio do fim das perseguições.

Quando o Governador Phips regressou de combater os índios na fronteira com o Canadá, dissolveu o tribunal e libertou muitos dos acusados. Em julgamentos posteriores, a "evidência espectral" — a noção de que os espíritos desencarnados das bruxas podiam atormentar as suas vítimas — foi desqualificada, e apenas três pessoas em 52 foram condenadas. Phips concedeu-lhes indulto, libertou todos os outros da prisão, e a mania de Salem terminou abruptamente cerca de um ano após ter começado. Uma das raparigas, Ann Putnam, confessou mais tarde que fora "iludida por Satanás" quando acusara Rebecca Nurse e outras.

O Reverendo Parris, agora atacado e denunciado, deixou Salem com a sua família. Abigail Williams, segundo a lenda, tornou-se prostituta.

Até Montague Summers concorda que os julgamentos de Salem foram resultado de histeria e das "imaginações doentias de crianças neuróticas". Mas estava convencido de que há evidências positivas de envolvimento em bruxaria em alguns dos casos. Parece provável que George Burroughs, Bridget Bishop e Martha Carrier fossem membros de um *coven* — embora não tivessem nada a ver com "enfeitiçar" as crianças.

E quanto às crianças? Todos os escritores sobre o assunto assumem que elas eram maliciosas, "brincalhonas", e que tudo ganhou ímpeto a partir de um jogo inofensivo. Mas qual era esse jogo? A resposta, com bastante certeza, é alguma forma de "magia". Tituba estava familiarizada com o vodu e o obeah. E a essência dos rituais de vodu — como David St Clair enfatiza em *Drum and Candle* e Guy Playfair em *The Flying Cow* — é a evocação de espíritos de "baixo nível" para fazerem a vontade do mágico.

As três crianças, aborrecidas com o longo inverno na monótona aldeia da Nova Inglaterra, indubitavelmente "experimentaram" o que Tituba lhes ensinara. As suas intenções eram suficientemente inofensivas — como uma criança moderna a brincar com uma tábua ouija ou escrita automática. Mas duas delas pelo menos estavam na idade perigosa em que as crianças se tornam o foco de fenómenos de poltergeist — Ann Putnam tinha doze anos e parecia mais velha. Não sabemos muito sobre "possessão", e a teoria habitual é que é pura histeria; mas, novamente, qualquer um que se dê ao

trabalho de ler o clássico de T.K. Oesterreich *Possession: Demoniacal and Other*, ou a antologia de Martin Ebon *Exorcism: Fact not Fiction*, verá que há uma linha muito ténue entre a "possessão" e ser foco de atividade poltergeist. Esta é uma questão à qual regressaremos no próximo capítulo.

A tempestade que terminou a mania da bruxaria em França enfatiza mais uma vez que a bruxaria pode ter um rosto genuinamente sinistro. Em 1673, durante o reinado de Luís XIV, dois padres informaram a polícia em Paris que vários penitentes tinham pedido absolvição por assassinar os seus cônjuges. Nenhum nome foi mencionado, devido ao sigilo do confessionário, mas isto alertou o Chefe de Polícia, Nicholas de la Reynie. O que estava a acontecer, ao que parecia, era que um grupo de adivinhas e "feiticeiros" estava a fornecer "pós de sucessão" — um eufemismo para venenos — a homens e mulheres ricos que preferiam amantes a emaranhamentos matrimoniais.

De la Reynie só podia manter-se atento. Levou-lhe quatro anos juntar as pistas que o levaram a reconhecer que existia um "anel de venenos" internacional — tal como existem agora anéis de drogas — chefiado por homens influentes. Um comentário de uma adivinha, Marie Bosse, sobre estar pronta para se reformar quando tivesse mais três envenenamentos organizados, forneceu a pista que ele esperava. Uma polícia disfarçada consultou Marie Bosse sobre como se poderia livrar do seu marido, e fez uma prisão quando lhe foi vendido veneno. Muitos venenos foram encontrados na casa de Marie Bosse. Ela, o seu marido e dois filhos foram presos; também outra adivinha conhecida como La Vigoreux, que partilhava uma cama comum com a família.

Os interrogatórios começaram a revelar os nomes dos seus clientes, e a revelação chocou o Rei. Parecia que metade da aristocracia estava a tentar envenenar-se mutuamente, e que duas senhoras tinham até abordado outra adivinha para obter meios de se livrarem de uma das suas próprias amantes, Louise de la Valliére.

Mas isto não era simplesmente uma questão de assassínio ou tentativa de assassínio. Os clientes também estavam convencidos de que as adivinhas podiam produzir amuletos e poções mágicas para garantir as afeições dos seus admiradores, e aparentemente não se opunham se o Diabo estivesse envolvido.

Era necessária uma ação severa e decisiva — afinal, o rei poderia ser a próxima vítima... Ele criou uma comissão especial, uma espécie de Câmara Estrelada, que se reunia numa sala drapeada com cortinas negras e iluminada com velas — daí a *Chambre Ardente* — a câmara iluminada (ou ardente).

O que a tornava tão assustadora era que os métodos de envenenamento eram tão subtis. Uma Madame de Poulaillon, que queria matar o seu velho marido para poder casar com o seu jovem amante, estivera a impregnar as camisas dele com arsénico, o que causaria sintomas semelhantes aos da sífilis; depois esfregaria as feridas com uma "pomada curativa" que o mataria em dez semanas — e não haveria suspeitas.

Os principais réus eram Marie Bosse, La Vigoreux, uma abortiva conhecida como La Lepére, e uma conhecida adivinha chamada Catherine Deshayes, conhecida como La Voisin. La Vigoreux e Marie Bosse foram rapidamente condenadas — a 6 de maio de 1678 — a ser queimadas vivas e um filho, Francois Bosse, enforcado. La Voisin foi horrivelmente torturada e, quando se recusou a confessar envenenamento, queimada viva numa cadeira de ferro — Mme. de Sevigné descreveu numa carta como a velha praguejava violentamente e tirava a palha meia dúzia de vezes, até que as chamas se tornaram demasiado fortes e ela desapareceu nelas.

Tudo isto foi mantido em segredo; uma razão sendo que a amante do rei, Mme. de Montespan, estava profundamente envolvida. E mais investigação revelou que vários padres tinham realizado Missas Negras e até sacrificado bebés ao Diabo. Um corcunda, o Abade Guibourg, usava como altar o corpo nu de uma mulher, colocando o cálice na sua barriga; Mme. de Montespan servira muitas vezes como altar. Um bebé seria então sacrificado, cortando-lhe a garganta, e o corpo atirado a um forno. La Voisin confessou no seu julgamento que se livrara de 2500 bebés desta forma. Noutra ocasião, Mme. des Oillets veio fazer um amuleto para o rei, acompanhada por um homem. O padre disse que o sémen de ambos era necessário, mas uma vez que Mme. des Oillets estava menstruada, ele aceitou algumas gotas de sangue menstrual dela, enquanto o homem se masturbava para dentro do cálice.

Muitos outros padres revelaram-se envolvidos, e tornou-se claro que um número alarmante de clérigos não tinha objeções a negócios com o Diabo. Um consagrara um altar de pedra num bordel, outro estrangulara um

bebé depois de o batizar com óleo reservado para a Extrema Unção, outro copulara com a rapariga que servia de altar à vista de todos os seus espectadores; outra adivinha descreveu como sacrificara o seu próprio bebé recém-nascido numa Missa Negra.

Em 1680, ocorreu ao rei que um escândalo em grande escala poderia levar a resultados imprevistos, uma vez que tantos nobres estavam envolvidos. Decidiu suspender a *Chambre Ardente*. Nenhum nobre — ou mulher nobre — foi condenado, mas de la Reynie continuou a prender e torturar adivinhas. 104 pessoas foram condenadas: 36 à morte, outras à escravidão nas galés ou ao exílio. O principal resultado do caso foi que as adivinhas foram proibidas por lei, e a bruxaria foi declarada uma superstição. Depois disso, as pessoas acusadas de bruxaria eram enviadas para um manicómio, a Salpétriére. Na verdade, um homem foi executado em Bordéus em 1718 por ter causado a impotência de um homem e a infertilidade da sua mulher; mas, então, praticar "feitos de magia imaginários" ainda era crime passível de enforcamento.

Luís tentou suprimir todas as provas do caso em 1709, ordenando que todos os papéis fossem destruídos; mas os registos oficiais foram ignorados.

Parece incrível que, na altura em que Isaac Newton escrevia os *Principia*, padres e "bruxas" estivessem a sacrificar bebés em Missas Negras. Se adotarmos a visão racional da bruxaria — como uma superstição medieval — é virtualmente impossível compreender o que eles pensavam que estavam a fazer. Teria sido tudo, talvez, uma espécie de escapismo, um desejo de se entregar à "maldade" por causa da emoção, como alguns dos *covens* de bruxaria modernos? A aristocracia francesa era decadente, mas certamente não suficientemente decadente para se entregar ao equivalente do século XVII de "snuff movies"?

A verdade é obviamente mais simples: que Marie Bosse, Catherine Deshayes e La Voisin tinham aprendido bruxaria com as suas tias ou avós — como Jehanne de Brigue — e estavam simplesmente a praticar uma arte tradicional que fora transmitida durante séculos. E os aristocratas que as patrocinavam faziam-no porque sabiam que a sua "magia" funcionava muitas vezes. As próprias bruxas tinham a certeza de que funcionava.

Essa visão ofende o senso comum moderno. Ofendeu o meu senso comum na altura em que escrevi *The Occult*. No entanto, em retrospetiva, posso ver que não estava a ser inteiramente lógico. Pois já em 1964, num livro chamado *Rasputin and the Fall of the Romanovs*, eu citara uma série de casos que pareciam mostrar que a bruxaria africana realmente funciona. O escritor de viagens Negley Farson, que conheci bem durante os últimos dez anos da sua vida, disse-me que em várias ocasiões vira um feiticeiro liberiano conjugar chuva de um céu limpo. E um vizinho, Martin Delany, que fora Diretor-Geral de uma grande empresa na Nigéria, e ele próprio possuía ligeiros dons taumatúrgicos, descrevera-me como o feiticeiro local prometera que a chuva forte que caía há dias pararia durante duas horas para permitir a realização de uma festa no jardim; a chuva parara poucos minutos antes de a festa começar, e recomeçara um minuto depois de terminar. A paragem confinava a uma área de aproximadamente 10 000 jardas quadradas.

Isto, naturalmente, poderia ser alguma capacidade natural semelhante à "psicocinese" — tenho um livro chamado *The Power of the Mind* de Rolf Alexander que tem quatro fotografias que afirmam mostrar como uma grande nuvem foi desintegrada por psicocinese em oito minutos em Orillia, Ontário, a 12 de setembro de 1954. Mas a mesma explicação não pode ser aplicada a outro acontecimento estranho descrito por Martin Delany, que cito do seu próprio relato:

"Tendo regressado há pouco de licença na Europa, fui informado pelo meu gerente europeu da serração de que um incidente extraordinário ocorrera na serração poucos dias antes do meu regresso. Uma galinha, vinda de um quintal próximo, voara diretamente para a grande serra de fita Brenta e fora instantaneamente cortada em pedaços pela lâmina da serra, que gira a cerca de 10 000 rotações por minuto.

Os trabalhadores nigerianos da serração estavam muito perturbados com isto — sabiam agora que o 'Deus de Ferro' estava zangado e a procurar sangue e, a menos que sangue fosse oferecido pelo feiticeiro para apaziguar o 'Deus', então ele exigiria outras vítimas. Portanto, solicitaram que a serra de fita fosse parada até que o sacrifício necessário fosse feito pelo feiticeiro.

"Recusei o seu pedido por duas razões: primeiro, porque uma encomenda urgente de exportação de madeira tinha de ser concluída, e

segundo, porque o sacrifício envolvia decapitar um cachorro e salpicar o sangue sobre a máquina, e eu relutava imenso em permitir isso. Na verdade, esperava que tudo não passasse de um incidente isolado que depressa seria esquecido. Dois dias depois, outra galinha voou para a serra de fita. Isto causou consternação entre os trabalhadores nigerianos, que novamente me abordaram, mas eu recusei novamente.

Quatro dias após este incidente, o gerente europeu foi convidado pelo capataz nigeriano, na minha presença, para ir à serra de fita ajustar as guias da serra, pois a lâmina não estava a cortar uniformemente; este ajuste era habitualmente feito pelo gerente. Assistimos enquanto o procedimento muito rígido, essencial quando se faziam ajustes ou reparações na serra de fita, era executado. A eletricidade era desligada no quadro principal e os interruptores de arranque eram colocados na posição 'Desligado'. Então, e só então, era permitido a alguém começar a trabalhar na serra de fita.

Observei com interesse, satisfeito por notar que o procedimento fora fielmente executado, e virei-me para sair da serração quando, de repente, para meu horror, ouvi os primeiros sons que indicavam que a serra começara a girar. Correndo para a serra de fita, descobri que a mão do gerente fora gravemente cortada pela lâmina da serra, que girara possivelmente seis ou sete vezes. A essa altura, o pessoal nigeriano estava num estado de medo extremo, por isso decidi fechar a serração pelo resto do dia e mandei chamar dois peritos europeus, um eletricista, o outro serrador. Eles examinaram a máquina, os motores de arranque, os interruptores principais, verificando de todas as formas possíveis, apenas para declarar que tudo estava em perfeitas condições e que era totalmente impossível a serra de fita arrancar quando os interruptores principais e do motor de arranque estavam desligados. Confesso que fiquei muito abalado com este último incidente, mas ainda assim recusei chamar o feiticeiro devido a uma repugnância natural pela forma particular de sacrifício. Sugeri arranjar sangue para o sacrifício de uma galinha morta ou do mercado de carne local, mas o feiticeiro não concordou com isso.

Os homens foram persuadidos a voltar ao trabalho apenas com uma oferta de dinheiro extra e a garantia de que a máquina, etc., estavam em perfeitas condições, tendo sido verificadas pelos peritos europeus. Houve uma calma de cerca de duas semanas e todos os envolvidos começavam a relaxar quando, com horrível e brutal rapidez, o 'Deus de Ferro' atacou. A

serra de fita acabara de começar a serrar um tronco, a lâmina de serra de 7 polegadas de largura girava a máxima rotação quando, sem aviso e por razão desconhecida, a lâmina de serra começou a descascar numa tira fina começando pela parte traseira.

Num segundo ou mais, uma massa emaranhada de lâmina de serra descascada irrompeu e atingiu o operador no peito e no rosto, infligindo ferimentos graves; na verdade, ele morreu antes de poder ser transportado para a carrinha da empresa que esperava. Os operadores nunca são protegidos (isto é, enjaulados com rede de proteção) com este tipo de serra, pois normalmente não há necessidade, as serras têm guardas adequados.

Um Sr. Stenner da Stenners Ltd. de Tiverton disse algum tempo depois que nunca antes, nos seus muitos anos de fabrico de serras de fita, ouvira falar de tal coisa acontecer. Então, finalmente, cedi às exigências dos trabalhadores, que não trabalhariam na serração por nenhum preço até que o feiticeiro fizesse o sacrifício ao 'Deus de Ferro'. A serra de fita parou de funcionar há dois anos, mas durante os oito anos a partir da data da morte do operador funcionou sem problemas. A morte do operador foi devidamente registada nos registos policiais. É interessante notar que, quando a United Africa Company abriu a sua serração muito grande, que custou vários milhões de libras, em Sapele, na Nigéria Oriental, o feiticeiro foi chamado para fazer o sacrifício apropriado ao 'Deus de Ferro'."

Martin Delany não era de opinião que o próprio feiticeiro tivesse causado estes acidentes por alguma forma de "psicocinese" — descreveu-o como um amável velho senhor. Acreditava que, se as ocorrências não eram simplesmente acidentes, então eram causadas pelo medo dos nativos agindo de alguma forma sobre a serra — uma forma de psicocinese negativa.

Parece claro que a bruxaria continua a ser uma força viva em África e que foi testemunhada por muitos observadores ocidentais equilibrados e sensatos. Num livro chamado *Ju-ju in My Life*, James H. Neal, antigo Chefe de Investigação do Governo do Gana, conta algumas histórias desconcertantes. O seu primeiro contacto com a bruxaria africana ocorreu quando visitou um porto em construção em Tema e lhe disseram que uma certa árvore pequena desafiava todos os esforços para a mover. Os mais potentes bulldozers não conseguiram arrancá-la do chão.

O capataz africano explicou que a árvore era um Fetiche — que era habitada por um espírito, e que a única maneira de a mover era pedir ao espírito que a deixasse por outra árvore. Finalmente, o Sacerdote do Fetiche foi chamado; pediu três carneiros, três garrafas de gin e cem libras se conseguisse mover a árvore. O sangue dos carneiros foi salpicado à volta da base da árvore, depois o gin; então o sacerdote entrou em semi-transe e suplicou ao espírito da árvore que a desocupasse por uma árvore melhor, alegando que o porto proporcionaria emprego a muitos negros. Após vários rituais, o sacerdote anunciou que o espírito concordara em partir. Para espanto de Neal, uma pequena equipa de homens não teve então dificuldade em puxar a árvore do chão com uma corda...

Esta história é interessante porque torna claro o lugar dos "espíritos" — frequentemente espíritos da natureza — na bruxaria. Este aspeto, estou inclinado a acreditar, é mais importante do que alguém lhe atribui. Surge novamente claramente num episódio do livro de Laurens Van Der Post *The Lost World of the Kalahari*, no qual ele descreve como um guia se ofereceu para o levar a uma misteriosa região chamada Colinas Escorregadias — a única condição sendo que não podia haver mortandade de animais. Van Der Post esqueceu-se de dizer ao grupo avançado, que abateu um javali; a partir daí, tudo correu mal. A câmara e o gravador encravavam continuamente, embora não tivessem dado problemas antes, e a rótula da câmara falhou. Foram atacados por abelhas.

O seu guia avisou-os de que os espíritos estavam zangados; quando tentou rezar, uma força invisível puxou-o para trás. Finalmente, enfiou uma agulha, colocou-a na sua mão, depois entrou em semi-transe, fixando o olhar; começou a falar com presenças invisíveis, e disse a Van Der Post que os espíritos o teriam matado se não soubessem que as suas intenções — ao visitar as Colinas Escorregadias — eram puras. Van Der Post sugeriu que escrevesse uma carta de desculpas, que todos assinaram, e a enterrou numa garrafa ao pé de uma pintura rupestre sagrada; a partir desse momento, o "azar" desapareceu. O guia comentou mais tarde que os espíritos estavam agora muito menos poderosos do que costumavam ser — outrora teriam matado à vista qualquer um que se aproximasse de forma tão pouco cerimoniosa.

A noção de espíritos elementares — habitando árvores ou colinas — parece totalmente absurda à mente ocidental. No entanto, nem sempre foi

assim. Na Irlanda — mesmo na Cornualha, onde vivo — ainda há muita crença em fadas e espíritos da natureza em áreas rurais remotas. Na década de 1920, um médium chamado Geoffrey Hodson especializou-se em descrever elementares e espíritos da natureza, e o seu livro sobre eles — intitulado, de forma pouco atraente, *Fairies at Work and Play* — foi levado a sério por muitas pessoas envolvidas na pesquisa psíquica. (O próprio Hodson era teósofo.) Eis uma descrição típica do que ele chama de "deva da natureza", encontrado em junho de 1922 ao escalar no Lake District:

"Após uma escalada de várias centenas de pés por uma ravina rochosa, saímos para um lado, para a colina aberta onde esta enfrenta uma alta falésia. Imediatamente ao chegar ao aberto, tornámo-nos conscientes, com espantosa rapidez, da presença de um grande deva da natureza, que parecia estar parcialmente dentro da encosta.

"A minha primeira impressão foi de uma enorme coisa vermelha brilhante semelhante a um morcego, que fixou um par de olhos ardentes em mim.

"A forma não estava concentrada na verdadeira forma humana, mas estava de alguma forma espalhada como um morcego com rosto e olhos humanos, e com asas estendidas na encosta da montanha. Assim que se sentiu observado, brilhou na sua forma própria, como que para nos enfrentar, fixou os seus olhos penetrantes em nós, e depois afundou-se na encosta e desapareceu. Quando visto pela primeira vez, a sua aura devia cobrir várias centenas de pés de espaço..."

Consideramos tais noções absurdas; mas seriam aceites pela maioria dos povos primitivos. Desde os Esquimós aos Ainus do Norte do Japão, desde os Orochon da Sibéria aos índios da Terra do Fogo, o xamã é o intermediário entre este mundo e o mundo dos espíritos. Um homem tornava-se xamã através de provações dolorosas, tanto físicas como espirituais. Um xamã esquimó disse ao explorador dinamarquês Rasmussen: "Eu podia ver e ouvir de uma maneira totalmente diferente.

Tinha ganho a minha iluminação, a luz de cérebro e corpo do xamã, e isto de tal maneira que não era apenas eu que podia ver através da escuridão da vida, mas a mesma luz brilhante também brilhava a partir de mim, impercetível para os seres humanos, mas visível para todos os espíritos da terra, do céu e do mar, e estes vieram então a mim como meus

espíritos ajudantes." A ideia de ser capaz de ver o mundo dos espíritos "da terra, do céu e do mar" pode ser encontrada em todas as religiões xamânicas.

Esta curiosa unidade com a natureza permite ao xamã ou feiticeiro exercer o seu poder sobre os animais. Em *The Occult* citei aquela espantosa passagem do livro de Sir Arthur Grimble *Pattern of Islands*, descrevendo como um "chamador de golfinhos" se retirou para a sua cabana durante várias horas, onde entrou em transe; neste transe, aparentemente, o seu espírito saiu para o mar e convocou os golfinhos. Finalmente, saiu da cabana aos gritos: "Eles vêm, eles vêm". E para espanto de Grimble, eles vieram. Os aldeães entraram na água até ficarem com água pelo peito e centenas de golfinhos nadaram lentamente para a praia, aparentemente num estado de hipnose, permitindo que fossem espancados até à morte.

Ross Salmon, um explorador britânico que passou grande parte das décadas de 1960 e 70 à procura do "mundo perdido dos Incas", descreveu num livro chamado *My Quest For El Dorado* uma cerimónia entre os índios Callawaya do norte da Bolívia que revela esta mesma intimidade entre o homem e a natureza. Uma rapariga chamada Wakchu fora acusada de ser infiel ao seu marido durante a sua ausência, e os anciãos da aldeia decidiram que ela seria "julgada" pelo condor, a ave sagrada da aldeia, que se acreditava encarnar o espírito de um famoso herói. Foi dada permissão a Ross Salmon para filmar toda a cerimónia. Ele descreveu, numa entrevista televisiva que acompanhou o seu filme, a sua incredulidade perante a ideia de que os sacerdotes pudessem convocar um condor — uma ave tímida, que ele nunca vira de perto.

Wakchu foi amarrada a um poste no topo da falésia, vestindo apenas uma tanga, e os três sacerdotes começaram uma cerimónia para chamar o condor, apoiados por um coro de mulheres. Durante meia hora, nada aconteceu, e Salmon convenceu-se de que era uma perda de tempo. Então, para seu espanto, um enorme condor voou por cima, juntamente com duas fêmeas. Aterrou perto de Wakchu, pavoneou-se por algum tempo, depois correu na direção dela e apontou o bico à sua garganta. Os aldeães murmuraram "Culpada". Um dos operadores de câmara atirou uma pedra à ave, que voou. Wakchu cometeu suicídio poucos dias depois, atirando-se de uma falésia. Evidentemente, aceitou o julgamento do condor!

Outro relato da vida entre os índios sul-americanos transmite este mesmo sentido de intimidade com a natureza. *Wizard of the Upper Amazon*, de F. Bruce Lamb, conta a história de Manuel Cérdova-Rios, que foi raptado pelos índios Amahuaca da Amazónia, e que viveu entre eles durante muitos anos. Grande parte da sua "magia" estava envolvida com a caça, e aparentemente funcionava. Rios testemunhou um método de atrair porcos. Era importante que os caçadores matassem a porca que liderava um bando de porcos. Depois, a sua cabeça era enterrada num buraco, virada na direção oposta àquela em que os caçadores viajavam. O buraco era tapado enquanto os caçadores cantavam cânticos aos espíritos da floresta. Se isto fosse feito corretamente, os porcos continuariam a passar por este local em intervalos regulares, no circuito do seu território.

Também parece que os índios Amahuaca são capazes de telepatia de grupo, bem como deste tipo de contacto direto com a natureza. Claramente, os seus modos de perceção são mais "do hemisfério direito" do que os nossos. Mas uma vez que sabemos agora que a nossa perceção do hemisfério esquerdo foi desenvolvida pelas pressões da civilização, e que o ser que vive no direito é virtualmente um estranho, há menos razão para despedir estas histórias de empatia primitiva com a natureza como contos de velhas.

Torna-se agora possível compreender as cerimónias realizadas pelos nossos antepassados Cro-Magnon antes de partirem em expedições de caça, e aquelas pinturas rupestres de xamãs a realizar danças rituais e a vestir peles de animais. O objetivo não é simplesmente localizar o rebanho de animais a ser caçado no dia seguinte (os xamãs devem ser considerados médiuns em vez de mágicos), mas de alguma forma atraí-lo para um lugar onde os caçadores o possam encontrar, como o chamador de golfinhos de Grimble atraiu os golfinhos.

Investigação recente demonstrou de forma bastante convincente que círculos de pedras erguidas como Stonehenge e Avebury foram concebidos como calendários solares e lunares. As descobertas de "caçadores de alinhamentos" como John Michell parecem sugerir que também existiam templos para a realização de rituais de fertilidade. Mas continuo convencido de que, se quisermos compreender o verdadeiro propósito das pedras erguidas, temos de nos colocar no estado de espírito dos Callawayas ou Amahuacas, e entender que os antigos sacerdotes eram provavelmente

xamãs que entravam em transe e conversavam com espíritos da natureza, pedindo-lhes que garantissem a abundância da colheita.

Uma vez que começamos a compreender isto, podemos também compreender as origens da "bruxaria". Um xamã que tem o poder de conversar com "espíritos" para lhes pedir que abençoem a sua tribo pode também usá-los para se vingar de um inimigo. Em *The Occult*, descrevi a teoria avançada pelo antropólogo Ivar Lissner sobre por que razão os nossos antepassados cessaram subitamente de fazer imagens de seres humanos. Eles raciocinaram que, se a "magia" podia ser usada para destruir uma rena ou um urso, também podia ser usada para destruir outro ser humano.

Assim, a criação de imagens tornou-se tabu — ou algo realizado em segredo por mágicos "negros" — aqueles que mais tarde seriam chamados "seguidores do caminho da mão esquerda". (É significativo que os nossos antepassados equiparassem a esquerda ao sinistro — *sinister* em latim significa esquerdo — enquanto a direita era sinónimo de bondade; estavam claramente conscientes de que os dois aspetos da mente humana são separados, mas não tinham meios de saber que a metade direita do cérebro governa a metade esquerda do corpo e vice-versa.)

Ju-ju in My Life de Neal descreve a sua própria conversão gradual à crença no poder malévolo dos feiticeiros — neste caso, através de uma desagradável experiência pessoal. Quando, como chefe de investigação do Governo do Gana, Neal mandou prender um homem que estava a extorquir subornos, descobriu que era o alvo de um ataque de ju-ju. Começou com o desaparecimento de pequenas peças de roupa pessoal — como no caso de David St Clair. Um dia, encontrou o banco do seu carro coberto com um pó preto; o seu chofer escovou-o cuidadosamente, e urinou nele para destruir o seu poder. Então, uma noite, Neal começou a ter febre e sentiu dores da cabeça aos pés. Sentiu que ia morrer. Subitamente, encontrou-se fora do seu corpo, a olhar para si mesmo na cama. Atravessou a parede do quarto, e parecia estar a viajar a grande velocidade, quando de repente pareceu receber uma mensagem de que ainda não era a sua hora de morrer; voltou a passar para o seu quarto, e para dentro do seu corpo. Depois disto, passou três semanas no hospital a sofrer de uma doença que os médicos não conseguiram diagnosticar.

Um inspetor de polícia africano disse-lhe que ele estava a ser submetido a um ataque de ju-ju. Mais pó preto foi espalhado no seu carro. Uma noite, deitado na cama, sentiu criaturas invisíveis com focinhos compridos a atacar o seu plexo solar e a drenar a sua vitalidade. Um feiticeiro que foi chamado descreveu em pormenor dois homens que eram responsáveis pelos ataques — dando uma descrição precisa de dois homens envolvidos no caso do suborno. Finalmente, após uma cerimónia realizada por um homem santo muçulmano — que rodeou a casa com um muro de proteção — Neal recuperou lentamente. O médico branco que o tratou concordou que ele fora vítima de um ataque de ju-ju.

Ele descreve também como, pouco depois do ritual de "exorcismo", o seu criado matou uma cobra fora do seu bangaló. Enquanto se regozijavam com a morte da serpente, Neal reparou noutra cobra — desta vez uma pequena cinzenta — a deslizar em direção a eles. Quando chamou a atenção do criado para ela, o homem empalideceu. Esta, disse o homem, era uma "cobra má" — significando uma cobra criada artificialmente por feiticeiros; um homem mordido por tal cobra não tem hipótese de recuperação. Neal estava compreensivelmente cético. Então viu a cobra — que ainda deslizava a grande velocidade em direção a eles — parar como se contra uma parede invisível. Tinha encontrado o "muro de proteção" colocado lá pelo homem santo. Com um só golpe, o criado decepou-lhe a cabeça com um cutelo. Não saiu sangue. Pouco depois disto, Neal começou a ter comichão por todo o corpo. Duas árvores perfeitamente saudáveis, logo além do "muro de proteção", partiram-se ao meio com um estrondo alto. A consulta a outro feiticeiro habilidoso obteve a informação de que tanto Neal como o seu criado eram vítimas de um novo ataque de ju-ju, mas que, por causa da "proteção", Neal não podia ser seriamente prejudicado; a comichão era o pior que o mágico podia fazer.

Este tipo de bruxaria pode ser encontrado em sociedades primitivas em todo o mundo. Num livro chamado *Mitsinari,* um padre católico, Padre André Dupreyat, descreve os seus anos na Papua, Nova Guiné. Quando se confrontou com feiticeiros locais, também foi colocado sob uma "maldição da serpente". Um dia, a caminho de uma aldeia, ficou surpreendido ao ver uma cobra de cor prateada a contorcer-se na sua direção. Os aldeães dispersaram-se todos. Sabendo que ela teria de baixar a cabeça para se aproximar, Dupreyat esperou até que já não estivesse em posição de atacar, e matou-a com o seu cajado.

No dia seguinte, quando estava deitado numa cabana, uma cobra desceu da viga do teto e caiu-lhe no peito. Ficou perfeitamente imóvel até ela deslizar para o chão, quando conseguiu matá-la com um cajado. Poucos dias depois, enquanto estava deitado numa rede, um nativo avisou-o de que duas cobras negras tinham subido pelo suporte da rede e estavam suficientemente perto para o morder. Passaram-lhe cautelosamente uma faca e disseram-lhe quando devia golpear; conseguiu matar ambas as cobras.

Dupreyat tem também um relato notável de um feiticeiro local chamado Isidoro que conseguia transformar-se num casuar (uma espécie de avestruz). Certa noite, enquanto todos conversavam sobre Isidoro, ouviram o som distinto de um casuar a correr, e Isidoro entrou na cabana. Conversou com eles durante algum tempo, depois disse que ficaria numa casa na aldeia durante a noite, e saiu. Ouviram novamente o som de um casuar a correr. Dupreyat verificou e descobriu que Isidoro não estava na casa onde dissera que ficaria.

No dia seguinte, visitou a aldeia de Isidoro — a cinco horas de distância, do outro lado da montanha. Lá foi recebido por Isidoro. Os aldeães garantiram-lhe que Isidoro passara o início da noite anterior na cabana comunitária, depois saíra às sete horas. Pelas nove horas, estivera com Dupreyat, a cinco horas de viagem do outro lado da montanha. E ao amanhecer, fora avistado novamente na sua própria aldeia. No entanto, no escuro, a viagem demorava pelo menos oito horas.

As próprias experiências de James Neal com a bruxaria no Gana terminaram desastrosamente. Ao sair de sua casa apressadamente, numa manhã em que tencionava ir às corridas de Accra — para capturar uma quadrilha do autódromo — deixou para trás um amuleto de proteção que lhe fora dado pelo homem santo. De uma bancada quase vazia, assistiu à prisão dos homens pelos seus próprios agentes. Depois, ao descer da bancada, sem ninguém a menos de vinte jardas dele, foi violentamente empurrado e caiu.

As múltiplas fraturas que sofreu mantiveram-no no hospital durante meses; e quando recuperou, os seus ossos partidos impediram-no de continuar o seu trabalho policial e foi forçado a demitir-se. O homem santo, que o veio visitar ao hospital, disse-lhe que fora empurrado por uma

"entidade astral". Neal insiste que, quando foi empurrado, se virou para ver quem era o responsável, e que não havia ninguém ali.

Foi enquanto escrevia sobre casos como estes que cheguei a reconhecer que era ilógico aceitar evidências sobre bruxaria em África e rejeitar o mesmo tipo de evidências sobre bruxaria na Europa. É possível que as bruxas de Chelmsford, as bruxas de North Berwick, as bruxas de Auldearne, fossem vítimas inocentes de uma superstição bárbara. É igualmente possível que, como os mágicos da umbanda do Brasil, tivessem aprendido a usar o "mundo espiritual" para os seus próprios fins. Montague Summers não estava a ser tão absurdo quanto parecia quando declarou que o espiritismo moderno é um renascimento da bruxaria medieval.

Foi na década de 1880, na altura em que a Society for Psychical Research tentava colocar o estudo do paranormal numa base científica, que a erudição moderna voltou a sua atenção para a bruxaria. Um estudioso americano chamado Charles Leland ficou fascinado pelos Ciganos ingleses — como George Borrow estivera meio século antes — e tornou-se presidente da Gypsy Lore Society. Em 1886, foi para Florença, continuando os seus estudos sobre magia e sabedoria cigana, e encontrou uma bruxa italiana chamada Maddalena, que lia a sorte e vendia amuletos.

Empregou Maddalena para recolher as tradições que pudesse sobre as origens da bruxaria italiana, que era conhecida como *la vecchia religione*, a velha religião. Ela finalmente forneceu-lhe um manuscrito escrito à mão chamado *Aradia*, ou o *Evangelho das Bruxas*. Este conta a história de como a deusa Diana teve uma relação incestuosa com o seu irmão Lucifer, e deu à luz Aradia (ou Herodias); foi Aradia que acabou por descer à terra e ensinou a homens e mulheres os segredos da magia. Isto, segundo o *Evangelho das Bruxas*, deveu-se ao facto de a Igreja e a aristocracia tratarem os pobres com tamanha crueldade que Diana sentiu que eles precisavam de receber alguns meios de autodefesa. Isto é, a bruxaria era originalmente um movimento de protesto social, como a Revolta dos Camponeses.

Em *Witchcraft, Magic and Alchemy* (1931), Grillot de Givry chega à mesma ideia: "... é perfeitamente lógico que certos homens... tendo visto que Deus possuía a sua Igreja rica e honrada na terra... se tenham perguntado — acima de tudo, se acreditavam que tinham o direito de se queixar de Deus, Que os havia condenado a um estado de vida miserável e

lhes negou os bens mundanos — porque razão Satanás... não haveria de ter também a sua Igreja... porque razão eles próprios não haveriam de ser sacerdotes deste demónio, que, talvez, lhes desse o que Deus não dignou dar..."

Há toda a razão para acreditar que *Aradia* é um documento genuíno, pois não poderia haver possível razão para forjar tal obra. Dificilmente atrairia a atenção de alguém que não fosse um folclorista — e, de facto, esgotou quase imediatamente. Fornece uma das mais poderosas peças de evidência de que a bruxaria era uma sobrevivência de um culto pagão da deusa da lua e da terra — um culto de fertilidade.

Durante a Primeira Guerra Mundial, uma arqueóloga inglesa chamada Margaret Murray vivia em Glastonbury quando decidiu estudar a história da bruxaria. Sem, aparentemente, ter estudado *Aradia* (pelo menos, nunca a menciona), Margaret Murray chegou à conclusão de que a bruxaria era uma sobrevivência de um culto pagão de fertilidade. Era sua opinião que a imagem do Diabo — como um homem com chifres e cauda — se originou nos rituais de caça dos nossos antepassados Cro-Magnon, nos quais o xamã usava a pele do animal que estava prestes a ser caçado. Quando o homem se tornou agricultor em vez de caçador, dirigiu a sua magia para a terra com o objetivo de garantir uma boa colheita. Estes festivais pagãos inofensivos continuaram através dos tempos. A Igreja tentou eliminá-los, em parte porque eram uma sobrevivência pagã, em parte devido aos seus fortes matizes sexuais — mas em muitas áreas rurais a "velha religião" foi simplesmente misturada com a nova; danças à volta de um mastro de maio substituíram a cerimónia pagã de fertilidade com o seu falo ritual.

Nos últimos anos, a teoria de Margaret Murray — que foi outrora aceite pela maioria dos estudiosos respeitáveis — tem sido violentamente atacada, com o argumento de que ela censurou as evidências sobre cultos de bruxaria e sabbats para apoiar as suas teorias. E não há dúvida de que o seu último livro *The Divine King in England* (que apareceu quando ela tinha 94 anos) é extremamente excêntrico, com a sua teoria de que muitos reis ingleses eram membros da "velha religião".

No entanto, ninguém que olhe imparcialmente para as evidências pode duvidar de que a bruxaria estava intimamente ligada ao culto de Diana, e que muitas das suas cerimónias eram sobrevivências pagãs. No seu livro *The Roots of Witchcraft*, Michael Harrison menciona que, após a Segunda

Guerra Mundial, o Professor Geoffrey Webb recebeu a tarefa de inspecionar igrejas danificadas, e descobriu que muitos altares de igrejas construídas antes da Peste Negra continham falos de pedra. (Os estudiosos têm-se há muito interrogado sobre esculturas em muitas igrejas antigas mostrando uma mulher agachada a manter abertos os lábios da sua vagina — são conhecidas como Sheila-na-gigs.)

Harrison menciona também um evento documentado no Registro do Bispo de Exeter no século XIV, que afirma que os monges do Priorado de Frithelstock em Devon foram apanhados pelo Bispo a adorar uma estátua da "impura Diana" nos bosques, e os fez destruí-la. Porquê "impura" Diana, quando ela é geralmente conhecida como a "rainha e caçadora, casta e bela"? Porque o Bispo reconheceu a cerimónia pelo que ela era — um ritual de fertilidade.

Curiosamente, Montague Summers fica enfurecido com a teoria de Margaret Murray, e denuncia-a como fantasia imaginativa. Está determinado a promover a sua própria visão de que as bruxas eram hereges genuínos, inspirados pelo diabo, e que a igreja fez bem em "erradicar a infecção para que toda a sociedade não fosse corrompida e condenada". Como vimos, há muito a dizer a favor das suas opiniões — embora ele as leve ao ponto do absurdo. Está quase certamente com razão quando ataca a visão de Margaret Murray de que Joana d'Arc e Gilles de Rais eram sacerdotes do culto de Diano que foram sacrificados pela sua fé.

Tudo o que apenas demonstra que o assunto da bruxaria é muito mais complicado do que parece à primeira vista. A verdade parece ser aproximadamente esta: a "velha religião" sobreviveu desde os dias dos nossos antepassados Cro-Magnon, e no final do Neolítico levou à construção de "templos" de pedra como Avebury, Stonehenge e Carnac.

Esta religião envolvia a invocação de espíritos e divindades da terra — como os "espíritos das Colinas Escorregadias" de Van Der Post. Conseguiu coexistir silenciosamente com o Cristianismo na Europa — embora os autores do *Cânon Episcopi* soubessem dela quase mil anos antes de João XXII a tornar crime. Quase certamente, não tinha nada a ver com o surgimento do Catarismo, cujas raízes estão no Maniqueísmo e no Gnosticismo. Mas a perseguição dos Cátaros chamou a atenção da Igreja para a Velha Religião, com resultados terríveis. Na verdade, um dos primeiros resultados da perseguição das bruxas foi provavelmente levá-las

a unir-se e a posicionar-se contra as doutrinas do Cristianismo. Assim, até certo ponto, a igreja criou a heresia que estava tão determinada a destruir. Se pudermos acreditar em *Aradia*, eles adoravam o diabo — ou Lucifer, o deus sol — bem como a sua irmã Diana. E muitos deles provavelmente praticavam formas antigas de magia transmitidas desde os tempos paleolíticos. Não foi a Igreja que eliminou a bruxaria — foram Newton e Leibniz e Dalton.

1951 foi um marco na história da bruxaria, pois foi nesse ano que a Lei da Bruxaria foi finalmente revogada na Grã-Bretanha. Na opinião do Parlamento Britânico, a lei estava obsoleta. Os legisladores acreditavam que não havia bruxas na Grã-Bretanha, e provavelmente nunca tinha havido.

Um homem que discordou veementemente deste ponto de vista foi Gerald Gardner. Era o autor de um livro chamado *High Magic's Aid*, que descrevia em pormenor vários rituais usados por bruxas medievais. Em 1954, três anos após a revogação da Lei da Bruxaria, Gardner publicou um livro chamado *Witchcraft Today* no qual deixou bastante claro que ele próprio era um bruxo praticante. Declarou que ainda havia dezenas de *covens* — grupos de bruxas — em Inglaterra, praticando os ritos que descrevera no seu livro anterior.

Witchcraft Today é um livro fascinante mas irritante. Na sua introdução, Margaret Murray diz que "o Dr. Gardner mostrou no seu livro quanto da chamada 'bruxaria' descende de rituais antigos, e não tem nada a ver com lançamento de feitiços e outras práticas malignas." Na verdade, Gardner não mostra nada disso. O que ele faz é desenvolver e popularizar as opiniões apresentadas trinta anos antes pela própria Margaret Murray. Como vimos, a Dra. Murray sustentava que a bruxaria, ou o "Culto de Diana" como lhe chamava, é uma antiga religião pagã, muito mais antiga que o Cristianismo. Ela traçou o culto até à adoração pré-histórica da fértil Grande Mãe, a mais antiga de todos os deuses antigos, e do Deus Cornífero, um símbolo primitivo de poder. Retomando este tema, Gardner declarou que a bruxaria era a religião dos primeiros habitantes da Grã-Bretanha. Sugeriu que estes antigos bretões eram pigmeus ou "homenzinhos", e eram a origem das lendas de fadas, elfos e anões.

Sob vagas sucessivas de invasores, estas Pequenas Pessoas foram forçadas a esconder-se, levando consigo a sua velha religião. Quando o

resto da Grã-Bretanha se cristianizou, continuaram a realizar as suas estranhas cerimónias orgiásticas em lugares remotos. Os camponeses supersticiosos tinham medo delas, mas nobres e suas damas frequentemente participavam.

Estas afirmações incríveis, juntamente com a implicação de que as bruxas modernas praticavam orgias sexuais, despertaram o interesse da imprensa britânica. Aos 70 anos, Gardner descobriu subitamente que era famoso. Jornais populares de domingo procuraram-no e imprimiram as suas descrições de reuniões de bruxas chamadas Sabbaths ou Sabbats — completas com bruxas nuas e flagelações rituais. O próprio Gardner revelou-se o tipo de homem que dá bom material para jornalistas sensacionalistas. Nasceu em Lancashire em 1884, filho de um rico comerciante de madeira.

O seu pai era um notório excêntrico que costumava tirar toda a roupa e sentar-se nela sempre que chovia. Gardner desenvolveu um gosto pelo voyeurismo e por ser espancado, durante viagens de juventude no Médio Oriente com uma ama irlandesa corpulenta. Mais tarde, a nudez e a flagelação ritual haveriam de figurar proeminentemente nos seus escritos sobre bruxaria. Viveu no Oriente até 1936, desenvolvendo um gosto por armas, particularmente facas. O seu primeiro livro foi um estudo do *kris* malaio, uma adaga com lâmina ondulada. Depois regressou a Inglaterra e tornou-se estudioso e praticante de magia. Segundo o seu próprio relato, a sua introdução à bruxaria ocorreu em 1946, quando vivia na New Forest, no sul de Inglaterra. Aí conheceu uma bruxa chamada Old Dorothy — alegadamente uma aristocrata — que lhe ensinou o culto da bruxaria e o convenceu de que era a sobrevivência de uma antiga religião pagã.

A veracidade deste relato tem sido desde então amplamente questionada. Alguns dos rituais "seculares" de Gardner têm sido criticados como produtos da sua própria imaginação — tanto por céticos pouco simpáticos à bruxaria como por bruxas pouco simpáticas a Gardner. Ele não era, aparentemente, um homem particularmente verídico. Em várias obras de referência, descreveu-se como Ph.D. e D.Litt. Noutros lugares, admitiu que nunca frequentara uma universidade.

Um professor da Universidade de Leeds contou como Gardner apresentou um artigo sobre embarcações de pesca da Ilha de Man a um Congresso Internacional de Folclore Marítimo, transmitindo a impressão de

que se baseava na sua própria investigação. Na verdade, o artigo fora retirado quase inteiramente de um artigo que aparecera nas *Proceedings of the Isle of Man Natural History Society*. Apesar dos seus críticos, no entanto, Gardner atraiu centenas de novos recrutas para o culto da bruxaria, e quando morreu, aos 80 anos, os jornais britânicos estamparam manchetes sobre a morte do "Rei das Bruxas".

Qualquer que seja o seu estatuto como estudioso, Gardner tornou-se reconhecido como a figura de proa no renascimento da bruxaria. Desde a sua morte, *covens* de bruxaria surgiram por toda a Grã-Bretanha e Estados Unidos, e estima-se agora que haja entre 10 000 e 20 000 bruxas ativas só nos Estados Unidos.

Sob a influência de Margaret Murray e Gerald Gardner, a bruxaria hoje é dominada pelas chamadas bruxas brancas que afirmam estar do lado do bem. Sybil Leek, uma das principais bruxas vivas da América, foi anteriormente chefe de um *coven* inglês centrado na New Forest. Numa entrevista ao *Daily Express* de Londres em 1964, declarou: "Sou uma bruxa branca e venho de uma longa linhagem de bruxas brancas, que existem apenas para fazer o bem."

As bruxas brancas do século XX situam-se fora da tradição bruxaria europeia-americana com a sua ênfase na adoração do Diabo. As bruxas brancas modernas afirmam, como Gardner, ser as herdeiras de uma antiga tradição religiosa, e não um culto do mal. Apontam para a derivação da palavra 'witch' do anglo-saxão *wicca*, que significa "o sábio", e usam a palavra *Wicca* como nome para o seu culto. As bruxas brancas, tal como as suas opostas negras, usam muitas das técnicas de feitiçaria e envolvem-se em atividades que se assemelham a muitas das cerimónias quase religiosas das bruxas tradicionais.

A sua adoração, no entanto, é dirigida à Mãe Terra e ao Deus Cornífero, e negam enfaticamente que haja qualquer ligação entre o Deus Cornífero e o Diabo. Segundo Gardner, o Deus Cornífero de duas faces adorado pelos seguidores de Wicca não é Satanás, mas um deus da fertilidade geralmente conhecido pelo nome romano de Dianus ou Janus. Representa o ciclo das estações e das colheitas, e os ritos realizados em sua honra são concebidos para assegurar a contínua fertilidade da terra.

Também tem sido relacionado com a famosa pintura pré-histórica nas Cavernas de Trois Fréres, nos Pirenéus franceses, que parece representar um dançarino com a pele de um animal com grandes chifres ramificados. Gardner sugere que os chifres do deus levaram à confusão com Satanás nas mentes dos cristãos, e que algumas bruxas podem ter encorajado esta confusão para manter os seus inimigos à distância.

Nos últimos anos da sua vida, Gardner instalou-se em Castletown, na Ilha de Man, onde fundou um museu de bruxaria. Após a sua morte, o museu foi assumido por Monique Wilson, uma bruxa escocesa conhecida como "a Senhora Olwen", e o seu marido Campbell, um antigo piloto de bombardeiros. Monique Wilson assumiu também o título de "Rainha das Bruxas". Numa entrevista recente ao jornalista britânico Colin Cross, explicou: "É um título conferido por três ou mais *covens* de bruxas. Supõe-se que seja uma honra, mas na verdade significa que sou eu que fico com o problema quando algo corre mal. Julgo disputas que surgem nos *covens* sob minha jurisdição. Claro que há muitos *covens* que são completamente independentes. Eu costumava ser a única Rainha das Bruxas, mas há uns anos coroámos uma para a América, onde a bruxaria está a crescer muito rapidamente."

Monique Wilson estimou que havia cerca de 2500 bruxas na Grã-Bretanha. Outros colocaram o valor muito mais alto, entre 5000 e 10 000. "Um *coven* consiste num mínimo de dois membros e num máximo de 13; quando atinge o limite, subdivide-se", explicou a Sra. Wilson. "Uma bruxa é sempre iniciada por um homem, e um bruxo por uma mulher."

As bruxas estão geralmente nuas para os seus rituais, mas os Wilsons negaram que o movimento da bruxaria seja realmente um disfarce para o sexo. "Aposto que há um ou dois supostos *covens* que operam por razões sexuais", disse Campbell Wilson. "Qualquer um pode ler um livro e começar o seu próprio *coven* com as suas próprias regras. Mas na verdadeira bruxaria, o sexo é apenas uma parte muito pequena do todo."

Os Wilsons continuaram dizendo que há algumas bruxas negras — aquelas que usam o seu poder para fazer mal às pessoas — mas na sua opinião tais bruxas são raras. No entanto, existem evidências suficientes para sugerir que esses poderes mais sombrios da bruxaria — o poder de lançar feitiços prejudiciais e pragas — não são mera superstição, e que ainda são praticados hoje.

Na enciclopédia *Man, Myth and Magic*, o fotógrafo Serge Kordiev descreveu como ele e a sua mulher se tornaram membros de um *coven*. Depois de ter escrito um artigo num jornal de domingo a descrever o seu interesse pelo oculto, recebeu um telefonema de um homem que perguntou se estaria interessado em juntar-se a um culto de bruxas. Ele respondeu que sim. Por marcação, os Kordiev foram apanhados por um carro caro e levados para uma grande casa antiga.

Depois de lhes serem servidas bebidas num bar, foi-lhes dito para se despirem e vestirem pequenos aventais pretos de cetim. Foram então levados para uma grande sala com chão preto e tapeçarias vermelhas penduradas nas paredes. Meia dúzia de figuras encapuzadas estavam diante de um altar. Um homem nu, com o corpo a brilhar de óleo, apareceu diante do altar. Duas raparigas vestidas de preto estavam de cada lado dele. Os Kordiev foram obrigados a ajoelhar-se, a jurar perpétua homenagem a Satanás, e a assinar os seus juramentos com sangue.

Foram então agraciados com nomes mágicos, e o homem nu colocou a mão nos seus genitais, causando "uma estranha sensação de formigueiro". Após mais várias reuniões, os Kordiev começaram a repensar a sua participação no culto. Numa ocasião, uma jovem foi acusada de trair os segredos do grupo. Foi obrigada a servir como altar humano enquanto uma Missa Negra era dita sobre ela, após o que foi violada pelo Mestre. Quando os Kordiev descobriram que ainda tinham de passar por uma "cerimónia de confirmação" que envolvia relações sexuais com o Mestre e com uma Alta Sacerdotisa, decidiram abandonar o grupo. Quase imediatamente, os seus problemas começaram. Um dia, regressaram a casa tarde da noite e descobriram um enorme sapo sentado no degrau da porta da frente. Noutra ocasião, ouviram sons de riso maníaco e vidros partidos vindos do estúdio de Kordiev. Quando investigaram, descobriram que o estúdio fora destruído. Mas as portas ainda estavam trancadas, e as janelas tinham aparentemente sido partidas de dentro, com todos os vidros espalhados lá fora no relvado. Seguiram-se muitos meses de má sorte.

No seu livro *Experiences of a Present Day Exorcist*, o Reverendíssimo Donald Omand dá a sua opinião de que grande parte da "magia negra" é o resultado de uma espécie de pressão de pensamento hostil. Está firmemente convencido, por exemplo, de que quando um trabalhador numa fábrica é "enviado para Coventry" (um termo inglês para

ignorar um colega de trabalho como castigo), as ondas de pensamento hostil dos outros podem causar danos físicos e psicológicos reais — para além de quaisquer efeitos que possam ser atribuídos ao poder da sugestão. Os leitores do romance *Rosemary's Baby* de Ira Levin lembrar-se-ão do episódio em que um círculo de bruxas negras causa a morte de alguém através de "maldizer". Bem poderia ser que "maldizer" e a "pressão de pensamento hostil" do Reverendíssimo Donald Omand sejam um e o mesmo fenómeno.

A bruxaria e a magia negra alcançaram ainda maior popularidade nos Estados Unidos hoje do que na Grã-Bretanha. As bruxas brancas dos Estados Unidos assemelham-se muito às suas congéneres britânicas, no entanto, e as suas atividades baseiam-se em grande parte nos rituais revividos ou criados por Gerald Gardner. As duas principais bruxas brancas dos Estados Unidos, Sybil Leek e Raymond Buckland, são ambas de origem britânica. Sybil Leek afirma traçar a sua ascendência bruxa até ao século XII. Após a sua chegada aos Estados Unidos em 1964, tornou-se rapidamente uma popular personalidade de rádio e televisão. Atualmente vive em Houston, Texas, onde organiza aulas sobre o oculto, transmite um programa noturno de rádio e gere um restaurante chamado "Sybil Leek's Cauldron".

Em comparação com Sybil Leek, Raymond Buckland tem uma abordagem muito mais reservada ao seu ofício, mas provavelmente fez mais do que qualquer outra bruxa americana para dar à bruxaria moderna uma imagem séria. Sumo Sacerdote de um *coven* de Nova Iorque, Buckland edita uma revista mensal sobre bruxaria chamada *Beyond*; e fundou o seu próprio museu de bruxaria em Bay Shore, Long Island. Antigo discípulo de Gerald Gardner, Buckland desdenha daqueles que afirmam ser "Rei" ou "Rainha" das bruxas, declarando que o movimento da bruxaria é demasiado disperso para que tal título tenha qualquer significado. No entanto, tem havido muitas tentativas de unir as bruxas dos Estados Unidos, incluindo a Witches International Craft Association, sediada em Nova Iorque. Esta organização é uma espécie de "Movimento de Libertação das Bruxas".

A bruxaria americana também tem o seu lado mais sombrio, com um ressurgimento do interesse pela prática da magia negra e do satanismo. A maioria dos grupos de magia negra está localizada na Califórnia, e o

surgimento de tais cultos malignos tem sido associado ao aumento do uso de drogas alucinogénicas como a mescalina e o LSD.

A bruxa negra mais notória da América é um ex-diretor de circo e fotógrafo da polícia, Anton Szandor La Vey. Em 30 de abril de 1966, La Vey iniciou a "Primeira Igreja de Satanás" na California Street, em São Francisco (30 de abril é a Noite de Walpurgis, a grande festa do ano das bruxas). La Vey e os seus seguidores praticam abertamente a magia negra, lançando maldições malignas sobre os seus opositores, realizando casamentos, funerais e batismos em nome do Senhor Satanás, e pregando "indulgência em vez de abstinência". A Igreja de Satanás é dedicada à adoração do Diabo e à glorificação dos prazeres carnais — muito longe das garantias de Sybil Leek e dos Wilsons.

La Vey, conhecido de várias formas como "Sumo Sacerdote do Inferno" e o "Papa Negro da América", faz questão de parecer satânico, usando uma barba preta pontiaguda, bigode Fu Manchu e cabeça rapada. É o autor de uma obra chamada *The Satanic Bible*, que contém invocações a Satanás numa língua chamada "Enochiano" e o próprio sistema de "moralidade satânica" de La Vey. Declara La Vey: "Bem-aventurados os fortes, pois eles possuirão a terra. Malditos sejam os fracos, pois serão apagados!"

A igreja de La Vey está em expansão, mas há muitos estudiosos do oculto que afirmam que ninguém pode lidar com a magia negra sem risco. Um acontecimento que teve lugar em 1967 parece apoiar esta visão. Na noite de 29 de junho, um homem de meia-idade colapsou subitamente no chão do seu apartamento em São Francisco. Ele e a sua família eram todos membros da igreja de La Vey. Enquanto a sua mulher e filho se ajoelhavam ao seu lado, tentando reanimá-lo, ouviram uma voz feminina — a sair dos seus lábios — a dizer: "Não quero morrer."

A mãe e o filho reconheceram imediatamente a voz como sendo a da atriz Jayne Mansfield, uma companheira de congregação de La Vey. Mais tarde, souberam que a atriz morrera num acidente rodoviário naquela mesma noite. Viajava com o seu advogado numa estrada estreita perto de São Francisco quando um camião saiu disparado de debaixo de uma ponte estreita e se embateu no seu carro. Jayne Mansfield foi decapitada, e o seu advogado, Sam Brody, também morreu.

Os repórteres dos jornais rapidamente descobriram uma história de conflito violento entre Brody, que era amante de Jayne Mansfield além de seu advogado, e La Vey. Surgiu porque o estúdio de cinema de Jayne Mansfield a estava a preparar como sucessora de Marilyn Monroe, e os rumores da sua pertença à Igreja de Satanás eram má publicidade. Brody ameaçou iniciar uma campanha na imprensa que expulsaria La Vey de São Francisco, e La Vey retaliou pronunciando uma maldição ritual solene sobre Brody.

Disse a Brody que o veria morto dentro de um ano, e pouco antes da morte de Jayne Mansfield avisou-a para não partilhar o carro de Brody. "Ela foi vítima da sua própria frivolidade", disse La Vey impassível após o acidente; mas houve membros do submundo oculto da Califórnia que declararam abertamente que a maldição de La Vey fugira ao controlo, matando tanto a discípula como o descrente.

Na Grã-Bretanha, também se tornou claro que o culto moderno da bruxaria tem o seu lado negativo, à medida que casos envolvendo "magia negra" e abuso ritual de crianças fizeram manchetes nacionais. Pouco antes da meia-noite de 10 de julho de 1971, dois polícias na ilha de Jersey, no Canal da Mancha, iniciaram uma perseguição a um carro que passara um semáforo vermelho em alta velocidade. Após uma perseguição, alcançaram o condutor quando ele abandonou o carro no meio de um campo. Chegaram mais polícias e ajudaram a subjugar o homem, que se debatia furiosamente.

Enquanto o colocavam à força num carro da polícia, um deles reparou numa coisa estranha na sua roupa. Duas filas de pregos afiados sobressaíam dos ombros do seu casaco. Tinha outra fila de pregos nas lapelas, e usava pulseiras cravejadas de pregos nos pulsos. Na esquadra, o homem foi revistado. Nos seus bolsos, a polícia encontrou uma peruca, uma máscara de borracha e um pedaço de cordão de pijama. Parecia que tinham finalmente apanhado o "violador de Jersey" — um homem que aterrorizara a ilha por mais de uma década.

Os ataques começaram em 1957, quando três mulheres foram agredidas por um homem com uma faca. Em abril de 1958, um homem atirou uma corda ao pescoço de uma rapariga, arrastou-a para um campo e violou-a. Em outubro de 1958, uma rapariga foi arrastada para fora de uma casa e violada. Por mais de um ano, os ataques cessaram. Então, em janeiro

de 1960, assumiram um rumo mais alarmante. Uma rapariga de 10 anos acordou e encontrou um homem no seu quarto.

Ele avisou-a que, se ela gritasse, mataria ambos os pais. O homem usava uma máscara de borracha. Agrediu sexualmente a rapariga na sua própria cama e saiu pela janela, fugindo no carro do pai. Um mês depois, o violador agrediu um rapaz de 12 anos. Durante os onze anos seguintes, ataques repetidos fizeram de Jersey uma ilha de terror. Em muitos casos, o violador mascarado levava uma criança para o jardim, cometia a agressão e levava a vítima de volta para o quarto.

Quando a polícia em 1971 capturou o homem com uma máscara e um cordão de pijama no bolso, tinha poucas dúvidas de que ele era o violador. O seu nome era Edward John Louis Paisnel, e tinha cerca de 50 anos.

Questionado sobre a vestimenta peculiar que usava quando foi encontrado, Paisnel disse à polícia que estava a caminho de algum tipo de "orgia". Implicou que esta reunião estava ligada à magia negra, e explicou que todos os participantes eram desconhecidos entre si, porque usavam máscaras.

Quando a polícia visitou a casa de Paisnel, descobriu que ele dormia separado da sua mulher, no seu próprio quarto. Neste quarto, encontraram um nicho contendo o que parecia ser um pequeno altar. Sobre o altar estavam um sapo de porcelana e um pequeno cálice. Suspensa acima destes objetos estava uma adaga num pedaço de corda.

No mesmo quarto, a polícia encontrou um armário que se abria para fora da parede sobre dobradiças. Por trás dele havia uma pequena sala contendo um fato de treino azul e um gabardine castanho-claro com lapelas cravejadas de pregos. Descrições anteriores do violador de Jersey tinham mencionado um fato de treino azul e um gabardine castanho-claro.

No entanto, Paisnel continuou a protestar a sua inocência. Insistiu que era membro de um grupo de magia negra e não tinha ligação com as violações. Então veio a viragem. O carro que Paisnel conduzia antes da sua prisão provou ter sido roubado. No porta-luvas, a polícia descobriu um crucifixo feito de folhas de palmeira — aparentemente propriedade do dono do carro. O detetive encarregado do caso atirou-o para cima da mesa em frente de Paisnel e perguntou: "Isto é seu?"

O rosto de Paisnel ficou vermelho. Os seus olhos saltaram. Depois começou a rir. "Não, não é meu." Depois de uma pausa: "O meu mestre rir-se-ia muito tempo e muito alto disto."

O detetive não precisou de lhe perguntar o nome do seu "mestre". No quarto de Paisnel, a polícia encontrara vários livros sobre bruxaria e magia negra. Paisnel estava a falar do Diabo.

A polícia fez mais uma descoberta interessante. Entre os livros de Paisnel estava uma biografia do assassino de crianças do século XV, Gilles de Rais — o homem em quem se baseou a história do Barba Azul. Gilles de Rais fora um dos mais ricos nobres da Europa, e lutara bravamente ao lado de Joana d'Arc contra os ingleses. A sua extravagância forçou-o a hipotecar muitas das suas propriedades, e finalmente começou a praticar magia negra, esperando que com a ajuda do Diabo pudesse descobrir o segredo de transformar chumbo em ouro. Alguns destes rituais de magia negra exigem o "sangue de virgens inocentes", e isto pode explicar como Gilles adquiriu o gosto por matar crianças. Quando Gilles foi preso — por agredir um padre no decorrer de uma discussão — a sua mansão foi revistada, e os restos desmembrados de mais de cinquenta crianças foram encontrados numa torre trancada. Gilles admitiu que assassinara as crianças após cometer ataques sádicos contra elas. Foi queimado na fogueira em outubro de 1440.

Tornou-se gradualmente claro para a polícia que Paisnel estava obcecado por Gilles de Rais. Parece até provável que ele acreditasse ser uma reencarnação de Gilles. Nenhum outro membro do "grupo de magia negra" foi alguma vez descoberto. Presumivelmente, existiam apenas na imaginação de Paisnel. Acusado de sete agressões sexuais, Paisnel foi considerado culpado e condenado a trinta anos de prisão.

Parece certo que Paisnel não era um estudante de ocultismo de poltrona. Praticava magia negra e acreditava que tinha vendido a sua alma ao Diabo. Adorava o seu "mestre" diante de um altar, e provavelmente fazia preces antes de sair em busca de vítimas.

A visão lógica de tudo isto é que ele era simplesmente um "maníaco sexual" que se entregava à adoração do diabo como uma espécie de exercício imaginativo que lhe permitia ignorar a sua consciência. (Um "devoto" tem sempre essa vantagem sobre um descrente.) Mas este capítulo

deveria pelo menos ter levantado algumas dúvidas sobre a visão lógica. A verdade é que o nosso racionalismo científico nos cegou para a verdade por trás da bruxaria. E para compreender essa verdade, temos de começar por reconhecer que todos os povos primitivos tomam a realidade do "mundo espiritual" como garantida. Temos também de reconhecer que relatos circunstanciais de fantasmas podem ser contados aos milhares, que remontam ao início da história registada, e que tentar descartar tudo isto como superstição é mera tolice. Podemos rejeitar a noção cristã do Diabo como uma personificação do mal (porque certamente o mal é apenas outro nome para a estupidez?), tal como rejeitamos a noção maniqueísta de que a própria matéria é má, reconhecendo ainda assim que as evidências da existência de "espíritos" são realmente muito poderosas. E a história do espiritismo, como a história da bruxaria, demonstra que não é difícil para os seres humanos estabelecer contacto com "espíritos", e que alguns o fazem fácil e naturalmente.

Portanto, provavelmente seria um erro descartar a adoração do diabo por Paisnel como mera autoilusão. A verdade mais provável é que ele era um homem cujas fantasias o abriram a certas forças sombrias, e que se tornara uma ferramenta voluntária dessas forças em troca da satisfação de desejos sexuais — em suma, que fizera o que um teólogo medieval chamaria de "vender a sua alma ao Diabo".

É também interessante notar que a sua vida encantada de impunidade terminou quando roubou um carro contendo um crucifixo cristão.

11.
Possessão: Ilusão ou Realidade?

SEGUNDO O *Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, as pessoas que morrem subitamente, ou que não estão preparadas para a morte devido a vidas desperdiçadas, estão muitas vezes inconscientes de que estão mortas, e tornam-se errantes sem-abrigo na terra, atraídas por seres humanos de

espírito semelhante, e partilhando as suas vidas e experiências. São capazes, até certo ponto, de influenciar essas pessoas de espírito semelhante e de as fazer fazer a sua vontade através de sugestão. Alguns "espíritos inferiores" são ativados pela malícia; outros são meramente travessos, e podem usar energia extraída de seres humanos para causar distúrbios físicos — estes são conhecidos como poltergeists.

Quando Kardec perguntou: "Os espíritos influenciam os nossos pensamentos e ações?", a resposta foi: "A sua influência sobre [os seres humanos] é maior do que supões, pois são muito frequentemente eles que dirigem ambos." Perguntado sobre possessão, o "espírito" explicou que os espíritos não podem realmente tomar o corpo de outra pessoa, pois este pertence ao seu dono; mas um espírito pode assimilar-se a uma pessoa que tem os mesmos defeitos e qualidades que ele, e pode dominar tal pessoa.

Em suma, tais espíritos poderiam ser descritos como "parasitas mentais". (Segundo a visão de Kardec, quando as pessoas se entregam a fantasias sexuais, podem estar a fornecer uma espécie de exibição de filmes pornográficos para algum espírito sem-abrigo, que tentará então influenciá-las a fornecer mais do mesmo tipo de entretenimento, colocando pensamentos sexuais nas suas cabeças.)

O livro moderno clássico sobre o assunto — *Possession, Demoniacal and Other* (1921) — é da autoria de um professor de Tubinga, T.K. Oesterreich, e adota, como seria de esperar de um respeitável académico, uma visão totalmente cética: Oesterreich descarta a explicação do "espírito", insistindo que a possessão é sempre um caso de histeria ou doença mental. Não aceita sequer a hipótese da personalidade múltipla, pois não consegue acreditar que a personalidade humana se possa "dividir".

Uma das suas mais impressionantes peças de evidência para a teoria da histeria é um longo relato do famoso caso de "Achille", descrito pelo psiquiatra Pierre Janet. Achille, um homem de negócios moderadamente bem-sucedido, vinha de um meio camponês e casou cedo. No inverno de 1890, quando tinha 33 anos, Achille regressou de uma viagem de negócios num estado deprimido, e de repente ficou mudo. Um dia, mandou chamar a sua mulher e filho, abraçou-os desesperadamente, e depois entrou em estado catalético durante dois dias.

Quando acordou, sofria de delírios; parecia pensar que estava no Inferno, e que demónios o estavam a queimar e a cortar em pedaços. A sala, dizia, estava cheia de diabinhos, e ele estava possuído por um diabo. Após várias tentativas de suicídio, foi enviado para o Hospital Salpétriére em Paris, sob os cuidados do famoso médico Charcot. Este último colocou Janet encarregue do caso.

Janet observou com interesse enquanto Achille exibia todos os sinais de possessão demoníaca, conforme descritos na Idade Média: numa voz grave amaldiçoava Deus, depois numa voz aguda protestava que o Diabo o forçara a fazê-lo.

No início, todos os esforços de Janet para comunicar foram um fracasso; Achille recusava-se a ouvi-lo e resistia a todas as tentativas de o hipnotizar. Janet viu uma possível solução quando observou que Achille era extremamente "distraído" — compara-o a alguém à procura de um guarda-chuva que tem na mão. Enquanto Achille delirava, Janet inseriu silenciosamente um lápis na sua mão, e depois tentou ordenar-lhe, num sussurro, que fizesse movimentos de escrita. O lápis escreveu: "Não vou." "Quem és tu?", perguntou Janet, e o lápis escreveu: "O Diabo." "Não acreditarei em ti", respondeu Janet, "a menos que me dês uma prova. Consegues fazer Achille levantar o braço esquerdo sem ele saber?" "Claro..." — e Achille levantou o braço. "Porque estás a fazer isso?", perguntou Janet a Achille na sua voz normal, e Achille olhou para o seu braço levantado com espanto.

O demónio continuou a demonstrar os seus poderes fazendo Achille dançar, deitar a língua para fora e beijar um pedaço de papel. Finalmente, Janet perguntou-lhe se conseguia pôr Achille num sono profundo. Momentos depois, Achille estava em transe. E agora Janet pôde interrogá-lo sobre a causa da sua doença, e rapidamente soube que Achille fora infiel à sua mulher enquanto estava fora na sua viagem de negócios, e que uma culpa profunda e intensa causara a depressão e outros sintomas. Agora que conseguia induzir alucinações, Janet fez Achille acreditar que a sua mulher estava na sala e o tinha perdoado pela sua infidelidade. (Não fica completamente claro no relato de Janet se a mulher veio realmente ao hospital.) Depois disto, os problemas psicológicos de Achille rapidamente se resolveram.

Este é certamente um caso notável. No entanto, como refutação da visão do "espírito", está obviamente aberto a uma séria objeção. Se Kardec estiver correto, é óbvio que as pessoas que sofrem de traumas nervosos ou estados de intensa culpa e miséria são mais propensas a tornar-se "obcecadas" por espíritos do que pessoas normais e saudáveis. Kardec argumentaria que Achille pode ter estado genuinamente "obcecado" por um espírito travesso, e que assim que Janet o fez sentir que estava perdoado, o espírito foi "expulso".

A mesma visão da "possessão" foi expressa por Carl Wickland, um médico de Los Angeles: no seu livro *Thirty Years Among the Dead*, ele argumenta que grande parte da doença mental é causada por uma espécie de invasão mental por "espíritos sem-abrigo".

Wickland, nascido em Leiden (Suécia) em 1861, emigrara para Chicago, onde obteve o seu diploma médico; tornou-se membro da National Association for the Advancement of Science, e conselheiro médico da filial de Los Angeles do National Psychological Institute. Parece provável que ele tenha decidido arriscar tudo e publicar o seu livro porque, aos 63 anos, estava já na iminência da reforma, e o ridículo não faria diferença.

Tudo começou, explicou ele, com uma paciente a quem chama Sra. B—, que começou a praticar escrita automática, e que pouco depois começou a ter ataques de desvario em que usava linguagem vil e afirmava ser uma atriz; teve de ser internada num asilo. Outra mulher, "uma artista e senhora requintada", convenceu-se de que era uma alma condenada e ajoelhava-se na lama para rezar em voz alta. Outra mulher, que possuía uma loja de chapéus, pose na sua montra em roupa de dormir, declarando que era Napoleão, e teve de ser removida pela polícia.

Ora, nesta altura — em meados da década de 1890 — a principal teoria da doença mental era que esta podia ser explicada em termos puramente físicos; muitos médicos chefes em hospitais psiquiátricos eram nomeados porque tinham conhecimentos práticos de anatomia do cérebro. O próprio Freud foi um dos primeiros convertidos a esta teoria (conhecida como organicismo), sendo o seu professor, o Dr. Theodore Meynert, um dos seus principais defensores — este último virou-lhe as costas quando Freud regressou de Paris a defender uma nova explicação "psicológica" da neurose baseada na ideia da mente inconsciente. Na América, a teoria

preferida da doença mental era a de que se devia a venenos no sistema causados por fatores como amígdalas infetadas ou dentes cariados. Mas Wickland ficou intrigado com o caso de um jovem chamado Frank James que, após uma queda de uma mota aos dez anos, passou de um rapaz afetuoso e obediente a um delinquente juvenil que passou muitos períodos em reformatórios e prisões. Declarado irremediavelmente insano, conseguiu escapar do asilo criminal e, durante a sua recaptura, foi atingido na cabeça com uma clava. Ao despertar, revertera novamente para a sua personalidade anterior — gentil e bem-humorado.

Isto convenceu Wickland da inadequação da teoria da "toxémia". E enquanto ainda era estudante de medicina, o acaso de casar com uma mulher que se revelou uma excelente "média" rapidamente lhe forneceu evidências de uma teoria alternativa. Um dia, Wickland estava a dissecar uma perna na faculdade de medicina e, ao regressar a casa, alarmou-se quando a sua mulher Anna pareceu estar prestes a desmaiar. Colocou a mão no ombro dela e sobressaltou-se quando ela se endireitou e disse ameaçadoramente: "O que queres dizer com cortar-me?" Após algumas perguntas, tornou-se claro que ele estava a falar com o espírito do dono da perna que estivera a dissecar.

Wickland guiou Anna para uma cadeira, e o espírito objetou que ele não tinha o direito de o tocar. Quando Wickland respondeu que estava a tocar na sua mulher, ele retorquiu: "Do que é que estás a falar? Não sou mulher — sou um homem." Eventualmente, Wickland raciocinou com ele até que este reconheceu que estava morto, e que devia ir-se embora. Quando o espírito pediu um bocado de tabaco para mascar ou um cachimbo, Wickland teve de explicar que a sua mulher não fumava. (No dia seguinte, observou que os dentes do cadáver estavam muito manchados de tabaco.) Uma explicação mais detalhada finalmente convenceu o homem de que estava morto, e ele partiu.

Isto mostrou a Wickland que um "fantasma" pode acreditar que ainda está vivo — particularmente se a morte veio inesperadamente. Também encontrou um caso que parecia demonstrar que os espíritos não precisavam de se manifestar através de uma "média". Quando estava sozinho um dia, a dissecar um cadáver feminino, pensou ter ouvido uma voz distante gritar: "Não me assassines!" Um jornal no chão fez um ruído de folhas a serem amassadas, como se estivesse a ser esmagado. Alguns dias depois, numa

sessão espírita, um espírito que se identificou como Minnie Morgan afirmou que fora ela que gritara "Não me assassines!" e amassara o jornal. Minnie também teve de ser convencida de que já não estava viva.

Em sessões espíritas, entidades que falavam através da sua mulher explicaram mais tarde a Wickland que tais "espíritos sem-abrigo" — aqueles que não sabem que estão mortos — são atraídos pelo calor da "aura humana" — uma espécie de esfera de energia que supostamente envolve o corpo humano — e, sob certas circunstâncias, podem ligar-se ao seu dono como uma espécie de parasita mental. Em efeito, tais espíritos estão num estado de sono, no qual os sonhos e a realidade se confundem, e — como no sono — o sonhador não sabe que está a sonhar.

Na sua introdução a uma nova edição de *Possession* de Oesterreich, a investigadora paranormal Anita Gregory tem palavras duras a dizer sobre Wickland e o seu *Thirty Years Among the Dead*. Ela aponta que há uma uniformidade básica em todos os seus casos — ele tem sempre de convencer um espírito de que está morto — e o seu relato de como os espíritos de Madame Blavatsky e Mary Baker Eddy expressaram contrição pelas suas falsas doutrinas é quase ridículo. No entanto, qualquer um que depois se volte para o livro de Wickland terá de admitir que estas objeções são menos importantes do que parecem. Pois a questão central é a da honestidade de Wickland. A menos que decidamos adotar a visão de que ele era um mentiroso e autoenganador a uma escala praticamente inimaginável — o que parece improvável — então parece claro que a sua evidência está em total acordo com as visões de Kardec sobre a possessão. Até Anita Gregory tem de admitir que o racionalismo de Oesterreich é muitas vezes grosseiro e pouco convincente, e que ele lida com subtilezas ignorando-as.

Talvez o exemplo mais óbvio da falha de Oesterreich em deixar os factos falarem por si mesmos esteja no seu relato de um dos mais famosos casos de "possessão", o da "maravilha de Watseka", uma rapariga chamada Lurancy Vennum. Em julho de 1877, Lurancy, de 13 anos, de Watseka, Illinois, teve um ataque, após o qual se tornou propensa a transes. Nesses transes, tornou-se uma média, e várias personalidades desagradáveis se manifestaram através dela. Em 11 de fevereiro de 1878, colocada sob hipnose por um médico local, Lurancy declarou que havia um espírito na sala chamado Mary Roff, e uma Sra. Roff que também estava presente

exclamou: "Essa é a minha filha." Mary morrera aos 18 anos, doze anos antes. Lurancy declarou então que seria permitido a Mary assumir o seu corpo durante os três meses seguintes.

No dia seguinte, Lurancy afirmou ser Mary Roff. Pediu para ser levada de volta à casa dos Roff, e no caminho reconheceu a sua casa anterior, onde vivera enquanto estava viva, e que era desconhecida de Lurancy. Também reconheceu a irmã de Mary Roff, que estava à janela. E durante as semanas seguintes, "Mary" mostrou um conhecimento preciso e detalhado da casa dos Roff e do passado de Mary, reconhecendo velhos conhecidos e brinquedos e recordando incidentes há muito esquecidos. Em 21 de maio, o dia em que declarara ter de partir, despediu-se chorosamente da sua família, e no caminho para casa "tornou a ser" Lurancy.

O caso foi investigado por Richard Hodgson, um dos membros mais céticos da Society for Psychical Research, que ficou convencido da sua genuinidade.

Os leitores do relato de Hodgson sobre a "maravilha de Watseka" acharão muito difícil encontrar lacunas; Mary forneceu provas tão detalhadas do seu conhecimento dos seus primeiros anos e do ambiente familiar — reconhecendo sem hesitação qualquer um que Mary conhecera — que a noção de truque ou ilusão se torna insustentável; é talvez o único caso mais convincente de "possessão" na história da pesquisa psíquica. Mas Oesterreich limita-se a citar o resumo de William James do caso — a partir dos *Principles of Psychology* — sem tentar analisá-lo, e passando rapidamente a outros assuntos — apesar do facto de o próprio James ter falado de "a plausibilidade da interpretação espiritualista do fenómeno". E Anita Gregory conclui a sua própria introdução admitindo que é incapaz de declarar que todas as pessoas no livro de Oesterreich são fraudulentas, iludidas, lunáticas e psicopatas, e termina: "Portanto, concluirei... que os fenómenos descritos por Oesterreich estão muito necessitados de uma explicação."

A *pièce de résistance* de Oesterreich é um longo relato do famoso caso dos "Demónios de Loudun", que, em 1952, foi objeto de um estudo completo por Aldous Huxley. Em 1633, Urbain Grandier, o pároco da pequena cidade francesa de Loudun, foi acusado de enfeitiçar as freiras de um convento local e de fazer com que ficassem possuídas por demónios, de modo que gritavam blasfémias e obscenidades, e se contorciam no chão

exibindo as suas partes íntimas. Grandier tornara-se notório pelas suas imoralidades — tinha engravidado duas das suas penitentes e seduzido muitas outras — e fizera muitos inimigos. Os inquisidores alegaram ter encontrado "marcas do diabo" no seu corpo, e num julgamento que foi uma paródia de justiça, foi considerado culpado e condenado a ser queimado vivo. Mesmo sob tortura, e mais tarde na fogueira, Grandier manteve a sua inocência. A sua morte não fez diferença, e as freiras continuaram a ser possuídas por "demónios" durante muitos anos depois.

Oesterreich, como Aldous Huxley, defende que tudo isto poderia ser explicado simplesmente em termos de histeria (uma visão que admito que partilhava na altura em que escrevi *The Occult*), enquanto outra autoridade, Rossell Hope Robbins, vai ainda mais longe na sua *Encyclopedia of Witchcraft and Demonology*, e atribui as manifestações a puro embuste. Mas uma leitura cuidadosa do próprio livro de Huxley faz com que qualquer uma destas explicações pareça implausível. É fácil perceber como freiras privadas de sexo poderiam enganar-se a si mesmas acreditando que estavam possuídas por demónios — a Madre Superiora do convento, Soeur Jeanne des Anges, admite na sua autobiografia que não fez nenhuma tentativa real de combater a possessão porque gostava das agitações sexuais despertadas nela pelos demónios.

Mas é muito mais difícil compreender o que aconteceu então aos próprios exorcistas. Fr. Lactance, que supervisionara a tortura, ficou "possuído" e morreu louco dentro de um mês; cinco anos depois, Fr. Tranquille morreu de exaustão após meses de luta contra os "invasores" da sua psique, e ficou espantado ao testemunhar o seu próprio corpo a contorcer-se no chão e a ouvir-se a proferir blasfémias que não conseguia evitar. Fr. Lucas, outro dos perseguidores de Grandier, teve o mesmo destino. O "picador de bruxas", Dr. Mannouri, também morreu em delírio. Fr. Jean-Joseph Surin, um homem genuinamente santo, que foi chamado a Loudun para tentar exorcizar as freiras após a execução de Grandier, ele próprio caiu vítima dos "demónios", e ficou periodicamente louco durante vinte e cinco anos. É difícil acreditar que a histeria comum pudesse produzir tais resultados. Surin descreveu numa carta como o "espírito estranho" se uniu ao seu, "constituindo um segundo eu, como se tivesse duas almas..."

Considerando estes factos, a cética Anita Gregory admite que "provavelmente não é justificado assumir que... o pandemónio de Loudun [foi] necessariamente nada mais do que uma ilusão coletiva". E tendo em mente o comentário de Kardec de que "um espírito não entra num corpo como se entra numa casa... ele assimila-se a uma [pessoa] que tem os mesmos defeitos e as mesmas qualidades que ele", a hipótese de que o "pandemónio" de Loudun foi causado pelos espíritos terrestres de Wickland parece, no geral, mais plausível do que a histeria religiosa.

É difícil traçar uma linha clara de divisão entre "possessão" e manifestações de poltergeist. A visão atual mais amplamente aceite, como vimos, é de que são uma forma de "psicocinese espontânea" (mente sobre matéria) causada pela mente inconsciente de um adolescente emocionalmente perturbado, mas esta teoria não explica como a mente inconsciente pode fazer com que objetos pesados voem pelo ar — em experiências de laboratório, "psíquicos" até agora não conseguiram mover qualquer objeto maior do que uma agulha de bússola.

Segundo os "informantes" de Kardec, os poltergeists são espíritos terrestres que, sob certas condições, conseguem extrair energia dos vivos e fazer uso de energias negativas "exsudadas" pelos emocionalmente perturbados e sexualmente frustrados.

O caso de Loudun parece fornecer apoio a esta visão. A autobiografia de Soeur Jeanne deixa claro que só as suas próprias frustrações sexuais poderiam ter fornecido a um conjunto de "entidades" a energia necessária. E quando uma dúzia ou mais de freiras se contorciam no chão e faziam sugestões que faziam corar até aristocratas decadentes, o convento deve ter ficado inundado de energia sexual. A maioria dos casos de possessão em conventos parece envolver a mesma sexualidade febril.

Duas décadas antes do caso de Loudun, Madeleine de Demandolx de la Palud, de 14 anos, foi seduzida pelo seu confessor, Fr. Louis Gaufridi, vinte anos mais velho; a ligação foi rompida, e ela foi enviada para um convento em Aix-en-Provence. Dois anos depois, Madeleine começou a ver demónios e partiu um crucifixo. A sua histeria rapidamente se espalhou às outras freiras; Madeleine acusou Gaufridi não só de a ter seduzido, mas de a ter introduzido em várias práticas diabólicas. Foi pedido a Gaufridi que tentasse exorcizar os demónios e, quando falhou, foi preso.

No seu julgamento, Madeleine declarou que as suas acusações eram todas imaginações, após o que começou a mover os quadris para trás e para a frente de "maneira lasciva". O juiz escolheu não acreditar na sua retratação, e Gaufridi foi torturado até "confessar", e depois queimado na fogueira.

É importante perceber que a fornicação entre o clero era banal no século XVII, e que a sedução de freiras pelos seus confessores estava longe de ser rara. Em 1625, uma órfã chamada Madeleine Bavent foi seduzida por um padre franciscano, apropriadamente chamado Bonnetemps. No ano seguinte, entrou num convento em Louviers dirigido por Fr. Pierre David, que pertencia secretamente aos Iluminados — uma seita que acreditava que o Espírito Santo não podia fazer mal, e que, portanto, o sexo era perfeitamente aceitável entre padres. Fr. David aparentemente insistia que Madeleine se despisse até à cintura enquanto ele administrava a comunhão; outras freiras, ela alegou mais tarde, passeavam nuas. Afirmou que ela e Fr. David nunca tiveram relações sexuais propriamente ditas — apenas masturbação mútua — e que quando Fr. David morreu em 1628, o seu sucessor Fr. Mathurin Picard continuou a acariciar os seus genitais durante a confissão.

Foi após a morte de Fr. Picard em 1642 (quando Madeleine tinha 35 anos) que as freiras começaram a manifestar os sinais habituais de possessão, contorcendo-se no chão, torcendo os seus corpos, e fazendo ruídos de uivo como animais, alegando que estavam a ser violadas por demónios. Catorze das 52 freiras exibiram estes sintomas, e todas culparam Madeleine.

Madeleine contou então toda a história de Fr. David, Fr. Picard, e do assistente deste último, Fr. Boulle. Afirmou que Fr. Picard e Fr. Boulle se tinham entregue a vários atos "mágicos" envolvendo hóstias e sangue menstrual, e eventualmente a "sabbats", nos quais uma Missa Negra era recitada. Os padres tinham drapeado as suas ereções com hóstias consagradas com um buraco cortado no meio e "assim adornados se entregavam às mulheres presentes" — sendo Madeleine favorecida cinco ou seis vezes.

Madeleine foi acusada de ser bruxa e expulsa da ordem; o cadáver de Fr. Picard foi desenterrado, excomungado, e atirado para um monte de lixo. Isto levou o irmão do padre a criar um escândalo, e o resultado foi um

julgamento que terminou com Fr. Boulle sendo torturado e queimado vivo, juntamente com outro padre chamado Duval. Madeleine, confinada num convento e brutalmente tratada, fez várias tentativas de suicídio, e finalmente morreu aos 40 anos. As freiras de Louviers foram todas dispersas para outros conventos.

As descrições de Madeleine de sabbats e Missas Negras soam a pura invenção. Mas, como vimos no capítulo anterior, o notório caso da *Chambre Ardente* (Câmara Iluminada), meio século depois, revelou que muitos padres participavam em tais práticas. É difícil para nós compreender por que razão a Igreja estava envolvida nesta vaga de demonologia — a explicação mais provável é que o racionalismo do século XVII estava a minar a sua autoridade, e que o protesto contra esta autoridade assumiu a forma de libertinagem e magia negra. Seja qual for a explicação, os registos da *Chambre Ardente* não deixam dúvidas de que realmente aconteceu.

Outro investigador que chegou a acreditar que a "possessão" se devia a espíritos foi Max Freedom Long, um professor americano que chegou ao Havai em 1917, aos 27 anos, e começou a estudar os seus "mágicos" nativos, os Kahunas ou "guardiões do segredo". Segundo a religião Huna, Long descobriu, o homem tem três "eus", o "eu inferior", o "eu médio" e o "eu superior". O eu inferior é basicamente emocional, e corresponde aproximadamente à mente inconsciente de Freud. O eu médio é a nossa consciência comum do dia-a-dia.

O eu superior pode ser chamado de mente superconsciente, e pode prever o futuro. Após a morte, os três eus podem separar-se, e é o eu inferior que por vezes se torna um poltergeist. O eu médio pode tornar-se um "fantasma". No seu livro *The Secret Science Behind Miracles*, Long discute também o fenómeno da personalidade múltipla, e expressa a opinião de que isto se deve muitas vezes à "possessão", quer por um eu inferior, quer por um eu médio, ou uma combinação dos dois. Descreve o caso de uma rapariga californiana com duas personalidades, que se revezavam no controle do corpo durante anos de cada vez, e como, quando os médicos tentaram amalgamar as duas sob hipnose, uma terceira personalidade apareceu, dizendo-lhes que a rapariga deveria ser deixada como estava, com dois espíritos a partilhar o corpo. Esta terceira personalidade, Long acredita, é o "eu superior".

Mais dois eminentes investigadores americanos chegaram a aceitar a possibilidade da "possessão". O filósofo William James converteu-se do seu ceticismo inicial a uma crença em "espíritos" através da mediunidade de Mrs. Leonore Piper, cujo "controlo", Phinuit, foi capaz de lhe dizer todo o tipo de coisas que ele não poderia saber por meios normais. James viria a concordar que se uma médium pode ser "possuída" por um espírito, então é possível que outras pessoas também o possam ser. O amigo íntimo de James, Professor James Hyslop, foi outro cético que foi "convertido" por Mrs. Piper. Mas ele tinha uma razão mais prática para se convencer da realidade da "possessão".

Quando Hyslop era presidente da American Society for Psychical Research em 1907, foi visitado por um ourives chamado Frederick Thompson, que estava convencido de que fora "possuído" pelo espírito de um pintor, Robert Swain Gifford, que conhecera em algumas ocasiões. Após a morte de Gifford, Thompson começou a ouvir a voz de Gifford a instá-lo a desenhar e pintar — algo que nunca fizera antes. Embora não tivesse formação artística, Thompson começou a pintar no estilo de Gifford. O que convenceu Hyslop foi que Thompson pintou quadros de lugares onde nunca estivera, mas que Gifford conhecera.

Alguns destes provaram ser idênticos aos esboços finais de Gifford — que Thompson nunca vira — e quando Hyslop visitou os pântanos e regiões costeiras da Nova Inglaterra, reconheceu-os como o tema desses esboços.

Hyslop consultou um neurologista, Dr. Titus Bull, sobre Thompson. E o próprio Bull viria a concluir que muitos casos de doença mental envolviam realmente "possessão". Num caso, o paciente — que sofrera uma lesão na cabeça — afirmou que fora "tomado" pelo espírito de um pintor chamado Josef Selleny, que fora amigo do Imperador Maximiliano, e que o estava "forçando" a pintar. (Wickland afirmava que acidentes como lesões na cabeça forneceriam oportunidade para "entidades" estranhas invadirem.) Longas pesquisas pela assistente de Bull, Helen Lambert — uma mulher rica com tempo de sobra — finalmente descobriram a existência de um verdadeiro Josef Selleny (as enciclopédias escreviam erroneamente Joseph, mas o paciente escrevia corretamente), que, de facto, fora amigo do Imperador Maximiliano.

Uma médium que trabalhava com o Dr. Bull conseguiu revelar que o paciente estava a ser possuído por várias "entidades", uma das quais tomou posse do seu corpo e agarrou Bull pela garganta. Eventualmente, as várias entidades foram desalojadas ou persuadidas a ir embora. O relato de Mrs. Lambert, mais tarde publicado no seu livro *A General Survey of Psychic Phenomena*, assemelha-se notavelmente a muitos casos descritos por Carl Wickland. Os poucos casos disponíveis deixam claro que o nome de Bull merece um lugar de destaque nos anais da pesquisa psíquica.

O Dr. Adam Crabtree, um psiquiatra que vive e trabalha em Toronto, começou a considerar seriamente a ideia da possessão como resultado do tratamento de pacientes que afirmavam ouvir "vozes" dentro das suas cabeças.

Ora, tais casos não são particularmente raros, e "ouvir vozes" certamente não é sinal de loucura. O Dr. Julian Jaynes, um psicólogo de Princeton, começou a estudar alucinações auditivas após ter experienciado uma ele próprio — estava deitado num sofá quando ouviu uma voz a falar vinda do ar acima da sua cabeça. Naturalmente preocupado com a sua sanidade, Jaynes descobriu, para seu alívio, que cerca de dez por cento das pessoas tiveram alucinações de algum tipo, e que cerca de um terço destas assumem a forma de "vozes fantasmas". Uma jovem dona de casa perfeitamente normal disse-lhe que mantinha longas conversas com a sua avó falecida todas as manhãs quando arrumava as camas.

Jaynes, naturalmente, assume que tais experiências são alucinações, e durante muito tempo Adam Crabtree partilhou essa crença. Então encontrou um caso que levantou algumas dúvidas fundamentais. Dizia respeito a uma jovem chamada Sarah Worthington, que era paciente de uma colega feminina de Crabtree chamada Jenny. Após um tratamento que fora inicialmente bem-sucedido, Sarah Worthington mergulhara subitamente em estados de depressão nos quais era tentada a cometer suicídio.

Os três encontraram-se no consultório de Crabtree, e ele começou a investigar as suas dificuldades. Uma das suas perguntas foi se alguma vez ouvira vozes dentro da sua cabeça, e ela admitiu que sim. Crabtree pediu-lhe que se deitasse e relaxasse, e que fizesse o seu melhor para tentar recordar essas conversas interiores. Quase imediatamente, o corpo da rapariga tensionou-se, e ela exclamou: "Oh, o calor! Estou com calor!" E

enquanto continuava a falar, ambos os psiquiatras observaram a mudança na sua voz. Sarah não tinha confiança; esta nova personalidade tinha a voz de alguém habituada a exercer autoridade. Quando perguntaram à mulher o que queria fazer, ela respondeu: "Ajudar a Sarah." Era uma indicação clara de que aquela não era Sarah. Perguntaram à mulher o seu nome, e ela respondeu: "Sarah Jackson." Identificou-se como avó de Sarah. Crabtree explicou que ele e Jenny também estavam a tentar ajudar Sarah, e perguntou à "avó" se estaria disposta a ajudar; ela respondeu que sim. Isto terminou a primeira sessão.

Na sessão seguinte, a avó voltou pouco depois. Ainda falava de um incêndio, e a certa altura perguntou: "Onde está o Jason?" Descobriu-se que Jason era seu filho, e o incêndio a que se referia ocorrera em 1910. Sarah Jackson tinha corrido para casa assim que ouviu dizer que havia um incêndio na sua rua — o seu filho de sete anos fora deixado sozinho em casa. Toda a vizinhança estava em chamas. Na verdade, Jason fora levado para um local seguro pelos vizinhos, mas Sarah Jackson levou mais uma hora a descobrir isso, e entretanto percorrera as ruas num frenesim, sufocando com o calor. A experiência ficara profundamente gravada na sua consciência.

Segundo a avó, ela "tomara posse" de Sarah Worthington quando a sua neta estava a tocar piano — ambas amavam a música. E rapidamente se tornou claro que, apesar da sua intenção declarada de ajudar a sua neta, era a própria Sarah Jackson que precisava de ajuda. Era atormentada por sentimentos de culpa sobre a sua própria vida — particularmente sobre a forma como tratara mal a sua filha Elizabeth, mãe de Sarah. Elizabeth desenvolvera-se numa rapariga infeliz e neurótica, que por sua vez tratara mal a sua própria filha.

E as relações de Sarah com a sua mãe eram uma estranha duplicata das relações de Elizabeth com a sua mãe. Ambas as mães tinham preferido muito mais o seu filho do que a sua filha, e tinham ensinado à filha que os homens eram tudo e as mulheres nada. A avó tornara-se plenamente consciente de tudo isto quando morreu, razão pela qual sentia agora que tinha de ajudar a sua neta. Em vez de ajudar, piorara as coisas; Sarah estava assustada e confusa com a voz dentro de si, e estava a tornar-se desesperada. Agora que a avó Jackson estava "descoberta", as coisas

tornaram-se muito mais fáceis. Foi capaz de fornecer aos psiquiatras informações valiosíssimas sobre o ambiente familiar de Sarah.

E embora Sarah ficasse primeiro espantada ao perceber que a sua avó estava a falar através dela, gradualmente aprendeu a aceitá-lo, e começou a obter uma compreensão mais profunda dos seus problemas. Ao fim de dois meses, estava curada. A avó permaneceu uma "presença possessiva", mas agora que Sarah a compreendia, já não tinha medo; na verdade, dava-lhe uma sensação de conforto sentir que a sua avó era uma presença vagamente benéfica no fundo da sua vida.

A reação do leitor a esta história é provavelmente muito semelhante à minha própria, quando a li pela primeira vez no manuscrito de *Multiple Man* de Adam Crabtree: que deve haver alguma explicação puramente psicológica. Sarah conhecera a sua avó em criança; talvez tivesse ouvido a história do incêndio dos seus próprios lábios. Talvez reconhecesse quão semelhantes os problemas da sua mãe tinham sido aos seus. E a sua mente inconsciente tinha "recontado" a história como uma racionalização dos seus próprios sofrimentos...

Mas quanto mais li o livro de Crabtree (que a sua editora me enviara, pedindo se eu escreveria uma introdução), mais vi que tais explicações são inaceitáveis. Ele continua a relatar outros oito casos da sua prática, cada um envolvendo algum tipo de "possessão". E após o terceiro ou quarto caso, a explicação da mente inconsciente começou a ficar muito fraca. Uma assistente social chamada Susan não conseguia manter qualquer relação normal com um homem, e reconhecia, corretamente, que isso se devia a algum profundo ressentimento em relação ao seu pai. Crabtree conseguiu falar com o seu pai — que morrera num acidente de carro — tal como falara com a avó de Sarah, e soube que ele estivera sexualmente obcecado pela sua filha. Até ela fazer 16 anos, ele entrara no seu quarto depois de ela adormecer e acariciara os seus genitais. A algum nível inconsciente, ela estava consciente do que acontecia. Reconhecia o desejo dele por ela, e tratava-o com desprezo, comportando-se de forma provocadora e exercendo o seu poder sexual recém-descoberto para o fazer contorcer-se.

O desprezo alastrou às suas relações com namorados e causou problemas. Quando o pai morreu no acidente de carro, foi atraído para a sua filha como um "lugar de refúgio", e ela estava vulnerável a ele devido à interferência sexual. Uma vez "dentro" dela, ele estava num estado de

"sono nebuloso", sem consciência da sua identidade ou da sua situação atual. Crabtree explicou pacientemente ao pai de Susan que ele estava realmente morto, e que devia deixar a sua filha em paz. E um dia, ele simplesmente deixou de aparecer na sessão terapêutica; Susan sentiu uma sensação de alívio e liberdade.

Achei um caso particularmente fascinante e intrigante; dizia respeito a um professor universitário chamado Art, cujo primeiro casamento não tivera sucesso, e que estava prestes a embarcar num segundo. Começava a sentir uma profunda relutância em avançar com o casamento, e associava isto a "tempestades interiores" nas quais uma voz censuradora o criticava a ele e a várias pessoas que conhecia. Estava vagamente consciente de que a voz soava como a da sua mãe — que vivia em Detroit — e chegará à explicação de senso comum de que a voz era algum aspeto negativo de si mesmo, e que de alguma forma incorporara elementos da sua mãe, que sempre fora intensamente possessiva em relação a ele.

Crabtree seguiu o seu procedimento habitual, colocando Art num estado de profundo relaxamento, e depois abrindo um diálogo com a mãe, que se chamava Verónica. Verónica estava perfeitamente disposta a falar longamente sobre a sua relação com o seu filho, e sobre por que razão desaprovava tantos dos seus amigos. "Verónica parecia descaradamente, quase ingenuamente, egocêntrica."

Ela explicou que simplesmente queria fazer o seu filho reconhecer que muitas pessoas em quem ele confiava — incluindo a sua futura esposa — eram estúpidas e intriguistas e não mereciam o seu respeito.

Crabtree perguntou-lhe se achava que toda esta interferência poderia ser boa para o seu filho, ou mesmo boa para si própria, e ela finalmente admitiu que a resposta era provavelmente não. Em Detroit, ela vivia uma vida monótona e aborrecida, e Crabtree salientou que, se ela prestasse mais atenção aos seus próprios assuntos e menos aos do seu filho, as coisas poderiam melhorar.

Durante a terapia, a mãe de Art descobriu que tinha um tumor canceroso e teve de ser operada. A "Verónica" que falava através da boca de Art concordou que isto poderia ser porque ela estava a roubar a sua própria vitalidade ao "possuir" o seu filho. E neste momento, a "voz interior" de Art começou a desaparecer, até que finalmente deixou de a

ouvir. Mas houve uma mudança notável na sua mãe em Detroit. Ela vinha experienciando uma lenta deterioração e um afastamento emocional da vida. Agora, subitamente, a sua vitalidade começou a regressar; começou a sair e a fazer novas amizades. "Parecia ter ganho o proverbial novo alento na vida."

Crabtree insiste que a sua própria atitude em relação a tais casos não é a de um crente no paranormal; afirma ser meramente um observador, um fenomenólogo, que simplesmente trata cada caso "como se" fosse possessão. E, claramente, não há nada de contraditório nessa atitude; Susan, Sarah e Art poderiam ter estado a fabricar as vozes eles próprios; a mente inconsciente é capaz de proezas muito mais notáveis. Ainda assim, o facto permanece de que a maioria dos leitores sentirá que, considerados em conjunto, estes casos causam uma impressão avassaladora de serem algo mais do que autoengano inconsciente.

Voltei a Julian Jaynes para ver o que ele tinha a dizer sobre "vozes desencarnadas". Ele delineia a sua teoria numa obra notável chamada *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*, publicada em 1976 ("bicameral" significa simplesmente ter dois compartimentos). Jaynes avança a extraordinária teoria de que os nossos antepassados remotos ouviam "vozes" o tempo todo, sendo a razão que — segundo Jaynes — o homem primitivo não tinha qualquer autoconsciência no nosso sentido moderno da palavra. Jaynes acredita que os nossos antepassados das cavernas não conseguiam olhar para dentro de si mesmos e dizer: "Agora deixa-me pensar...", porque não tinham um "eu interior".

Os seus olhos eram como os faróis de um carro, permanentemente dirigidos para o mundo exterior. Portanto, se um destes homens recebesse ordem para ir construir uma barragem no rio, teria extrema dificuldade em lembrar-se porque estava a vaguear pela margem do rio. Mas o seu sentido de propósito seria refrescado por uma voz — a voz do seu chefe — que parecia vir do ar acima da sua cabeça, e que repetia as suas instruções.

E de onde viriam tais vozes? Segundo Jaynes, do lado direito do cérebro — o hemisfério que, como vimos, alberga o "outro eu", o "eu subjetivo" de Hudson. Se isto estiver correto, certamente oferece uma explicação plausível para a voz da avó de Sarah e do pai de Susan e da mãe de Art — na verdade, neste último caso, soa muito mais convincente do

que a noção de que uma mulher viva em Detroit pudesse de alguma forma "entrar" na cabeça do seu filho em Toronto, tão distante.

É quando Jaynes continua a discutir as vozes ouvidas por pacientes mentais que certas dúvidas começam a surgir. Ele salienta que a maioria dos casos que foram estudados envolve esquizofrénicos, e diz: "Elas conversam, ameaçam, xingam, criticam, consultam, frequentemente em frases curtas. Admoestam, consolam, zombam, comandam, ou por vezes simplesmente anunciam tudo o que está a acontecer. Gritam, lamuriam-se, troçam, e variam do mais leve sussurro a um grito ensurdecedor. Frequentemente, as vozes assumem alguma peculiaridade especial, como falar muito devagar, fazer escansão, rimar, ou em ritmos, ou até em línguas estrangeiras. Pode haver uma voz particular, mais frequentemente algumas vozes, e ocasionalmente muitas..."

As vozes descritas por Crabtree não soam minimamente a este tagarelar desconcertante; aparentemente conversavam como qualquer pessoa normal. E o mesmo se aplica à dona de casa que mantinha longas conversas com a sua avó enquanto arrumava as camas. Não há razão, claro, para que "vozes fantasmas" não possam soar como as de uma pessoa normal; mas parece ser um facto que a maioria delas não soa.

Isto é confirmado por um estudo feito por outro psicólogo clínico, o Dr. Wilson Van Dusen, antigamente do Mendocino State Hospital na Califórnia. Van Dusen passou dezasseis anos a observar o efeito das alucinações, e descreve as suas descobertas num capítulo chamado "The Presence of Spirits in Madness" no seu livro *The Presence of Other Worlds*. As suas conclusões são, talvez, ainda mais surpreendentes do que as de Julian Jaynes.

Van Dusen explica que a maioria dos pacientes que alucinam prefere guardar as suas experiências para si, pois sabem que isso será tomado como prova de que são loucos. No entanto, uma paciente invulgarmente cooperativa perguntou-lhe se ele se importaria de falar diretamente com as suas alucinações, e ele fê-lo. Naturalmente, a alucinação não podia responder a Van Dusen diretamente: ele tinha de pedir à paciente que desse um relato do que ele podia ouvir e ver.

Mas nada impedia Van Dusen de se dirigir diretamente à alucinação. "Desta forma, eu conseguia manter longos diálogos com as alucinações de

um paciente e registar tanto as minhas perguntas como as suas respostas." E, como Adam Crabtree, ele insiste: "O meu método era o da fenomenologia. O meu único propósito era descrever as experiências do paciente tão precisamente quanto possível. O leitor pode notar que eu trato as alucinações como realidades — é isso que elas são para o paciente."

Uma descoberta consistente, diz Van Dusen, foi que os pacientes sentiam como se tivessem contacto com outro mundo ou ordem de seres. "A maioria pensava que estas outras pessoas estavam vivas. Todos se opunham ao termo 'alucinação'."

"Para a maioria dos indivíduos, as alucinações surgiam bastante subitamente. Uma mulher estava a trabalhar no jardim quando um homem invisível lhe dirigiu a palavra. Outro homem descreveu ruídos altos repentinos e vozes que ouviu quando viajava num autocarro. A maioria ficava assustada e ajustava-se com dificuldade a esta nova experiência. Todos os pacientes descreviam as vozes como tendo a qualidade de uma voz real, por vezes mais alta, por vezes mais baixa, do que as vozes normais. A experiência que descreviam era bastante diferente de pensamentos ou fantasias; quando as coisas são vistas, aparecem totalmente reais. Por exemplo, um paciente descreveu ter sido acordado uma noite por oficiais da força aérea que o chamavam ao serviço do seu país. Levantou-se e estava a vestir-se quando reparou que as suas insígnias não estavam bem, então os seus rostos alteraram-se. Com isto, soube que eles eram da Outra Ordem e bateu com força na cara de um deles. Bateu na parede e feriu a mão. Não os conseguia distinguir da realidade até reparar nas insígnias..."

"A maioria dos pacientes rapidamente percebe que está a ter experiências que outros não partilham, e por esta razão aprende a ficar calado sobre elas. Muitos sofrem insultos, ameaças e ataques durante anos por parte de vozes sem que ninguém ao seu redor esteja consciente disso."

Talvez a descoberta mais significativa de Van Dusen seja que ele aprendeu que os seus pacientes pareciam experienciar dois tipos distintos de "vozes"; ele fala delas como a "ordem superior" e a "ordem inferior":

"As vozes de ordem inferior são semelhantes a bêbados vagabundos num bar que gostam de provocar e atormentar só por diversão. Sugerem atos lascivos e depois ralham com o paciente por considerá-los. Encontram um ponto fraco da consciência e trabalham sobre ele interminavelmente.

Por exemplo, um homem ouviu vozes a provocá-lo durante três anos por causa de uma dívida de dez cêntimos que ele já pagara. Chamam ao paciente todos os nomes concebíveis, sugerem todos os atos lascivos, roubam memórias ou ideias diretamente da consciência, ameaçam a morte, e trabalham sobre a credibilidade do paciente de todas as formas. Por exemplo, gabam-se de que produzirão algum desastre no dia seguinte e depois reclamam crédito por um no jornal diário. Sugerem atos tolos, como levantar a mão direita no ar e ficar assim, e provocam se ele o faz e ameaçam-no se não o faz."

Na verdade, parece claro que estas alucinações de "ordem inferior" se comportam exatamente como crianças aborrecidas sem nada melhor para fazer. "O vocabulário e o leque de ideias da ordem inferior é limitado, mas têm uma vontade persistente de destruir. Invadem todos os recantos e cantinhos da privacidade, trabalham sobre cada fraqueza e crença, reivindicam poderes impressionantes, fazem promessas, e depois minam a vontade do paciente..."

"Algumas ideias podem ser repetidas infinitamente. Uma voz disse apenas 'hey' durante meses enquanto o paciente tentava perceber se queria dizer 'hey' ou 'hay'. Mesmo quando eu supostamente estava a falar com um engenheiro... o engenheiro não conseguia fazer mais aritmética do que somas simples... As vozes de ordem inferior parecem incapazes de raciocínio sequencial. Embora frequentemente afirmem estar nalguma cidade distante, não conseguem relatar mais do que o paciente ouve, vê ou recorda. Parecem aprisionadas no nível mais baixo da mente do paciente..."

A "ordem inferior", então, são basicamente atormentadores. Mas cerca de um quinto das alucinações parecem ser de uma ordem superior, e estas, por outro lado, parecem preocupadas em ajudar o paciente. A "ordem superior" é muito mais propensa a ser simbólica, religiosa, de apoio, genuinamente instrutiva; consegue comunicar diretamente com os sentimentos interiores do paciente. É semelhante aos arquétipos de Jung, enquanto a "ordem inferior" é como o id de Freud. Van Dusen menciona o caso de um instalador de tubagens de gás que experienciou uma alucinação de "ordem superior" de uma mulher encantadora que o entretinha enquanto lhe mostrava milhares de símbolos: "... a sua visão feminina mostrou um conhecimento de religião e mito muito além da compreensão do paciente." Depois de Van Dusen ter mantido um diálogo com esta alucinação de

"ordem superior", o instalador de tubagens pediu apenas uma pista sobre o que tinham estado a falar.

Van Dusen relata que lhe foi dito por estes seres de "ordem superior" "que o propósito da ordem inferior é iluminar todas as fraquezas da pessoa". E o propósito — ou um dos propósitos — da "ordem superior" parece ser proteger as pessoas contra a "ordem inferior":

"Este contraste pode ser ilustrado pelas experiências de um homem. Ele ouvira a ordem inferior a discutir longamente sobre como o assassinar. Também tinha uma luz que lhe vinha à noite, como o sol. Sabia que era uma ordem diferente porque a luz respeitava a sua liberdade e se retiraria se o assustasse. Em contraste, a ordem inferior trabalhava contra a sua vontade, e atacaria se conseguisse sentir medo nele. Esta ordem superior mais rara raramente fala, enquanto a ordem inferior pode falar infinitamente."

Enquanto a "ordem inferior" "é consistentemente não religiosa e antirreligiosa", troçando com raiva à menor menção de religião, a "ordem superior" "aparecia estranhamente dotada, sensível, sábia e religiosa".

Van Dusen fez uma observação extremamente marcante sobre as alucinações. Embora conseguisse observar um número muito grande delas ao longo dos anos, rapidamente percebeu que "depois de 20 pacientes, já não havia muito a aprender" porque as alucinações eram todas tão semelhantes. Isto por si só parece desconcertante. Afinal, seria de esperar encontrar tantos tipos diferentes de alucinação quantas as pessoas. Por exemplo, poder-se-ia esperar que veterinários tivessem alucinações que afirmassem ser animais falantes, engenheiros fossem atormentados por máquinas falantes, jardineiros assombrados por plantas ou árvores falantes, bibliotecários por livros falantes, dentistas por conjuntos de dentes postiços falantes. Nada disso. As alucinações de "ordem inferior" eram todas notavelmente semelhantes; o mesmo acontecia com as de "ordem superior". Isto ou implica alguma semelhança básica na parte das nossas mentes que cria alucinações, ou algo muito mais estranho...

Van Dusen está inclinado a acreditar em algo muito mais estranho. Através do seu interesse em "fenómenos hipnagógicos" — os sonhos e visões estranhos que por vezes experienciamos à beira do sono — Van

Dusen parece ter-se voltado para os escritos de Emanuel Swedenborg, cujo *Journal of Dreams* está cheio de material bruto fascinante para o psiquiatra.

Swedenborg descreveu detalhadamente como era ser "possuído" por espíritos, e Van Dusen ficou impressionado com a extraordinária semelhança entre os relatos de Swedenborg e as alucinações descritas pelos pacientes do Mendocino State Hospital. Swedenborg diz que os espíritos e anjos podem conversar com o homem diretamente entrando "por uma via interna no seu órgão auditivo, afetando-o assim a partir de dentro". Swedenborg continua: "Falar com espíritos hoje em dia raramente é concedido porque é perigoso...", o que parece claramente implicar que houve alguma época passada em que os homens podiam conversar mais diretamente com "espíritos".

A explicação que Swedenborg dá é que os espíritos normalmente não sabem "que estão com o homem", porque há uma espécie de barreira entre estas entidades e a própria consciência do homem. Se os espíritos ultrapassam esta barreira — ou são autorizados a ultrapassá-la porque um homem se envolveu no "oculto" — é provável que se tornem um incómodo. "Os espíritos malignos são tais que olham para o homem com ódio mortal, e não desejam nada mais do que destruí-lo, tanto corpo como alma."

Swedenborg menciona também que a barreira entre espíritos e consciência humana pode ser quebrada por pessoas que "se entregam muito a fantasias, ao ponto de se afastarem dos prazeres próprios do homem natural". Isto, diz Van Dusen, é uma boa descrição do que agora chamamos esquizofrenia. (Devemos notar que esquizofrenia não significa "personalidade dividida" — como a conceção moderna errada diz — mas simplesmente um afastamento da realidade.)

"Todas as observações de Swedenborg sobre o efeito dos espíritos malignos a entrar na consciência do homem estão de acordo com as minhas descobertas", diz Van Dusen. E menciona passagens em Swedenborg nas quais as características da "ordem inferior" são descritas: a sua determinação em destruir um homem, a sua capacidade de causar ansiedade ou dor, o seu desejo de destruir a consciência, o seu ódio à religião, a sua tendência para intimidar, ameaçar, enganar e mentir, e a sua curiosa habilidade para a mímica.

Todas estas características da "ordem inferior", conforme experienciadas por pacientes mentais, estão especificamente descritas nos escritos de Swedenborg. Van Dusen ficou particularmente impressionado com o seu ódio à religião. "Se as vozes são meramente o inconsciente do paciente a emergir, não teria razão para esperar que fossem particularmente a favor ou contra a religião. No entanto, pode-se contar com a ordem inferior para dar os seus comentários mais caluniosos a qualquer sugestão de religião." Swedenborg também nota a obsessão da "ordem inferior" com a sujidade e obscenidade, outro ponto notado por Van Dusen.

Van Dusen observou também que, embora a ordem inferior afirme ser indivíduos, raramente revelam qualquer vestígio de verdadeira identidade pessoal. Swedenborg explica que a memória pessoal lhes é retirada na morte, por isso são forçados a confiar na memória e nas habilidades da pessoa que estão a "possuir".

Outra semelhança marcante entre os espíritos de Swedenborg e a "ordem inferior" é a tentativa de possuir algum órgão ou parte do corpo do paciente. "Vários trabalhavam no ouvido de um paciente, e ele parecia ficar mais surdo. Uma voz trabalhou dois anos para capturar o olho de um paciente, que ficou visivelmente desalinhado." Muitas vezes se propunham a possuir os genitais. "Uma paciente descreveu as suas relações sexuais com o seu espírito masculino como mais prazerosas e mais interiores do que o ato sexual normal."

Há uma correspondência igualmente impressionante entre a "ordem superior" descrita por pacientes mentais e as entidades que Swedenborg chama de "anjos". Os anjos são bondosos, prestáveis e sábios. A razão por que são tão parcimoniosos com palavras é que a "mente interior" do homem não pensa em palavras, mas em "universais que compreendem muitos particulares" — isto é, em intuições. São, em suma, uma função do hemisfério direito.

Ou, por outras palavras, os "anjos" comunicam através do hemisfério cerebral direito, e preferem símbolos — podemos recordar o instalador de tubagens de Van Dusen a quem foram mostradas centenas de símbolos universais numa hora pelo seu mentor de "ordem superior". Swedenborg também nota que os espíritos de "ordem superior" conseguem ver os inferiores, mas não vice-versa — o que novamente correspondia à própria experiência de Van Dusen.

Van Dusen estava inclinado a perguntar-se porque razão as alucinações de "ordem superior" são muito mais raras do que as de "ordem inferior" (aproximadamente um quinto). Swedenborg sugere uma resposta. Os anjos, diz ele, possuem o interior mais profundo do homem, e a sua "influxo é tácito". Por isso, são simplesmente menos aparentes do que os espíritos hostis, que se certificam de que a sua presença é reconhecida. Que conclusão devemos tirar de tudo isto? Tanto Crabtree como Van Dusen insistem que tentam funcionar unicamente como observadores, implicando que o leitor pode escolher qual explicação prefere — espíritos ou a mente inconsciente.

Mas vimos que Van Dusen está inclinado a perguntar-se porquê, se a "ordem inferior" é meramente o inconsciente do paciente, deveriam mostrar uma hostilidade tão consistente em relação à religião. E como podemos explicar a seguinte história do livro de Crabtree? Uma conhecida de Crabtree chamada Pat foi convidada por uma amiga para passar um fim de semana na quinta dos seus avós. Os avós acabaram por ser pessoas que se entregavam ao oculto, e partes da casa, como o sótão, davam a Pat sensações peculiares de desconforto. Mais tarde, os avós sugeriram que Pat tentasse a escrita automática, o que ela fez com algumas apreensões.

No momento em que pegou na caneta e relaxou, entrou num estado entorpecido, semelhante a transe, e experienciou uma dormência na mão e no braço. Parecia ver uma mulher que aparecia atrás de si; a mulher tinha um rosto de boneca e usava um longo vestido malva.

Pat sentiu como se as suas energias estivessem a ser usurpadas por esta mulher, e subitamente a sua mão escreveu: "Elizabeth Barrett Browning aqui." (Os seus anfitriões tinham mencionado Elizabeth Barrett Browning mais cedo.) Seguiu-se uma longa mensagem que incluía a informação de que Mrs. Browning e Robert estavam a ter dificuldade em se habituar aos seus "novos arredores". Lentamente, a energia parecia diminuir até que a escrita parou. Mas Pat sentiu-se estranhamente dissociada durante o resto do dia.

Mais tarde nessa noite, realizou-se uma segunda sessão. Desta vez, várias "entidades" diferentes usaram a mão de Pat para escrever, e as mensagens eram "de natureza grosseira". Numa terceira sessão, "Mrs. Browning" respondeu à pergunta "Onde mora agora?" "Em toda a parte...

em nenhuma parte. Nós somos tu e tu és nós." Depois disso, pareceu tornar-se muito evasiva.

Então a caligrafia mudou para a do falecido irmão de Pat, Tom, e houve uma mensagem de amor e conforto. Mas quando Pat disse como se sentia comovida, a sua amiga respondeu bruscamente: "Não era o Tom. Eles fingem ser qualquer pessoa." Evidentemente, ela sabia muito sobre entidades de "ordem inferior".

Mais tarde, um dos avós comentou que alguma entidade já não parecia estar na casa; tinha saído porque se sentira atraída pela aura de Pat. Pat ficou perturbada com a ideia de que tinha sido usada como uma espécie de esponja para absorver alguma força duvidosa.

Já de volta a casa, Pat começou a ouvir a voz de "Elizabeth" dentro da sua cabeça, e sentia-se estranhamente desligada da realidade. "Elizabeth" tentou persuadi-la a fazer mais escrita automática, mas ela sentiu que, se o fizesse, só estaria a consolidar o domínio do "espírito". "Precisamos de ti", disse "Elizabeth". "Se recusares falar connosco, viveremos no teu quarto, nas tuas paredes."

A amiga de Pat dissera-lhe que se ignorasse a entidade, ela desapareceria em breve. Ela descobriu que não era assim tão fácil. Tentou ler um romance de baixa qualidade e ignorar a voz, mas uma sensação de que alguém pressionava o seu rosto contra o dela dificultava a concentração. Na cama, revirava-se tão violentamente que teve de a refazer várias vezes. Mas sentiu que a sua técnica de "privação" era a correta. Após alguns dias, a sua capacidade de concentração começou a regressar; lentamente, pouco a pouco, a influência das entidades (pois sentia que havia mais do que uma) começou a diminuir. Finalmente, teve a impressão de que conseguia ver a mulher de vestido malva a recuar, transformando-se primeiro numa massa malva, depois numa "vibração de baixo nível".

Pat pode ter sido muito sugestionável, e a sua mente inconsciente pode ter criado a mulher de malva, mas deve admitir-se que esta explicação parece menos convincente do que a alternativa — de que Pat se abrira voluntariamente a uma da "ordem inferior", e teve de se libertar o melhor que pôde.

Descrições deste tipo de possessão são familiares na literatura "ocultista". O investigador americano Alan Vaughan descreve como ele

próprio ficou "possuído" durante algum tempo. Tinha comprado uma tábua ouija para entreter uma amiga que estava a convalescer. Em breve, começou a receber todo o tipo de mensagens, algumas das quais pareciam transmitir informações que não estavam disponíveis para a própria mente inconsciente de Vaughan — por exemplo, quando o rádio anunciou a morte da colunista de jornal Dorothy Kilgallen, de ataque cardíaco, perguntaram à tábua se era verdade; esta respondeu que ela morrera realmente de veneno. Dez dias depois, isso revelou-se verdade. (Suspeitava-se — e ainda se suspeita — que ela morreu porque sabia demasiado sobre o assassinato de John F. Kennedy.) Então, para seu alarme, Vaughan descobriu que um espírito que se autodenominava "Nada" ("nothing" — recordando a resposta de "Elizabeth" à pergunta sobre onde vivia) tinha "entrado na sua cabeça". "Eu conseguia ouvir a sua voz a repetir as mesmas frases vezes sem conta" — à maneira típica da "ordem inferior". Quando perguntou sobre isto, a tábua respondeu: "Consequências horríveis — possessão."

Um amigo que entendia destas coisas comprometeu-se a ajudar Vaughan, e outro "espírito" tomou posse da sua mão e fê-lo escrever uma mensagem: "Cada um de nós tem um espírito enquanto vive. Não te metas com os espíritos dos mortos." Então o espírito pareceu causar uma revolta de energia no corpo de Vaughan que empurrou tanto "Nada" como a entidade prestável para fora do topo da cabeça de Vaughan:

"Senti uma tremenda sensação de euforia e bem-estar físico... A minha mente começou a acelerar nalguma dimensão alargada que não conhecia limites de tempo ou espaço. Pela primeira vez, comecei a sentir o que se passava na mente de outras pessoas, e, para meu espanto, comecei a sentir o futuro através de algum tipo de consciência alargada..."

Aqui novamente, podemos ver que o relato de Vaughan parece corresponder de perto ao que Swedenborg tinha a dizer sobre anjos e espíritos. "Nada" repetia as mesmas frases vezes sem conta, como a "ordem inferior" faz sempre. Identificou-se como a mulher de um capitão de barco de Nantucket, e Vaughan comenta que ela parecia ressentir o facto de ele estar vivo e ela morta. A entidade que ajudou a empurrar "Nada" para fora da cabeça de Vaughan soa muito a um dos anjos de Swedenborg.

Mas não poderiam ambas as entidades ter sido um produto do "hemisfério direito" de Vaughan, como Julian Jaynes sugere? Isto é concebível; no entanto, parece realmente haver uma distinção entre as

manifestações do hemisfério direito e as entidades de "ordem inferior". O hemisfério direito é o eu intuitivo — o aspeto de nós que fornece visão e "inspiração" — tais como as melodias que "entravam" na cabeça de Mozart. Tem coisas melhores para fazer do que repetir a mesma frase estúpida vezes sem conta.

A distinção pode ser vista claramente num caso que descrevi noutro local, o de Brad Absetz, um professor americano a viver na Finlândia, que acidentalmente tropeçou no truque de estabelecer contacto com o seu "outro eu". Após a morte do seu filho com cancro, a mulher de Brad Absetz retirou-se para um estado de esquizofrenia. Durante horas a fio, ela ficava deitada na cama, de olhos fechados, a lutar com culpa e depressão. Brad ficava deitado ao lado dela, à espera que ela emergisse destas sessões de introspeção sombria para poder confortá-la e encorajá-la.

Ficava totalmente alerta, à espera do mais pequeno movimento que indicasse que ela estava a regressar à consciência normal. No entanto, é claro que um homem que fica deitado numa cama durante horas a fio acabará por entrar num estado de relaxamento. Um dia, enquanto ali estava neste estado combinado de relaxamento e alerta, experimentou uma curiosa sensação de liberdade interior, de libertação do corpo, quase como se flutuasse para fora da cama.

Então notou um impulso nos músculos do seu braço, como se quisesse mover-se. Brad deu mentalmente ao seu braço "permissão para se mover", e ele flutuou no ar. Em breve, ambos os braços faziam movimentos espontâneos, enquanto ele observava como um espectador.

Na sala de jantar, onde as refeições eram servidas em regime de buffet, as suas mãos mostraram uma disposição para selecionar comida por si mesmas; durante várias semanas, permitiu-lhes que selecionassem a comida que preferiam — raramente era o que ele próprio teria escolhido — e notou que começou a perder peso e a sentir-se mais saudável do que nunca. A sua "mão" mais tarde usou lápis de cera e tintas para criar uma extraordinária série de pinturas, e para fazer esculturas em metal. Também começou a escrever poemas em verso livre, e estes poemas eram notáveis por uma certa clareza e pureza de linguagem.

O que acontecera é que o eu do hemisfério direito começara a expressar-se; poderíamos dizer que, no parlamento da sua mente, o

deputado do inconsciente ganhara coragem para começar a fazer discursos. Os psicólogos referem-se ao hemisfério direito como o "hemisfério não dominante"; na maioria de nós, comporta-se como uma dona de casa reprimida que nunca ousa dar a sua própria opinião. As horas de quietude de Brad ensinaram-na a superar a sua timidez.

Um dia, quando pegou num lápis para permitir que a sua mão escrevesse, a caligrafia era bastante diferente da sua. Uma mulher disse o seu nome e apresentou-se brevemente. A reação imediata de Brad foi um poderoso sentimento de rejeição. Empurrou o papel para longe e disse com força: "Não serei um porta-voz de ninguém a não ser de mim mesmo." O "comunicador" foi-se e não regressou. Aqui parece haver uma distinção clara entre a "voz" do hemisfério direito e algum comunicador ou espírito externo.

Em suma, quer aceitemos quer não, parece haver um caso *prima facie* para a existência de entidades desencarnadas que podem, sob certas circunstâncias, "entrar nas cabeças" dos seres humanos. Quando isto acontece "por convite" — isto é, quando o ser humano entra em transe e se permite ser usado pela entidade — é conhecido como mediunidade. Quando acontece involuntariamente, como no caso de Alan Vaughan, é conhecido como possessão.

O caso que primeiro chamou a atenção de Adam Crabtree para o fenómeno datava da última década do século XIX, e fora descrito num panfleto chamado *Begone Satan*, pelo Rev. Carl Vogel. Em 1896, uma rapariga de Wisconsin chamada Anna Ecklund, de 14 anos, começou a ser perturbada por um desejo de cometer o que considerava "atos sexuais indizíveis", e por uma incapacidade de entrar em igrejas católicas, complicada por um desejo de atacar objetos sagrados. Os seus problemas foram ignorados durante dezasseis anos, então Reisinger, um monge capuchinho da comunidade vizinha de St Anthony em Marathon, realizou um exorcismo que trouxe alívio.

Mas foi apenas temporário. Em 1928 — quando Anna tinha 46 anos — ele decidiu tentar novamente, desta vez no convento de Earling, Iowa. Os resultados do exorcismo de 23 dias foram espetaculares, e muitas das freiras ficaram tão exaustas com os acontecimentos horríveis que tiveram de ser transferidas para outro convento.

Antes de o exorcismo começar, várias das freiras mais fortes seguraram Anna na cama. Mas assim que Reisinger começou a falar, o corpo de Anna disparou para o ar e aterrou no alto da parede, aparentemente agarrando-se "com uma garra felina". Foi arrastada para a cama novamente, e assim que Reisinger começou de novo, começou a uivar e a gritar tão alto que as pessoas na rua correram para o convento para descobrir o que se passava. Então vários "demónios" falaram através da rapariga com vozes diferentes, embora a sua boca não se movesse. O seu rosto ficou contraído, e todo o seu corpo se contorceu em posições extraordinárias. A sua cabeça inchou e ficou vermelha brilhante. Também vomitou grandes quantidades de "matéria fétida".

Também exibiu outro fenómeno comum de possessão: falar em línguas das quais não tinha conhecimento consciente; quando o exorcista falava em alemão ou latim, ela respondia na mesma língua. Quando a comida era salpicada às escondidas com água benta, ela sabia instantaneamente.

Um "demónio" que se identificou como Belzebu disse ao exorcista que ele e os seus companheiros tinham sido convidados a entrar na rapariga pelo seu pai, que ficara furioso com a rejeição por parte dela das suas tentativas de incesto. O exorcista conseguiu "convocar" o pai, que confirmou esta história. A sua mulher de direito comum também falou através da boca de Anna, e admitiu ter matado quatro dos seus bebés (provavelmente estava a referir-se a abortos). Durante todo este tempo, a própria Anna estava "inconsciente", por isso, na verdade, os espíritos estavam a falar através dela como através de uma médium.

Durante o curso do exorcismo, o pastor envolveu-se num estranho acidente de carro. E no vigésimo terceiro dia, o corpo de Anna endireitou-se na cama, de modo que apenas os calcanhares permaneciam em contacto. Depois colapsou de joelhos, e uma voz terrível repetiu os nomes dos espíritos que partiam, até que pareceu desaparecer ao longe. Como uma espécie de despedida, a sala encheu-se com um cheiro horrível. Nesse momento, Anna abriu os olhos e sorriu.

Crabtree entrevistou o monge que traduzira o panfleto de Vogel para inglês, e que conseguiu confirmar os pormenores. Portanto, quando encontrou o caso de Sarah Worthington, achou mais fácil aceitar que estava a lidar com um caso de "possessão".

Na verdade, Crabtree insiste que apenas aceita a possessão como uma hipótese de trabalho — uma hipótese que, de facto, funciona. Ele está a dizer, em efeito, que os seus casos podem envolver realmente alguma atividade estranha e complexa do inconsciente — como "personalidade múltipla" — mas que, ao tratá-los como possessão, consegue curar os seus pacientes.

Mas Ralph Allison, outro psiquiatra cujo trabalho interessou Crabtree, fora forçado a dar um passo além. Em 1972, Allison estava a tratar uma pequena mulher tímida chamada Janette, que sentia impulsos de matar o seu marido e os seus filhos. Quando outro psiquiatra expressou a opinião de que Janette era um caso de personalidade dupla, Allison pediu-lhe que relaxasse profundamente (em efeito, num estado semi-hipnótico) e pediu para falar com a "outra pessoa". Imediatamente, uma voz áspera e estridente que se identificou como "Lydia" comentou: "Deus, é bom estar livre daquela piss-ass Janette." Como o paciente Léonie de Gibert em Le Havre, Janette tinha claramente um *alter-ego* hostil.

Allison chegou à interessante e perspicaz conclusão de que Janette era simplesmente demasiado passiva, e que, se se tornasse uma pessoa mais ativa, Lydia desapareceria gradualmente. E agora — como no caso Léonie — uma terceira personalidade, completamente mais equilibrada, também emergiu (identificando-se como Karen). Allison passou a referir-se a tais personalidades como o "autoajudante interior". E com a ajuda de Karen — e os esforços de Janette para ser uma pessoa menos passiva — Allison conseguiu efetuar uma cura. Neste caso, estava indubitavelmente a lidar com um caso de personalidade múltipla.

Neste caso, a hipótese básica da personalidade múltipla cobria os factos — que uma infância traumática causara a retirada da "personalidade principal" dos problemas da vida, como uma avestruz que enterra a cabeça na areia. Mas o próximo paciente de Allison, uma rapariga chamada Carrie, forçou-o a levar a sério a hipótese da "possessão". Carrie era outra "múltipla" com um historial de traumas de infância, incluindo uma violação em grupo. Mesmo sem hipnose, um *alter-ego* chamado Wanda emergiu e falou com Allison. Mas parecia claro que Wanda não era responsável pelos impulsos suicidas. Quando lhe disseram que um "psíquico" afirmava que Carrie estava possuída pelo espírito de uma toxicodependente que morrera de overdose em Nova Iorque em 1968, Allison decidiu "dar uma

oportunidade ao conceito de possessão espiritual". Sob hipnose profunda, Carrie concordou que a toxicodependente estava a influenciar a sua vida, e o improvisado "exorcismo" de Allison — usando uma bola de cristal a balançar numa corrente — aparentemente teve sucesso.

Então Allison tentou "exorcizar" Wanda, e novamente aparentemente teve sucesso. Infelizmente, o tratamento ainda assim não conseguiu desalojar outras duas personalidades, e Carrie acabou por cometer suicídio.

No entanto, Allison continuou a rejeitar a noção de "possessão espiritual" até encontrar uma rapariga chamada Elise, que revelou várias personalidades sob hipnose. A maioria delas conseguiu descrever a sua história — que trauma as fizera "nascer". Mas uma delas afirmou ser um homem chamado Dennis, que explicou que entrara no corpo de Elise quando ela estava a experimentar magia negra em adolescente, e que gostava de lá permanecer porque gostava de fazer sexo com outra das personalidades de Elise, uma rapariga chamada Shannon. O sexo não era, como se poderia supor, um ato sexual sem corpo entre dois "espíritos": quando Shannon assumia o controlo do corpo de Elise e fazia sexo com um homem, Dennis entrava no corpo do homem. E embora Elise e Shannon partilhassem o mesmo corpo, Dennis não estava interessado em sexo com Elise, apenas com Shannon. Eventualmente, com a ajuda de outro "autoajudante interior", Elise foi curada. Foi este caso que finalmente convenceu Allison de que a personalidade múltipla pode por vezes ser um caso de possessão espiritual.

Foi o livro de William Blatty *The Exorcist* — e o filme baseado nele — que causou uma vaga de livros e artigos populares sobre exorcismo. O caso ocorreu num subúrbio de Washington, Mount Rainier, em 1949.

Douglass Deen, de 13 anos, era o "foco" das ocorrências, que começaram com um ruído de arranhadelas nas paredes. Uma empresa de extermínio de ratos não conseguiu encontrar sinais de ratos ou camundongos. Os sons ocorriam apenas quando Douglass estava por perto. Então fenómenos de poltergeist mais habituais começaram a ocorrer: pratos voaram pelo ar, frutas foram atiradas contra a parede.

Um quadro flutuou para fora da parede, pairou no ar, e depois voltou à sua posição antiga. Depois disto, a cama de Douglass começou a tremer e a vibrar quando ele estava nela. A família pediu ajuda ao ministro local, o

Reverendíssimo M. Winston, e em 17 de fevereiro de 1949 Douglass passou a noite na sua casa. Os dois retiraram-se para um quarto com duas camas. A cama de Douglass logo começou a vibrar, e houve ruídos de arranhadela nas paredes. Winston pediu a Douglass para dormir numa poltrona. A cadeira deslizou para a parede, depois inclinou-se lentamente até atirar o rapaz ao chão. O ministro improvisou uma cama no chão; assim que Douglass se deitou nela, a cama deslizou pela sala.

Enquanto estes acontecimentos continuavam, o rapaz foi levado a dois hospitais — Georgetown e St Louis University, ambos instituições jesuítas. Todas as tentativas de o tratar médica e psiquiatricamente foram infrutíferas. Finalmente, um padre jesuíta empreendeu o exorcismo. Jejuou durante dois meses e meio à base de pão e água, e repetiu o ritual de exorcismo nada menos que trinta vezes. O "espírito" mostrou a sua objeção a estes rituais — ou talvez o seu desprezo — enviando o rapaz em convulsões, fazendo-o gritar obscenidades e blasfémias numa voz estridente, e por vezes fazendo-o responder ao exorcismo em latim — uma língua que ele nunca estudara. Finalmente, em maio de 1949, os fenómenos cessaram; o trigésimo exorcismo foi aparentemente bem-sucedido. Mas então, como vimos, a maioria dos fenómenos de poltergeist duram apenas um mês ou mais; pode ter desaparecido por si só.

Temos aqui, portanto, um caso de distúrbios de poltergeist que se transformaram em "possessão demoníaca", com todos os fenómenos que ocorreram no caso de Loudun. A explicação "psicológica" seria que o "outro eu" de Douglass Deen começou por produzir distúrbios de poltergeist, depois pegou no jogo da possessão demoníaca sugerido pelos padres jesuítas. (A sua capacidade de falar latim não é tão surpreendente quanto parece; ele deve ter ouvido muito latim durante a sua vida — na missa — e pode tê-lo aprendido inconscientemente.)

Mas a explicação de Kardec sobre um espírito travesso encaixa igualmente bem. Se Kardec estiver correto, então as mudanças físicas que ocorrem durante a puberdade causam uma "fuga" de um certo tipo de energia que pode ser usada por um poltergeist; esta energia é provavelmente alguma forma de força nervosa. Quando os ajustes físicos da puberdade são concluídos, a fuga cessa, e o poltergeist já não se consegue manifestar.

Porque razão um poltergeist invadiu a casa da família Deen? No filme *The Exorcist*, é fornecida uma razão: a filha da casa brinca com uma tábua ouija. Não há evidências de que isto tenha acontecido no caso Deen, mas é certamente consistente com o que sabemos sobre poltergeists — podemos recordar o caso Phelps (Capítulo 6), que começou quando o Rev. Phelps começou a tentar contactar "espíritos".

Tudo isto soa profundamente alarmante, e pode preocupar pessoas de disposição nervosa. Mas vários pontos devem ser tidos em mente. Os espíritos, segundo Swedenborg, não têm poder para realmente "invadir" o corpo — ou mente — de uma pessoa normal. Se conseguem fazê-lo porque são mais ou menos convidados — como no caso da paciente de Crabtree, Pat, que se tornou anfitriã de "Elizabeth Barrett Browning" — o inquilino residente está em vantagem básica, tal como o proprietário de uma casa ao encontrar um ocupante ilegal. A recusa determinada de Pat em encorajar o seu "ocupante ilegal" acabou por ter o efeito desejado, e "Elizabeth" foi-se embora.

A conclusão é simples. O facto de a "possessão" poder realmente ocorrer não é mais alarmante do que o facto de os buracos negros existirem. Apenas indica que o universo é um lugar mais estranho e mais complexo do que os nossos bisavós supunham. Mas então, mesmo os nossos bisavós sabiam que é melhor conhecer os factos do que ser ignorante deles.

Post-scriptum: Uma Nota sobre Reencarnação.

O caso de Lurancy Vennum e Mary Roff, citado no início deste capítulo, levanta outra questão importante. O relato é consistente com o ensinamento de Allan Kardec que — como vimos — afirma a realidade da reencarnação em *O Livro dos Espíritos*. É também consistente com a visão de Kardec de que o corpo é meramente um veículo que, como qualquer outro veículo, pode ser usado por mais do que um condutor.

A reencarnação, a noção de que regressamos à terra muitas vezes, faz parte da crença religiosa dos hindus e budistas. Alguns dos relatos mais convincentes de reencarnação vêm da Índia. No início da década de 1930, o caso de uma rapariga chamada Shanti Devi atraiu atenção mundial. Kumari Shanti Devi nasceu em Deli a 12 de outubro de 1926 e, quando tinha 4 anos, começou a falar de uma cidade chamada Muttra, a cem milhas de

distância. Afirmou que lá vivera numa casa amarela, e que o seu marido fora um homem chamado Kedar Nath Chaubey.

O diretor da escola local ficou tão intrigado com tudo isto que examinou Shanti e perguntou onde vivia o seu marido; Shanti deu-lhe uma morada. O diretor escreveu a Kedar Nath e, para seu espanto, recebeu uma resposta a confirmar que ele era viúvo, cuja esposa — uma rapariga chamada Ludgi — morrera dez anos antes. Ele confirmou detalhadamente muitas coisas que Shanti relatara.

No entanto, cem milhas era uma longa distância para viajar, por isso Kedar Nath escreveu a um primo em Deli e pediu-lhe que visitasse a família de Shanti Devi.

O primo, Kanji Mal, chegou à porta, e foi instantaneamente reconhecido por Shanti. Ele foi-se embora totalmente convencido. O resultado foi que Kedar Nath se apressou a ir a Deli. Shanti, extremamente excitada, atirou-se aos seus braços. Respondeu então detalhadamente a todo o tipo de perguntas sobre a sua vida com ele. Todas as dúvidas de Kedar desapareceram. Esta era indubitavelmente a sua antiga esposa. Mas o que poderia ele fazer quanto a isso? Dificilmente poderia levar uma rapariga de 10 anos de volta para sua casa... Então, triste e perplexo, regressou a Muttra. Poucos dias depois, Shanti foi levada a Muttra pelos seus pais, juntamente com três investigadores científicos. E a partir do momento em que chegou, ninguém teve a menor dúvida de que era genuína. Entre a multidão na plataforma da estação, reconheceu um homem idoso como seu cunhado. Depois, numa carruagem, deu indicações ao condutor, e mostrou um conhecimento íntimo da cidade — apontando também várias casas que tinham sido construídas desde que ela morrera. Orientou a carruagem para a casa em que vivera com Kedar, depois para outra casa para onde se tinham mudado mais tarde.

Conduziu-os a um poço antigo, que entretanto fora tapado, e mostrou o local num dos quartos onde enterrara cem rupias no chão de terra. Os homens escavaram, e encontraram apenas uma caixa de joias vazia — momento em que Kedar Nath admitiu com embaraço que encontrara a caixa e gastara o dinheiro. Mais tarde, Shanti reconheceu os seus antigos pais e o seu irmão na multidão. Tudo isto foi registado, e causou tal agitação que foi noticiado em jornais de todo o mundo.

Casos como o de Shanti Devi — e houve muitos outros — foram estudados pelo Professor Hemendra Banerjee da Universidade do Rajastão. E na América, o Dr. Ian Stevenson da Universidade da Virgínia iniciou um exaustivo estudo científico de tais casos, sendo os seus primeiros resultados publicados em 1966 sob o cauteloso título de *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. Os seus casos vêm da Índia, Ceilão (agora Sri Lanka), Brasil e Alasca, e todos estão cheios de evidências documentadas. Um único caso dará uma amostra do seu espantoso material.

Em 1954, um rapaz de 3 anos chamado Jasbir Lal Jat morreu de varíola. Antes de poder ser enterrado no dia seguinte, o cadáver mexeu-se e reviveu. Foram algumas semanas até que a criança pudesse falar, mas quando o fez, os seus pais ficaram espantados por a sua personalidade ter mudado completamente. Anunciou que era filho de uma família brâmane (uma casta superior à da sua família "atual") que vivia na aldeia de Vehedi, e recusou-se a comer alimentos a menos que fossem cozinhados por um brâmane. Disse que fora envenenado por uns doces adulterados, e que caíra de um carroça, partira o crânio e morrera. A família de Jasbir, compreensivelmente, estava cética, assumindo que a sua doença afetara a sua mente.

Mas começaram a reconsiderar em 1957, quando uma senhora brâmane de Vehedi veio à aldeia de Jasbir, e ele reconheceu-a instantaneamente como sua tia. Jasbir foi levado de volta a Vehedi e, como Shanti Devi, guiou o grupo pela aldeia, mostrando um conhecimento detalhado da sua disposição, e reconheceu membros da sua família. O seu nome, na sua existência anterior, era Sobha Ram. A acusação sobre os doces envenenados nunca foi completamente esclarecida — dizia-se que Sobha Ram morrera de varíola — mas o relato detalhado do Dr. Stevenson não deixa dúvidas de que Jasbir sabia demasiado sobre Vehedi e a vida de Sobha Ram para que qualquer engano tivesse ocorrido.

O ponto mais estranho sobre este caso, claro, é que Jasbir já tinha três anos e meio quando "morreu", e foi tomado pelo "espírito" de Sobha Ram — que morreu ao mesmo tempo. A explicação lógica, portanto, pareceria ser que Jasbir realmente morreu, e que o espírito de Sobha Ram agarrou o corpo antes de ocorrer a "morte cerebral" e lutou para regressar à vida. Isto levanta algumas questões fascinantes sobre toda a relação entre espírito e matéria, vida e morte...

Stevenson aponta que a maioria dos casos realmente convincentes de reencarnação ocorrem em culturas que já aceitam a reencarnação como um facto. Isto, como já vimos, nem sempre é assim. Em 1910, uma rapariga de 5 anos chamada Alexandrina Samona morreu em Palermo, Sicília, e a sua mãe ficou louca de dor. Pouco depois, teve um sonho em que a sua filha morta lhe assegurava que regressaria sob a forma de um bebé. Mais tarde naquele ano, Adela Samona deu à luz gémeos, um dos quais era o duplo de Alexandrina, e que por isso recebeu o seu nome. (O outro tinha uma personalidade totalmente diferente.) Quando a nova Alexandrina tinha dez anos, a sua mãe levou-a num passeio à cidade de Monreale, onde Alexandrina nunca estivera antes. No entanto, a criança insistiu que já lá estivera.

Descreveu várias coisas que vira na cidade, e disse que lá estivera com a sua mãe e uma mulher com "cornos" na testa — momento em que a Senhora Samona recordou que, poucos meses antes da morte da primeira Alexandrina, tinham ido a Monreale, acompanhadas por uma vizinha que tinha cistos feios na testa. Outros pormenores recordados por Alexandrina também se revelaram corretos. Este caso deu origem a um interesse generalizado, e foi relatado juntamente com longos depoimentos de todos os envolvidos, não deixando dúvidas sobre a exatidão básica dos factos.

Nos últimos anos, tem havido um interesse constantemente crescente pela reencarnação, a partir de 1956, quando um livro intitulado *The Search for Bridey Murphy* se tornou um bestseller. Um hipnotizador chamado Morey Bernstein colocou uma dona de casa do Colorado, Virginia Tighe, em transe, e fez-lhe perguntas sobre o período anterior ao seu nascimento (uma técnica conhecida como "regressão"). A Sra. Tighe declarou que no século XIX fora uma rapariga irlandesa chamada Bridey Murphy, que vivia em Cork — deu informações extremamente detalhadas sobre a sua vida lá.

O caso causou sensação, que colapsou abruptamente quando um jornal americano publicou um "escândalo", declarando que a Sra. Tighe tivera uma tia irlandesa que lhe contara infinitas histórias sobre a Irlanda, e que em criança vivera em frente de uma mulher chamada Bridey Corkell, com cujo filho estivera apaixonada... No entanto, após uma investigação mais atenta, é impossível descartar o caso Bridey Murphy como autoengano inconsciente. Para começar, o jornal que fez a denúncia era aquele que não conseguira os direitos de publicação em série do livro de Bernstein, que

tinham ido para um rival. Descobriu-se que Virginia nunca conhecera a sua "tia irlandesa" até aos dezoito anos, e que certamente nunca estivera apaixonada pelo filho da Sra. Corkell — que afinal era o editor da edição de domingo do jornal que a denunciou. Mas o público em geral não está interessado nesses pormenores subtis; quanto a eles, Bridey Murphy fora provada como uma farsa.

Outros hipnotizadores, como Arnall Bloxham (um inglês) e Joe Keeton, começaram a experimentar as técnicas de "regressão", e produziram informações espantosas que pareciam provar que os pacientes conseguiam recordar as suas "vidas passadas". Um dos sujeitos de Bloxham deu um relato impressionante de ter sido um artilheiro naval na época de Nelson; enquanto outro, uma dona de casa, recordou muitas vidas passadas, incluindo uma de ser uma judia envolvida num pogrom antissemita em York.

O seu conhecimento de história antiga revelou-se espantosamente detalhado (como Jeffrey Iverson relatou no seu livro *More Lives than One?*). Um professor identificou a igreja que ela descrevera — na cripta da qual os judeus perseguidos se refugiaram — como St Mary's, sendo o único problema que St Mary's não tinha cripta. Alguns meses depois, operários que renovavam a igreja descobriram a cripta.

Agora, livro após livro apareceu com fortes evidências para a reencarnação. Em *The Cathars and Reincarnation*, o Dr. Arthur Guirdham descreveu uma paciente chamada "Mrs. Smith" que tinha sonhos e visões de estar viva na França do século XIII, como membro de uma seita perseguida chamada Cátaros, que foram finalmente exterminados pela Inquisição. O próprio Guirdham estivera interessado nos Cátaros porque também tivera sonhos estranhos sobre eles. Agora, estimulado pelo "conhecimento onírico" detalhado de Mrs. Smith sobre o período, investigou o Catarismo com a ajuda de estudiosos franceses, e descobriu que ela estava correta vezes sem conta; quando ela e os estudiosos discordavam, era geralmente ela que se revelava correta. Em *Second Time Round*, Edward Ryall descreveu detalhadamente memórias de uma existência anterior como um agricultor do West Country que viveu durante o reinado de Carlos II e participou na batalha de Sedgemoor. Em *Lives to Remember*, Peter Underwood e Leonard Wilder descreveram experiências

hipnóticas com uma dona de casa, Peggy Bailey, e memórias detalhadas de três das suas vidas anteriores.

No entanto, obviamente o problema aqui é o de até que ponto podemos aceitar as evidências de pessoas que se convenceram de que a reencarnação é uma realidade. Para muitos céticos, o caso de Arthur Guirdham é minado pela sua admissão de que ele também fora um Cátaro numa existência anterior, e — por uma estranha coincidência — o amante da anterior Mrs. Smith. O leitor de *Died 1513, Born 1929* de A. J. Stewart é obrigado a sentir certa incredulidade ao saber que, na sua existência anterior, a Srta. Stewart era Jaime II da Escócia.

Em 1981, os céticos encontraram um formidável campeão em Ian Wilson, cujo livro *Mind Out of Time?* é uma análise devastadora de alguns dos casos de reencarnação. Eu próprio sou citado com aprovação por causa de uma experiência que realizei na televisão da BBC em que uma dona de casa foi levada a alucinar como um clérigo maléfico através de sugestão pós-hipnótica. Wilson continua a mostrar quão facilmente as nossas mentes inconscientes nos podem enganar, citando muitos casos em que pessoas se convenceram de que memórias há muito enterradas de algum livro que leram são na verdade memórias de vidas passadas. Ele aponta, por exemplo, que o homem que pensava ter sido um artilheiro num dos navios de Nelson lera os romances *Hornblower* de C. S. Forester em criança e poderia facilmente ter absorvido os seus "factos" a partir deles. A sua avaliação final ponderada é que a maioria dos casos de reencarnação são na verdade exemplos da estranha doença psicológica conhecida como "personalidade múltipla".

O ceticismo de Wilson é salutar e revigorante. Mas o livro sofre do defeito da maioria das tentativas de "explodir" uma crença particular: parece ignorar algumas das evidências mais convincentes.

Qualquer pessoa interessada em reencarnação volta-se imediatamente para o índice para ver o que ele faz do caso Lurancy Vennum — e descobre que, por alguma razão estranha, ele nem sequer o menciona. Discutindo os casos de Stevenson, ele objeta que tantos envolvem crianças pequenas, e aponta que as crianças muitas vezes fantasiam ser outra pessoa. Mas tem apenas uma breve e indireta referência ao espantoso caso de Jasbir Lal Jat, e prefere encontrar falhas e erros menores em casos menos bem documentados.

E então Wilson mina seriamente os seus próprios argumentos ao citar um dos casos mais notáveis dos últimos anos — o das gémeas Pollock. Em maio de 1957, duas irmãs — Joanna e Jacqueline Pollock, de 11 e 6 anos — foram mortas por um carro que subiu ao passeio. Em outubro de 1958, a Sra. Pollock teve gémeas femininas, que foram chamadas Jennifer e Gillian. Jennifer tinha uma cicatriz na testa exatamente no local onde a sua irmã falecida Jacqueline tivera uma. Quando as gémeas tinham apenas quatro meses, a família mudou-se de Hexham para Whitley Bay. Mas quando as gémeas foram levadas de volta três anos depois, comportaram-se como se o conhecessem toda a vida, reconhecendo a escola, o parque infantil e a antiga casa onde as suas irmãs viveram. Quando a Sra. Pollock decidiu abrir um armário trancado onde guardara os brinquedos das crianças mortas, as gémeas reconheceram-nos imediatamente item por item, nomeando todas as bonecas. Um dia, a Sra. Pollock ficou chocada ao encontrá-las a brincar a um jogo em que uma gémea embalava a cabeça da outra dizendo: "O sangue está a sair dos teus olhos. Foi onde o carro te bateu." Mas os Pollock tinham tido o cuidado de nunca contar nada aos seus filhos sobre como as suas irmãs morreram.

Portanto, embora o Sr. Wilson aponte que as evidências não são de todo à prova de bala — porque o próprio John Pollock acredita em reencarnação — ele deixa a maioria dos leitores com a impressão de que são suficientemente fortes para qualquer pessoa razoável. E quando, no final da sua discussão sobre o caso Bridey Murphy, admite relutantemente: "... quando o duvidoso e o abertamente espúrio foi descartado, permanecem sinais de algum fenómeno ainda não compreendido em ação", a maioria dos leitores tenderá a perguntar-se porque é que ele se considera um cético.

12.
Magos e Fazedores de Milagres

SERIA UM ERRO pensar no mago como a forma masculina da bruxa. (Na verdade, a palavra 'witch' pode aplicar-se tanto a homens como a mulheres.) Mas na longa tradição ocultista, o mago distingue-se da bruxa pelo seu desejo de alcançar domínio intelectual sobre os princípios da natureza. Magos como Paracelso e Cornélio Agripa consideravam-se cientistas em vez de feiticeiros — como se torna claro na vasta *History of Magic and Experimental Science* de Lynn Thorndike, na qual não há tentativa de distinguir um do outro.

Mas o que também se torna muito claro a partir da história da magia é que a maioria dos "grandes magos" era movida por outro motivo: o desejo de fama e poder pessoais. E, na maioria das vezes, isso tem sido a sua perdição.

Nas sociedades tribais primitivas, o mago era indistinguível da bruxa. Vimos — no capítulo sobre bruxas — como os xamãs tribais modernos — como os descritos em *Wizard of the Upper Amazon* de F. Bruce Lamb — são realmente capazes de atrair animais para a área onde os caçadores os esperam. E não parece haver razão para duvidar que os xamãs representados pelos nossos antepassados Cro-Magnon nas suas pinturas rupestres conseguiam fazer a mesma coisa.

Lentamente, ao longo de muitos milhares de anos, o xamã tribal evoluiu para o feiticeiro moderno. Isto é, ele deixou de ser o que se chama uma bruxa branca — um operador de magia benevolente e prestável — e tornou-se mais interessado em obter poder para si mesmo. Podemos ver esta transformação a começar nos profetas do Antigo Testamento, como Moisés, Josué, Elias e Daniel. É verdade que são homens de Deus, e que o seu poder aparentemente vem de Deus.

Mas é significativo com que frequência estão envolvidos em competições mágicas nas quais demonstram o seu poder à custa de magos rivais. Aarão atira a sua vara diante do Faraó e ela transforma-se numa serpente. Os magos egípcios rivais fazem a mesma coisa e as suas varas também se tornam serpentes. Mas a serpente de Aarão devora todas as outras serpentes. Elias desafia quatrocentos e cinquenta sacerdotes de Baal para um teste de magia em que eles devem invocar o seu deus para acender o fogo debaixo de um novilho para sacrifício. O seu deus falha-lhes. Elias, com um grande sentido teatral, diz ao seu povo para encharcar o seu novilho e a lenha com água três vezes. Depois invoca Jeová. O Deus dos judeus envia um fogo que consome o novilho, a lenha e a água. Depois disto, Elias ordena ao povo que mate todos os sacerdotes de Baal. A vontade de poder pavoneia-se por toda esta história.

O desejo de dominar, de se afirmar, de humilhar ou destruir aqueles que se opõem a eles é algo que pode ser observado vezes sem conta nas vidas dos grandes magos. Além disso, a competição mágica — a batalha com um rival — é uma característica padrão das vidas dos magos. No século I d.C., o mago grego Apolónio de Tiana envolveu-se numa

competição com um rival chamado Eufrates. Simão Mago, o mago da Samaria referido nos Atos dos Apóstolos, supostamente foi desafiado por São Pedro. A lenda é que Simão conjurou enormes cães negros que se precipitaram sobre Pedro. O apóstolo estendeu um pão de pão bênto, e os cães desapareceram no ar. Numa versão da lenda, Simão então elevou-se no ar, pairou por um momento, e voou através de uma janela. Pedro caiu de joelhos e rezou, e então Simão precipitou-se no chão. Morreu devido aos ferimentos desta queda.

Não pode haver dúvida de que muitas dessas histórias são pura invenção. Outras, no entanto, são demasiado detalhadas — e demasiado amplamente relatadas — para serem totalmente inventadas. A questão interessante é: que poderes genuínos possuíam homens como Simão Mago? O relato dele dado nos Atos dos Apóstolos é, compreensivelmente, depreciativo. Descrevendo-se como "um grande", Simão irritou São Pedro ao oferecer-lhe dinheiro em troca do dom do Espírito Santo. Os documentos cristãos tendem a considerar Simão um charlatão. Ele afirmava ser capaz de se tornar invisível, transformar-se num animal, e andar ileso através do fogo. Os cristãos diziam que tudo isto era conseguido enfeitiçando os sentidos dos observadores. Escritores modernos interpretaram isto como significando que ele usava alguma forma de hipnose. Por exemplo, a lenda diz que quando Simão foi a Roma, Nero ordenou que um dos seus oficiais o decapitasse. Simão, no entanto, enfeitiçou o oficial para que decapitasse um carneiro em vez disso. Quando reapareceu com a cabeça ainda nos ombros, Nero ficou tão impressionado com os seus poderes que fez de Simão o seu mago da corte.

Mas o meio de controlo de Simão sobre o oficial era hipnose comum ou era o tipo de poder Psi exercido por Wolf Messing (ver p. 54) quando induziu o funcionário do banco a entregar dez mil rublos? Esta última é muito mais provável, porque a hipnose geralmente requer a cooperação da pessoa prestes a ser hipnotizada. É improvável que Simão conseguisse tornar-se invisível ou transformar-se num animal. Mas certamente parecia ter comando do poder da pressão do pensamento, tal como algumas pessoas nascem com um dom especial para as plantas.

Neste ponto, é tempo de levantar a questão de como tal poder poderia funcionar. Vamos olhar mais de perto para alguns dos exemplos registados.

O poeta W. B. Yeats foi membro da ordem da Golden Dawn, uma das primeiras e mais conhecidas sociedades ocultistas da Inglaterra do final do século XIX. Na sua autobiografia, Yeats descreve um incidente que ocorreu num passeio a pé por um dos outros membros da Golden Dawn e MacGregor Mathers, um dos fundadores da ordem. "Olhe para aquelas ovelhas", disse Mathers. "Vou imaginar-me um carneiro." As ovelhas começaram imediatamente a correr atrás dele.

Mathers também conseguia usar os seus estranhos poderes em pessoas, tal como o dramaturgo sueco August Strindberg acreditava que ele próprio conseguia. Uma vez, quando Strindberg estava a comer sozinho num restaurante, reconheceu dois amigos entre algumas pessoas bêbadas noutra mesa. Para seu desgosto, um deles começou a aproximar-se dele. Strindberg fixou os olhos no homem. Com isto, o amigo pareceu confuso e regressou à sua mesa aparentemente convencido de que Strindberg era um estranho.

Strindberg tentou uma vez praticar magia negra, e acreditava que o seu sofrimento e má sorte posteriores foram resultado desta incursão em forças malignas. Foi quando estava separado da sua segunda mulher. Queria desesperadamente trazer uma reconciliação, e teve de pensar numa maneira de a ver. Decidiu usar os seus poderes telepáticos para tornar a sua filha suficientemente doente apenas para exigir uma visita dele. Usando uma fotografia da rapariga, tentou provocar a sua doença. Quando os dois filhos do seu primeiro casamento adoecessem pouco tempo depois, sentiu que era responsável, e que o seu uso do mau-olhado saíra ao lado. Strindberg data as suas desventuras a partir de então.

Uma mistura de hipnose e telepatia foi usada numa série de experiências conduzidas pelo cientista soviético Leonid Vasiliev nas décadas de 1920 e 1930. O objetivo das experiências era descobrir não apenas se a comunicação telepática era possível, mas também se podia ser provada. Num teste, Vasiliev usou um hipnotizador e um sujeito hipnótico que, segundo o hipnotizador, podia ser levado a adormecer por sugestão telepática. O hipnotizador foi colocado numa sala, e o sujeito noutra. Apenas Vasiliev e os seus assistentes sabiam precisamente quando o hipnotizador fazia a sugestão mental. Em testes repetidos, estabeleceram que o sujeito adormecia dentro de um minuto e meio após a sugestão. Mais tarde, descobriram que a distância não fazia diferença. Um sujeito na

cidade da Crimeia, Sebastopol, adormecia com uma sugestão telepática feita em Leninegrado, a mais de mil milhas de distância. Vasiliev perguntou-se se a comunicação telepática poderia depender de algum tipo de radiação eletromagnética, e tentou selar o hipnotizador numa câmara de chumbo. Não fez diferença nenhuma, provando que as ondas envolvidas na telepatia não têm nada em comum com as ondas de rádio.

Depois de Simão Mago, o mago mais famoso da história europeia é Fausto, também conhecido como Dr. Fausto. A lenda de Fausto manteve a sua potência durante quase cinco séculos, e inspirou pelo menos três grandes obras de literatura — *Dr. Faustus* de Christopher Marlowe (1604), *Faust* de Goethe (1808 e 1832), e *Doctor Faustus* de Thomas Mann (1947) — bem como muitas obras musicais. De todas estas, a imagem que emerge de Fausto é a de um homem brilhante, orgulhoso, inquieto, que deseja partilhar os segredos dos deuses. Mas estas características evoluíram ao longo dos séculos, e à medida que recuamos no tempo, aproximamo-nos da verdade sobre a pessoa que se autodenominava Fausto. O Fausto de Thomas Mann é um grande músico; o Fausto de Goethe é um estudioso inquieto, revoltado contra a frustração de ser meramente humano; o Fausto de Marlowe é um estudioso que foi levado à tentação pela ânsia de poder.

O livro em que todos estes se basearam é a *Historia von D. Johann Faustus* de Johann Spies, que apareceu em Berlim em 1587. O seu herói é pouco mais do que um vigarista de confiança mágica. Significativamente, o seu principal dom é a hipnose — embora, claro, o autor não use essa palavra.

Num episódio típico do livro de Spies, Fausto vai ter com um judeu e oferece-se para deixar para trás o seu braço ou perna como garantia para um empréstimo. O judeu aceita, e Fausto parece serrar a sua própria perna. Envergonhado e enojado com isto, o judeu mais tarde atira a perna para um rio — e então Fausto aparece e exige a sua perna de volta. O judeu é forçado a pagar-lhe uma pesada compensação. Noutra anedota, Fausto pergunta a um carroceiro com uma carga de feno quanto feno ele lhe permitirá comer por alguns trocos.

O carroceiro diz em tom de brincadeira: "Tanto quanto quiseres." Quando Fausto já comeu metade da carga do carroça, o carroceiro arrepende-se da sua generosidade e oferece a Fausto uma moeda de ouro com a condição de que ele deixe o resto por comer. Quando chega a casa, o

carroceiro descobre que a sua carga está intacta, "pois a ilusão que o doutor tinha levantado tinha desaparecido".

Mesmo o Fausto deste livro original é descrito como "um estudioso e um cavalheiro". Diz-se que foi filho de honestos camponeses alemães, nascido perto de Weimar em 1491, mas criado por um tio abastado em Wittenberg. Este tio enviou-o para a universidade. Os "fortes poderes mentais" de Fausto depressa o distinguem, e os seus amigos instam-no a entrar na Igreja. Mas Fausto tem ambições maiores.

Começa a envolver-se em feitiçaria. Estuda caldeu, grego e árabe. Obtém o seu grau de Doutor em Divindade, e também um grau médico. Com o tempo, torna-se um médico famoso. É a brilhantismo intelectual que é a sua perdição, "a ousadia das suas investigações profanas" — uma qualidade que as gerações posteriores considerariam uma virtude, e pela qual até Spies tem uma admiração secreta. Fausto deseja tornar-se um grande mago, e é por isso que invoca o Diabo. Tendo entrado no seu pacto com o Diabo, Fausto é corrompido pelo Príncipe das Trevas, que passa a enchê-lo de ganância e desejo de poder.

Neste ponto, vale a pena citar a *Historia* sobre um assunto que tem alguma relevância para as vidas dos magos. "Costumava haver um velho ditado que o mago, por mais sabiamente que fizesse os seus encantamentos durante um ano inteiro, nunca ficava seis pences mais rico por todos os seus esforços." Esta crença de que poderes invulgares não podem ser usados para ganho financeiro é fundamental e persistente. E parece haver alguma verdade nisso. Nenhum dos grandes magos, de Simão Mago a MacGregor Mathers, morreu rico, e a maioria deles morreu na pobreza. Os poucos que conseguiram viver confortavelmente — Emanuel Swedenborg e Gurdjieff, por exemplo — ganharam o seu dinheiro de outras maneiras que não a magia.

Quando passamos das lendas de Fausto para o obscuro original, conforme descrito por alguns dos seus contemporâneos, encontramos exatamente o tipo de pessoa que esta investigação nos levou a esperar: um homem grosseiro, vulgar, arrogante, com algum talento natural e um desejo avassalador de fama. Não sabemos se se chamava Georg Sabellicus ou Johannes, mas era frequentemente chamado Faustus Junior. A primeira notícia que temos dele é em 1507, quando, através dos bons ofícios de um nobre, obteve um posto como professor numa escola de rapazes em

Kreuznach, perto de Frankfurt. Aparentemente era homossexual, pois passou a seduzir alguns dos seus alunos, "entregando-se ao mais vil tipo de lascívia". Quando descoberto, fugiu. Em 1509, Johannes Faust recebeu um grau em teologia em Heidelberg, a cerca de quarenta milhas de Kreuznach. Em 1513, o cónego da igreja de Santa Maria em Gotha, no que é hoje a Alemanha Oriental, registou que ouvira Georg Faust, conhecido como "o semideus de Heidelberg", a gabar-se e a falar disparates numa estalagem em Erfurt, nas proximidades.

O alquimista Tritemius recorda um encontro com Faustus Junior já em 1507, e descreve-o como um tolo, um gabarola e um charlatão. Nas poucas outras referências que temos, ele está a fazer horóscopos, a fazer profecias, ou a ser expulso de cidade em cidade pela sua reputação desagradável de sodomita e nigromante (aquele que prediz o futuro comunicando com os mortos). A partir de Johann Wier, um conhecido de Fausto que escreveu sobre ele, ficamos a saber que Fausto costumava gabar-se do "seu amigo o Diabo" — o que pode não ter sido mais do que uma típica bravata.

Uma história do humor malicioso de Fausto registada por Wier descreve como Fausto, quando prisioneiro no castelo do Barão Hermann de Batenburg, se ofereceu para mostrar ao capelão do nobre como remover a sua barba sem uma navalha, em troca de uma garrafa de vinho. O capelão deveria esfregar a sua barba com a "fórmula mágica", arsénico. O crédulo capelão fez isto. A sua barba caiu, tal como Fausto profetizara — mas levou consigo a maior parte da pele do capelão. Wier também nos diz que Fausto era um andarilho bêbado que passava muito do seu tempo em tabernas de má fama, impressionando os locais com truques de prestidigitação. Outros cronistas contemporâneos descrevem-no como um mentiroso e um "prestidigitador rasteiro".

Não sabemos quando Fausto morreu — foi provavelmente na década de 1540 — mas sabemos como a sua fama lendária começou. Um clérigo protestante suíço, Johanne Gast, jantou uma vez com Fausto, e ficou desfavoravelmente impressionado com ele — talvez devido às insinuações de Fausto sobre o seu pacto com o Diabo. Seja como for, Gast falou mais tarde de Fausto num dos seus sermões, declarando que ele fora estrangulado pelo Diabo, e que o seu cadáver insistira em ficar de bruços, embora tivesse sido virado de costas cinco vezes. Esta história tinha o toque de horror certo para apelar à imaginação da sua congregação. Em

breve, outras histórias surgiram. Uma contava como o Diabo torcera completamente a cabeça de Fausto para que ficasse a olhar para as suas costas. Outra relatava como, perto do fim da sua vida, Fausto começou a esperar que pudesse escapar das garras do Diabo — mas o tremor da casa à noite avisava-o de que o fim estava próximo.

O século XVI foi uma era de perseguição religiosa, uma época em que um homem podia ser executado pela mera suspeita de que não acreditava na Trindade. A própria ideia de um homem vender a sua alma ao Diabo era suficiente para fazer os contemporâneos de Fausto empalidecerem. Não admira, portanto, que a *Historia* de Spies se tenha tornado uma das obras mais populares do seu tempo. Phillip Melancthon, um seguidor de Lutero, também pregou sobre Fausto. Embelezou um pouco a história com um relato de que Fausto derrotara e comera um mago rival em Viena.

Lutero também tem duas referências depreciativas a Fausto na sua *Table Talk*, das quais fica claro que considerava Fausto um charlatão comum em vez de um obreiro de maravilhas demoníaco. Os únicos poderes que alguns dos contemporâneos instruídos de Fausto estavam dispostos a conceder-lhe eram os dons de fazer horóscopos precisos e de prever o futuro. Em 1535, por exemplo, Fausto previu corretamente que o Bispo de Munster recapturaria a cidade, e em 1540 previu a derrota dos exércitos europeus na Venezuela.

A lenda tornou Fausto a figura mais famosa na história da nigromancia. Mas quando espreitamos através da névoa lendária, o que encontramos? A maioria das histórias mais sensacionais sobre o homem contadas por pessoas que o conheceram falam de feitos que foram mais ou menos duplicados por outros homens de poderes estranhos ao longo dos tempos. É difícil decidir se isto ajuda a apoiar ou a desacreditar as credenciais de Fausto como mago. Quando tentamos separar os factos da lenda, torna-se claro que Fausto sabia algo sobre hipnose. Pode ser que também soubesse como conjurar poltergeists. O padre Gast afirmou que quando Fausto ficou irritado com a fraca hospitalidade que lhe foi oferecida por alguns monges, enviou um poltergeist para os atormentar. Aparentemente, o espírito barulhento criou tal fúria que os monges tiveram de abandonar o seu mosteiro.

Os relatos deixam claro que Fausto era estúpido, arrogante e malicioso. O mesmo é verdade para muitos homens de poderes estranhos.

Como veremos, o egoísmo inquieto de Fausto, o seu desejo de impressionar, a sua necessidade de dobrar a natureza à sua vontade são característicos de muitos dos magos mais conhecidos desde Simão Mago em diante. Os magos não são pessoas agradáveis de se conhecer.

Fausto não foi o mago mais célebre da sua época. Teve dois contemporâneos notáveis, Cornélio Agripa e Paracelso, cuja fama superou em muito a sua, merecidamente, e que eram indubitavelmente magos brancos. Agripa e Paracelso eram ambos estudantes daquele estranho sistema místico de conhecimento chamado Cabala, cujo propósito é mostrar ao homem caído o seu caminho de volta ao Paraíso e à divindade. As duas obras que contêm a essência do ensinamento cabalístico — o *Sefer Yetsirah*, Livro da Criação, e o *Zohar*, Livro do Esplendor — são de importância tão profunda na história da magia que devemos dizer algumas palavras sobre elas aqui.

O *Livro da Criação* data do século II d.C. O *Livro do Esplendor* apareceu num manuscrito aramaico escrito por um estudante chamado Moses de Léon no final do século XIII. É, no entanto, tradição que os ensinamentos de ambos os livros datam do início da história humana, quando os anjos ensinaram a Adão o segredo de como recuperar a sua bem-aventurança perdida. Os cabalistas pensam no homem como um ser que está amarrado e envolto numa complicada camisa-de-forças — como Houdini antes de uma das suas célebres escapadas — e cujo problema é descobrir como desatar todos os nós. A maioria dos homens nem sequer se apercebe de que está amarrada. O cabalista não só sabe disso: sabe também que o estado mais elevado do homem é a liberdade total.

Segundo a Cabala, quando Adão pecou, caiu de um estado de união com Deus. Caiu através de 10 estados inferiores de consciência para um estado de amnésia, no qual esqueceu totalmente a sua origem divina, a sua verdadeira identidade. A tarefa do homem, portanto, é escalar de volta até atingir novamente o seu estado mais elevado. A viagem é longa e árdua. Não é simplesmente uma questão de escalar, como o João a escalar o pé de feijão, porque o "pé de feijão" passa através de 10 "reinos" diferentes. Mas mesmo essa imagem é demasiado simples: o pé de feijão não sobe diretamente para cima, como um poste de bombeiro, mas vagueia de um lado para o outro.

A imagem do pé de feijão é apropriada porque a Cabala é essencialmente o estudo de uma árvore sagrada — a Árvore da Vida. No topo da árvore está Deus o Criador, que é chamado Kether (a coroa). Os outros nove ramos da árvore são sabedoria, beleza, poder, entendimento, amor, resistência, majestade, fundação e reino. Estes são conhecidos coletivamente como as Sefirot — emanações, ou potências — e são elas que constituem os reinos através dos quais o pé de feijão passa. Há uma complicação adicional. A imagem tradicional da Árvore da Vida assemelha-se a um diagrama de uma molécula química, na qual os átomos estão ligados uns aos outros por linhas. Estas linhas correspondem aos 22 caminhos da Cabala que ligam os reinos.

A Árvore da Vida já não cresce na terra. Como, então, o aspirante se pode pôr a escalá-la? Há três maneiras principais. Primeiro, pode-se explorar os reinos no plano astral. Outra maneira de explorar os reinos da Cabala é através da visão interior — isto é, alcançando um estado semi-transe ou visionário no qual os reinos aparecem diante do olho interior. Uma terceira maneira é a óbvia: o estudo da própria Cabala. É, no entanto, talvez a maneira mais difícil de todas, porque as suas revelações sobre a consciência e o destino do homem não são faladas diretamente, mas jazem escondidas num sistema de símbolos enormemente complexo.

Os reinos das Sefirot, no entanto, não são eles próprios símbolos. Segundo a Cabala, são mundos reais. Por exemplo, se o corpo astral errante se encontra num reino contendo pombas e leopardos malhados, numa terra a transbordar com uma glória de vida quase avassaladora, está quase certamente no reino de Netshah, ou Vénus — símbolo de resistência e vitória.

As doutrinas da Cabala estavam provavelmente muito acima da cabeça de um charlatão como Fausto. Mas Cornélio Agripa e Paracelso não eram charlatães. Consideravam-se cientistas e filósofos, e eram muito mais inteligentes do que Fausto. No entanto, ambos tinham os defeitos que chegámos a reconhecer como característicos de tantos magos: um desejo de ser admirado, e uma vontade de poder crua. Quando estas ambições são frustradas, mesmo homens de poderes genuínos muitas vezes abusam dos seus poderes como um charlatão.

Como Fausto, Cornélio Agripa tornou-se sujeito de muitas lendas notáveis. Qual era a verdade por trás de tão incríveis histórias? Cornélio

Agripa — cujo nome verdadeiro era Heinrich Cornelis — nasceu em Colónia em 1486. Os seus pais eram suficientemente abastados para o enviar para a universidade recentemente fundada de Colónia, onde ele se revelou um brilhante estudioso. Era uma época empolgante para os jovens intelectuais. Gutenberg inventara a prensa tipográfica cerca de 50 anos antes de Agripa nascer, e o livro impresso criara o mesmo tipo de revolução que o rádio e a televisão fariam cinco séculos depois. Agripa leu tudo o que conseguia. Um dia descobriu a Cabala, e ela apelou imediatamente a algo profundo dentro dele. Um mago estava feito.

Aos 20 anos, Agripa tornou-se secretário da corte do Sacro Imperador Romano, e uma carreira distinta parecia assegurada para ele. Mas Agripa era um homem dividido. Parte dele, como dissemos, desejava celebridade e poder; mas ele detestava o mundo da diplomacia e da intriga cortesã pelo qual tal sucesso poderia ser alcançado. Nessa altura, já estava também obcecado pelo outro mundo último da Cabala.

Por esta época, frequentou a Universidade de Paris, onde estudou misticismo e filosofia. Lá conheceu um espanhol chamado Gerona, que recentemente fora forçado a fugir da sua propriedade na Catalunha após uma revolta camponesa. Agripa ofereceu-se para o ajudar, sentindo que se a sua missão fosse bem-sucedida, a gratidão de Gerona poderia permitir que Agripa se estabelecesse em Espanha e dedicasse a sua vida ao estudo da Cabala. Foram para a Catalunha, e Agripa concebeu um plano brilhante que lhes permitiu capturar uma fortaleza dos rebeldes. Mas foram mais tarde cercados, Agripa foi forçado a fugir, e Gerona foi capturado e provavelmente assassinado. O episódio foi típico da má sorte que perseguiria Agripa pelo resto da sua vida.

Regressou ao seu trabalho de secretário da corte, mas sentiu-se tão frustrado que saiu após alguns meses e começou a vaguear pela Europa. Dentro de um ano ou dois, adquirira uma reputação de mago negro, e isso iria causar-lhe muitos problemas. Em 1509, ensinou em Déle, França, sob o patrocínio da Rainha Margarida da Áustria. No entanto, os monges locais ficaram com ciúmes deste patrocínio, e conspiraram contra ele. Quando um deles pregou contra ele na presença da rainha, Agripa decidiu que era altura de seguir em frente. Em 1515, foi nomeado cavaleiro num campo de batalha em Itália, e tornou-se Cornelius Agrippa von Nettesheim — um nome tirado de uma pequena aldeia perto de Colónia.

Foi-lhe concedida uma pensão pelo Rei Francisco I de França, mas esta foi revogada quando Agripa se recusou a fazer horóscopos para a mãe do rei. Agripa foi mais tarde nomeado historiador oficial pela Rainha Margarida, mas foi suficientemente imprudente para publicar uma obra na qual tentava demonstrar que todo o conhecimento é inútil. Isto enfureceu tanto os seus colegas académicos que perdeu o seu emprego. Pouco depois, foi preso por dívidas.

Agripa certamente não tinha tacto, pois depois disto cometeu novamente o erro de dizer o que pensava sobre a Rainha Margarida, pelo qual foi atirado para a prisão e torturado. Com a sua saúde arruinada, morreu em 1535 aos 49 anos. A lenda diz que, enquanto jazia no seu leito de morte, amaldiçoou a sua vida desperdiçada e as artes negras que o tinham seduzido. Então o seu cão preto saiu disparado de casa e atirou-se a um rio — provando claramente assim que era um demónio disfarçado.

Estes fragmentos biográficos, por mais condimentados que estejam com lendas, dificilmente constituem um homem de poderes estranhos. A certeza de que Agripa era de facto um mago, no entanto, reside nos três volumes do seu tratado *The Occult Philosophy*, que é considerado um dos grandes textos mágicos. O livro deixa claro que Agripa sabia tudo sobre pressão do pensamento. A magia, insiste ele, é uma faculdade que brota do poder da mente e da imaginação.

Há relações misteriosas entre o corpo humano e o universo, e entre a terra em que vivemos e mundos espirituais superiores. Assim, argumentou ele, uma pedra pode ensinar-nos sobre a natureza das estrelas. Agripa acreditava que toda a natureza está ligada por uma espécie de vasta teia de aranha. A maioria dos seres humanos nunca aprende a usar os seus poderes mágicos inatos porque acreditam que estão separados do resto da natureza. O mago, pelo contrário, sabe que o seu pensamento, se devidamente dirigido, pode fazer vibrar a teia e causar efeitos em lugares muito distantes.

Agripa escreveu a sua extraordinária obra-prima quando tinha apenas 23 anos. Isso mostra que, mesmo nesta idade precoce, o seu estudo da Cabala lhe dera algumas perceções profundas. Porque estava sempre em perigo de ser queimado como mago negro, teve o cuidado de insistir no seu livro que o seu conhecimento é do tipo que qualquer estudante sério pode

adquirir a partir do estudo dos grandes filósofos e místicos. Mas também admite que praticou com sucesso a adivinhação e a previsão do futuro.

Por exemplo, descreve dois métodos pelos quais afirma ter detetado a identidade de ladrões. Um método é equilibrar uma peneira sobre uma pinça segurada entre os dedos indicadores de dois estudantes. A peneira começará a balançar como um pêndulo quando o nome da pessoa culpada for mencionado. Similarmente, se a peneira for equilibrada de modo a poder ser posta a rodar, parará de rodar quando o nome do ladrão for dito.

Agripa insiste que o sucesso destas e de outras técnicas mágicas se deve a espíritos — presumivelmente semelhantes aos espíritos que ajudam os faquires a realizar as suas maravilhas. A impressão avassaladora que emerge do livro é que Agripa era um sensitivo — nascido com os dons da precognição, telepatia e a capacidade de influenciar eventos usando o poder da sua mente. A sua crença de que a mente é mais poderosa do que a matéria percorre o livro como um fio condutor. *The Occult Philosophy* é a obra de um jovem — cheia de vitalidade e brilhantismo — e de um sonhador que perscrutou um mundo que poucos de nós têm o dom de ver.

O caso de Paracelso é ainda mais tentador do que o de Agripa. Os seus escritos provam que ele foi um homem mais notável — um grande cientista bem como um mago. Mas, novamente, procurar a verdade sobre ele é como andar às apalpadelas num nevoeiro, tão obscurecida está a sua vida com mito e lenda.

Nasceu como Theophrastus Bombastus von Hohenheim em 1493, filho de um nobre suíço empobrecido que se tornara médico. Estudou medicina em Basileia e completou a sua educação em universidades na Itália e na Alemanha. Os seus dons como médico foram imediatamente aparentes, e uma série de curas notáveis depressa lhe granjearam uma formidável reputação. Em 1524, quando tinha apenas 29 anos, foi nomeado professor de medicina na Universidade de Basileia. Em nove anos, tornara-se um dos grandes nomes da medicina na Europa.

Foi neste ponto que a sua carreira, tão rica tanto em realizações como em promessas, foi minada pelo mesmo tipo de defeitos de carácter que trouxeram a ruína a Agripa, e que parecem ser marcas distintivas de tantos magos. Era vaidoso. Escolheu o pseudónimo "Paracelso" porque implicava que era maior do que Celso, o famoso médico da Roma antiga. Era um

grande bebedor, e era presa de súbitas violentas irritações. Um dos seus primeiros atos como professor na Universidade de Basileia foi ordenar aos seus estudantes que realizassem uma queima pública dos livros de Avicena, Galeno e outros médicos famosos do passado. Isto enfureceu os seus colegas, que o condenaram como exibicionista e charlatão. Quando conspiraram contra ele, Paracelso agravou a sua impopularidade insultando-os — como muitas pessoas paranoides, ele tinha um poderoso dom para a invectiva.

Durante algum tempo, a sua reputação manteve os seus inimigos à distância, e quando curou o editor Frobenius de uma perna infetada que outros médicos tinham decidido amputar, pareceu que se tornara invulnerável ao ataque. Pouco depois, no entanto, um paciente recusou-se a pagar a sua conta e Paracelso levou-o a tribunal. Devido às conspirações dos seus inimigos, perdeu o caso, e então despejou tão violentos abusos sobre as cabeças dos juízes que foi emitido um mandado para a sua prisão. Foi forçado a fugir de Basileia — e a sua longa e desgastante queda tinha começado.

Pelo resto da sua vida, Paracelso vagueou pela Europa como médico itinerante, escrevendo livro após livro, dos quais poucos foram publicados em vida, e derramando desprezo e invectiva sobre os seus inimigos. Catorze anos de vagueação e desilusão desgastaram-no. Em 1541, quando tinha 48 anos, foi convidado pelo Príncipe Palatino para se estabelecer na sua sede em Salzburgo. Finalmente poderia ter encontrado contentamento numa vida tranquila de estudo. Mas continuou a beber demasiado, e seis meses depois rolou por uma colina num estupor alcoólico, e morreu devido aos seus ferimentos.

Então, ironicamente, os seus livros começaram a ser publicados, e espalharam a sua fama pela Europa novamente. Têm um alcance e uma ousadia de imaginação que lembra os cadernos de Leonardo da Vinci. Paracelso tornou-se imediatamente uma espécie de santo padroeiro do ocultismo — uma posição que mantém ainda hoje, com os seus escritos a serem estudados por uma nova geração de ocultistas.

Tal como com Agripa, é difícil descobrir quatro séculos depois que poderes genuínos jaziam por trás das muitas lendas da proeza mágica de Paracelso. Uma coisa é clara: a maioria das histórias diz respeito a curas notáveis, e isto sugere que ele foi primariamente dotado com poderes de

cura aparentemente mágicos. Por exemplo, contam-nos que curou a filha de um estalajadeiro que, desde o nascimento, estava paralisada da cintura para baixo.

O medicamento que lhe deu foi provavelmente salitre em colheres de chá de vinho. Isto obviamente não teria tido efeito, mas parece que a força hipnótica da sua personalidade e o seu poder de cura natural trouxeram a cura. Somos também novamente confrontados com o paradoxo da personalidade dividida: um homem mal-humorado, sensível e arrogante, mas que podia ser tomado por algum poder estranho que emergia das suas profundezas subconscientes e o tornava um grande curador.

Assim, chegamos à estranha conclusão de que os contemporâneos de Agripa e Paracelso estavam provavelmente certos quando os chamaram de charlatães — mas que, ao mesmo tempo, ambos os homens possuíam poderes genuínos. Passariam mais quatro séculos antes que o grande psicólogo suíço Carl Jung tentasse explicar estes poderes cientificamente em termos daquele vasto reservatório de energia conhecido como mente subconsciente.

No século XVI, ainda era perigoso para um homem de conhecimento ganhar reputação de feiticeiro ou bruxo. A mania da caça às bruxas espalhava-se pela Europa, e muitas pessoas estavam a ser queimadas por estarem em conluio com o Diabo. Isto explica sem dúvida porque sabemos tão pouco das vidas dos alquimistas que seguiram os passos de Agripa e Paracelso. O notável médico e profeta francês do século XVI, Nostradamus, teve o cuidado de esconder as suas visões em versos de tal obscuridade que ainda hoje não podemos ter a certeza do que a maioria deles significa.

O Dr. John Dee, o mais respeitado mago da época de Shakespeare, é quase único entre os magos por possuir praticamente nenhuns poderes ocultos. Talvez seja por isso que conseguiu evitar o destino habitual do mago de sucesso espetacular e queda trágica.

Nasceu em 1527, filho de um funcionário menor na corte do Rei Henrique VIII. Desde criança que era um leitor ávido, e quando foi para a Universidade de Cambridge aos 15 anos, permitia-se apenas quatro horas de sono por noite. Depois de Cambridge, foi para a Universidade de Lovaina, na Bélgica, onde Agripa também estudara. Quando Dee leu *The*

Occult Philosophy de Agripa, soube que tropeçara na obra da sua vida — a busca do conhecimento mágico. Aos 23 anos, deu uma série de palestras gratuitas sobre geometria em Reims, França, e foi tão popular que lhe foi oferecida uma cátedra. Mas preferiu regressar a Inglaterra para prosseguir os seus estudos ocultos.

Quando Isabel I subiu ao trono em 1558, pediu a Dee que escolhesse uma data adequada para a sua coroação. Dee fê-lo, e a partir desta época gozou de proteção real. Mesmo assim, como suspeito de práticas mágicas, ainda tinha de se comportar com extrema cautela. Além disso, a Rainha Isabel era notoriamente avarenta: o seu patrocínio não melhorou as finanças de Dee, e ele permaneceu pobre toda a sua vida. Dee casou com uma dama de companhia que lhe deu oito filhos. Viveu tranquilamente e estudou astrologia, cristalomancia e alquimia.

O objetivo da cristalomancia é induzir um estado semi-transe no qual a mente subconsciente projeta eventos futuros como imagens no cristal. Dee era demasiado intelectual para ser bom nisto. Percebeu que precisava de um parceiro de trabalho com faculdades ocultas naturais, especialmente em clarividência. Em 1582, conheceu Edward Kelley, um jovem irlandês que afirmava ter segunda visão. Kelley era indubitavelmente um vigarista — tivera ambas as orelhas cortadas por falsificação — mas parece igualmente certo que possuía segunda visão, e que também era um médium. A mulher de Dee imediatamente desgostou do irlandês, mas quando Kelley entrou em transe e começou a entrar em contacto com espíritos, Dee ficou tão encantado que anulou as objeções da sua mulher.

Como é que Dee e Kelley procediam para invocar os espíritos? Uma famosa gravura mostra-os num cemitério a praticar nigromancia. Pelo que sabemos do piedoso Dee, no entanto, parece improvável que ele se dedicasse a esse tipo de coisa. Podemos aprender mais com os seus *Spiritual Diaries*. É claro que ele se preparava antes de tentar invocar os espíritos. Abstinha-se durante três dias de relações sexuais, excessos alimentares e consumo de álcool, e tinha o cuidado de fazer a barba e cortar as unhas.

Então começava um período de duas semanas de invocações mágicas em latim e hebraico começando ao amanhecer e continuando até ao meio-dia, depois recomeçando ao pôr do sol e continuando até à meia-noite. Entretanto, Kelley olhava intensamente para a bola de cristal. Ao fim de

catorze dias, Kelley começava a ver anjos e demónios no cristal. Mais tarde, estes espíritos andavam pela sala. Dee, no entanto, não parece ter visto os espíritos, mas registou longos diálogos que teve com eles.

A resposta imediata a isto é a convicção de que Kelley fez Dee acreditar que espíritos inexistentes se tinham manifestado. O problema com esta visão é que as conversas, que vinham através da boca de Kelley, estavam frequentemente tão repletas de sabedoria mágica abstrusa que é quase inconcebível que o irlandês analfabeto as pudesse ter inventado à medida que avançava. Dee, claro, estava familiarizado com a sabedoria, e certos demónios citaram trechos de *The Occult Philosophy* de Agripa. Isto torna possível que Dee as tenha transmitido telepaticamente a Kelley. A explicação mais provável, no entanto, é que Kelley era um médium natural.

O Conde Adalbert Laski, um servo de Henrique III de França, ficou tão impressionado com estas sessões de Dee e Kelley que os convidou a visitar o rei da Alemanha. Dee e a sua família, e Kelley e a sua mulher, passaram quatro anos a viajar pela Europa como convidados de vários reis e nobres, e as suas atuações foram sensacionalmente bem-sucedidas. Kelley era um homem difícil, dado a acessos súbitos de irritação e a episódios de tédio e depressão; mas apesar dos seus altos e baixos, ele e Dee continuaram a trabalhar juntos durante muitos anos.

Finalmente separaram-se enquanto ainda viajavam pela Europa. Kelley alcançou algum sucesso por conta própria como alquimista e clarividente, mas acabou por morrer na prisão. Dee regressou a Inglaterra em 1589 e viveu mais dezanove anos, esperando em vão que os espíritos o levassem a um pote de ouro. Hoje, a sua reputação entre os ocultistas é segura, pois foi o primeiro mago registado a fazer uso da comunicação espiritual. Estava duzentos anos à frente do seu tempo; mas apesar da sua falta de sucesso mundano, continua a ser um dos grandes nomes na história da magia.

A maré mudou nos séculos XVII e XVIII — a era de cientistas como Newton, Huygens e Harvey — e o buscador do conhecimento proibido tornou-se novamente respeitável, pelo menos nos países protestantes.

Sir Isaac Newton — um dos maiores nomes da ciência e da filosofia — passou tanto tempo no seu laboratório alquímico como no seu telescópio.

A carreira de Anton Mesmer — que foi descrita no Capítulo 2 — ilustra a dificuldade de distinguir entre o cientista e o mago. Mesmer considerava-se um cientista, mas a sua crença nas "forças vitais" do universo classifica-o entre os místicos e os magos. Mesmer tem um lugar importante na história da magia por outra razão: ao contrário de alguns dos seus grandes antecessores, é difícil traçar uma linha entre onde o cientista terminava e o charlatão começava. E isto, como veremos, é um problema que continua a assombrar a história da magia até à segunda metade do século XX.

Em nenhum lugar isto é mais aparente do que no caso do homem cujo nome se tornou sinónimo de sedução: Jacques Casanova, o aventureiro e vigarista que floresceu na segunda metade do século XVIII. Casanova não era apenas um curador pela fé consumado (curou um senador veneziano doente por meio de sugestão), mas também era notavelmente bem-sucedido na adivinhação por meio de cartas e outros oráculos. De facto, a precisão das suas previsões por vezes alarmava o próprio Casanova. Por exemplo, disse a uma rapariga que ela iria para Paris e se tornaria amante do Rei — e foi exatamente o que aconteceu. Casanova acreditava que, de alguma forma, conjurava espíritos reais quando murmurava os seus falsos encantamentos. O que parece mais provável é que ele possuísse a mesma faculdade oculta que Paracelso ou Fausto, em algum grau.

Casanova encontrou, e imediatamente desgostou, outro charlatão que adquiriu reputação de grande mago: o homem que se autodenominava "Conde de Saint-Germain". Quando Saint-Germain chegou a Viena em meados da década de 1740, parecia ter cerca de 30 anos — um homem de personalidade poderosa e dominadora, com o típico traço de arrogância e desejo de surpreender próprio dos magos. Em Viena, tornou-se amigo de membros da nobreza, e foi trazido a Paris pelo Marechal de Belle-Isle. Em 1758, tornara-se um amigo íntimo de Luís XV e da sua amante, Madame de Pompadour.

Parte do atrativo de Saint-Germain era a sua reputação de homem misterioso. Ninguém parecia ter ideia de onde ou quando nasceu. Mas o seu conhecimento da história parecia enorme, e ocasionalmente dizia coisas que sugeriam que sabia muito mais sobre certos eventos do passado remoto do que qualquer mero estudante poderia saber. Em suma, ele dava a entender que os tinha presenciado pessoalmente. Discorria eruditamente

sobre o sacerdócio do Egito de uma maneira que sugeria que estudara em Tebas ou Heliópolis antigas.

Outro enigma era que nunca o viam comer, embora hoje se saiba que ele tinha uma dieta especial. Explicava que vivia de um elixir cuja fórmula só ele conhecia. Era estudante de alquimia e afirmava ter descoberto o segredo da Pedra Filosofal. O que é certo é que aprendera muito sobre metalurgia e química.

Saint-Germain continua a fascinar os estudantes de ocultismo. Muitos deles acreditam que ele está vivo hoje — possivelmente no Tibete. A verdade não romântica é que ele morreu com cerca de 75 anos em 1784, sofrendo de reumatismo e depressão mórbida. Relatos de pessoas que o conheceram indicam que, longe de ser um homem de mistério e enigma, ele pareceu a muitas pessoas inteligentes um tolo, charlatão, gabarola e vigarista.

Se Saint-Germain parece ter sido fundamentalmente um vigarista, o mesmo não se pode dizer do seu famoso contemporâneo, o Conde Alessandro di Cagliostro. Que ele era um fraudador, não pode haver muita dúvida, mas que também possuía faculdades ocultas altamente desenvolvidas é bastante certo. Os seus inimigos diziam que o verdadeiro nome de Cagliostro era Giuseppe Balsamo, e que tinha sido um vigarista na sua Itália natal. Em menino, era exuberante e incontrolável, e fugiu várias vezes do seminário. Na adolescência, tornou-se um andarilho, como muitos jovens talentosos e sem dinheiro, e vivia da sua esperteza.

Mas também era um estudante ávido de alquimia, astrologia e magia ritual, e rapidamente adquiriu um vasto, se não muito coerente, conhecimento de ocultismo. Aos 26 anos, em 1769, Cagliostro apaixonou-se por Lorenza, a bela filha de 14 anos de um funileiro. Casaram, e durante muitos anos ela foi sua parceira em aventuras e fraudes, sendo a sua beleza um dos seus maiores trunfos. Quando Casanova os encontrou no sul de França no ano seguinte ao seu casamento, enquanto regressavam de uma peregrinação a Santiago de Compostela em Espanha, pareciam ser pessoas abastadas, viajando em estilo e distribuindo esmolas aos pobres. Em Paris, o casal ficou sob a proteção de um nobre, que então seduziu Lorenza e tentou fazê-la deixar o seu marido. Cagliostro mandou-a prender, mas mais tarde se reuniu com ela e levou-a para Inglaterra.

Em Londres, juntou-se aos Maçons. No entanto, pouco depois, fundou a sua própria ordem maçónica, infundindo as suas cerimónias com rituais ocultos supostamente baseados em práticas egípcias antigas que Cagliostro afirmava ter descoberto num manuscrito egípcio numa banca de livros. Cagliostro estava indubitavelmente convencido de que a sua maçonaria egípcia era produto da inspiração divina. Foi certamente o ponto de viragem na sua sorte. De Londres, viajou para Veneza, Berlim, Nuremberga e Leipzig. Em cada cidade, visitou a loja maçónica, fez discursos sobre o seu rito egípcio e iniciou membros. O seu argumento parece ter sido que o rito egípcio era tão diferente e superior à maçonaria estabelecida quanto o Cristianismo do Novo Testamento é do Judaísmo do Antigo Testamento. Foi festejado e admirado, e tornou-se um homem rico.

Cagliostro chegou a Estrasburgo em 1780, e rapidamente se tornou o homem mais falado da cidade. Embora fosse rico, vivia modestamente num quarto acima de uma loja de tabaco. As suas curas tornaram-se lendárias. Era frequentemente capaz de curar os doentes simplesmente pela imposição das mãos. Numa ocasião, fez com sucesso um parto depois de as parteiras terem dado a mãe como morta.

Foi em Estrasburgo que conheceu o homem que haveria de provocar a sua queda: o Cardeal de Rohan. Era um clérigo que ansiava pelo favor real, mas que infelizmente era antipático pela Rainha Maria Antonieta. Cagliostro impressionou profundamente Rohan, que falou dos seus olhos luminosos e hipnóticos com um fervor quase religioso.

A queda do cardeal ocorreu em 1785 no famoso Caso do Colar de Diamantes. Uma bonita vigarista que se autodenominava Condessa de la Motte Valois tornou-se amante de Rohan, e convenceu-o de que a rainha queria que ele comprasse secretamente um colar de diamantes no valor de $300.000. Na verdade, a rainha não sabia de nada, e o dinheiro angariado pelo cardeal foi diretamente para o bolso da condessa. Quando os joalheiros finalmente abordaram a rainha por uma prestação muito atrasada do dinheiro, todo o caso veio ao de cima. A condessa foi julgada e açoitada publicamente. Rohan e Cagliostro também foram julgados e, embora tenham sido absolvidos, o escândalo danificou ambos irreparavelmente. Além disso, os meses que Cagliostro passou na prisão antes do julgamento quebraram-lhe a coragem — e a sua sorte.

Cagliostro foi para Londres depois de sair da prisão. Aí previu com precisão a natureza e a data da Revolução Francesa e da queda da Bastilha. Depois viajou pela Europa, frequentemente perseguido pela polícia. Finalmente, cometeu o extraordinário erro de ir a Roma para propagar a sua maçonaria egípcia debaixo do nariz do Papa. Foi preso e atirado para a prisão papal no Castel Sant'Angelo, e mais tarde transferido para a prisão ainda pior de San Leo. Oito anos após a sua prisão em 1787, soldados franceses capturaram a prisão de San Leo e procuraram Cagliostro, com a intenção de o tratar como um herói revolucionário. Na verdade, ele já estava morto há vários anos — embora exatamente quando e como morreu ainda seja desconhecido.

De todos os grandes magos charlatães, Cagliostro é o mais trágico. Um dos seus inimigos disse que ele possuía "um poder demoníaco que paralisa a vontade". Mas em retrospetiva parece menos um demónio do que um anjo caído.

Em 1801, apareceu em Londres uma obra chamada *The Magus, or Celestial Intelligencer*, de Francis Barrett. Supostamente era "um sistema completo de filosofia oculta". Atualmente, não é muito apreciado por estudantes e adeptos das artes mágicas, porque muitos dos rituais que detalha são deturpados e inexatos. No entanto, foi uma obra importante, pois foi quase a primeira tentativa de uma descrição séria das práticas mágicas desde *The Occult Philosophy* de Agripa, quase três séculos antes. Depois do tempo de Agripa, o medo da perseguição levara os magos para a clandestinidade durante duzentos anos.

A Era da Razão, como os pensadores e escritores da Europa meados do século XVIII chamavam ao seu período, tornara a magia supérflua — ou pelo menos fora de moda. Mas a maré voltou a mudar. Pois a imaginação popular, pelo menos, a razão não era suficiente. Por toda a Europa Ocidental, começaram a aparecer romances como *The Castle of Otranto* de Horace Walpole, nos quais a alta aventura e os crimes passionais se misturavam com eventos sobrenaturais. Claro, a maioria dos leitores não acreditava realmente nos adornos sobrenaturais de tais histórias — mas a sua enorme popularidade mostra que fantasmas, magia e o paranormal continuavam a fascinar. No final de *The Magus*, Barrett publicou um anúncio pedindo estudantes para o ajudarem a fundar um "círculo mágico", e um grupo ativo foi estabelecido em Cambridge.

Nove anos após a publicação de *The Magus*, nasceu em Paris um homem notável que, mais do que qualquer outro, foi responsável pelo grande renascimento mágico que varreu a Europa no século XIX: Alphonse-Louis Constant, mais conhecido como Eliphas Lévi. Filho de um pobre sapateiro, Lévi era uma criança sonhadora, doentia, altamente inteligente e imaginativa, com fortes inclinações religiosas. Aos 12 anos, em 1822, decidiu que estava destinado à Igreja. Tinha um desejo de pertencer a alguma ordem espiritual, alguma grande organização, que lhe permitisse dedicar a sua vida às verdades do espírito. O seu professor no seminário de Saint Nicholas du Chardonnet era o Abade Frere-Colonna, um notável idealista que acreditava que o homem estava lentamente a ascender para Deus, e que uma grande era do Espírito Santo estava iminente. O abade estudara as doutrinas de Mesmer e acreditava que eram inspiradas pelo Diabo. Dedicou algum tempo a denunciá-las nas aulas, mas só conseguiu despertar o interesse do jovem Lévi por tais assuntos proibidos. Quando o abade foi demitido devido às intrigas de colegas invejosos, começou a desilusão de Lévi com a Igreja.

Lévi ainda ansiava por uma fé, no entanto. Tornou-se subdiácono, e uma das suas principais tarefas era ensinar catecismo às raparigas novas. Um dia, uma pobre mulher implorou-lhe que preparasse a sua filha para a primeira comunhão, e os sentimentos iniciais de proteção de Lévi transformaram-se numa paixão louca pela rapariga. Nada resultou disso, mas a experiência convenceu-o de que não estava destinado ao sacerdócio. Quando se afastou da sua vocação, a sua mãe cometeu suicídio.

Depois de catorze anos num seminário, Lévi achou o mundo um lugar difícil de se adaptar. Ainda queria ser um crente, e sonhava com o renascimento espiritual da humanidade de Frere-Colonna. Então, embora tenha começado a escrever para jornais radicais — e passou algum tempo na prisão por acusações de sedição como resultado — a sua busca de uma fé continuou. Descobriu os escritos de Swedenborg, e depois a Cabala com a sua doutrina de que o homem pode superar o pecado original e ascender para a divindade. O romance místico *Louis Lambert* de Honoré de Balzac foi também uma influência vital.

Lévi estudou aquele estranho baralho de cartas de adivinhação conhecido como Tarot, e ligou as suas 22 cartas dos Arcanos Maiores com os 22 caminhos da Cabala. Lévi chegou a algumas conclusões importantes

sobre a magia. A primeira foi que a vontade é um poder muito maior do que imaginamos, e que a magia é aprender a usar esse poder. A segunda foi que todo o espaço é permeado por um meio que Lévi chamou de luz astral, que pode receber a impressão de pensamentos e sentimentos, e é o meio através do qual os pensamentos são transmitidos na telepatia. Terceiro, acreditava profundamente na doutrina do microcosmo-macrocosmo consagrada na inscrição de Hermes Trismegisto, "Como acima, assim abaixo."

Lévi estava nos seus 40 anos quando o seu *Dogma e Ritual da Alta Magia* foi publicado em 1856, e estabeleceu uma reputação que foi consolidada quatro anos depois pela sua *História da Magia*. No primeiro livro, descreve um dos incidentes mais curiosos da sua vida. Numa visita a Londres, regista ele, foi convidado a tentar levantar o espírito do antigo mago grego Apolónio de Tiana. Após um mês de preparação e jejum, Lévi passou doze horas em encantamentos rituais. Finalmente, a sombra de Apolónio apareceu num sudário cinzento, e respondeu telepaticamente a perguntas que Lévi lhe fez sobre o futuro de dois dos seus conhecidos. Profetizou a morte de ambos. A descrição de Lévi da invocação tem considerável qualidade dramática:

"Acendi dois fogos com as substâncias preparadas necessárias, e comecei a ler as invocações do 'Ritual' numa voz primeiro baixa, mas subindo gradualmente. O fumo espalhou-se, a chama fez vacilar os objetos sobre os quais caía, depois apagou-se, o fumo ainda flutuando branco e lento sobre o altar de mármore. Parecia sentir um tremor da terra, os meus ouvidos zumbiam, o meu coração batia depressa.

Amontoei mais gravetos e perfumes nos braseiros, e quando as chamas irromperam novamente, vi distintamente, diante do altar, a figura de um homem de tamanho mais que normal, que se dissolveu e desapareceu. Recomecei as evocações, e coloquei-me dentro de um círculo que tinha previamente desenhado entre o tripé e o altar. Então, o espelho que estava atrás do altar pareceu iluminar-se na sua profundidade, e uma forma pálida foi delineada nele, que aumentou e pareceu aproximar-se gradualmente. Três vezes, e com os olhos fechados, invoquei Apolónio. Quando olhei novamente, havia um homem diante de mim, envolto da cabeça aos pés numa espécie de sudário, que parecia mais cinzento do que branco. Era magro, melancólico e sem barba, e não correspondia

inteiramente à minha noção preconcebida de Apolónio. Experimentei uma sensação anormalmente fria, e quando tentei questionar o fantasma não consegui articular uma sílaba.

Coloquei então a minha mão sobre o sinal do pentagrama, e apontei a espada para a figura, ordenando-lhe mentalmente que obedecesse e não me alarmasse, em virtude do dito sinal. A forma tornou-se então vaga, e desapareceu subitamente. Ordenei-lhe que regressasse, e senti então, como que, um sopro perto de mim; algo tocou na minha mão que segurava a espada, e o braço ficou imediatamente dormente até ao cotovelo. Adivinhei que a espada desagradava ao espírito, e coloquei-a, portanto, com a ponta para baixo, perto de mim, dentro do círculo.

A figura humana reapareceu imediatamente, mas experimentei uma fraqueza tão intensa em todos os meus membros, e uma sensação de desmaio veio tão rapidamente sobre mim, que dei dois passos para me sentar, e então caí numa letargia profunda, acompanhada de sonhos, dos quais tive apenas uma recordação confusa quando voltei a mim. Durante vários dias subsequentes, o braço permaneceu dormente e dolorido."

Apesar destes contratempos, Lévi persistiu e, segundo o seu próprio relato, conseguiu consultar o espírito em mais duas ocasiões sobre alguns pontos subtis do cabalismo.

Lévi foi um mago amplamente respeitado pelo resto da sua vida, e atraiu muitos discípulos. Que ele tinha poderes ocultos — ou que os seus discípulos estavam convencidos de que ele os tinha — é certo. Um discípulo a quem Lévi dera uma oração para recitar antes de adormecer descobriu que as palavras da oração brilhavam no escuro, e que o espírito de Lévi estava ao pé da sua cama. Parece provável que Lévi possuísse o poder de projetar o seu corpo astral.

Os seus livros impressionam o leitor moderno como extremamente imaginativos e confusos, mas exerceram uma influência imensa em toda uma geração de estudantes do oculto. A sua morte em 1875 foi lamentada por centenas de ocultistas em França, Alemanha e Inglaterra, que o consideravam o grande mestre.

Em 1831, quando Lévi ainda estudava para o sacerdócio, nasceu na Rússia uma mulher que haveria de exercer uma influência ainda maior do que ele no ocultismo do século XIX: Elena Hahn, mais tarde Petrovna, mas

conhecida como Madame Blavatsky. Nascida numa família aristocrática, casou aos 16 anos, deixou o seu marido pouco depois, e começou a viajar pelo mundo. Era uma personalidade explosiva, encantadora, deliciosa. Durante algum tempo, trabalhou como ginasta a cavalo num circo, e envolveu-se em muitos interesses estranhos.

Tinha inegáveis poderes mediúnicos, e ao longo da sua vida, estranhas manifestações tendiam a ocorrer na sua presença: pancadas inexplicáveis, toques de sinos e movimentos de objetos. Na verdade, parece que ela tinha o poder de levantar poltergeists. Depois de viver despreocupadamente até pouco depois dos 40 anos, e então se perguntar como ganhar a vida, decidiu pôr as suas capacidades ocultas a render e tornar-se médium.

Ao ir para os Estados Unidos, conheceu o Coronel Olcott, um advogado e jornalista que se tornou seu admirador para toda a vida e incansável publicitário. Ela disse a Olcott que estava em contacto com uma certa Irmandade Espiritual de Luxor, presumivelmente sacerdotes do antigo Egito, e ele acreditou nela — como acreditou em tudo o mais que ela lhe disse. Juntos formaram a Sociedade Teosófica, um movimento para o estudo da sabedoria antiga. Durante três anos, floresceu na América. Em 1879, quando o interesse parecia diminuir, decidiram mudar-se para a Índia, que Madame Blavatsky considerava a fonte da sabedoria espiritual.

Em Bombaim, a Teosofia foi um sucesso imediato. A personalidade carismática de Madame Blavatsky fascinou os hindus ainda mais do que fascinara os americanos. Ela afirmava que os Mestres Secretos no Tibete, um grupo de iniciados espirituais, lhe tinham transmitido a sua sabedoria. Quando os discípulos lhe faziam perguntas sobre estes assuntos, caíam do ar notas de papel. As notas continham respostas detalhadas às perguntas e eram assinadas "Koot Hoomi". Estas notas mais tarde tornaram-se famosas como as Cartas dos Mahatmas. Koot Hoomi, um Mestre semidivino, foi até visto por alguns devotos numa noite de lua cheia.

Em 1884, a bomba rebentou. Uma governanta com quem Madame Blavatsky se tinha desentendido disse a um jornalista ocidental que a maioria dos efeitos mágicos eram meros truques. As Cartas dos Mahatmas eram simplesmente deixadas cair através de uma fenda no teto da sala onde os discípulos se reuniam, e o Koot Hoomi de dois metros de altura era na verdade um modelo transportado aos ombros de alguém. O exame de um armário onde muitas manifestações tinham ocorrido revelou um painel

secreto. A Society for Psychical Research, que estivera a investigar os seus poderes, emitiu um relatório cético.

Poderia parecer que a reputação de Blavatsky estava irrecuperável. Nem pensar. Madame Blavatsky partiu para Londres — e em breve a Sociedade Teosófica florescia novamente, embora nunca tenha alcançado nada como o seu sucesso anterior. Mais uma vez, relatos dos poderes mágicos de Madame Blavatsky começaram a circular entre os ocultistas. O poeta W. B. Yeats, um sério e duradouro estudante do oculto — relatou que quando visitou Madame Blavatsky, o seu relógio cuco fez barulhos de piado para ele. A. P. Sinnett, que mais tarde se tornou seu fiel discípulo, queixou-se quando a visitou de que tinha tentado levantar espíritos em sessões, mas nem sequer conseguia obter sons de pancadas. "Oh, pancadas são a coisa mais fácil de obter", respondeu ela — e pancadas soaram imediatamente de todas as partes da sala.

Quando Madame Blavatsky morreu em 1891, seis anos após o fiasco que a expulsou da Índia, deixou para trás uma multidão de discípulos que acreditavam firmemente na existência de Koot Hoomi e dos Mestres Tibetanos. Deixou também para trás dois enormes livros, *Ísis sem Véu* e *A Doutrina Secreta*, nos quais explica que a terra está destinada a evoluir através de sete "raças-raiz", das quais nós somos a quinta. Grande parte destes enormes e desconcertantes livros é ocupada por descrições das raças-raiz.

Em retrospetiva, parece bastante certo que Madame Blavatsky era uma médium genuína de poderes invulgares. É mais certo que, quando os seus poderes algo erráticos eram fracos, ela os ajudava com truques — uma tentação a que dezenas de médiuns e magos de boa fé sucumbiram. Era, em suma, tanto uma charlatã como uma maga genuína, e a sua personalidade hipnoticamente poderosa fez dela uma das mulheres mais notáveis do século XIX.

O próximo passo importante na história da magia foi a fundação da Ordem Hermética da Golden Dawn. Um dia, em 1885, um clérigo de meia-idade chamado Woodford passava uma hora ociosa numa banca de livros usados na Farringdon Street, em Londres. Entre os volumes empoeirados, encontrou um manuscrito encadernado, escrito à mão, que estava obviamente em cifra. Woodford era estudante de ocultismo e reconheceu certos símbolos da Cabala no texto.

Comprou o manuscrito mas, após várias tentativas infrutíferas de o descodificar, colocou-o de lado. Dois anos depois, no verão de 1887, enviou o manuscrito a um amigo, o Dr. William Wynn Westcott, um legista interessado em ocultismo e maçonaria. Westcott estava familiarizado com a primeira grande obra sobre cifras, a *Steganographia* do alquimista do século XV, Abade Johann Trithemius, e não levou muito tempo a concluir que as misteriosas páginas estavam realmente escritas no código de Trithemius. Quando decifradas, revelaram-se cinco rituais mágicos para introduzir recém-chegados numa sociedade secreta, juntamente com notas sobre vários assuntos cabalísticos.

Ocultada entre as páginas, Westcott encontrou uma carta em alemão, que afirmava que qualquer pessoa interessada nestes rituais deveria contactar uma certa Fraulein Sprengel numa morada em Estugarda. Westcott não perdeu tempo em escrever-lhe. Fraulein Sprengel respondeu, revelando que era membro de uma ordem mágica alemã. Seguiu-se uma correspondência sobre magia, e eventualmente Fraulein Sprengel deu a Westcott permissão para fundar uma filial inglesa da ordem, e para usar os rituais para iniciar membros.

Em conformidade, em 1888, Westcott fundou uma sociedade chamada Templo Isis-Urania da Golden Dawn. (O seu título pretensioso talvez reflita a influência de Madame Blavatsky, que chegara a Londres vinda da Índia alguns meses antes.) Outros dois estudantes do oculto foram cofundadores: William Woodman, um médico reformado que estudara a Cabala em hebraico, e Samuel Liddell Mathers, um excêntrico estudioso de inclinações aristocráticas. Pouco depois, a Golden Dawn tinha filiais em Edimburgo, Weston-super-Mare e Bradford, e um entusiástico seguimento de intelectuais deslocados e excêntricos. Os seus membros incluíam a bela atriz Florence Farr, o poeta W. B. Yeats, e o jovem e ainda desconhecido Aleister Crowley.

Esta é, pelo menos, a história da fundação da Golden Dawn tal como divulgada por Westcott e Mathers. Nos últimos anos, Ellic Howe, o historiador da magia, investigou o assunto de perto e concluiu que Fraulein Sprengel nunca existiu. O manuscrito cifrado era provavelmente genuíno, mas provinha de uma coleção do ocultista Fred Hockley, que morreu em 1885, e não de uma banca de livros na Farringdon Street. Westcott,

provavelmente com a conivência de Mathers, forjou várias cartas em alemão supostamente vindas de Fraulein Sprengel.

O seu objetivo era evidentemente dar à sociedade uma certa autoridade enraizada em práticas antigas. Mathers viria mais tarde a denunciar as cartas de Sprengel como falsificações, embora devesse ter sabido delas desde o início. Westcott parece ter sido um personagem Jekyll e Hyde. De facto, a sua personalidade dividida era tão marcada que ele escrevia com dois estilos de caligrafia completamente diferentes. Quanto a Mathers, que mudaria o seu nome para MacGregor Mathers e se faria passar por aristocrata escocês, era uma daquelas figuras curiosas que parecem ocorrer tão frequentemente na história da magia — uma espécie de vigarista cujo objetivo não era tanto enganar, mas ganhar respeito, admiração e poder.

Significa isto, então, que a Ordem da Golden Dawn não era mais do que uma combinação de chicanaria e pensamento ilusório? De modo nenhum. Os seus membros dedicaram-se, sem dúvida, a estudos sérios e genuínos das artes mágicas. Neste ponto, então, devemos olhar mais de perto para todo o assunto da magia e daqueles que a praticam.

Em primeiro lugar, temos de admitir que o senso comum insiste que a magia é necessariamente um absurdo. Como poderia uma cerimónia semi-religiosa ter a mais leve influência sobre o mundo real? Os clérigos na igreja podem rezar pela chuva, ou prosperidade, ou vitória na batalha, mas não esperam que as suas orações produzam um efeito definido; apenas esperam que Deus lhes preste atenção. Então porque razão uma cerimónia mágica, nem sequer dirigida a Deus, teria o poder de influenciar acontecimentos reais?

Esta é, repito, a visão do senso comum, a chamada abordagem científica. Mas todos os dias ocorrem milhares de acontecimentos que a ciência recusa reconhecer porque parecem desafiar as leis científicas. A radiestesia, a telepatia, a precognição de eventos futuros e os espectros de vivos são apenas alguns exemplos. Talvez não possamos realmente culpar os cientistas por se recusarem a prestar demasiada atenção a estas coisas.

O objetivo da ciência é descrever o universo em termos de leis naturais, especialmente leis que forjam ligações inquebráveis entre causa e efeito — entre uma ocorrência e as forças que a fazem acontecer. É a

aparente ausência de tal ligação nos eventos mágicos que torna os cientistas céticos em relação a eles. O ocultista responde a tal ceticismo afirmando que os cientistas recusam, ou são incapazes, de alargar a sua rede de investigação o suficiente para abranger eventos estranhos. O que está fora de disputa é que tais eventos ocorrem.

Quando tentamos ter em conta os eventos ocultos e conceber algum tipo de teoria que ajude a explicá-los, descobrimos uma coisa interessante. Tal teoria já existe há milhares de anos. Não importa se lhe chamamos magia, ocultismo, xamanismo, a tradição hermética baseada nas obras de Hermes Trismegisto. Tudo se resume à mesma coisa. A sua afirmação básica é de que há uma ligação muito mais íntima entre o homem e a natureza do que estamos inclinados a acreditar. O mundo está cheio de forças invisíveis, e de leis cuja natureza não temos a menor ideia. Talvez haja algum meio estranho que se estende por todo o espaço — como a luz astral de Eliphas Lévi — que transmite estas forças como o ar transmite as ondas sonoras.

Como entramos em contacto com tais forças? A resposta parece ser que é preciso querer isso com uma intensa compulsão interior. Na sua autobiografia, o pintor Oscar Kokoschka conta como a sua mãe, que estava a tomar chá com a sua tia um dia em Praga, saltou subitamente de pé e anunciou que tinha de correr para casa porque o seu filho mais novo estava a sangrar. A tia tentou persuadi-la de que a sua ideia era um absurdo, mas a mãe apressou-se para casa — e descobriu que o seu filho cortara a perna com um machado enquanto tentava abater uma árvore. Ele certamente teria sangrado até à morte se ela chegasse mais tarde.

Esta história — e centenas de outras igualmente bem atestadas — indica que poderes estranhos entram em funcionamento onde os nossos desejos ou necessidades mais profundas estão envolvidas. Ao longo das nossas vidas quotidianas, não precisamos de exercitar muita força de vontade; mas ocasionalmente, algo nos agita para um esforço realmente profundo. É este tipo de esforço que é provável que produza efeitos mágicos. O poeta do século XX Robert Graves observou que muitos jovens usam uma forma de "feitiçaria" inconsciente para seduzir raparigas. Esta é outra palavra para pressão do pensamento.

Poderíamos dizer, então, que organizações como a Ordem Hermética da Golden Dawn se propuseram a experimentar a força de vontade e a

explorar as possibilidades de alcançar níveis profundamente subconscientes da vontade. Talvez a sua magia fosse um caso de tentativa e erro que funcionava apenas ocasionalmente; mas pelo menos estavam a tentar aprender sobre as possibilidades da verdadeira vontade.

A magia praticada pelos membros da Golden Dawn baseava-se em vários princípios simples. Para começar, acreditavam que certos símbolos ou ideias básicas têm um significado profundo para todos os seres humanos. Numa ocasião, Mathers entregou a Florence Farr um pedaço de cartão com um símbolo geométrico e disse-lhe para fechar os olhos e colocá-lo na sua testa. Ela viu imediatamente na sua mente um topo de falésia sobre o mar, com gaivotas a gritar. Mathers mostrara-lhe o símbolo da água da Cabala. Há uma estreita ligação entre tais símbolos e a teoria dos arquétipos do psicólogo Carl Jung, que acreditava que certos símbolos são capazes de tocar uma corda na mente inconsciente de cada ser humano.

A Golden Dawn ensinava os seus estudantes a tentar treinar a sua imaginação, que é o gatilho da vontade, e ganhar controlo sobre ela. Um dos seus exercícios era controlar gostos e desgostos até conseguirem gostar de algo que normalmente odiavam, e odiar algo de que normalmente gostavam. Outro exercício era tentar ver o mundo através dos olhos de outras pessoas em vez dos seus — por outras palavras, mudar completamente o seu ponto de vista normal. Muitos psicólogos modernos concordariam que tais exercícios são valiosos e saudáveis. São, de facto, semelhantes a exercícios praticados no ioga e noutras disciplinas de meditação.

A Golden Dawn fez também uma tentativa genuína de reunir tudo o que havia de melhor nas tradições mágicas antigas: o hermetismo, o cabalismo, a magia enoquiana (baseada no Livro Apócrifo de Enoque, que conta a queda dos Anjos e as suas práticas mágicas), e manuais de magia como *A Chave de Salomão*, *A Magia de Abraão, o Mago*, e o *Grimório do Papa Honório*.

À primeira vista, a Golden Dawn deveria ter sido uma influência totalmente benéfica e saudável. Infelizmente, demasiadas das suas figuras principais eram movidas pelo desejo que tem sido a perdição de tantos magos: a vontade de poder, não apenas sobre si mesmos, mas também sobre todos os outros. Gerald Yorke, um amigo de Aleister Crowley, concluiu que a história da Golden Dawn mostrava que "a maioria daqueles

que tentam trilhar o caminho oculto do poder se tornam vítimas da sua imaginação criativa, inflam os seus egos e caem". Houve muitas lutas internas pela liderança da Golden Dawn. O Dr. Westcott via-se como o líder, mas MacGregor Mathers sentia que a posição deveria ser legitimamente sua.

Mathers afirmava estar em contacto direto com os Chefes Secretos, espíritos semidivinos, que lhe ditavam novos rituais através da sua mulher como médium. Depois, havia A. E. Waite, um erudito americano, historiador da magia. Os seus interesses, no entanto, eram mais místicos do que mágicos, e não era uma pessoa muito inspiradora. Finalmente, havia Aleister Crowley, um notável e demoníaco mago cuja carreira trouxe a ruína a muitos outros, bem como a si mesmo.

Crowley era filho de um rico e puritano cervejeiro. Nasceu em Leamington, perto de Stratford-upon-Avon, em 1875. O seu local de nascimento deu-lhe a oportunidade de observar com a sua típica arrogância e presunção: "É uma estranha coincidência que um pequeno condado [Leamington e Stratford ficam em Warwickshire] tenha dado a Inglaterra os seus dois maiores poetas — pois não se pode esquecer Shakespeare." Soa a piada, mas na verdade Crowley estava convencido de que era um grande poeta. No entanto, embora os seus versos mostrem considerável talento, faltava-lhe a disciplina e o sentido da linguagem para ser sequer um bom poeta.

Crowley era uma criança mimada que desenvolveu uma intensa antipatia pelos Irmãos de Plymouth, a seita religiosa estrita a que o seu pai pertencia. Era também obcecado por sexo. A sua primeira de numerosas seduções ocorreu com uma jovem criada quando tinha 14 anos. Na universidade, escreveu muita poesia, que publicou à sua própria custa. Desenvolveu também um desejo incurável, que durou toda a sua vida, de chocar as pessoas respeitáveis. No final da adolescência, descobriu a tradução de Mathers de um livro chamado *The Kabbalah Unveiled*, bem como uma obra de A. E. Waite sobre magia cerimonial. Rapidamente estabeleceu contacto com a Golden Dawn.

Quando Crowley entrou na Golden Dawn em 1898, a luta pelo seu controlo já durava há algum tempo. Em 1891, Mathers regressara de França para anunciar que encontrara três dos Chefes Secretos em Paris, e que lhe tinham sido transmitidos vários segredos mágicos. O Dr. Woodman morreu

nesse ano, e durante os seis anos seguintes houve uma certa tensão dentro do movimento. O Dr. Westcott demitiu-se da Ordem — aparentemente depois de os seus superiores no Conselho de Londres lhe terem dito que a magia não era uma ocupação adequada para um respeitável funcionário público. Mathers passava muito tempo em Paris a trabalhar em manuscritos mágicos na Bibliothéque Nationale, pelo que a luta pela liderança do movimento continuou.

Em agosto de 1899, Crowley alugou uma casa em Boleskine, na Escócia, nas margens do Loch Ness, conferiu a si mesmo o título de "Laird de Boleskine", vestiu um kilt, e passou a praticar a magia de Abraão, o Mago — um sistema que, segundo afirmava, aprendera nos escritos de John Dee.

Em dezembro de 1899, convencido de que era altura de passar para um grau mais elevado na Golden Dawn, Crowley foi a Londres exigir a iniciação. Isto foi recusado através dos esforços de Yeats e de vários outros membros seniores, que o consideravam um delinquente juvenil crescido. Crowley foi então a Paris e persuadiu Mathers a realizar os rituais necessários. Aproveitou também a oportunidade para criar problemas, convencendo Mathers de que tinha uma revolta nas mãos. Mathers enviou-o de volta a Londres com instruções para arrombar a sede da Golden Dawn e colocar novas fechaduras em todas as portas. Yeats, Florence Farr e os outros iniciados de Londres ficaram furiosos.

A contenda legal que se seguiu em 1901 desfez a Golden Dawn original treze anos após a sua fundação. Um grupo de membros, sob a liderança de A. E. Waite, conseguiu continuar por mais quatro anos, ainda se autodenominando Golden Dawn. Outro grupo, incluindo Yeats, Florence Farr e o romancista Arthur Machen, foi liderado até 1905 pelo Dr. R. W. Felkin, que então fundou uma sociedade mágica chamada Stella Matutina, ou Estrela da Manhã. Finalmente, na década de 1920, uma jovem e talentosa médium e ocultista que se autodenominava Dion Fortune fundou a Sociedade da Luz Interior, baseada em rituais da Golden Dawn obtidos de Mrs. Mathers — tendo o próprio Mathers morrido na epidemia de gripe de 1918.

No mesmo ano dos problemas legais, a Golden Dawn recebeu outro golpe sob a forma de uma súbita vaga de publicidade indesejada. Aconteceu quando um casal de vigaristas que se autodenominavam Mr. e

Mrs. Horos foram acusados de violar uma rapariga de 16 anos. Mrs. Horos soubera que supostamente fora Fraulein Sprengel quem dera à Golden Dawn a sua carta. Foi a Paris e apresentou-se a Mathers como Fraulein Sprengel. Curiosamente, Mathers foi enganado — o que pode sugerir que ele não tinha consciência naquela altura de que Fraulein Sprengel fora inventada por Westcott. Mathers depressa desconfiou do casal, e então Mrs. Horos e o seu marido roubaram alguns dos rituais da Golden Dawn e fugiram para Londres. Aí lançaram-se numa carreira de vigarice baseada numa mistura de ocultismo falso, extorsão e sexo. Quando acusados dos seus crimes, alegaram ser líderes da Golden Dawn.

Como consequência, muitos dos segredos mais íntimos da ordem foram tornados públicos e sensacionalizados pela imprensa. A publicidade, combinada com as lutas de poder no seu seio, selou o destino da Golden Dawn.

Crowley decidiu ausentar-se antes do escândalo Horos rebentar. No final de 1900, foi para o México, onde estudou a Cabala, praticou ioga e — segundo o seu próprio relato — finalmente se tornou um verdadeiro mago. Quando regressou a Paris em 1902, tentou persuadir Mathers a praticar ioga. Mathers recusou, e a sua relação tornou-se vários graus mais fria. Eventualmente transformou-se em ódio, com Mathers e Crowley a proferir maldições mágicas um contra o outro. Crowley afirmou que as suas maldições foram realmente responsáveis pela morte de Mathers.

De volta a Inglaterra, Crowley casou com Rose Kelly, e viajaram para o Ceilão e Egito. Autodenominaram-se Príncipe e Princesa Chioa Khan. No Cairo, Crowley realizou vários rituais com a intenção de invocar o deus egípcio Hórus. Em 8 de abril de 1904, recebeu instruções da sua mulher, que começara a proferir mensagens estranhas enquanto em estado semelhante a transe, para entrar numa sala que ele tinha mobiliado como um templo. Subitamente, ouviu uma voz desencarnada a ordenar-lhe que escrevesse. O que Crowley escreveu foi um documento estranho chamado *O Livro da Lei*, que se tornou a pedra angular do seu ensinamento posterior. Afirmou que lhe fora ditado por Aiwass, um dos Chefes Secretos. O seu ensinamento básico estava expresso na frase: "Faze o que queres."

Em 1905, Crowley foi aos Himalaias tentar escalar o Kanchenjunga, a terceira montanha mais alta do mundo. Durante a escalada, discutiu com o

resto da equipa e, quando foram soterrados por uma avalanche, não fez qualquer tentativa de os ajudar. Vários morreram. Abandonou a sua mulher e o seu bebé na Índia, onde o bebé morreu de tifo. Rose tornou-se mais tarde alcoólica e morreu louca.

Numa revista chamada *The Equinox*, Crowley começou a publicar os rituais secretos da Golden Dawn. Mathers levou-o a tribunal por isso, mas perdeu o caso.

Em 1912, Crowley recebeu uma comunicação de outra organização mágica, a Ordem do Templo do Oriente (O.T.O.), censurando-o por publicar os seus segredos. Perplexo com a acusação, Crowley foi ver Theodor Reuss, um dos líderes da O.T.O. Aparentemente, o segredo em questão era algo chamado magia sexual. Surgia do sistema de ioga conhecido como Tantra, que tenta usar o poder da energia sexual para alimentar o impulso em direção a uma consciência superior. A O.T.O. tinha, ao que parece, desenvolvido a sua própria forma de técnicas tântricas. Crowley ficou fascinado e prontamente aproveitou a permissão de Reuss para estabelecer uma filial inglesa da O.T.O. O ritual mágico realizado por Crowley envolvia frequentemente magia sexual — com o seu discípulo Victor Neuberg foi um ato de sodomia. A magia sexual permaneceu um dos entusiasmos centrais de Crowley pelo resto da sua vida — embora a dependência de heroína e cocaína tenha diminuído o seu impulso sexual nos últimos anos.

Nos Estados Unidos, durante a Primeira Guerra Mundial, Crowley teve uma série interminável de amantes, a cada uma das quais gostava de chamar a "Mulher Escarlate". Ele tinha indubitavelmente um apetite sexual excecional, mas deve também dizer-se que acreditava genuinamente que a magia sexual aumentava a sua autoconsciência e lhe permitia aceder a níveis de consciência cada vez mais profundos. Seja como for, durante este período, Crowley desenvolveu constantemente uma espécie de poder hipnótico que é tão difícil de explicar como de descrever.

William Seabrook, um escritor americano sobre o oculto, testemunhou o uso deste poder um dia em que ele e Crowley caminhavam na Quinta Avenida em Nova Iorque. Crowley começou a seguir um completo estranho que caminhava no passeio. Crowley seguiu a poucos metros atrás, mantendo-se perfeitamente no mesmo passo. Subitamente, Crowley deixou os seus joelhos vergarem e caiu momentaneamente ao chão. Exatamente no

mesmo momento, o homem que ele seguia colapsou exatamente da mesma maneira.

No início da década de 1920, Crowley, que sofria de asma, estava quase permanentemente endividado. Um legado de $12.000 permitiu-lhe mudar-se para uma pequena casa de fazenda em Cefalu, Itália. Chamou-lhe a Abadia de Thelema, que significa "Faze o que queres", começou a praticar magia e convidou discípulos para se juntarem a ele. Fornecia quantidades aparentemente ilimitadas de drogas para quem quisesse usá-las, e esperava-se que mulheres devotas atraentes ajudassem Crowley a praticar a sua magia sexual. Mesmo com o legado, no entanto, o problema do dinheiro permanecia premente. Crowley escreveu um romance chamado *Diary of a Drug Fiend* e começou as suas *Confissões*, a que chamou a sua hagiografia (a biografia de um santo). Anunciou que a terra tinha agora ultrapassado o Cristianismo e entrado na nova época do Crowleyanismo. Mas quando um dos seus discípulos morreu depois de sacrificar um gato e beber o seu sangue, o escândalo nos jornais que se seguiu expulsou Crowley da Sicília.

A imprensa britânica denunciou-o como "o homem mais perverso do mundo" e, embora ele adorasse a publicidade, rapidamente descobriu que a sua notoriedade afastava os editores dos seus livros. Abandonou os seus discípulos, um dos quais cometeu suicídio, e casou novamente. A sua segunda mulher, como a primeira, enlouqueceu. Na esperança de ganhar dinheiro, processou a escultora inglesa Nina Hamnett por o ter chamado de mago negro. Mas quando as testemunhas descreveram a magia de Crowley, o juiz interrompeu o caso, declarando que nunca ouvira tal "coisa terrível, horrível, blasfema e abominável".

No início da Segunda Guerra Mundial, Crowley tinha adicionado o alcoolismo à sua dependência de drogas, embora a sua ingestão diária de heroína na época matasse uma dúzia de homens comuns. De vez em quando, encontrava discípulos ricos que o sustentavam até que, inevitavelmente, perdiam a paciência com ele. Retirou-se para uma pensão perto de Hastings, no sul da Inglaterra, e aí morreu em dezembro de 1947, aos 72 anos. John Symonds, um escritor que o conhecera nos seus últimos anos, escreveu mais tarde a sua biografia — um livro hilariante mas muitas vezes perturbador. Outros amigos, nomeadamente Richard Cammell e Israel Regardie, escreveram relatos mais sóbrios e admirados da sua

carreira. Mas foi apenas com o renascimento mágico que começou em meados da década de 1960 que a reputação de Crowley começou a subir novamente. Hoje em dia, mais de uma dúzia dos seus livros estão em circulação, e uma nova geração pratica ardentemente os rituais mágicos neles descritos. A Besta alcançou finalmente a fama que tanto desejava. No entanto, e felizmente, a grande era do Crowleyanismo parece tão distante como sempre.

Os poderes ocultos parecem ser uma questão de temperamento nacional. A segunda visão e a telepatia vêm naturalmente aos irlandeses. Os alemães parecem produzir mais astrólogos dotados do que outras nações. Os holandeses produziram dois dos clarividentes mais talentosos deste século: Croiset e Hurkos. A Rússia tende a produzir magos — homens ou mulheres que impressionam pela sua autoridade espiritual; nenhuma outra nação tem um equivalente espiritual de Tolstói e Dostoiévski ou mesmo de Rozanov, Merezhkovsky, Soloviev, Fedorov, Berdyaev, Shestov. Certamente nenhuma outra nação se aproximou de produzir alguém como Madame Blavatsky, Grigory Rasputin ou George Gurdjieff. Cada um é completamente único.

O corpo de Grigory Rasputin foi retirado do rio Neva gelado, em Petrogrado, a 1 de janeiro de 1917. Fora assassinado três dias antes, e era uma das figuras mais notórias da Rússia. Agora que estava morto, tornar-se-ia uma lenda em todo o mundo — um símbolo do mal, da astúcia e da luxúria. Se alguma vez vir uma história numa revista intitulada "Rasputin, o Monge Louco", pode ter a certeza de que estará cheia de detalhes sensacionalistas sobre como Rasputin passava os seus dias em bebedeiras e as suas noites em devassidão sexual; como enganou o czar e a czarina fazendo-os pensar que era um fazedor de milagres; como foi o génio do mal que trouxe a Revolução Russa e a queda da dinastia Romanov. Tudo isto é falso. No entanto, é uma história tão boa que há pouca probabilidade de Rasputin alguma vez receber justiça. A verdade sobre ele é que ele foi realmente um fazedor de milagres e um homem de poderes estranhos. Certamente não era nenhum santo — muito poucos magos o são — e os relatos do seu consumo excessivo de álcool e da sua proeza sexual estão indubitavelmente baseados em factos. Mas não era um maquinador diabólico.

Rasputin nasceu na aldeia de Pokrovskoe em 1870. O seu pai era um camponês bastante abastado. Quando jovem, Rasputin tinha reputação de ser selvagem até visitar um mosteiro e passar quatro meses lá em oração e meditação. Pelo resto da sua vida, ficou obcecado pela religião. Casou aos 19 anos e tornou-se um próspero carroceiro. Então o chamamento veio novamente; deixou a sua família e tomou a estrada como uma espécie de monge errante. Quando finalmente regressou, estava transformado, exalando um magnetismo extraordinariamente poderoso. Os jovens da sua aldeia ficaram fascinados por ele. Converteu um quarto da sua casa numa igreja, e estava sempre cheia. O padre local ficou, no entanto, invejoso do seu seguimento, e Rasputin foi forçado a deixar o lar novamente.

Rasputin sempre possuíra o dom da segunda visão. Um dia durante a sua infância, este dom revelou-lhe a identidade de um camponês que roubara um cavalo e o escondera num celeiro. Agora, na sua segunda ronda de viagens, começou também a desenvolver extraordinários poderes de cura. Ajoelhava-se junto das camas dos doentes e rezava; depois impunha as mãos sobre eles, e curava muitos deles. Quando chegou ao que é agora Leninegrado, provavelmente no final de 1903, já tinha reputação de fazedor de maravilhas. Em breve foi aceite na sociedade aristocrática apesar dos seus modos rudes de camponês.

Foi em 1907 que subitamente se tornou o poder por trás do trono. Três anos antes, a Czarina Alexandra dera à luz um tão esperado herdeiro do trono, o Príncipe Alexei. Mas rapidamente se tornou aparente que Alexei herdara a hemofilia, uma doença que impede a coagulação do sangue, e da qual uma vítima pode sangrar até à morte mesmo com um pequeno corte. Aos 3 anos, o príncipe caiu e magoou-se tão gravemente que desenvolveu uma hemorragia interna.

Ficou de cama com febre durante dias, e os médicos desesperaram pela sua vida. Então a czarina recordou-se do homem de Deus que conhecera dois anos antes, e mandou chamar Rasputin. Assim que entrou, disse calmamente: "Não preocupem a criança. Ele vai ficar bem." Colocou a mão na testa do rapaz, sentou-se na beira da cama e começou a falar com ele em voz baixa. Depois ajoelhou-se e rezou. Em poucos minutos, o rapaz estava num sono profundo e tranquilo, e a crise terminara.

A partir de então, a czarina sentiu uma poderosa dependência emocional de Rasputin — uma dependência alimentada pela hostilidade

mal disfarçada com que Alexandra, sendo alemã, era tratada na corte. A força simples de Rasputin trazia-lhe uma sensação de segurança. O czar também começou a confiar em Rasputin, que se tornou um homem de influência na corte. Nicolau II era um mau governante, não tanto cruel como fraco, e demasiado indeciso para travar a maré crescente do descontentamento social.

Os seus opositores começaram a acreditar que Rasputin era responsável por algumas das políticas reacionárias do czar, e uma hoste de inimigos poderosos começou a reunir-se. Em várias ocasiões, o czar teve de ceder à pressão e ordenar que Rasputin deixasse a cidade. Numa dessas ocasiões, o jovem príncipe caiu e magoou-se novamente. Durante vários dias, debateu-se em agonia, até parecer demasiado fraco para sobreviver. A czarina enviou um telegrama a Rasputin, e ele respondeu por telegrama: "A doença não é tão perigosa quanto parece." A partir do momento em que foi recebido, o príncipe começou a recuperar.

A Primeira Guerra Mundial trouxe revolução política e catástrofe militar à Rússia. O seu início foi marcado por uma estranha coincidência: Rasputin foi esfaqueado por uma mulher louca precisamente no mesmo momento em que o Arquiduque Francisco Fernando foi baleado em Sarajevo. Rasputin odiava a guerra, e poderia ter sido capaz de dissuadir o czar de levar a Rússia para o conflito. Mas estava de cama a recuperar do seu ferimento de faca quando chegou o momento da decisão.

O fim de Rasputin foi planeado por conspiradores nos últimos dias de 1916. Foi atraído a uma cave pelo Príncipe Felix Yussupov, um homem em quem confiava. Depois de lhe dar bolos envenenados, Yussupov disparou-lhe nas costas; depois Rasputin foi espancado com uma barra de ferro. Tamanha era a sua imensa vitalidade que ainda estava vivo quando os assassinos o deixaram cair através do buraco no gelo para o Neva.

Entre os seus papéis, encontrou-se um estranho testamento dirigido ao czar. Afirmava que ele tinha um forte pressentimento de que morreria por violência antes de 1 de janeiro de 1917, e que se fosse morto por camponeses, o czar reinaria por muitos anos; mas, se fosse morto por aristocratas — como foi — então "nenhum dos seus filhos ou parentes permanecerá vivo por mais de dois anos". Ele estava certo. O czar e a sua família foram todos assassinados em julho de 1918 — um espantoso exemplo, entre muitos, do dom da precognição de Rasputin.

Rasputin — tanto na realidade como na lenda — foi um dos homens mais notáveis da Rússia. Também notável foi o seu compatriota e quase contemporâneo Georgei Gurdjieff, que influenciou grandemente o ocultismo do século XX. Gurdjieff difere da maioria dos outros homens de poderes estranhos num importante aspeto: não era primariamente um mago ou fazedor de maravilhas, mas um filósofo obcecado pelos problemas da futilidade humana. Porque são os seres humanos tão fracos? Porque é a consciência humana tão estreita? Porque passamos as nossas vidas num estado de letargia semelhante ao sono? Acima de tudo, por que métodos práticos podemos romper para a grande "fonte de poder, significado e propósito" enterrada profundamente dentro de nós mesmos? Foi a questões como estas que Gurdjieff dedicou a sua vida e obra.

Gurdjieff nasceu na América em 1873. Os seus pais eram gregos, mas ele era russo por nacionalidade. Desde tenra idade ficou intrigado pela magia. Um dos jovens da sua aldeia conseguia prever o futuro com espantosa precisão depois de se sentar entre duas velas acesas e entrar em transe. Por esta altura, Gurdjieff também testemunhou uma demonstração do poder da sugestão. Viu um rapaz que pertencia a uma das muitas obscuras seitas religiosas locais preso no meio de um círculo mágico desenhado no chão por algumas crianças da aldeia. Ele era psicologicamente incapaz de ultrapassar o perímetro do círculo.

Ainda na adolescência, Gurdjieff partiu para o que se tornaram vinte anos de viagens pela Ásia, África e Europa em busca da sabedoria secreta que, estava convencido, se encontrava algures. Aprendeu as técnicas do ioga e de outras formas de meditação em mosteiros tibetanos e em mesquitas árabes; estudou hipnose; passou meses com dervixes e com faquires. Em 1912, regressou à Rússia, pronto a ensinar alguns dos mistérios que aprendera. Entre o círculo próximo de pessoas que se juntaram ao seu grupo em Moscovo estava Peter Ouspensky, um jovem ocultista e filósofo que se tornaria o seu mais distinto aluno.

Com o início da Revolução Russa em 1917, Gurdjieff deixou Moscovo para a sua casa de família, então no Cáucaso. Aí fundou o seu Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem, e foi rapidamente acompanhado por Ouspensky e outros dos seus discípulos. No entanto, as condições políticas tornaram-se demasiado adversas no Cáucaso

e, após tentar estabelecer-se em Istambul e na Alemanha, Gurdjieff restabeleceu o Instituto no Prieuré, perto de Paris, em 1922.

O sistema de ensino de Gurdjieff baseava-se na ideia de que, em circunstâncias normais, o homem está adormecido, e que é escravizado por um robô que controla não só as suas funções automáticas, mas também grande parte da sua vida intelectual e emocional. O objetivo de Gurdjieff era ensinar o homem a flanquear o robô, tomando controlo das reservas vitais que existem em todos nós, mas que a maioria das pessoas só consegue aceder em momentos de crise. Todos nos podemos lembrar de ocasiões nas nossas vidas em que, confrontados com situações excecionalmente difíceis e talvez perigosas, fomos forçados — mesmo que apenas brevemente — a superar-nos física ou mentalmente.

No momento do sucesso, sentimo-nos maravilhosamente vivos. Estamos conscientes de uma sensação de liberdade — e com razão, pois a maior liberdade consiste na nossa capacidade de controlar e dirigir os nossos próprios poderes mais profundos. Dizemos, com toda a verdade literal, "Não sabia que tinha isto em mim!" O método de Gurdjieff era forçar os seus alunos a estender constantemente os seus limites mentais e físicos. Viviam vidas quase monásticas no Prieuré, trabalhando do amanhecer ao anoitecer e realizando exercícios concebidos para trazer a mente, as emoções e o corpo para harmonia e sob controlo. O objetivo era alcançar um estado que Gurdjieff chamava "auto-lembrança" — um estado em que uma pessoa não está apenas intensamente consciente do seu entorno, mas também consciente de si mesma a observar e a participar nele: um casamento da consciência interior e exterior totais. Se quiser testar quão difícil isto é, tente um exercício simples. Feche os olhos e dirija a sua atenção para dentro até estar consciente apenas do seu eu interior. Agora abra os olhos e dirija a sua atenção para o mundo exterior. Agora tente dirigir a sua atenção para ambos ao mesmo tempo — o seu eu interior e o mundo exterior. Descobrirá que só consegue fazê-lo durante alguns segundos de cada vez; depois "esquece-se", e torna-se consciente apenas do seu eu interior ou do mundo exterior. Em certos momentos de grande excitação ou intensidade, no entanto, percebe que consegue manter um estado de auto-lembrança por muito mais tempo.

Indubitavelmente, o domínio destas disciplinas por Gurdjieff deu-lhe notáveis poderes Psi — a forma como conseguia revitalizar um seguidor

exausto por alguma inexplicável transmissão de energia é apenas um exemplo. Era também capaz de estabelecer ligações telepáticas com os seus seguidores. Ouspensky recordou como, quando estavam na Finlândia, começou a ouvir a voz de Gurdjieff dentro do seu peito, e foi capaz de manter conversas com Gurdjieff, que estava noutra parte da casa. No Prieuré, os alunos de Gurdjieff faziam demonstrações de telepatia para visitantes, transmitindo os nomes ou formas de vários objetos escondidos da plateia para o palco. Gurdjieff obviamente tinha profundos dotes psíquicos. Um dia, disse aos seus alunos que um recém-chegado, que estava fora da sala, era suscetível a um certo acorde musical. Quando a pessoa entrou, ele tocou o acorde no piano, e ela imediatamente sofreu uma espécie de ataque histérico.

Há muitas histórias sobre as habilidades de angariação de fundos de Gurdjieff que demonstram não só a sua especial perspicácia psicológica, mas também o seu sentido de humor. Antes de uma das suas festas para angariar dinheiro em Nova Iorque, Gurdjieff pediu a Fritz Peters que lhe ensinasse todas as palavras obscenas de quatro letras que ele conhecia. Quando chegaram um grande número de respeitáveis e ricos nova-iorquinos, Gurdjieff começou a falar-lhes sobre as suas ideias, introduzindo gradualmente cada vez mais conversa sobre sexo. Finalmente, a sua conversa consistia quase inteiramente em palavras de quatro letras.

Os seus convidados relaxaram, e então começaram a flertar uns com os outros. Eventualmente, com todas as inibições perdidas, passaram a comportar-se com total abandono. Subitamente, Gurdjieff levantou-se no centro da sala, exigiu a sua atenção de forma trovejante, e então apontou que lhes tinha revelado algo sobre eles próprios que nunca tinham suspeitado. Certamente, perguntou, isso valeria uma grande contribuição para o seu instituto? No final da noite, estava alguns milhares de dólares mais rico.

Durante a sua vida, Gurdjieff não publicou quaisquer livros sobre as técnicas do seu ensino, e os seus alunos estavam obrigados a sigilo sobre o assunto. Desde a sua morte em Paris em 1949, no entanto, muitas das suas obras foram publicadas, e tem havido uma enxurrada de memórias de discípulos e admiradores. Gurdjieff foi em quase todos os aspetos o antípoda de Aleister Crowley. Enquanto Crowley ansiava por publicidade, Gurdjieff a evitava.

Crowley foi esquecido por duas décadas após a sua morte; Gurdjieff, pelo contrário, tornou-se cada vez mais conhecido, e a sua influência continua a crescer. Uma das principais razões para isto é que havia tão pouco de charlatão nele. Não é uma figura de culto com hordas de discípulos crédulos. O que ele tem para ensinar apela à inteligência, e só pode ser totalmente compreendido por aqueles que estão preparados para fazer um esforço sério.

No entanto, Gurdjieff indubitavelmente compreendia todos os truques da pressão do pensamento. Uma das histórias mais típicas sobre ele é contada pelo escritor e viajante Rom Landau. Um dia, Landau estava sentado num restaurante com uma atraente romancista. Ela estava de costas para Gurdjieff, que estava sentado do outro lado do restaurante. Subitamente, ela virou-se como se tivesse sido atingida, e os seus olhos encontraram os de Gurdjieff. Depois, corando, desviou o olhar. Mais tarde, admitiu a Landau que Gurdjieff de alguma forma a "atingira através do seu centro sexual", incluindo uma poderosa resposta sexual como se com uma carícia íntima.

Como Rasputin, Gurdjieff não era nenhum santo nas suas relações pessoais com mulheres. Ao contrário de Rasputin, no entanto, sabia como dirigir e controlar os seus extraordinários poderes. Os seus discípulos consideram-no um dos maiores homens do século XX, e não é necessário ser discípulo de Gurdjieff para pensar que podem ter razão.

Entre os mais notáveis — e atualmente subestimados — magos do século XX está a escritora brilhantemente talentosa que se autodenominava Dion Fortune.

Pouco se sabe sobre a sua infância, como admite o seu biógrafo, Alan Richardson. Nascida em Llandudno a 6 de dezembro de 1890, filha única de um advogado e de uma mãe que se tornou uma ardente Cientista Cristã, Violet Mary Firth parece ter sido uma criança introvertida que começou a ter "visões" aos 4 anos de idade. (Mais tarde, chegou a acreditar que eram de vidas passadas.) Também era sensível a fenómenos psíquicos desde a primeira infância. Outra conhecida psíquica, Phoebe Payne, descreveu como, em criança, via sempre "auras" bonitas a rodearem as flores, e ficou surpreendida ao descobrir mais tarde que eram invisíveis para a maioria das pessoas. Violet Firth descobriu que conseguia sentir os pensamentos e

sentimentos ocultos das pessoas. Desde o início, "andou em dois mundos", e mais tarde desenvolveu-se como uma boa médium.

Aos 20 anos, em 1911, tornou-se professora numa escola privada. A diretora era uma mulher altamente dominadora — uma tirana ávida de poder que estudara o oculto na Índia. Após várias discussões acirradas com a diretora, Dion Fortune decidiu desistir do seu emprego. Um colega aconselhou-a a sair sem dizer à diretora, dizendo que, se não o fizesse, nunca conseguiria sair. Contra este conselho, ela contou à sua superior. A diretora disse que ela podia sair se primeiro admitisse que era incompetente e não tinha autoconfiança. Dion Fortune negou indignadamente as acusações. A diretora então fixou-a com os olhos e repetiu a afirmação centenas de vezes durante quatro horas.

Eventualmente, algum instinto profundo avisou Dion Fortune para fingir ceder e pedir desculpa à sua diretora. A mulher mais velha então cedeu e deixou-a ir. Mas o dano estava feito: Dion Fortune ficou um destroço físico e mental durante os três anos seguintes. Após mais de um ano de doença, escreveu mais tarde, "o meu corpo era como uma bateria elétrica completamente descarregada". O diagnóstico de um psicólogo seria provavelmente que a diretora usara uma espécie de poder hipnótico para esvaziar a sua autoestima, para a fazer sentir desamparada e propensa a acidentes.

O efeito foi drenar as suas reservas vitais, como Gurdjieff teria dito, de modo que o mais pequeno esforço a esgotava. Ela concluiu que a mulher a danificara com um "ataque psíquico", causando uma fuga de energia vital no seu corpo astral. Mergulhou profundamente no estudo do ocultismo como antídoto. Talvez a parte mais interessante do seu relato desta experiência seja a sua afirmação de que a diretora usara não apenas hipnose, mas também sugestão telepática — por outras palavras, pressão do pensamento.

Parece ter sido este encontro que a decidiu a tornar-se estudante de psicanálise, que então estava a despertar muita atenção hostil entre os médicos britânicos. Em *Psychic Self Defense*, a sua história da batalha com a diretora dominadora, afirma brevemente: "Aderi à disciplina e tornei-me estudante, e eventualmente conferencista, numa clínica que foi fundada em Londres." Esta era a Clínica Médico-Psicológica na Brunswick Square. Continua a explicar que logo notou que alguns pacientes a deixavam

psicologicamente drenada, e que quando uma das enfermeiras lhe disse que alguns pacientes pareciam "esgotar" as máquinas elétricas, e conseguiam absorver altas voltagens sem pestanejar, começou a perguntar-se se não estaria a lidar com alguma força vital bastante distinta da libido de Freud. Ficou convencida de que algumas pessoas são "vampiros psíquicos" — uma conclusão de acordo com os princípios do "ocultismo".

Quando descobriu que a Sociedade Teosófica tinha fundado um clube não longe da clínica na Brunswick Square, juntou-se a ele — não, como explica, porque estava interessada na Teosofia, mas porque era um local conveniente para obter uma refeição barata. Como freudiana, desprezava as doutrinas dos Teosofistas; mas quando um dia decidiu assistir a uma aula de meditação — "num espírito de travessura" — ficou surpreendida ao observar diante dos seus olhos uma imagem nítida de um jardim com plantas azuis. Quando o líder do grupo anunciou que estava a tentar transferir a imagem de delfínios, percebeu que algum tipo de transferência de pensamento ocorrera. Sentindo que a leitura de pensamentos seria um dom admirável para uma psicanalista, tornou-se membro regular da aula de meditação. E à medida que reconhecia a realidade da transferência de pensamento, começou também a sentir-se cada vez mais insatisfeita com o materialismo estreito dos freudianos. Com a sua típica honestidade, decidiu abandonar a psicanálise e juntar-se à Land Army, que sentia ser um trabalho mais útil em tempo de guerra. Foi colocada como responsável por um laboratório onde se investigavam alimentos. O seu trabalho envolvia horas de espera enquanto as bactérias fermentavam numa incubadora. E nas longas horas de silêncio, a sua visão voltou-se para dentro.

O resultado, explica ela, foi a súbita abertura da "visão astral", "que me deu um dos maiores sustos da minha vida". Com a sensação de ser arrastada impotente para algo que não conseguia compreender, apressou-se à biblioteca da Sociedade Teosófica em Tavistock Square, e emprestou o livro de Annie Besant *The Ancient Wisdom*. Subitamente, converteu-se a uma crença nos Mestres (embora sempre tenha sustentado que Madame Blavatsky estava a exagerar a verdade quando insistia que os vira em carne e osso). Durante os dez dias seguintes, pareceu viver num estranho mundo crepuscular (que mais tarde identificaria como o "plano astral" da Cabala). Na décima noite, teve um sonho de tremenda vividez, no qual se encontrava na presença do Mestre Jesus e de outros Mestres. No seu sonho, foi aceite como aluna. Quando acordou, estava convencida da realidade da

sua experiência. Um segundo Mestre identificou mais tarde como o Conde de St Germain.

Agora o seu problema era compreender o que lhe estava a acontecer. Leu o clássico *Cosmic Consciousness* de R.M. Bucke, e *Ísis sem Véu* de Madame Blavatsky. Conheceu também um irlandês chamado Theodore William Moriarty, um mação e ocultista que se tornou seu professor de magia. (Mais tarde, fê-lo personagem do seu "detetive psíquico" Doutor Taverner.) Em breve, tornou-se membro de um grupo de discípulas femininas que estudavam com ele numa casa em Bishops Stortford e noutra em Eversley, perto de Wokingham. Ali ocorreram eventos psíquicos mais extraordinários, que ela descreve em *Psychic Self Defense*. Parece, no entanto, que Violet Firth não era muito apreciada pelas suas companheiras discípulas, que a consideravam "intrometida".

Enquanto ainda era membro do grupo de Moriarty, reencontrou uma senhora chamada Maiya Curtis-Webb, que conhecia desde a infância. Era uma "enciclopédia ambulante do ocultismo", e foi ela que apresentou Violet Firth a J.W. Brodie-Innes da Golden Dawn. O resultado foi que, em 1919, Violet Firth foi iniciada no Templo de Londres da Golden Dawn, onde lhe foi dado o nome mágico "Deo, non Fortune", que mais tarde transformou em Dion Fortune.

Foi no Templo de Londres que conheceu Moina Mathers, a viúva de MacGregor Mathers, que ainda dirigia um remanescente da Golden Dawn. A Sra. Mathers gostou inicialmente da atraente mulher mais nova, e até concordou quando Dion Fortune propôs formar um grupo de ocultistas mais aberto ao público em geral — uma ideia diretamente oposta ao sigilo da Ordem original.

No entanto, depois de Dion Fortune ter escrito vários livros e artigos sobre ocultismo, a Sra. Mathers começou a sentir-se ameaçada pela energia e talento da recém-chegada. Parece provável que a Sra. Mathers esperasse transformar a Golden Dawn numa fonte de rendimento. Em qualquer caso, a Sra. Mathers ordenou-lhe que parasse de publicitar os segredos da Ordem.

Segundo Dion Fortune, quando ignorou os desejos da outra mulher, a Sra. Mathers lançou-lhe um ataque de magia negra. A salva de abertura parece ter sido uma praga de gatos pretos: dezenas deles invadiram a casa

de Dion Fortune, e duas das suas amigas foram incomodadas pelo odor de gatos nos seus respetivos escritórios a vários quilómetros de distância. Então, certa manhã, Dion Fortune viu um gato gigante a descer as escadas na sua direção. Enquanto olhava, aterrorizada, ele desapareceu — e ela percebeu que alguém estava a usar uma espécie de hipnose telepática contra ela. Uma hora depois, a rua fora da sua casa encheu-se de dezenas de gatos pretos a uivar.

A grande luta de Dion Fortune ocorreu quando fez uma viagem astral. A sua descrição disto é interessante porque nos dá alguma visão sobre o que os magos realmente fazem quando visitam o plano astral. Vários dos seus seguidores formaram um círculo à sua volta enquanto ela se deitava e entrava num leve transe. "Na linguagem da psicologia", escreveu, "é auto-hipnose por meio de um símbolo." (Tenha-se em mente que a Golden Dawn acreditava que certos símbolos são arquétipos universais do inconsciente racial.

Cada um destes símbolos tem um significado preciso e, portanto, eliciará uma resposta particular.) "O iniciado treinado, portanto, não vagueia no plano astral como um fantasma inquieto, mas entra e sai por corredores bem conhecidos." Por outras palavras, é essencialmente uma viagem ao espaço interior, que o ocultista acredita ter uma geografia tão precisa como o mundo em que vivemos, e ser um território comum, como o mundo exterior, no qual indivíduos separados podem por vezes encontrar-se.

Assim que entrou neste espaço interior, Dion Fortune tornou-se consciente da Sra. Mathers nas suas vestes mágicas, a bloquear-lhe o caminho. A Sra. Mathers tinha um grau mais elevado em magia do que Dion Fortune e, portanto, teoricamente, mais forte. "Seguiu-se uma batalha de vontades na qual experimentei a sensação de ser rodopiada pelo ar e cair de uma grande altura, e encontrei-me de volta ao meu corpo." Quando emergiu do seu transe, os seus seguidores estavam em desordem: ela dera uma cambalhota pela sala, atropelando-os, e estava deitada num canto. Percebendo que, se quisesse continuar como maga, tinha de regressar à luta, ordenou ao grupo que reformasse o círculo. Depois de invocar os Chefes Secretos, entrou em transe. "Desta vez, houve uma luta curta e intensa, e eu passei. Tive a Visão dos Chefes Interiores e regressei. A luta tinha terminado. Nunca mais tive problemas desde então." Naquela noite,

quando se despia para ir para a cama, Dion Fortune descobriu que as suas costas estavam arranhadas — como se por um gato enorme.

Claro que esta história pode ser pura invenção. No entanto, num aspeto importante, essa não é a questão em causa. Não temos forma de determinar se a história é objetivamente verdadeira — se Dion Fortune realmente percorreu os corredores do plano astral. A questão é se o relato tem o seu próprio tipo de integridade, e se a experiência era diferente em natureza de um pesadelo comum. Dion Fortune, como outros magos, certamente levava muito a sério o conceito de ataque mágico. Descreveu num dos seus livros como uma das suas seguidoras, Netta Fornario, foi morta por um "ataque astral".

A Srta. Fornario tinha ido à Santa Ilha de Iona, no oeste da Escócia, para praticar viagem astral. Um dia, pareceu tomada pelo pânico e disse à sua senhoria que estava a ser atacada telepaticamente — as suas joias de prata tinham ficado todas pretas durante a noite. No dia seguinte, o seu corpo foi encontrado a vários quilómetros de distância, vestido apenas com uma veste mágica. As plantas dos seus pés estavam lacrimosas como se tivesse corrido sobre pedras afiadas. Morrera de ataque cardíaco, e Dion Fortune estava convencida de que a Sra. Mathers era a responsável.

Era inevitável que a Sra. Mathers e Dion Fortune seguissem caminhos separados. Em 1924, Dion Fortune fundou a Comunidade (mais tarde, Fraternidade) da Luz Interior; originalmente concebida como parte da Golden Dawn, assumiu a sua própria identidade, quatro anos depois, com Dion Fortune como sua "Guardiã". O seu Mestre interior era agora Melquisedeque, "Senhor da Chama e também da Mente", e após a iniciação, os seus alunos tornavam-se Sumos Sacerdotes da Ordem de Melquisedeque. Outros Mestres eram Thomas Erskine, um Lorde Chanceler na época do Dr. Johnson, Sir Thomas More, e — curiosamente — Sócrates. Chegou a acreditar que Sócrates era responsável por grande parte da sua obra magna mágica, *The Cosmic Doctrine*.

No ano de *The Cosmic Doctrine*, 1927, casou com um galês bonito e encantador, Thomas Penry Evans, que era médico e dois anos mais novo — chamava-lhe Merl, como Merlin. Em 1930, arrendou uma casa chamada The Belfry na West Halkin Street, perto de Belgrave Square. Dirigiu a sua "escola mágica" numa casa em Glastonbury, Chalice Orchard (mais tarde comprada pelo estudioso arturiano Geoffrey Ashe), e deu palestras em 3

Queensborough Terrace, em Londres. Durante os doze anos seguintes, escreveu os seus romances *The Winged Bull* (1935), *The Goat-Foot God* (1936), *The Sea Priestess* (1938) — considerado a sua obra-prima — e *Moon Magic* (1939). Foram descritos como os melhores romances sobre magia alguma vez escritos, e não há dúvida de que são obras de extraordinário fascínio — certamente entre a melhor ficção alguma vez escrita por um "ocultista".

Ela também nos conta muito nos romances sobre o gradual desmoronamento do seu casamento. Parece ter havido muitas razões — a sua falta de interesse pela sexualidade física, o seu aumento de volume (parece ser uma característica dos médiuns ganharem peso), o seu temperamento autocrático. Em 1938, o seu marido foi para Barcelona ajudar o governo republicano com os problemas nutricionais das crianças; no seu regresso, conheceu uma mulher mais nova e pediu o divórcio à sua mulher, o que ela concedeu.

Durante os anos de guerra, a sua vida tornou-se cada vez mais sombria. Um dos seus principais discípulos, Charles Seymour, desertou — ela considerava-o um grande mago. Esquemas grandiosos para um movimento oculto nacional não deram em nada. Ficou convencida de que um mago negro que era membro do séquito de Hitler estava a lançar um assalto mágico contra si, e a sua saúde declinou.

Em 1945, usando o nome "Mrs. Matthews", pediu uma consulta com um psiquiatra junguiano, o Dr. Laurence Bendit. (Dion Fortune tornara-se "junguiana", tendo abandonado Freud há muito tempo.) Disse-lhe que sentia que se aproximava de uma crise na sua vida, e queria análise. Bendit ficou impressionado com a sua inteligência aguçada.

Ela descreveu vários sonhos cheios de imagens mitológicas, mas todos, notou ele, com um tom subjacente de escuridão. Um dia, enquanto falavam sobre a Cabala, o Dr. Bendit mencionou que o único livro que lera sobre o assunto era *The Mystical Qabalah* de Dion Fortune, e prosseguiu fazendo algumas críticas à sua interpretação de Tiphereth. A sua paciente então disse-lhe: "Eu sou Dion Fortune." (O livro que o Dr. Bendit mencionou é geralmente reconhecido como a sua contribuição mais importante para a teoria da magia ritual.)

A Sra. Bendit vira Dion Fortune a passar pela sala de espera e perguntara quem era "aquela mulher estranha". Quando o seu marido perguntou por que queria saber, a Sra. Bendit comentou: "Não pude deixar de reparar que ela era apenas uma casca queimada."

No Natal, quando fez outra consulta, o Dr. Bendit teve uma súbita intuição certeira de que ela não a cumpriria. E quando enviou o seu cheque para o seu banco no Ano Novo, este foi devolvido com o carimbo "Falecido". O que parecia uma doença mal definida irrompeu subitamente numa leucemia aguda.

Parece apropriado que Dion Fortune seja a última "grande maga" do século XX. Mais do que qualquer outra, deixou um registo pessoal de si mesma nas suas obras, e estas são únicas na medida em que revelam a vida interior de uma "adepta" em tão íntimo pormenor. Tornam claro que o destino de um mago é ao mesmo tempo um dos mais fascinantes e um dos mais difíceis do mundo.

13.
O Mistério do Tempo

FOI O FINADO 'Professor' Joad quem, no seu *Guide to Modern Thought*, usou a expressão "a indubitável estranheza do tempo". O caso a que ele se refere foi registado por duas senhoras solteiras, Charlotte Moberly e Eleanor Jourdain, sucessivas diretoras de um colégio de Oxford, no seu livro *An Adventure*, publicado em 1911. A 10 de agosto de 1901, as duas senhoras visitaram o parque do Trianon em Versalhes e ficaram surpreendidas ao encontrar várias pessoas com vestuário do século XVIII. Dois "jardineiros" deram-lhes indicações, e um homem que passou apressado por elas avisou-as para não seguirem um certo caminho.

Passaram por uma mulher com vestido antigo que estava a desenhar, mas apenas a Srta. Moberly a viu. Ambas as senhoras se sentiram estranhamente deprimidas e experimentaram uma sensação onírica. Entraram no Pequeno Trianon, seguiram um cortejo de casamento à distância, e depois voltaram ao seu hotel para tomar chá. Uma semana depois, quando a Srta. Moberly descrevia a visita numa carta, as duas senhoras compararam notas e decidiram que algo estranho acontecera naquela tarde. A Srta. Jourdain escreveu o seu próprio relato detalhado. Em janeiro seguinte, regressou sozinha a Versalhes numa tarde fria e chuvosa.

Novamente experimentou "a velha sensação de arrepio"; "era como se tivesse atravessado uma linha e estivesse subitamente num círculo de influência". Viu dois trabalhadores com túnicas brilhantes e capuzes a carregar um carroça; quando olhou para trás um segundo depois, eles tinham desaparecido, embora conseguisse ver ao longe em todas as direções. Ouviu o roçagar de vestidos de seda à sua volta e ouviu vozes, mas não viu ninguém.

Quando as duas senhoras regressaram aos jardins três anos depois, encontraram tudo totalmente mudado. As árvores tinham desaparecido, tal como uma ponte rústica, uma ravina, uma cascata e um "quiosque". Convencidas agora de que tinham visto o local como era no reinado de Maria Antonieta e Luís XVI, estudaram livros sobre o período e concluíram que tinham realmente visto personalidades históricas do período pouco antes da Revolução, e que a mulher vista por Charlotte Moberly poderia muito bem ter sido Maria Antonieta. Após a publicação do seu livro em 1911, três pessoas que tinham vivido numa casa com vista para o parque de Versalhes disseram-lhes que tinham experimentado o mesmo tipo de coisa tantas vezes que tinham deixado de lhe prestar qualquer atenção.

Em 1938, um membro da Society for Psychical Research, J. E. Sturge-Whiting, criticou fortemente o relato das duas senhoras. Examinara o terreno e concluíra que elas simplesmente tinham seguido caminhos que ainda existiam na primeira ocasião e não os tinham conseguido localizar na sua segunda visita. Em 1965, Philippe Jullian publicou uma biografia do Conde Robert de Montesquiou (o dândi em quem Proust se baseou para o Barão de Charlus), que descrevia como Montesquiou alugou uma casa perto de Versalhes no início da década de 1890 e passava frequentemente dias inteiros no parque. A sua amiga Mme de Greffulhe organizou uma festa a rigor no Queijaria. E isto, comenta Jullian de passagem, poderia facilmente explicar a 'aventura' das duas senhoras inglesas. "Talvez... os 'fantasmas'... fossem, muito simplesmente, Mme Greffulhe, vestida de pastora, a ensaiar um entretenimento com alguns amigos..."

A explicação parece plausível, e juntamente com a teoria de Sturge-Whiting sobre os caminhos, convenceu tanto Dame Joan Evans, a executora literária das duas senhoras, que ela decidiu permitir que *An Adventure* saísse de catálogo. No entanto, num exame mais atento, as duas

teorias ainda deixam nove décimos dos incidentes por explicar. Sturge-Whiting não consegue explicar o problema topográfico. Charlotte Moberly afirma claramente sobre a sua visita de 1904: "Deste ponto [a casa de guarda] tudo estava mudado...

Chegámos diretamente à casa do jardineiro, que tinha uma aparência bastante diferente da cabana descrita pela Srta. Jourdain em 1901... Para além da casa do jardineiro havia um parterre com canteiros de flores e um relvado liso de muitos anos de cuidadosa manutenção. Não parecia ser o local onde tínhamos encontrado os funcionários do jardim. Passámos muito tempo à procura dos caminhos antigos. Não só não havia vestígios deles, como as distâncias estavam reduzidas...

O quiosque tinha desaparecido; o mesmo acontecia com a ravina e a pequena cascata que caíra de uma altura acima das nossas cabeças, e a pequena ponte sobre a ravina..." E assim continua por várias páginas mais detalhadas. O que sugere que, ou as senhoras estavam a exagerar, ou Sturge-Whiting deve estar errado.

Philippe Jullian aparentemente não verificou a data da aventura de Versalhes. Montesquiou mudou-se para Versalhes no início da década de 1890 e mudou-se novamente — para Neuilly — em 1894, pelo que a festa a rigor ocorreu pelo menos sete anos demasiado cedo para que as senhoras inglesas tivessem visto um ensaio.

Finalmente, Joan Evans não faz qualquer tentativa de explicar o que aconteceu na visita da Srta. Jourdain em 1902, quando ela viu os carroceiros a desaparecer. Nesta ocasião, a Srta. Jourdain viu novamente o Versalhes "antigo", como na sua primeira visita. Durante os dois anos seguintes, regressou muitas vezes e deve ter-se tornado bastante familiar com a geografia do parque; em todas estas ocasiões, encontrou o local completamente mudado e "modernizado".

E assim a aventura de Versalhes continua a ser um dos incidentes mais desconcertantes e incongruentes na história da pesquisa psíquica moderna.

Joad conclui: "Embora admitindo que a hipótese da existência presente do passado está repleta de dificuldades de carácter metafísico... penso que indica a base mais frutífera para a investigação destas experiências intrigantes." O que queria ele exatamente dizer com "a existência presente do passado"? Nunca se preocupou em explicar. Mas a

expressão parece sugerir uma noção que não é demasiado difícil de compreender: que o passado está de alguma forma vivo e ainda entre nós, como a voz de Caruso preservada em discos de gramofone.

Na verdade, como vimos, Joseph Rodes Buchanan e o seu discípulo William Denton queriam dizer aproximadamente a mesma coisa com "psicometria" (Capítulo 3), e Denton cunhou mesmo a expressão "telescópio para o passado". Mas então, a psicometria não é literalmente a capacidade de ver o passado — tal como uma agulha de gramofone não é uma máquina do tempo que pode transportá-lo de volta à vida de Caruso. Se a faculdade existe — e há muitas evidências convincentes de que existe — então poderia ser explicada simplesmente como uma capacidade muito altamente desenvolvida de "ler" a história dos objetos, como Sherlock Holmes conseguia contar a Watson a história do seu irmão alcoólico a partir da evidência do seu relógio. E isto, suspeito, não é precisamente o que Joad queria dizer com a "indubitável estranheza do tempo".

Pois, na secção anterior ao seu relato da 'aventura' da Srta. Moberly e da Srta. Jourdain, ele discute o livro de J.W. Dunne *An Experiment with Time*; e o livro de Dunne é um relato de como ele teve certos sonhos claros e detalhados do futuro. Se o livro de Dunne é para ser acreditado — e, novamente, ele tinha reputação de integridade — então ele sonhou com eventos como o grande terramoto da Martinica algumas semanas antes de acontecer. E isto é totalmente inexplicável por qualquer teoria "científica" do tempo, por mais abstrata e complexa que seja: a visão dos cientistas sobre o tempo dita que o futuro não pode afetar o passado. Posso ser capaz de explicar certas premonições pessoais — digamos, a morte de um parente — em termos lógicos (isto é, sabia que ele estava doente e sofria de um mau coração), mas sonhar com uma explosão vulcânica numa ilha sobre a qual nada se sabe é obviamente um evento de uma ordem diferente.

Eis, portanto, o problema. Os arquivos da Society for Psychical Research e do College of Psychic Studies estão cheios de casos convincentes de premonições do futuro e visões curiosas do passado. Os dois exemplos que se seguem dizem ambos respeito ao mesmo homem: o Marechal do Ar Sir Victor Goddard.

Em 1935, quando era Comandante de Ala, Goddard foi enviado para visitar um aeródromo da Primeira Guerra Mundial desativado em Drem, perto de Edimburgo. Este revelou-se num estado de degradação, com

hangares a desintegrar-se e asfalto rachado. O gado pastava no antigo aeródromo. Mais tarde naquele dia, Goddard descolou no seu biplano Hawker Hart de Turnhouse, Edimburgo, para rumar a casa. Mas rapidamente encontrou nuvens espessas e chuva forte, e quando tentou descer abaixo do teto das nuvens, o avião girou durante alguns momentos fora de controlo. Conseguiu endireitar-se perto do chão — tão perto que quase atingiu uma mulher que corria com um carrinho de bebé.

À sua frente estava o Firth of Forth, e Goddard decidiu dirigir-se ao aeródromo de Drem para se orientar. Ainda chovia intensamente quando atravessou o limite do aeródromo. Então aconteceu algo estranho: de repente encontrou-se com luz solar brilhante. E o aeródromo de Drem já não era um campo coberto de vegetação, mas um local arrumado e ordenado, com quatro aviões amarelos estacionados em frente de portas de hangares abertas e mecânicos em macacões azuis a andar por ali. Ambas as coisas surpreenderam Goddard, pois naquela época todos os aviões da RAF eram pintados com alumínio e os mecânicos usavam macacões cáqui. Além disso, os mecânicos nem sequer olharam para cima quando o avião rugiu a poucos metros de altura: Goddard teve a sensação de que eles não o viam. Teve também a sensação de "algo etéreo na luz solar".

Quando aterrou, contou ao seu superior imediato sobre a sua "alucinação", e foi aconselhado a deixar o uísque. Então Goddard não disse nada sobre a sua "visão" no seu relatório oficial. Foi apenas quatro anos depois, quando a guerra rebentou, que recebeu um choque ainda maior. Da próxima vez que viu Drem, este tinha sido transformado no aeródromo da sua visão. Os "aviões de treino" estavam agora pintados de amarelo e os mecânicos usavam macacões azuis. Um monoplano que não reconhecera quatro anos antes identificou agora como um Miles Magister.

Gravações do passado são uma realidade, como todos os filmes e discos de gramofone demonstram. Mas uma gravação do futuro soa absurda. Mesmo que assumamos que foi uma alucinação, e não um "salto no tempo" para o futuro, continua a ser igualmente impossível.

O segundo episódio diz respeito a um vislumbre do futuro mais imediato.

Em 1946, Sir Victor Goddard estava a assistir a uma festa oferecida em sua honra em Xangai. Estava a falar com alguns amigos quando ouviu

alguém atrás de si anunciar que ele — Goddard — estava morto. Virou-se e deu com o rosto de um comandante naval britânico, o Capitão Gerald Gladstone. Gladstone reconheceu-o imediatamente e pareceu horrorizado. "Lamento imenso! Peço desculpa!" "Mas o que o levou a pensar que eu estava morto?" "Sonhei com isso."

Gladstone prosseguiu descrevendo o seu sonho. Vira a queda de um avião de passageiros de transporte, talvez um Dakota, numa costa rochosa: tinha sido abatido por uma terrível tempestade de neve. Além da sua tripulação da RAF, o avião transportava também três civis, dois homens e uma mulher: eles tinham saído do avião, mas o Marechal do Ar Goddard não. Gladstone acordara com uma forte convicção de que Goddard estava morto, e durante todo aquele dia esperou ouvir a notícia.

Goddard não estava demasiado preocupado: devia voar para Tóquio num Dakota, mas não haveria civis a bordo. Ele e Gladstone passaram meia hora agradável a discutir a teoria do tempo de Dunne. Mas durante o jantar ocorreram desenvolvimentos alarmantes. Um jornalista do *Daily Telegraph* perguntou se podia pedir boleia para o Japão. Depois, o Cônsul Geral disse a Goddard que recebera ordens para regressar a Tóquio imediatamente e perguntou se também podia viajar; perguntou também se podiam arranjar lugar para uma secretária. Com profundas apreensões, Goddard concordou. E quando o avião descolou de Xangai, ele pessoalmente não tinha qualquer dúvida de que estava prestes a morrer.

O Dakota ficou preso em nuvens espessas sobre montanhas — outro pormenor que o Capitão Gladstone 'vira' — e depois encontrou uma violenta tempestade de neve. Finalmente, o piloto foi forçado a fazer uma aterragem forçada na costa rochosa de uma ilha ao largo da costa do Japão. Mas Gladstone enganou-se quanto à morte de Goddard: todos a bordo sobreviveram.

Tais incidentes contradizem frontalmente tudo o que os seres humanos sabem — intuitivamente — sobre o tempo. A única coisa absolutamente certa sobre o nosso mundo é que tudo o que nasce acaba por morrer e que, entre estes dois eventos, envelhece gradualmente. O tempo é irreversível. Com a ajuda de um gravador, posso reproduzir a voz de alguém que está morto; mas, se por acaso me sinto culpado pela forma como o tratei, não há absolutamente nenhuma maneira de voltar atrás no tempo e "desacontecer"

o que aconteceu. Todos sabemos isto. Não é apenas uma parte fundamental da nossa experiência; parece ser uma lei do Universo.

Ora, em 1895, quando H.G. Wells escreveu a sua história de ficção científica *A Máquina do Tempo*, apresentou aos seus leitores uma nova e fascinante hipótese. O tempo, diz o Viajante do Tempo de Wells, nada mais é do que uma quarta dimensão do espaço. Considerem-se fotografias de um homem aos 8, 15, 17, 23 anos, e assim por diante. Estas são basicamente representações tridimensionais de um ser quadridimensional, tal como se poderiam cortar fatias ou secções transversais de um pedaço de argila mole. O que isto implica é que cada secção transversal é de alguma forma falsa ou, pelo menos, enganadora — exatamente como aqueles retratos egípcios planos de seres humanos sólidos são enganadores. Visto da perspetiva da quarta dimensão, um homem é um único pedaço de matéria que se estende de um ponto no tempo a outro, não um pedaço de matéria tridimensional que se move de um momento para o seguinte.

Um dos companheiros do Viajante do Tempo objeta que não podemos mover-nos no tempo; ao que ele faz uma resposta interessante: "Está enganado ao dizer que não podemos mover-nos no Tempo. Por exemplo, se estou a recordar um incidente de forma muito vívida, volto ao instante da sua ocorrência: fico distraído, como diz. Salto para trás por um momento.

Claro, não temos meios de permanecer para trás por qualquer período de Tempo, tal como um selvagem ou animal não tem meios de permanecer a seis pés acima do solo. Mas um homem civilizado está melhor do que o selvagem neste aspeto. Pode subir contra a gravitação num balão, e porque não deveria esperar que, em última análise, possa até ser capaz de parar ou acelerar a sua deriva ao longo da Dimensão do Tempo, ou mesmo virar-se e viajar no outro sentido...?"

O Viajante, claro, afirma ter inventado uma máquina para fazer precisamente isto. Mas o ponto interessante da explicação acima é que sugere um método bastante diferente de viagem no tempo. Wells diz que quando recordamos um evento vividamente, voltamos ao passado por um momento; mas não temos capacidade para lá ficar. O tempo, diz ele, noutro parágrafo, é essencialmente uma viagem mental do berço ao túmulo. O que Wells está a sugerir é que a viagem no tempo é uma faculdade mental que já possuímos, mas numa extensão muito pequena.

O próprio Wells aparentemente esqueceu essa importante sugestão, lançada casualmente no capítulo de abertura de *A Máquina do Tempo*. E o resto da sua história — com o seu voo mecânico através do tempo — levanta o tipo de questões paradoxais que se tornaram lugar-comum da ficção científica desde então. Por exemplo, à medida que avança para o futuro, vê a sua governanta entrar na sala e atravessá-la com a velocidade de uma bala: pois agora ele está a mover-se mais rapidamente através do tempo, a ação dela ocorre num espaço de tempo mais curto. Se tivesse ido para trás no tempo, tê-la-ia visto atravessar a sala para trás, as suas ações invertidas.

Mas então, não teria também visto a si mesmo, como estava há poucos minutos, ou no dia ou mês anterior? Na verdade, o que o impedia de parar a Máquina do Tempo e ir apertar a mão ao seu "eu" de ontem? Ou porque não iria ele para a frente até ao seu eu de amanhã e perguntar-lhe que cavalo ganhou o Grand National? Poderia até pedir ao seu eu de amanhã e ao seu eu de ontem que subissem para a Máquina do Tempo e o acompanhassem de volta a hoje para jantar... E já vemos a emergência do paradoxo. Que direito tem o Viajante do Tempo de considerar o seu próprio tempo como o presente, e o seu próprio "eu" como o Viajante do Tempo?

Wells contorna esta questão enviando o Viajante para trás ou para a frente no tempo para além da sua própria duração de vida. Portanto, se ele voltasse a 1812 para encontrar Napoleão ou a 1066 para encontrar o Rei Haroldo, soaria perfeitamente lógico, se inacreditável. Mas se o Viajante do Tempo consiste em milhões de "eus", um para cada fração de segundo da sua vida, o mesmo se aplica a todas as outras pessoas e objetos no Universo. O problema com isto é que cada um destes seres múltiplos teria o seu próprio passado e futuro, uma vez que cada um é um indivíduo separado. (Por exemplo, se o Viajante do Tempo convidasse os seus eus de ontem e de amanhã para jantar, cada um passaria a viajar para o futuro separadamente como três seres separados.) Acabamos com uma visão absurda de um Universo múltiplo-múltiplo no qual todos estão fragmentados num número infinito de eus...

É, claro, mera ficção, por isso podemos perdoar as suas deficiências.

Mas então, a experiência real da viagem no tempo não é mera ficção. Sugeri, por exemplo, que o Viajante do Tempo de hoje poderia visitar o seu eu de amanhã para perguntar o vencedor do Grand National; poderia então

voltar ao seu próprio tempo e apostar uma grande quantia nele... Mas tais eventos ocorreram, de facto. Em 1976, fiz um programa de televisão para a BBC2 sobre John Godley, Lord Kilbracken, que, quando estudante em Oxford, sonhou com vencedores de corridas de cavalos, e fez várias quantias de dinheiro úteis graças à sua curiosa capacidade. Peter Fairley, o correspondente científico da Independent Television, teve uma experiência semelhante.

Numa emissão da BBC, contou como, ao conduzir para o trabalho um dia em 1965, ouviu um pedido no rádio do carro para uma certa Sra. Blakeney; acabara de passar pela aldeia de Blakeney, e poucos minutos depois, ouviu uma referência a outro Blakeney — totalmente não relacionado. No escritório, ouviu o nome novamente, desta vez o de um cavalo a correr no Derby. Apostou nele e ele ganhou. A partir daí, explicou, conseguia escolher vencedores simplesmente olhando para uma lista de cavalos; o vencedor "saltava da página" para ele. Disse que assim que começou a pensar nisso e a preocupar-se com isso, a faculdade desapareceu.

Ora, isto está muito mais próximo da sugestão de Wells de que a Viagem no Tempo é uma faculdade puramente mental. E é certamente muito mais convincente do que a versão que envolve máquinas do tempo.

Concordemos, então, que a noção habitual de viagem no tempo, derivada de Wells, é absurda e autocontraditória. Nesse sentido, o passado é o passado e o futuro é o futuro, e nunca poderemos esperar explorar qualquer um deles com a ajuda de uma Máquina do Tempo. Pois, neste sentido, o tempo não existe; é um mal-entendido semântico. Tentei explicar a razão para isto numa passagem do meu livro *The Occult*. Suponhamos que as pessoas nasciam em comboios em movimento e neles permaneciam até morrer. Poderiam inventar uma palavra para descrever a sensação quotidiana da paisagem a fluir pela janela, uma palavra como "zime".

Quando o comboio para nas estações, diriam que o zime parou; se o comboio inverte a marcha, diriam que o zime está a fluir para trás. Mas se alguém falasse do zime como uma entidade, estaria obviamente a cometer um erro lógico; ele consiste em muitas coisas — uma carruagem ferroviária, paisagem, movimento e assim por diante. O mesmo se aplica ao tempo. É basicamente um processo que envolve objetos físicos. Se pensarmos num Universo completamente "vazio", ou num Universo

completamente estático, obviamente não teria tempo. É por isso que a máquina do tempo de Wells é um absurdo.

Se Peter Fairley conseguia realmente prever qual o cavalo que ganharia uma corrida, então há claramente algo de errado com a nossa noção humana de tempo; pois a ideia de que o futuro já ocorreu — o que deve ter acontecido se se vai 'saber' algo sobre ele — é autocontraditória, um paradoxo. Mas então, as nossas mentes são um paradoxo precisamente no mesmo sentido. Você e eu aparentemente existimos num Universo sólido e tridimensional: somos objetos físicos. Então onde, precisamente, está a minha mente? Dentro da minha cabeça? Os filósofos 'realistas' têm tentado arduamente explicar a mente em termos físicos — o cérebro e o sistema nervoso — mas acabam com um modelo estático, mais parecido com um computador.

E um computador precisa de ser operado por alguém. Quando luto com um problema intelectual ou emocional, estou consciente de um elemento a que chamo 'eu' a tentar tirar o melhor proveito do computador. Este ser pode observar com bastante distanciamento enquanto 'eu' sou inundado por uma emoção poderosa. Ele aplica o acelerador ou o travão aos meus humores e sentimentos. Parece existir numa dimensão separada deste mundo físico em que vivemos.

Para mim, estas considerações sugerem que estes dois conceitos paradoxais — o tempo e a mente — estão intimamente ligados. Os nossos corpos existem no domínio do tempo unidirecional, mas as nossas mentes não. Como Wells aponta, quando fico distraído, a minha mente vai para 'outro lugar'. Mas, no geral, estas visitas a outros tempos e lugares são muito menos vívidas do que as nossas vidas quotidianas. No entanto, isto não é tanto uma limitação das nossas mentes, mas sim do 'computador' que elas usam, o cérebro.

Por exemplo, há uma experiência importante do filósofo J.B. Bennett descrita na sua autobiografia *Witness*. Bennett conta como, quando estava hospedado no Instituto Gurdjieff em Fontainebleau, acordou uma manhã sentindo-se excecionalmente fraco devido a disenteria, mas mesmo assim se forçou a levantar-se. Mais tarde naquela manhã, participou em alguns exercícios de Gurdjieff — movimentos físicos incrivelmente difíceis e complexos. Um por um, os outros discípulos desistiram; mas, apesar da extrema fadiga e desconforto, Bennett forçou-se a continuar. Então,

bastante subitamente, "fui preenchido por um influxo de um poder imenso. O meu corpo parecia ter-se transformado em luz." Toda a fadiga desapareceu. Quando saiu, decidiu testar este poder cavando a um ritmo que normalmente não conseguia manter por mais de alguns minutos; conseguiu continuar durante meia hora sem fadiga.

Saiu para a floresta e decidiu tentar testar o seu controlo sobre as suas emoções. Desejou sentir espanto. "Instantaneamente, fiquei esmagado de espanto, não só pelo meu próprio estado, mas por tudo o que via ou pensava." O pensamento de 'medo' encheu-o de um imenso pavor; o pensamento de 'alegria' encheu-o de deleite; o pensamento de 'amor' inundou-o de uma tremenda ternura e compaixão. Finalmente, desorientado por esta nova capacidade de sentir o que quisesse, desejou que ela desaparecesse, e ela desapareceu instantaneamente.

O que está aqui envolvido é obviamente o que William James chama de 'reservas vitais'. James aponta que podemos sentir-nos exaustos, forçar-nos para além da exaustão, e subitamente sentir-nos cheios de energia novamente. É o fenómeno da 'segunda fôlego'. Parece que possuímos vastas reservas de energia que não conseguimos utilizar. Mas uma emergência súbita fá-las entrar em funcionamento.

O tremendo esforço de Bennett para não desistir dos exercícios de Gurdjieff empurrou-o de alguma forma para um estado elevado de 'segunda fôlego' e trouxe um nível completamente novo de controlo sobre o seu 'computador'. É uma pena que ele não tenha experimentado tentar recordar algum evento do seu passado; suspeito que teria sido capaz de o 'reproduzir' com o mais preciso detalhe.

Na verdade, como o Dr. Wilder Penfield descobriu, os nossos cérebros contêm as 'fitas de memória' armazenadas de tudo o que alguma vez vimos ou sentimos, e estas fitas podem ser 'reproduzidas' estimulando o córtex temporal do cérebro com uma sonda elétrica. Se conseguíssemos alcançar o estado de 'segunda fôlego' de Bennett, a sonda elétrica seria desnecessária; todas as fitas de memória do cérebro tornar-se-iam instantaneamente acessíveis para nós...

Mas isso, objetará você, ainda não é viagem no tempo; é apenas reproduzir uma gravação. Verdade. Mas, se Joseph Rodes Buchanan e William Denton estavam corretos sobre a 'psicometria', então o cérebro

também tem o poder de reproduzir a história de qualquer objeto que escolha examinar — por exemplo, um meteorito com cinco mil milhões de anos. Os 'sensitivos' de Buchanan podiam segurar uma carta selada e descrever não só o seu conteúdo, mas também o estado de espírito da pessoa que a escrevera. E isto, pode alguém notar, ainda não é viagem no tempo. Verdade. Mas é algo muito semelhante.

E lembrar-lhe-ia que já concordámos que a viagem no tempo, no sentido de Wells, é um absurdo. Não se pode literalmente voltar 'antes' da Batalha de Hastings, porque a Batalha de Hastings já aconteceu, e não pode ser desacontecida. No entanto, se Buchanan e Denton estão corretos, então deveria ser possível para um 'sensitivo' literalmente reviver um dia na vida de um soldado que lutou na Batalha de Hastings. E a experiência de Dunne com o tempo parece sugerir que poderá ser possível fazer o mesmo para o futuro, e 'reviver' um dia que ainda não aconteceu. E isto, penso eu, qualificar-se-ia como viagem no tempo.

O que estou agora a sugerir é uma visão da mente humana que se tem vindo a impor a mim há muitos anos. O meu ponto de partida, em livros como *The Outsider* e *Religion and the Rebel*, foram as experiências de certos poetas e místicos. Os poetas românticos do século XIX pareciam diferir dos seus antecessores num aspeto importante: pareciam ter uma capacidade globalmente maior para sustentar a intensidade imaginativa. Vivemos as nossas vidas confinados pelo espaço e pelo tempo e pelas necessidades triviais da vida quotidiana; a consciência é basicamente um dispositivo para perceber o que se passa à nossa volta.

Os poetas e místicos parecem ser capazes de usá-la para um propósito bastante diferente — para construir uma espécie de mundo interno cuja intensidade rivaliza com a da realidade física que nos rodeia. Quando me voltei — quase por acaso — para o domínio do 'oculto' ou paranormal, ocorreu-me que o 'psíquico' é apenas outro tipo de poeta: uma pessoa para quem o mundo físico é apenas um aspeto da realidade.

Ora, esta visão parece-me, após reflexão, suficientemente lógica e razoável. A consciência está ligada ao mundo físico por uma razão simples: se não estivesse, teríamos sido extintos há muito tempo. Como H.G. Wells apontou, todos os animais estão 'contra a parede' desde o momento em que nascem. Na era vitoriana, as crianças começavam a trabalhar às seis da manhã e terminavam às oito da noite.

A vida ainda é brutal e dura para mais de metade da raça humana. Tenho sorte por poder sentar-me à minha secretária, numa sala confortável, e dirigir a minha mente para este interessante problema da natureza do tempo; você tem sorte por poder sentar-se e lê-lo. Se você e eu tivéssemos de trabalhar catorze horas por dia numa fábrica, ansiaríamos por um pouco de lazer para relaxar e permitir que a mente voasse pelos mundos da imaginação.

Devido a esta dura necessidade física, a consciência habituou-se a ater-se ao mundo material: o que significa, em efeito, que nunca teve a oportunidade de explorar as suas próprias capacidades — ou melhor, as capacidades daquele extraordinário computador chamado cérebro. Mas aqui chegamos a uma das partes mais estranhas da história. Por alguma razão estranha, a capacidade deste computador é muito maior do que precisa de ser — pelo menos, em termos da evolução darwiniana.

Por exemplo, é bastante claro que nunca usamos aquela vasta biblioteca de 'fitas de memória' que Wilder Penfield descobriu; não precisamos de as usar para a sobrevivência quotidiana. Então porque estão elas lá? Porque ditou a evolução que o cérebro deveria recordar cada pequeno evento e ideia das nossas vidas? Novamente, sempre fui fascinado pela capacidade de prodígios do cálculo — geralmente crianças pequenas de inteligência comum — que conseguem multiplicar ou dividir somas imensas de cabeça. Igualmente extraordinária é a classe conhecida como 'idiotas sábios' — crianças cujo QI pode estar ao nível de um débil mental, mas que, num campo particular, têm algum dom mental incrível — uma, por exemplo, conseguia recitar o nome de todos os filmes musicais alguma vez feitos e de todos os atores que desempenharam cada papel.

Além disso, alguns destes idiotas sábios têm poderes 'psíquicos' altamente desenvolvidos; por exemplo, um rapaz recusou uma boleia para casa com o seu professor porque, disse ele, a sua mãe viria buscá-lo à escola. De facto, a sua mãe chegou para o encontrar; mas só decidira fazê-lo meia hora antes, quando outra viagem a levou perto da escola...

E este exemplo traz-me ao ponto de partida do meu livro *The Occult*: a observação de que 'poderes psíquicos' frequentemente parecem envolver uma quebra — ou pelo menos, perda de eficiência — nos nossos poderes mentais normais. Por exemplo, um pintor de casas holandês chamado Peter van der Hurk caiu da sua escada e fraturou o crânio; quando acordou no

hospital, descobriu que 'sabia' todo o tipo de coisas sobre os seus companheiros pacientes, sobre o seu passado e até sobre o seu futuro. Esta estranha capacidade permaneceu com ele e, sob o nome de Peter Hurkos, fez uma considerável reputação como 'clarividente' e psicometrista, ajudando frequentemente a polícia a resolver casos de assassínio.

Mas, nos dias imediatamente seguintes ao seu acidente, achou a vida difícil porque os seus novos poderes psíquicos tornaram impossível concentrar-se em tarefas quotidianas comuns; poderia ter passado fome se alguém não tivesse sugerido usar os seus poderes para ganhar a vida como 'mago' de palco. Quando li esta história na autobiografia de Hurkos, lembrei-me de todos aqueles poetas e artistas românticos que morreram na pobreza porque achavam impossível concentrar-se nas enfadonhas necessidades da existência material. Há obviamente uma estreita analogia.

Tudo isto parece sugerir que os nossos cérebros possuem poderes extraordinários que a maioria de nós nunca tem razão para usar. O problema da sobrevivência exige que estejamos presos ao mundo quotidiano; se assim não fosse, poderíamos todos ser prodígios do cálculo e psíquicos, e provavelmente génios literários e artísticos de quebra.

Mas colocar isto desta forma sugere que é uma questão de ou/ou: ou nos livramos de tais faculdades invulgares ou perdemos a nossa capacidade de sobreviver. Mas será a escolha realmente tão dura? Estou inclinado a duvidar. A vida para a maioria de nós é mais segura e protegida do que em qualquer outra altura da história. O homem moderno tem muito menos probabilidade de ser atropelado por um carro do que os seus antepassados tinham de ser comidos por animais selvagens ou mortos pelos seus semelhantes. (Mesmo tão recentemente como na época do Dr. Johnson, casas rurais remotas eram frequentemente sitiadas por gangs de rufias que matavam os que resistiam e levavam tudo o que tinha valor.)

A maioria de nós tem horas de lazer todas as semanas nas quais poderíamos explorar as possibilidades da consciência humana. Não, o verdadeiro problema é uma força do hábito tão profundamente enraizada que seria melhor referir-se a ela como hipnose. Se forçares o bico de uma galinha contra o chão e depois desenhares uma linha reta de giz à sua frente, a galinha será incapaz de levantar a cabeça quando a largares; por alguma razão estranha, foca a atenção na linha de giz e fica hipnotizada por ela. Todos sofremos de uma tendência semelhante; no momento em que

relaxamos, o hábito induz um estado semelhante à hipnose, no qual a atenção se fixa no mundo exterior.

Sartre escreveu sobre o dono do café em *Nausea*: "Quando o seu café esvazia, a sua cabeça também se esvazia." Mas não se limita aos analfabetos ou pouco inteligentes. Há uma história contada sobre o famoso matemático Hilbert. Antes de um jantar, a sua mulher mandou-o subir para mudar a gravata; quando, passada uma hora, ele ainda não tinha reaparecido, ela foi ver o que acontecera; ele estava na cama profundamente adormecido. Explicou que assim que tinha tirado a gravata, automaticamente tirou o resto da roupa, vestiu o pijama e meteu-se na cama.

Este é o problema da consciência humana: hábitos que nos enfiam na cama e nos adormecem quando há coisas muito mais interessantes para fazer. Chesterton perguntou porque é que o mundo está tão cheio de crianças brilhantes e adultos medíocres. A razão é que as nossas potencialidades mais interessantes não sobrevivem à adolescência; caímos no hábito de usar apenas uma fração dos nossos poderes.

Quando o hábito é quebrado, tudo pode acontecer. Num livro chamado *Mysteries* (1978), citei o caso de uma senhora chamada Jane O'Neill que, quando conduzia para o aeroporto de Londres, testemunhou um grave acidente e ajudou a libertar pessoas gravemente feridas de um autocarro desfeito. O choque foi tão severo que teve de tirar várias semanas de folga do trabalho. Começou a ter estranhas visões em estado de vigília, algumas das quais eram curiosamente precisas: por exemplo, 'viu' um amigo íntimo acorrentado nas galés; quando lhe contaram isto, o seu amigo respondeu que os seus antepassados eram huguenotes e muitos se tinham encontrado nas galés.

Um dia na Igreja de Fotheringhay, Jane O'Neill ficou impressionada com um quadro atrás do altar. Mais tarde, mencionou isto à amiga que a acompanhara, e a sua amiga disse que não tinha visto quadro nenhum. A Srta. O'Neill ficou tão perplexa que telefonou à senhora que limpava a igreja e perguntou-lhe sobre ele; a senhora respondeu que não existia tal quadro. Mais tarde, as duas mulheres revisitaram a igreja; para surpresa de Jane O'Neill, o interior era bastante diferente do que vira antes — era muito mais pequeno — e o quadro não estava lá. Consultou um especialista em igrejas de East Anglia, que a pôs em contacto com um historiador que

conhecia a história de Fotheringhay. Ele conseguiu dizer-lhe que a igreja que ela 'vira' era a igreja como era há mais de quatro séculos; tinha sido reconstruída em 1553...

A experiência de Jane O'Neill é, à sua maneira, tão bem autenticada como a da Srta. Moberly e da Srta. Jourdain. Num sentido, é mais convincente; ouvi falar dela por acaso, através de um amigo, e escrevi à Srta. O'Neill, que teve a amabilidade de me enviar um relato completo, juntamente com a troca de cartas com o historiador que estabeleceu que ela 'vira' a igreja anterior. A Srta. O'Neill não fez qualquer tentativa de publicar a sua interessante história, pelo que não pode ser acusada de procurar atenção.

Mas como podemos reconciliar uma história tão extraordinária como esta com a nossa experiência quotidiana do mundo real? A maioria dos cientistas tem um método curto e conveniente para lidar com tais anomalias; descrevem-nas como mentiras, distorções ou enganos. Seja intelectualmente justificado ou não (com base nas 'leis da probabilidade'), isto há de parecer a qualquer pessoa interessada nestas coisas como pura preguiça mental. Se uma resposta deve ser encontrada, acredito que o seu ponto de partida deve ser a noção de que os poderes da mente humana são muito menos limitados do que naturalmente supomos.

Esta foi uma conclusão a que cheguei muitos anos antes de me interessar pelo paranormal; assim, por exemplo, em *Religion and the Rebel* (1957), sugeri que a nossa consciência quotidiana é tão limitada como as poucas notas médias de um teclado de piano, e que a sua gama possível é tão ampla como todo o teclado. Em estados de grande felicidade ou alívio, ou quando envolvidos em alguma aventura absorvente, recebemos uma clara intuição de que o mundo é um lugar infinitamente mais rico e complexo do que a consciência comum nos permite perceber. E, além disso, que a mente é perfeitamente capaz de abranger essa amplitude e complexidade...

O acidente de Hurkos, como o de Jane O'Neill, abalou a sua mente fora da sua rotina estreita habitual, e fê-lo perceber que a 'consciência quotidiana' é basicamente pouco fiável no seu relato sobre a realidade que nos rodeia. Mas então, não será essa estreiteza preferível ao estado de confusão e ineficiência que acompanhava os seus poderes de 'segunda visão'? Valerá a pena o vislumbre de Jane O'Neill de Fotheringhay no

século XVI (ou anterior) pelo choque mental do acidente de autocarro? Estas questões levantam sérias dúvidas sobre a conveniência de tais poderes. Mas então, estamos a assumir que só é possível investigar os poderes desconhecidos da mente destruindo o nosso sentido quotidiano de realidade. E isto, felizmente, é falso.

Podemos recordar a história contada por Alan Vaughan no seu livro *Patterns of Prophecy*, citada no Capítulo 11 (p. 350), na qual ele ficou 'possuído' pela mulher de um capitão de barco de Nantucket, e como foi 'exorcizado' por um ocultista, que fez com que uma entidade chamada 'Z' expulsasse a mulher do capitão pelo topo da cabeça de Vaughan:

"Comecei a sentir uma energia a subir dentro do meu corpo e a entrar no meu cérebro. Empurrou tanto 'Nada' como 'Z' para fora. Os meus amigos notaram que o meu rosto, que estivera branco e encovado, subitamente se encheu de cor. Senti uma tremenda sensação de euforia e bem-estar físico. A energia tornou-se mais forte e pareceu estender-se para além do meu corpo. A minha mente parecia acelerar nalguma dimensão alargada que não conhecia confins de tempo ou espaço. Pela primeira vez, comecei a sentir o que se passava na mente de outras pessoas e — para meu espanto — comecei a sentir o futuro através de algum tipo de consciência alargada. O meu primeiro ato neste estado estranho mas excitante foi atirar a tábua Ouija por um duto de incinerador..."

Foi esta experiência que levou Vaughan a estudar toda a questão dos vislumbres proféticos do futuro. Ele vira esta "dimensão alargada que não conhecia confins de tempo ou espaço", e decidiu que merecia ser investigada. O poeta Robert Graves descreveu uma experiência semelhante numa história chamada 'The Abominable Mr Gunn' (que, disse-me, era autobiográfica): "Numa bela noite de verão, enquanto estava sentado sozinho no rolo atrás do pavilhão de críquete, sem nada na cabeça, recebi uma iluminação celestial: ocorreu-me que eu sabia tudo. Lembro-me de deixar a minha mente percorrer rapidamente todos os seus temas familiares de conhecimento; apenas para descobrir que isto não era uma fantasia tola. Eu sabia tudo. Para ser claro: embora consciente de ter percorrido menos de um terço do caminho da educação formal... eu, no entanto, tinha a chave da verdade na minha mão, e podia usá-la para abrir qualquer fechadura de qualquer porta. A minha não era uma teoria religiosa ou filosófica, mas um

método simples de olhar de soslaio para factos desordenados de modo a fazer perfeito sentido deles."

O 'segredo', diz Graves, ainda lá estava quando acordou na manhã seguinte; mas, quando tentou escrevê-lo, desapareceu. É verdade que Graves não explica exatamente o que queria dizer com o 'segredo', exceto dizer que era "uma súbita consciência infantil do poder da intuição, a supralógica que elimina todos os processos de pensamento rotineiros e salta diretamente do problema para a resposta". Mas oferece uma pista adicional ao citar o caso de outro rapaz na escola que conseguia resolver um problema aritmético altamente complicado apenas olhando para ele. O professor — 'Mr Gunn' — acusou o rapaz de ter olhado para a resposta no final do livro; o rapaz respondeu que verificara com a resposta — mais tarde — e que os seus dois últimos algarismos estavam errados — deviam ser 35, não 53. O insensível e obtuso Mr Gunn enviou o rapaz ao diretor para ser castigado, recusando-se a acreditar que ele pudesse simplesmente ter 'visto' a resposta...

Parece, portanto, que Graves está a falar de um poder relacionado com o dos prodígios matemáticos, a capacidade da mente de ver a resposta a um problema num único relâmpago. E como, precisamente, funciona tal capacidade? É alguma forma de cálculo relâmpago, isto é, um processo de raciocínio comum em que tudo é acelerado, como no famoso sistema de velocidade matemática Trachtenberg? Aparentemente não. Sabemos isto pelo caso de Zerah Colburn, o prodígio do cálculo canadiano, a quem perguntaram se um certo número imenso era primo (isto é, não podia ser dividido por nenhum outro número), e que respondeu instantaneamente:

Não, pode ser dividido por 641. Ora, não há método matemático para determinar se um certo número é primo — exceto o penoso método de tentativa e erro, dividindo-o por cada número mais pequeno e decidindo que nenhum deles funciona (existem atalhos: se não pode ser dividido por 3, não pode ser dividido por 6, 9, 12, 15...). Obviamente, Colburn 'viu' a resposta, como o colega de Graves, F.F. Smilley, fez — de 'cima', por assim dizer: uma espécie de vista de pássaro. E o 'segredo' de Graves era, presumivelmente, algum método semelhante de compreender a resposta a qualquer problema por intuição instantânea...

Vimos no Capítulo 2 que o homem é um ser duplo, com dois eus que vivem um em cada metade do cérebro. O ser a que chama 'você' — o seu

ego — reside no hemisfério cerebral esquerdo. A poucos centímetros de distância, no hemisfério direito, há outro 'você'; mas ele é mudo.

Quando resolvo uma conta no papel, estou a usar o meu hemisfério esquerdo — com uma certa quantidade de assistência ocasional do direito, na forma de insights súbitos. E isto, no geral, parece ser a forma como o cérebro humano funciona: o esquerdo é o 'homem da frente', o ego que lida com o mundo; e o direito tem de se expressar através do esquerdo. E, no geral, o direito tem uma vida bastante difícil; pois o esquerdo está sempre com pressa, sempre a resolver problemas, e tende a tratar o direito com impaciência. É por isso que o homem civilizado parece possuir tão pouca intuição.

Parece provável que os prodígios do cálculo ainda não tenham caído vítimas deste domínio bullying do esquerdo. As 'sombras da casa-prisão' ainda não começaram a fechar-se. Eles veem a resposta a um problema e transmitem-na instantaneamente, sem serem impedidos pela habitual burocracia do burocrata que vive no cérebro esquerdo.

Pois este, devo insistir, é o verdadeiro problema do homem civilizado. Evoluímos para o nosso nível atual através do uso da linguagem e de conceitos. Usamo-los tão constantemente que nos 'identificamos' com a metade esquerda do cérebro. Isto não causa dano real, pois num sentido a 'personalidade' é a parte linguística de nós. O problema surge da atitude do ego para com o não-ego que vive no hemisfério cerebral direito. Tendemos a tratá-lo como um idiota, como uma espécie de irmão mais novo inarticulado e pouco brilhante que é sempre ignorado e mandado calar. Se nos déssemos ao trabalho de o ouvir, poderíamos aprender muito. Ocasionalmente, pode ficar tão alarmado com as nossas estupidezes cuidadosamente calculadas que toma as rédeas nas suas próprias mãos e interfere. Aqui posso citar um exemplo pessoal. A colina que sobe de Pentewan para Mevagissey é longa e tem várias curvas abruptas. Um dia, estava a subir esta colina com o sol nos olhos, quase completamente cego. A certa altura, raciocinei que devia estar a aproximar-me de uma curva, e tentei virar o volante. As minhas mãos ignoraram-me: mantiveram o volante firme. O meu cérebro direito sabia que ainda não tinha chegado à curva, e simplesmente cancelou a minha ordem para virar o volante.

Até esta última frase ilustra o nosso erro básico. Digo 'as minhas mãos', 'o meu cérebro direito', como se fossem ambos minha propriedade,

como as minhas roupas. Mas o ser que se chama a si mesmo 'eu' é um usurpador. É o seu irmão, que vive ao lado, que é o legítimo herdeiro do trono. Digo isto porque o esquerdo, apesar do seu egoísmo ingénuo, não pode viver sem as intuições e insights do direito — há muitas criaturas no mundo que vivem perfeitamente bem sem linguagem ou ideias. Mas o estado ideal é um de estreita cooperação entre as duas metades, com o esquerdo a tratar o direito como um sábio conselheiro e conselheiro de confiança, não como o idiota da aldeia.

Significativamente, o cérebro esquerdo tem um forte sentido do tempo; o direito não tem absolutamente nenhum. Passeia ao seu próprio ritmo, com as mãos nos bolsos. Isto não significa que o direito não tenha capacidade para calcular o tempo — pelo contrário, quando diz a si mesmo que tem de acordar às seis horas em ponto e abre os olhos na hora certa, isto é obra do direito. Mas recusa-se a levar o tempo demasiado a sério. E tem razão em sentir-se cético. O esquerdo está estupidamente obcecado pelo tempo. Uma anedota contada por William Seabrook sobre Aleister Crowley ilustra o ponto. Quando Crowley estava na ilha da Sicília, uma estrela de cinema chamada Jane Wolfe veio visitá-lo; ela estava num estado de tensão nervosa permanente. Crowley disse-lhe que ela devia começar a sua cura com um mês de meditação no topo da falésia. A ideia desanimou-a, mas ela concordou. Viveu num abrigo de telheiro e um rapaz trazia água, pão e uvas todos os dias ao anoitecer. Nos primeiros dias, estava aborrecida e irritável. No 19º dia, não sentia nada além de tédio. Então, bastante subitamente, passou para um estado de profunda calma e paz, sem desejo de se mexer. O que acontecera era simplesmente que o seu cérebro esquerdo superdominante — habituado à luta louca de Hollywood — percebera gradualmente que podia parar de correr; então o direito assumiu, com o seu sentido de intemporalidade e serenidade.

O que está a ser sugerido é que o tempo é uma invenção do cérebro esquerdo. O tempo, como tal, não existe na natureza. A natureza conhece apenas o que Whitehead chama de 'processo' — coisas a acontecer. O que os seres humanos chamam tempo é um conceito psicológico; além disso, é um conceito do cérebro esquerdo.

Ora, o cérebro esquerdo, como sabemos, vê as coisas em categorias rígidas, e a natureza não opera dentro de tais categorias. Consideremos o paradoxo de Zenão da flecha. Em qualquer momento, ela está ou onde está

ou onde não está. Não pode estar onde não está; mas se está onde está, então não pode estar a mover-se. O paradoxo de Aquiles e a tartaruga depende do mesmo tipo de lógica. Mas a flecha move-se; Aquiles ultrapassa a tartaruga, embora seja 'logicamente' impossível. Segundo o cérebro esquerdo, não há maneira lógica de decidir se um número grande é primo exceto por tentativa e erro, mas o cérebro direito de Zerah Colburn resolveu-o instantaneamente; e, da mesma forma, o cérebro direito de Peter Fairley sabia antecipadamente quais os cavalos que ganhariam nas corridas. (Significativamente, Fairley sofrera cegueira temporária pouco antes de desenvolver esta capacidade; parece provável que o choque tenha sido responsável por 'curto-circuitar' os processos habituais do cérebro esquerdo.)

Este capítulo é, claro, escrito em linguagem, e faz uso de conceitos; consequentemente, o seu objetivo é, até certo ponto, autodestrutivo. Como posso transmitir em palavras a noção de que o próprio tempo é meramente um conceito? Os exemplos acima podem pelo menos levar-nos na direção certa. Pois a maioria das pessoas já sabe o que é 'saber' subitamente a resposta a um problema sem o pensar. Toda a gente já teve a experiência de tentar muito recordar algo, e depois tê-lo a entrar no cérebro quando já não estava a tentar — quase como se outra pessoa tivesse batido à porta do cérebro esquerdo e perguntasse: 'Era isto que estavas à procura?'

O que me leva ao passo mais importante deste argumento: que toda a gente já experienciou o mais básico 'insight' do cérebro direito, a curiosa capacidade que em *The Occult* rotulei de 'Faculdade X'. Esta é simplesmente aquela estranha capacidade de compreender subitamente a realidade de algum outro tempo ou outro lugar. Citei noutro local o exemplo da experiência que levou Arnold Toynbee a começar o seu *Estudo da História*. Toynbee estava sentado no cimo da cidadela de Mistra, em Esparta, a olhar para as ruínas deixadas pelos montanheses selvagens que a tinham arrasado em 1821, quando foi subitamente atingido pela realidade do que acontecera — como se os montanheses estivessem, naquela mesma minuto, a transbordar sobre o horizonte e a arrasar a cidade. Continua descrevendo meia dúzia de outras ocasiões em que a 'imaginação histórica' subitamente 'trouxe o passado à vida' e o tornou real, e termina descrevendo uma experiência semi-mística que ocorreu quando passava pela Estação Vitória, em Londres, durante a Primeira Guerra Mundial,

quando se encontrou "em comunhão, não apenas com este ou aquele episódio da História, mas com tudo o que fora, era e havia de vir".

Chesterton disse uma vez: "Dizemos obrigado quando alguém nos passa o sal, mas não o dizemos a sério. Dizemos que a Terra é redonda, mas não o dizemos a sério, embora seja verdade." Só dizemos algo a sério quando o sentimos intensamente, aqui e agora. E é isto que acontece em lampejos da Faculdade X: a mente subitamente conjura a realidade de algum outro tempo e lugar, como o herói de Proust subitamente se tornou consciente da realidade da sua infância ao provar o bolo mergulhado em chá de ervas.

A Faculdade X é outro nome para o insight, o súbito lampejo de compreensão, de conhecimento direto. E permite-nos ver precisamente como o esquerdo e o direito cooperam. Na escola, posso aprender alguma fórmula matemática, como as de fazer divisões longas ou extrair raízes quadradas; mas uso-a mecanicamente. Se um dia me esquecer da fórmula, e tiver de a deduzir por mim mesmo, alcanço um insight sobre as razões que estão por trás dela. Mas posso facilmente esquecer este insight e voltar a um uso mecânico da fórmula. O cérebro esquerdo lida com superfícies, com formas; o cérebro direito lida com insights, com o que está por baixo da superfície.

O cérebro esquerdo é um dispositivo que poupa trabalho, que poupa energia — exatamente como usar uma simples mnemónica para recordar as cores do espetro ou as notas pretas do piano. É quando se está cheio de energia — talvez numa manhã de primavera — que o cérebro direito produz aquela estranha sensação radiante de realidade. Quando se está muito cansado, o cérebro esquerdo assume. A fadiga mental constante pode produzir o estado que Sartre chama de 'náusea', no qual o cérebro esquerdo examina o mundo mas não tem qualquer insight sobre o seu significado — o direito saiu de serviço: a realidade parece crua e sem sentido.

Mas aqui está a parte mais difícil do argumento de se compreender. É o cérebro direito que nos apresenta a 'realidade'. O esquerdo apresenta-nos apenas a imediatez, o que acontece estar aqui e agora. O esquerdo 'examina' o mundo; o direito acrescenta significado e valor. E os seus olhos, que estão agora a examinar estas palavras, estão na realidade a dizer-lhe mentiras. Pois estão a apresentar-lhe um mundo essencialmente irreal como a única realidade. 'Isto é real', digo eu, batendo com os nós dos dedos na

mesa; mas os meus nós dos dedos são apenas scanners, como os meus olhos. Se, enquanto lê estas linhas, consegue penetrar no significado que estou a tentar transmitir, fá-lo-á através de um salto mental, do esquerdo para o direito.

E se conseguir dar esse salto, também conseguirá compreender como Peter Fairley pôde saber os vencedores de uma corrida que ainda não tinha acontecido, ou como Zerah Colburn pôde 'saber' que 4.294.967.297 é divisível por 641. De alguma forma, o direito 'pensa' verticalmente, dando uma espécie de salto ascendente e simplesmente olhando para baixo para a resposta. Objetará que isto ainda não explica como ele poderia 'olhar para baixo' para o futuro, mas isto é porque ainda está a pensar em termos do cérebro esquerdo.

Como, de facto, se poderia tentar prever algum evento futuro, assumindo que alguém tornasse valioso fazê-lo? Tentaria laboriosamente reunir milhares de 'tendências' presentes, e tentar calculá-las de acordo com a lei das probabilidades. E porque há tantos biliões de possibilidades, dizemos que o futuro é imprevisível. O cérebro direito parece saber melhor...

Deixe-me tentar resumir o argumento até agora. Começámos por descartar o 'tempo' no sentido wellsiano, o tipo de tempo em que se poderia viajar com a ajuda de uma máquina do tempo. Como o 'zime', este tempo é um erro lógico. O que realmente acontece lá fora é 'processo', e seria absurdo falar de viajar no processo. O tempo é na realidade um tique-taque de relógio dentro da cabeça — e, além disso, apenas num dos lados da cabeça. Os nossos sentidos, que são construídos para 'examinar' o mundo, cortam o processo em segundos e minutos.

Forçam-nos a ver o mundo nestes termos rígidos de localização espacial e temporal. Kant estava muito certo quando disse que vemos o mundo através de 'categorias'. Pense nas categorias kantianas como um estranho par de óculos prismáticos que usa no nariz, óculos que transformam tudo o que vê nos mais estranhos ângulos e cantos. Isto é o espaço e o tempo, tal como os nossos cérebros os apreendem.

Tudo isto, claro, não responde a uma questão básica: como é que o tempo futuro — isto é, o processo que ainda não ocorreu — pode ser previsível. A única explicação científica é a que considerámos, a avaliação

estatística de 'tendências'. Mas parece bastante claro que Peter Fairley não conseguia identificar vencedores por este método, pois não sabia nada sobre corridas, quanto mais sobre as complexas possibilidades apresentadas por todos os cavalos na corrida.

De qualquer forma, a experiência mostrou que esta não pode ser a explicação. O conhecido investigador psíquico S. G. Soal realizou uma série de experiências em telepatia com um homem chamado Basil Shackleton, e ambos ficaram desapontados por os resultados parecerem negativos. Então, uma análise cuidadosa dos resultados revelou uma coisa interessante: Shackleton estava a adivinhar a próxima carta ESP que seria escolhida. Isto foi confirmado substituindo as cartas por imagens de animais — zebras, girafas, e assim por diante. Agora não podia haver qualquer dúvida possível. Se Soal descobrisse uma carta de uma zebra, e Shackleton (sentado na sala ao lado) a identificasse como uma girafa, era quase certo que a próxima carta que Soal virasse seria uma girafa. Outros experimentadores — como J. B. Rhine e Charles Tart — produziram resultados semelhantes.

Parece, pois, que estamos perante um facto básico: o de que, seja ou não impossível, a precognição ocorre realmente — uma precognição precisa e detalhada do futuro —, o que sugere claramente que a teoria «kantiana» está basicamente correta: há algo de errado naquilo que os nossos sentidos — e o hemisfério esquerdo do cérebro — nos dizem sobre o mundo.

Poderia facilmente passar o resto deste capítulo a levantar questões sobre como, precisamente, os nossos sentidos se poderiam enganar. Tal abordagem seria interessante; mas duvido que fosse muito conclusiva. Além disso, grande parte do meu tempo seria ocupada a resumir o livro de Edmund Husserl, *The Phenomenology of Internal Time Consciousness*; e os interessados fariam melhor em lê-lo por si mesmos. Em vez disso, assumamos, para efeitos de argumentação, que esta parte do caso está provada — que há algo de errado com a nossa conceção de tempo do hemisfério esquerdo — e olhemos mais de perto para a outra metade da equação: o curioso poder que, em certas circunstâncias, parece capacitar-nos a prever o futuro.

Num livro fascinante e lúcido, *The Case Against Jones*, John Vyvyan cita dois casos interessantes, um de precognição e outro de retrocognição.

O primeiro diz respeito a um padre chamado Cónego Guarnier, que sonhou com excecional clareza com uma paisagem italiana — uma estrada de montanha, uma casa branca, uma mulher a tricotar com a filha a observar, três homens vestidos com aventais e chapéus pontiagudos sentados a uma mesa, um cão a dormir, três ovelhas num campo. A cena era detalhada e vívida. Três anos mais tarde, a caminho de Roma, a carruagem de Guarnier parou para mudar de cavalos, e ele deu por si a olhar para a mesmíssima cena, rigorosa em cada detalhe. «Nada mudou; as pessoas são exatamente as que vi, como as vi, fazendo as mesmas coisas nas mesmas atitudes, com os mesmos gestos...»

O outro caso diz respeito ao romancista George Gissing, que foi acometido de febre em Crotone, no sul de Itália. Após um pesadelo, entrou num «estado visionário», no qual viu uma série de quadros da história romana. Estes são descritos com considerável detalhe — longos demais para citar aqui. Mas o próprio Gissing não tinha dúvidas de que testemunhara de algum modo cenas reais da história, e não simples imagens imaginativas. «Se o quadro não correspondesse a nada de real, diga-me quem for capaz, por que poder reconstruí eu, até à última perfeição de intimidade, um mundo que só conhecia em fragmentos arruinados.»

Isto, escusado será dizer, não prova que não tenha sido imaginação. O que me impressiona ao ler o relato de Gissing — por exemplo, ao ver o massacre de dois mil mercenários por Aníbal na praia junto a Crotone — é a sua semelhança com as «visões» do passado de Toynbee. O relato de Wells sobre a morte de Gissing — em *Experiment in Autobiography* — deixa claro que Gissing teve novamente estas visões no seu leito de morte. Tal como John Vyvyan, estou certamente inclinado a não acreditar que tenha sido mera alucinação. A sua insistência na clareza da cena recorda o sonho de Guarnier e as experiências de Jane O'Neill e das senhoras Moberly e Jourdain.

Formulei a teoria da Faculdade X no meu livro *The Occult* (1971). Mas quatro anos antes disso, já tinha feito uso do conceito na ficção, num romance chamado *The Philosopher's Stone*, que se foca centralmente nesta noção de «viagem mental no tempo». Nesse romance, sugeri que os lobos pré-frontais do cérebro (eu não sabia então quais os papéis dos hemisférios direito e esquerdo) estão de algum modo ligados à experiência «poética»: o sentimento de Wordsworth, em criança, de que o prado, o bosque e o

riacho estavam «vestidos de luz celestial». Ninguém parece seguro da função precisa dos lobos pré-frontais, mas sabemos que, quando os lobos pré-frontais de um adulto são danificados, isso parece fazer pouca diferença no seu funcionamento, exceto pelo facto de se tornar mais rude.

Nas crianças, por outro lado, as lesões pré-frontais causam uma quebra óbvia na inteligência: ou seja, as crianças usam os lobos pré-frontais. Poderia isto explicar por que razão as crianças experienciam «a glória e a frescura de um sonho», enquanto os adultos vivem num mundo inteiramente mais cinzento — que os adultos deixaram de usar esta função «visionária» os lobos pré-frontais?

Em *The Philosopher's Stone*, postulo uma operação cerebral capaz de restaurar «a glória e a frescura» dos lobos pré-frontais. Quem se submete a esta operação experiencia uma espécie de revelação. O mundo torna-se vivo, excitante e infinitamente fascinante, um lugar de constante «magia». O pressuposto subjacente aqui é que o intelecto racional — o hemisfério esquerdo — é o culpado pela monotonia da consciência quotidiana, com o seu sentimento acompanhante de trivialidade e futilidade.

A monotonia e a racionalidade são necessárias se quisermos lidar com as complexidades da vida adulta; mas esquecemo-nos, de algum modo, da realidade que reside por trás dos nossos sistemas de abstração. E como a nossa vitalidade é alimentada pelo sentido da realidade — e do propósito —, este esquecimento causa o definhamento gradual de alguma faculdade essencial, tal como a cegueira causaria um esquecimento gradual da realidade da cor. A operação pré-frontal remedeia este esquecimento, gerando um súbito e enorme sentido do propósito da existência humana.

Uma das cenas centrais do romance ocorre quando o herói está sentado num jardim de Stratford, desfrutando da paz e da serenidade, e gozando do sentido de intemporalidade que Jane Wolfe experienciou após um mês de meditação na Sicília. Dá por si a perguntar-se vagamente como seria aquele jardim na época de Shakespeare — e de repente percebe que sabe a resposta; que possui uma faculdade que lhe pode dizer exatamente o que quer saber.

Ao escrever esta cena, pareceu-me bastante óbvio que, se alguém conseguisse recolher-se num estado de serenidade suficientemente profundo, todas essas perguntas se tornariam respondíveis. Contudo, eu

estava plenamente consciente de que a «intuição» só consegue lidar com questões de natureza lógica, e não com aquelas que envolvem particularidades ou factos (por exemplo, nenhuma quantidade de intuição me poderia dizer normalmente o nome da bisavó de Cleópatra: tenho de recorrer aos livros de história).

Quando pensei nesta questão, pareceu-me que a resposta residia em algo que sabemos intuitivamente sobre os estados de profunda serenidade. E esse «algo» é provavelmente a noção que já discuti em ligação com Buchanan e a psicometria: o sentimento de que o mundo contém uma infinitude de informação, e de que possuímos, embora raramente os usemos, os sentidos para usufruir dela. Se a psicometria funciona — e existe uma impressionante quantidade de provas experimentais de que funciona —, deve ser porque os objetos registam de algum modo tudo o que alguma vez lhes aconteceu. Mas já notámos que os nossos cérebros também registam tudo o que alguma vez nos aconteceu. Neste ponto, devemos observar que, independentemente da quantidade de informação a que tenhamos acesso, só podemos fazer uso dela cruzando-a com a informação que temos dentro de nós (por exemplo, perante um carro avariado, um homem que não soubesse nada sobre carros estaria impotente, mesmo que tivesse um manual massivo sobre carros; antes de poder fazer uso dele, precisa de ter certas informações básicas sobre carros dentro do seu cérebro). Mas com uma infinitude de informação fora de nós, e algo como uma infinitude dentro de nós, possuímos os requisitos básicos para responder a quase todas as perguntas.

Não estou ainda de modo algum seguro de que este «paradigma» seja a resposta. Como, por exemplo, pode ele explicar algo que aconteceu a um amigo meu músico, Mark Bredin, quando regressava tarde de noite de táxi ao longo da Bayswater Road? De repente, sentiu a certeza de que, no semáforo seguinte — Queensway —, um táxi iria passar o sinal vermelho e embater neles de lado. Mas parecia absurdo tocar no ombro do motorista e dizer «Desculpe, mas...». Por isso, não disse nada. No semáforo seguinte, um táxi ignorou o sinal vermelho e bateu-lhes de lado... Poderia ter sido algum tipo de perceção extrassensorial que lhe indicou a aproximação do táxi ao longo de Queensway a uma certa velocidade, e que o motorista impaciente chegaria exatamente quando o sinal estava a ficar vermelho?

Tudo o que parece claro é que Bredin estava cansado e muito descontraído mas que, após um concerto, os seus sentidos continuavam alerta. A grande máquina ruidosa da consciência quotidiana, com toda a sua informação irrelevante, fora desligada, e ele pôde tornar-se consciente de elementos de conhecimento normalmente não percetíveis.

Foi depois de escrever *The Occult*, e enquanto trabalhava no meu livro *Mysteries*, que me apercebi de que o problema era provavelmente complicado por outro fator. A descoberta de que eu conseguia usar uma vara de radiestesia, e de que esta reagia poderosamente na área de antigas pedras erguidas, tornou-me claramente consciente deste «outro» eu, o não-ego, que vive no hemisfério direito. Também me interessei cada vez mais pelo trabalho desse homem notável, o falecido Tom Lethbridge, um professor reformado de Cambridge que estudou o uso do pêndulo na radiestesia para vários materiais.

Após experiências exaustivas, Lethbridge concluiu que o pêndulo responde, a vários comprimentos, a todas as substâncias conhecidas no nosso mundo; ou seja, que nas mãos de um bom radiestesista um pêndulo de catorze polegadas entrará em fortes rotações sobre a areia, enquanto um pêndulo de vinte e cinco polegadas detetará o alumínio. Mas, tendo estabelecido isto para sua própria satisfação, Lethbridge ficou surpreendido ao descobrir que o pêndulo respondia com igual definição a sentimentos e ideias; ou seja, que um pêndulo de dez polegadas responderia ao pensamento de luz ou juventude, enquanto um pêndulo de vinte e nove polegadas responderia a perigo ou amarelo.

Isto parecia ligar-se a outro fenómeno inexplicável, que eu próprio presenciei: a radiestesia em mapas. Soa absurdo, mas alguns radiestesistas são capazes de localizar o que quer que procurem sobre um mapa, tão bem como sobre a área real do terreno. O «Professor» Joad, um cético convicto, descreveu num programa do *Brains Trust* como vira um radiestesista de mapas traçar com precisão todos os riachos num mapa do qual estes tinham sido removidos. Eu vi um radiestesista de mapas, Bill Lewis, traçar com precisão o curso de uma conduta de água subterrânea num esboço de mapa desenhado pela minha mulher.

E, neste ponto, fiquei fascinado por outro fenómeno igualmente estranho, o da «personalidade múltipla». Existem dezenas de casos registados de pacientes que entram e saem de uma série de personalidades

totalmente diferentes. Um dos mais amplamente divulgados foi descrito no livro *The Three Faces of Eve*. Em *Mysteries*, descrevi detalhadamente os casos igualmente estranhos de Christine Beauchamp e Doris Fischer. No seu livro *Sybil*, Flora Schreiber descreveu o caso de uma rapariga que tinha 16 personalidades diferentes. Tais casos assemelham-se, na verdade, a descrições antigas de «possessão demoníaca». A personalidade residente, por assim dizer, é subitamente expulsa do corpo, e um estranho assume o controlo. Quando a «personalidade residente» regressa, ele (ou ela) não tem memória do que aconteceu entretanto.

O que me interessou em tais casos é que as várias personalidades parecem ter uma ordem de precedência ou hierarquia definida, com a mais poderosa no topo, a seguinte mais poderosa logo abaixo do topo, e assim por diante. (A «personalidade residente» fica habitualmente a meio da escala.) Além disso, a personalidade do «topo» sabe tudo sobre todas as que estão abaixo; a imediatamente abaixo sabe sobre todas as que estão abaixo de si, mas não sobre a que está acima. E assim continua, com a personalidade mais baixa a saber apenas sobre si própria.

Fiz outra observação interessante. Em muitos casos, a personalidade do «topo» é um indivíduo mais maduro e equilibrado do que o paciente alguma vez teve oportunidade de se tornar. Por exemplo, a prima de Jung, que era um caso desses, era uma adolescente; no entanto, a sua personalidade do «topo» era uma mulher madura, pelo menos dez anos mais velha.

Em 1973, a minha própria experiência de «ataques de pânico», provocados pelo excesso de trabalho e pelo stresse, sugeriu-me uma nova intuição: a de que somos basicamente todos personalidades múltiplas, embora, em seres humanos bem equilibrados, os outros nunca cheguem a destronar a personalidade residente. Nos meus ataques de pânico, descobri que conseguia obter uma certa medida de controlo apelando para o que parecia ser um nível mais elevado do meu próprio ser, uma espécie de «eu superior».

Isto levou-me a perguntar quantos «eus superiores» existem. E se a solução de alguns destes mistérios de poderes paranormais — como a precognição — não residirá neste nível mais elevado de «mim mesmo». Em suma, se, como Aldous Huxley sugeriu uma vez, a mente possui um sótão superconsciente, bem como uma cave subconsciente — uma mente

superconsciente da qual não temos conhecimento, tal como não temos conhecimento do subconsciente. A minha própria imagem da «escala de eus» parecia sugerir que o sótão tem vários andares.

Lethbridge começara a formular uma teoria semelhante para explicar a precisão do seu pêndulo: a de que existe uma parte da mente que sabe a resposta a estas perguntas, mas que só consegue comunicar indiretamente. Isto, escusado será dizer, soa mais ao hemisfério cerebral direito do que à «mente superconsciente». Mas, por outro lado, o hemisfério cerebral direito bem poderia ser a «sede» da mente superconsciente, se tal coisa existir.

Claro que todos temos consciência de que nos desenvolvemos numa série de pessoas diferentes ao longo da vida. Mas dizemos que isto é «apenas uma forma de falar». Será, porém? Algumas pessoas experienciam uma mudança total de personalidade quando se sentam atrás do volante de um carro; sentem-se como se um «eu» mais imprudente e impaciente tivesse tomado conta do seu corpo. Uma pessoa envolvida num ato amoroso pela primeira vez pode descobrir que é «tomada» por outro eu, com os seus próprios propósitos biológicos, e que se torna subitamente, de forma estranha, autoconfiante e determinada. Uma mãe que segura o seu primeiro bebé sobressalta-se ao sentir uma espécie de mãe arquetípica dentro de si a assumir o controlo das suas reações e da sua mente.

Isto leva-me a especular que podemos todos começar a vida como uma série inteira de eus, encapsulados como aquelas flores de papel japonesas, à espera do momento certo para desabrochar. Alguém que nunca perde a virgindade, uma mulher que nunca se torna mãe, nunca permite que esse eu particular entre no mundo dos vivos. No entanto, um padre que se torna santo pode permitir que «eus» ainda mais elevados desabrochem, enquanto o resto de nós permanece preso numa rotina de ganhar e gastar. Uma Rainha Isabel ou uma Florence Nightingale podem desenvolver áreas do seu ser que permanecem inconscientes na dona de casa satisfeita.

Tudo isto parece fornecer uma explicação possível para a experiência de Alan Vaughan, quando «Z» expulsou o «espírito» de Nantucket da sua cabeça. Ele sentiu obviamente um alívio imenso e sem limites, uma explosão de puro deleite. Poderia isto tê-lo elevado, por assim dizer, a um degrau mais alto na «escala de eus»? Pois uma coisa é perfeitamente clara: quanto mais «em baixo» nos sentimos, mais sujeitos estamos ao tempo. No início de uma viagem de comboio, posso sentir-me tão concentrado e

absorvido que posso simplesmente olhar pela janela e experienciar todo o tipo de intuições e sensações interessantes.

Mais tarde, sinto-me menos absorvido, mas consigo, ainda assim, encontrar prazer num livro. Se a viagem for longa demais, e o comboio avariar, e eu ficar com frio e fome, toda a minha concentração desaparece, e o tempo arrasta-se agora lentamente, «como uma serpente ferida». Quanto menos absorvido fico, mais devagar o tempo passa. Parece, portanto, razoável assumir que, se eu conseguisse alcançar algum nível inteiramente novo de deleite e concentração, o tempo virtualmente desapareceria. Num tal estado, bem poderia saber o que se passava na mente de outras pessoas, e conhecer o futuro.

De qualquer modo, parece claro que o tempo psicológico está intimamente relacionado com o nosso controlo sobre os nossos próprios estados interiores. Parece provável que alguém que tivesse alcançado um nível perfeito de colaboração entre os hemisférios direito e esquerdo, em vez do atual mal-entendido e confusão mútuos, seria capaz de abrandar ou acelerar o tempo à sua vontade. Portanto, o que quer que saibamos ou não saibamos sobre o tempo, uma coisa parece certa: que uma maior compreensão dos nossos próprios poderes latentes trará uma maior perceção da natureza do tempo. Poderia também trazer uma perceção do mais estranho de todos os mistérios ligados ao tempo: o problema da sincronicidade.

A palavra foi cunhada pelo psicólogo C. G. Jung para descrever o que ele chamou de «coincidência significativa». Como exemplo, ele oferece o caso divertido do Sr. Fortgibu, conforme relatado pelo cientista francês Camille Flammarion, no seu livro *The Unknown*. Este é o próprio relato de Flammarion:

«Émile Deschamps, um poeta distinto, um pouco esquecido nos dias de hoje, um dos autores do libreto de os "Huguenotes", conta uma curiosa série de coincidências fortuitas como se segue:

»Na sua infância, estando num colégio interno em Orleães, aconteceu encontrar-se um certo dia à mesa com um Sr. de Fortgibu, um émigré recentemente regressado de Inglaterra, que o fez provar um plum-pudding, um prato quase desconhecido naquela época em França.

»A recordação daquele banquete tinha-se desvanecido gradualmente da sua memória quando, dez anos mais tarde, passando por um restaurante no Boulevard Poissonière, vislumbrou no seu interior um plum-pudding de excelente aspeto.

»Entrou e pediu uma fatia, mas foi informado de que o doce inteiro tinha sido encomendado por outro cliente. "Sr. de Fortgibu", gritou a dame du comptoir, vendo que Deschamps parecia desapontado, "teria a bondade de partilhar o seu plum-pudding com este senhor?"

»Deschamps teve alguma dificuldade em reconhecer o Sr. de Fortgibu num homem idoso, de cabelos empoados, vestido com um uniforme de coronel, que jantava numa das mesas.

»O oficial disse que seria um prazer oferecer parte do seu pudim ao senhor.

»Longos anos tinham passado sem que Deschamps sequer pensasse em plum-pudding, ou no Sr. de Fortgibu.

»Um dia, foi convidado para um jantar onde haveria um verdadeiro plum-pudding inglês. Aceitou o convite, mas disse à dona da casa, em tom de brincadeira, que sabia que o Sr. de Fortgibu faria parte do grupo, e causou grande diversão ao dar o motivo.

«O dia chegou, e ele foi à casa. Dez convidados ocupavam os dez lugares à mesa, e foi servido um magnífico *plum-pudding*. Começavam já a rir-se de Deschamps a propósito do seu Sr. de Fortgibu, quando a porta se abriu e um criado anunciou: »"O Sr. de Fortgibu." »Um velho entrou, caminhando debilmente com a ajuda de um criado. Deu a volta à mesa devagar, como se procurasse alguém, e parecia grandemente desconcertado. Seria uma visão? Ou seria uma brincadeira? »Era tempo de Carnaval, e Deschamps teve a certeza de que se tratava de uma partida. Mas, à medida que o velho se aproximava dele, viu-se forçado a reconhecer o Sr. de Fortgibu em pessoa. »"Os cabelos ergueram-se-me na cabeça", disse ele. "Dom João, na obra-prima de Mozart, não ficou mais aterrorizado pelo seu convidado de pedra." »Tudo se explicou rapidamente.

O Sr. de Fortgibu fora convidado para jantar por um amigo que morava na mesma casa, mas enganara-se na porta do apartamento. »Há realmente nesta história uma série de coincidências que nos confunde, e

podemos compreender a exclamação do autor quando a lembrança de algo tão extraordinário lhe ocorreu: "Três vezes na minha vida comi *plum-pudding*, e três vezes vi o Sr. de Fortgibu! Uma quarta vez, sentir-me-ia capaz de tudo... ou capaz de nada!"»

Este último comentário recorda o sentimento de Richard Church, descrito no Capítulo 1, quando se apercebeu de que os golpes do machado do lenhador não se sincronizavam com o som: o súbito sentimento exultante de que o tempo é de algum modo uma farsa e de que o homem é muito mais livre do que julga — um reconhecimento que permitiu a Church flutuar do chão e voar. A palavra «sincronicidade» foi cunhada por Jung em ligação com o *I Ching*, o Livro Chinês das Mutações, que os chineses consultam como um «oráculo».

O método de «consultar» o *I Ching* consiste em lançar três moedas ao acaso meia dúzia de vezes e notar se saem mais faces ou coroas. Duas ou três coroas dão uma linha com uma quebra no meio, como no diagrama abaixo; três faces dão uma linha contínua. As seis linhas, colocadas umas sobre as outras, formam um «hexagrama»:

O hexagrama acima é o número 58, «O Alegre — O Lago», com um «Julgamento»: «O Alegre, Sucesso — A perseverança é favorável.» Mas, do ponto de vista lógico, é obviamente impossível explicar como o lançamento de moedas ao acaso pode fornecer uma resposta — mesmo que a pergunta tenha sido formulada de forma muito clara e precisa na mente antes de as moedas serem lançadas. Se, contra toda a razão, funciona realmente, então temos de concluir que existe algum «mecanismo oculto» que o faz funcionar. Tal mecanismo só poderia envolver uma ligação entre a mente e o mundo exterior, de modo que uma pudesse influenciar o outro.

Uma possibilidade óbvia é a «perceção extrassensorial» (PES). A Dame Rebecca West descreveu como se encontrava na London Library, a tentar verificar um episódio de um dos julgamentos de crimes de guerra de Nuremberga, e como descobriu, para seu desagrado, que os julgamentos não estavam organizados por ordem alfabética. Após uma hora de busca infrutífera, dirigiu-se a um bibliotecário que se aproximava e começou a queixar-se, estendendo a mão ao mesmo tempo para ilustrar o seu argumento, mostrando-lhe um volume típico. O volume que escolheu abriu-se exatamente na página que ela andara a procurar.

Isto soa certamente como uma forma de PES, algum conhecimento inconsciente de onde a passagem estava localizada. Mas e a casualidade que fez com que o bibliotecário estivesse parado em frente ao livro no momento certo? Temos aqui uma situação tão complexa que é difícil pensar numa resposta em termos de uma faculdade «passiva» como a PES.

Outra história que envolve Rebecca West sublinha este ponto. Ainda na London Library, ela esperava pela chegada de uma cópia das *Memórias* de Gounod. Foi abordada por um americano que a reconheceu e que lhe perguntou se era verdade que ela possuía algumas litografias do artista Delpeche. Continuavam a falar sobre Delpeche quando as *Memórias* chegaram; ela abriu-as casualmente e deu por si a olhar para o nome Delpeche — uma passagem na qual Gounod descrevia como Delpeche tinha sido amável com a sua mãe. O funcionário já vinha a caminho para recolher as *Memórias* quando o artista se aproximou dela, pelo que temos novamente uma situação complexa que não pode ser explicada em termos de PES. Somo forçados a recorrer à «coincidência».

Mas algumas sincronicidades parecem tão absurdas que esta explicação se revela cada vez mais vazia. O melhor exemplo que posso dar é pessoal. Ao escrever um artigo sobre a sincronicidade (para *An Encyclopedia of Unsolved Mysteries*), comecei a experienciar uma série de sincronicidades absurdas, das quais a mais estranha foi a seguinte. Eu descrevia uma experiência do «ufólogo» Jacques Vallée, que se interessara por um culto religioso de Los Angeles conhecido como a Ordem de Melquisedeque — sendo Melquisedeque um dos profetas bíblicos mais obscuros. (Já o tínhamos encontrado em ligação com Dion Fortune.)

Vallée procurara informação sobre o profeta, mas sem grande sucesso. No meio desta busca, apanhou um táxi para o aeroporto de Los Angeles e pediu um recibo à motorista. Ela entregou-lhe um recibo assinado «M. Melchizedec». Ele achou que era uma coincidência divertida, que sugeria haver mais Melquisedeques por aí do que ele supunha. Mas quando consultou a lista telefónica de Los Angeles — uma vasta compilação em vários volumes —, encontrou apenas um Melchizedec: a sua motorista de táxi. Vallée disse que foi como se tivesse colado um aviso num quadro de avisos universal: «Procuram-se Melquisedeques», e algum anjo da guarda zeloso tivesse perguntado: «Que tal esta?» «Não, não, essa não serve — essa é motorista de táxi...»

Vallée aponta que existem duas maneiras de um bibliotecário armazenar informação. Uma é por ordem alfabética. Mas um sistema mais simples seria colocar cada livro na prateleira mais próxima à medida que chegasse, e ter um método direto de o recuperar — como um «dispositivo sonoro» na lombada de cada livro, que responderia a um sinal de rádio emitindo um ruído para sinalizar a sua posição. Vallée sugere que poderá ser assim que o universo está construído — num sistema conhecido como uma «base de dados aleatória» —, o que poderia explicar as aparentes «sincronicidades».

Depois de ter terminado de escrever esta passagem, interrompi o meu dia de trabalho para ir passear os cães. Quando saía do meu gabinete, notei em cima da cama de campanha um livro que tinha obviamente caído da prateleira e que eu não reconhecia. Chamava-se *You Are Sentenced to Life*, de um Dr. W. D. Chesney, e eu tinha-o obviamente comprado muitos anos antes na Califórnia e enviado para encadernar. Mas nunca o tinha lido de facto. Quando voltei do meu passeio, folheei o livro — e descobri, mesmo no fim, uma página encimada pelo título ORDEM DE MELQUISEDEQUE. Era uma carta ao autor enviada pela fundadora da Ordem, Grace Hooper Pettipher.

Eu citara a história de Vallée sobre Melquisedeque como uma das sincronicidades mais absurdas que conheço. Encontrar outra referência à Ordem cerca de uma hora depois de escrever sobre ela — tenho cerca de 30 000 livros em minha casa — envolvia obviamente uma coincidência que estaria além do cálculo numérico. Foi como se o «anjo da guarda» tivesse dito: «Acha isso absurdo? — então que tal isto?»

Foi pouco tempo depois que, ao ler um texto sobre Hermes Trimegisto, o lendário fundador da magia, e a sua famosa fórmula «O que está em cima é como o que está em baixo» (que se supõe exprimir a essência da magia), senti pela primeira vez que compreendia o significado interior do ditado. É geralmente interpretado como referindo-se ao sistema mágico de «correspondências», a ideia de que as coisas terrenas têm uma ligação celestial. (Por exemplo, os dias da semana têm nomes de deuses, e um mago que desejasse realizar uma cerimónia para assegurar riqueza escolheria o domingo como o melhor dia, uma vez que o sol está associado ao ouro...)

O que de repente me impressionou é que estamos todos habituados ao facto de o ambiente poder agir sobre a mente — de modo que um dia cinzento nos pode deixar deprimidos, e assim por diante. Mas o princípio fundamental do «ocultismo» (e a afirmação básica deste livro) é que a mente possui poderes ocultos que podem influenciar o mundo exterior. Isto parece acontecer por um processo de «indução», não muito diferente daquele que envolve um simples transformador elétrico. Se, por exemplo, eu quiser usar a minha máquina de barbear elétrica britânica quando estiver na América, tenho de comprar um transformador que faça «subir» a voltagem americana (120) para a voltagem britânica (240). Se quiser usar uma máquina de barbear americana em Inglaterra, tenho de inverter o mesmo transformador (o que envolve apenas ligá-lo ao contrário) para fazer «baixar» de 240 volts para 120.

Como a maioria das pessoas, tenho observado frequentemente que, quando estou num estado otimista e determinado, as coisas tendem a «correr bem». Quando estou cansado e deprimido, correm mal — como se tivesse ligado o meu «transformador mental» ao contrário, fazendo com que cause vibrações mais «baixas» no mundo exterior. O otimismo, por outro lado, parece induzir vibrações mais poderosas no mundo exterior, e estas, por sua vez, induzem a «serendipidade» — um termo cunhado por Horace Walpole, que significa «a faculdade de fazer descobertas felizes e inesperadas por acaso».

A religião sempre ensinou que os deuses têm poder sobre a matéria, mas o homem é seu escravo: se esta interpretação estiver correta, «O que está em cima é como o que está em baixo» significa que o homem tem o mesmo poder potencial de controlar a matéria que os deuses. Esta é obviamente a essência da intuição de Richard Church quando o som do machado e o seu impacto na árvore ficaram «dessincronizados» (ver página 9): «Eu tinha descoberto que o tempo e o espaço não são absolutos. O seu poder não era lei...» Este é obviamente o início de uma atitude totalmente diferente em relação à realidade, uma atitude que contradiz os nossos pressupostos básicos «normais».

Deixem-me tentar expressar isto de forma mais clara. A vida na Terra teve sempre uma luta difícil para se manter. E o homem, uma das formas de vida mais jovens, teve de lutar contra todo o tipo de obstáculos. O que é tão notável é que, ao contrário dos seus companheiros animais, ele

aprendeu a usar a sua mente como a sua ferramenta mais importante na luta pela existência. Isto levou-o para um reino extraordinário de imaginação e de ideias. Os nossos animais domésticos vivem no mundo físico; mas os nossos filhos já habitam um estranho mundo eletrónico de gravadores de vídeo e computadores que estaria fora do alcance de qualquer cão ou gato. O homem tornou-se uma criatura de dois mundos, com um pé na terra firme e um pé no mundo da mente.

Mas porque ele é uma das mais jovens de todas as criaturas da Terra (apenas alguns vírus são mais jovens), é extremamente inseguro de si mesmo. Com muito poucas exceções, cada indivíduo sente-se rodeado por um mundo vasto e hostil que o faz sentir-se como um pigmeu. Acima de tudo, este mundo imenso e complexo fá-lo sentir-se passivo, uma «criatura das circunstâncias». Alguma criatura primitiva de outro planeta bem poderia assumir que o homem se vê a si próprio como um deus, mas estaria enganada. Sentimos que temos muito pouca influência sobre as nossas vidas complicadas. Além disso, assim que nos sentimos cansados ou preocupados, sentimo-nos ainda mais «encurralados», e a nossa estimativa de nós próprios desce quase a zero.

Isto é absurdo. Se conseguirmos fazer o esforço imaginativo de nos colocarmos por trás dos olhos de um dos nossos antepassados das cavernas do final da era do Plistoceno, podemos imaginar o seu espanto se pudesse vislumbrar os zigurates dos sumérios, as pirâmides do Egito, os templos da Grécia, os aquedutos dos romanos; e se pudesse ver os nossos arranha-céus modernos e as sondas espaciais, considerar-nos-ia uma raça de super-homens.

Mas, num certo sentido, teria razão. Somos nós que não conseguimos compreender a magnitude da nossa própria realização. Permanecemos sujeitos a uma espécie de modéstia incapacitante, a uma neurose de autodepreciação. Devido à nossa incapacidade de alcançar um certo distanciamento das nossas próprias vidas — de as ver, por assim dizer, de uma perspetiva de ave e não de uma perspetiva de verme —, permanecemos sombriamente autocríticos, convencidos de que todas as nossas realizações técnicas e intelectuais são uma espécie de vaidade ou um prelúdio para a catástrofe.

Contudo, no último século, mais ou menos, começámos, de facto, a desenvolver uma espécie de «perspetiva de ave», uma certa capacidade de

pairar acima das trivialidades das nossas vidas quotidianas rumo ao reino da imaginação e do distanciamento intelectual. É esta capacidade que promete que o homem começará finalmente a compreender a magnitude da sua própria realização e a viver num nível de entusiasmo e vitalidade muito mais elevado.

Uma coisa parece clara: que os vários «poderes ocultos» de que falámos ao longo deste livro são postos em funcionamento quando estamos em estados de otimismo e de relaxamento. E, além disso, eles induzem um sentimento de otimismo e de relaxamento, como podemos ver no caso de Richard Church; por outras palavras, há um efeito de «retroalimentação». Tudo isto sugere que existe uma ligação estreita entre o otimismo, a «perspetiva de ave» e o desenvolvimento destes «poderes ocultos». Sugere também que o passo mais importante nesta direção é a capacidade de compreender o que está em jogo no intrigante fenómeno da sincronicidade.

A visão do futuro de Alan Vaughan recorda-nos que sempre existiram homens e mulheres que possuíam esta curiosa capacidade; são conhecidos como «profetas». Um dos principais problemas sobre os grandes profetas do passado — Nostradamus, Paracelso, a Mãe Shipton, o Vidente de Brahan — é que as suas profecias são frequentemente ambíguas. O «mago» Paracelso publicou em 1530 (onze anos antes da sua morte) uma série de profecias obscuras, incluindo uma de guerras, revoltas, massacres e conflagrações nos países do Norte, avisando os habitantes de Brabante, Flandres e Zelândia para terem cuidado.

Na altura em que Paracelso escreveu, os Países Baixos eram pacíficos e prósperos; catorze anos após a sua morte, passaram do imperador Carlos V para o seu filho Filipe de Espanha, que tentou impor o catolicismo com a ajuda da Inquisição, provocando um dos reinados de terror mais terríveis da história. Como profecia, então, é impressionante, mas poderia não passar de um palpite feliz — afinal, num mundo cheio de príncipes belicosos, nada é mais provável do que massacres, revoltas e conflagrações.

Michel Nostradamus, que morreu um quarto de século depois de Paracelso, é o mais controverso de todos os «profetas». In 1555, publicou a primeira edição das suas «quadras», estrofes de quatro versos organizadas em centúrias (grupos de 100 — cerca de doze ao todo, embora várias estejam incompletas). A maioria destas é incrivelmente obscura e, como

estão todas misturadas, é difícil adivinhar a que período se supõe que se aplicam. O que, por exemplo, se pode depreender disto:

Milan, Ferrare, Turin et Aquilleye, Capne, Brundis, vexez par gent Celtique, Par le Lyon et phalange aquilee, Quand Rome aura le chef vieux Britannique. (5:99)

Traduzido literalmente, isto parece significar: «Milão, Ferrara, Turim e Áquila, Cápua, Brindisi atormentadas por gente céltica (isto é, francesa), pelo Leão e pela falange aguilhada, quando Roma tiver o velho chefe britânico.»

Parece um absurdo completo. Mas um dos seus intérpretes, Stewart Robb, encontra ali um significado oculto. O exército francês usou a águia como emblema pela primeira vez sob o comando de Napoleão, pelo que presumivelmente ele é a «gente francesa» referida. Napoleão também ensinou o seu exército a formar-se em «falanges» macedónias. Napoleão gostava de pensar em si próprio como «o leão», e até pensou em adotá-lo como seu emblema. Assim, pareceria que a estrofe se refere às campanhas italianas de Napoleão (1796-7). Mas quem é o «velho chefe britânico» que Roma terá? Bem, aparentemente o irmão de *Bonnie Prince Charlie* vivia em Roma na altura, e os jacobitas gostavam de se referir a ele como Henrique IX da Grã-Bretanha, uma vez que o seu irmão já estava morto...

Uma interpretação interessante que não é de modo algum pouco convincente. Mas será o irmão de *Bonnie Prince Charlie* realmente tão importante que mereça uma menção na mesma frase que as campanhas italianas de Napoleão? Se Napoleão se tivesse encontrado com ele, ou se ele tivesse desempenhado algum papel na campanha, seria muito convincente; nas atuais circunstâncias, devemos sentir que o caso a favor de Napoleão não está provado.

Dito isto, deve admitir-se que existem algumas quadras muito convincentes. Há uma que reza assim:

Du nuit viendra par le foret de Reines Deux pars, valtorte, Herne la pierre blanche, Le moin noir en gris dedans Varenne, Eleu Cap. cause tempeste, feu, sang, tranche.

Por noite virá através da floresta de Reines Dois parceiros, por um vale tortuoso, Herne a pedra branca, O monge negro em cinzento dentro de Varenne: Capeto eleito, causa tempestade, fogo, sangue e corte.

Varennes só aparece uma vez na história da França, e foi quando o rei Luís XVI fugiu para lá com Maria Antonieta, escapando da Revolução Francesa. Foram através da floresta de Reines e perderam-se, por terem escolhido uma rota má («vale tortuoso»). O rei vestia um fato cinzento e era, de facto, um rei eleito (Capeto), o primeiro que a França tivera. E a sua fuga e subsequente detenção em Varennes levaram ao Terror, que terminou com a perda das suas cabeças (a palavra «*tranche*» quase soa à queda da guilhotina).

Isto é um número impressionante de «acertos». Mas continuámos sem conseguir explicar «Herne a pedra branca» e o monge negro. O rei tinha um temperamento monástico e fora impotente, pelo que poderia referir-se a isso; um comentador diz que *Herne* é um anagrama de *reine* — rainha, e que Maria Antonieta se vestia sempre de branco.

Outros «acertos» dizem respeito a Henrique de França, à Revolução Francesa e ao massacre de Nantes. Mas literalmente centenas de outras estrofes permanecem totalmente obscuras, como a seguinte:

Frasques navires seront jointes ensemble Faux ennemis, le plus fort aux remparts, Les faibles assaillis, Bratislava tremble, Lübeck et Misnen tiendront la barbare part.

Frágeis navios de guerra serão unidos Falsos inimigos, o mais forte nas muralhas, Os fracos atacados, Bratislava treme, Lübeck e Misnen deterão a parte bárbara.

A única palavra que salta à vista em tudo isto é Bratislava, a capital da Checoslováquia, e como também são mencionados dois nomes de lugares alemães, uma interpretação moderna partirá obviamente do pressuposto de que se trata da anexação da Checoslováquia por Hitler em 1939, e possivelmente da sua invasão do Norte de África em 1941 («a parte bárbara»).

A marinha alemã não era forte em 1939. Jean-Charles de Fontbrune explica na sua edição de Nostradamus que os «falsos inimigos» são os húngaros, cuja ameaça levou a Checoslováquia a proclamar a

independência; o «mais forte nas muralhas» é presumivelmente Hitler, mas o que ele está a fazer nas muralhas não é claro (Fontbrune sugere que está a vigiar). A Checoslováquia não tem costa marítima, pelo que é difícil perceber por que razão Bratislava treme perante a marinha alemã, ou por que razão Lübeck, que fica a 15 quilómetros do Báltico, no interior, deveria ser mencionada. (Misnen fica no Mar do Norte.) No seu conjunto, é necessário algo como um ato de fé para acreditar que Nostradamus estava realmente a profetizar os acontecimentos de 1939 e 1941.

Isto deverá trazer algum conforto àqueles que recordam a profecia mais famosa de Nostradamus:

L'an mille neuf cens nonante neuf sept mois Du ciel viendra un grand Roi deffrayeur. Rescusciter le grand Roi d'Angolmois Avant que Mars regner par bonheur.

Esta declara que, em julho de 1999, o «grande rei do terror» virá do céu. O grande rei dos mongóis, Gengis Khan, será ressuscitado (*Angolmois* supõe-se ser um anagrama de *Mongolais*), antes do que Mars (a guerra?) reinará alegremente. Mas o Milénio era olhado com terror supersticioso na Idade Média (e ainda hoje a palavra é sinónimo de acontecimentos de cortar a respiração, sejam agradáveis ou terríveis). A Mãe Shipton, outra profetisa notável que viveu em Yorkshire na época de Nostradamus, declarou confiantemente que

O mundo ao seu fim chegará Em mil oitocentos e oitenta e um.

A Mãe Shipton também profetizou «carruagens sem cavalos», pensamentos que voariam à volta do mundo «num piscar de olhos», navios de ferro que flutuariam na água e homens a voar no ar — um registo notável de sucesso. Profetizou mesmo que o Cardeal Wolsey veria York mas não conseguiria lá chegar, e estava correta — ele viu-a do topo da torre de um castelo, mas foi então chamado de volta a Londres e morreu no caminho. Mas também parece claro que os seus poderes de profecia perderam a precisão à medida que se estendiam para o futuro distante.

Outro profeta que previu carruagens sem cavalos — mas desta vez puxadas por carruagens de fogo (isto é, locomotivas de comboio) — era conhecido como o Vidente de Brahan, e viveu um século depois de Nostradamus. Coinneach Odhar (ou Kenneth Mackenzie) nasceu em Uig, na Ilha de Lewis (nas Hébridas), por volta de 1600. A notícia dos seus

poderes de «segunda vista» chegou ao seu suserano feudal, Kenneth *Cabarfeidh* Mackenzie — Lord Mackenzie de Kintail —, que vivia no Castelo de Brahan, e este dispensou o vidente do seu trabalho como trabalhador agrícola e permitiu-lhe viver sem pagar renda numa cabana com teto de turfa. O vidente atribuía os seus poderes a uma «pedra de adivinhar» com um buraco no meio, através do qual costumava olhar para ver o futuro. Foram os seus poderes de profecia a curto prazo que impressionaram Lord Mackenzie, como quando previu que uma mulher de Lochalsh choraria sobre o túmulo de um francês no cemitério de Lochalsh.

Parecia improvável, uma vez que havia poucos franceses na Escócia; mas, passados escassos meses, Mackenzie soube de uma mulher de Lochalsh que passava grande parte do tempo a chorar junto ao túmulo do seu marido francês, um lacaio, que morrera após a previsão do vidente. Quando um homem idoso, Duncan Macrae, perguntou ao vidente como terminaria os seus dias, houve uma incredulidade geral quando Odhar disse que ele morreria pela espada, uma vez que a paz reinava há já algum tempo. Em 1654, o General Monck liderou as tropas de Cromwell até Kintail e, ao encontrar Macrae, fez-lhe uma pergunta que Macrae não compreendeu. Macrae pôs a mão na espada e foi prontamente abatido.

Em 1630, o vidente passava por um pedaço de charneca quando previu que este ficaria «manchado com o melhor sangue das Terras Altas»: 116 anos mais tarde, foi ali o local da batalha de Culloden. Talvez o seu «tiro mais longo» tenha sido a profecia de que uma mulher chamada Annabella Mackenzie viveria na aldeia de Baile Mhuilinn e que morreria de sarampo. Esta profecia levou mais de dois séculos a cumprir-se; depois, uma senhora idosa com esse nome morreu de facto de sarampo em Baile Mhuilinn — com a idade de 95 anos.

Existem duas histórias sobre o fim do vidente. Uma afirma que a mulher do seu senhor lhe perguntou o que fazia o marido — Mackenzie estava nessa altura em Paris — e Odhar foi suficientemente imprudente para lhe dizer que o via ajoelhado aos pés de uma bela senhora. A Condessa ordenou então que ele fosse queimado num barril de alcatrão. A história mais provável refere que, estando a nobreza local reunida no Castelo de Brahan, o vidente comentou (em gaélico) que via mais nos filhos dos lacaios e dos moços de estrebaria do que nos filhos dos cavalheiros. Aparentemente, este comentário foi interpretado como

significando que os convidados aristocráticos tinham sido, na verdade, gerados por lacaios e moços de estrebaria.

A Condessa condenou-o a ser queimado; Lord Mackenzie chegou a casa demasiado tarde para o salvar, embora tivesse cavalgado como o vento para tentar impedir a execução. Antes de morrer, o vidente fez previsões sobre a família Mackenzie (Seaforth), incluindo a afirmação de que o último da linhagem seria surdo e mudo, que quatro filhos o precederiam no túmulo (um deles morrendo na água) e que a sua filha de «capuz branco» mataria a irmã. De facto, o último Lord Mackenzie nasceu em 1754, e a escarlatina afetou-lhe a audição aos 12 anos; mais tarde, a sua fala também foi afetada.

Os seus quatro filhos faleceram todos antes dele (tendo um morrido afogado). A sua filha Mary casou com o Almirante Samuel Hood e, quando o marido morreu, as suas vestes de viúva incluíam um capuz branco; ela conduzia uma carruagem com póneis quando os animais se espantaram e a carruagem capotou, matando a sua irmã.

Talvez as histórias mais bem fundamentadas de previsões exatas do futuro digam respeito ao ensaísta e ocultista francês Jacques Cazotte, mais conhecido pelo seu romance *Le Diable Amoureux*, no qual o Diabo toma a forma de uma rapariga atraente que conquista o amor de um espanhol que cometera o erro de o invocar. No início de 1788, Cazotte (que tinha então 69 anos) jantou a convite da Duquesa de Grammont, num repasto onde estava presente Jean de la Harpe, um conhecido ateu, que registou com alguma extensão o relato de uma profecia feita por Cazotte.

Após o jantar, a conversa recaiu sobre a possibilidade de uma revolução, que estava obviamente no ar e que a maioria deles (sendo liberais) saudava. Cazotte declarou subitamente que lhes podia dizer que veriam a revolução muito em breve. O filósofo Condorcet pediu mais informações e foi-lhe dito que morreria, deitado no chão de uma cela de prisão, devido ao veneno que tomaria para enganar o carrasco. O dramaturgo Chamfort, disse ele, cortaria as próprias veias, mas morreria alguns meses mais tarde. O astrónomo Bailly morreria às mãos da multidão. A própria duquesa seria levada ao cadafalso com as mãos amarradas atrás das costas, tal como seriam «senhoras ainda maiores». Ao ateu de la Harpe foi dito que se tornaria cristão. Um Sr. Vicq-d'Azir morreria no cadafalso, assim como o Sr. de Nicolai.

Todas estas profecias provaram ser exatas. O próprio de la Harpe tornou-se monge, e o seu relato dessa noite foi encontrado após a sua morte em 1803. Um estudioso chamado Walter Borman investigou todo o assunto no início do século XX e encontrou provas abundantes da profecia de Cazotte em diários e cartas da época. (O próprio «relato» de Harpe poderia, escusado será dizer, ter sido uma falsificação; foi publicado como parte de uma nova edição de *Le Diable Amoureux* em 1871, editada por Gérard de Nerval.) Além disso, a Baronesa d'Oberkirch descreveu na sua autobiografia (1852) como um grupo de pessoas no seu salão discutira a profecia de Cazotte antes de esta se cumprir, e como um médium que fora trazido pelo Marquês de Puységur (o descobridor do hipnotismo) fizera depois algumas profecias ainda mais surpreendentes sobre as pessoas presentes, todas as quais se revelaram exatas. Curiosamente, Cazotte não previu a sua própria morte na guilhotina em 1792; mas é geralmente aceite que os «profetas» são incapazes de prever o seu próprio futuro.

Todo o tema da precognição levanta uma questão fundamental: a de saber se, em algum sentido, o futuro já aconteceu — por outras palavras, se as nossas vidas estão totalmente predeterminadas. Num livro chamado *Beyond the Occult*, sugeri que a resposta a essa pergunta é: provavelmente sim.

«Ao olhar agora pela janela, consigo ver o vento a soprar a roupa estendida na corda e também a balançar o arbusto de celinda. Para mim, o próximo movimento do arbusto ou da roupa parece puramente uma questão de acaso; na verdade, eles são tão predeterminados como os movimentos das estrelas — como os meteorologistas vos poderiam dizer. O que é verdade é que os seres humanos introduzem um elemento de acaso genuíno no cenário; a minha mulher pode decidir regar o jardim em vez de estender a roupa. Mas os arbustos, embora vivos, pouco acaso conseguem introduzir no cenário.

Além disso, até o livre-arbítrio pode ser descrito em termos de estatística. O sociólogo Durkheim ficou surpreendido ao descobrir que é possível prever a taxa de suicídio com considerável precisão. Isto parece implicar que, com um conhecimento suficientemente detalhado, poderíamos prever exatamente quem se vai matar no próximo ano.»

O matemático Laplace partilhava de uma visão semelhante. Escreveu um livro clássico sobre os movimentos dos corpos celestes e observou que,

se um ser humano tivesse conhecimento suficiente do estado presente de cada partícula de matéria no universo, poderia passar a prever todo o futuro do universo.

Como é compreensível, achamos tal noção perturbadora, pois parece sugerir que somos meras engrenagens numa máquina gigantesca. Continuo sugerindo que esta atitude negativa é absurda, porque aceitamos a «predeterminação» espacial todos os dias sem preocupação — pelo contrário, ficaria muito preocupado se não soubesse se o próximo autocarro me levaria a Piccadilly ou a Pontefract. Mais ainda, percebo que a predeterminação espacial não faz diferença para o meu livre-arbítrio; posso escolher se vou para norte, sul, este ou oeste.

Contudo, há um paradoxo em tudo isto. Em *Man and Time,* J. B. Priestley cita um caso da autoria da Dra. Louisa Rhine. Uma jovem mãe teve um sonho no qual estava a acampar com alguns amigos na margem de um ribeiro. Levou o seu bebé consigo até à beira da água, com a intenção de lavar alguma roupa. Depois lembrou-se de que tinha deixado o sabão na tenda e voltou para o ir buscar. Quando regressou, o bebé estava deitado de bruços no ribeiro e, ao retirá-lo, descobriu que estava morto.

Na verdade, nesse verão ela foi acampar com alguns amigos, e montaram as tendas na margem de um ribeiro. Estava prestes a lavar alguma roupa quando se lembrou de que se tinha esquecido do sabão. Nesse momento, lembrou-se do seu sonho. Por isso, em vez de deixar o bebé para trás, aconchegou-o debaixo do braço e levou-o consigo de volta para a tenda. Se assumirmos que o seu sonho foi uma premonição genuína, então este salvou-a do desastre e mudou o seu futuro.

Brian Inglis cita outro exemplo interessante no seu livro *The Power of Dreams*. Uma rapariga acordou na cama uma manhã e, antes de abrir os olhos, teve a forte impressão de que estava na cama de um colega de trabalho. Não era um homem pelo qual ela tivesse tido qualquer interesse particular e, de facto, ele tinha namorada e ela estava apaixonada por outra pessoa. Quando abriu os olhos, o sentimento desapareceu. Nessa noite, numa função oficial da universidade, ela e o colega de trabalho aborreceram-se e escapuliram-se para um pub próximo.

Eventualmente acabaram numa «situação de namoriscar» num carro, e ele pressionou-a a voltar para casa com ele. Ela estava prestes a concordar

quando se recordou do seu estranho «sonho» daquela manhã e mudou de ideias. Ocorreu-lhe mais tarde que poderia ter evitado um desastre: naqueles dias de contraceção inadequada, poderia ter acabado grávida, confrontada com um casamento forçado ou com a condição de mãe solteira e a perda do emprego. Concluiu que o «sonho» tinha tido a intenção de ser um aviso.

Muitas outras histórias poderiam ser citadas para ilustrar o mesmo ponto: que as premonições podem mudar o futuro. Um homem (citado em *The Future is Now*, de Arthur Osborn) teve a premonição de que um carro surgiria numa curva do lado errado da estrada; na verdade, ao aproximar-se da curva mais tarde nesse dia, recordou a sua premonição e encostou-se para o outro lado da estrada. Segundos depois, o carro contornou a curva a alta velocidade.

A conclusão pareceria ser a de que o futuro não está predeterminado no que diz respeito aos seres humanos — pelo menos, não rigidamente predeterminado. Podemos afetá-lo com as nossas decisões.

Na altura em que escrevia *Beyond the Occult*, eu não tinha conhecimento das descobertas da «Teoria do Caos», desenvolvida por cientistas e matemáticos como Benoît Mandelbrot, Mitchell Feigenbaum, Kenneth Wilson e Edward Lorenz. A teoria do caos contradiz redondamente Laplace. Edward Lorenz foi responsável pela descoberta original em 1961, após conceber um programa de computador que simularia o estado do tempo com alguns meses de antecedência. Ao executar novamente uma parte do programa, decidiu poupar espaço reduzindo algumas casas decimais de seis algarismos para três, assumindo que a diferença de uma parte em mil não era importante.

Na verdade, esta minúscula diferença causou uma alteração crescente no padrão meteorológico do futuro. Resumiu a sua descoberta dizendo que um acontecimento tão pequeno como o bater de asas de uma borboleta na Sibéria poderia alterar o padrão meteorológico a longo prazo. Isto significa, na prática, que não importa quão sofisticados sejam os nossos computadores, o padrão meteorológico não pode ser previsto com precisão para mais do que um dia ou dois de antecedência. Além disso, começa a divergir cada vez mais da previsão.

Benoît Mandelbrot traduziu esta descoberta sob forma matemática (à qual deu o nome de «fractais»). Começou por considerar a questão de saber qual o comprimento de uma linha de costa. Soa bastante simples — basta traçar o contorno de um mapa com um pequeno dispositivo de medição que envolva uma roda. Mas um mapa é uma simplificação da realidade. Um mapa maior e mais preciso daria um valor maior, uma vez que traçaria todo o tipo de pequenos detalhes não incluídos no mapa mais pequeno.

Na verdade, cada pequena parte da linha de costa teria os seus próprios detalhes extra, e estes detalhes, por sua vez, teriam os seus próprios detalhes e assim por diante, até se ter reduzido a linha de costa à escala atómica, e seria impossível obter mais pormenores. Mas se uma linha de costa acidentada for gerada por um computador, este limite «atómico» nunca é alcançado. Imagine uma lupa gigante, capaz de uma ampliação infinita, aproximando-se cada vez mais de uma linha de costa gerada por um programa de computador. A linha de costa continuaria a tornar-se mais detalhada para sempre. E a milionésima milionésima ampliação continuaria a parecer estranhamente semelhante à primeira. É, na verdade, como uma dízima que pode continuar para sempre sem se repetir.

Os fractais de Mandelbrot também se aplicam ao estado do tempo; as suas possibilidades de variação são infinitas. E assim, cientificamente falando, a teoria do caos refuta a noção de que tudo o que acontece está predeterminado. A imagem do universo que sugeri em *Beyond the Occult* assemelha-se a um relógio gigante, prosseguindo inevitavelmente ao longo do seu curso predestinado. O ser humano pode introduzir pequenas variações, mas a uma escala tão minúscula que revestem a mesma importância que grãos de poeira flutuantes no Big Ben. De acordo com a teoria do caos, estes grãos de poeira, tal como as asas da borboleta, podem causar alterações virtualmente infinitas. Se a teoria do caos estiver correta, o futuro é infinitamente indeterminado.

E, no entanto, tal como toda a ideia de precognição contradiz a nossa visão de senso comum da realidade — a de que aquilo que ainda não aconteceu não pode ser conhecido —, também a realidade da precognição contradiz a teoria do caos. Dez dias antes de o *Titanic* dever zarpar, em abril de 1912, um homem chamado J. Connon Middleton sonhou duas vezes com um navio de passageiros a afundar-se. Como devia embarcar no

Titanic, ficou compreensivelmente preocupado e muito aliviado quando a conferência a que devia assistir foi cancelada. Um engenheiro de máquinas navais chamado Colin MacDonald também teve premonições de desastre e recusou assinar contrato com o *Titanic*; o homem que aceitou o cargo morreu afogado quando o *Titanic* se afundou a 14 de abril de 1912.

A teoria do caos afirma que seria impossível prever o estado do tempo com dez dias de antecedência. Portanto, mesmo que suponhamos alguma «super-PES» que pudesse obter acesso à informação relevante — sobre icebergs no Atlântico, a resistência do casco do *Titanic*, etc. —, continuaria a ser impossível ter uma premonição exata do desastre.

Na verdade, um romance chamado *The Wreck of the Titan*, publicado em 1898, catorze anos antes do desastre, prevê a catástrofe com uma precisão impressionante: o *Titan*, tal como o *Titanic*, fazia a sua viagem inaugural a partir de Southampton. Tinha 70 000 toneladas; o *Titanic* tinha 66 000. Ambos eram navios de três hélices capazes de atingir 25 nós. O *Titan* tinha 24 barcos salva-vidas, o *Titanic* 20. O seu autor, Morgan Robertson, era um escritor «semiautomático», que sentia que algum outro escritor assumia o controlo quando ele escrevia. Se *The Wreck of the Titan* não foi uma peça genuína de precognição, então foi um exemplo altamente convincente de sincronicidade.

Em suma, parece que estamos tão longe como sempre de alguma explicação «científica» para o mistério do tempo. Tudo o que parece óbvio é que existe algum sentido no qual as nossas perceções são independentes do tempo e que os seres humanos possuem, portanto, mais liberdade do que imaginam.

14. Vampiros, Lobisomens e Elementais

Num livro chamado *The Paranormal*, o psicólogo Stan Gooch descreveu como, aos 26 anos de idade, assistiu a uma sessão espírita em Coventry com um amigo e caiu espontaneamente num estado de transe. «E então, de repente, pareceu-me que um grande vento corria pela sala. Nos meus ouvidos estava o som ensurdecedor de águas rugindo... Conforme me senti arrebatado, perdi a consciência.» Quando acordou, soube que vários «espíritos» tinham falado por seu intermédio. Gooch descobrira que era um «médium».

Foi durante este período — revela Gooch num livro posterior chamado *Creatures from Inner Space* — que teve a sua primeira experiência de uma «invasão psíquica». Estava deitado na cama numa manhã de sábado, de olhos fechados, quando sentiu um movimento na almofada ao lado da cabeça, como se alguém tivesse pressionado suavemente uma mão contra ela. O movimento continuou durante algum tempo; mas, quando abriu os olhos, estava sozinho.

Vinte anos mais tarde, deitado semidesperto ao início da manhã, percebeu que outra pessoa estava na cama com ele. Sentiu que era um composto de várias raparigas que conhecera. «Nesta primeira ocasião, o meu interesse consciente pela situação levou a melhor sobre mim, e o súcubo desapareceu gradualmente. Em ocasiões subsequentes, contudo, a presença da entidade manteve-se, até que, finalmente, chegámos de facto a fazer amor.» Ele nota que, «De certos pontos de vista, o sexo é na verdade mais satisfatório do que com uma mulher real, porque no encontro paranormal elementos arquetípicos são tanto envolvidos como invocados.»

Curiosamente, Gooch não acredita que o seu súcubo (ou demónio feminino) fosse real; pensa que tais entidades são criações da mente humana. Cita casos de sujeitos hipnotizados que foram capazes de ver e tocar em alucinações sugeridas pelo hipnotizador, e um livro chamado *The Story of Ruth*, do Dr. Morton Schatzman, que descreve como uma rapariga cujo pai tentara violá-la em criança começou a ter alucinações com o pai e a acreditar que ele estava na sala com ela. Ele parece acreditar que o seu súcubo era uma alucinação semelhante. No entanto, esta perspetiva parece ser contraditada por outros casos que ele cita no livro.

O primeiro destes diz respeito a um polícia, Martin Pryer, que sempre fora «psíquico». A dada altura, decidiu tentar praticar o controlo de imagens hipnagogicas — as imagens que experienciamos no limiar do sono — e logo começou a ter experiências alarmantes. Numa ocasião, uma entidade estranha começou a agarrar-se às suas costas como uma lapa, e segurou-se até que ele cambaleou pela sala e acendeu a luz. Noutra ocasião, pensou que uma antiga namorada estava fora da janela e, quando perguntou o que ela fazia, ela respondeu: «Mandaste-me chamar.» Então, alguma entidade feminina pareceu agarrá-lo por trás, agarrando-se às suas costas; sentiu que ela queria que ele fizesse amor com ela «de uma maneira rude e violenta». Após alguns minutos, ela desapareceu.

Gooch passa a descrever as experiências de uma amiga atriz chamada Sandy, que também era «psíquica». Uma noite, ela acordou e sentiu que o projetor no canto do seu teto se transformara num olho que a vigiava. Depois sentiu uma entidade — sentiu que era masculina — deitada em cima dela e a tentar fazer-lhe amor. «Uma parte dela estava perfeitamente disposta a que o ato amoroso prosseguisse, mas outra parte sabia que queria que parasse.» A entidade tornou-se mais pesada e outra força pareceu arrastá-la para baixo através do colchão.

Ela fez um esforço para imaginar que se estava a puxar para cima através do colchão, e a pressão desapareceu subitamente. Mas, quando foi à casa de banho, descobriu que a sua boca estava orlada de estrias escuras e, quando a abriu, verificou que estava cheia de sangue seco. Não havia sinal de hemorragia nasal ou de qualquer outra lesão que pudesse explicar o sangue.

Já encontrámos o caso de «Marcia» de Guy Playfair, a professora primária brasileira que teve experiências com um «íncubo» depois de apanhar uma estátua da deusa do mar Iemanjá na praia (Capítulo 9, página 265). Tais casos tornam difícil aceitar a perspetiva de Gooch de que estas entidades são uma espécie de alucinação hipnótica. Ele parece ter chegado a essa conclusão porque o seu «súcubo» era uma mistura de namoradas anteriores. Mas, segundo a hipótese do «espírito preso à terra» apresentada por Carl Wickland (Capítulo 11), parece mais provável que a entidade tenha colocado essas ideias na sua mente — isto é, na sua imaginação.

Ele diz: «Em suma, esta entidade, embora possuindo atributos físicos e até psicológicos que me eram familiares, era, não obstante, essencialmente o seu próprio eu independente.» E concorda que os «elementos arquetípicos» foram, até certo ponto, «invocados» — ou seja, que ele próprio os estava a conjurar. Sandy conseguiu libertar-se da «invasão psíquica» ao imaginar que se puxava de volta para cima através do colchão, indicando que a entidade controlava a sua imaginação, não o seu corpo. Também notamos que estas «invasões psíquicas» ocorreram quando as três personagens — Gooch, Martin Pryer e Sandy — estavam ou a dormir ou a pairar entre o sono e a vigília, e, portanto, num estado de transe semelhante à mediunidade.

O «súcubo» (ou íncubo) era, como afirma o Rev. Montague Summers no seu livro *The Vampire*, uma versão primitiva dessa criatura mítica que é

o vampiro ou bebedor de sangue. E os vários relatos de possessão que considerámos parecem conduzir naturalmente à pergunta: era o vampiro real, ou é — como a maioria das pessoas sensatas assume — apenas um mito?

O vampiro, tal como é retratado em histórias como *Dracula* de Bram Stoker (1897), é uma espécie de cadáver ambulante que bebe sangue. Stoker baseou a sua personagem numa personagem histórica real: Vlad Tepes (o Empalador), Rei da Valáquia (1456-77) era, como o seu cognome implica, um homem de temperamento sádico cujo maior prazer era empalar os seus «inimigos» (o que significava qualquer pessoa contra quem nutrisse um rancor) em estacas pontiagudas; a estaca — espetada no chão — era inserida no ânus (ou, no caso das mulheres, na vagina), e a vítima era deixada a empalar-se lentamente sob o seu próprio peso — Vlad a miúdo mandava embotar a ponta para fazer com que a agonia durasse mais tempo.

No seu tempo, era conhecido como Drácula, que significa filho de um dragão (o do diabo). Estima-se que Drácula tenha mandado empalar cerca de 100 000 pessoas ao longo da sua vida. Quando conquistou Brasov, na Transilvânia, mandou empalar todos os seus habitantes em postes, dando depois um banquete por entre os cadáveres. Quando um nobre tapou o nariz devido ao mau cheiro, Vlad mandou vir um poste especialmente longo e mandou-o empalar. Quando esteve prisioneiro na Hungria, Vlad era mantido abastecido com pássaros, ratos e sapos, que empalava em pequenas estacas. Guerreiro corajoso e destemido, acabou por ser morto em batalha — ou possivelmente assassinado pelos seus próprios soldados — e a sua cabeça foi enviada para Constantinopla. Quatrocentos e vinte anos mais tarde, em 1897, foi imortalizado por Bram Stoker como o sinistro Conde Drácula, já não um maníaco sádico, mas um bebedor de sangue [^1].

Mas como começou a lenda do vampiro que bebe sangue?

A história chegou pela primeira vez à Europa pouco depois de 1718, quando Carlos VI, Imperador da Áustria, expulsou os turcos da Europa de Leste, que eles tinham dominado nos quatro séculos anteriores, marchando para dentro e para fora da Transilvânia, da Valáquia e da Hungria, e chegando mesmo a conquistar Constantinopla (1453). D. João de Áustria derrotou-os na grande batalha naval de Lepanto (1571), mas foi o fracasso em capturar Viena após um cerco em 1683 que causou a desintegração do

Império Otomano. Durante as fases iniciais desta guerra entre a Europa e a Turquia, Vlad, o Empalador, desferiu golpe após golpe contra os turcos, até que estes o mataram e decapitaram em 1477.

Quando os turcos foram finalmente derrotados, duzentos e quarenta e um anos mais tarde, os seus conquistadores ficaram intrigados ao ouvir histórias estranhas sobre pessoas mortas que podiam causar a morte dos vivos. Tais histórias eram conhecidas dos viajantes na Grécia ao longo dos séculos. Ali, o vampiro era conhecido como o *vrykolakas*, e, a 1 de janeiro de 1701, um botânico francês chamado Pitton de Tournefort visitara a ilha de Míconos e estivera presente numa macabra cena de dissecação. Um camponês anónimo, de génio sombrio e conflituoso, fora assassinado nos campos por pessoas desconhecidas. Dois dias após o enterro, foi relatado que o seu fantasma deambulava à noite, virando móveis e «pregando mil partidas travessas».

Dez dias após o seu sepultamento, celebrou-se uma missa para «expulsar o demónio» que se acreditava estar no cadáver, após o que o corpo foi desenterrado, e o açougueiro local recebeu a tarefa de lhe arrancar o coração. O seu conhecimento de anatomia parecia ser defeituoso, e ele rasgou o estômago e remexeu nos intestinos, provocando um fedor tão vil que teve de se queimar incenso. Na igreja cheia de fumo, as pessoas começaram a gritar «*Vrykolakas*» e a alegar que uma parte do fumo saía do próprio cadáver. Mesmo depois de o coração ter sido queimado na praia, o fantasma continuou a causar estragos, até que os aldeãos finalmente queimaram o cadáver numa pira.

De Tournefort assume uma atitude de grande superioridade em relação a tudo isto, convencido de que se trata simplesmente de histeria coletiva. «Nunca vi nada de tão piedoso como o estado desta ilha. A cabeça de toda a gente estava virada; as pessoas mais sensatas foram atingidas como as outras.» Embora o ano seja apenas 1701, a atitude de de Tournefort é a de um típico racionalista francês do século XVIII.

As atitudes começaram a mudar depois de 1718, à medida que os relatos altamente pormenorizados sobre vampiros começaram a chegar à Europa Ocidental — o quão precisos e detalhados eram é ilustrado pelo seguinte relatório, conhecido como *Visum et Repertum* (Visto e Descoberto), que data de 1732, e foi testemunhado por nada menos do que cinco oficiais austríacos:

«Depois de ter sido relatado na aldeia de Medvegia (perto de Belgrado) que os chamados vampiros tinham matado algumas pessoas sugando-lhes o sangue, fui, por alto decreto de um Honorável Comando Supremo local, enviado para lá para investigar o assunto a fundo, juntamente com oficiais destacados para esse fim e dois oficiais médicos subordinados, e, portanto, realizei e ouvi o presente inquérito na companhia do Capitão da companhia de haiduques de Stallath, Hadnack Gorschiz, do porta-estandarte e do haiduque mais velho da aldeia. (Eles relataram), unanimemente, o seguinte.

Há cerca de cinco anos, um haiduque local chamado Arnod Paole partiu o pescoço numa queda de uma carroça de feno. Este homem tinha, durante a sua vida, descrito frequentemente como, perto de Gossova na Sérvia turca, fora atormentado por um vampiro, razão pela qual comera da terra do túmulo do vampiro e se untara com o sangue do vampiro, a fim de se libertar do vexame que sofrera. Decorridos vinte ou trinta dias após a sua morte, algumas pessoas queixaram-se de estarem a ser incomodadas por este mesmo Arnod Paole; e, de facto, quatro pessoas foram mortas por ele. Para pôr fim a este mal, desenterraram Arnod Paole quarenta dias após a sua morte — isto por conselho do seu Hadnack, que já estivera presente em tais eventos antes; e descobriram que ele estava completamente inteiro e incorrupto, e que sangue fresco escorrera dos seus olhos, nariz, boca e ouvidos; que a camisa, o sudário e o caixão estavam completamente cheios de sangue; que as unhas velhas das suas mãos e pés, juntamente com a pele, tinham caído, e que outras novas tinham crescido.

E como viram por isto que ele era um verdadeiro vampiro, espetaram-lhe uma estaca no coração — segundo o seu costume —, após o que ele deu um gemido audível e sangrou abundantemente. Ato contínuo, queimaram o corpo até às cinzas no mesmo dia e deitaram-nas na sepultura. Estas mesmas pessoas dizem também que todos aqueles que foram atormentados e mortos por vampiros devem, eles próprios, tornar-se vampiros. Por conseguinte, desenterraram as quatro pessoas acima mencionadas da mesma maneira. Depois acrescentam também que este mesmo Arnod Paole atacou não só pessoas mas também gado, e sugou-lhes o sangue.

E como algumas pessoas comeram a carne de tal gado, pareceria que (esta é a razão pela qual) alguns vampiros estão novamente presentes aqui,

visto que, num período de três meses, dezassete pessoas jovens e velhas morreram, entre as quais algumas que, sem qualquer doença anterior, morreram em dois ou, no máximo, três dias. Além disso, o haiduque Jovitsa relata que a sua enteada, de nome Stanacka, se deitou para dormir há quinze dias, fresca e saudável, mas que à meia-noite sobressaltou-se no meio do sono com um grito terrível, medrosa e tremendo, e queixou-se de ter sido estrangulada pelo filho de um haiduque de nome Milloe (que morrera nove semanas antes), após o que sentira uma grande dor no peito e piorara de hora para hora, até que finalmente morreu ao terceiro dia.

»Posto isto, fomos na mesma tarde ao cemitério, juntamente com os já mencionados haiduques mais velhos da aldeia, a fim de fazer abrir as sepulturas suspeitas e examinar os corpos nelas contidos. Pelo que, depois de todos terem sido (exumados e) dissecados, se encontrou o seguinte:

»1. Uma mulher de nome Stana, de 20 anos de idade, que morrera de parto há dois meses, após uma doença de três dias, e que ela própria dissera antes de morrer que se pintara com o sangue de um vampiro — pelo que tanto ela como a criança, que morrera pouco depois do nascimento e por sepultamento descuidado fora meio comida por cães — também se deviam tornar vampiros. Estava completamente inteira e incorrupta. Após a abertura do corpo, encontrou-se na *cavitate pectoris* uma quantidade de sangue extravascular fresco.

Os vasos das *arteriae*, tal como os *ventriculis cordis*, não estavam, como é habitual, cheios de sangue coagulado; e todas as vísceras — isto é, o pulmão, o fígado, o estômago, o baço e os intestinos — estavam bastante frescas, como estariam numa pessoa saudável. O útero estava, contudo, bastante aumentado e muito inflamado externamente, pois a placenta e os lóquios tinham permanecido no lugar, razão pela qual o mesmo se encontrava em completa putrefação. A pele das suas mãos e pés, juntamente com as unhas velhas, caiu por si mesma, mas, por outro lado, unhas completamente novas eram evidentes, juntamente com uma pele fresca e viva.

»2. Havia uma mulher de nome Militsa, de 60 anos de idade, que morrera após uma doença de três meses e fora enterrada há cerca de noventa dias. No peito encontrou-se muito sangue líquido, e as outras vísceras estavam — como as mencionadas acima — em bom estado. Durante a sua ddissecação, todos os haiduques que estavam ao redor

maravilharam-se grandemente com a sua rijeza e corpo perfeito, afirmando uniformemente que tinham conhecido bem a mulher desde a sua juventude, e que ela fora ao longo de toda a sua vida muito magra e sequinha; sublinharam que ela alcançara tão surpreendente rijeza na sepultura. Disseram também que fora ela quem começara os vampiros desta vez, porque andara a comer da carne daquelas ovelhas que tinham sido mortas por vampiros anteriores.

»3. Havia uma criança de oito dias que jazera na sepultura durante noventa dias, e que também se encontrava numa condição de vampirismo.

»4. O filho de um haiduque, de 16 anos de idade, chamado Milloe, foi desenterrado, tendo jazido na terra durante nove semanas, depois de ter morrido de uma doença de três dias, e foi encontrado como os outros vampiros. [Este é obviamente o vampiro que atacara a enteada do haiduque Jovitsa.]

»5. Joachim, também filho de um haiduque, de 17 anos de idade, morrera após uma doença de três dias. Estivera enterrado oito semanas e quatro dias e, ao ser dissecado, foi encontrado em condição semelhante.

»6. Uma mulher de nome Ruscha, que morrera após uma doença de dez dias e fora enterrada seis semanas antes, na qual havia muito sangue fresco, não só no peito mas também in *fundo ventriculi*. O mesmo se manifestava no seu filho, que tinha dezoito dias de idade e morrera cinco semanas antes.

»7. Não menos uma rapariga de 10 anos de idade, que morrera dois meses antes, encontrava-se na condição acima mencionada, completamente inteira e incorrupta, e tinha muito sangue fresco no seu peito...

»8. Mandaram desenterrar a mulher do Hadnack, juntamente com o seu filho. Ela morrera sete semanas antes, o seu filho — que tinha oito semanas de vida — vinte e um dias antes, e descobriu-se que a mãe e o filho estavam completamente decompostos, embora a terra e a sepultura fossem como as dos vampiros que jaziam por perto.

»9. Um criado do cabo local dos haiduques, de nome Rhade, de 23 anos de idade, morreu após uma doença de três meses e, após estar enterrado cinco semanas, foi encontrado completamente decomposto.

»10. A mulher do porta-estandarte local, juntamente com o seu filho, também estavam completamente decompostos.

»11. Com Stanche, um haiduque de 60 anos de idade, que morrera seis semanas antes, notei um abundante sangue líquido, como os outros, no peito e no estômago. O corpo inteiro estava na já mencionada condição de vampirismo.

»12. Milloe, um haiduque de 25 anos de idade, que jazera durante seis semanas na terra, também foi encontrado numa condição de vampirismo.

»13. Stanoicka (antes chamada Stanacka), a mulher de um haiduque, de 23 anos de idade, morreu após uma doença de três dias e fora enterrada dezoito dias antes. Na dissecação, descobri que o seu semblante estava bastante vermelho e de uma cor viva; como foi mencionado acima, ela fora estrangulada à meia-noite por Milloe, o filho de um haiduque, e também se via, no lado direito por baixo da orelha, uma marca azul pisada de sangue (isto é, uma contusão) do comprimento de um dedo (demonstrando que fora estrangulada). Conforme era retirada da sepultura, uma quantidade de sangue fresco escorreu-lhe do nariz. Com a dissecação, encontrei — como já tantas vezes foi mencionado — um sangramento fresco e de odor regular, não só na cavidade torácica, mas também no ventrículo cardíaco. Todas as vísceras foram encontradas numa condição completamente boa e saudável. A pele de todo o corpo, juntamente com as unhas das mãos e dos pés, estava como que completamente fresca.

»Após o exame ter tido lugar, as cabeças dos vampiros foram cortadas pelos ciganos locais e depois queimadas juntamente com os corpos, após o que as cinzas foram atiradas para o rio Morava. Os corpos decompostos, porém, foram colocados de volta nas suas próprias sepulturas. O que atesto juntamente com os oficiais médicos assistentes que me foram facultados.

»*Actum ut supra*: »L.S. (Assinado) Johannes Fluchinger, Oficial Médico Regimental do Regimento de Infantaria do Honorável B. Furstenbusch. »L.S. J.H. Sigel, Oficial Médico do Honorável Regimento Morall. »L.S. Johann Friedrich Baumgarten, Oficial Médico do Regimento de Infantaria do Honorável B. Furstenbusch.

»Os abaixo-assinados atestam por este meio que tudo o que o Oficial Médico Regimental do Honorável Furstenbusch observou na questão dos vampiros — juntamente com ambos os oficiais médicos que assinaram com

ele — é em tudo verdadeiro, e foi realizado, observado e examinado na nossa própria presença. Em confirmação do exposto, segue a nossa assinatura pela nossa própria mão, por nós feita, Belgrado, 26 de janeiro de 1732. »L.S. Buttener, Tenente-Coronel do Honorável Regimento Alexandrino. »L.S. J.H. von Lindenfels, Oficial do Honorável Regimento Alexandrino.»

[^1]: Para um relato mais longo sobre Vlad, o Empalador, ver *The Mammoth Book of True Crime 2*.

A primeira coisa que notamos neste relato é que os «vampiros» não eram, obviamente, capazes de se levantar e sair a caminhar dos seus túmulos, uma vez que estavam selados nos seus caixões. Eram claramente os seus espíritos que causavam o problema. E a rapariga Stanacka não foi atacada da maneira que associamos a Drácula — pelas presas do vampiro —, mas foi, pelos vistos, estrangulada. Além disso, notamos no caso do *vrykolakas* relatado pelo botânico francês Tournefort que o vampiro deambulava pela cidade «pregando mil partidas travessas». Isto soa mais a um *poltergeist* do que ao vampiro tradicional.

Outro vampiro descrito num longo relatório oficial de 1725, Peter Plogojowitz, parece também ter ido ter com as suas vítimas «no decurso do sono, deitando-se sobre elas e estrangulando-as». Mas alguém que é estrangulado morre imediatamente. Nos relatórios de vampiros, temos pessoas que continuaram vivas — como Stanacka — por vários dias. Soa como se o vampiro lhes estivesse a sugar a vitalidade, e não o sangue. Isto produziria, escusado será dizer, uma sensação de sufocação ou estrangulamento. Por outras palavras, o vampiro parece ser uma entidade demoníaca que possui a vítima, como em tantos dos casos que encontrámos no Capítulo 11, fazendo-as morrer de exaustão, como o Padre Tranquille no caso de Loudun.

Os detalhes do sangue no peito do vampiro exhumado parecem intrigantes, até notarmos que o sangue é encontrado na cavidade torácica (*cavitate pectoris*) da mulher chamada Stana, enquanto os pulmões são mencionados separadamente na mesma frase. Se ela tivesse estado a beber sangue, este estaria no estômago, não na cavidade torácica. O sangue encontrado no peito é presumivelmente o do próprio vampiro, e é apenas uma prova de que a criatura é um «não morto».

Ora, na verdade, os relatos de «lâmias», ou fantasmas predadores, remontam à Grécia Antiga — o poema *Lamia* de Keats conta uma história tradicional sobre uma, que ele pede emprestada a uma biografia do mago Apolónio de Tiana escrita por Filóstrato.

Existem relatos ainda mais antigos de mortos-vivos. O especialista francês em vampiros, Jean Marigny, observa:

«Bem antes do século XVIII, a época em que a palavra "vampiro" apareceu pela primeira vez, as pessoas acreditavam na Europa que os mortos eram capazes de se erguer dos seus túmulos para sugar o sangue dos vivos. As crónicas mais antigas em latim mencionam manifestações deste tipo, e os seus autores, em vez de empregarem a palavra "vampiro" (que ainda não existia), utilizavam um termo igualmente explícito, a palavra "*sanguisugae*" (latim para sanguessuga, chupador de sangue). As mais antigas destas crónicas datam dos séculos XII e XIII e, ao contrário do que se poderia esperar, não estão ambientadas em partes remotas da Europa, mas sim em Inglaterra e na Escócia.» [^1]

Ele passa a citar quatro casos descritos pelo cronista do século XII Guilherme de Newburgh, autor de *Historia Rerum Anglicarum*. Estes são longos demais para citar aqui (embora possam ser encontrados na íntegra em *The Vampire in Europe* de Montague Summers). O primeiro, «Do extraordinário acontecimento em que um homem morto deambulou pelo exterior fora do seu túmulo», descreve um caso em Buckinghamshire, relatado ao cronista pelo arquidiácono local. Descreve como um homem regressou do túmulo na noite seguinte ao seu enterro e atacou a sua mulher. Quando isto aconteceu novamente na noite seguinte, a mulher pediu a vários vizinhos que passassem a noite com ela, e os gritos deles afugentaram o fantasma. Depois, o fantasma começou a criar uma perturbação geral na cidade, atacando animais e alarmando as pessoas. Que ele era um fantasma, e não um corpo físico, é provado pelo comentário de que algumas pessoas o conseguiam ver ao passo que outras não (embora «sentissem percetivelmente a sua horrível presença»).

O arquidiácono consultou o bispo, Hugo de Lincoln, que — por conselho de vários homens eruditos — sugeriu que o corpo fosse desenterrado e reduzido a cinzas. Depois, decidiu que isso seria «indesejável» e, em vez disso, escreveu uma carta de absolvição. Quando o túmulo foi aberto, o corpo revelou estar «incorrupto», tal como no dia em

que fora enterrado. A absolvição foi colocada no seu peito e o túmulo fechado novamente; depois disso, o fantasma cessou de deambular pelo exterior.

Outro dos relatos de Guilherme de Newburgh soa ligeiramente mais parecido com o vampiro tradicional, na medida em que o fantasma — de um homem rico que morrera em Berwick-upon-Tweed — exalava um odor de decomposição que afetava o ar e causava peste. O corpo foi exumado (não está registado se estava incorrupto) e queimado.

Histórias como estas têm os laivos de absurdo que seriam de esperar de um cronista eclesiástico daquele período; contudo, a sua semelhança com as outras crónicas citadas sugere que têm alguma base comum. O mesmo se aplica a outra obra, *De Nugis Curialium* de Walter Map (1193), também citada extensamente por Summers.

Todos estes casos ocorreram muito antes de a Europa Ocidental ouvir histórias de vampiros vindas dos antigos domínios turcos, e em apenas um deles há qualquer sugestão de ingestão de sangue. Mas, na maioria dos aspetos, os retornados comportam-se de forma muito semelhante a Peter Plogojowitz e aos vampiros de Medvegia. Eles assombram os vivos, metem-se na cama com as pessoas quando estas estão a dormir e depois estrangulam-nas, deixando-as desprovidas de energia. E quando os corpos são desenterrados, descobrem-se incorruptos. Parece muito claro que não existe uma diferença básica entre os vampiros de 1732 e os retornados do século XII.

E quando olhamos mais de perto para os relatos dos vampiros, descobrimos que eles são sugadores de energia e não sugadores de sangue. Peter Plogojowitz tem sangue fresco na boca, mas é uma mera questão de boato que tenha sugado o sangue das suas vítimas — o relato menciona apenas estrangulamento. De resto, estes retornados mais antigos comportam-se de forma muito semelhante ao fenómeno paranormal conhecido como *poltergeist*.

Dois casos do século XVI também guardam uma estreita semelhança com as lendas de vampiros posteriores. Um é conhecido como o Sapateiro de Breslau, e encontra-se na obra *Antidote Against Atheism* de Henry More, de 1653. Esta descreve como, a 21 de setembro de 1591, um sapateiro abastado de Breslau, na Silésia — um relato dá o seu nome como

Weinrichius —, cortou a garganta com uma faca e pouco depois morreu devido ao ferimento.

Como o suicídio era considerado um pecado mortal, a sua mulher tentou ocultá-lo e anunciou que o marido morrera de um escorbuto. Uma velha foi admitida no segredo, e lavou o corpo e ligou a garganta com tanta perícia que a ferida ficou invisível. Um padre que veio consolar a viúva foi levado a ver o cadáver e não notou nada de suspeito. O sapateiro foi enterrado no dia seguinte, 22 de setembro de 1591.

Talvez por causa desta pressa indecorosa e da recusa da mulher em permitir que os vizinhos vissem o corpo, surgiu o rumor de que o sapateiro se tinha suicidado. Depois disto, o seu fantasma começou a ser visto na cidade. Em breve, estava a meter-se na cama com as pessoas e a apertá-las com tanta força que deixava as marcas dos seus dedos na carne delas. Isto acabou por se tornar um incómodo tal que, no ano seguinte ao enterro, a 18 de abril de 1592, o conselho ordenou que a sepultura fosse aberta. O corpo estava inteiro e intacto pela decomposição, mas «inchado como um tambor».

Nos seus pés, a pele tinha descascado e outra crescera, «muito mais pura e forte do que a primeira». Tinha um «sinal como uma rosa» no dedo grande do pé — o que foi interpretado como uma marca de bruxa — e não havia cheiro a decomposição, exceto no próprio sudário. Mesmo a ferida na garganta estava incorrupta. O cadáver foi colocado sob uma força, mas o fantasma continuou a aparecer. Por volta de 7 de maio, tinha ficado «muito mais cheio de carne».

Finalmente, o conselho ordenou que o cadáver fosse decapitado e desmembrado. Quando o corpo foi aberto, o coração revelou-se «tão bom como o de um vitelo fresco de matadouro». Por fim, o corpo foi queimado numa enorme fogueira de madeira e pez, e as cinzas atiradas ao rio. Depois disto, o fantasma cessou de aparecer.

Paul Barber, citando o caso em *Vampires, Burial and Death*, concorda que «muito nesta história é implausível», mas aponta que tantos detalhes — nomeadamente a descrição do corpo — são tão precisos que não deixam dúvidas de «que estamos a lidar com acontecimentos reais».

Mas quais são estes «acontecimentos reais»? Antes de comentarmos mais, consideremos outro caso bem conhecido do mesmo ano, 1592 (o qual

é, escusado será dizer, mais de um século anterior ao famoso surto de vampiros na Europa de Leste). Este também se encontra em More, e diz respeito a um vereador de Pentsch (o Pentach) na Silésia, chamado Johannes Cuntze (cujo nome More latiniza para *Cuntius*). No seu caminho para jantar com o presidente do município, Cuntze tentou examinar a ferradura solta de um cavalo fogoso e recebeu um coice, presumivelmente na cabeça. O golpe parece ter perturbado a sua razão; queixava-se de que era um grande pecador e de que o seu corpo estava a arder. Recusou também ver um padre. Isto deu origem a todo o tipo de rumores sobre ele, incluindo o de que tinha feito um pacto com o diabo.

Enquanto Cuntze morria, com o filho ao lado da cama, a janela abriu-se e um gato preto saltou para o quarto e atirou-se à cara de Cuntze, arranhando-o gravemente; ele morreu logo a seguir. No seu funeral, a 8 de fevereiro de 1592, «levantou-se uma grande tempestade», que continuou a rugir enquanto ele era enterrado junto ao altar da igreja local.

Antes de ser enterrado, houve histórias de que o seu fantasma aparecera e tentara violar uma mulher. Após o enterro, o fantasma começou a comportar-se como um duende travesso, atirando coisas, abrindo portas e causando estrondos de tal modo que «toda a casa tremia novamente» — na manhã seguinte a estes acontecimentos, pegadas de animais ou marcas de cascos foram encontradas lá fora na neve.

A sua viúva tinha a criada a dormir na sua cama; o fantasma de Cuntze apareceu e exigiu que lhe fosse permitido tomar o seu devido lugar ao lado da mulher. E o pároco da freguesia (que é mencionado como o cronista destes acontecimentos) sonhou que Cuntze o estava a «apertar», e acordou sentindo-se totalmente exausto. O espírito era também capaz de fazer com que um fedor nauseabundo enchesse o quarto.

A conclusão é muito semelhante à da história do sapateiro de Breslau. Cuntze foi finalmente desenterrado a 20 de julho, cinco meses após o seu enterro, e foi encontrado incorrupto, e quando uma veia da perna foi aberta, o sangue que correu era «tão fresco como o de um vivo». Depois de ter sido transportado para a fogueira com alguma dificuldade — o seu corpo tinha-se tornado aparentemente tão pesado como uma pedra —, foi desmembrado (o sangue revelou-se bastante fresco) e reduzido a cinzas.

Portanto, as primeiras histórias de vampiros são muito claramente sobre *poltergeists*, e não sobre bebedores de sangue. E os casos gregos e da Europa de Leste guardam uma forte semelhança com histórias de «possessão demoníaca», como tantas das relatadas no Capítulo 11.

Se conseguirmos conceder uma vez a possibilidade de uma «invasão psíquica», bem como a possibilidade de «espíritos», então a noção de vampiros parece subitamente menos absurda. Em *The Magus of Strovolos*, um académico americano, Kyriacos C. Markides, descreveu a sua amizade com um místico e «mago» cipriota moderno, Spyros Sathi, conhecido como Daskalos, que vive em Nicósia. Daskalos assume a realidade concreta dos espíritos como certa.

Torna-se também claro que Daskalos assume a «possessão» como certa, e Markides conta uma série de histórias, em algumas das quais esteve pessoalmente envolvido. Existem, afirma Daskalos, três tipos de possessão: por espíritos humanos mal-intencionados, por entidades demoníacas e por elementais (sendo estes últimos pensamentos e desejos humanos que ganharam vida própria). E passa a descrever um caso de possessão espiritual do primeiro tipo: Daskalos foi abordado pelos pais de uma rapariga que afirmava estar a ser assombrada pelo espírito do seu falecido noivo. Embora tivessem vivido juntos, ela recusara permitir que ele a possuísse até estarem casados. Ele morreu de tuberculose, atormentado por desejos insatisfeitos. «Todas as noites, antes de ela ir para a cama, ele semi-hipnotizava-a e induzia-a a manter a janela do seu quarto aberta. Ele entrava então dentro de um morcego e vinha ter com ela. O morcego fixava-se no pescoço dela e extraía sangue e energia etérica.»

O sacerdote local disse a Daskalos como lidar com isso. Ele devia esperar no quarto ao lado e, quando ouvisse o morcego entrar, devia entrar e fechar rapidamente a janela; depois, uma vez que o morcego o atacaria, devia atordoá-lo com uma vassoura. Em seguida, devia embrulhar o morcego numa toalha e queimá-lo num braseiro. Daskalos fez isto e, enquanto o morcego ardia, a rapariga gritava e gemia. Depois acalmou-se e perguntou: «Porque é que me estava a tentar queimar?» O «assombro» cessou a partir de então.

Daskalos contou outra história que tem elementos de vampirismo. Numa viagem ao sul da Grécia, encontrara outra rapariga que estava a ser assombrada por um antigo amante. Um pastor que estivera apaixonado por

ela morrera num acidente de viação. Cinco anos mais tarde, ao procurar algumas cabras, a rapariga viu o pastor — cujo nome era Loizo — e ele seguiu-a, fazendo-a finalmente sentir muito sono, pelo que se sentiu obrigada a sentar-se. Ele então «hipnotizou-a» e fez com que ela experienciasse um prazer sexual intenso. Quando relatou o incidente, foi submetida a exame médico e verificou-se que era virgem. Mas três dias depois o pastor foi à sua cama e fez-lhe amor. O exame médico revelou que ela já não era virgem. Daskalos notou duas manchas avermelhadas no pescoço dela. «Ele beija-me ali, mas os beijos dele são estranhos. São como sugar, e eu gosto deles.»

Daskalos afirmou que, dois dias mais tarde, viu o pastor a entrar na casa e cumprimentou-o. Loizo explicou que queria a rapariga há muitos anos e que nunca tivera relações sexuais com uma mulher — apenas com animais como burros e cabras. Agora que a possuía, não tinha qualquer intenção de a deixar ir. Recusou-se a acreditar quando Daskalos lhe disse que estava morto. Daskalos avisou-o de que, se persistisse em possuir a rapariga, permaneceria «num estado narcotizado como um vampiro». Os seus argumentos acabaram por convencer o pastor, que concordou em ir-se embora.

O médico que examinou a rapariga acreditava que ela tinha rompido o hímen com os próprios dedos; Daskalos parece aceitar isto, mas acredita que Loizo a fez fazer isso.

Estes dois casos, tomados em conjunção com os outros que considerámos, oferecem algumas pistas interessantes sobre a natureza do vampiro. De acordo com Daskalos, o «espírito preso à terra» do noivo falecido foi capaz de entrar num morcego comum e depois sugar o sangue dela. Isto era uma expressão do seu desejo sexual, do seu desejo de a possuir. Existiram muitos casos na história do crime sexual do chamado «vampirismo». No início da década de 1870, um jovem italiano chamado Vincenzo Verzeni assassinou três mulheres e tentou estrangular várias mais.

Verzeni estava possuído por um desejo poderoso de estrangular mulheres (e até aves e animais). Depois de estrangular uma rapariga de 14 anos chamada Johanna Motta, desviscerou-a e bebeu o seu sangue. Verzeni admitiu que lhe dava um prazer intenso cheirar as roupas das mulheres e «satisfazia-me agarrar as mulheres pelo pescoço e sugar-lhes o sangue».

Portanto, é fácil imaginar que o noivo preso à terra mencionado por Daskalos sentisse prazer em beber o sangue da rapariga. Mas também podemos ver que o seu desejo de a «possuir» era também satisfeito de outra maneira — controlando de algum modo a sua imaginação. Enquanto o morcego ardia, a rapariga gritou: «Porque é que me estava a tentar queimar?».

Também no caso de Loizo, podemos ver que o pastor tinha entrado no corpo da rapariga e tomado posse da sua imaginação, o suficiente para fazer com que ela rompesse o próprio hímen com os dedos. Isto implica — como seria de esperar — que o ato amoroso não se dava no nível físico, uma vez que Loizo não possuía corpo.

Tudo isto tem implicações interessantes. O ato amoroso parece envolver um paradoxo, uma vez que é uma tentativa de interpenetração por dois corpos, uma tentativa que está condenada ao fracasso pela sua separação. Platão exprime o paradoxo num mito divertido. Os seres humanos eram originalmente seres esféricos que possuíam as características de ambos os sexos. Como a sua pura vitalidade os tornava um desafio para os deuses, Zeus decidiu que eles tinham de ser enfraquecidos. Por isso, cortou-os a todos pelo meio, «como tu e eu poderíamos cortar uma maçã», e virou as suas caras ao contrário. E agora as partes separadas passavam as suas vidas numa busca desesperada pela sua outra metade, e deixaram de constituir um desafio para os deuses.

É também claro que, na sua forma mais rude, o impulso sexual masculino é basicamente um desejo de «posse» e que o ato de penetração física é um ato de agressão. (A maioria dos escritores sobre Drácula notou que se trata basicamente de uma fantasia de violação.) À medida que um homem segura uma mulher nos seus braços, experiencia um desejo de a absorver, de se fundir com ela, e a penetração real é apenas uma união simbólica. Assim, poderíamos dizer que um «vampiro» como Loizo é capaz de alcançar aquilo com que cada amante sonha: uma posse que envolve uma interpenetração total.

A noção de vampirismo que começa a emergir de tudo isto é simples e (desde que se possa aceitar a noção de «espíritos presos à terra») plausível. Daskalos disse a Markides que aqueles que cometem suicídio podem ficar retidos no «etérico do mundo material bruto», incapazes de se moverem para os planos psíquicos mais elevados. Um suicida morre num «estado de

desespero e confusão» e «pode vibrar demasiado perto do mundo material, o que não lhe permitirá encontrar descanso». Torna-se um «fantasma faminto», deambulando para dentro e para fora das mentes dos seres humanos como um homem que deambula por uma cidade deserta. Contudo, é incapaz de influenciar o seu hospedeiro involuntário, ou de fazer notar a sua presença, a menos que o hospedeiro também se encontre no mesmo «comprimento de onda» e partilhe dos mesmos desejos.

O vampirismo, então, envolve a noção — que já encontrámos em *Thirty Years Among the Dead* de Wickland — de que os «espíritos presos à terra» são atraídos pela vitalidade da aura humana e podem fazer o seu melhor para a partilhar. Um livro chamado *Hungry Ghosts*, do jornalista Joe Fisher, ilustra este ponto com grande força. Fisher escrevera um livro sobre a reencarnação, no decurso do qual ficara convencido da sua realidade.

Um dia, após ser entrevistado na rádio em Toronto (onde vive), recebeu uma chamada telefónica de uma mulher que explicava que se tinha tornado acidentalmente porta-voz de «entidades desencarnadas». Estava a ser hipnotizada numa tentativa de a curar da leucemia, e vários «guias espirituais» tinham começado a falar pela sua boca. (Myers aponta que um «espírito» só pode entrar num corpo quando o «inquilino» habitual está ausente, um ponto a notar quando se considera que os primeiros relatos de vampiros envolvem ataques durante o sono.)

[^1]: «*La Tradition Legendaire du Vampire en Europe*», em «*Les Cahiers du G.E.R.F*» (*Groupe d'Etudes et de Recherche sur Le Fantastique*), Universidade de Línguas e Letras de Grenoble, 1987.

A primeira vez que Fisher foi a casa dela, um «espírito» chamado Russell falou pela sua boca com um sotaque tranquilizador de Yorkshire e disse-lhe que ele tinha uma «guia» feminina, uma rapariga grega chamada Filipa, que fora sua amante numa existência anterior, três séculos antes. Isto pareceu plausível a Fisher, uma vez que sempre sentira alguma afinidade com a Grécia. Começou a frequentar as sessões regularmente e a dedicar algum tempo todas as manhãs a relaxar e a tentar contactar Filipa.

Eventualmente, conseguiu; a zumbidos nos seus ouvidos seguia-se uma sensação de bem-estar e comunicação. Filipa era uma criaturinha sensual que gostava de ser abraçada, e Fisher dá a entender que, em certo

sentido, se tornaram amantes. Isto acabou com o seu namoro da altura; a namorada com quem vivia sentiu que não tinha hipótese contra um fantasma.

A outras pessoas nas sessões falava-se dos seus «guias» ou anjos da guarda. Um guia era um antigo piloto da RAF chamado Ernest Scott, outro um divertido *cockney* chamado Harry Maddox. A desilusão de Fisher começou quando, numa viagem de regresso a Inglaterra, decidiu tentar verificar as histórias de guerra de Ernest Scott — sem qualquer dúvida de que se revelariam genuínas. O aeródromo era certamente genuíno; também o era o esquadrão a que Ernest afirmava ter pertencido; as descrições dos raides em tempo de guerra eram exatas; assim como as descrições das deslocações do esquadrão de aeródromo em aeródromo. Mas não houvera nenhum Ernest Scott no esquadrão, e uma longa busca no *Public Record Office* não conseguiu encontrar o seu nome. Fisher regressou ao Canadá de mau humor e acusou Ernest de mentir. Ernest negou-o categoricamente.

De qualquer forma, disse ele, estava prestes a reencarnar noutro corpo, pelo que tinha de partir... O «guia» Russell disse mais tarde a Fisher que Ernest renascera em Inglaterra, e deu o nome dos pais e a data de nascimento. Curiosamente, quando Fisher verificou isto, revelou-se exato. Chegou mesmo a contactar os pais, que ficaram intrigados, mas decidiram que não tinham desejo de se envolver mais profundamente.

Com a aprovação de Russell, Fisher tentou localizar a quinta em Yorkshire onde Russell afirmava ter vivido no século XIX. Também aqui, muitos dos factos que Russell dera sobre a zona de Harrogate provaram ser exatos; mas, uma vez mais, os factos cruciais estavam simplesmente errados. Parecia que Russell também era um mentiroso. E o mesmo se verificou, após investigação, relativamente ao adorável veterano da Primeira Guerra Mundial, Harry Maddox. Os seus relatos das batalhas da Primeira Guerra Mundial eram exatos; mas Harry não existia.

Finalmente, Fisher levou a sua busca até à Grécia. Apesar da sua desilusão com os outros guias, não tinha dúvida alguma de que Filipa era genuína. Ela possuía, afirma ele no início do livro, «mais amor, compaixão e perspicácia do que eu alguma vez conhecera». O problema era que todas as suas tentativas para localizar Theros — uma aldeia perto da fronteira turca — em atlas ou repertórios geográficos tinham falhado. No entanto, isso poderia dever-se ao facto de ter sido destruída pelos turcos nos últimos

três séculos. Mas uma cidade chamada Alexandrópole, que Filipa mencionara, ainda existia. Após uma longa e frustrante busca pelos vestígios de Theros, Fisher foi a Alexandrópole, uma cidade que ele presumia ter sido fundada por Alexandre, o Grande. Mas uma brochura local desiludiu-o. Alexandrópole tinha uns meros dois séculos; nem sequer existia na época em que ele e Filipa supostamente tinham sido amantes... Tal como os outros, Filipa era uma mentirosa e uma impostora.

Num capítulo chamado «*Siren Call of the Hungry Ghosts*», Fisher tenta analisar o que lhe aconteceu. E a resposta parece simples. Ele estivera envolvido com o que Kardec chamou de «espíritos presos à terra», espíritos que ou não se dão conta de que estão mortos, ou têm um desejo tão ardente de permanecer na Terra que continuam ligados a ela. Estes espíritos presos à terra ou, na fraseologia budista tibetana, *pretas* ou «fantasmas famintos», são indivíduos cujas mentes, no momento da morte física, foram incapazes de se desenvencilhar do desejo.

Assim escravizada, a personalidade fica retida nos planos inferiores, mesmo retendo, por algum tempo, a sua memória e individualidade. Daí o termo «alma perdida», uma entidade residual que não é mais do que um cadáver astral à espera. Condenou-se a si própria a perecer; escolheu uma «segunda morte».

Ele cita o Tenente-Coronel Arthur E. Powell, num livro chamado *The Astral Body*: «Tais espectros carecem de consciência, são desprovidos de bons impulsos, tendem para a desintegração e, consequentemente, só podem trabalhar para o mal, quer consideremos que prolongam a sua vitalidade vampirizando em sessões espíritas, quer poluindo o médium e os assistentes com ligações astrais de uma natureza inteiramente indesejável.»

Cita também o especialista americano moderno em viagens «fora do corpo», Robert Monroe: «Monroe fala de encontrar uma zona próxima do plano terrestre povoada pelos "mortos" que não podiam ou não queriam dar-se conta de que já não eram seres físicos... Os seres que ele percebia continuavam a tentar ser físicos, a fazer e a ser o que tinham sido, a continuar físicos de uma maneira ou de outra. Desconcertados, alguns passavam toda a sua atividade na tentativa de comunicar com amigos e entes queridos ainda em corpos ou com qualquer outra pessoa que pudesse aparecer.»

A conclusão pareceria ser a de que o vampiro não pode ser descartado como um mito. Mas a realidade do vampirismo tem muito pouco em comum com a lenda de Drácula. Não há diferença fundamental entre vampiros e *poltergeists* — exceto que, felizmente, os fenómenos de vampirismo parecem ser muito mais raros.

E que dizer do igualmente célebre primo do vampiro, o lobisomem? Aqui, tal como no caso do vampiro, temos muitos relatos altamente pormenorizados: nos cento e dez anos entre 1520 e 1630, contam-se trinta mil só no centro de França. (Ali eram chamados *loups-garous*.) Mas há também relatos da Grã-Bretanha, Alemanha, Hungria, Espanha, Holanda, Bélgica, Noruega, Dinamarca, Suécia, Rússia, Islândia, Lapónia e Finlândia. Pelo que é difícil descartá-los, como faz Rossell Hope Robbins na sua *Encyclopedia of Witchcraft and Demonology*, como um sinal de superstição ou loucura. Um relato típico é o seguinte.

Em 1598, um rapaz de 16 anos chamado Benoît Bidel, que vivia em Naizan, na região do Jura, em França, foi encontrado a morrer devido a um ferimento por esfaqueamento. Afirmou que subira a uma árvore e colhia fruta quando a sua irmã, que estava cá em baixo, foi atacada por um lobo. O rapaz tentou afugentar o lobo com uma faca, mas alegou que o lobo lhe arrancara a faca das mãos — tinha mãos humanas — e o esfaqueara. O rapaz morreu, e fez-se uma busca na área; foi encontrada uma rapariga semianalfabeta chamada Perrennette Gandillon. Decidindo que ela poderia ser o lobisomem, os habitantes da cidade mataram-na. Depois, alguém se lembrou de que o seu irmão Pierre estava marcado com arranhões; foi preso, juntamente com a sua irmã Antoinette e o seu filho George. Todos os três confessaram ser lobisomens. O juiz Henri Boguet, autor de *Discourse on Sorcerers*, visitou os Gandillon na prisão e disse que eles andavam de gatas. Confessaram que se tinham transformado em lobos com a ajuda de uma pomada de bruxa e que tinham frequentado «sabats».

Todos os três foram condenados à morte e queimados. Rossell Hope Robbins assume a visão de senso comum de que os três eram loucos. Outra possibilidade interessante é sugerida por Neville Drury e Stephen Skinner em *The Search for Abraxas* (1971). Discutindo Carlos Castaneda e os seus livros sobre Don Juan, notam que Castaneda descreveu como o «bruxo» Don Juan o ensinara a fazer uma pasta com a raiz da planta datura, também

chamada Erva-do-Diabo, e como, ao esfregá-la no corpo, sentira que voava a grande velocidade pelo ar.

Será possível, perguntam os autores, que as pomadas das bruxas dos séculos passados fossem feitas de alguma substância semelhante que produzia a alucinação de que estavam a voar? (Na verdade, Lord Lytton já fizera tal sugestão no seu romance ocultista *A Strange Story*.) Claro que grande parte da obra de Castaneda foi desacreditada desde que críticos astutos notaram que os seus livros estavam cheios de contradições factuais, especialmente no que diz respeito a datas; contudo, esta sugestão em particular permanece altamente plausível.

Ao estudar os relatos de lobisomens, uma coisa se torna clara: o lobisomem estava estreitamente ligado à bruxaria. A família Gandillon, fossem eles loucos ou não, acreditava ter frequentado sabats de bruxas e ser capaz de se transformar em lobos por meio de uma pomada. Acreditavam que os seus poderes vinham, em última análise, do Diabo. É interessante notar que Pierre Gandillon caiu em transe na Quinta-Feira Santa e, quando recuperou, afirmou ter frequentado um sabat de lobisomens. Acreditava, portanto, que frequentava estes sabats «em espírito» e não na carne, uma crença que se liga às teorias dos «corpos astrais». De facto, de acordo com o «mago» francês do século XIX Éliphas Lévi, um lobisomem é simplesmente o corpo astral do feiticeiro projetado na forma de um lobo.

É indubitavelmente verdade que muitos «lobisomens» foram pessoas que sofriam de delírios. Em 1603, um jovem com atraso mental chamado Jean Grenier afirmou a algumas raparigas que era um lobisomem; quando foi preso, implicou o pai e um vizinho. De facto, tinha havido ataques a crianças na zona. Mas o Parlamento de Bordéus assumiu uma perspetiva surpreendentemente razoável para a época e aceitou a explicação do pai de que o seu filho era um imbecil; Jean foi colocado sob custódia num mosteiro, onde morreu escassos anos mais tarde.

Noutros casos, a explicação pode ser menos simples. No final do século XVI, o caso de um «lobisomem» chamado Peter Stubbe causou grande agitação em toda a Europa. Tinha havido muitos ataques de lobos na zona de Colónia; depois de um lobo ter atacado um grupo de crianças, quase arrancando a garganta a uma delas, organizou-se uma caçada; o lobo desapareceu, mas os caçadores encontraram um homem — Peter Stubbe — a caminhar em direção a Colónia na zona onde o lobo aparentemente

desaparecera. Sob tortura, Stubbe confessou ser um lobisomem, afirmando ser um bruxo e que o Diabo lhe dera um cinto mágico (que nunca foi encontrado) que lhe permitia transformar-se. Admitiu a prática de incesto com a irmã e com a filha, de quem tivera um filho. Afirmou ter matado muitas crianças, bem como um grande número de ovelhas, cordeiros e cabras, ao longo de um período de vinte e cinco anos. Foi quebrado na roda, a sua carne arrancada com tenazes em brasa, e depois decapitado; a sua filha e a sua irmã foram condenadas à fogueira.

Na Europa medieval, os lobos eram os animais de presa mais comuns e perigosos, e as obsessões sexuais que impulsionaram Isobel Gowdie fizeram com que camponeses sexualmente frustrados se identificassem com lobos. Mas a questão mais curiosa é saber até que ponto a sua obsessão causava alterações físicas reais. William Seabrook tem uma descrição notável de como uma mulher emigrante russa meditou no hexagrama 49 do *I Ching*, cujo significado está associado ao pelo de um animal e à muda. Imaginou-se como um lobo na neve, depois começou a dar uivos e a babar-se pela boca.

Quando uma das testemunhas tentou acordá-la, ela saltou-lhe à garganta e tentou mordê-la. No caso de Gilles Garnier, executado como lobisomem em 1574, ele parece ter realizado os ataques a crianças quer na forma de um homem quer de um lobo. A acusação, redigida em Dole, alegava que ele agarrara uma rapariga de 12 anos e a matara numa vinha com as mãos e os dentes, arrastando-a depois pelo chão — com os dentes — para a floresta de La Serre, onde comeu a maior parte dela.

Gostou tanto que levou um pouco para casa para a sua mulher. (Isto não indica que ela também fosse um *loup-garou*; trezentos anos mais tarde, na mesma zona, um camponês chamado Martin Dumollard fez o hábito de assassinar raparigas que atraía para locais solitários, levando as roupas delas para a sua mulher. Ele dizia: «Assassinei outra rapariga», e depois partia com uma pá. Ela parece ter considerado estas atividades como um sinal de leve excentricidade.) Garnier matou um rapaz de 12 anos numa floresta e estava prestes a comer a carne («embora fosse uma sexta-feira») quando foi interrompido por alguns homens. Testemunharam que ele estava sob forma humana, e Garnier concordou.

Mas insistiu que estava na forma de um lobo quando estrangulou um rapaz de 10 anos e lhe arrancou a perna com as presas; não explica como é

que um lobo poderia estrangular alguém. Atacou também outra rapariga de 10 anos — vestindo novamente a sua forma de lobo —, mas foi forçado a fugir ao ser interrompido; ela morreu devido aos ferimentos. Nesta ocasião, os camponeses que interromperam Garnier «viram-no como um lobo, mas pensaram, ainda assim, reconhecer o rosto de Garnier». Foi condenado a ser queimado vivo.

A explicação racional é que Stubbe e Garnier confessaram uma grande quantidade de disparates sob tortura, e isso é possível. Mas é certamente mais significativo que a grande maioria dos relatos de lobisomens date do mesmo período que os julgamentos de bruxaria na Europa, e que muitos «lobisomens», como os Gandillon, tenham confessado ser bruxos.

O nosso estudo da bruxaria não deixou dúvidas de que a maioria dos casos foram erros judiciais, mas que a «bruxaria real» existiu indubitavelmente na Europa, e que muitas bruxas tiveram «relações» com espíritos que acreditavam ser demónios. Considerámos também muitos casos de bruxaria africana nos quais a feitiçaria funcionou indubitavelmente, e até um em que um padre católico atestou que um homem se transformara num casuar.

Em casos de vampirismo, parece uma suposição razoável que o vampiro seja um «fantasma faminto» ou um espírito preso à terra; em casos de licantropia, parece claro que indivíduos com uma inclinação para a feitiçaria ou bruxaria tentaram invocar espíritos a fim de se transformarem em lobo. Com efeito, tais indivíduos estavam a convidar os espíritos a possuí-los.

E, tal como no caso do vampirismo, parece haver fortes conotações sexuais. Ao discutir os lobisomens em *The Occult*, apontei que muitos assassinos sexuais modernos — por exemplo, o assassino de crianças Albert Fish e o necrófilo Ed Gein — se comportaram de forma muito semelhante à ideia tradicional do lobisomem. Se Fish e Gein tivessem sido «bruxos», é fácil imaginá-los a realizar rituais para invocar espíritos até sentirem genuinamente que se tinham transformado em feras de presa. Mas até que ponto causaria isto alterações físicas reais?

No caso Gandillon, notamos que a vítima de 16 anos, Benoît Bidel, disse que o «lobo» tinha mãos humanas, enquanto no caso Garnier, Garnier confessou ter estrangulado um rapaz jovem. E os camponeses que

interromperam Garnier quando ele atacava uma rapariga de 10 anos disseram que pensaram reconhecer o seu rosto. Soa certamente como se o «lobo» permanecesse, em muitos aspetos, humano — um pouco como a besta bípede em que Lon Chaney se transforma no filme *The Wolf Man*.

Na sua obra clássica *Man into Wolf*, o psicólogo junguiano Robert Eisler sugere que o homem primitivo teve de se transformar de um macaco herbívoro num carnívoro em luta pela supremacia com outros carnívoros, e que, no decurso desta batalha, adquiriu deliberadamente algo da ferocidade do animal selvagem. No seu romance *Steppenwolf*, Hermann Hesse escreve sobre um homem calmo e erudito que gosta de se imaginar transformado num lobo das estepes, e que escreve num poema sobre o ataque a uma rapariga:

A linda criatura que eu tanto estimaria, E banquetear-me-ia bem na sua coxa tenra, Beberia do seu sangue vermelho em plena medida, Depois uivaria até que a noite se fosse embora.

Deveríamos também ter em mente a observação de Allan Kardec de que os espíritos são capazes de «possuir» aqueles cujas afinidades partilham, e que muitos assassinos sexuais — desde o assassino em massa americano do século XIX H. H. Holmes até Peter Sutcliffe, o Estripador de Yorkshire — se acreditaram possuídos pelo Diabo. Não será concebível que a licantropia, tal como o vampirismo, deva ser entendida como um caso especial de «possessão demoníaca»?

Como vimos no capítulo sobre bruxaria, la tradição oculta reconhece outro tipo de espírito, o espírito da natureza ou «elemental» — o psíquico Geoffrey Hodson descreveu a «coisa enorme, carmesim, semelhante a um morcego» que viu no Lake District. Tal como o vampiro e o lobisomem, o elemental pode ser encontrado em todas as mitologias do mundo. O nome implica obviamente que tais entidades estão ligadas aos «quatro elementos» os antigos filósofos — terra, ar, fogo e água — (respetivamente gnomos, silfos, salamandras e ondinas). E como sabemos agora que existem noventa e dois elementos naturais, pareceria que podemos pelo menos descartar esta noção sem receio de ser acusados de materialismo científico.

Por outro lado, o professor de Cambridge Tom Lethbridge (a quem conhecemos num capítulo anterior; ver pp. 210 e seguintes) estava convencido de que existia alguma fundamentação científica para a crença

em elementais. Quando Lethbridge tinha dezoito anos, ele e a sua mãe tinham ido dar um passeio no Great Wood, perto de Wokingham, e, num determinado ponto, ambos tinham experienciado uma sensação de profunda depressão. Poucos dias mais tarde, souberam que o corpo de um suicida fora descoberto a curta distância de onde se encontravam.

Quarenta e dois anos mais tarde, depois de se ter reformado para uma casa antiga em Devon, Lethbridge e a sua mulher Mina saíram numa tarde de domingo para recolher algas para o jardim na vizinha Ladram Bay. Era um dia cinzento e húmido de janeiro e, quase assim que pisaram a praia, ambos sentiram como se tivessem «entrado numa espécie de cobertor, ou névoa, de depressão e... medo»

Mina regressou apressada da outra ponta da praia, dizendo: «Não consigo suportar mais este lugar. Há algo de pavoroso aqui.» No domingo seguinte, voltaram à praia de Ladram. De novo encontraram a mesma «névoa de depressão» no mesmo local. Ele notou que ficava perto de um ponto onde um minúsculo riacho descia da falésia. Quando foram ao sítio onde Mina experienciara a depressão na semana anterior, esta era esmagadora, «tão forte que me fez sentir quase tonta». Ela comparou-a a estar na cama com uma temperatura alta quando se está cheio de medicamentos. Foram até ao topo da falésia e Tom começou a fazer um esboço enquanto Mina se afastava. Conforme ela se encontrava à beira da falésia, experienciou uma sensação como se alguém a estivesse a incitar a saltar.

De volta a casa, Tom julgou ver uma pista. Lethbridge era um radiestesista excelente, tão bom que o usava frequentemente no seu trabalho arqueológico. Numa ocasião, como experiência, permitira que um amigo lhe vendasse os olhos e depois o conduzisse por um terreno que continha diques vulcânicos; a sua vara de radiestesia localizara cada um deles. A radiestesia, estava ele convencido, era uma espécie de resposta ao campo elétrico da água. (Se soubesse da fisiologia do cérebro dividido, poderia ter levado as suas especulações mais longe e sugerido que é o hemisfério direito que responde.) Mas e se este «campo» pudesse registar emoções? Lethbridge não tinha, pelos vistos, conhecimento da teoria da «gravação em fita» dos fantasmas de Sir Oliver Lodge (ver página 211), mas a teoria que veio a formular era em muitos aspetos semelhante: a de que, quando ocorrem emoções fortes em certos lugares, estas são de algum

modo registadas e podem ser «captadas» mais tarde por alguém que seja sensível a tais coisas. Isto, pensava ele, explicava o sentimento de depressão no Great Wood; as emoções do homem que cometera suicídio persistiam como um mau cheiro.

No caso do impulso de Mina para saltar da falésia, Lethbridge especulou que alguém tivera a intenção de cometer suicídio saltando do mesmo local, e que ela estava de algum modo a responder ao «registo» da depressão dessa pessoa. Nesta fase, Lethbridge não assumiu que o homem tivesse realmente saltado; ele poderia ter ido para casa, tomado um uísque grande e sentir-se melhor. Mas descobriu mais tarde que um homem tinha, de facto, cometido suicídio no local onde Mina se encontrava.

No seu livro *Ghost and Divining Rod,* Lethbridge especula sobre como surgiu a crença clássica nas ninfas. Suponhamos que um jovem se senta na margem de um riacho e cai num vívido devaneio sexual no qual imagina uma rapariga, alheia à sua presença, a despir as roupas e a banhar-se. A sua excitação é tão forte que a sua imagem mental da rapariga nua fica «registada» no campo eletrostático da água. Algum tempo depois, um passante casual, não pensando em nada de particular (e, portanto, num estado recetivo), vislumbra uma rapariga nua no riacho e, um momento depois, ela desaparece. Ele supõe naturalmente que ela é um ser sobrenatural que se tornou invisível quando sentiu que estava a ser observada... Lethbridge cunhou o nome de «campo de naíade» para o meio de «registo» da água.

O Great Wood perto de Wokingham não era particularmente húmido, e isto levou Lethbridge a sugerir que os bosques possuem o seu próprio tipo de campo elétrico, para o qual cunhou o termo «campo de dríade», a partir da palavra grega para uma ninfa do bosque. Passou depois a sugerir que os locais abertos — como charnecas ou desertos — e as zonas montanhosas poderiam ter o seu próprio tipo de campo eletrostático, e que isto poderia explicar histórias semelhantes de «seres espetrais» ali vistos. Lethbridge cunhou a palavra «*ghouls*» para o tipo de sentimento desagradável que experienciara no Great Wood, e aplicou a palavra «*ghost*» a aparições reais — como o homem em traje de caça que vira nos aposentos do seu amigo em Cambridge.

Mas mesmo Lethbridge teve de admitir que a sua elegante teoria científica de «campos elementais» falhava em explicar algumas das suas

próprias experiências. Em 1924, visitara a ilha de Skellig Michael, ao largo da costa de Kerry. Subira a uma colina para olhar para as ruínas de um mosteiro do século VIII quando notou um monte de detritos a meio da encosta da falésia. Conforme se dirigia para lá, foi salteado por uma estranha convicção de que alguém o queria empurrar falésia abaixo, e o sentimento era tão forte que mudou de ideias e voltou para trás. De acordo com a sua teoria posterior, experienciara um «*ghoul*» como aquele que fizera Mina sentir que devia saltar da falésia.

Mas pouco tempo depois, enquanto descia a colina em frente ao mosteiro, experienciou a sensação de que havia alguém atrás de si e foi subitamente atirado estatelado no chão por um golpe. Quando se sentou, estava sozinho na encosta da colina. Claramente, isto não era um «*ghoul*», uma gravação em fita de emoções negativas. Um operador de telégrafo no continente disse-lhe que o farol da ilha era assombrado desde um naufrágio. Mas Lethbridge pensou que o que quer que o tivesse mandado ao chão era uma espécie de *poltergeist*.

Em *Ghost and Ghoul* (onde conta a história), Lethbridge passa a especular sobre a natureza do *poltergeist*. Discute a noção de que os *poltergeists* retiram a sua energia de adolescentes perturbados e acrescenta que «muitos continuam a pensar que a mente do indivíduo em questão está ligada à de alguma personalidade sub-humana». Mas depois passa a falar sobre psicocinese e termina sugerindo que a sua experiência em Skellig Michael poderia ser explicada em termos de alguma pessoa que vira o naufrágio e cujo choque criara algum tipo de efeito psicocinético retardado. Ele falha em explicar onde é que o «*poltergeist*» obtivera a energia para o derrubar. Ou melhor, lança casualmente a sugestão de que a energia estava de algum modo ligada ao antigo sítio religioso.

Estamos em posição de reconhecer que Lethbridge estava mais perto da verdade quando sugeriu que o *poltergeist* é «alguma personalidade sub-humana». A sua hipótese do «campo elemental» é uma tentativa audaz e interessante de criar uma teoria científica que possa explicar «*ghosts* e *ghouls*». Mas faltava a Lethbridge a experiência real de *poltergeists* que levou Guy Playfair a reconhecer que, em muitos casos pelo menos, eles são «espíritos». Se a tivesse, teria reconhecido que a sua teoria da «gravação em fita» dos fantasmas simplesmente falha em abranger os factos.

Noutra parte de *Ghost and Ghoul*, Lethbridge passa a discutir o tipo mais familiar de elemental conhecido no folclore, o «*sith*» ou fada, e regista com diversão que um escocês do seu conhecimento, um velho barqueiro chamado John M. Robertson, era um crente firme no *sith*. Quando Lethbridge e alguns amigos de Cambridge se encontravam nas Ilhas Shiant, nas Hébridas, um deles colocou o casaco e o almoço ao lado de uma rocha no topo de uma colina. Quando voltou, tinham desaparecido. O resto do grupo riu-se e disse que uma gaivota provavelmente os levara. Mas ao passo que uma gaivota poderia perfeitamente servir-se do almoço de alguém, ignoraria certamente um casaco. O seu amigo estava tão seguro de que ninguém os poderia ter levado sem ser visto que declarou terem sido removidos por alguma agência sobrenatural. John M. Robertson concordou, declarando que os *sith* eram os culpados.

A experiência posterior de Lethbridge em Skellig Michael levou-o a perguntar-se se Robertson não estaria mais perto da verdade do que os jovens céticos de Cambridge, e se o casaco do seu amigo não teria sido levado por algum tipo de *poltergeist*, como aquele que o derrubara em Skellig Michael. Mas permaneceu irredutível em que as fadas descritas a ele por vários camponeses escoceses e irlandeses eram alguma forma de «projeção mental» — um eufemismo para alucinação.

Três décadas antes, o poeta W. B. Yeats chegara a uma conclusão diferente. Os primeiros poemas de Yeats estão cheios de fadas, mas na altura Yeats estava convencido de que isso era uma ilusão benigna. O que o fez mudar de ideias foi uma colaboração com a sua amiga — e mecenas — Lady Augusta Gregory. No verão de 1897, Yeats estivera hospedado com Lady Gregory na casa desta, Coole Park, e os dois começaram a recolher histórias de fadas junto do campesinato local. O conhecimento de Yeats com a extraordinária Madame Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica, já o convencera da existência de «espíritos». Agora, a pura faticidade de tantas descrições de fadas — muitas delas relatos de testemunhas oculares — convenceu-o de que não podiam ser descartadas como produtos da «imaginação popular».

G. K. Chesterton, que conheceu Yeats escassos anos mais tarde, ficou impressionado com a sua insistência na realidade factual das fadas. «Ele era o verdadeiro racionalista original que dizia que as fadas são uma consequência lógica. Ele assombrou os materialistas ao atacar o seu

materialismo abstrato com um misticismo completamente concreto: "Imaginação!", dizia ele com um desprezo fulminante: "Não houve muita imaginação quando o fazendeiro Hogan foi arrastado para fora da cama e sovado como um saco de batatas — isso fizeram eles, tiraram-no para fora;" o sotaque irlandês aquecendo-se de escárnio; "tiraram-no para fora e espancaram-no; e isso não é o tipo de coisa que um homem queira imaginar."»

Chesterton passa a focar um argumento de importância básica: «É o facto de não serem homens anormais como os artistas, mas sim homens normais como os camponeses, que deram testemunho mil vezes de tais coisas; são os agricultores que veem as fadas. É o trabalhador agrícola que chama os bois pelos nomes que também chama um espírito de espírito; é o lenhador sem interesses pessoais... que dirá ter visto um homem ser enforcado na força, e depois andar por lá perto como um fantasma.»

Poucos anos mais tarde, Yeats incentivaria o orientalista W. Y. Evans-Wentz — mais conhecido pela sua tradução do Livro Tibetano dos Mortos — a estudar o folclore das fadas: o resultado foi o primeiro livro de Wentz, *The Fairy-Faith in Celtic Countries* (1911), um volume volumoso e erudito, baseado no seu próprio e extenso trabalho de campo. O amigo de Yeats, o poeta «AE» (George Russell), contribuiu com uma peça anónima para o livro (sob o título «*An Irish Mystic's Testimony*»), na qual descreve os seus próprios avistamentos de fadas com a faticidade e precisão de um antropólogo a descrever tribos primitivas: seres brilhantes, seres opalescentes, seres da água, seres do bosque, elementais inferiores... «A primeira [das fadas] que vi, lembro-me dela muito claramente... houve primeiro um deslumbramento de luz, e depois vi que isso vinha do coração de uma figura alta com um corpo aparentemente moldado a partir de ar semitransparente ou opalescente, e por todo o corpo corria um fogo elétrico radiante, do qual o coração parecia o centro. Ao redor da cabeça deste ser e através do seu cabelo luminoso ondulante, que soprava por todo o corpo como fios vivos de ouro, apareciam auras flamejantes semelhantes a asas. Do próprio ser, a luz parecia irradiar para o exterior em todas as direções; e o efeito deixado em mim após a visão foi de uma leveza, alegria ou êxtase extraordinários.»

Wentz conclui que a prova factual e científica da existência de fadas é esmagadora. «Existem centenas de casos provados de fenómenos...» Mas

as fadas de AE eram essencialmente «visões» e podiam, portanto, ser classificadas juntamente com os unicórnios ou os centauros. Nove anos após o aparecimento do livro de Wentz, o público britânico ficou intrigado ao tomar conhecimento de novas provas científicas que pareciam colocar a crença no «povo pequeno» num fundamento inteiramente mais sólido.

A história começou numa tarde de sábado, em julho de 1917, quando um engenheiro chamado Arthur Wright foi para a câmara escura revelar uma fotografia tirada mais cedo nesse dia pela sua filha de 16 anos, Elsie. Conforme a placa começava a revelar, Wright viu formas brancas vagas aparecerem — tomou-as por aves. Mas quando a imagem ficou clara, ficou sobressaltado ao ver que eram fadas. A imagem mostrava uma menina de rosto sério — a prima de Elsie, Frances Griffiths, de 11 anos — de pé atrás de um arbusto, com o queixo apoiado na mão. E à frente dela, dançando no topo do arbusto, estavam quatro pequenas figuras femininas asseadas com asas e vestes diáfanas, uma delas a tocar uma flauta de Pã. «O que em nome da terra são elas?», disse Arthur Wright à sua filha, que se encontrava atrás dele. «Fadas», disse ela, com naturalidade.

Ora, os homens de Yorkshire da classe trabalhadora tendem a ser fleumáticos e realistas. Arthur Wright não pressionou a filha por explicações; limitou-se a grunhir e aguardou desenvolvimentos ulteriores. Estes surgiram um mês mais tarde, quando as raparigas pediram novamente a sua câmara emprestada. Elsie e Frances subiram o riacho profundo — ou «*beck*» — que corria ao fundo do jardim e foram para os velhos carvalhos na canada mais além. E quando Arthur Wright revelou mais tarde a placa, esta mostrava Elsie sentada na relva, estendendo a mão para um gnomo que estava aparentemente prestes a subir para o seu vestido.

Desta vez, Arthur e a sua mulher Polly revistaram o quarto das raparigas, esperando encontrar imagens recortadas que explicassem as fotografias. Não encontraram nada. Arthur Wright ficou levemente exasperado quando ambas as raparigas insistiram que não houvera qualquer logro — que existiam realmente fadas ao fundo do jardim delas. Disse a Elsie que ela não voltaria a usar a câmara até lhe contar a verdade.

Em novembro de 1917, Frances escreveu uma carta a uma amiga na África do Sul, anexando uma das fotografias e observando casualmente que «sou eu com algumas fadas no riacho...»

Estes acontecimentos tiveram lugar na aldeia de Cottingley, em Yorkshire, na estrada de Bradford para Bingley. Há muito que deixou de ser uma aldeia separada e tornou-se parte da expansão urbana; mas a Canada das Fadas (*Fairy Dell*) ainda existe.

No verão de 1919, Polly Wright, a mãe de Elsie, foi a uma reunião da Sociedade Teosófica em Bradford. Estava interessada no «oculto», tendo tido experiências de projeção astral e memórias de vidas passadas. A palestra nessa noite era sobre fadas — pois a posição da Sociedade Teosófica é a de que as fadas são simplesmente um tipo de «espírito elemental» —, espíritos da natureza que se podem manifestar a pessoas com segunda vista ou «clarividência». Naturalmente, a Sra. Wright não resistiu a mencionar as «fotografias de fadas» da sua filha à pessoa sentada ao seu lado. Como resultado, Arthur Wright fez cópias das duas fotografias, e estas passaram de mão em mão na conferência dos teosofistas em Harrogate, escassas semanas mais tarde, acabando por chegar a Londres e às mãos de Edward Gardner, que era o presidente do ramo londrino da Sociedade Teosófica.

Gardner estava familiarizado com fotografias falsificadas de fantasmas e espíritos e decidiu que estas pareciam duvidosas. Pediu ao seu correspondente que lhe deixasse ver os negativos. Quando estes chegaram, escassos dias depois, Gardner ficou surpreendido por não encontrar indícios de dupla exposição ou outro logro. Levou os negativos a um especialista em fotografia chamado Snelling, que os examinou cuidadosamente sob uma lente poderosa e anunciou que não se tratava indubitavelmente de uma dupla exposição. Nem as fadas dançantes eram feitas de papel, ou pintadas numa placa de vidro. Tinham-se movido durante a exposição. Uma semana mais tarde, após ampliar as fotografias, Snelling anunciou que, na sua opinião, não eram falsificadas. Eram instantâneos comuns ao ar livre.

Aconteceu que Sir Arthur Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, concordara em escrever um artigo sobre fadas para o número de Natal da *Strand Magazine* (na qual Holmes aparecera pela primeira vez). Quando soube das fotografias, contactou Gardner e perguntou se as podia ver. Os dois homens reuniram-se e concordaram que as imagens eram boas demais para ser verdade — a cascata ao fundo (que parecia um pano de fundo pintado), os cogumelos altamente apropriados... Gardner concordou

em ir a Cottingley para ver as raparigas e descobrir se eram impostoras. O Sr. e a Sra. Wright ficaram sobressaltados ao saber que os especialistas consideravam as fotografias genuínas. E Gardner ficou sobressaltado quando subiu a canada com Elsie e viu a cena exatamente como ela a fotografara, completa com a cascata e os cogumelos — embora sem fadas.

Gardner decidiu testar as raparigas. Foram compradas duas câmaras, e as placas de filme foram seladas para que não pudessem ser adulteradas. No devido tempo, os negativos foram devolvidos a Gardner, e a fábrica que os produzira verificou que continuavam selados. Um mostrava Frances com uma fada a saltar perto do seu rosto, outro mostrava uma fada a oferecer uma flor a Elsie, ao passo que o terceiro mostrava duas fadas no meio de um arbusto. No centro da imagem há um objeto que se assemelha bastante a um fato de banho pendurado numa corda. Elsie aparentemente não fazia ideia do que era aquilo; mas Gardner, com o seu conhecimento mais vasto do folclore das fadas, identificou-o como um «banho magnético» que as fadas tecem em tempo cinzento. (Tinha chovido continuamente naquele mês de agosto.)

Mais uma vez, os especialistas deitaram mãos à obra para tentar descobrir se as fotografias tinham sido falsificadas; de novo, concluíram que eram genuínas. Nesse Natal, o artigo de Doyle sobre as fadas apareceu na *Strand Magazine* e causou sensação. Inevitavelmente, a maioria das pessoas pensou que era um logro; contudo, nenhum especialista em fotografia foi capaz de dizer algo conclusivo sobre como poderia ter sido feito. Um repórter da *Westminster Gazette* soube as verdadeiras identidades das raparigas (Conan Doyle usara pseudónimos para as proteger da publicidade) e foi vê-las. Concluiu que todos pareciam honestos e genuínos, e não havia indícios de logro. Arthur Wright estava confuso com tudo aquilo, e profundamente desapontado por Conan Doyle ser suficientemente ingénuo para ser enganado, «logrado pela nossa Elsie, e ela no fundo da sua classe». O próprio Conan Doyle estava confuso e crítico; contudo, não podia descartar a possibilidade de estas serem fadas reais, espíritos da natureza de algum tipo. Contactou um clarividente bem conhecido chamado Geoffrey Hodson, e Hodson foi a Cottingley, falou com as raparigas e foi à canada com elas.

Ele viu também formas de fadas. (Já nos tínhamos deparado com Hodson em ligação com um elemental «semelhante a um morcego».)

Pelo final de 1921, a maioria das pessoas tinha perdido o interesse pelas fadas. Conan Doyle havia de escrever um livro sobre o caso, intitulado *The Coming of the Fairies*, que saiu em 1922; mas não houve nenhuma nova investigação.

Em 1965, Elsie, então na casa dos 60 anos, foi localizada nas Midlands por um repórter do *Daily Express*, Peter Chambers. A convicção deste era a de que as imagens eram falsificadas; e o comentário de Elsie de que as pessoas deviam ser deixadas a decidir por si mesmas sobre o assunto apenas aprofundou o seu ceticismo. Elsie fez a curiosa observação:

«Quanto às fotografias, digamos que são imagens de frutos da nossa imaginação, da de Frances e da minha, e fiquemos por aí.»

Em 1971, Elsie foi inquirida pelo programa *Nationwide* da BBC se o seu pai tinha tido alguma participação na obtenção das fotografias; ela respondeu: «Juraria sobre a Bíblia que o meu pai não sabia o que se passava.» Mas quando lhe perguntaram se juraria sobre uma Bíblia que as fotografias não eram truques, respondeu após uma pausa: «Preferia deixar isso em aberto, se não se importar... mas o meu pai não teve nada a ver com isso, posso prometer-lhe.» Mais uma vez, ela parecia estar perto de admitir que houvera algum tipo de fraude.

Por outro lado, quando Frances foi questionada pela *Yorkshire Television* se as fotografias tinham sido fabricadas, respondeu: «Claro que não. Diga-nos lá como é que ela poderia fazer isso — lembre-se de que ela tinha 16 anos e eu 10. Ora bem, sendo uma criança de 10 anos, consegue-se passar pela vida e guardar um segredo?»

Este, ao que parecia, era o principal argumento a favor das fotografias de fadas; o de que parecia improvável que Frances e Elsie quisessem e pudessem guardar um segredo desses durante tanto tempo.

Frances fez este comentário em 1976; a ocasião foi um programa de televisão sobre Frances e Elsie, que fora sugerido pelo investigador de fenómenos psíquicos de Yorkshire, Joe Cooper. Razão pela qual, a 10 de setembro, as duas mulheres compareceram numa casa na Main Street, em Cottingley, em frente à casa onde a família Wright vivera meio século antes. Durante esse tempo, Elsie vivera na Índia com o marido, Frank Hill, um engenheiro escocês; Frances casara com um soldado, Frank Way, e passara muito tempo com ele no estrangeiro.

Joe Cooper descreve Frances como «uma mulher de óculos, de classe e estatura médias, vestindo roupas de ganga na moda, mas com um toque de vermelho e preto no lenço e na blusa». Elsie, quando chegou, parecia uns bons dez anos mais jovem do que as suas 75 primaveras, vestida com calças práticas na moda e vestuário *mod*, com um chapéu *billycock* preto. Ao longo do dia, Cooper travou amizade com as duas mulheres, chegando a carregar Elsie para passar uma vedação. A equipa de filmagem entrevistou os habitantes locais — que expressaram extremo ceticismo em relação às fotografias — e filmou as mulheres lá em baixo junto ao riacho. O entrevistador Austin Mitchell não escondeu acreditar que o caso das fadas de Cottingley começara como uma brincadeira e depois saíra do controlo. Cooper estava inclinado a acreditar nelas. Diante da câmara, Elsie e Frances identificaram o local onde tinham visto um gnomo e negaram categoricamente que tivessem fabricado as fotografias. «Claro que não!», disse Frances. E entrevistado por Mitchell, Joe Cooper declarou a sua visão de que as raparigas tinham visto uma «forma elemental de vida de fada» — isto é, espíritos da natureza. Afinal, W. B. Yeats e milhares dos seus compatriotas tinham a certeza absoluta sobre a existência de fadas...

Em 1977, houve um desenvolvimento interessante. Um investigador chamado Fred Gettings, que trabalhava em ilustrações de fadas do século XIX, deparou-se com o *Princess Mary's Gift Book*, publicado durante a Primeira Guerra Mundial para angariar dinheiro para o fundo *Work for Women*. Continha um poema chamado «*A Spell for a Fairy*», de Alfred Noyes, e este vinha ilustrado por Claude Shepperson. E duas das fadas na sua ilustração eram virtualmente idênticas às fadas na primeira fotografia de Cottingley, que mostrava Frances a olhar por cima das cabeças de cinco fadas que saltitavam. As suas posições tinham sido meramente invertidas.

Em agosto de 1978, a *New Scientist* relatou que o ilusionista James Randi («*The Amazing Randi*») e o Comité para a Investigação Científica de Alegações do Paranormal (CSICOP) tinham submetido as fotografias a um processo de melhoramento de imagem e descobriram que este revelava fios a segurar as fadas. Quando Joe Cooper falou a Elsie sobre o artigo, ela limitou-se a rir e apontou que não havia nenhum sítio na região do riacho onde se pudessem esticar fios.

Depois de uma peça de teatro televisiva sobre as fadas ter sido transmitida em outubro de 1978, Randi expressou indignação pelo facto de

a BBC não ter declarado claramente que as fotografias tinham provado ser falsas.

In 1981, Joe Cooper escrevia um livro sobre telepatia e trocou alguma correspondência com Frances — que vivia agora em Ramsgate — sobre o assunto. Em setembro de 1981, ela pediu-lhe que a fosse ver, dizendo-lhe que havia «algumas coisas que ele devia saber». Quando ele chegou, ela ainda não estava pronta para especificar o que seriam. Mas, no dia seguinte, pediu-lhe que a levasse de carro até Cantuária; uma vez lá, pediu-lhe que esperasse por ela enquanto ia à catedral. Quando regressou, sentaram-se num café e ela perguntou-lhe o que pensava da primeira fotografia de fadas. Ele comentou que fora muito retocada. Então Frances lançou a sua bomba:

«Do sítio onde eu estava, conseguia ver os alfinetes de chapéu a segurar as figuras. Sempre me maravilhei que alguém alguma vez tenha levado isto a sério.»

«Porque é que me está a contar isso?», perguntou o estupefacto investigador.

«Porque a Elsie já contou ao Glenn» — (Glenn era o filho de Elsie).

«E quanto às outras quatro? São falsas?»

A resposta dela foi, à sua maneira, tão surpreendente como a confissão original.

«Três delas. A última é genuína.»

Cooper e Frances discutiram então a escrita de um livro em conjunto, dando a Elsie uma parte dos lucros; Frances foi irredutível em que Elsie não deveria ter qualquer papel na escrita do livro. Cooper foi a Londres para falar com o seu editor. Infelizmente, o editor não estava particularmente interessado numa história com 60 anos sobre fadas, particularmente dado acabar de forma tão anticlimática.

O autor destas linhas também se vira envolvido. Eu conhecera Joe Cooper numa conferência de fim de semana sobre parapsicologia (no *Swanwick Conference Centre*, em Derbyshire) em 1980, e ele dissera-me que escrevera um livro sobre as fadas de Cottingley — isto, escusado será dizer, foi um ano antes de Frances lhe contar a verdadeira história. Ele enviou-me o dactiloscrito e achei-o fascinante. Eu também me tinha

deparado com pessoas que afirmavam ter visto fadas — uma delas um realizador de entrevistas televisivas escocês muito pragmático — e não estava simplesmente disposto a excluir a possibilidade de que pudessem existir «espíritos da natureza». As próprias investigações de Joe no paranormal tinham-no convencido de que os «elementais» não podiam ser simplesmente descartados como um absurdo.

Na verdade, eu estava a caminho de Yorkshire para investigar o «Monge Negro de Pontefract» (ver Apêndice), uma investigação que me levou a aceitar a noção de que os *poltergeists* são «espíritos» e não simplesmente uma forma de RSPK (psicocinese espontânea recorrente). Portanto, dificilmente seria lógico da minha parte negar a existência de «espíritos da natureza» com o fundamento de que apenas uma criança poderia acreditar neles.

Mas, mesmo na sua versão original, o problema com o livro de Joe Cooper era obviamente que a história era demasiado curta — podia ser contada em cinquenta páginas. O resto tinha de ser uma espécie de «enchimento». E como, nessa altura, tanto Frances como Elsie continuavam a insistir que as fotografias eram genuínas, não havia uma conclusão real.

Tentei encontrar um editor para o livro, mas não tive sucesso. E, nesse ponto, Joe disse que queria reescrevê-lo de qualquer forma; e a questão ficou por ali.

Foi no ano seguinte que Frances finalmente «abriu o jogo». Curiosamente, Joe ficou entusiasmado por o caso ter finalmente alcançado uma conclusão definitiva. Quando me falou da confissão de Frances, eu estava menos otimista. Se o livro terminasse com a confissão de Frances, seria uma pólvora seca.

Joe Cooper chegou à mesma conclusão. No final de 1982, uma publicação em fascículos chamada *The Unexplained*, da qual eu era editor consultor, publicou o seu artigo: «*Cottingley: At Last the Truth*», no qual revelava que as fadas nas primeiras quatro fotografias eram recortes colados aos ramos com alfinetes de chapéu. Como é compreensível, isto perturbou tanto Frances como Elsie. Quando Frances telefonou para a mulher de Joe no dia de Ano Novo de 1983, e Joe atendeu o telefone,

chamou-lhe traidor e desligou. Ela morreu em 1986. Elsie morreu em 1988, sustentando até ao fim que não acreditava em fadas.

O que parece ser o fim da história. Ou será? Certamente os céticos têm razão em considerar o caso como encerrado. Possivelmente estão corretos. Contudo, antes de nos decidirmos, há muito mais a dizer.

O que Frances nos pede para acreditar é isto. Ela veio para Inglaterra vinda da África do Sul em 1917, quando tinha dez anos, e foi ficar com a sua prima Elsie, de 16 anos, em Cottingley. Elsie sempre fora fascinada por fadas e afirmava ter tido algumas experiências fantasmagóricas estranhas — insistia que, quando tinha 4 anos, era regularmente visitada na cama por uma mulher com um vestido justo abotoado até ao pescoço. E quando tinha 6 anos, acordou uma noite e pediu uma bebida. Como ninguém respondeu, desceu as escadas e encontrou um homem e uma mulher estranhos na casa. Perguntou onde estavam os seus pais e foi-lhe dito que tinham saído para jogar cartas com os vizinhos. Quando Elsie disse que queria ir procurá-los, o homem abriu-lhe la porta da frente. Os seus pais — que estavam, de facto, a jogar cartas com os vizinhos — ficaram grandemente alarmados ao saber do homem e da mulher, pois tinham deixado a casa vazia. Mas quando foram investigar, a casa estava vazia.

Frances não tivera experiências «psíquicas». Mas na primavera de 1918, viu o seu primeiro gnomo. Tinha descido até ao riacho depois da escola quando notou um fenómeno que já observara muitas vezes antes: uma única folha de salgueiro começou a abanar na árvore junto ao curso de água. Depois, um homem pequeno, todo vestido de verde, ficou de pé no ramo. Frances observou, sem fôlego, aterrorizada com a ideia de o perturbar. Então, o homenzinho olhou diretamente para ela e desapareceu. Depois disso, afirmou ela, via frequentemente homens pequenos que usavam casacos de um verde acinzentado e barretes a condizer junto ao riacho.

Gradualmente, chegou à conclusão de que os homenzinhos estavam envolvidos numa espécie de atividade determinada, talvez associada a ajudar as plantas a crescer. Mais tarde, começou a ver fadas, com e sem asas; estas eram mais pequenas do que os elfos, com rostos e braços brancos, e pareciam frequentemente estar a realizar uma espécie de reunião. Elsie, insiste ela, nunca viu as fadas ou os homenzinhos.

Foi depois de cair no riacho mais uma vez que Frances admitiu que ia ao riacho para ver fadas. E foi o ceticismo total dos adultos que levou Elsie a decidir tirar algumas fotografias de fadas. Isto não era um mero desejo de enganar. Elsie acreditava em Frances quando esta dizia que via fadas; as suas próprias experiências psíquicas tornavam isso perfeitamente plausível. Queria abalar a credulidade dos crescidos. Assim, as fotografias foram tiradas com recortes escorados por alfinetes de chapéu.

Quando o mundo se interessou subitamente pelas fadas delas, ficaram numa posição difícil. As fotografias eram falsas, mas as fadas existiam realmente. Se tudo tivesse sido um embuste, teria sido mais fácil confessar. Mas não era um embuste — não totalmente, de qualquer forma. Estavam numa posição embaraçosa e anómala. Se admitissem que as fotografias eram falsas, estariam a implicar que todo o assunto não passava de um logro. E isso seria tão falso como continuar a sustentar que as fotografias eram genuínas. Por isso, mantiveram-se em silêncio.

Quando todo o assunto explodiu novamente em 1965, a situação estava mais ou menos inalterada. Elsie, agora uma mulher pragmática na casa dos 60 anos, já não estava tão convicta de que Frances tivesse visto fadas; contudo, estava absolutamente certa de que tivera experiências «psíquicas» e estava, portanto, disposta a manter uma mentalidade aberta. Quanto a Frances, vira fadas e não tinha nada a retratar. Numa carta a Leslie Gardner, o filho de Edward Gardner, Elsie observou que, após a sua entrevista com Peter Chambers (em 1965), na qual declarara que as pessoas deviam julgar por si mesmas e que as imagens eram de «frutos das nossas imaginações», Frances dissera indignada: «Porque é que disseste aquilo? Sabes muito bem que elas eram reais.»

Frances sempre sustentara que as fadas eram reais. Em novembro de 1918, enviou a primeira fotografia de fadas a uma amiga na África do Sul e rabiscou no verso: «A Elsie e eu somos muito amigas das fadas do riacho. É engraçado como eu nunca as via na África. Deve ser quente demais para elas lá.»

No seu dactiloscrito original do livro de Cottingley, Joe Cooper incluíra um capítulo chamado «*Other Sightings*», que consistia em relatos de fadas que lhe tinham sido contados por outras pessoas, e este torna claro por que razão ele acreditava em Frances. Um homem, um curandeiro, contou como estava sentado com uma rapariga em Gibraltar, a comer uma

sanduíche, quando esta lhe foi arrancada por «um homenzinho com cerca de dezoito polegadas de altura».

Um dirigente da Sociedade Teosófica de 80 anos insistia que, quando era um rapaz pequeno, era frequentemente visitado na cama por um gnomo vestido de verde. Outro velho descreveu ter visto um gnomo vestido de verde, com cerca de dois pés de altura, a caminhar ao longo de um trilho num campo de milho. Alguns jovens estudantes contaram como, ao caminhar num bosque perto de Bradford, viram fadas que andavam «à roda e a dançar», mas que eram invisíveis ao olhar direto: só podiam ser vistas «pelo canto do olho». Uma senhora idosa mostrou a Cooper a fotografia de um gnomo visto através de uma janela gelada; afirmava ter descido uma manhã, visto o gnomo e corrido escadas acima para ir buscar a câmara. A fotografia mostra também coelhos brancos diminutos.

No seu livro *Modern Psychic Experiences*, Joe Cooper publica a maioria destes relatos, juntamente com muitos outros. Uma médium da Nova Zelândia chamada Dorothy descreveu como costumava brincar com uma rapariga «espírito» chamada Mabel quando era criança, e como vira fadas pela primeira vez, as quais vinham de debaixo das plantas. Um dia, chegou a casa e encontrou o pai inconsciente no chão — uma úlcera gástrica tinha perfurado — e as fadas assumiram o controlo e acompanharam-na até à porta do médico. A própria sobrinha de Joe Cooper, Jo, na casa dos trinta anos, descreveu como, à idade de 16 anos, vira três homens pequenos agachados no topo de um muro.

«Quando escrevi sobre as fadas de Cottingley em *Poltergeist*, também me dei a algum trabalho para encontrar relatos de "fadas reais". Descrevo ter sido entrevistado na televisão no Festival de Edimburgo de 1978 por um homem chamado Bobbie (cujo apelido esqueci de anotar no meu diário): no pub ao lado, ele contou-me casualmente que uma vez vira um gnomo de pé no passeio, do lado de fora do portão de um convento, e que aquilo lhe tinha "pregado um cagaço terrível".»

O meu amigo Marc Alexander, autor de muitos livros sobre o paranormal, contou-me a história de um amigo na Nova Zelândia chamado Pat Andrew, que afirmava ter visto uma fada (*pixie*) quando tinha 6 anos. Anos mais tarde, depois de verem um hipnotizador de palco, Marc e Pat Andrew começaram a fazer experiências de hipnose um com o outro. Marc não tinha dúvidas de que Pat Andrew estava genuinamente hipnotizado e,

um dia, decidiu tentar fazê-lo «regredir» até à idade em que vira a fada. O resultado foi uma espantosa conversa unilateral que não deixou a Marc a mínima dúvida de que, quer Andrew tivesse realmente visto uma fada quer não, ele acreditava indubitavelmente que sim.

Um dos relatos mais pormenorizados que conheço de um encontro com uma fada é narrado por outra amiga, Lois Bourne, no seu livro *Witch Among Us*. Lois é uma «bruxa» no sentido de possuir poderes psíquicos invulgares, de cuja realidade não tenho a menor dúvida. É uma senhora extremamente sensata e realista. E no seu livro, entre muitas histórias que os investigadores de fenómenos psíquicos acharão suficientemente credíveis, conta uma história que causará obviamente na maioria dos leitores dúvidas quanto à sua veracidade. Estando de férias numa cabana em Crantock, na Cornualha, conheceu outro membro de um coven de *wicca* e passou uma noite na casa dela. O marido da mulher, Rob, perguntou-lhe se ela gostaria de ver um duende (*goblin*). Aparecia um por entre os juncos do canal do moinho em Treago Mill, Cuberts Heath, todas as manhãs ao nascer do sol, e se ela o queria ver, tinha de se levantar cedo. Na manhã seguinte, Lois e o seu marido Wilfred juntaram-se a Rob junto ao portão do moinho e aproximaram-se de gatas do ribeiro. «Nunca fui capaz de decidir, e continuo sem conseguir decidir, se vi realmente aquele duende ou se o Rob me fez vê-lo... Fosse o que fosse, ali, sentada numa pedra a lavar calmamente as suas meias, estava uma criatura élfica com um chapéu vermelho, casaco e calças verdes, com uma meia amarela calçada e outra nas suas mãos minúsculas em vias de ser lavada. Lembro-me de pensar na altura, na minha maneira prático-sonolenta mas confusa, "que combinação de cores atroz". De repente, ele viu-nos e desapareceu...»

«"Agora já acreditas em mim?", perguntou o Rob.» Conheço a Lois há anos. Posso ser ingénuo e ela pode ser uma mentirosa, mas acredito nela. Ela não é do tipo que inventa uma história tão parva. E o seu marido Wilfred — que também o viu — não é do tipo que apoia uma mentira descarada.

Como já foi mencionado, o poeta W. B. Yeats ficou convencido da existência de fadas desde que ele e Lady Gregory foram de porta em porta recolher informações junto dos camponeses locais. Registaram estas entrevistas num livro chamado *Visions and Beliefs*, em 1920. Evans-Wentz conclui o seu *Fairy-Faith in Celtic Countries* reconhecendo: «parecemos

ter chegado a um ponto... onde podemos postular cientificamente... a existência de inteligências invisíveis tais como deuses, génios, demónios, todo o tipo de fadas verdadeiras e o homem desencarnado...» (Por este último, ele quer dizer fantasmas). E passa a citar a prova muito sólida da existência do *poltergeist*. George Russell (AE) — e Wentz — sublinham que estas entidades só são vistas por «psíquicos», e Russell acredita que tais seres não são «indivíduos» no sentido humano. «A deles é uma vida coletiva, tão pouco individualizada e tão calma que eu poderia ter pensamentos mais variados em cinco horas do que eles teriam em cinco anos.»

Quando tudo isto é tido em conta, podemos sentir que a noção de que Frances viu realmente fadas junto ao riacho em Cottingley já não parece assim tão absurda.

15.

Pedras Erguidas e Homens do Espaço

Lethbridge, como vimos, estava fascinado pelo problema das «forças da terra» e pela noção de que estas são responsáveis pela «sacralidade» dos sítios religiosos. Ele comenta repetidamente o facto de tantas igrejas cristãs estarem construídas sobre antigos sítios pagãos, e sobre aquela curiosa diretiva emitida pelo Papa Gregório, o Grande, de que, onde fosse possível, as igrejas cristãs deveriam ser construídas nesses locais. Poderia ser, escusado será dizer, que ele estivesse simplesmente a tentar recrutar convertidos que por acaso estivessem ligados à «Antiga Religião» das bruxas. Mas havia quase certamente uma segunda razão: a de que ele reconhecia que certos lugares eram escolhidos porque o próprio terreno era «sagrado».

Stonehenge é um exemplo; também o é o círculo de pedras erguidas da Cornualha conhecido como as *Merry Maidens*. Em ambos os locais, a vara de radiestesia de Lethbridge detetou forças poderosas. Quando colocou a mão numa pedra nas *Merry Maidens*, enquanto usava um pêndulo de radiestesia com a outra mão (um pêndulo pode ser mais sensível do que uma vara de radiestesia), experienciou uma força formigante, não muito diferente de um choque elétrico. Teorizou que os antigos sacerdotes tinham reconhecido esta força na terra e tinham ordenado que as pedras fossem ali colocadas para conduzir a força — um

pouco como um acupunturista coloca as agulhas nos pontos de cruzamento de certos «meridianos» no corpo.

É pena que Lethbridge não tivesse conhecimento do trabalho do seu predecessor Alfred Watkins, um cervejeiro de Hereford que também se sentira intrigado pelos «lugares sagrados». Meio século antes, a 30 de junho de 1921, Watkins cavalgava nas colinas perto de Bredwardine e, ao deter-se no topo de uma colina, notou algo que o entusiasmou. Conseguiu ver uma série de trilhos retos e caminhos antigos que cruzavam a paisagem, e observou então que pareciam ligar igrejas antigas, pedras erguidas e montículos antigos (conhecidos como *tumps* ou túmulos). Ocorreu-lhe que aquilo para que olhava era o equivalente do homem antigo a um sistema de telecomunicações. Alguns destes trilhos, pensava ele, eram simplesmente rotas comerciais, ao passo que outros deveriam ter algum significado religioso, uma vez que ligavam sítios sagrados. Decidiu chamar-lhes «linhas ley» (*ley lines*), a partir da antiga palavra para um campo fechado.

É, na verdade, bastante fácil criar uma linha reta que se estenda por quilómetros através do campo, mesmo que tenha de subir colinas e descer vales. A técnica é conhecida como «alinhar uma linha» (*ranging a line*), e requer apenas três estacas. O homem que constrói o caminho espeta a primeira estaca no chão e depois fecha um olho e olha para além dela em direção ao topo da colina — ou para qualquer ponto em direção ao qual deseje ir. Um assistente coloca então uma segunda estaca em linha com a primeira. A terceira estaca é colocada ainda mais à frente, numa posição tal que fique ocultada pela segunda. Depois, a primeira estaca é arrancada e o processo continua.

Os homens que originalmente marcaram estes «antigos trilhos retos» eram — pensava Watkins — provavelmente de estatuto sacerdotal, e carregariam uma estaca como insígnia de cargo. Isto pode explicar a grande figura na encosta da colina chamada o Longo Homem de Wilmington (*Long Man of Wilmington*), que parece segurar uma longa estaca em cada mão...

A sugestão de Watkins levou à formação de um clube do «Antigo Trilho Reto» (*Old Straight Track*), cujos membros passavam os fins de semana à procura de novas linhas ley.

Um dos seus membros fez uma observação interessante e intrigante no final da década de 1930 — a de que, com muita frequência, dois trilhos corriam paralelos. Mas por que haveria de haver dois trilhos — como linhas de comboio — quando um bastaria? Um advogado reformado chamado Guy Underwood encontrou o que pensou ser a resposta. Passou a sua reforma a fazer radiestesia em redor de círculos de pedras, e notou que a sua vara de radiestesia mostrava frequentemente dois trilhos paralelos de alguma força subterrânea que corriam por quilómetros. E quando examinou «sítios sagrados» — como Stonehenge —, encontrou muitos destes trilhos «duplos» (batizados por ele de «aquastatos»). Pareciam ser linhas de algum tipo de força magnética.

Watkins nunca suspeitara que os seus trilhos retos fossem outra coisa que não rotas comerciais ou trilhos entre igrejas. Agora, Underwood sugeria que eles seguiam linhas de força subterrânea. Além disso, nos sítios sagrados, descobriu que estas linhas formavam frequentemente uma espiral. Antigas gravuras rupestres por todo o mundo exibem o mesmo padrão em espiral. Poderia isto dever-se ao facto de ser o símbolo óbvio para esta força sagrada da terra?

Na década de 1960 — quando o «renascimento ocultista» estava em pleno desenvolvimento —, outro estudante de monumentos antigos, John Michell, ressuscitou as «linhas ley» de Watkins, já então esquecidas. Curiosamente — ou talvez não tão curiosamente, como veio a verificar-se —, Michell começou como estudante do estranho fenómeno conhecido como discos voadores ou OVNI. Estes tinham saltado para o primeiro plano internacional no final da década de 1940, depois de um homem de negócios chamado Kenneth Arnold, que pilotava o seu avião privado perto do Monte Rainier, no Estado de Washington, a 24 de junho de 1947, ter avistado nove objetos brilhantes em forma de disco que voavam em formação em V. Surgiram milhares de outros avistamentos e, em Kentucky, em janeiro de 1948, o Capitão Thomas Mantell, pilotando um Mustang, tentou seguir um «disco voador» até aos vinte mil pés e caiu do céu. A partir daí, houve milhares de avistamentos de OVNI, e livros sobre eles inundaram as tipografias — para desgosto dos cientistas ortodoxos, que consideravam tudo aquilo como histeria coletiva.

O que John Michell notou foi que muitos dos locais onde eram relatados discos voadores eram também «lugares de antiga sacralidade», e

que, em muitos casos, a sua rota de voo parecia seguir linhas ley. Isto levou Michell a reexaminar as provas de Watkins e Underwood. Notou também que, na Irlanda, as linhas ley são chamadas «caminhos de fadas» (*fairy paths*) e são conhecidas desde tempos imemoriais. As suas perspetivas foram expostas pela primeira vez num livro chamado *The Flying Saucer Vision* (1967) e depois, dois anos mais tarde, em *A View Over Atlantis*.

Sugeriam que as religiões do homem antigo se baseavam num reconhecimento das forças magnéticas da terra, as quais estavam estreitamente ligadas à sua fertilidade. O homem antigo, acreditava ele, tinha a sua própria forma de civilização não tecnológica baseada nestas forças sagradas. Glastonbury era um dos sítios desta religião antiga. Mas porquê a Atlântida?

A Atlântida da lenda era uma civilização antiga descrita por Platão, uma ilha enorme no Oceano Atlântico que fora engolida por uma catástrofe gigantesca nove mil anos antes. Os estudiosos tinham-na descartado como um mito, embora um arqueólogo moderno, o Professor A. G. Galanopoulos, tivesse sugerido que a Atlântida era na realidade a ilha de Santorini, a norte de Creta, que fora destruída numa gigantesca explosão vulcânica por volta de 1500 a.C.; Galanopoulos pensava que os sacerdotes egípcios de quem Platão obteve a história tinham acidentalmente multiplicado todos os seus algarismos por dez, incluindo a data da catástrofe.

O que Michell sugeria é que a história da Atlântida indica que existira uma civilização complexa muito antes daquelas que são conhecidas na história, e que memórias populares desta civilização sobrevivem em lendas da «Idade de Ouro». As religiões primitivas eram uma interação entre o homem e a natureza, uma interação que o homem moderno esqueceu totalmente.

Um dos efeitos do livro de Michell foi transformar Glastonbury num local de peregrinação para hippies; outro foi criar um novo interesse pelas linhas ley e pela «magia da terra».

Lethbridge, que vivia tranquilamente em Devon, não sabia de nada disto. Contudo, os seus próprios estudos tinham-no aproximado extraordinariamente das mesmas ideias. Notara, para começar, com que frequência as igrejas com o nome de São Miguel se encontram ao longo das

linhas que unem lugares sagrados. Isto, acreditava ele, devia-se ao facto de os cristãos terem tomado conta de sítios pagãos e substituído o deus céltico Lugh (o Lúcifer), o deus do sol e portador da luz, pelo inimigo tradicional de Lúcifer, São Miguel.

O interesse de Lethbridge em São Miguel e nas pedras erguidas que tantas vezes pareciam estar associadas a ele (ou ao deus do sol) levou-o a interrogar-se sobre outro mistério antigo: as lendas da grande «guerra no céu» entre São Miguel e o «dragão». Seria possível que isto fosse também algo mais do que um mito primitivo?

Lethbridge partiu da mesma pergunta que intrigara John Michell: por que existiam lendas de uma «idade de ouro»? O que fazia os homens da Idade do Bronze ou do Ferro — que estavam, afinal de contas, muito melhor do que os seus antepassados — olhar nostalgicamente para trás, para um passado idílico?

Estava também fascinado pela passagem no sexto capítulo do Génesis sobre os filhos de Deus acharem as filhas dos homens desejáveis e gerarem filhos delas. Acrescenta que «havia gigantes na terra naqueles dias» e que as filhas dos homens lhes deram filhos. E, como estava tão interessado na questão de São Miguel e do seu inimigo o dragão, interrogou-se sobre a passagem no Apocalipse 12 sobre uma «guerra no céu», quando Miguel e os seus anjos lutaram contra o dragão.

A solução que se lhe sugeriu pareceu-lhe tão absurda que adiou a sua publicação por muito tempo. Era a de que os «filhos de Deus» eram visitantes do espaço, e que a «guerra no céu» tinha realmente tido lugar, e que um bombardeamento atómico explicava a forte craterização de Marte e da Lua. Quanto às pedras erguidas — como Stonehenge e as *Merry Maidens* —, não seria possível que tivessem servido de «faróis» para as naves espaciais se orientarem?

Em suma, o que Lethbridge sugere é que a «idade de ouro» — a Atlântida de Michell — fora uma época no passado remoto em que visitantes do espaço tinham aterrado na Terra e ensinado aos seres humanos uma grande quantidade de conhecimentos sobre o uso da tecnologia. O resultado foi uma difusão deste conhecimento sobre a superfície da Terra, o que explicava a semelhança de artefactos encontrados por todo o mundo.

Como Lethbridge era um lobo solitário, não se dava conta de que tinha simplesmente sintonizado o «espírito da época» e que levantava questões que tinham ocorrido a outros pensadores especulativos. Lethbridge ficou, de facto, devastado ao descobrir, pouco antes da sua morte, que a sua ideia dos «homens do espaço» tinha sido sugerida pelo escritor suíço Erich von Däniken, num livro chamado *Memórias do Futuro* (1967) e traduzido como *Carruagens dos Deuses?*, o qual sugeria que todo o tipo de artefactos e monumentos antigos — incluindo a Grande Pirâmide — eram obra de homens do espaço. Na verdade, já em 1958, um escritor chamado George Hunt Williamson escrevera um livro chamado *Secret Places of the Lion*, no qual declarava que visitantes do espaço tinham aterrado há dezoito milhões de anos e se tinham dedicado desde então à evolução da humanidade. Pauwels e Bergier repetiram a sugestão no seu livro *O Despertar dos Mágicos* (1960). A mesma ideia ganhou difusão popular em 1968 no filme de Stanley Kubrick, *2001: Odisseia no Espaço*.

Se Lethbridge tivesse tido tempo para estudar Däniken mais cuidadosamente, ter-se-ia sentido menos desgostoso. Embora Däniken tivesse alcançado o estatuto de *best-seller* internacional com os seus livros sobre «visitantes do espaço», a análise erudita revelou que a maioria das suas ideias eram simplesmente suposições absurdas ou distorções de factos. *Carruagens dos Deuses?* descreve como, na Epopeia Assíria de Gilgamesh, há um episódio no qual o herói Enkidu é levado para as alturas nas garras do deus do sol, de modo que o seu corpo parece pesado como o chumbo; voa então durante quatro horas nas garras de uma águia. Estes episódios, sugere Däniken, são na realidade relatos de uma viagem numa nave espacial. Uma porta que fala com uma voz humana é obviamente um altifalante... Na verdade, uma leitura atenta da Epopeia de Gilgamesh revela que estes acontecimentos não ocorrem.

Von Däniken sugere também que a Grande Pirâmide deve ter sido construída por astronautas antigos porque a corda não era conhecida no Egito na época em que foi construída; na verdade, muitas pinturas de túmulos retratam homens a usar cordas. (Von Däniken consegue também multiplicar o peso da pirâmide por cinco.) Insiste que as estátuas da Ilha de Páscoa devem ter sido construídas por homens do espaço, porque esculpi-las e movê-las estava além da tecnologia dos nativos da Ilha de Páscoa; mas os modernos habitantes da Ilha de Páscoa refutaram isso ao esculpir e erguer uma estátua para benefício do explorador Thor Heyerdahl. As linhas

traçadas na superfície plana do deserto no Peru — conhecidas como as linhas de Nazca — destinavam-se, segundo Däniken, a pistas de aterragem para naves espaciais; ele ignora o facto óbvio de que a turbulência criada por qualquer nave de grandes dimensões destruiria as linhas, as quais permaneceram inalteradas desde 500 d.C. apenas porque o deserto não tem vento.

Num livro posterior, *O Ouro dos Deuses*, Däniken cede ao engano real. Descreve em pormenor como desceu a um vasto sistema de grutas subterrâneas no Equador e examinou uma antiga biblioteca de estranhas folhas de metal gravadas com caracteres desconhecidos. A exploração posterior das grutas não revelou tal biblioteca e, quando o companheiro de Däniken revelou que Däniken nem sequer se tinha aventurado no subsolo, o próprio Däniken admitiu que isso era verdade, mas explicou que aos escritores de livros como *O Ouro dos Deuses* é permitido romancear os seus factos.

O resultado de tudo isto é que Däniken foi agora totalmente desacreditado, e que a teoria dos «antigos astronautas» associada ao seu nome tem poucos apoiantes sérios. É pena, pois existem provas muito mais convincentes do que as apresentadas por Däniken. Um livro impecavelmente erudito, *O Mistério de Sírio*, de Robert Temple, examina a questão de como uma tribo africana chamada os Dogon veio a saber que Sírio é uma estrela dupla (visto que isto só pode ser percebido através de um telescópio astronómico), e que a sua companheira (Sírio B) é uma anã branca — uma estrela «colapsada» de tremenda densidade, que roda sobre o seu eixo e gira em torno de Sírio A a cada cinquenta anos. Temple argumenta que os Dogon derivaram o seu conhecimento dos antigos egípcios, que, por sua vez, o deverão ter aprendido de «visitantes do espaço». Os opositores da teoria argumentaram que os primeiros missionários brancos podem ter levado o conhecimento astronómico aos Dogon, mas não existe o menor indício de prova disso. Os próprios Dogon insistem que o seu conhecimento da estrela Digitaria (como lhe chamam) faz parte da sua antiga tradição.

Provas mais interessantes podem ser encontradas noutro estudo erudito, *Maps of the Ancient Sea Kings* (1966), com o subtítulo «*Evidence of Advanced Civilisation in the Ice Age*», do Professor Charles Hapgood. Em 1956, um oficial naval turco apresentou uma cópia de um mapa antigo

à Sociedade Hidrográfica da Marinha dos EUA. Um estudante de mapas antigos, o Capitão Arlington Mallery, concluiu que este mostrava a costa antártica da Terra da Rainha Maud nos dias anteriores a as suas baías terem sido cobertas pelo gelo — há cerca de seis mil anos. Hapgood decidiu recrutar os seus estudantes no Keene State College para o projeto e pô-los a estudar os mapas de Piri Reis: Piri Reis não era (como afirmam Pauwels e Bergier) um oficial naval do século XIX, mas sim um pirata turco de nacionalidade grega que fora decapitado em 1554, e cujos mapas de navegação tinham sido preservados no Palácio de Topkapi, em Istambul. Estes também mostravam baías antárticas que estão congeladas há seis mil anos; no entanto, a navegação marítima começou apenas por volta de 2000 a.C.

A conclusão óbvia parecia ser a de que existia uma civilização marítima em 4000 a.C. Isto, admita-se, dificilmente é uma prova dos visitantes do espaço de Lethbridge — talvez os homens tenham construído navios dois mil anos mais cedo do que alguém suspeitava, na altura em que os sumérios criavam a civilização mais antiga de que há conhecimento na Mesopotâmia (e, escusado será dizer, antes do nascimento da escrita). O que parece inteiramente mais estranho é a evidência de outro mapa — a carta Hamy-King —, que mostrava uma ponte terrestre através do Estreito de Bering que não existe há doze mil anos.

Hapgood argumentava que tudo isto parecia mostrar que uma civilização mundial com uma marinha poderosa existiu provavelmente há doze mil anos — numa altura em que, de acordo com os historiadores, a Terra era habitada apenas por caçadores primitivos da Idade da Pedra e os primeiros agricultores ainda não tinham surgido. Tudo isto entusiasmou naturalmente os devotos da lenda da Atlântida (para não falar de Mu, uma civilização semelhante que supostamente existira no Pacífico numa época anterior).

A publicação de *Carruagens dos Deuses* de Däniken no ano seguinte deitou água fria sobre todo este entusiasmo, tal como o nascimento do Espiritismo causara o eclipse da psicometria de Buchanan; Hapgood viu-se metido no mesmo saco e rotulado de excêntrico. Contudo, a republicação do seu livro, numa edição revista, em 1979, não deixou dúvidas de que a sua teoria de uma antiga civilização mundial deve ser levada a sério.

Tudo isto, claro, continua a não ser uma prova da teoria dos homens do espaço de Lethbridge. No seu livro *Timescale* — um «mapa» narrativo da história do mundo —, Nigel Calder refere-se aos nossos antepassados de Cro-Magnon, que substituíram o Homem de Neandertal, mais parecido com um macaco, há cerca de trinta e quatro mil anos, como uma «raça de super-homens, criada por mutações entre a subespécie intelectual que vivia em regiões quentes».

Esta raça de super-homens sobreviveu à última grande Idade do Gelo, iniciada há vinte e oito mil anos, e quando o degelo começou, há cerca de catorze mil anos, nada parece mais provável do que terem aprendido rapidamente a tirar partido dos mares com a sua abundante população de peixes. Portanto, pode ser que tenhamos apenas de rever as nossas noções de história para acomodar a ideia de uma civilização da Idade da Pedra com embarcações marítimas. Mas é muito mais difícil acreditar que estes navegadores da Idade da Pedra tenham criado mapas complexos — mesmo que os tenham riscado em cascas de árvores.

As provas de Hapgood sugerem que poderemos ter de escolher entre la lenda da Atlântida e a noção de astronautas antigos. Em *Legend of the Sons of God*, Lethbridge inclina-se a aceitar ambas. A Atlântida, pensa ele, pode ser uma «memória adulterada» dos feitos dos construtores megalíticos. Mas também se inclina a acreditar que os discos voadores podem ser igualmente os veículos nos quais os «filhos de Deus» vieram originalmente à Terra. Lethbridge vira algo que poderia ter sido um disco voador em 1931 — um disco brilhante como um grande balão flutuando em direção à estrada. (Nicholas Roerich, que desenhou o ballet *A Sagração da Primavera* de Stravinsky, viu um em 1926, quando ele e um grupo de viajantes se dirigiam através dos Himalaias da Mongólia para a Índia; este comportou-se como o disco voador tradicional ao mover-se a grande velocidade e depois mudar subitamente de direção).

Após discutir os discos voadores com alguma extensão, ele sugere que estes poderiam ser «visitantes do espaço» ou seres de alguma outra dimensão. (Os estudos de Lethbridge com o pêndulo tinham-no convencido da realidade de «outras dimensões»!) Mas está inclinado a acreditar que a solução para o mistério reside no que chama de «bioeletrónica», o estudo das forças vivas da terra, que o homem antigo parece ter compreendido tão bem. Tal como John Michell, ele acredita que existe alguma ligação entre

os OVNI e as forças «magnéticas» da terra. Acredita também que existe uma ligação entre estas forças magnéticas e a mente humana. Passa depois a sugerir que as experiências «fora do corpo» são uma prova da capacidade da mente humana para escapar à nossa «taxa de vibração» terrena e mover-se para uma mais elevada. (A sua vizinha em Branscombe — a «bruxa» — convenceu-o disso ao fazer uma visita «astral» ao seu quarto uma noite e, mais tarde, descrever o que ali vira.)

Lethbridge morreu em setembro de 1971, antes da publicação de *Legend of the Sons of God*. O que fica claro desse livro — e da sua obra póstuma final, *The Power of the Pendulum* — é que ele experienciava um problema que parece assombrar todos os investigadores do paranormal. Começam por estudar algum fenómeno que a experiência pessoal os levou a aceitar (como as experiências de Buchanan com os seus estudantes o convenceram da realidade da psicometria) e propõem uma teoria basicamente de senso comum para o explicar em termos científicos. Depois, surgem mais provas que contradizem a teoria — como a descoberta de Buchanan de que a psicometria funcionava igualmente bem numa fotografia de jornal que não estivera em contacto com o seu original [^1]. A teoria é então ligeiramente expandida para tentar acomodar o problema — momento em que alguma nova anomalia faz a sua aparição... E assim por diante, até que se torna claro que nenhuma teoria puramente racional pode acomodar todos os factos.

Muitos dos que decidiram investigar os «discos voadores» depararam-se com o problema. Um deles foi um jornalista americano chamado John Keel, que preparara um documentário de rádio já em 1952 e decidira que as provas de OVNI não podiam ser descartadas.

Tal como tantos outros, John Keel também era levemente cético em relação aos discos voadores até tentar o expediente invulgar de estudar o assunto em vez de emitir juízos *a priori*. Em 1952, preparou um documentário de rádio sobre coisas vistas no céu e passou a acreditar que — já nessa altura — houvera demasiados avistamentos de discos voadores para os descartar como erros ou mentiras. Em 1953, no Egito, viu o seu primeiro OVNI, um disco metálico com uma borda giratória, pairando sobre a barragem de Assuão à luz do dia. Contudo, mesmo assim, foi só em 1966 que decidiu empreender um estudo cuidadoso do assunto e assinou um serviço de recortes de imprensa.

O que então o estupefactou foi o número impressionante de avistamentos — recebia frequentemente 150 recortes num dia. (Nesses dias, os recortes de imprensa custavam apenas alguns cêntimos cada; vinte anos mais tarde, a cerca de uma libra cada, a experiência estaria além dos recursos da maioria dos jornalistas.) Além disso, depressa se tornou claro que até estes eram apenas uma pequena percentagem do total e que milhares de avistamentos ficavam por registar. (Esta é, de facto, a principal desvantagem de um capítulo como este; não consegue sequer começar a transmitir o volume impressionante de avistamentos. Qualquer cético deveria tentar a experiência de ler, digamos, cem casos, um após o outro, para perceber por que razão a teoria da «ilusão» falha em sustentar-se.)

O que também fascinou Keel foi o facto de tantas testemunhas que tinham visto OVNI a partir dos seus carros os terem visto mais tarde sobre as suas casas; isto sugeria que os «homens do espaço» não eram meramente cientistas ou exploradores alienígenas, envolvidos num trabalho de levantamento rotineiro.

No ano seguinte, 1967, Keel conduzia ao longo da Long Island Expressway quando viu uma esfera de luz no céu, perseguindo um rumo paralelo ao seu. Quando chegou a Huntington, descobriu que os carros estavam estacionados ao longo das estradas e dezenas de pessoas olhavam fixamente para quatro luzes que balançavam e se entrelaçavam no céu; a luz que seguira Keel juntou-se às outras quatro. Keel estava, na verdade, a caminho de entrevistar um cientista, Phillip Burckhardt, que vira um OVNI pairar acima de algumas árvores perto da sua casa na noite anterior e o tinha examinado através de binóculos; vira que era um disco prateado iluminado por luzes retangulares que piscavam. A vizinha Base Força Aérea de Suffolk parecia nada saber sobre o assunto.

Keel ficou impressionado com as testemunhas que entrevistou; a maioria eram pessoas comuns que não tinham nenhuma razão óbvia para inventar uma história sobre OVNI. O seu estudo da literatura real convenceu-o de que esta era 98 por cento disparate; mas a maioria das testemunhas individuais dizia obviamente a verdade. Keel acumulara em breve casos suficientes para encher um dactiloscrito de 2000 páginas; este teve de ser severamente truncado antes de ser publicado sob o título *UFOs: Operation Trojan Horse*.

Conforme a sua investigação progredia, Keel ficou cada vez mais convencido de que os OVNI andavam por cá há milhares de anos e que muitos relatos bíblicos de carruagens ardentes ou bolas de fogo são provavelmente descrições deles. Em 1883, um astrónomo mexicano chamado José Bonilla fotografou 143 objetos circulares que se moviam através do disco solar. Em 1878, um fazendeiro do Texas chamado John Martin viu um grande objeto circular voar no céu e usou de facto a palavra «pires» (*saucer*) numa entrevista de jornal sobre o assunto. Em 1897, pessoas por toda a América começaram a avistar enormes aeronaves — embarcações em forma de charuto. (Isto foi antes de a aeronave feita pelo homem ter sido inventada.) Dezenas de outros avistamentos antigos de «OVNI» foram cronificados em relatos de jornais ou panfletos; o Capítulo 26 do *Book of the Damned* de Charles Fort — escrito trinta anos antes da febre dos OVNI — é dedicado a estranhos objetos e luzes vistos no céu.

Keel interessou-se também pelos paralelismos entre os relatos de «homens do espaço» e as descrições feitas por pessoas que afirmam ter tido experiências sobrenaturais. O «anjo» que instruiu Joseph Smith — fundador dos Mórmons — a ir escavar à procura de placas de ouro gravadas soa muito a o tipo de visitante do espaço descrito por Adamski e tantos outros.

Durante a Primeira Guerra Mundial, três crianças que brincavam nos prados perto de Fátima, Portugal, viram um globo de luz brilhante, e a voz de uma mulher falou a partir dele. (Apenas duas das três a ouviram, embora todas o tenham visto, sugerindo que estava nas suas mentes e não no mundo objetivo.) Multidões começaram a visitar o local todos os meses onde a «Senhora do Rosário» (como se intitulou) aparecia às três crianças — apenas as crianças eram capazes de a ver e ouvir. Mas a 13 de outubro de 1917, quando a Senhora anunciara que realizaria um milagre para convencer o mundo, as nuvens de chuva abriram-se e um enorme disco de prata desceu em direção à multidão de setenta mil pessoas. Girava e balançava — exatamente como os OVNI que Keel vira — e mudava de cor ao longo de todo o espetro; todos o observaram durante dez minutos antes de desaparecer novamente nas nuvens. Muitas outras pessoas na zona viram-no a partir das suas casas. O calor do «objeto» secou as roupas molhadas da multidão. Keel cita este e outros «milagres» (como um que ocorreu em Heede, Alemanha) e argumenta que soam curiosamente semelhantes a relatos de OVNI posteriores.

Parecia haver também um aspeto mais sinistro no assunto dos OVNI: as testemunhas começaram a relatar que «funcionários do governo» as tinham visitado e avisado para se manterem em silêncio; estes homens vestiam habitualmente de preto, embora por vezes usassem uniformes militares. Nenhum departamento governamental tinha — pelos vistos — alguma vez ouvido falar deles. Albert K. Bender de Bridgeport, Connecticut, encerrou subitamente o seu *International Flying Saucer Bureau* em 1953 e declarou que três homens de pele escura e olhos brilhantes o tinham pressionado a abandonar as suas investigações.

A maioria dos entusiastas de OVNI culpou o governo; mas quando Bender publicou o seu relato completo dez anos mais tarde, era óbvio que algo muito mais estranho estava envolvido; os três homens materializavam-se e desmaterializavam-se no seu apartamento e, numa ocasião, tinham-no transportado para uma base de OVNI na Antártica. Jacques Vallée, outro cientista que se interessara pelo fenómeno OVNI, notou a semelhança entre esta história e as lendas medievais sobre fadas e «elementais».

Quando Keel começou a investigar os avistamentos na Virgínia Ocidental de um enorme homem alado que parecia capaz de acompanhar carros em movimento rápido, ele próprio começou a deparar-se com entidades vagamente hostis. Um fotógrafo tirou-lhe uma fotografia numa rua deserta e depois fugiu. Logo após combinar encontrar-se com outro especialista em OVNI, Gray Barker, uma amiga revelou que lhe tinham falado sobre o encontro dois dias antes — antes mesmo de Keel ter pensado nisso. Os «contactados» telefonavam-lhe e explicavam que estavam com alguém que desejava falar com ele; depois, ele tinha conversas com homens que falavam com vozes estranhas. (Por vezes ficava com a sensação de estar a falar com alguém em transe.)

Keel recebia instruções para escrever cartas para endereços que, após investigação, se revelavam inexistentes; no entanto, recebia respostas prontas, escritas em letras de imprensa. Numa ocasião, ficou num motel escolhido ao acaso e encontrou uma mensagem à sua espera na receção. Diz ele (em *The Mothman Prophecies*): «Alguém em algum lugar estava apenas a tentar provar que conhecia cada passo que eu dava, ouvia todas as minhas chamadas telefónicas e podia até controlar o meu correio. E estavam a conseguir.» As entidades fizeram também muitas previsões do assassinato de Martin Luther King, de um ataque planeado a Robert

Kennedy, de uma tentativa de esfaqueamento do Papa; mas pareciam frequentemente enganar-se nas datas. Keel concluiu que «o nosso pequeno planeta parece estar a experienciar a interpenetração de forças ou entidades provenientes de algum outro contínuo espaço-tempo».

Mas isto basta para nos recordar que, segundo Kardec, isto tem vindo a acontecer ao longo de toda a história humana. Os xamãs da Idade da Pedra realizavam as suas danças rituais mágicas para alistar a ajuda dos espíritos na caça à presa. Os sacerdotes da Idade do Bronze realizavam as suas cerimónias religiosas para assegurar uma boa colheita. Os devotos da deusa-bruxa Aradia realizavam os seus rituais da natureza para alistar a ajuda da deusa da lua para ajudar os pobres contra os ricos. As bruxas medievais invocavam o Diabo para tornar os seus feitiços eficazes. As mulheres francesas da classe alta na época de Napoleão entregavam-se às «mesas giratórias» — e mais tarde à escrita automática — para interrogar os habitantes do mundo dos espíritos... E cinquenta anos mais tarde, os Espiritistas aprenderam a «contactar os mortos» através da agência de médiuns. É discutível que estivessem todos a fazer essencialmente a mesma coisa — a alcançar o contacto com várias entidades sem corpo que podem ou não ser aquilo que afirmam ser.

À luz deste reconhecimento, podemos começar a compreender as estranhas experiências de um cientista contemporâneo, o Dr. Andrija Puharich, que também foi atraído para o mundo desconcertante do paranormal. Puharich começou a vida como um especialista em neurologia que se interessou pelo fenómeno da telepatia, o mais inócuo e cientificamente explicável de todos os fenómenos paranormais. Iniciou uma série de experiências com a bem conhecida médium Eileen Garrett, que foi colocada numa gaiola de Faraday (uma gaiola eletrificada) para testar se a telepatia é algum tipo de radiação eletromagnética como as ondas de rádio. Aparentemente não era: a Sra. Garrett foi capaz de dizer a Puharich que o seu amigo Henry Wallace queria contactá-lo urgentemente enquanto ela estava na gaiola de Faraday. Minutos depois, a secretária de Puharich entrou para lhe dizer que Henry Wallace estava ao telefone. O livro de Puharich, *Beyond Telepathy* (1974), havia de tornar-se um clássico da parapsicologia.

Ora, Puharich interessou-se por um jovem escultor holandês chamado Harry Stone, o qual, ao examinar um pendente egípcio antigo, caiu em

transe e começou a desenhar hieróglifos. Um especialista em egitologia confirmou que eram hieróglifos genuínos do período do Faraó Seneferu. Identificaram o autor como um escriba chamado Ra Ho Tep, que mencionava que a sua mulher se chamava Nefert; ambas as identificações provaram estar historicamente corretas. Puharich assistiu com fascínio enquanto Stone entrava em transe e escrevia mensagens em egípcio antigo — e aprendeu com elas sobre um «culto do cogumelo sagrado», do qual os historiadores nunca tinham ouvido falar. Outra conhecida também caiu em transe, identificou-se como alguém nascido na antiga Síria e falou também do culto do cogumelo chamado *amanita muscaria*, do qual se afirmava causar «experiências fora do corpo». Puharich teve a sua única experiência desse tipo durante a investigação. Ra Ho Tep exigiu um cogumelo sagrado enquanto Stone estava em transe e aplicou-o ritualisticamente na sua língua e no topo da cabeça. Num teste subsequente de PES, Stone obteve uma pontuação de 100 por cento e foi capaz de ver através de uma parede de tijolo.

Pouco depois disto, um estudioso hindu, o Dr. D. G. Vinod, entrou em transe enquanto visitava Puharich e, falando com uma voz profunda e sonora, bastante diferente dos seus próprios tons agudos, identificou-se como M, um representante de «os Nove» — abreviatura de Nove Princípios e Forças, superinteligências cujo propósito era ajudar a raça humana. Se Puharich soubesse alguma coisa sobre a história da bruxaria e do Espiritismo, teria provavelmente dito a M para dar uma curva. Tal como as coisas estavam, sentiu-se altamente privilegiado e aguardou desenvolvimentos ulteriores, os quais não tardaram a surgir. Vinod transmitiu mais mensagens dos Nove e materializou uma bola de algodão; e um casal chamado Laughead, que Puharich conhecera por acaso, entregou também mensagens dos Nove que eram consistentes com as anteriores, convencendo Puharich da genuinidade das pessoas do espaço...

[^1]: Ver o meu livro *Mysteries*, Capítulo 1.

Seguidamente, Puharich investigou um «cirurgião psíquico» brasileiro chamado Arigó, e viu-o realizar operações delicadas com uma faca de cozinha, abrindo os pacientes, removendo tumores com as mãos e depois selando a incisão ao pressionar os seus bordos com os dedos. Mas quando Puharich foi informado da morte de Arigó num acidente de carro — por

telefone —, deu-se conta de que recebera a mensagem antes de Arigó se despistar.

Em 1971, Puharich ouviu falar de um jovem psíquico israelita chamado Uri Geller, e apressou-se a ir a Telavive para o conhecer. Viu Geller realizar feitos bem-sucedidos de leitura de mente, viu-o partir um anel que uma mulher segurava no seu punho fechado meramente ao colocar a sua própria mão acima dele, e dobrar colheres ao esfregá-las suavemente com o dedo. Um dia, Geller caiu em transe e contou a Puharich como, à idade de 3 anos, adormecera num jardim e fora acordado por uma nave espacial que o derrubara com um feixe de luz. Depois, uma estranha voz metálica, falando a partir do ar acima da cabeça de Geller, informou Puharich de que se tratava de um «ser do espaço» que programara Geller à idade de três anos, e que o seu propósito era ajudar Geller a evitar uma guerra imensamente destrutiva. O mesmo «homem do espaço» identificou-se mais tarde como um dos Nove. Sempre que estes seres comunicavam, faziam com que a fita de gravação se desmaterializasse.

A estranha série de acontecimentos que se seguiu é descrita detalhadamente no livro de Puharich, *Uri: A Journal of the Mystery of Uri Geller*, sendo, no entanto, tão desconcertante e absurda que fez com que o livro fosse recebido com extremo repúdio. Os Nove paravam carros e punham-nos a funcionar novamente, faziam OVNI aparecer no céu, «teleportavam» vários objetos (e até o próprio Geller), e realizavam tantos outros milagres bizarros que o leitor fica finalmente num estado de indiferença atordoada. (Quando conheci Puharich, ele disse-me que omitira deliberadamente alguns dos acontecimentos mais absurdos por medo de suscitar incredulidade; quando me descreveu alguns deles, percebi o seu argumento.) O livro, que os editores esperavam que se tornasse um *best-seller*, foi um fracasso.

Geller e Puharich separaram-se; Geller cansou-se de ser submetido a testes intermináveis. Mas as «inteligências do espaço» divertiam-se pelos vistos demasiado para permitir que Puharich regressasse à ciência. Quando Puharich foi investigar um médium chamado Bobby Horne na Florida, elas não perderam tempo a restabelecer o contacto e a dizer-lhe que o seu propósito agora era preparar a humanidade para uma aterragem em massa de naves espaciais no planeta Terra no decorrer do próximo ano ou dois.

Outra médium, Phyllis Schlemmer, também começou a transmitir mensagens das inteligências do espaço. (Um dos seres do espaço, um homem chamado Tom, explicou que a primeira civilização na Terra fora fundada por visitantes do espaço na Bacia do Tarim, na China, há trinta e dois mil anos.) Stuart Holroyd, um escritor inglês que se envolveu com o grupo, escreveu subsequentemente um livro chamado *Prelude to a Landing on Planet Earth*, que descreve as espantosas peripécias que se seguiram. São demasiado desconcertantes para descrever em pormenor: o que aconteceu basicamente foi que Puharich, Holroyd, Phyllis Schlemmer e outro inglês chamado Sir John Whitmore correram o Médio Oriente, realizando sessões espíritas em quartos de hotel e rezando pela paz; Tom assegurava-lhes periodicamente que tinham acabado de salvar la humanidade. Por 1975, a aterragem no planeta Terra falhara em materializar-se, e Holroyd dedicou-se a escrever o seu livro. A sua própria teoria é que as mentes inconscientes das pessoas envolvidas eram as responsáveis. Cita uma obra curiosa chamada *From India to the Planet Mars*, na qual um psicólogo francês, Théodore Flournoy, investigou a mediunidade de uma rapariga atraente chamada Catherine Müller, que descrevia a sua encarnação passada como esposa de um príncipe na Índia do século XV, e a civilização do planeta Marte.

A encarnação indiana é convincente; ela parecia conhecer todo o tipo de detalhes sobre a Índia do século XV, e o príncipe com quem fora casada, Sivrouka Nakaya, provou ser uma personagem histórica real. Mas os detalhes marcianos — que muitos aceitaram como genuínos — foram finalmente refutados em 1976, quando uma nave espacial *Viking* aterrou finalmente em Marte e revelou que este era um deserto sem ar.

A hipótese de logro inconsciente seria mais convincente se Catherine Müller não tivesse demonstrado poderes psíquicos genuínos — por exemplo, conseguia ler a mente de Flournoy, e vários «*apports*» surgiam enquanto estava em transe, incluindo artefactos chineses e rosas e violetas (a meio do inverno). Sendo assim, é difícil evitar a conclusão de que Flournoy, tal como Catherine Müller, foi vítima dos vigaristas astrais que Joe Fisher apelidou de «fantasmas famintos». E a mesma explicação parece abranger os estranhos acontecimentos descritos em *Prelude to a Landing on Planet Earth*.

Mas talvez o melhor exemplo dos problemas encontrados por investigadores incautos do paranormal seja fornecido pela carreira do falecido F. W. Holiday, um naturalista cujo modesto objetivo era meramente estabelecer (or refutar) a existência do monstro de Loch Ness. Os avistamentos do monstro — uma espécie de dinossauro de pescoço comprido — começaram em 1933, pouco depois da conclusão de uma estrada ao longo da margem norte de Loch Ness, o maior e mais profundo lago da Grã-Bretanha. Um casal viu-o avançar com força pelo lago e outro casal viu-o em terra — uma estranha criatura cinzenta com um pescoço comprido como uma serpente. Foi inclusivamente fotografado mais tarde no mesmo ano. Em 1961, um engenheiro chamado Tim Dinsdale filmou o monstro a nadar através do lago. No ano seguinte, Holiday esteve junto ao lago numa manhã clara e viu uma forma negra e reluzente como um hipopótamo erguer-se da água e depois mergulhar sob a superfície; estimou o seu comprimento em cerca de 45 pés.

Holiday viu-o mais duas vezes e escreveu um livro chamado *The Great Orm of Loch Ness* (1968), argumentando que se tratava de uma espécie de lesma gigante. Mas Holiday ficou muito intrigado ao saber que Boleskine House, na margem sul do lago, fora habitada por Aleister Crowley, e que Crowley realizara rituais para evocar «espíritos». Começou a nutrir a suspeita cautelosa de que o «monstro» fora conjurado por Crowley. Isto não era tão absurdo como soa. Após as suas investigações em Loch Ness, Holiday foi à Irlanda para tentar fotografar monstros lacustres vistos numa série de *loughs* (a versão irlandesa de *lochs*) em Galway.

Os relatos de avistamentos por várias testemunhas eram totalmente convincentes; contudo, o que intrigava Holiday era que os *loughs* eram obviamente demasiado pequenos para sustentar um grande mamífero. Isto levou-o a perguntar-se se a «*peiste*» (como os irlandeses chamam aos monstros) é uma criatura de carne e osso, ou algum tipo de «projeção» junguiana (isto é, ilusão) do inconsciente coletivo. Jung formulara esta teoria para explicar os OVNI (embora mais tarde tivesse vindo a aceitar que eram objetivamente reais), e Holiday também experienciara avistamentos de OVNI.

E agora, lentamente, Holiday aproximava-se da visão de que os monstros lacustres não são simples «sobrevivências pré-históricas» — que podem ser algo inteiramente mais esquivo. Na Idade Média, os «*orms*» (ou

serpentes) e os dragões tinham sido associados ao mal, e ele ficara impressionado com o número de testemunhas que tinham experienciado uma sensação de horror ao ver os monstros lacustres. Poderia o monstro de Loch Ness ser uma espécie de fantasma?

Por 1971, Holiday abandonara a noção de que os monstros lacustres são simplesmente «sobrevivências pré-históricas». Aproximava-se da perspetiva admita-se que excêntrica de que existe alguma influência em jogo que impede ativamente a solução final do mistério, tal como no caso dos Objetos Voadores Não Identificados. E algures em 1972 esta visão pareceu ser confirmada quando leu uma controvérsia de jornal entre um «exorcista», o Rev. Donald Omand, e um oponente que pensava que o monstro de Loch Ness era simplesmente um animal não identificado. Omand herdara a «segunda vista» de antepassados das Terras Altas e não tinha dúvidas da existência real de poderes do mal — ou pelo menos de travessura; realizava frequentemente exorcismos para se livrar deles.

Tinha vislumbrado pela primeira vez um monstro lacustre em Loch Long, em Ross-shire, em 1967. Em junho de 1968, num barco no Fiorde dos Trolls, na Noruega, viu outro, que veio direto na direção deles; o capitão norueguês que estava com ele disse-lhe para não ter medo: «Não nos vai fazer mal — eles nunca fazem.» E, de facto, o monstro mergulhou antes de chegar ao barco deles. Mas o capitão, Jan Andersen, estava convencido de que os monstros eram basicamente maus, que de alguma forma podiam fazer mal ao caráter dos homens (ou, como Omand teria dito, às suas almas).

Em 1972, Omand assistiu a uma conferência psiquiátrica na qual um eminente psiquiatra sueco leu um artigo sobre o monstro do Lago Storsjön, e disse estar convencido de que os monstros tinham um efeito malévolo sobre os seres humanos, especialmente sobre aqueles que os caçavam ou os viam regularmente. Pensava que a sua influência podia causar tragédias domésticas e degeneração moral. Assim, Omand começou a considerar a teoria de que talvez os monstros lacustres não sejam criaturas reais, mas sim «projeções» de algo vindo do passado pré-histórico.

Holiday escreveu a Omand, e o resultado invulgar foi que, em junho de 1973, Holiday e Donald Omand remarcaram até ao meio de Loch Ness, e Omand realizou um exorcismo do lago. Holiday disse que ambos se sentiram estranhamente exaustos quando tudo terminou. E a sua suspeita de

estar a agitar forças perigosas pareceu ser confirmada dois dias mais tarde, quando foi passar a noite com um Tenente-Coronel Aviador reformado chamado Carey. Holiday contava à Sra. Carey sobre um jornalista sueco chamado Jan-Ove Sundberg que andara a deambular pelas florestas atrás de Foyers quando vira uma nave estranha numa clareira, e alguns homens de aspeto bizarro; a nave levantara voo a grande velocidade e, após o seu regresso à Suécia, Sundberg fora atormentado por «homens de preto» — pessoas que afirmam ser funcionários e que frequentemente parecem assediar os «contactados» por OVNI.

Holiday disse que pretendia ir examinar o local onde o «OVNI» aterrara, e a Sra. Carey avisou-o contra isso. Neste momento, houve um som sibilante como um tornado fora da janela e uma série de baques violentos; um feixe de luz entrou pela janela e focou-se na testa de Holiday. Um momento depois, tudo ficou imóvel. O aspeto estranho foi que o Tenente-Coronel Aviador Carey, que servia uma bebida a escassos pés de distância da mulher, nada viu nem ouviu.

Na manhã seguinte, enquanto Holiday caminhava em direção ao lago, viu um homem vestido inteiramente de preto — incluindo capacete e óculos de proteção — parado por perto; passou por ele, virou a cabeça e ficou estupefacto ao verificar que o homem tinha desaparecido. Correu para a estrada e olhou em ambas as direções; não havia nenhum lugar para onde o homem pudesse ter ido. Um ano mais tarde, perto do mesmo local, Holiday teve um ataque cardíaco; enquanto era transportado, olhou por cima do bordo da maca e viu que passavam exatamente pelo local exato onde vira o «homem de preto». Cinco anos mais tarde, em 1978, Holiday morreu de um ataque cardíaco.

Talvez um ano antes da sua morte, Ted Holiday enviou-me o dactiloscrito do seu livro *The Goblin Universe*, no qual tentava justificar as perspetivas bastante estranhas que fora desenvolvendo gradualmente desde que iniciara a sua caça ao monstro de Loch Ness. Já as discutira no seu segundo livro, *The Dragon and the Disc*, no qual ligara os OVNI («discos») e as «serpentes» como símbolos do bem e do mal. Depois, para minha surpresa, mudou de ideias quanto à publicação do livro.

Havia, suspeito, duas razões. A equipa de investigadores da Academia de Ciências Aplicadas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, liderada pelo Dr. Robert H. Rines, tirara algumas fotografias subaquáticas

notáveis em 1972 e 1975; uma das fotografias de 1972 mostrava muito claramente um objeto semelhante a uma grande barbatana, talvez com oito pés de comprimento, ao passo que uma fotografia de 1975 mostrava muito claramente uma criatura de pescoço comprido e a sua barbatana dianteira; isto era particularmente impressionante porque os dados de sonar — ondas de som refletidas pela criatura — tornavam claro que não se tratava de algum capricho da luz ou de um pedaço de destroços flutuantes ou de algas do lago. Na altura em que pensava em publicar *The Goblin Universe*, Holiday perguntava-se provavelmente se o livro não seria contraditado por alguma nova prova que estabelecesse a realidade física do monstro além de qualquer dúvida.

Além disto, o argumento de *The Goblin Universe* não era tão rigoroso como poderia ser — ele tentava explicar por que razão as suas perspetivas tinham mudado de forma tão surpreendente desde 1962, e passava uma grande quantidade de tempo a debruçar-se sobre «o paranormal». De qualquer modo, decidiu não publicar o livro e, em vez disso, escreveu outro dactiloscrito confinado a monstros lacustres. Consegui finalmente encontrar um editor para o livro em Inglaterra e na América, e este foi publicado em ambos os países.

The Goblin Universe confirmará os céticos na sua visão de que qualquer envolvimento no paranormal é suscetível de resultar numa forma leve de insanidade. Sem pedir desculpa, ele expõe a sua conclusão de que tanto os monstros lacustres como os OVNI são fenómenos «psíquicos» — ou, pelo menos, têm alguma componente psíquica — e que o mesmo se aplica provavelmente a anomalias estranhas como pumas fantasmas, leopardos, *Bigfoots* e Abomináveis Homens das Neves. É um livro estranhamente frustrante porque ele não faz qualquer tentativa de avançar com alguma teoria unificadora que explique estes fenómenos — embora haja alturas em que parece dar a entender que, tal como John Keel, os considera como uma espécie de tentativa de forçar os seres humanos a abandonar o seu dogmatismo e a alargar os seus horizontes mentais. Tal como tantos investigadores, Holiday moveu-se da posição de cético de mente aberta para a de um crente completamente confuso no paranormal. Não há razão para acreditar que, se tivesse vivido, se teria tornado menos confuso.

A confusão, escusado será dizer, deve-se à sua tentativa de conciliar as contradições infinitas que parecem surgir em qualquer tentativa séria de interrogar o paranormal. Nós, pelo menos, estamos numa posição ligeiramente melhor, visto que, como qualquer detetive experiente, reconhecemos que um grande número dos nossos suspeitos é incapaz de dizer a verdade. As mais recentes — e, nalguns aspetos, uma das mais intrigantes — manifestações de «o universo dos duendes» é o curioso mistério dos «círculos nas colheitas».

No início de agosto de 1980, um fazendeiro de Wiltshire chamado John Scull ficou irritado ao encontrar três áreas circulares acamadas num dos seus campos de aveia. Parecia que vândalos se tinham colocado no centro e girado algum objeto pesado na extremidade de um longo pedaço de corda, acamando a aveia contra o solo no sentido dos ponteiros do relógio. Mas se foi assim que foram feitos, o vândalo deve ter sido um homem muito alto e poderoso, pois os círculos tinham sessenta pés de diâmetro. E o facto de a aveia circundante não mostrar qualquer sinal de intrusos tornava improvável que os círculos tivessem uma origem humana. O *Wiltshire Times* relatou o incidente a 15 de agosto, acrescentando que os círculos estavam ao alcance da vista do famoso Cavalo Branco de Westbury, a figura na encosta da colina talhada no giz.

O estudo atento dos três círculos estabeleceu que tinham sido formados em três datas diferentes, provavelmente ao longo de um período de meses. Um dos especialistas, um físico atmosférico chamado Terence Meaden, afirmou que a explicação mais provável seriam os redemoinhos de vento de verão. Mas admitiu ser estranho que cada «redemoinho» tivesse permanecido estacionário, em vez de acamar um trilho através das colheitas.

A 19 de agosto do ano seguinte — 1981 —, mais três círculos apareceram numa formação em anfiteatro abaixo de Cheesefoot Head, perto de Winchester, em Hampshire. Desta vez, o padrão tornava os redemoinhos de vento improváveis. Havia um círculo central, com cerca de 60 pés de diâmetro, e dois mais pequenos — com cerca de 25 pés de largura — colocados asseadamente de cada lado. Iria um redemoinho «fazer ricochete» três vezes?

Houve alguns relatos isolados de incidentes em 1982, mas foram pouco espetaculares e suscitaram pouca atenção. Como que para

compensar, uma série de fenómenos de cinco círculos começou em 1983, um deles novamente perto do Cavalo Branco de Westbury. Estes tornaram claro que os redemoinhos de vento não podiam ser a explicação. Um redemoinho a «fazer ricochete» poderia fazer três círculos em linha, mas estes «quintetos» tinham um círculo central, com os outros colocados asseadamente ao seu redor como que em quatro cantos. Os entusiastas de «OVNI» já tinham notado que um dos grupos aparecera ao pé de Cley Hill, perto de Warminster, onde houvera dezenas de avistamentos de OVNI. Ora os «quintetos» começaram a suscitar a atenção dos meios de comunicação nacionais.

Quando outro «quinteto» perto do Cavalo de Westbury provou ser um embuste, pago pelo *Daily Mirror*, os céticos disseram «eu bem avisei». Mas o homem que detetara o embuste fora Bob Rickard, editor de uma revista de «anomalias» chamada *Fortean Times*. Ele notara os sinais reveladores de intrusos humanos que não tinham estado presentes em nenhum dos círculos originais.

A partir daí, os círculos começaram a multiplicar-se. A teoria dos redemoinhos de vento continuou a ser o principal recurso dos especialistas. Como que para refutar isto, os círculos começaram a aumentar de complexidade. Acamamentos no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio começaram a aparecer, e alguns dos círculos tinham um anel maior no exterior — alguns chegavam a ter três anéis. Isto começava a ficar absurdo. Em Oadby, perto de Leicester, três círculos apareceram numa formação de triângulo perfeito em redor de um círculo nas colheitas anelado maior, em 1988. Em Charity Down, perto de Goodwood Clatford (Hampshire), uma notável «Cruz Céltica» apareceu em agosto do mesmo ano — um círculo duplo com quatro círculos simétricos no seu bordo exterior.

Quando o especialista em círculos, o Dr. Terence Meaden, publicou um livro explicando os círculos em termos de um «vórtice de plasma eletromagnético», e apontando que anéis sucessivos em círculos anelados causavam o acamamento em direções opostas, um círculo que contradizia todas as suas teorias apareceu prontamente em Cheesefoot Head, recordando aos estudantes de fenómenos de *poltergeist* que os *poltergeists* mostram frequentemente a mesma sensibilidade aos comentários feitos sobre eles. Mas quando um grupo de entusiastas de OVNI sugeriu que os

círculos eram feitos por OVNI a aterrar, outro círculo apareceu rapidamente sob um cabo de alta tensão, onde uma aterragem teria sido virtualmente impossível.

Os especialistas em círculos nas colheitas chamavam-se agora a si próprios «cerealogistas», e notaram também que os fenómenos pareciam responder a ideias humanas. Um fotógrafo aéreo chamado Busty Taylor regressava a casa de um dia de fotografia de círculos quando comentou que gostaria de ver um sob a forma de uma Cruz Céltica; no dia seguinte, um círculo em Cruz Céltica aparecera no local sobre o qual ele voava na altura.

Os círculos continuaram a tornar-se cada vez mais complexos, descartando a maioria das explicações «naturais». Em 1990, um padrão extraordinário de seis círculos elaborados — em linha reta — apareceu perto de Alton Barnes, em Hampshire, com uma série de objetos semelhantes a chaves a sobressair dos lados de três círculos, produzindo o efeito de antigos pictogramas.

Existiram vários relatos de testemunhas oculares sobre a formação dos círculos. Típico destes é um relatado na Escócia, em agosto de 1989, por um Sr. Sandy Reid. Meaden relata:

«Durante meio minuto, enquanto ele observava, a uma distância de 15 metros, o vento agitava violentamente o milho numa área circular, fazendo o tempo todo um barulho estranho, mas onde ele estava não havia vento nenhum. Então, de repente, uma "força" disparou para baixo e um círculo apareceu quase instantaneamente. Esta foi uma boa observação da rutura de vórtice de um vórtice estacionário de turbulência.» [^1]

Aqui estão outras descrições de testemunhas oculares, compiladas por Bob Rickard:

«De repente, a relva começou a balançar diante dos nossos olhos e deitou-se plana numa espiral no sentido dos ponteiros do relógio... Um círculo perfeito ficou concluído em menos de meio minuto, acompanhado o tempo todo por um zumbido agudo... A minha atenção foi atraída para uma "onda" que vinha através das espigas da colheita de cereais em linha reta... A agência, embora invisível, comportava-se como um objeto sólido... Quando chegámos ao local onde os círculos tinham estado, fomos subitamente apanhados por um redemoinho terrível... [O cão] ficou louco...

Houve um som sibilante e um estrondo... depois, de repente, tudo ficou imóvel... Foi misterioso... O coro do amanhecer parou; o céu escureceu...»

Tudo o que parece claro à data em que escrevo (1991) é que os círculos não podem ser explicados em termos «naturais», embora continue a ser minimamente concebível que possam ter sido feitos por algum falsificador brilhante a pilotar um minúsculo helicóptero. Num livro chamado *The Crop Circle Enigma* (1990), um artigo de John Michell aponta que os fenómenos trazem à mente as descrições de John Keel sobre as suas próprias experiências com o fenómeno OVNI — a de que «ideias e experiências estranhas forçam a sua entrada nas vidas de todos os que investigam tais assuntos». «Tal como muitos outros cerealogistas, e como Keel, Shuttlewood e ufólogos antes deles, admitem que as suas vidas, mentes e perspetivas foram radicalmente mudadas pelas suas investigações.» E ele acrescenta a avaliação significativa:

«A um nível, a mudança é filosófica; após uma avaliação honesta da ufologia e dos dados dos círculos nas colheitas, é impossível manter a visão de mundo racionalista sobre a qual a ciência e a educação modernas estão fundadas. Somos levados para canais de pensamento desconhecidos, que apontam para longe de teorias estruturadas e crenças firmes e definitivas, em direção a uma visão mais mística da realidade e, eventualmente, em direção aos maiores mistérios da divindade e do universo vivo.»

Ele passa a elaborar:

«Revendo as provas neste campo, Devereux ficou impressionado com uma observação que ocorre repetidamente nos relatos de testemunhas de fenómenos luminosos misteriosos, a de que a sua experiência da realidade é de algum modo afetada. Alguns falam de visões e revelações psíquicas, e uma característica comum é que as testemunhas se sentem conscientes de uma ligação mental entre si e os fenómenos. Na sua categoria de luzes da terra, Devereux inclui manifestações que são reconhecidas pela ciência, embora não totalmente explicadas ou compreendidas, tais como fogos-fátuos e relâmpagos globulares. Tais coisas parecem certamente estar relacionadas com o campo energético da terra, mas o seu comportamento é imprevisível e dão frequentemente a impressão de agir de forma inteligente ou determinada em relação àqueles que as veem. A conclusão de Devereux, imposta pelo peso esmagador das provas, é que as energias vitais da Terra

têm uma componente de inteligência, semelhante à nossa própria inteligência e capaz de interagir com ela.»

E resume:

«Há poucas dúvidas, especialmente à medida que os acontecimentos surpreendentes de 1990 se continuam a desenrolar, de que os padrões no milho têm um significado, e o significado de tais coisas deve ser encontrado na forma como as pessoas são afetadas por elas. Jung discerniu o significado dos OVNI como agentes e presságios de mudanças nos padrões do pensamento humano, e essa função foi claramente herdada pelos círculos nas colheitas, que são uma continuação — uma solidificação, poder-se-ia dizer — do fenómeno OVNI.

Vimos anteriormente como a exposição à influência dos círculos nas colheitas mudou as atitudes e mentalidades de muitos investigadores. Tais mudanças, se estiverem de acordo com o espírito dos tempos, são tanto permanentes como contagiosas. A julgar pelo que aconteceu até agora, parece haver toda a justificação para estender a caracterização que Jung fez dos OVNI aos círculos nas colheitas, e assim os considerar como sinais de "grandes mudanças vindouras que são compatíveis com o fim de uma era".»

Se Ted Holiday tivesse vivido por mais uma década, teria indubitavelmente mudado de ideias quanto à sua decisão de não publicar *The Goblin Universe*. Do ponto de vista da última década do século XX, parece mais relevante do que nunca.

16.

A Expansão da Consciência

No início deste livro, falámos de Ouspensky e da sua obsessão pelo «conhecimento secreto». Agora, no fim, temos de regressar a ele.

Pyotr Demianovitch Ouspensky nasceu em Moscovo a 5 de março de 1878, filho de um funcionário do governo e de uma artista talentosa, e a sua primeira experiência de mistério veio de lampejos súbitos do sentimento: «Eu já estive aqui antes», que começaram quando ele tinha seis anos. Quando descobriu os escritos de Nietzsche, concluiu que o seu sentimento de «já estive aqui antes» era o que o Zaratustra de Nietzsche entendia por «Eterno Retorno», a noção de que os seres humanos vivem as suas vidas

vezes e vezes sem conta. E quando, à idade de 18 anos, perdeu a mãe, decidiu viajar para países estrangeiros em busca do «conhecimento oculto» que tinha a certeza de existir.

As suas viagens levaram-no pela Rússia, Europa e Índia em busca de «mestres» que lhe pudessem ensinar o sentido da vida. Escreveu um romance bastante sombrio chamado *The Strange Life of Ivan Osokin* sobre uma personagem que tem de continuar a reviver a sua vida. (Para fazer justiça a Ouspensky, ele não acreditava que a repetição fosse idêntica; antes, as nossas vidas são como uma peça que tem de seguir o guião, mas que o próprio ator pode transformar num triunfo ou num fracasso.)

De volta à Rússia, escreveu uma obra notável chamada *Tertium Organum* (que foi citada no primeiro capítulo). Esta obra viria mais tarde a torná-lo famoso no Ocidente, pois, no final da Primeira Guerra Mundial, foi lida por um jovem russo, Nicholas Bessaraboff, que vivia na América, e foi publicada por um escritor e arquiteto chamado Claude Bragdon. Foi um sucesso instantâneo, com o resultado de que Bragdon tentou contactar o autor para lhe enviar os seus direitos de autor.

A sua carta alcançou Ouspensky em Constantinopla; Ouspensky fugira da Revolução Russa e estava virtualmente indigente quando o dinheiro chegou. Perguntou a Bragdon se o poderia ajudar a emigrar para Inglaterra. Escassas semanas mais tarde, com a ajuda de outra admiradora de Ouspensky, Lady Rothermere — esposa do magnata da imprensa —, Bragdon conseguiu enviar a Ouspensky o dinheiro para viajar para Londres. Ali, ele descobriu que o *Tertium Organum* já ia na sua segunda edição e que um círculo de admiradores esperava ansiosamente para saber o que ele tinha para lhes ensinar.

O que ele tinha para lhes ensinar era — como sabemos pelo décimo segundo capítulo deste livro — o que Gurdjieff lhe ensinara na Rússia: que a consciência humana é uma forma de sono, e que o nosso problema é acordar. Ouspensky continuou identificado com o ensinamento de Gurdjieff — que depressa se tornou tão conhecido na Europa como o próprio Ouspensky — e é ainda geralmente rotulado como um «discípulo de Gurdjieff». Isto é um erro clamoroso.

Se Ouspensky tivesse morrido após ter escrito o *Tertium Organum*, continuaria a ser reconhecido como um pensador de uma frescura e

originalidade notáveis. E se tivesse morrido após ter escrito o seu segundo livro, *A New Model of the Universe* — ainda antes de conhecer Gurdjieff —, seria conhecido como um dos pensadores mais originais do século XX. Num certo sentido, o seu encontro com Gurdjieff, que foi o acontecimento mais importante da sua vida, foi também uma infelicidade que impediu o seu próprio génio de ser reconhecido.

Na verdade, em 1910, logo após regressar da Índia, Ouspensky iniciou uma série de «experiências» em misticismo que lhe trouxeram algumas das intuições mais profundas da sua vida. Merecem ser consideradas não meramente como um ponto de viragem na vida de Ouspensky, mas como um ponto de viragem na história da consciência humana.

É pena que Ouspensky se recuse a entrar em pormenores sobre as técnicas que usou para alcançar estados de consciência «místicos». Isto, suspeito, deve-se ao facto de ele se envergonhar delas. Acredito que usou simplesmente o gás que os dentistas costumavam usar para adormecer os seus pacientes: o óxido nitroso. Foi descoberto em 1795 por um jovem químico chamado Humphry Davy, que aquecia uma mistura de limalha de ferro húmida e ácido nítrico e, ao inalá-lo, experienciou uma agradável sensação de tontura e uma alegria tremenda, de tal modo que desatou a rir. Depois perdeu a consciência. Quando acordou, exclamou: «Que descoberta maravilhosa — o gás hilariante.»

O filósofo William James observou:

«O óxido nitroso e o éter, especialmente o óxido nitroso, quando suficientemente diluídos em ar, estimulam a consciência mística num grau extraordinário. Profundidade após profundidade de verdade parecem revelar-se ao inalador. Esta verdade desvanece-se, contudo, ou escapa, no momento em que se volta a si; e se restarem quaisquer palavras nas quais ela tenha parecido revestir-se, revelam-se o mais puro absurdo. Não obstante, o sentimento de que ali esteve um significado profundo persiste; e conheço mais do que uma pessoa que está persuadida de que no transe por óxido nitroso temos uma revelação metafísica genuína.» [^2]

Ouspensky também tinha passado por treino em ioga, e pode ser que tenha sido por isso que conseguiu reter tanta parte da revelação, em vez de a perder ao regressar à consciência. Significativamente, Ouspensky menciona as observações de James sobre o misticismo e o uso de

narcóticos no início do seu capítulo «*Experimental Mysticism*» em *A New Model of the Universe*.

O que Ouspensky descobriu foi que, assim que iniciava a experiência, começava a ocorrer uma alteração no seu estado de consciência. O problema era que este estado oferecia tanto de novo e inesperado, e estas intuições passavam tão depressa, «que eu não conseguia encontrar palavras... que me permitissem recordar o que tinha acontecido, mesmo para mim próprio, e muito menos transmiti-lo a outra pessoa».

A primeira sensação, diz ele, foi um estranho sentido de dualidade, como se se tivesse tornado duas pessoas. Isto, suspeito, foi uma ativação de ambos os lados do cérebro, de modo que o seu «eu» se tornou duplo. O lado direito tinha a experiência mística; o esquerdo fazia o seu melhor para a observar e recordar.

Mas agora ele faz a sua observação mais importante: a de que o problema em descrever este estado é que tudo está interligado. Para descrever algo, precisamos de um ponto de partida. Ouspensky descobriu que «para descrever as primeiras impressões, as primeiras sensações, é necessário descrever tudo de uma vez. O novo world com o qual se entra em contacto não tem lados, de modo que é impossível descrever primeiro um lado e depois o outro. Tudo ele é visível em cada ponto.»

Por outras palavras, o que ele viu neste estado é que tudo está ligado a tudo o resto, pelo que tentar descrevê-lo é como tentar pegar num monte de correntes quando não se faz ideia de onde encontrar o seu início.

Na verdade, todos estamos familiarizados com esta experiência. Quando ouvimos uma peça de música pela primeira vez — particularmente se for uma peça de música complexa, como uma sinfonia —, apenas «registamos» pequenas partes dela. Quanto mais vezes a ouvimos, mais estas partes se unem, até que finalmente temos a obra inteira «na cabeça». Uma criança pequena que ouve uma sinfonia simplesmente não consegue compreendê-la; soa como um amontoado incompreensível de notas. Mas quando a criança tem idade suficiente para compreender e desfrutar da sinfonia, continua a não conseguir explicá-la ao seu irmão mais novo. Apenas poderia dizer: «Ah sim, agora percebo.»

Ouspensky oferece um exemplo da forma como ele realmente «via» a interconexão:

«Lembro-me de uma vez estar sentado num sofá a fumar e a olhar para um cinzeiro. Era um cinzeiro de cobre comum. De repente, senti que começava a compreender o que o cinzeiro era e, ao mesmo tempo, com um certo assombro e quase com medo, senti que nunca o tinha compreendido antes e que não compreendemos as coisas mais simples que nos rodeiam.

»O cinzeiro desencadeou um turbilhão de pensamentos e imagens. Continha um número tão infinito de factos, de acontecimentos; estava ligado a um número tão imenso de coisas. Antes de mais, com tudo o que se ligava ao ato de fumar e ao tabaco. Isto desencadeou imediatamente milhares de imagens, quadros, memórias. Depois, o próprio cinzeiro. Como tinha vindo a existir? Todos os materiais de que poderia ter sido feito? Cobre, neste caso — o que era o cobre? Como o tinham as pessoas descoberto pela primeira vez? Como tinham aprendido a fazer uso dele? Como e onde fora obtido o cobre de que este cinzeiro era feito? Por que tipo de tratamento tinha passado, como fora transportado de lugar para lugar, quantas pessoas tinham trabalhado nele ou em ligação com ele? Como fora o cobre transformado num cinzeiro? Estas e outras questões sobre a história do cinzeiro até ao dia em que aparecera na minha mesa.

»Lembro-me de escrever escassas palavras num pedaço de papel a fim de reter algo destes pensamentos no dia seguinte. E no dia seguinte li:

»"Um homem pode enlouquecer por causa de um cinzeiro."

»O significado de tudo o que senti era que num cinzeiro era possível conhecer tudo. Por fios invisíveis, o cinzeiro estava ligado a tudo no mundo, não só com o presente, mas com todo o passado e com todo o futuro. Conhecer um cinzeiro significava conhecer tudo.

»A minha descrição não exprime minimamente a sensação tal como ela realmente foi, porque a primeira e principal impressão era a de que o cinzeiro estava vivo, que pensava, compreendia e me contava tudo sobre si próprio. Tudo aprendi do próprio cinzeiro. A segunda impressão foi o extraordinário caráter emocional de tudo o que se ligava àquilo que eu tinha aprendido sobre o cinzeiro.

»"Tudo está vivo", disse para comigo no meio destas observações; "não há nada morto, somos apenas nós que estamos mortos. Se ficarmos vivos por um momento, sentiremos que tudo está vivo, que todas as coisas vivem, pensam, sentem e podem falar connosco."»

Esta sensação intensificava-se quando ele tentava as suas «experiências» ao caminhar pela rua:

«Em tais ocasiões, todo o mundo comum mudava de uma forma muito subtil e estranha. Tudo se tornava diferente, mas é absolutamente impossível descrever o que lhe acontecia. A primeira coisa que se pode dizer é que não havia nada que permanecesse indiferente para mim. Tudo tomado em conjunto e cada coisa separadamente afetava-me de uma maneira ou de outra. Por outras palavras, eu tomava tudo emocionalmente, reagia a tudo emocionalmente.»

[^1]: *The Crop Circle Enigma*, editado por Ralph Noyes, Gateway Books, 1990, p. 83. [^2]: *Varieties of Religious Experience*, capítulo 16, p. 378.

«Além disso, neste novo mundo que me rodeava, não havia nada separado, nada que não tivesse ligação com outras coisas ou comigo pessoalmente. Todas as coisas estavam ligadas umas às outras, e não acidentalmente, mas por cadeias incompreensíveis de causas e efeitos. Todas as coisas estavam dependentes umas das outras, todas as coisas viviam umas nas outras. Além disso, neste mundo não havia nada morto, nada inanimado, nada que não pensasse, nada que não sentisse, nada inconsciente.

Tudo estava vivo, tudo estava consciente de si mesmo. Tudo falava comigo e eu podia falar com tudo. Particularmente interessantes eram as casas e os outros edifícios pelos quais eu passava, especialmente as casas velhas. Eram seres vivos, cheios de pensamentos, sentimentos, estados de espírito e memórias. As pessoas que viviam nelas eram os seus pensamentos, sentimentos, estados de espírito. Quero dizer que as pessoas, em relação às "casas", desempenhavam aproximadamente o mesmo papel que os diferentes "eus" da nossa personalidade desempenham em relação a nós. Eles vêm e vão, às vezes vivem em nós por muito tempo, às vezes aparecem apenas por curtos momentos.

»Lembro-me de uma vez ficar impressionado com um cavalo de carroça comum no Nevsky, pela sua cabeça, pelo seu focinho. Exprimia todo o ser do cavalo. Olhando para o focinho do cavalo, compreendi tudo o que se podia compreender sobre um cavalo. Todos os traços da natureza equina, tudo de que um cavalo é capaz, tudo de que é incapaz, tudo o que

pode fazer, tudo o que não pode fazer; tudo isto estava expresso nas linhas e feições do focinho do cavalo. Um cão deu-me uma vez uma sensação semelhante.

Ao mesmo tempo, o cavalo e o cão não eram simplesmente cavalo e cão; eram "átomos", átomos conscientes e em movimento de grandes seres — "o grande cavalo" e "o grande cão". Compreendi então que nós também somos átomos de um grande ser, "o grande homem". Cada coisa é um átomo de uma "grande coisa". Um copo é um átomo de um "grande copo". Um garfo é um átomo de um "grande garfo".»

Ele regista muitas outras intuições estranhas nos seus estados «místicos», incluindo uma que parece típica da sua natureza paradoxal:

«Tentarei descrever em resumo o que encontrei neste mundo estranho no qual me vi. O que notei primeiro, simultaneamente com a "divisão de mim mesmo em dois", foi que a relação entre o objetivo e o subjetivo estava quebrada, inteiramente alterada, e tomava certas formas incompreensíveis para nós. Mas "objetivo" e "subjetivo" são apenas palavras. Não desejo esconder-me atrás destas palavras, mas desejo descrever o mais exatamente possível o que realmente senti. Para este propósito, devo explicar o que é que eu chamo de "objetivo" e "subjetivo". A minha mão, a caneta com que escrevo, a mesa, estes são fenómenos objetivos. Os meus pensamentos, as minhas imagens mentais, os quadros da minha imaginação, estes são fenómenos subjetivos. O mundo está dividido para nós ao longo destas linhas quando estamos no nosso estado comum de consciência, e toda a nossa orientação comum funciona ao longo das linhas desta divisão. No novo estado, tudo isto estava completamente virado do avesso. Antes de mais, estamos habituados à constância da relação entre o subjetivo e o objetivo — o que é objetivo é sempre objetivo, o que é subjetivo é sempre subjetivo.

Aqui vi que o objetivo e o subjetivo podiam mudar de lugar. Um podia tornar-se o outro. É muito difícil expressar isto. A desconfiança habitual em relação ao subjetivo desapareceu; cada pensamento, cada sentimento, cada imagem objetivava-se imediatamente em formas reais e substanciais que em nada diferiam das formas dos fenómenos objetivos; e, ao mesmo tempo, os fenómenos objetivos de algum modo desapareciam, perdiam toda a realidade, pareciam inteiramente subjetivos, fictícios, inventados, não tendo existência real.

»Esta foi a primeira experiência. Além disso, ao tentar descrever este mundo estranho no qual me vi, devo dizer que se assemelhava mais do que tudo a um mundo de relações matemáticas muito complicadas.

»Imagine-se um mundo no qual todas as relações de quantidades, das mais simples às mais complicadas, têm uma forma.

»Certamente é fácil dizer "imagine-se um tal mundo".

»Compreendo perfeitamente bem que "imaginá-lo" é impossível. No entanto, ao mesmo tempo, o que estou a dizer é a aproximação mais próxima da verdade que se pode fazer. "Um mundo de relações matemáticas" — isto significa um mundo no qual tudo está ligado, no qual nada existe separadamente e no qual, ao mesmo tempo, as relações entre as coisas têm uma existência real à parte das próprias coisas; ou, possivelmente, as "coisas" nem sequer existem e apenas existem as "relações".»

Igualmente fascinante é a sua observação de que, neste estado de intensa excitação (ele menciona também que transbordava com um sentimento de puro júbilo e deleite), o tempo parecia abrandar. Tornou-se impossível comunicar com quem quer que fosse porque a sua mente se movia muito mais depressa do que as suas palavras:

«Tentei as minhas experiências sob as mais variadas condições e nos mais variados ambientes. Gradualmente, fiquei convencido de que o melhor era estar sozinho. A verificação das experiências, isto é, a observação por outra pessoa, ou o registo das experiências no preciso momento em que tinham lugar, era completamente impossível. Em todo o caso, nunca obtive quaisquer resultados dessa maneira.

»Quando tentei ter alguém perto de mim durante estas experiências, descobri que não se podia manter nenhum tipo de conversa. Começava a dizer algo, mas entre a primeira e a segunda palavra da minha frase ocorria-me e passava diante de mim um número tão enorme de ideias, que as duas palavras ficavam tão amplamente separadas que tornava impossível encontrar qualquer ligação entre elas. E da terceira palavra esquecia-me habitualmente antes de ser pronunciada e, ao tentar recordá-la, encontrava um milhão de novas ideias, mas esquecia-me completamente de onde tinha começado... Lembro-me, por exemplo, do início de uma frase:

»“Eu disse ontem”...

»Mal tinha pronunciado a palavra “Eu”, um número de ideias começou a girar na minha cabeça sobre o significado da palavra, num sentido filosófico, num sentido psicológico e em todos os outros sentidos. Isto era tudo tão importante, tão novo e profundo, que quando pronunciei a palavra “disse”, não conseguia compreender minimamente o que queria dizer com ela. Arrancando-me com dificuldade do primeiro ciclo de pensamentos sobre o “Eu”, passei para a ideia “disse” e encontrei imediatamente nela um conteúdo infinito.

A ideia da fala, a possibilidade de exprimir pensamentos em palavras, o tempo passado do verbo, cada uma destas ideias produzia uma explosão de pensamentos, conjeturas, comparações e associações. Assim, quando pronunciei a palavra “ontem”, já era completamente incapaz de compreender por que razão a tinha dito. Mas ela, por sua vez, arrastou-me imediatamente para as profundezas dos problemas do tempo, do passado, presente e futuro, e diante de mim começaram a abrir-se tais possibilidades de abordagem a estes problemas que o fôlego me foi cortado.

»Foram precisamente estas tentativas de conversa, feitas nestes estranhos estados de consciência, que me deram a sensação de alteração no tempo que é descrita por quase todos os que fizeram experiências como as minhas. Este é um sentimento de extraordinário prolongamento do tempo, no qual os segundos parecem ser anos ou décadas.

»Não obstante, o sentimento habitual do tempo não desaparecia; apenas juntamente com ele ou dentro dele aparecia, por assim dizer, outro sentimento do tempo, e dois momentos do tempo comum, como duas palavras da minha frase, podiam ser separados por longos períodos de outro tempo.

»Lembro-me de como fiquei impressionado com esta sensação a primeira vez que a tive. O meu companheiro estava a dizer algo. Entre cada som da sua voz, entre cada movimento dos seus lábios, passavam longos períodos de tempo. Quando ele terminou uma frase curta, cujo significado não me chegou de todo, senti que tinha vivido tanta coisa durante esse tempo que nunca mais seríamos capazes de nos compreender, que eu tinha ido longe demais dele. Parecia-me que ainda éramos capazes de falar e, até certo ponto, compreender-nos no início desta frase, mas no fim tinha-se

tornado completamente impossível, porque não havia meios de lhe transmitir tudo o que eu tinha vivido pelo meio.»

Vale a pena mencionar, neste ponto, as experiências de outro «místico experimental», R. H. Ward, o autor de uma obra notável intitulada *A Drug-Taker's Notes*. O livro é principalmente dedicado aos seus relatos de experiências «controladas» com LSD; mas, num capítulo anterior, ele descreve também uma experiência anterior sob o efeito de gás dentário — óxido nitroso:

«Nesta ocasião pareceu-me que passei, após as primeiras inalações do gás, diretamente para um estado de consciência já muito mais completo do que o grau mais pleno da consciência comum de vigília, e que passei depois progressivamente para cima (pois havia uma sensação real de movimento ascendente) para graus cada vez mais subtis desta perceção aumentada. Mas, embora se deva escrever sobre isso em termos de tempo, o tempo não tinha lugar na experiência. Num sentido, durou muito mais do que o curto período entre inalar o gás e "voltar a si", durou na verdade por uma eternidade, e noutro sentido não levou tempo nenhum. Em termos de tempo, contudo, a primeira fase da experiência foi comparativamente breve (embora talvez fosse mais exato dizer que foi comparativamente sem importância): uma confusão de sensações na qual, ao passo que já mal estava consciente do meu corpo, era ainda capaz de pensar da maneira comum, e com alguma surpresa por não estar a ser tornado inconsciente pelo gás que inalava, mas muito pelo contrário. Pois já sabia, compreendia, realmente era, muito mais do que normalmente sabia, compreendia e era. Expresso-me desta forma porque não tive a impressão de receber subitamente novos conhecimentos, compreensão e ser. Em vez disso, senti que estava a redescobrir estas coisas, que outrora tinham sido minhas, mas que tinha perdido muitos anos antes.

Embora fosse inteiramente estranha, esta nova condição era também familiar; era até, em algum sentido, a minha condição de direito. Entretanto, o que se tornava irreal, lento e desajeitado era o mundo comum que eu deixava para trás, mas de cuja existência sombria ainda estava vagamente consciente; na verdade, apresentava-se-me como sendo como a sombra recuante que se esbate através de uma paisagem quando o sun aparece.»

Tal como Ouspensky, Ward regista a pura felicidade da experiência, a sua riqueza emocional:

«Quanto ao tom emocional desta fase da experiência, só posso descrevê-lo como sendo composto de assombro, alegria e uma inevitabilidade inteiramente pacífica para a qual não há nome. Esta sensação, que no entanto nada tinha a ver com os meus sentidos já anestesiados, tinha uma profundidade emocional que não pertence à sensação de vigília, e à qual os nossos valores de palavras de vigília não pertencem, de modo que é quase indescritível.

Entretanto, o sentimento extraordinário da justeza das coisas aumentou, tornou-se mais pungente e foi acompanhado, ao fazê-lo, por uma sensação peculiar de voo ascendente e sem corpo. Este sentido de movimento ascendente continuou até me parecer que estava a passar rapidamente por aquilo que depois disse a mim próprio ser uma "região de ideias". A ênfase tinha-se deslocado, ou seja, do emocional para o intelectual.»

É claro que esta «região de ideias» corresponde ao mundo de relações matemáticas de Ouspensky. Ward compara-a ao mundo das formas ou ideias de Platão — recordando o comentário de Ouspensky de que «um garfo é um átomo de um Grande Garfo». Tanto Ouspensky como Ward descrevem o desapontamento do regresso à consciência comum. Este é Ward:

«Depois disso, o voo ascendente tornou-se um voo descendente; ao passo que se tinha subido para a luz pura do sol, agora caía-se novamente em direção às sombras da terra. Estava mais uma vez consciente de estar na "região de ideias" e, desta vez, conforme a consciência diminuía em direção à consciência da vida quotidiana (ou, paradoxalmente, conforme o meu corpo anestesiado "recuperava a consciência"), a "região de ideias" tomava forma; nas suas franjas inferiores eram fornecidos os símbolos de que necessitamos no estado de vigília se quisermos compreender a "intuição".

Num lampejo, pelo que me pareceu, vi o significado; o significado, isto é, do universo, da vida na terra e do homem. Conforme a escuridão daquilo que nos lisonjeamos ser a consciência se fechava sobre mim, e no momento em que começava a estar vagamente consciente de que estava a

“voltar a mim”, a soma das coisas apareceu diante dos meus olhos interiores como uma figura geométrica viva, uma disposição infinitamente complicada e infinitamente simples de linhas douradas em contínuo movimento e contínua mudança sobre um fundo de escuridão. (“Geometria”, tem sido frequentemente registado, é uma forma comum para tais visões tomarem.)»

[Notamos aqui novamente a necessidade de recorrer a uma analogia matemática.]

Ouspensky exprime um sentido ainda mais forte de rejeição da «consciência normal»:

«A coisa mais estranha em todas estas experiências era o caminho de volta, o regresso ao estado comum, ao estado a que chamamos vida. Isto era algo muito semelhante a morrer ou àquilo que eu pensava que morrer deveria ser.

»Usualmente, este caminho de volta ocorria quando eu acordava de manhã, após uma experiência interessante na noite anterior. As experiências terminavam quase sempre em sono. Durante este sono, passei evidentemente para o estado habitual e acordei no mundo comum, no mundo em que acordamos todas as manhãs. Mas este mundo continha algo de extraordinariamente opressivo, era incrivelmente vazio, sem cor e sem vida. Era como se tudo nele fosse de madeira, como se fosse uma enorme máquina de madeira com rodas de madeira a chiar, pensamentos de madeira, estados de espírito de madeira, sensações de madeira; tudo era terrivelmente lento, mal se movia ou movia-se com um chiar melancólico de madeira. Tudo estava morto, sem alma, sem sentimento.

»Eram terríveis, estes momentos de acordar num mundo irreal depois de um real, num mundo morto depois de um vivo, num mundo limitado, cortado em pequenos pedaços, depois de um mundo infinito e inteiro.»

A própria visão de Ouspensky de um «mundo inteiro» fora reminiscente da figura geométrica viva de Ward:

«Uma vez, quando estava no estado ao qual as minhas experiências me traziam, perguntei a mim próprio: “O que é o mundo?”

»Imediatamente vi a semelhança de alguma grande flor, como uma rosa ou um lótus, cujas pétalas se desdobravam continuamente a partir do

meio, crescendo, aumentando de tamanho, atingindo o exterior da flor e depois, de alguma forma, regressando novamente ao meio e começando de novo no início. As palavras de modo nenhum o exprimem. Nesta flor havia uma quantidade incrível de luz, movimento, cor, música, emoção, agitação, conhecimento, inteligência, matemática e crescimento contínuo e incessante. E enquanto eu olhava para esta flor, alguém pareceu explicar-me que este era o "Mundo" ou "Brahma" no seu aspeto mais claro e na aproximação mais próxima possível daquilo que é na realidade — "Se a aproximação fosse feita ainda mais próxima, seria o próprio Brahma, tal como é", disse a voz.»

A principal diferença entre os dois relatos é que Ward descreve apenas intuições «místicas», ao passo que Ouspensky — sem dúvida porque repetiu a experiência tantas vezes — teve também certas experiências que estão mais próximas de algumas das experiências paranormais descritas neste livro. Ouviu «vozes» e foi capaz de lhes fazer perguntas. Desde o início desconfiou das vozes; mas, pelo menos numa ocasião, quando lhes fez uma pergunta sobre alquimia, elas foram capazes de lhe dizer o nome do livro no qual, de facto, encontrou a resposta à sua pergunta (embora, acrescenta ele, «não a resposta completa».)

Nestes estados, Ouspensky descobriu também que era capaz, até certo ponto, de prever o futuro — ou melhor, que alguma voz interior era capaz de o prever. Pensando em ir a Moscovo nesse Pscoa, foi subitamente «informado» de que não seria capaz de ir, e foi capaz de prever a cadeia de acontecimentos que o impediria de ir. Foi apenas pouco antes da Páscoa, quando estes acontecimentos começaram a acontecer — e o impediram de ir a Moscovo —, que se lembrou de que já o sabia de antemão. Em estados de consciência intensificada — como Alan Vaughan descobriu —, a mente é capaz de ver os acontecimentos futuros.

O sentimento de rejeição do mundo vivido tanto por Ouspensky como por Ward, à medida que regressavam à «normalidade», levanta novamente uma das questões mais fundamentais de todas: o que poderia chamar-se «a grande questão do *Outsider*». Em *John Bull's Other Island*, de Shaw, o místico Padre Keegan explica que descobriu a resposta para o mistério do sofrimento humano: este mundo é na verdade o Inferno, e estamos todos aqui para expiar pecados cometidos noutra existência. E para a epígrafe do

meu primeiro livro, *The Outsider*, eu tinha escolhido outra passagem da mesma peça:

Broadbent: ... acho o mundo suficientemente bom para mim — um lugar bastante alegre, na verdade. Keegan (olhando para ele com quietude e admiração): Está satisfeito? Broadbent: Como homem sensato, sim. Não vejo males no mundo — exceto, claro, os males naturais — que não possam ser remediados pela liberdade, pelo autogoverno e pelas instituições inglesas. Penso assim, não por ser inglês, mas por uma questão de bom senso. Keegan: Sente-se em casa no mundo, então? Broadbent: Claro. Você não? Keegan (do mais fundo da sua natureza): Não.

Este é o cerne do dilema romântico, o problema que levou tantos dos homens de génio do século XIX ao suicídio ou a morrer em desespero — pois os românticos também experienciaram este mesmo sentimento de repulsa ao regressar ao mundo quotidiano. A questão crucial é, portanto: será o anticlímax necessário e inevitável? Se a resposta for sim, então estamos a admitir que a nossa realidade humana é uma espécie de armadilha e que a vida é fundamentalmente fútil.

Mas se a vida é fútil, se todo o esforço é uma perda de tempo, então por que razão dedicámos este livro a fazer tantas perguntas e a formular respostas? Por que nos demos ao trabalho de nos lançarmos, antes de mais, nesta exploração do desconhecido? Não será porque, apesar do nosso sentido de realidade bastante instável, temos uma curiosa certeza de que estas perguntas levarão a algum lado, nos fornecerão respostas que poderiam transformar as nossas vidas? E se assim é, então significa seguramente que é possível fazer algo em relação à consciência humana, comportarmo-nos de tal maneira que possamos viver num nível muito mais elevado de felicidade e propósito — num estado que está muito mais próximo daquilo a que Abraham Maslow chamou «a experiência de pico»?

Estou convencido de que isto é verdade. Passei mais de quarenta anos a tentar responder a esta questão. Agora, ao aproximar-me dos sessenta, tenho a certeza de saber a resposta. Vislumbrei-a vezes e vezes sem conta, e perdi-a vezes e vezes sem conta. É como tentar fazer um quebra-cabeças enorme que está espalhado por todo o chão da sala. Encontramos meia dúzia de peças que se encaixam e juntamo-las rapidamente. Mas depois passamos para outra parte do quebra-cabeças noutro canto da sala, e a parte

que tínhamos «resolvido» fica esquecida e enterrada sob outras peças à medida que as movemos de um lado para o outro.

E um dos maiores problemas é que esta sala chamada consciência quotidiana é demasiado pequena; sabemos que o chão simplesmente não é grande o suficiente para conter todo o quebra-cabeças no seu estado concluído. Numa tentativa de manter algum tipo de ordem, tentamos classificar as partes «concluídas» do quebra-cabeças sob diferentes títulos. Este livro, por exemplo, contém cerca de 25% das partes que cataloguei como «ocultas» ou «paranormais». (Um livro com o título dissuasor de *Beyond the Occult* — foi-me imposto pelo editor — contém cerca de 25% mais.) Algumas das secções mais promissoras das partes «concluídas» encontram-se em livros como *The Outsider* ou *The New Existentialism*, que poderiam ser rotulados de «filosofia». Curiosamente, os meus livros sobre criminologia também contêm algumas das partes mais interessantes, e uma única página (111-12) num livro sobre desvios sexuais chamado *The Misfits* contém um dos parágrafos mais importantes de toda a minha obra:

«Os nossos sentidos humanos mostram-nos apenas uma pequena parte do mundo — o presente. Temos de complementar esta perceção do presente com a memória e a imaginação. A razão pela qual me sinto mais "vivo" quando parto de férias é que a minha memória e a minha imaginação estão finalmente a dar o seu contributo, complementando o momento presente com todo o tipo de outros tempos e lugares. É como se estivesse em dois lugares ao mesmo tempo.

O mesmo acontece se estiver sentado em frente a uma lareira crepitante numa noite fria de inverno, com a neve a bater contra as janelas. Estou em dois lugares ao mesmo tempo; o meu corpo está na sala quente, enquanto a minha imaginação está lá fora, no frio. Mas seria um erro presumir que estamos a falar de mera imaginação. Estamos a falar de algo que poderia ser chamado o sentido da realidade — aquilo a que o psicólogo Pierre Janet chamou "a função de realidade". Sempre que a função de realidade está desperta, somos felizes.

»Em suma, antes de nos podermos sentir realmente vivos, a mente precisa de adicionar uma dimensão de realidade ao mundo dos sentidos. Se existe algo como o "grande segredo" da existência humana, é este.»

Deixem-me tentar explicar por que razão sinto que a atitude de Ouspensky em relação ao «mundo de madeira» era uma espécie de derrotismo prematuro, o derrotismo de um homem que era nalguns aspetos um grande pensador, mas que era também um típico romântico do século XIX.

Uma das minhas intuições mais fundamentais surgiu um dia em que refletia sobre este problema do derrotismo e do pessimismo. Considerava também este facto interessante de que qualquer tipo de crise nos desperta imediatamente para um nível mais elevado de impulso e propósito, de modo que, quando ela desaparece, experienciamos momentaneamente um sentimento de total liberdade. Em *Crime e Castigo*, o herói Raskólnikov (que cometeu um assassínio) percebe que pode ser executado e reflete: «Se eu tivesse de ficar de pé numa saliência estreita para todo o sempre, em eterna escuridão e tempestade, preferiria fazer isso a morrer imediatamente.» Todos sabemos exatamente o que ele quer dizer — que se alguém lhe colocasse um revólver contra a cabeça e dissesse: «O que vai ser: morte imediata ou uma saliência estreita para o resto da vida?», responderia sem hesitação: «A saliência estreita, claro.» Mas considere: o que faria realmente numa saliência estreita? Qual é esse estranho segredo que vislumbra, quando ameaçado pela crise, que o convence de que uma saliência estreita é preferível à morte?

Estas reflexões levaram-me a reconhecer que um dos nossos problemas mais básicos é o que cataloguei como «inversão» (*upside-downness*). Poder-se-ia dizer que temos três «eus» — um eu físico, um eu emocional e um eu intelectual (ou mental). Os meus valores físicos têm o terrível hábito de mudar de uma hora para a outra; posso sentir-me maravilhosamente às dez da manhã e bastante deprimido escassas horas mais tarde meramente por ter fome ou sentir-me cansado. Mas, afinal, estamos habituados a estes altos e baixos físicos e não deixamos que nos incomodem demasiado. Muito mais perigosos são os nossos altos e baixos emocionais. Podemos ter todos os motivos para estar satisfeitos connosco próprios e com a vida, e depois um problema menor — uma exigência de impostos, alguém ser indelicado connosco, um vislumbre de alarme — pode lançar-nos num estado de espírito inteiramente negativo. As emoções parecem arrastar-nos para baixo como um peso pesado.

Por outro lado, o meu intelecto está acima destes problemas físicos e emocionais. Quando me sinto zangado, ciumento ou perturbado, outra parte de mim olha para isso com frio distanciamento e diz-me para não ser tão tolo. Em geral, o meu intelecto diz-me a verdade — ou, pelo menos, faz o seu melhor. São as minhas emoções que muitas vezes conseguem insinuar-se e distorcer essa verdade.

Poderíamos transformar esta intuição numa parábola chinesa. Quando o intelecto é o Imperador e as emoções são o Grão-Vizir, o reino é pacífico e feliz. Mas quando o Grão-Vizir derruba o Imperador e usurpa o trono, tudo se torna confuso e caótico. Na nossa organização política interna, o intelecto foi feito para estar «no topo». As emoções foram destinadas a ser o servo. O que acontece quando estamos perturbados é que ficamos «virados do avesso» — quase como se os nossos pés se tivessem transformado em balões cheios de gás e nos fizessem ficar de cabeça para baixo. O que é tão perigoso é que isto pode acontecer sem que sequer o notemos. Pensamos que continuamos lúcidos e racionais, mas a emoção esgueirou-se e assumiu o controlo. Sem percebermos o que aconteceu, uma névoa de depressão instala-se sobre nós.

A vida parece fútil e enfadonha. Ficamos convencidos de que temos boas razões para sentir que a vida é uma farsa e que o livre-arbítrio é uma ilusão. Tudo o que aconteceu foi que ficámos «virados do avesso», e o mundo a partir desta posição parece alheio e de certa forma assustador. Descrevi em *Mysteries* (e novamente em *Beyond the Occult*) como, durante um período de grave excesso de trabalho, comecei a sofrer de uma série de «ataques de pânico» que me trouxeram à beira de um esgotamento nervoso. Tudo o que acontecera fora que eu fora esmagado pela pura exaustão e já não conseguia manter os pés no chão; a cada hora ou pouco mais, dava por mim pendurado de cabeça para baixo, vendo o mundo como algo sem sentido e perigoso. Apenas a minha total certeza intelectual de que esta visão negativa era uma ilusão me permitiu lutar para ficar «do lado certo» e manter-me nessa posição.

O verdadeiro problema é a passividade da consciência humana. Somos como vacas paradas num campo, aceitando o que quer que aconteça como inevitável. Claro que, assim que surge alguma crise, ela tem o efeito de sacudir a mente para que acorde, e respondemos magnificamente. De

repente, reconhecemos que somos livres e que podemos mudar as nossas vidas. Mas assim que a crise passa, voltamos a adormecer e a ruminar.

Para explicar por que razão isto acontece, tenho de repetir um ponto que fiz no primeiro capítulo. Temos de reconhecer que todos temos um robô dentro de nós, cujo trabalho é fazer as coisas por nós. Aprendo a dactilografar lenta e dolorosamente; depois, o robô assume o controlo e fá-lo duas vezes mais depressa do que eu seria capaz. Ele também conduz o meu carro e fala francês por mim. O problema é que ele não faz apenas as coisas que eu quero, mas também as coisas que eu preferiria fazer eu próprio. Se vou dar um passeio com o meu robô ligado, não desfruto do passeio; se como uma refeição de forma robótica, não desfruto da comida.

Embora o robô tenha sido planeado para tornar as nossas vidas mais fáceis e agradáveis, ele vai frequentemente longe demais e vive-as por nós. Quando isto acontece, afundamo-nos num nível inferior de consciência. Além disso, presumimos que este nível inferior de consciência nos está a dizer a verdade sobre o mundo. Na verdade, está a dizer-nos mentiras, porque é demasiado ténue e baço. Assim que começamos a ver isto, podemos também compreender que existe uma série de níveis distintos de consciência que cada um de nós experiencia ao longo de uma vida.

Vejamos, simplesmente como um exercício, se conseguimos reconhecer os mais fundamentais destes níveis. Comecemos pelo estado básico de não-consciência que experienciamos num sono muito profundo e chamemos-lhe Nível 0. Nesse caso, o Nível 1 é o nível que experienciamos enquanto sonhamos, e que persiste nas experiências hipnagógicas.

O Nível 2 é o nível mais básico da consciência de vigília: isto é, a mera perceção. Uma criança experiencia isto quando está demasiado cansada para demonstrar interesse por seja o que for. Pode estar a caminho de casa vinda de uma festa, mas olha fixamente para o mundo que passa. Se lhe perguntássemos: «O que acabaste de ver?», ela responderia: «Não sei.» A sua consciência é meramente um espelho que reflete o mundo exterior. Nietzsche disse outrora que invejamos a placidez das vacas, mas de nada serviria perguntar-lhes o segredo da sua felicidade, pois teriam esquecido a pergunta antes de poderem dar a resposta. Este é o Nível 2.

No Nível 3, a consciência tornou-se autoconsciente, mas continua baça e pesada — tão pesada que só estamos conscientes de uma coisa de

cada vez: tudo parece ser «meramente si próprio», inteiramente desprovido de significado, e o nosso próprio reflexo num espelho parece ser um estranho. Este é o nível a que Sartre chama *náusea*.

O Nível 4 é a consciência normal que experienciamos todos os dias. Já não é demasiado pesada para se mover: aprendeu a lidar com a existência, contudo tende a pensar na vida como uma batalha árdua — possivelmente uma batalha perdida. Consequentemente, tende a afundar-se facilmente de volta em direção ao Nível 3 e a achar a experiência sem sentido e enfadonha.

Até aqui, a única coisa que os níveis têm em comum é uma atitude basicamente passiva em relação à vida e à experiência. No Nível 5, isto deixa de ser assim. Este é um nível que cataloguei provisoriamente como «consciência de manhã de primavera» ou «consciência de férias». É caracterizado por aquele sentimento efervescente de felicidade que experienciamos quando a vida se torna subitamente mais interessante e entusiasmante e todo o tipo de perspetivas parece abrir-se diante de nós. Muito subitamente, a cautela e a dúvida desaparecem; a vida torna-se autoevidentemente fascinante e deliciosa. Este é o sentimento que o *Steppenwolf* de Hesse experiencia ao provar um copo de vinho e ser recordado de «Mozart e as estrelas».

O Nível 6 poderia ser rotulado como o «nível mágico». É o que acontece a uma criança no dia de Natal, quando tudo se combina para fazer a vida parecer maravilhosa. Ou imagine-se a consciência de dois recém-casados na sua noite de núpcias, a olhar de uma varanda para um lago iluminado pela lua, com as formas escuras das montanhas ao longe. Em tais estados, sentimos uma reconciliação total com as nossas vidas. «Por momentos seguidos, o meu coração parou entre o deleite e a tristeza ao descobrir quão rica era a galeria da minha vida», diz o *Steppenwolf*. Os problemas parecem triviais; vemos que a única virtude real é a coragem. A consciência tornou-se uma experiência de pico suave e contínua, aquilo a que J. B. Priestley chama «deleite».

O Nível 7 é o estado a que chamei (em *The Occult*) Faculdade X — a estranha capacidade de sentir a realidade de outros tempos e lugares. Proust diz em *Do Lado de Swann*: «Tinha deixado de me sentir medíocre, contingente, mortal...» Isto é mais do que uma experiência de pico: é um estranho sentido de domínio sobre o tempo, como se cada momento da

nossa vida pudesse ser recordado tão claramente como os últimos dez minutos. Percebemos subitamente que o tempo é uma manifestação do peso do corpo e da fraqueza do espírito. Podemos também ver que, se pudéssemos aprender a alcançar esta condição de controlo permanentemente, o tempo tornar-se-ia, num sentido básico, inexistente.

O aspeto mais interessante sobre os níveis além do Nível 7 — os níveis explorados por Ouspensky e outros místicos — é que parecem contradizer a evidência dos nossos sentidos e da consciência quotidiana. O interior torna-se o exterior, o exterior torna-se o interior, o homem é o universo inteiro e um mero átomo, o espaço e o tempo são vistos como ilusões e assim por diante. No entanto, podemos ver que estas contradições já estão inerentes à consciência quotidiana.

No Nível 2, a consciência não tem qualquer tipo de «interconexão»; é meramente um fluxo de impressões sem sentido. O Nível 3 — a náusea — começa a deter este fluxo, a ligar as coisas entre si, mas continua a colapsar numa perceção súbita de que o mundo é, afinal de contas, bastante sem sentido e fútil. O Nível 4 — a consciência comum — «liga» as coisas num grau muito mais elevado, contudo continua a dar como garantido que a vida é uma luta contínua encosta acima e que temos de fazer um esforço contínuo para ver algum significado nela.

No Nível 5 — a «consciência de férias» —, tudo isto muda: há um sentido de ser capaz de ver horizontes distantes, de ficar consciente de «Mozart e as estrelas». Percebemos subitamente que o mundo ao nosso redor é tão fascinante em si mesmo que nenhum esforço é necessário. Tudo nos faz pensar em algo mais e, assim, somos mantidos num estado contínuo de interesse e entusiasmo.

No Nível 6 — a «consciência mágica» —, parecemos flutuar num mar de significado e achamos difícil compreender como pudemos alguma vez ser infelizes, ou como qualquer outra pessoa o possa ser. Até as piores experiências do passado parecem agora tentativas profundamente interessantes de nos ensinar algo, passos essenciais no caminho ascendente para este sentido de otimismo e controlo. A única tragédia no universo parece ser o facto de tantas pessoas carecerem da coragem e da pura e teimosa obstinação para continuar a caminhar e, assim, perderem este sentido literalmente «celestial» de assombro e reconciliação.

O Nível 7, com o seu sentido de liberdade, de domínio sobre o tempo, está a apenas um curto passo do nível místico, tal como o Nível 6 — o «mágico» — está a apenas um curto passo da Faculdade X. Um súbito esforço adicional pode transportar a mente além do limiar para aquele reino estranho onde a «separatividade» é vista como uma ilusão causada pela fadiga e tudo é visto como estando ligado. Uma das coisas mais encorajadoras sobre esta intuição dos níveis é que cada nível está a apenas um passo curto e fácil de distância do anterior.

Ora, se olhar para esta lista, notará uma coisa interessante sobre o Nível 4 — a nossa consciência quotidiana comum. Na «extremidade inferior», ela continua baça e pesada, como acordar com uma ressaca. A vida já não é horrível e sem sentido, como o é no Nível 3 («náusea»), mas continua a ser uma luta encosta acima. Mas à medida que se continua a lutar, o nosso «motor» aquece e começamos a experienciar um sentido crescente de otimismo, um sentimento de que os obstáculos estão a ser superados. «Três para trás, sete ainda pela frente.» E chega um ponto — sensivelmente a meio caminho — em que, de repente, estamos a desfrutar da vida, e até a luta nos dá prazer, como um nadador forte que gosta de lutar contra uma corrente poderosa.

O ponto de viragem é o Nível 3,5. E três e meio é precisamente a metade de sete. Até se atingir o Nível 3,5, a vida é uma luta encosta acima. Depois do Nível 3,5, é sempre a descer. E na extremidade superior do Nível 4, fervilhamos de otimismo, e aquilo a que Maslow chama a experiência de pico, a experiência de uma felicidade transbordante, transporta-nos para o Nível 5, a «consciência de férias». Poder-se-ia dizer que a experiência de pico é uma faísca que salta o hiato entre os níveis 4 e 5. Por outras palavras, abaixo de 3,5 andamos a mourejar encosta acima; além do Nível 3,5, é sempre a descer. O aspeto curioso é que a maioria das pessoas saudáveis passa os seus dias bastante perto do Nível 3,4. Se fizessem um esforço ligeiramente maior, estariam do outro lado do topo da colina.

Deixem-me colocar isto de outra forma. Poder-se-ia dizer que, para efeitos práticos, somos normalmente 50% robô e 50% daquilo a que se poderia chamar o «eu real». Quando nos sentimos cansados, afundamo-nos para 51% robô e 49% «eu real». Por outro lado, quando nos sentimos animados e otimistas, somos 49% robô e 51% eu real. Em estados de

grande otimismo — ao partir de férias, por exemplo — tornamo-nos 52% eu real e apenas 48% robô. Esse «ponto de viragem» — o nível 50/50 — é também aquilo a que chamámos «Nível 3,5».

E agora deverá ser possível ver a resposta para aquilo a que chamei «o problema do *Outsider*» (no primeiro capítulo deste livro). Aqueles *Outsiders* os do século XIX tinham vislumbres maravilhosos de puro deleite, quando parecia autoevidente que o universo inteiro é maravilhoso. Depois acordavam na manhã seguinte e a velha depressão estava de volta. Diziam a si próprios que os «momentos de deleite» eram uma ilusão, ou que estão destinados a desaparecer à medida que «as sombras da casa prisional começam a fechar-se» ao nosso redor. É por isso que tantos deles se suicidaram ou morreram de doenças consuntivas que foram causadas pelo descoroçoamento.

O que conseguimos ver claramente é que estavam a cometer um erro simples. Os «momentos de deleite» não são uma ilusão. São uma consequência normal de elevar a consciência acima do Nível 3,5.

Mas como fazemos isso?

A resposta é óbvia. Os românticos foram derrotados pelo seu sentimento de melancolia, pela sua convicção de que a vida é uma armadilha e de que «não se pode vencer». Foi esta convicção que os manteve abaixo do Nível 3,5. Note-se que assim que nos sentimos otimistas, os nossos níveis de energia sobem. E se estivéssemos num estado de 50/50, o otimismo tem o efeito de nos empurrar para 51% «eu real» e 49% robô. O mero conhecimento de que estamos tão perto do «ponto de viragem» é suficiente para nos empurrar «para o outro lado do topo da colina». Maslow notou que as pessoas que tinham constantemente «experiências de pico» eram todas pessoas animadas e saudáveis.

As experiências de pico tornavam-nas animadas e saudáveis, e a saúde fazia-as ter experiências de pico. Os românticos, por outro lado, estavam convencidos de que a vida é uma longa derrota, pelo que mergulhavam na melancolia e na autocomiseração. Não há melhor fórmula para permanecer abaixo do Nível 3,5. Estavam num estado de «retroação negativa».

Esta é a razão fundamental por que estou convencido de que a raça humana está prestes a dar um salto evolutivo para um estádio mais elevado. A nossa evolução foi provocada pela longa e lenta aquisição de

conhecimento, desde o momento em que um dos nossos antepassados simiescos aprendeu a usar uma pedra afiada como machado. Agora adquirimos a peça de conhecimento mais importante de todas: o conhecimento de quão perto estamos do Nível 3,6. O que isto significa, na prática, é que os seres humanos estão perto do nível no qual reconhecerão que possuem o poder de permanecer acima do Nível 3,5.

E como fazemos isto exatamente — em termos da vida quotidiana? Mais uma vez, todos sabemos a resposta sem nos darmos conta de que a sabemos. Quando saio do meu quarto e entro numa rua movimentada, tendo a encolher-me perante o impacto da «realidade quotidiana». Sou, na prática, 49% «eu real». Mas posso fazer esse pequeno esforço adicional para lidar com a realidade, para esperar que aconteçam coisas positivas em vez de negativas — em suma, para me empurrar esse 1% extra que fará toda a diferença e, tendo-o alcançado, para me empurrar mais 1%, além do Nível 3,5.

Neste ponto, uma experiência pessoal pode ajudar a ilustrar o meu argumento. Em 1987, estava numa digressão de conferências no Japão. Não gosto de viajar — tenho a preferência natural do *Outsider* pela minha própria casa — e verifiquei que era importante fazer um esforço consciente para não me permitir deslizar para um estado de tédio e indiferença nas ruas apinhadas de Tóquio ou de Hiroxima. Uma noite, após um dia particularmente sobrecarregado, eu e a minha mulher éramos levados a um espetáculo teatral pela nossa intérprete. Teria preferido de longe ficar no meu quarto de hotel a descansar, e tenho de admitir que me tinha permitido perder o interesse na noite que tinha pela frente. Tinha deslizado, sem dar por isso, para um estado de «inversão».

O teatro ficava numa rua muito longa, com barreiras metálicas de ambos os lados para forçar os peões a atravessar no semáforo. Mas o semáforo ficava a várias centenas de jardas de distância. A rua estava deserta e a nossa intérprete baixou-se por baixo da barreira e fez-nos sinal para a seguirmos. Quando começámos a atravessar, os semáforos mudaram e um carro desportivo rugiu na nossa direção a 50 milhas por hora. Arranquei-me do meu estado de indiferença, agarrei o braço da minha mulher e pu-la do outro lado da estrada o mais depressa que pude. E esse «despertar» fez-me consciente de que me tinha permitido deslizar para um estado de inversão. Ao sentar-me no teatro escassos minutos mais tarde,

refleti que, se o meu tédio tivesse resultado em a minha mulher ser colhida por um carro desportivo, nunca me teria perdoado. A minha «indiferença» desapareceu e fiz uma tentativa determinada de prestar toda a minha atenção à peça.

Cedo na manhã seguinte, estávamos a sair de Tóquio, sendo levados para um local distante no campo; e rugindo ao longo da autoestrada apinhada a 70 milhas por hora, refleti sobre o incidente da noite anterior e sobre o meu reconhecimento de que é de importância vital nunca nos permitirmos afundar em estados de tédio ressentido. E recordei agora uma imagem que usara no capítulo final do meu livro *The Quest for Wilhelm Reich*. Tinha-me ocorrido que a «consciência comum» tem um substrato de tédio. É desorganizada, como bolas de bilhar espalhadas ao acaso sobre uma mesa de bilhar. Assim que algo desperta o nosso interesse, fazemos um esforço mental que junta todas as bolas de bilhar no centro da mesa. Quando perdemos o interesse, ou ficamos tired, elas espalham-se novamente por todo o tampo da mesa.

Se ficamos profundamente absorvidos, fazemos um esforço adicional de concentração, e isto parece ter o efeito curioso de comprimir ainda mais as bolas de bilhar, de modo que parecem subir umas para cima das outras, formando uma segunda camada. E neste ponto, fico consciente do poder da minha própria mente. Percebo que, se fizesse um esforço ainda maior de concentração, poderia fazer as bolas de bilhar subir para uma terceira camada, e até para uma quarta. O que é tão interessante sobre este procedimento é que, à medida que me torno cada vez mais «absorvido» (T. E. Lawrence observou outrora:

«A felicidade é a absorção»), o meu poder mental parece aumentar, e consigo ver que, se conseguisse manter este nível de energia, deveria ser possível fazer com que as bolas de bilhar formassem uma pirâmide. É um processo de «retroação positiva», onde o interesse liberta mais energia e entusiasmo, e o entusiasmo aprofunda o nosso interesse. E, sendo assim, a pirâmide nunca precisa de colapsar. Em bolas de bilhar só se «espalham» porque perdemos a vigilância. Esquecemo-nos. E se conseguíssemos uma vez alcançar esse nível intenso de entusiasmo e interesse, o universo seria tão obviamente fascinante que nunca seríamos tentados a permitir que a nossa atenção fraquejasse.

Enquanto conduzíamos ao longo da autoestrada de Tóquio, experienciei um estado de intenso entusiasmo. Senti que tinha alcançado uma «visão panorâmica» do problema da existência humana — o que por vezes chamo «um buraco em um» (*a hole in one*). (Não jogo golfe, mas a analogia parece apropriada.) Isto, vi eu, era a resposta, a chave para a fase seguinte da evolução do homem. E porque fui capaz de formular essa intuição de forma tão clara em palavras, ela permaneceu comigo desde então. Reconheço que esta é a solução do «problema do *Outsider*» que me preocupou ao longo da minha adolescência.

Poder-se-á pensar que este problema dificilmente diz respeito ao *insider* comum que trata dos seus afazeres diários. Isto é falso. O problema do *Outsider* impregna a nossa civilização. Todos os pensadores e artistas sérios no mundo têm de lutar com ele até certo ponto. E a maioria deles continua encurralada no pessimismo que levou tantos dos românticos ao desespero. Pense-se em qualquer escritor «sério» do século XX e reconhecer-se-á imediatamente esse pessimismo básico — Proust, Joyce, Eliot, Musil, Valéry, Hemingway, Sartre, Camus, Greene, Beckett, Derrida e os restantes. Impregna as atitudes de filósofos, pintores e músicos. Quando os nossos descendentes olharem para trás, para o século XX, abanarão a cabeça e dirão: «Eles viveram numa cultura negativa».

Considere-se novamente o que acontece quando fomos ameaçados por uma crise que é depois evitada. Não se experiencia apenas um sentimento de alívio. Experiencia-se também um curioso sentido de intuição, daquilo a que G. K. Chesterton chamou «boas notícias absurdas». Hans Keller, o diretor dos programas musicais da BBC, descreveu como estivera na Alemanha durante o final da década de 1930. Como judeu, corria o risco de desaparecer num campo de concentração.

Ele regista que rezou: «Ó Deus, deixa-me escapar da Alemanha e prometo que nunca mais serei infeliz pelo resto da vida.» Pareceu-lhe subitamente que seria tão fácil permanecer extaticamente feliz pelo resto da vida se ao menos conseguisse escapar dos nazis. Na verdade, não cumpriu a promessa — era geralmente conhecido como um homenzinho bastante melindroso e hipersensível. Mas, afinal, os seres humanos nunca aprenderam a cumprir essa promessa particular — não por serem preguiçosos, mas porque ainda não sabem como.

Mas pense-se no que acontece quando nos encontramos numa situação de crise. De repente, estamos a prestar toda a nossa atenção à crise. E sentimos que, quando a crise passar, continuaremos a prestar a mesma atenção total à vida sem crise. É por isso que Keller pensou que seria «tão fácil» ser feliz pelo resto da vida.

Pense-se em estar na cama numa manhã gelada de inverno, quando temos de nos levantar em dez minutos. A cama nunca pareceu tão quente e confortável. No entanto, num domingo, quando podemos ficar na cama o tempo que quisermos, já não conseguimos recriar esse sentimento de conforto e calor. Porquê? Porque quando temos de nos levantar em dez minutos, é como se estivéssemos a olhar para um espelho, conscientes de nós próprios e da nossa situação. É o mesmo para um homem que se encontra no cadafalso, à espera de ser enforcado. Ele está a prestar atenção total à sua situação.

Regressámos a John Cowper Powys e ao assunto do Capítulo Um. Enquanto Wolf Solent vai sentado na carruagem de comboio, está a prestar atenção total à sua situação — aos cartazes à beira-mar com as suas manchas de moscas, aos postes de telégrafo que passam velozes pela janela. No entanto, está também totalmente consciente de si mesmo, como um homem que relaxa num banho quente.

Sempre que os seres humanos experienciam esse profundo sentido de felicidade e significado, é porque estão a «prestar atenção». Se comemos uma refeição sem prestar atenção, não desfrutamos dela. Mas a razão pela qual podemos experienciar esse sentido de felicidade expansiva ao partir de viagem é que estamos a prestar atenção, e a atenção está de algum modo a expandir-se, pelo que estamos conscientes de muito mais do que a nossa situação imediata. De uma forma estranha, estamos conscientes de outros tempos e de outros lugares. É quase como se estivéssemos em dois lugares ao mesmo tempo. É assim que a consciência humana deveria ser o tempo todo. É assim que será quando tivermos dado esse passo evolutivo seguinte.

Quando era criança, diziam-me frequentemente para mastigar bem a comida, senão dar-me-ia indigestão. O que estou agora a apontar é que, quando somos felizes, é porque estamos a mastigar a nossa experiência devidamente — como fazemos na cama numa manhã fria de inverno. Caso contrário, tendemos a engolir a experiência sem mastigar, e isso não faz

bem nenhum. Era isto que Sócrates queria dizer quando afirmou: «A vida não examinada não vale a pena ser vivida.»

Mas para que esta analogia com o mastigar assuma todo o seu significado, temos de supor que, se uma criança engolisse a comida sem a mastigar, a comida permaneceria por digerir e falharia em ter qualquer efeito nutritivo. Pois é isto que acontece com a experiência «não mastigada»: passa direto por nós e em nada contribui para o nosso crescimento. É por isso que tantas pessoas irrefletidas são espiritualmente subdesenvolvidas.

Os seres humanos têm de aprender a tornar-se «reflexivos», a mastigar a sua experiência, a saboreá-la. Vemos esta verdade sempre que experienciamos uma crise e desejamos que ela desapareça. Vemos subitamente como seria fácil saborear cada momento das nossas vidas. Temos de aprender a acalmar-nos, a relaxar, a ir para o interior. R. H. Ward disse que, quando tentou colocar em palavras a essência da sua experiência mística, a viu como uma repetição de «Para dentro e para dentro e para dentro e para dentro...» como uma dízima infinita periódica.

Embora os místicos saibam isto há séculos, é apenas nos últimos dois séculos e meio que o «truque» começou a espalhar-se pelos restantes de nós — para ser mais específico, desde 1740. Não estou, escusado será dizer, a afirmar que a *Pamela* de Richardson foi o primeiro sinal deste desenvolvimento. Ao longo da história registada, os homens tiveram este desejo curioso de escapar para o mundo da mente, o mundo dos mitos e das histórias, e esse «eterno anseio» manifesta-se na *Epopeia de Gilgamesh* e na *Odisseia* e no drama grego e nos *Contos de Cantuária* e no drama elisabetano e no *Dom Quixote* e no *Simplicissimus* de Grimmelshausen e no *Robinson Crusoe*. Mas porque *Pamela* foi a primeira «novela», foi um ponto de viragem, de algum modo tão diferente de *Dom Quixote* como um navio a vapor o é de um navio a vela. Ensinou as pessoas a prestar atenção às suas próprias vidas em vez de sonharem com heróis míticos e locais com nomes de sonoridade estranha.

Desde *Pamela* que o homem tenta absorver essa lição. Mas a revolução industrial tornou a vida muito mais frenética, impedindo-nos de «prestar atenção». Por isso, continuamos a engolir a nossa experiência sem a mastigar, e a perguntar-nos por que sofremos de indigestão. Temos de aprender conscientemente a fazer esse esforço de mastigar. Os grandes

heróis desta nova fase da evolução humana não são os conquistadores, nem mesmo os cientistas, mas os homens que nos ensinaram a refletir, a «mitologizar», a ir «para dentro e para dentro e para dentro...»

Entretanto, continuamos encurralados numa cultura negativa, cujas figuras de culto são artistas e escritores que continuam convencidos de que a vida é basicamente sem sentido ou trágica. Eis, por exemplo, uma passagem típica do filósofo e crítico francês Roland Barthes:

«... a arte de viver não tem história; não evolui: o prazer que desaparece desaparece de vez, e não há substituto para ele. Outros prazeres vêm, que nada substituem. Nenhum progresso nos prazeres, nada a não ser mutação.» [^1]

Este é ainda o mesmo pessimismo que podemos encontrar nos Românticos, de Novalis a Verlaine. E ele está claramente a falhar o alvo: o de que a única maneira de impedir que a experiência «desapareça de vez» é «perpetuá-la» através da «atenção». Este processador de texto no qual estou a escrever tem uma tecla rotulada «gravar», e quando a primo, as palavras que escrevi são transferidas do ecrã para o disco. Agora estão registadas, fixadas — tal como a escrita «fixa» a nossa fala. Se o meu processador de texto for acidentalmente desligado antes de eu ter premido a tecla «gravar», as palavras «desaparecem de vez». Barthes, tal como tantos dos seus companheiros românticos, simplesmente não se deu conta de que o seu cérebro tem uma tecla «gravar», e que é porque aprendemos a usar esta tecla que os seres humanos evoluíram mais depressa do que qualquer outro animal.

Agora deverá estar claro por que razão penso que «o paranormal» é de tão imensa importância. Eis um campo que não está maculado pelo pessimismo contemporâneo. A mensagem clara que emerge é a de que o homem possui poderes dos quais não está normalmente consciente.

À medida que Richard Church observava o jardineiro a manejar o machado, e notava que o som vinha após o golpe, diz ele que experienciou um sentido maravilhoso de liberdade. O seu inimigo até aí fora «o peso da terra». Agora percebia que andara a sobrestimar o inimigo. Foi nesse momento que fez um esforço instintivo e se elevou do chão e deslizou pelo quarto. Quando o homem conseguir reconhecer claramente a existência destes poderes, e incorporar esse reconhecimento na sua perceção

quotidiana — de modo a não estar mais sujeito a uma perda permanente de vitalidade —, então ter-se-á tornado subitamente um tipo de criatura totalmente diferente.

[^1]: De *Barthes por Barthes*.

Apêndice

PARECE valer a pena explicar como fui convertido da noção de que os *poltergeists* são simplesmente uma forma de «psicocinese espontânea», devida aos poderes ocultos da mente inconsciente, para a convicção de que são «espíritos» independentes. Começou em 1976, quando apresentei o caso de Rosenheim na televisão da BBC.

Em 1967, o escritório de um advogado em Rosenheim, na Baviera, tornou-se o cenário de uma série de violentos distúrbios de *poltergeist*. Lâmpadas tubulares estilhaçavam-se, quadros viravam-se nas paredes e um pesado armário de arquivo foi movido como se pesasse apenas escassas libras. Além disso, a conta telefónica era enorme porque centenas de chamadas tinham aparentemente sido feitas para o relógio falante — mais chamadas do que as fisicamente possíveis no tempo disponível. O «*poltergeist*» estava aparentemente a conseguir ligar-se diretamente aos relés. Um conhecido professor de parapsicologia de Friburgo, Hans Bender, foi investigar o caso e logo observou que os distúrbios só tinham lugar quando uma jovem chamada Anne-Marie Schaberl estava no escritório.

Anne-Marie era uma rapariga do campo que estava infeliz por trabalhar numa cidade; a sua vida familiar tinha sido difícil — o seu pai era um homem muito severo — e ela era desconfiada e tensa. Bender levou-a para o seu laboratório para tentar vários testes de perceção extrassensorial e ela demonstrou capacidades telepáticas notáveis. E enquanto Anne-Marie esteve em Friburgo, os distúrbios no escritório cessaram. Mas continuaram no moinho onde ela encontrou trabalho: quando alguém morreu num acidente, Anne-Marie foi culpada e partiu. O seu noivo rompeu o noivado com ela porque ela tinha um efeito extraordinário no equipamento eletrónico de pontuação do seu salão de bowling favorito. Finalmente, ela casou-se e teve um filho, e as manifestações cessaram.

Anne-Marie não tinha a menor suspeita de que era a causa dos distúrbios no escritório do advogado: na verdade, quando o conheci durante

o decurso do programa, o Professor Bender disse-me que uma das primeiras regras da investigação de *poltergeists* é não dizer ao «adolescente perturbado» que ele — ou ela — é a verdadeira causa dos distúrbios, pois habitualmente isso os aterroriza.

Em 1980, ouvi falar de uma assombração por *poltergeist* que era ainda mais surpreendente do que o caso de Rosenheim. Tinha tido lugar em Pontefract, em Yorkshire, e soube dela através de um amigo da família envolvida, que parecia pensar que daria um livro muito parecido com o *best-seller The Amityville Horror*. O *poltergeist* tinha, pelos vistos, destruído praticamente todos os objetos quebráveis da casa e fizera ruídos de tambor tão altos à noite que os vizinhos se reuniam em multidões para ouvir. Mas, neste caso, uma série de pessoas envolvidas tinha aparentemente visto também o *poltergeist*, que tomava a forma de um monge vestido de preto. O amigo da família que me contactou estava também interessado na história local e contou-me que as suas investigações tinham revelado que outrora existira uma força no local da casa, e que um monge cluniacense fora ali enforcado por violação no tempo de Henrique VIII.

A história soava quase demasiado boa para ser verdade. Mas antes de decidir escrever sobre ela, pedi a um amigo que vivia na zona, Brian Marriner, que a fosse investigar. Ele escreveu-me uma longa carta na qual esboçava a história da assombração, e não fiquei com qualquer dúvida de que se tratava de um caso genuíno, não de um embuste. A filha da família, Diane Pritchard, fora arrastada escadas acima pela garganta pelo «Monge Negro» e atirada para fora da cama repetidamente. Mas o fantasma parecia também ter sentido de humor. Quando a Tia Maude, uma cética determinada, veio ver por si mesma, um jarro de leite flutuou para fora do frigorífico e verteu-se sobre a sua cabeça. Mais tarde, o que pareciam ser duas mãos enormes surgiram contornando a porta: revelaram ser as luvas de pele da Tia Maude. Enquanto as luvas flutuavam para dentro do quarto, a Sra. Pritchard perguntou indignada: «Ainda achas que são os miúdos que estão a fazer isto?» A Tia Maude desatou a cantar «*Onward Christian Soldiers*» e as luvas passaram a dirigir o seu canto, batendo o tempo.

Tendo estudado o relatório de Brian Marriner sobre o caso, concluí que não havia ali material suficiente para um livro completo, mas daria uma excelente peça central para um livro sobre o *poltergeist*, sobre o qual

existe uma quantidade imensa de material bem documentado. Os casos de *poltergeist* parecem estar entre os acontecimentos paranormais mais frequentes — em qualquer momento dado, é provável que esteja a ocorrer um a menos de uma dúzia de milhas de onde está agora a ler este livro. Isto deve-se, concluí eu, ao facto de o mundo estar tão cheio de adolescentes sexualmente perturbados. Esbocei um plano para uma história dos fenómenos de *poltergeist* e submeti-o ao meu editor, que me respondeu por escrito dizendo que gostava da ideia. Depois, acompanhado pela minha mulher, parti para Yorkshire para investigar por mim próprio.

A caminho de Pontefract, parámos por uma noite no *Hayes Conference Centre* em Swanwick, Derbyshire, onde eu iria dar uma conferência numa conferência sobre o paranormal. Na tarde seguinte, precisamente quando estávamos prestes a partir, alguém mencionou que Guy Playfair deveria chegar dentro de meia hora. Ele e eu tínhamos trocado correspondência, mas nunca nos tínhamos conhecido. Por isso, embora estivesse ansioso por seguir para Yorkshire, decidi ficar por mais meia hora para me apresentar. Revelou ser uma daquelas decisões fatídicas que exercem uma influência imensurável no futuro.

Guy, sabia eu, passara algum tempo no Rio de Janeiro, onde se juntara ao equivalente brasileiro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas e estudara a versão local de magia negra, a umbanda. Conhecia o seu livro *The Indefinite Boundary*, um estudo científico do paranormal, e ficara impressionado com a sua lógica e distanciamento. Fiquei igualmente impressionado com o próprio Playfair, um homem que falava calmamente e cujas afirmações modestas transmitiam, no entanto, uma convicção total. Durante meia hora ou pouco mais, falámos sobre linhas ley, orientação animal e telepatia. Depois, precisamente quando estava na altura de partir, disse-lhe que estava a escrever um livro sobre o *poltergeist* e perguntei-lhe a sua opinião.

Ele franziu o cenho, hesitou e depois disse: «Acho que é uma espécie de bola de futebol.»

«Bola de futebol!» Perguntei-me se o teria ouvido mal: «Uma bola de futebol de energia. Quando as pessoas entram em condições de tensão, exsudam uma espécie de energia — o tipo de coisa que acontece aos adolescentes na puberdade. Surgem uns quantos espíritos e fazem o que qualquer grupo de rapazes da escola faria — começam a pontapeá-la de um

lado para o outro, partindo janelas e criando o caos em geral. Depois cansam-se e deixam-na. Na verdade, a bola de futebol explode muitas vezes e transforma-se numa poça de água.»

«Então queres dizer que um *poltergeist* é na verdade um espírito?»

«Exatamente. Não estou a dizer que não exista algo como a psicocinese espontânea. Mas a maioria dos *poltergeists* são espíritos.»

E aconselhou-me a ler o espírita francês Allan Kardec.

Tenho de admitir que achei esta noção difícil de engolir. Desde que fizera o programa sobre o caso de Rosenheim que dava como adquirido que os *poltergeists* são uma espécie de estranha manifestação da mente inconsciente. Não tinha a certeza de onde vinha a energia, mas suspeitava que era da própria terra. Tinha visto um radiestesista de pé sobre uma nascente subterrânea, com os dedos entrelaçados e as mãos a bombear para cima e para baixo de forma tão violenta que o suor lhe escorria pelo rosto: ele era obviamente incapaz de se conter enquanto as suas mãos estivessem juntas.

E numa conferência de radiestesia tinham-me apresentado a uma senhora idosa que por vezes pegava num grande ramo caído e o usava como vara de radiestesia. Suspenso numa mão, ele oscilava de um lado para o outro como a enorme agulha de um voltímetro. Parecia-me altamente provável que a energia utilizada pelo *poltergeist* flua da terra através do hemisfério cerebral direito do adolescente perturbado. E agora Guy Playfair aconselhava-me a abandonar estas teorias cuidadosamente construídas e a regressar a uma visão que soava a superstição medieval grosseira.

Na tarde seguinte, chegámos à casa de Joe e Jean Pritchard, em Pontefract. Era a casa tipicamente asseada de uma família da classe operária alta. O seu filho de dezanove anos, Phillip, estava em casa e, no decorrer da tarde, a sua filha Diane veio com o marido juntar-se a nós. Estes dois tinham sido a causa inconsciente dos acontecimentos que tinham provocado uma sensação local em 1966. Perguntei como tinham começado os distúrbios.

«Com estas poças de água no chão da cozinha.» A Joy e eu olhámos um para o outro. «Pode descrever a forma delas?» A Sra. Pritchard abanou

a cabeça. «Eram apenas poças pequenas e asseadas — como entornar um frasco de tinta.» Isto, segundo Playfair, era uma descrição das poças de água criadas pela explosão da «bola de futebol de energia». Ele dissera que era quase impossível fazê-las deitando água no chão — de um jarro, por exemplo — porque salpica. Estas poças parecem-se com o efeito de um gato pequeno ter colocado a sua traseira perto do chão e urinado. Comecei a sentir que, afinal, poderia haver algo na sua teoria dos espíritos.

A Sra. Pritchard disse que, à medida que limpavam as poças, elas reapareciam noutro lado. Mas os funcionários da companhia das águas não conseguiram encontrar nenhuma fuga. E quando a torneira era aberta, saía espuma verde com força. Depois, o botão do dispensador de chá começou a mover-se para dentro e para fora, cobrindo a bancada com folhas de chá secas; as luzes acendiam-se e apagavam-se e um vaso de plantas encontrou de algum modo o seu caminho do fundo para o topo das escadas.

Este primeiro conjunto de manifestações ocorreu em 1966 e Phillip era obviamente o foco, visto que Diane estava fora de férias na altura. Dois dias depois, cessaram. Mas quando começaram de novo em 1968, Diane — agora com catorze anos — tinha-se tornado o foco. O fantasma raramente fazia uma visita durante o dia, quando ela estava na escola. Mas à noite o barulho começava — habitualmente um ruído como o de uma criança a bater num grande tambor — e os ornamentos levitavam de um lado para o outro da sala, enquanto as luzes se acendiam e apagavam erraticamente. No entanto, o *poltergeist* não parecia malicioso — antes um brincalhão enfurecedor. Após um estrondo tremendo, todo o conteúdo do armário de loiça foi encontrado espalhado pela sala de estar, contudo nem um único estava sequer fendido. Quando o vigário veio para tentar exorcizar o *poltergeist* e disse à família que pensava que o problema deles era a subsidência do terreno, um castiçal ergueu-se da prateleira e flutuou sob o seu nariz. O exorcismo não teve sucesso.

Diane achava aquilo assustador, embora menos do que seria de esperar. Ela tinha sempre uma espécie de aviso interior quando as partidas estavam prestes a começar. Atirada violentamente para fora da cama com o colchão por cima dela, ficava ilesa. Quando o bengaleiro do átrio — feito de carvalho pesado — flutuou pelo ar e a prendeu nas escadas (com uma máquina de costura por cima, para ajudar à festa), ela ficou incapaz de se mover e a família foi incapaz de o deslocar, no entanto ela não ficou sequer

com uma béquia. Quando o fantasma — a quem chamavam Sr. Ninguém (*Mr Nobody*) — arremessou o relógio de caixa alta escadas abaixo, de modo que rebentou como uma bomba, não havia ninguém por perto.

Num estádio bastante tardio da assombração, o fantasma começou a mostrar-se. Jean e Joe Pritchard acordaram uma noite e viram uma figura bbaça de pé na porta aberta. A sua vizinha do lado estava junto ao lava-loiça quando sentiu alguém de pé atrás de si: revelou ser uma figura alta com um hábito de monge e um capuz sobre a cabeça. Parecia tão sólida e normal que ela não sentiu alarme; depois, desapareceu. Outra vizinha, Rene Holden (que era um pouco psíquica), estava na sala de estar dos Pritchard quando as luzes se apagaram. No ténue clarão do candeeiro de rua que entrava pelas cortinas, viu a metade inferior de uma figura vestida com uma longa veste preta.

A assombração aproximava-se do seu clímax. Uma noite, quando as luzes se apagaram, ouviu-se Diane gritar: a família correu para o átrio e encontrou-a a ser arrastada escadas acima. O fantasma parecia ter uma mão no seu casaco de malha, que estava esticado à frente dela, e a outra na sua garganta. Quando Phillip e Jean Pritchard a agarraram, o fantasma largou-a e todos caíram pelas escadas abaixo. A garganta de Diane estava coberta de marcas de dedos vermelhas, no entanto o Sr. Ninguém não exercera pressão suficiente para a magoar. Pouco depois disto, Jean Pritchard desceu as escadas e encontrou o tapete do átrio ensopado em água; na superfície húmida havia pegadas enormes.

Um dia, Phillip e Diane estavam a ver televisão quando ambos viram o Monge Negro — ou pelo menos a sua silhueta — recortada do outro lado da porta de vidro fosco que conduzia à sala de jantar. Quando Phillip abriu a porta, viram a sua forma alta e negra em vias de desaparecer. Pareceu sumir-se no chão da cozinha. E esse foi o fim da assombração de Pontefract. O Sr. Ninguém desapareceu e não se ouviu falar dele desde então.

Passei toda essa tarde de domingo a ouvir gravações do *poltergeist* a fazer ruídos de pancadas violentas e a interrogar a família e os vizinhos. Li também os relatos contidos nos jornais locais da época. Não podia haver a menor dúvida razoável de que a assombração era genuína: havia demasiadas testemunhas. Mesmo que não tivesse conhecido Guy Playfair, algumas das características do caso ter-me-iam intrigado. Este *poltergeist*

comportava-se mais como um fantasma, e a sua ligação com o antigo mosteiro cluniacense e com a força local estava razoavelmente bem estabelecida.

Nesse caso, a teoria de que se tratava na realidade de uma espécie de delinquente juvenil astral vindo do inconsciente de Diane parecia absurda. Além disso, à medida que Diane descrevia os seus sentimentos enquanto era puxada escadas acima pelo Sr. Ninguém, experienciei uma súbita e total convicção de que se tratava de uma entidade independente, não de um fragmento cindido da sua própria psique. Quando saí da casa dos Pritchard naquela tarde, não tinha qualquer dúvida de que Guy Playfair tinha razão: os *poltergeists* são espíritos.

Era uma confissão embaraçosa de ter de fazer. Com a exceção de Guy Playfair, não há provavelmente um único parapsicólogo respeitável no mundo que admita publicamente a existência de espíritos. Muitos concederão em privado que se inclinam a aceitar as provas de vida depois da morte, mas na imprensa até essa admissão seria considerada um sinal de fraqueza. Antes dessa viagem a Pontefract, eu estivera em básico acordo com eles: parecia totalmente desnecessário assumir a existência de espíritos.

A teoria da «gravação em fita magnética» de Tom Lethbridge explicava as assombrações; o inconsciente e o «universo de informação» combinavam-se para explicar mistérios como a telepatia, a psicometria e até a precognição. Os espíritos eram totalmente irrelevantes. No entanto, o caso de Pontefract não me deixava margem para dúvidas quanto à probabilidade de se tratar de algum monge local que morrera de uma morte súbita e violenta, talvez na força, e que poderia ou não estar consciente de que estava morto. E devo admitir que isso ainda me causa uma espécie de lampejo de protesto — «Ah, deixa-te disso...» No entanto, as provas apontam claramente nessa direção e seria simples desonestidade não o admitir.

Quando regressei de Yorkshire, tomei o fôlego e mergulhei nos anais da atividade de *poltergeists* com a ajuda da biblioteca da Sociedade de Pesquisas Psíquicas e do *College of Psychic Studies*. A imagem que começou então a emergir fez-me consciente de até que ponto os meus preconceitos me tinham levado a impor uma lógica não natural a todo o assunto do paranormal. Não era tanto que as conceções subjacentes aos

meus livros anteriores, *The Occult* e *Mysteries*, estivessem erradas, mas sim que estavam incompletas. E grande parte das provas necessárias para as completar estivera a olhar-me de frente desde o início.